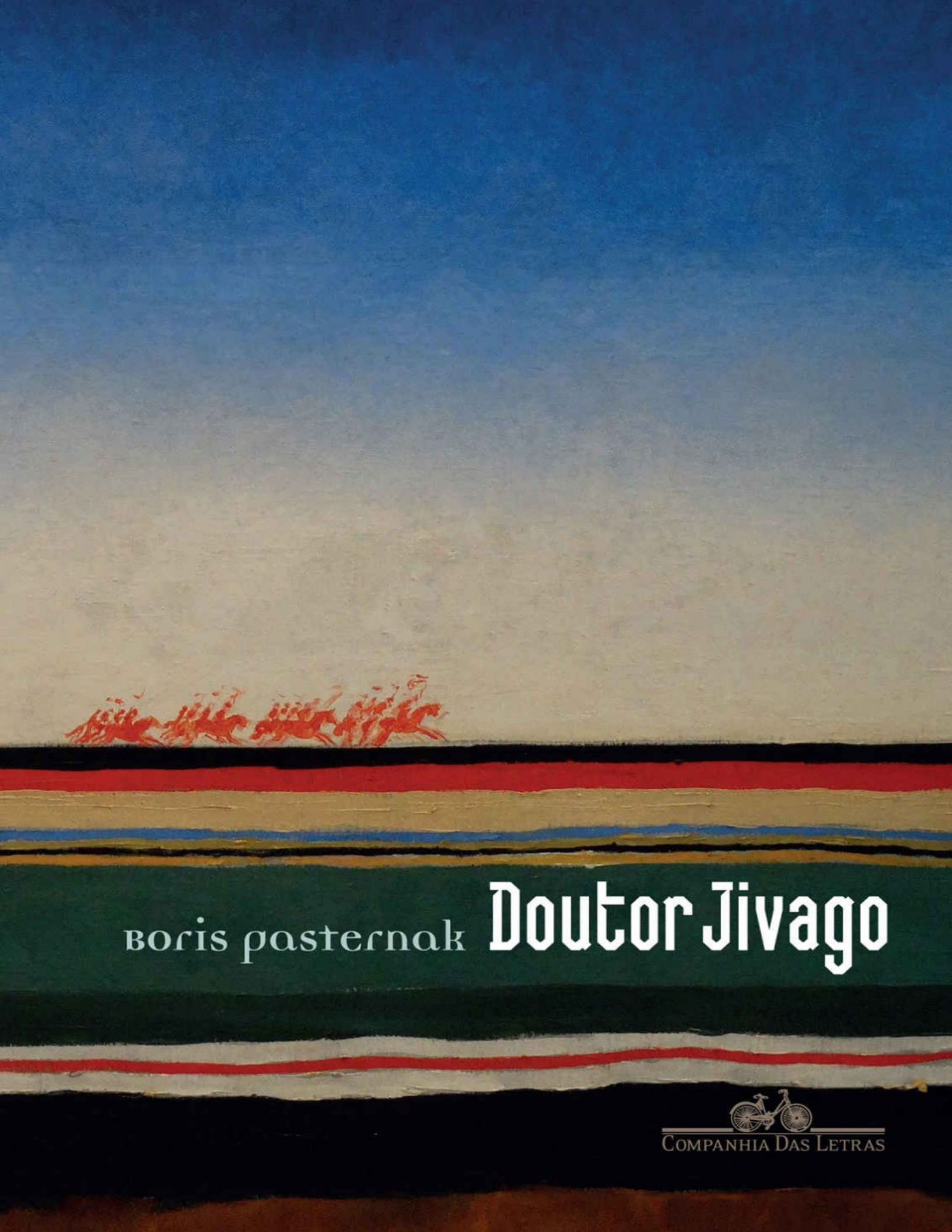


BORIS PASTERNAK

Doutor Jivago

COMPANHIA DAS LETRAS

BORIS PASTERNAK

Doutor Jivago

Tradução do russo
Sonia Branco

Tradução dos poemas
Aurora Fornoni Bernardini



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Primeiro livro
- Primeira parte: O expresso das cinco horas
- Segunda parte: A menina de outro meio
- Terceira parte: A festa de Natal dos Sventítski
- Quarta parte: A hora do inevitável
- Quinta parte: O adeus ao passado
- Sexta parte: A paragem moscovita
- Sétima parte: A viagem

Segundo livro
- Oitava parte: A chegada
- Nona parte: Varíkino
- Décima parte: Na grande estrada
- Décima primeira parte: A milícia dos bosques
- Décima segunda parte: Sorva com açúcar
- Décima terceira parte: Diante da casa das estátuas
- Décima quarta parte: Novamente em Varíkino
- Décima quinta parte: O fim
- Décima sexta parte: Epílogo
- Décima sétima parte: Poemas de Iúri Jivago

Primeiro livro

PRIMEIRA PARTE
O EXPRESSO DAS CINCO HORAS

1

Caminhavam e entoavam “Memória eterna”; e quando concluíam, parecia-lhes que o canto prosseguia, ecoando na marcha dos seus pés, no passo dos cavalos, no sopro do vento.

Os transeuntes recuavam para dar passagem ao cortejo, contavam as coroas de flores e se benziam. Os curiosos entravam na procissão e perguntavam: “Quem morreu?”. Respondiam: “Jivago”. “Ah, então é isso. Agora dá pra entender.” “Não, não é ele, é ela.” “Dá no mesmo. Deus a tenha. Enterro de rico.”

Os momentos seguintes passaram rápido, minutos contados, sem volta. “Do senhor é a terra e tudo o que ela contém, o universo e tudo o que nele vive.” O padre fez o sinal da cruz e jogou um punhado de terra sobre Maria Nikoláievna. Entoaram “Com o espírito dos justos”. Seguiu-se uma verdadeira azáfama. Fecharam o caixão, pregaram-no e o baixaram. Uma chuva de terra, atirada às pressas por quatro pás, tamborilou sobre a cova. Formou-se ali um montículo. E nele subiu um menino de dez anos.

Somente o embotamento e a insensibilidade que geralmente invadem as pessoas ao fim de um grande enterro poderiam justificar a impressão de que o menino pretendesse dizer algumas palavras sobre o túmulo da mãe.

Ele levantou a cabeça e lançou do alto um olhar ausente para as vastidões desertas outonais e para as cúpulas do monastério. O rosto de nariz

arrebitado se desfigurou. O pescoço se espichou. Se um lobinho fizesse esse mesmo movimento com a cabeça, estaria claro que ele começaria a uivar. O menino cobriu o rosto com as mãos e caiu em prantos. O vento que vinha em sua direção açoitava-lhe as mãos e o rosto com uma fria chuva torrencial. Um homem de preto com mangas pregueadas e justas avançou até o túmulo. Era o irmão da falecida e tio do menino que chorava, o ex-padre Nikolai Nikoláievitch Vedeniápin, que largou a batina por vontade própria. Aproximou-se do menino e o levou embora do cemitério.

2

Pernoitaram em uma das celas do monastério, onde o tio era um velho conhecido. Eram as vésperas da Festa do Manto da Virgem. No dia seguinte, o menino e o tio fariam uma longa viagem para o sul, para uma das cidadezinhas da região do Volga, onde o ex-padre Nikolai estava empregado numa casa editorial que publicava o jornal progressista da região. Os bilhetes de trem foram comprados, e a bagagem disposta na cela. Da estação, vizinha ao monastério, o vento trazia o som choroso dos apitos dos trens que manobravam ao longe.

À noitinha, a temperatura caiu. As duas janelas da cela, situadas no nível do solo, davam para um cantinho onde havia uma horta modesta cercada por arbustos de acácia amarela; viam-se também a estrada de terra principal com poças congeladas e aquela parte do cemitério onde havia pouco tinham enterrado Maria Nikoláievna. A horta estava vazia, exceto por alguns canteiros com repolhos azulados pelo frio. Quando o vento soprava, os arbustos desfolhados das acácias se debatiam furiosamente e se inclinavam sobre a estrada.

À noite, Iúri acordou com uma batida à janela. A cela escura estava iluminada por uma luz sobrenatural, branca e oscilante. De camisa, ele correu até a janela e colou o rosto à vidraça gelada.

Lá fora não havia nem estrada, nem cemitério, nem horta. Uma tempestade se intensificava, e a neve enfumaçava o ar. Dava para imaginar

que a tempestade havia notado Iúri e, consciente da sua magnitude, deliciava-se com a impressão que causava no menino. Assoviava, uivava, fazia de tudo para chamar-lhe a atenção. Novelos infinitos de algodão branco caíam do céu sobre a terra, envolvendo-a como uma mortalha. A tempestade era única no mundo, nada se comparava a ela.

O primeiro impulso de Iúri ao descer do peitoril da janela foi o de se vestir e correr para fora. Era necessário fazer algo. O que o assustava é que, se os repolhos do monastério estavam sendo soterrados pela neve a ponto de não serem mais vistos, o mesmo aconteceria a sua mãe que, coberta pela neve e sem forças para lutar contra isso, terminaria afundando ainda mais, ficando ainda mais distante dele, embaixo da terra.

Isso de novo terminou em lágrimas. O tio acordou, falou-lhe de Cristo e tentou acalmá-lo; depois, bocejou e aproximou-se da janela, pensativo. Começaram a se vestir. Amanhecia.

3

Enquanto a mãe estava viva, Iúri nunca soube que o pai os abandonara havia muito e que viajava por várias cidades da Sibéria e do exterior; que vivia na farra e na libertinagem e que dissipara um patrimônio de milhões. Costumavam dizer a Iúri que o pai estava em Petersburgo, ou em alguma feira, quase sempre na feira de Irbitsk.

Mais tarde, sua mãe, de saúde frágil, foi atingida pela tuberculose. Ela então começou a viajar para fazer tratamento no sul da França e no norte da Itália, e Iúri por duas vezes a acompanhou. Assim, em meio a uma vida desorganizada e cheia de mistérios constantes, Iúri passou a infância, quase sempre nas mãos de estranhos que mudavam o tempo todo. Ele se acostumou às mudanças, e no meio dessa eterna confusão a ausência do pai não o surpreendia.

Ainda pequeno, Iúri viveu a época em que o sobrenome que carregava designava uma enorme quantidade de coisas. Havia a manufatura Jivago, o banco Jivago, as casas Jivago, o modo Jivago de dar nó e prender a gravata

com alfinete e até mesmo um doce redondo semelhante ao baba ao rum que se chamava Jivago; e houve um tempo em Moscou em que bastava gritar ao cocheiro "para Jivago!" como se fosse "para onde o diabo perdeu as botas", e o trenó levava você aos confins do mundo. Um parque silencioso o aguardava. Os corvos se empoleiravam nos galhos envergados dos pinheiros e sacudiam o gelo. O estrondoso crocitar das aves ecoava como o estalido de galhos secos. Cachorros de raça corriam pelo caminho que vinha das novas construções além da clareira. Lá, as luzes se acendiam. A noite caía.

De repente, tudo isso desapareceu. Eles empobreceram.

4

No verão de 1903, em uma carroça puxada por dois cavalos, Iúri e o tio se dirigiam através dos campos para Duplianka, propriedade do fabricante de tecidos de seda e grande patrono das artes, Kologrívov. Pretendiam encontrar-se com Ivan Ivánovitch Voskobóinikov, pedagogo que se ocupava de propagar conhecimentos úteis.

Era o dia da Festa da Virgem de Kazan, e a colheita estava no auge. Seja porque fosse hora do almoço, seja em razão da festa, o fato é que não se via vivalma nos campos. O sol queimava as faixas de terra semiceifadas como nucas raspadas de detentos. Os pássaros voavam em círculo sobre os campos. Com as espigas inclinadas, as braçadas de trigo se erguiam como cordas esticadas na total falta de vento, ou se levantavam em cruzetas longe da estrada. A olho nu, tinha-se a impressão de figuras móveis, como se fossem agrimensores a se deslocar na linha do horizonte fazendo anotações.

— E estas? — perguntava Nikolai Nikoláievitch a Pável, trabalhador braçal e vigia da editora de livros, que conduzia a carroça de lado no banco do cocheiro, encurvado e com as pernas cruzadas, para mostrar que não era de fato um cocheiro, e que se a estava conduzindo era apenas para fazer um favor. — Estas são dos donos ou dos camponeses?

— *Echtas* são dos donos — Pável respondeu e se pôs a acender um cigarro. — Mas *echtas* daqui — continuou, após uma longa pausa para

terminar de acender e dar uma baforada, indicando com a ponta do chicote o outro lado —, *echtas* são nossas. Que é, tão dormindo? — gritava vez por outra para os cavalos, vigiando sem cessar as suas ancas e rabos, como faz o maquinista com o manômetro.

Mas os cavalos conduziam como todos os cavalos do mundo, ou seja, o principal trotava em linha reta, como é característico de sua natureza simples, ao passo que o outro, aos olhos de um leigo, parecia um rematado vagabundo que só sabe dançar a *prisiádka*,* arqueando o pescoço feito um cisne ao som do próprio sininho.

Nikolai Nikoláievitch levava consigo as provas de um livrinho que Voskobóinikov havia escrito sobre a questão agrária, pois, diante da severidade crescente da censura, o editor pedira uma revisão.

— O povo anda criando tumulto na província — disse Nikolai Nikoláievitch. — Na região de Pankovo, esfaquearam um comerciante, e o chefe do *zemstvo*** teve o seu haras incendiado. O que você pensa disso? O que dizem na aldeia?

Ocorre que Pável via as coisas de forma ainda mais sombria do que certo censor que buscava refrear as paixões agrárias de Voskobóinikov.

— O que dizem? Soltaram muito o povo. Mimaram, é o que dizem. Nossa gente não pode ser tratada assim. Dê liberdade pros mujiques, e um esmaga o outro. Deus sabe. Que é, tão dormindo?

Era a segunda vez que tio e sobrinho vinham a Duplianka. Iúri acreditava lembrar o caminho e, toda vez que o campo se alargava e surgiam bordas fininhas de floresta ao redor, o menino pensava reconhecer o lugar, achava que dali o caminho contornaria à direita e que depois da curva surgiria num minuto o imenso panorama da propriedade de Kologrívov, com o rio que brilhava ao longe e a estrada de ferro que se estendia na outra margem. Mas sempre se enganava. Os campos se sucediam uns aos outros, e novamente os bosques os rodeavam. Essa sucessão de vastidões causava uma boa disposição. Dava vontade de sonhar e pensar no futuro.

Nenhum dos livros que depois tornariam Nikolai Nikoláievitch célebre haviam ainda sido escritos. Mas suas ideias já tinham tomado forma. E ele

não sabia quão perto estava a sua hora.

Esse homem logo iria despontar em meio aos representantes da literatura de seu tempo, aos professores universitários e aos filósofos da revolução, uma vez que refletia sobre os mesmos problemas que eles, embora, fora a terminologia, não tivessem nada em comum. Todos se prendiam a algum dogma e se contentavam com palavras e aparências, mas o ex-padre Nikolai tinha sido um sacerdote que passou ao tolstoísmo e às ideias revolucionárias, seguindo sempre mais adiante. Ele ansiava por um pensamento concreto e inspirado, cujo movimento traçaria um caminho nítido e sem volteios no sentido de tornar o mundo melhor, e que haveria de ser percebido mesmo por uma criança ou um ignorante, assim como o clarão repentino do relâmpago ou o ribombar do trovão. Ele ansiava pelo novo.

Iúri se sentia bem com o tio, que se parecia com sua mãe. Ele era uma pessoa livre, assim como ela, e não tinha nenhum preconceito contra circunstâncias diferentes das habituais. Como ela, possuía o sentido nobre da igualdade entre todos os seres vivos. E também como ela, tinha o dom de compreender tudo ao primeiro olhar e expressar imediatamente as suas ideias da forma como lhe vinham à cabeça, enquanto ainda estavam vivas e não tinham perdido o sentido.

Iúri estava contente por seu tio tê-lo levado a Duplianka. Era um lugar muito bonito, pitoresco e também lembrava a mãe, que amava a natureza e muitas vezes o levava consigo para passear. Além disso, teria prazer em rever Nika Dúdorov, um colegial que vivia na casa de Voskobóinikov e que provavelmente, por ser dois anos mais velho que Iúri, o desprezava, e ao cumprimentá-lo sacudia energicamente a mão para baixo e inclinava a cabeça de tal forma que os cabelos lhe caíam sobre a testa, encobrindo metade do rosto.

5

— O nervo vital da questão do pauperismo… — Nikolai Nikoláievitch lia no manuscrito corrigido.

— Acho melhor colocar "essência" — disse Ivan Ivánovitch, marcando essa correção nas provas.

Eles trabalhavam em meio à penumbra do terraço envidraçado. Distinguiam-se regadores e instrumentos de jardinagem largados em desordem. Havia uma capa de chuva atirada sobre o espaldar de uma cadeira quebrada. Em um canto, botas enlameadas com o cano virado para o chão.

— E, no entanto, a estatística de mortes e nascimentos demonstra… — ditava Nikolai Nikoláievitch.

— É necessário acrescentar "para o ano em exercício" — disse Ivan Ivánovitch, e anotou.

Uma leve corrente de ar atravessava o terraço. Tinham posto pedaços de granito sobre as folhas da brochura para impedir que elas voassem.

Quando terminaram, Nikolai Nikoláievitch apressou-se em voltar para casa.

— Está se formando uma tempestade. Preciso ir embora.

— Nem pense nisso. Eu não vou deixar. Agora vamos tomar chá.

— Preciso estar na cidade sem falta ao anoitecer.

— Não adianta. Não aceito desculpas.

No pequeno jardim em que o chá estava sendo servido, o odor do carvão usado para ferver o samovar abafava o cheiro de tabaco e o perfume dos girassóis. Da ala dos fundos da casa, traziam creme de leite azedo, frutas vermelhas e tortas. De repente, chegou a informação de que Pável tinha ido nadar no rio e que levara consigo os cavalos para banhá-los. Nikolai Nikoláievitch teve de se resignar.

— Vamos nos sentar no banquinho perto do barranco enquanto terminam de pôr a mesa — propôs Ivan Ivánovitch.

Ivan Ivánovitch, por ser amigo do rico Kologrívov, ocupava dois cômodos na casa do administrador. Essa casinha com jardim contíguo ficava na parte escura e abandonada do parque, próximo a uma antiga aleia semicircular, agora coberta de mato e usada apenas para transportar dejetos de terra e materiais de construção até o barranco, onde eram descarregados. Homem de ideias avançadas e milionário que simpatizava com a revolução,

Kologrívov nesse momento estava no exterior com a mulher. Na propriedade encontravam-se somente as suas filhas Nádia e Lipa, a governanta e um grupo pequeno de empregados.

Uma espessa cerca viva de viburno mantinha a casa com jardim do administrador separada do parque com seus lagos, clareiras e casa senhorial. Ivan Ivánovitch e Nikolai Nikoláievitch contornavam por fora essa moita e, à medida que avançavam, bandos idênticos de pardais pululavam em idênticos intervalos em meio ao viburno. Isso o enchia de um ruído uniforme como o da água correndo por um tubo.

Conversando, os dois homens passaram em frente à estufa, ao alojamento do jardineiro e às ruínas de pedras cuja origem era desconhecida. Eles falavam sobre as novas forças que surgiam nas ciências e na literatura.

— Tem surgido gente talentosa — disse Nikolai Nikoláievitch —, mas agora estão na moda os círculos e as associações de todo tipo. O espírito gregário é sempre o refúgio da ausência de dons. Se a fidelidade é a Soloviov, a Kant ou a Marx, pouco importa; para buscar a verdade é necessário estar só e romper com todos os que não a amam suficientemente. Há algo no mundo que mereça fidelidade? Muito pouca coisa. Eu acho necessário ser fiel à imortalidade, esse outro nome, mais forte, para vida. É preciso ser fiel à imortalidade, ser fiel a Cristo! Ah, o senhor franze o cenho, infeliz. O senhor de novo não entendeu nadinha.

— Humpf! — resmungou Ivan Ivánovitch, rapaz louro e magro como uma enguia, com uma barbicha cáustica que o assemelhava a um americano dos tempos de Lincoln (a todo instante ele a puxava com a mão e prendia sua ponta nos lábios). — Bem, eu me calo. O senhor sabe muito bem que eu vejo as coisas de outra maneira. Mas a propósito, conte como lhe tiraram a batina. Há muito tempo eu queria perguntar: o intimidaram? Foi excomungado? Hein?

— Para que desviar o assunto? Mas tudo bem. Excomungado? Não, hoje em dia não amaldiçoam mais. Eu tive aborrecimentos, há consequências. Por exemplo, fui afastado do serviço público por muito tempo e impedido de ir às capitais. Mas isso é bobagem. Voltemos ao assunto da nossa conversa.

Eu disse que é preciso ser fiel a Cristo. Vou explicar. O que o senhor não compreende é que é possível ser ateu, ignorar a existência de Deus e para que ele serve e ao mesmo tempo saber que o homem vive não na natureza, mas na história; e que a história como é entendida hoje está baseada em Cristo e tem por fundamento o Evangelho. O que é a história? É a instituição de séculos de trabalhos destinados a elucidar o mistério da morte e a superá-la um dia. É para isso que descobrem o infinito matemático e as ondas eletromagnéticas, é para isso que compõem sinfonias. Avançar nessa direção não é possível sem algum entusiasmo. Essas descobertas exigem certo aparato espiritual. E os dados estão presentes nos Evangelhos. Veja quais são. Em primeiro lugar, o amor ao próximo, uma forma superior da energia vital que preenche o coração humano e exige vazão e prodigalidade; em seguida, vêm os principais elementos constitutivos do homem moderno, sem os quais não se pode concebê-lo, ou seja, a ideia de liberdade individual e a ideia de vida como sacrifício. Perceba que tudo isso ainda hoje é de uma novidade extraordinária. Esse sentido de história não existia entre os antigos. O que eles conheciam era a ferocidade sórdida e sanguinária dos Calígulas varados por bexigas, que não suspeitavam do quão ignorante é todo escravizador. O que os antigos conheciam era a eternidade fanfarrona e cadavérica dos monumentos de bronze e das colunas de mármore. Foi necessário esperar Cristo para que os séculos e as gerações pudessem respirar livremente. Foi necessário que ele morresse para se começar a viver na posteridade, para que o homem, em lugar de morrer na rua, morresse em casa, na história, em pleno trabalho consagrado a vencer a morte, ele mesmo totalmente dedicado a esse trabalho. Ufa! Estou transpirando literalmente. E o senhor é um cabeça-dura!

— Metafísica, meu caro, os médicos me proibiram. Meu estômago não digere.

— Deus o proteja. Deixemos isso pra lá. O senhor é um felizardo! Essa vista é admirável! Decerto vive aqui e nem a percebe.

Observar o rio fazia doer os olhos. As águas ondulavam e refletiam a luz do sol como folhas de metal. De repente, a superfície se enrugou. Uma balsa

navegava para a outra margem levando cavalos, carroças, mujiques e mulheres.

— Olhe, ainda são cinco horas — disse Ivan Ivánovitch. — Aquele é o expresso de Sízran. Ele passa por aqui alguns minutos depois das cinco.

Ao longe na planície, da direita para a esquerda cruzava um trem amarelo e azul, parecendo menor pela distância. De repente, perceberam que ele parou. Debaixo da locomotiva, tufos de vapor branco se elevaram. Um pouco depois, ouviram-se apitos de alarme.

— Estranho — disse Voskobóinikov. — Há algo errado. Não há razão para ele parar ali no pântano. Alguma coisa está acontecendo. Bem, vamos tomar o nosso chá.

6

Nika não estava nem no jardim, nem em casa. Iúri supôs que ele se escondia porque achava enfadonho ficar com as visitas e não considerava a sua companhia interessante. O tio foi trabalhar no terraço com Ivan Ivánovitch, restando a Iúri vaguear à toa pela casa.

Era um lugar encantador! A todo momento se ouvia o nítido assovio em três tons dos papa-figos, com intervalos de espera, para que aquele som úmido como o de um pífaro impregnasse as redondezas. Estagnado no ar, o perfume das flores estava cravado nos canteiros pelo calor. Como isso lembrava Antibes e Bordighera! Iúri se virava sem cessar à direita e à esquerda. Alucinação sonora, o fantasma da voz de sua mãe estava suspenso sobre as clareiras. Iúri o escutava nas inflexões melódicas dos pássaros e no zumbido das abelhas. Estremecia, parecia ouvir aqui e ali a sua mãe o convocar e o chamar para ela.

Ele seguiu em direção ao barranco e começou a descer. Deixando para trás o pequeno bosque esparso e bem cuidado que cobria a parte alta, entrou pelos amieiros que atapetavam o fundo do barranco.

Aqui dominava uma penumbra úmida, o solo estava juncado de troncos caídos e carniças, as flores eram raras, e as hastes nodosas da cavalinha

pareciam-se com os cetros e cajados egípcios da sua Bíblia ilustrada.

Iúri sentiu-se triste. Estava a ponto de chorar. Caiu de joelhos e seu rosto se cobriu de lágrimas.

— Anjo do Senhor, meu santo protetor, fortaleça minha alma no caminho verdadeiro e diga à mamãe que eu estou bem aqui, que ela não se preocupe. Se existe vida depois da morte, Senhor, leve mamãe para o paraíso onde os santos e os justos resplandecem. Mamãe era tão boa, não é possível que ela tivesse um pecadinho que fosse, tem piedade dela, Senhor, faça com que ela não sofra tormentos — rezava Iúri. — Mamãe! — clamou para o céu com uma tristeza dilacerante, como se chamasse uma nova santa; de súbito, não aguentou mais, caiu por terra e perdeu a consciência.

Não permaneceu assim por muito tempo. Quando voltou a si, escutou o tio chamá-lo do alto. Ele respondeu e se pôs a subir. De repente, lembrou-se de que não havia rezado por seu pai ausente, como Maria Nikoláievna o ensinara a fazer.

Mas se sentia tão bem depois do desmaio que tinha medo de deixar escapar essa sensação de leveza. E pensou que não aconteceria nada grave se deixasse isso para outra vez.

— Isso pode esperar. Paciência — foi como ele pensou. Iúri absolutamente não lembrava do pai.

7

Micha Gordon, um colegial do segundo ano, viajava com o pai, advogado de Orenburg, num compartimento de segunda classe. Era um menino de onze anos de rosto pensativo e grandes olhos negros. O pai havia sido transferido para Moscou, e o menino trocava de colégio. A mãe e a irmã já estavam no destino, ocupadas com a arrumação do apartamento.

Era o terceiro dia de viagem.

Diante deles, em meio a nuvens de poeira quente embranquecidas pelo sol, desfilava a Rússia, seus campos e estepes, cidades e aldeias. Comboios de carroças se arrastavam pela estrada e se desviavam do caminho pesadamente

nas passagens de nível. Do trem, que corria loucamente, tinha-se a impressão de que as carroças não se moviam e de que os cavalos patinavam no mesmo lugar.

Nas estações principais, os passageiros saltavam e corriam como doidos para o bufê, e por trás das árvores da estação, o sol poente iluminava os seus pés e brilhava sob as rodas dos vagões.

Tomados isoladamente, todos os movimentos do mundo eram calculados e deliberados, mas vistos em conjunto, pareciam descontroladamente embriagados pelo fluxo comum da vida, que os unia. As pessoas trabalhavam e cuidavam dos seus interesses, levadas pelo mecanismo das preocupações particulares. Mas esses mecanismos não teriam funcionado se não houvesse como importante regulador o fundamental sentido da despreocupação. A despreocupação, por sua vez, era provocada pela percepção de que existe solidariedade entre os seres humanos, pela certeza dos laços entre os homens e pelo sentimento de felicidade que se experimenta ao pressentir que tudo o que acontece não termina na terra em que se enterram os mortos, mas bem além, naquilo que uns chamam de Reino de Deus, outros de história, e outros ainda do que quiserem.

A essa regra, o menino era uma amarga e dura exceção. Possuía por estímulo derradeiro justamente a preocupação, desconhecendo o alívio proporcionado pelo sentimento de segurança. Ele percebia em si esse traço hereditário e observava-lhe os sintomas com uma vigilância acurada. Era um traço que o contrariava e o humilhava.

Desde o momento em que percebeu isso, não deixou mais de se perguntar, surpreso, como era possível que possuindo iguais pernas e braços, idioma e hábitos comuns a todos, ele pudesse ser diferente dos outros, desagradar a alguns e não ser amado por muitos. Ele não podia compreender o fato de que, se você é pior do que os outros, então não adianta se esforçar para corrigir-se e se tornar melhor. O que significa ser judeu? Por que isso existe? Como compensar ou justificar esse desafio desarmado que não traz nada além de tristezas?

Quando pedia respostas ao pai, este lhe dizia que suas premissas eram

absurdas, que não era possível raciocinar dessa forma, mas em troca não propunha nada que tivesse profundidade suficiente para atrair Micha e que o impelisse a se inclinar diante do irrevogável.

E, com exceção do pai e da mãe, Micha foi desenvolvendo pouco a pouco certo desprezo pelos adultos, os quais cozinhavam problemas que não eram capazes de resolver. Ele tinha certeza de que, quando se tornasse adulto, resolveria tudo isso.

E agora, ninguém diria que o pai dele não estava certo em correr ao encalço desse doido que afinal se jogou do trem em campo aberto, e que Grigóri Óssipovitch não precisava ter parado o trem quando o doido o repeliu violentamente e abriu a porta do vagão em alta velocidade, atirando-se de cabeça sobre o aterro como um mergulhador na água.

Mas o fato de a manivela do freio ter sido puxada não por qualquer um, e sim por Grigóri Óssipovitch, fez correr o boato de que por sua culpa o trem permaneceria parado durante muito tempo.

Ninguém sabia ao certo o motivo da demora. Uns diziam que a freada brusca havia comprometido os freios pneumáticos; outros, que o trem havia parado em uma subida íngreme e que a locomotiva não tinha força para avançar. Corria ainda uma terceira opinião: a de que o suicida era uma pessoa importante, e o advogado que o acompanhava teria exigido que fossem chamadas de Kologrílovka, a estação mais próxima, pessoas capacitadas para fazer o boletim de ocorrência. Seria então por isso que o maquinista-auxiliar estaria trepado no poste telegráfico. O trole já deveria estar a caminho.

Aos poucos o vagão foi sendo invadido por um mau cheiro exalado dos toaletes que não chegava a ser inteiramente combatido pela água-de-colônia; havia também um odor de frango assado levemente azedo embrulhado em papel sujo e gorduroso. As damas encanecidas de Petersburgo, que uma mistura de fuligem de locomotiva e cosmético gorduroso transformara em verdadeiras ciganas, continuavam a empoar-se, a limpar as palmas das mãos nos lenços e a conversar com voz grave e rouquenha. Quando passaram diante do compartimento de Gordon, agasalhando os ombros angulosos em

seus casacos e fazendo do corredor apertado um novo local de exibição, pareceu a Micha que elas teriam murmurado, ou, a julgar pelos lábios apertados, que estavam prestes a murmurar: "Ah, veja só, quanta sensibilidade! Pensam que são especiais! Que são intelectuais! Tudo isso é demais para eles!".

O corpo do suicida estava estirado na grama ao lado do aterro. Um filete negro de sangue coagulado atravessava a testa e os olhos do homem, marcando seu rosto como uma cruz. O sangue não parecia ser do morto, expelido do seu corpo, mas algo externo que lhe fora adicionado, um emplastro, um respingo de sujeira seca ou uma folha de bétula molhada.

O grupo de curiosos ou condolentes que se formava em torno do corpo frequentemente se renovava. Sombrio e sem expressão, mantinha-se junto ao defunto seu amigo e vizinho de compartimento, um advogado corpulento e arrogante, uma espécie de animal de raça em camisa molhada de suor. Ele arfava de calor e se abanava com o chapéu macio. Respondia a todas as perguntas secamente e de canto de boca, dando de ombros e sem se voltar: "Alcoólatra. Entendem? Efeito típico de delirium tremens".

Uma mulher magra em vestido de lã e lenço de rendas se aproximou duas ou três vezes do corpo. Era a velha Tiviérzina, viúva e mãe de dois maquinistas, que viajava de graça com as noras, na terceira classe. Em silêncio e cobertas com lenços que as envolviam quase até os pés, as noras a seguiam como duas freiras à madre superiora. Era um grupo que impunha respeito. Afastavam-se para deixá-las passar.

O marido de Tiviérzina morrera queimado vivo em um acidente ferroviário. Ela parou a alguns passos do morto, de modo a vê-lo através da multidão, e suspirou como se fizesse uma comparação: "A cada um o seu destino", parecia dizer. "Um morre pela vontade divina, mas esse… deu a louca. É o que vale ser rico, perde o juízo."

Todos os passageiros do trem desciam para ver o corpo, mas retornavam logo por medo de terem as coisas roubadas no vagão.

Assim que desembarcavam, alongavam-se, colhiam flores e corriam um pouco, vinha-lhes a impressão de que aquela paisagem só surgira graças à

parada, que a várzea pantanosa com seus montículos de terra, o vasto rio, a bela casa e a igreja fincadas no alto da margem oposta não existiriam no mundo sem essa infelicidade.

Também o sol parecia pertencer à paisagem. Iluminava tímido e vespertino a cena, aproximando-se medrosamente dos trilhos, a exemplo da vaca de uma manada que passava na vizinhança, que se achegou para observar a multidão.

Micha estava abalado com o acontecido e nos primeiros momentos chorou de pena e de susto. Ao longo da viagem, o suicida havia entrado várias vezes no compartimento deles e conversado durante horas com seu pai. Ele dissera que sua alma se tranquilizava na pureza moral do silêncio e na capacidade deles de compreender o mundo; e se consultara com Grigóri Óssipovitch a respeito de vários pormenores jurídicos e cláusulas controversas relacionadas a letras de câmbio, doações, bancarrotas e fraudes.

— Ah, sim? — surpreendeu-se com as explicações de Gordon. — Você parece fazer uso de disposições legais mais clementes. Meu advogado tem outra visão. Ele é bem mais pessimista a respeito dessas coisas.

Toda vez que esse homem nervoso se acalmava, o seu jurista e vizinho de compartimento vinha da primeira classe buscá-lo e o levava ao vagão-restaurante para tomar champanhe. Era esse mesmo advogado corpulento e insolente, bem barbeado e janota que agora se mantinha perto do corpo sem demonstrar nenhuma surpresa. Impossível evitar a impressão de que a constante inquietação do seu cliente com relação a alguma coisa o favorecera.

O pai disse a Micha que se tratava de um homem rico e famoso, bondoso e baderneiro, um pouco irresponsável. Sem se constranger com a presença do menino, o homem havia falado de seu filho, que deveria ter a mesma idade de Micha, e de sua falecida mulher, passando em seguida a sua segunda família, que também abandonou. Nesse momento, algum novo pensamento fez com que o homem empalidecesse de horror, pronunciasse palavras aleatórias e perdesse o fio das ideias. Ele demonstrou por Micha um carinho inexplicável, provavelmente a transferência de um sentimento que

não era destinado a ele. Volta e meia presenteava Micha com alguma coisa adquirida nas estações maiores, onde havia salas da primeira classe com quiosques de livros, jogos e curiosidades regionais.

O homem bebia sem parar e se queixava de que não dormia havia três meses, asseverando que quando estava sóbrio, o que acontecia por pouco tempo, sofria tormentos que uma pessoa normal não poderia imaginar.

Um minuto antes do fim, ele correu ao compartimento de Grigóri Óssipovitch, apertou sua mão, quis dizer algo, mas não pôde, e se precipitou para a porta do vagão, atirando-se do trem.

Micha examinava uma pequena coleção de pedras dos Urais em uma caixa de madeira, último presente do falecido. Súbito, tudo ao redor entrou em movimento. Pelo trilho paralelo, o trole se aproximou do trem. Desceram dele um inspetor de quepe, um médico e dois agentes de polícia. Ouviram-se vozes secas e oficiais. Fizeram perguntas e anotações. Subindo o aterro, tropeçando e escorregando na areia, os condutores e os policiais arrastaram desajeitadamente o corpo. Uma camponesa pôs-se a uivar. Pediram aos passageiros que subissem aos vagões. Soou o apito. O trem partiu.

8

"De novo essa chatice!", pensou Nika com raiva, andando pelo quarto. As vozes dos visitantes se aproximavam. A fuga foi descartada. Havia duas camas no quarto de dormir, a de Voskobóinikov e a dele. Não pensou muito. Enfiou-se debaixo da segunda.

Ouviu como o procuravam e o chamavam, perplexos com seu sumiço. Em seguida entraram no quarto.

— Fazer o quê? — disse Vedeniápin. — Vá dar uma volta, Iúri, talvez você encontre o seu amigo e poderão brincar juntos.

E ficaram conversando cerca de vinte minutos sobre os movimentos universitários de Petersburgo e Moscou, impedindo que Nika deixasse aquele refúgio estúpido e humilhante. Por fim, dirigiram-se ao terraço. Nika

abriu a janela devagarinho, pulou e saiu pelo parque.

Ele hoje não se sentia bem, não havia dormido à noite. Tinha catorze anos e estava cansado de ser criança. Passou a noite toda acordado e de madrugada decidira dar uma caminhada. O sol nascia, e a terra do parque estava molhada de orvalho, coberta pela sombra alongada das árvores. A sombra não era negra, mas cinza-escura como o feltro úmido. O aroma embriagador da manhã parecia exalar justamente dessa sombra estendida sobre a terra, entremeada por compridas faixas de luz como dedos de menina.

De repente, um filete de prata brilhante, parecendo gotas de orvalho sobre a relva, escorreu a alguns passos dele. O filete escorria, escorria, e a terra não o absorvia. Com um movimento vivo e imprevisto, o filete desviou-se para o lado e desapareceu. Era uma cobra-de-vidro. Nika estremeceu.

Era um menino estranho. Quando estava exaltado, conversava consigo mesmo em voz alta. Puxara à mãe na tendência a assuntos elevados e a paradoxos.

"Como é bom estar no mundo!", pensou. "Mas por que dói tanto? Deus existe, é claro. Mas se ele existe, eu sou ele. Então vou comandar", pensou e olhou para um álamo que tremia de cima a baixo (suas folhas molhadas e cintilantes pareciam metal recortado). "Eu ordeno…", e numa concentração desmedida de suas forças, desejou em silêncio com toda a alma, corpo e sangue, "… ordeno que pare!", e a árvore imediatamente obedeceu e se imobilizou. Nika deu pulos de alegria e correu para se banhar no rio.

Seu pai, o terrorista Dementi Dúdorov, após ter sido condenado ao enforcamento, teve a pena comutada para trabalhos forçados, por indulto imperial. Sua mãe, Nina Galaktiónovna, uma princesa georgiana da linhagem dos Éristov, era moça mimada, ainda jovem e bonita, sempre apaixonada por algo: pelas revoltas, pelos revoltados, pelas teorias extremistas, pelos artistas famosos, pelos fracassados.

Ela adorava Nika e de seu nome Innokenti criou um monte de apelidos carinhosos, inconcebíveis e bobos, como Inótchek e Nótchenka, e o levou a Tíflis para apresentá-lo aos parentes. O que mais impressionou Nika naquela

cidade foi uma árvore com patas no pátio da casa em que se instalaram. Era uma espécie de gigante canhestro dos trópicos. Com suas folhas semelhantes a orelhas de elefante, ele protegia o pátio do céu tórrido do sul. Nika não conseguia se acostumar à ideia de que essa árvore era uma planta e não um animal.

Era perigoso para o menino carregar o terrível nome do pai, por isso, Ivan Ivánovitch, com o assentimento de Nina Galaktiónovna, dirigiu uma súplica a Sua Majestade para que fosse permitido à criança usar o sobrenome da mãe.

No momento em que ele estava debaixo da cama reclamando da vida, entre outras coisas pensava sobre isso. Quem era esse Voskobóinikov para se intrometer dessa maneira? Vou ensinar a eles!

E essa Nádia! Só porque tem quinze anos, acha que tem o direito de levantar o nariz e falar com ele como se fosse uma criança? Ele vai mostrar a ela! "Eu a odeio", disse algumas vezes para si mesmo. "Eu vou matá-la! Vou chamá-la para passear de barco e afogá-la."

E mamãe, também! Ela os enganou, a ele e a Voskobóinikov, quando partiu. Ela não foi para o Cáucaso, simplesmente desviou-se na primeira conexão ferroviária para o norte e está calmamente em Petersburgo junto com os estudantes atirando na polícia. E ele tem que apodrecer vivo nesse buraco estúpido? Ele vai enganar a todos. Afogará Nádia, deixará a escola e fugirá para a Sibéria, para junto do pai, a fim de organizar o levante.

O lago estava repleto de nenúfares. O barco cortou essa massa vegetal com um barulho seco. A água surgia no meio da folhagem aquática como o suco no triângulo talhado da melancia.

O menino e a menina se puseram a arrancar as flores. Os dois apanharam o mesmo caule resistente e elástico, e a planta os puxou ao mesmo tempo. Suas cabeças se chocaram. O barco foi impulsionado para a margem. Os caules se enroscavam e encurtavam; as flores brancas de miolo amarelo como gema de ovo afundavam e emergiam vertendo água.

Nádia e Nika continuavam a arrancar flores, inclinando mais e mais o barco, quase deitados um ao lado do outro na borda abaixada.

— Estou cheio de estudar — disse Nika. — Está na hora de começar a viver, ganhar a vida, virar gente.

— Eu queria tanto lhe pedir para me explicar as equações de segundo grau. Sou tão fraca em álgebra que quase fiquei de recuperação.

Nika percebeu nessas palavras alguma alfinetada. Certamente ela o estava colocando em seu devido lugar, lembrando que ele ainda era criança. Equações de segundo grau! E ele ainda nem sentira o cheiro da álgebra.

Sem deixar transparecer sua irritação, perguntou com indiferença fingida, ao mesmo tempo que percebia como era tolo:

— Quando você crescer, vai se casar com quem?

— Oh, isso ainda está tão longe. Provavelmente com ninguém. Não pensei nisso ainda.

— Não pense que isso me interessa.

— Então por que está perguntando?

— Você é boba.

Começaram a discutir. Nika lembrou-se da sua misoginia da manhã e ameaçou afogar Nádia, caso ela não parasse de dizer insolências.

— Tente — disse Nádia.

Ele a agarrou pela cintura e começaram a lutar. Perderam o equilíbrio e caíram na água.

Os dois sabiam nadar, mas as plantas os prendiam pelas mãos e pelos pés, e eles ainda não tinham conseguido tocar o fundo. Por fim, atolando no limo, chegaram à margem. A água escorria como córrego dos seus sapatos e bolsos. Nika era o mais cansado.

Caso isso tivesse acontecido pouco tempo antes, talvez na última primavera, os dois, sentados ali, encharcados, depois de uma travessura dessas, estariam certamente fazendo algazarra, discutindo ou dando gargalhadas.

Mas agora estavam calados e mal respiravam, sufocados pela situação insólita que tinham vivido. Nádia fervia e se indignava em silêncio. Nika estava com o corpo todo dolorido, parecia ter apanhado nos pés e nas mãos e quebrado as costelas.

Finalmente, como uma adulta, Nádia proferiu baixinho:

— Maluco!

E ele, da mesma forma adulta, disse:

— Desculpe.

Começaram a subir para casa como dois barris de água, deixando um rastro molhado. O caminho seguia por uma trilha poeirenta infestada de cobras, perto do local em que pela manhã Nika vira a cobra-de-vidro.

Nika se lembrou da exaltação mágica daquela noite, do amanhecer e dos seus poderes matinais, quando a seu bel-prazer comandou a natureza. O que lhe ordenar agora? Pensou. O que mais desejava? Ele percebeu que o seu maior desejo era o de cair de novo no lago com Nádia. E daria tudo para saber se isso iria ou não acontecer algum dia.

---

* Dança folclórica russa, na qual o dançarino fica de cócoras o tempo todo e estica as pernas alternadamente. [Esta e as demais notas são da tradutora.]

** Assembleia provincial, eleita pelas classes dominantes.

SEGUNDA PARTE
A MENINA DE OUTRO MEIO

1

A guerra com o Japão ainda não havia terminado. No entanto, outros acontecimentos subitamente a relegaram a segundo plano. A Rússia foi balançada por ondas revolucionárias, cada uma maior e mais surpreendente que a outra.

Nessa época, chegou a Moscou, vinda dos Urais, a viúva de um engenheiro belga, uma francesa russificada de nome Amália Kárlovna Guichard. Ela tinha dois filhos, um menino, Rodión, e uma menina, Larissa. O filho, ela inscreveu no corpo de cadetes, e a filha, num ginásio para meninas, por coincidência, na mesma classe em que estudava Nádia Kologrívova.

Madame Guichard havia herdado do marido certas economias em títulos que, se antes estavam em alta, agora começavam a cair. Para estancar a dissolução de seus recursos e não ficar sentada de braços cruzados, madame Guichard comprou o ateliê de costura de Levítskaia aos herdeiros da modista, uma pequena empresa próximo ao arco do Triunfo, com direito a conservar a antiga razão social, a clientela e todas as costureiras e aprendizes.

Madame Guichard tomou essa decisão a conselho do advogado Komaróvski, que havia sido amigo de seu marido e agora a protegia. Era um negociador de sangue-frio que conhecia a vida comercial da Rússia como a palma da mão. Ela lhe escreveu sobre a mudança, e ele foi ao seu encontro

na estação de trem; conduziu a família através de toda a Moscou para o Hotel Tchernogórie, na travessa Orujéini, onde alugara um dos quartos mobiliados. Foi ele que, nessa ocasião, sugeriu a inscrição de Rodión no corpo de cadetes e recomendou o ginásio a Lara; ele gracejava distraidamente com o menino, mas observava a menina de tal forma que ela ruborizava.

2

Antes de se mudarem para o pequeno apartamento de três cômodos próximo ao ateliê, viveram cerca de um mês no Hotel Tchernogórie.

O bairro era o mais sinistro de Moscou, um antro de bandidos, ruas inteiras entregues à promiscuidade, cortiços de "criaturas perdidas".

Os meninos não se surpreendiam com a sujeira dos quartos, as pulgas e a mobília sórdida. Depois da morte do pai, a mãe passou a viver com eterno medo da miséria. Rodión e Lara se acostumaram a ouvir que estavam à beira da ruína. Eles sabiam que não eram crianças de rua, mas sentiam um profundo receio diante dos ricos, como ocorre com as crianças de orfanato.

Um exemplo vivo desse medo lhes era infundido pela mãe. Amália Kárlovna era uma mulher roliça, loura, de cerca de trinta e cinco anos, com crises cardíacas que se alternavam com crises de tolice. Ela se assustava por nada e sentia um medo mortal dos homens. Mas eram justamente esse medo e essa desorientação que volta e meia a faziam cair no colo deles.

No Tchernogórie, eles alugavam o quarto 23; no quarto vizinho, de número 24, vivia desde a fundação do hotel o violoncelista Fadiéi Kazimírovitch Tichkiévitch, um bonachão suado e careca que usava peruca e que, quando tentava convencer alguém, juntava as mãos como em oração e as apertava contra o peito; ao se apresentar em círculos sociais e concertos, Tichkiévitch jogava a cabeça para trás e revirava os olhos, inspirado. Ele raramente estava em casa, passava dias inteiros no Teatro Bolchói e no Conservatório. Os vizinhos se conheceram, e favores recíprocos os aproximaram.

Como a presença das crianças por vezes constrangia Amália Kárlovna durante as visitas de Komaróvski, Tichkiévitch, ao sair, deixava com ela a chave do seu quarto, para que pudesse receber o amigo. Madame Guichard se acostumou de tal modo à abnegação do músico que várias vezes bateu à sua porta em lágrimas para pedir que a defendesse do seu protetor.

3

Era uma casa de apenas um andar, quase na esquina da Tverskáia. Sentia-se a proximidade da estrada de ferro para Brest, cujos domínios começavam ali perto, com os apartamentos para servidores, depósitos de locomotivas e armazéns.

Era lá que morava Ólia Diômina, moça inteligente, sobrinha de um empregado da estação de mercadorias.

Principiante talentosa, já havia chamado a atenção da antiga patroa, e agora também a nova se aproximava dela. Ólia Diômina gostava muito de Lara.

Tudo permanecia como no tempo de Levítskaia. As máquinas de costura rodavam rapidamente sob a pressão dos pés e das voltas executadas pelas mãos das costureiras fatigadas. Uma delas costurava em silêncio à mesa, movimentando a mão com uma agulha e um comprido fio de linha. O chão estava cheio de retalhos. Era preciso falar alto para sobrepujar o barulho das máquinas e do trilado de Kirill Modéstovitch, um canário cuja gaiola pendia do arco da janela. O segredo desse nome a antiga proprietária levou para o túmulo. Na recepção, um grupo pitoresco de damas cercava a mesa de revistas. Elas se sentavam, punham-se de pé ou se recostavam de acordo com as poses retratadas nas revistas, e trocavam ideias sobre modelos e estilos. Na mesa da diretora, sentava-se Faína Siláintievna Fetíssova, uma das mais antigas costureiras e agora assistente de Amália Kárlovna, mulher ossuda e com verrugas na face descarnada.

Com um cigarro numa piteira de marfim entre os dentes amarelados, ela apertava os olhos também amarelados e soltava fumaça amarela pelo nariz e

pela boca, enquanto anotava no caderno as medidas, os números das notas fiscais, os endereços e as solicitações das clientes.

Amália Kárlovna era novata, sem experiência no ofício. Não se sentia uma patroa no pleno sentido da palavra, mas os funcionários eram honestos, e ela podia confiar em Fetíssova.

No entanto, vivia-se uma época turbulenta, e Amália tinha medo de pensar no futuro. O desespero ia se apoderando dela. Tudo lhe escapava das mãos.

Víktor Ippolítovitch Komaróvski visitava frequentemente o ateliê. Passava pelas costureiras, flagrando pelo caminho as damas elegantes que se trocavam; elas corriam a se esconder atrás dos biombos e de lá acolhiam em tom brincalhão os seus gracejos atrevidos. As costureiras murmuravam em tom de maliciosa desaprovação: "Deu o ar da graça", "O dela", "O caso da Amália", "Garanhão", "Feiticeiro de mulheres".

Mais forte ainda era o ódio pelo seu buldogue Jack que às vezes o acompanhava preso à coleira e o arrastava atrás de si com trancos tão violentos que Komaróvski chegava a tropeçar, sendo obrigado a se projetar para a frente com os braços estendidos, como faz o cego com o *cão-guia*.

Certa vez, na primavera, Jack enroscou-se na perna de Lara e rasgou sua meia.

— Vou matar esse desgraçado — murmurou Ólia Diômina de modo infantil no ouvido de Lara.

— Sim, é um cachorro asqueroso. Mas como você vai fazer isso, sua boba?

— Fale baixo, não deixe que ouçam. Vou lhe dizer como. Sabe aqueles ovos de Páscoa de pedra? Os da cômoda da sua mãe…

— Sei, os de mármore e cristal.

— Isso. Vou te falar no ouvido, abaixe-se. Pegue um e deixe de molho na gordura, a gordura vai grudar nele, daí o cão do diabo o engole, enche a pança e tchau! Patas pra cima! Já era!

Lara ria e pensava com inveja naquela menina que passava necessidades e trabalhava. As crianças do povo se desenvolvem cedo. E, no entanto, quanto

ainda há de ingênuo e infantil nela. Os ovos, Jack… de onde ela tirou isso? "E por que o meu destino é o de ver tudo e sofrer com tudo?", pensou Lara.

4

"Para ele, mamãe é uma… como se diz… Ele é o… da mamãe, aquilo… São palavras feias, não quero repetir. Mas por que nesse caso ele olha para mim com aqueles olhos? Eu sou filha dela."

Lara tinha um pouco mais de dezesseis anos, mas já era moça-feita. Davam-lhe dezoito anos ou mais. Possuía uma mente clara e um caráter suave. E era muito bonita.

Ela e Rodión compreendiam perfeitamente que precisariam se esforçar muito para conseguir qualquer coisa na vida. Ao contrário dos ociosos e dos abastados, eles não tinham tempo para astúcias, para ir atrás de coisas que na prática não lhes concerniam. O supérfluo é sempre algo sujo. Lara era o ser mais puro do mundo.

Os irmãos conheciam o valor das coisas e sabiam apreciar as conquistas. Era preciso ter boa disposição para abrir caminho. Lara era muito estudiosa, mas não por uma atração abstrata pelo conhecimento, e sim porque para não ter de pagar os estudos era necessário ser boa aluna, o que exigia bastante esforço. Da mesma forma se dedicava aos afazeres de casa, ajudava no ateliê e cumpria as tarefas que a mãe determinava. Movimentava-se sem ruído, suavemente, e tudo nela — a rapidez imperceptível dos movimentos, o talhe do corpo, a voz, os olhos cinza e os cabelos louros —, tudo se conciliava com harmonia.

Era um domingo de meados de julho. Nesse dia, podia-se ficar na cama até mais tarde. Lara estava deitada de costas com os braços para trás apoiando a cabeça.

No ateliê reinava um silêncio inabitual. A janela que dava para a rua estava aberta. Lara escutava como se movia uma barulhenta caleche ao longe, ao descer a rua de paralelepípedos em direção ao sulco dos trilhos, o ruído grosseiro sendo substituído pelo deslizar das rodas como manteiga.

“Preciso dormir mais um pouco”, pensou. O barulho da cidade fazia adormecer como cantiga de ninar.

Lara sentia a sua altura e posição na cama em dois pontos, na saliência do ombro esquerdo e no dedão do pé direito. O ombro e o pé, e também todo o resto eram mais ou menos ela mesma, a sua alma ou essência, dispostos harmonicamente em sua configuração, e com confiança aspiravam ao futuro.

“Preciso dormir”, pensava Lara, e imaginava como estaria agora o lado ensolarado da rua Kariêtni Riad, com seus galpões onde enormes carruagens *kolimagui*, apoiadas sobre o chão limpo, estavam à venda; e também os vidros trabalhados das lanternas dos carros, os ursos empalhados, a vida abastada. E um pouco abaixo, o treinamento dos dragões no pátio do quartel Známenski, a afetação dos cavalos imponentes que andavam em círculo, davam saltos ou andavam a passo, a trote e a galope. As babás que observavam boquiabertas com crianças e bebês, coladas às grades do quartel.

Mais abaixo ainda — pensava Lara — há a rua Petróvka e a rua Petróvskie Línii. “O que há com você, Lara! De onde tirou essas ideias? Eu só quero lhe mostrar o meu apartamento, já que estamos tão perto.”

Festejavam o dia da santa de Olga,[1] a filha pequena de uns conhecidos dele, na rua Kariêtni. Em ocasiões como essa, os adultos se divertiam, havia danças e champanhe. Ele havia convidado a mãe, mas ela estava doente e sugeriu: “Leve a Lara. O senhor sempre me adverte: ‘Amália, cuide de Lara’, pois então! Cuide agora dela”. Ele bem que cuidava dela, isso não se discute. Ah-ah-ah!

Que coisa alucinante é a valsa! Rodopia-se, rodopia-se sem pensar em nada. Enquanto a música toca, passa-se uma eternidade, como nos romances. Mas assim que cessa de tocar, a sensação é de escândalo, como se lhe atirassem um balde de água fria ou surpreendessem você sem roupas. E, além disso, essas liberdades permitidas não passam de bravatas para mostrar que já somos adultos.

Ela jamais poderia supor que ele dançasse tão bem. Que mãos inteligentes, e com que segurança tocava a sua cintura! Mas beijá-la assim,

ela nunca mais vai permitir a ninguém. Ela jamais imaginou que lábios estranhos pudessem concentrar tanto impudor, como quando ele os pressionou tão longamente contra os seus.

Deixar de lado essas bobagens. De uma vez por todas. Não se fingir de simplória, não adular, não baixar o olhar de vergonha. Isso um dia vai acabar mal. Aqui há um limite terrível. É dar um passo e cair no abismo. Parar de pensar nas danças. Todo o mal está nelas. Não ter vergonha de recusar. Inventar que não sabe dançar ou que quebrou a perna.

5

No outono, ocorreram agitações no entroncamento ferroviário de Moscou. A ferrovia Moscou-Kazan entrou em greve. A Moscou-Brest deveria se juntar a ela; a decisão já havia sido tomada, mas o comitê ferroviário não chegara a um acordo sobre o dia de sua deflagração. Todos os trabalhadores já sabiam da greve e aguardava-se apenas um pretexto para que começasse espontaneamente.

Era uma manhã fria e nublada do início de outubro. Nesse dia, os salários deveriam ser pagos na linha ferroviária. No entanto, o aviso da contabilidade demorava a chegar. Finalmente, um menino entrou no escritório com a tabela de controle, a ordem de pagamento e um pacote contendo carteiras de trabalho retidas para o cálculo de descontos. O pagamento começou. No imenso terreno baldio que tinha de um lado a estação de trem, as oficinas, o depósito de locomotivas, os armazéns e os trilhos, e de outro os prédios de madeira da administração, estendia-se uma fila interminável de maquinistas, agulheiros, serralheiros, mecânicos, ajudantes e faxineiras para receberem os salários.

Respirava-se o início do inverno urbano, o odor de folhas de plátano pisadas, de neve derretida, de fuligem de trem e de pão de centeio quente, assado no subsolo do bufê da estação. Os trens chegavam e partiam. Eram postos em formação ou triados, conforme se agitavam bandeiras enroladas e desenroladas. Irrompiam os sons das cornetas dos vigias, os apitos de bolso

dos engatadores e os apitos das locomotivas. Colunas de fumaça subiam ao céu em escalas infinitas. As locomotivas sob pressão aguardavam, prontas para partir, aquecendo as nuvens frias do inverno com jatos de vapor fervente.

Ao longo da via, iam e vinham o chefe da estação e engenheiro das vias de comunicação Fuflíguin e o mestre da seção anexa à estação, Pável Ferapóntovitch Antípov. Antípov aborrecia-se com o serviço de reparos e se queixava da qualidade do material que chegara para revestir os trilhos. O aço não possuía a resistência necessária. Os trilhos não suportariam o teste de torsão e de fratura e, segundo sua previsão, iriam rebentar no frio intenso. A direção não dava atenção às reclamações de Pável Ferapóntovitch. Alguém devia estar ganhando com isso.

Fuflíguin vestia um sobretudo caro, ornado com o galão da estrada de ferro e desabotoado, deixando entrever por baixo um terno social novo de lã inglesa. Ele andava com precaução sobre o terreno e contemplava com satisfação a linha das bordas do paletó, o vinco irreprochável da calça e o formato distinto do seu sapato.

As palavras de Antípov entravam por um ouvido e saíam pelo outro. Fuflíguin pensava em algo, sacava a cada instante o relógio e via a hora, parecia apressado.

— É verdade, é verdade, meu caro — ele interrompia Antípov impaciente —, mas isso só vale para as grandes linhas, ou para trajetos contínuos, onde há muita circulação. Pense bem, o que você tem aqui? Vias secundárias, vias de garagem, bardanas e urtigas, na melhor das hipóteses, triagem de vagões vazios e manobras de locomotivas. E ainda está insatisfeito! Você está doido! Aqui, poderiam ser instalados até trilhos de madeira.

Fuflíguin puxou o relógio, olhou as horas e fechou a tampa. Pôs-se a observar ao longe, onde a estrada se aproximava da via férrea. Uma carruagem surgiu na curva. Era sua. A esposa tinha vindo buscá-lo. O cocheiro deteve os cavalos perto dos trilhos e tentava contê-los, emitindo para eles, com uma voz fina feminina, o som “tprrru”, como uma babá para criancinhas mimadas — os cavalos tinham medo da estrada de ferro. No

canto da carruagem, recostada em uma almofada de forma negligente, estava uma bela dama.

— Bem, meu caro, fica pra próxima — disse o chefe da estação, e acenou com a mão como quem diz: não tenho tempo para os seus trilhos. Há coisas mais importantes.

O casal partiu.

6

Três ou quatro horas mais tarde, ao pôr do sol, surgiram ao lado da estrada até então deserta duas figuras como que brotadas de debaixo da terra; volta e meia olhavam para trás, distanciando-se rapidamente. Eram Antípov e Tiviérzin.

— Mais rápido — dizia Tiviérzin. — Não são os agentes de polícia que eu temo, nem que eles nos sigam; essa protelação é que tem de acabar. Os companheiros têm que sair do buraco e se juntar a nós. Não posso nem olhar para eles. Se é pra embromar o tempo todo, então não façam tanta onda. Pra que comitê, então? Pra que brincar com fogo e se esconder debaixo da terra? E você também, que papelão ficar apoiando esses trouxas da Nikoláievskaia.

— A minha Dária está com tifo. Tenho de levá-la ao hospital. Enquanto não fizer isso, não tenho cabeça pra nada.

— Dizem que estão pagando hoje. Vou dar uma passada na tesouraria. Se não fosse dia de pagamento, juro por Deus que cuspiria em vocês e na mesma hora daria um fim eu mesmo nessa embromação.

— De que jeito, posso saber?

— Não é difícil. Eu desço até a caldeira, toco o apito e a festa acaba.

Os dois se despediram e seguiram para lados opostos.

Ao seguir pelo caminho que levava à cidade, Tiviérzin cruzou com pessoas que tinham acabado de receber o salário. Eram muitas. Ele calculou que provavelmente quase todos os funcionários da estação já tinham sido pagos.

Começou a escurecer. Naquele mesmo terreno baldio ao lado da administração, aglomeravam-se agora trabalhadores desocupados, iluminados pelos lampiões do prédio. Na entrada da área estava estacionada a carruagem de Fuflíguin, e sua esposa permanecia sentada na mesma posição que a daquela manhã, como se não houvesse sequer descido dela. Aguardava o marido receber o pagamento na tesouraria.

Subitamente, começou a cair uma neve molhada. O cocheiro desceu da boleia e pôs-se a levantar a capota de couro. Enquanto ele alargava as correias apertadas apoiando o pé na parte traseira da carruagem, a sra. Fuflíguina admirava o líquido aperolado e prateado que faiscava nos lampiões. Ela lançava um olhar imóvel e sonhador por cima da multidão de trabalhadores, como se dissesse que em caso de necessidade esse olhar poderia atravessá-los sem obstáculos, como a uma nuvem ou a uma garoa.

Tiviérzin captou por acaso a expressão desse olhar. Ficou chocado. Afastou-se sem cumprimentar Fuflíguina e decidiu apanhar o salário mais tarde, para não dar de frente com o marido dela na tesouraria. Seguiu adiante para o lado menos iluminado das oficinas, onde se percebia a mancha negra da ponte giratória com os trilhos que se estendiam até o depósito de locomotivas.

— Tiviérzin! Kúprik! — chamaram algumas vozes do escuro. Em frente às oficinas havia um pequeno grupo. Lá dentro alguém vociferava e ouvia-se um choro de criança. — Kuprián Saviélevitch, ajude o menino — disse uma mulher.

O velho mestre Piotr Khudoliêev, como de costume, esfolava a sua vítima, no caso, o pequeno aprendiz Iussúpka.

Nem sempre Khudoliêev fora um carrasco de aprendizes, bêbado e brigalhão de mão pesada. Houve um tempo em que as filhas dos comerciantes e dos padres dos subúrbios industriais de Moscou lançavam olhares lânguidos para o belo artesão. Mas a mãe de Tiviérzin, que naquela época frequentava a escola da diocese, recusou o seu pedido de casamento e desposou um colega dele, o maquinista de locomotivas Saviêli Nikítitch Tiviérzin.

No sexto ano de sua viuvez, após a morte atroz de Saviêli Nikítitch (ele morrera queimado em 1888, numa colisão de trens de grande repercussão), Piotr Petróvitch renovou o seu pedido, e novamente Marfa Gavrílovna o rejeitou. Desde então Khudoliêev começou a beber e a provocar desordens, exigindo que o mundo pagasse por isso.

Iussúpka era filho do vigia Guimazetdin, do prédio de Tiviérzin, que por sua vez protegia o menino na oficina. Isso avivava a antipatia de Khudoliêev em relação à criança.

— Olha como você segura a lima, seu asiático — gritava Khudoliêev, arrastando Iussúpka pelos cabelos e batendo com a bengala em seu pescoço. — É assim que se desbasta a peça? Estou perguntando pra você! Vai estragar o meu trabalho, sua noiva de Kasimov,[2] alá-mulá de olho torto.

— Ai, não faço mais, senhor, ai, não faço mais, ai-ai, está doendo!

— Já disseram mil vezes: primeiro coloque o cabeçote e depois aparafuse o apoio, mas você faz da sua cabeça, da sua cabeça! Quase quebrou o eixo, filho da puta.

— Eu não toquei no eixo, senhor, juro por Deus, não toquei.

— Por que você tortura o menino? — perguntou Tiviérzin, passando pelas pessoas.

— Não se meta no que não é da sua conta — respondeu secamente Khudoliêev.

— Eu perguntei por que você está torturando o menino.

— E eu digo pra você cuidar da sua vida, social-comandante. É pouco matar este pivete, ele quase me quebrou o eixo. Tem é que beijar minha mão por ainda estar vivo, diabo de olho torto… Puxei as orelhas e o cabelo para ver se aprende.

— E você acha que por isso se deve cortar-lhe a cabeça, meu velho? Ora, tenha vergonha. Um velho mestre como você! Tem cabelos brancos, mas não tem cabeça.

— Cai fora, cai fora enquanto ainda está inteiro. Vou te ensinar, cachorro de merda. Te fizeram em cima de uma chapa, sangue de esturjão, bem no nariz do teu pai. A meretriz da tua mãe, essa eu bem que conheço, cadela

imprestável, desmiolada!

O que se passou depois não durou nem um minuto. Ambos pegaram o primeiro objeto que estava à mão na bancada, onde havia instrumentos pesados e barras de ferro, e teriam se matado se as testemunhas da cena não tivessem se precipitado todas juntas para separá-los. Khudoliêev e Tiviérzin, com a cabeça para a frente, a testa quase se tocando, encaravam-se, os olhos injetados de sangue; a agitação deles era tal que não conseguiam dizer nem uma palavra. Seguraram-nos firme, prendendo os braços para trás. Em alguns momentos eles recuperavam as forças e tentavam se soltar; torcendo-se e puxando o corpo, acabavam arrastando os colegas. Os fechos e botões de suas roupas pulavam, os casacos e camisas deslizavam, desnudando os ombros. A algazarra em torno deles não cessava.

— O cinzel, tire o cinzel dele, senão vai arrebentar a cabeça do outro. Calma, calma, velho, senão vamos torcer o seu braço.

— Pra que essa bagunça toda? Vamos separar, trancafiar os dois e pronto!

De repente, Tiviérzin, num esforço sobre-humano, sacudiu as pessoas que estavam à sua volta e se livrou, sendo projetado para a porta. Iam se lançar sobre ele, mas vendo que ele não pensava em voltar, deixaram-no ir. Tiviérzin saiu batendo a porta e sem olhar para trás. Cercaram-no a umidade do outono, a noite e a escuridão.

— Você quer o bem deles, e eles vêm com cinco pedras na mão — resmungava sem saber para onde ia.

Esse mundo de baixeza e falsidade, onde uma dama bem nutrida se permite olhar daquele jeito para as bestas trabalhadoras, e onde a vítima aviltada por essa ordem de coisas encontra satisfação em achincalhar o seu semelhante, esse mundo parecia-lhe agora ainda mais odioso que antes. Ele caminhava rápido, como se os seus passos apressados pudessem aproximar o tempo em que tudo no mundo seria sensato e coerente, imagem que agora lhe vinha à cabeça fervilhante. Ele sabia que os esforços dos últimos dias, as agitações nas linhas do trem, os discursos nas reuniões e a decisão de fazer greve, a qual ainda não tinha sido posta em prática, embora também não revogada, que tudo isso eram etapas de um longo caminho a percorrer. Mas

nesse momento sua agitação tinha chegado a tal ponto que Tiviérzin ansiava percorrer toda essa distância de uma só vez, de um só fôlego. Ele não imaginava para onde estava indo a passos largos, mas suas pernas sabiam muito bem para onde o levavam.

Tiviérzin só soube bem mais tarde que após a saída dele e de Antípov do abrigo subterrâneo o comitê havia decidido decretar greve para aquela mesma noite. Os membros do comitê já haviam repartido entre si os setores a visitar e os postos a serem evacuados. Quando, do ateliê de reparos de locomotivas, elevou-se aquele sinal rouco, pouco a pouco mais nítido e regular, como um grito saído do fundo da alma de Tiviérzin — a multidão de trabalhadores do depósito e do terminal de cargas já marchava além do semáforo, em direção à cidade, fundindo-se com outros grupos que iam deixando os trabalhos ao apito lançado por Tiviérzin da caldeira.

Por muitos anos Tiviérzin acreditou ser o único responsável pela interrupção dos trabalhos naquela noite. Só descobriu que se enganara bem mais tarde, quando em seu julgamento foi acusado de cumplicidade, mas não de haver incitado a greve.

Pessoas corriam, indagando:

— Por que estão apitando?

Respondiam da escuridão:

— Você é surdo? Escute… é um alarme. Um incêndio.

— Um incêndio, onde?

— Em algum lugar, já que estão apitando.

Portas bateram, outras pessoas surgiram. Ouviram-se outras vozes.

— Bobagem! Que incêndio! Tolos! Não escutem esse tolo! Isso se chama greve, entenderam? Fim de festa, viola na cesta. Pra casa, pessoal.

A multidão aumentava. A estrada de ferro estava em greve.

7

Tiviérzin voltou para casa três dias depois, regelado, sonolento e barbado. Na noite anterior fizera um frio excepcional, incomum naquela época do

ano, e Tiviérzin estava trajado para o outono. No portão, encontrou o vigia Guimazetdin.

— Obrigado, sr. Tiviérzin, por não ter permitido que fizessem mal a Iussúp, vou rezar toda a minha vida pelo senhor.

— Por que está me chamando de senhor, Guimazetdin? Não faça isso, por favor. Mas você vê que frio está fazendo?

— Deixe o frio para lá, você agora vai ficar quentinho, Saviêlitch. Nós ontem trouxemos para sua mãe, Marfa Gavrílovna, uma braçada inteira de lenha do depósito de mercadorias, lenha boa, de bétula, madeira seca.

— Obrigado, Guimazetdin. Você quer dizer mais alguma coisa? Se quiser, diga logo, por favor, estou gelado, você entende.

— Quero dizer, sim. Não fique em casa esta noite, Saviêlitch, você deve se esconder. Um guarda perguntou, um inspetor perguntou, querem saber quem anda por aqui. Eu disse que ninguém. Anda um contramestre, eu disse, anda uma equipe da estrada de ferro, mas gente de fora, não.

A casa onde o solteiro Tiviérzin vivia com a mãe e com o irmão mais novo, casado, pertencia à igreja vizinha, a da Santíssima Trindade. O prédio era ocupado por parte do clero da paróquia, por dois artéis[3] de fruteiros e açougueiros ambulantes que comerciavam na cidade, mas, sobretudo, por pequenos funcionários da estrada de ferro Moscou-Brest.

Era uma construção de pedra com galerias de madeira que cercavam, pelos quatro lados, um pátio sujo de terra batida. Ao longo das galerias elevavam-se escadas também de madeira, imundas e escorregadias, cheirando a gato e repolho azedo. Nos corredores, viam-se cabines com latrinas, coladas umas às outras, e dispensas trancadas a cadeado.

O irmão de Tiviérzin, recrutado para a guerra, ferira-se nos arredores de Wafangóu.[4] Estava em tratamento no hospital de Krasnoiársk, para onde haviam se dirigido a esposa e as duas filhas, a fim de se ocuparem dele. Os Tiviérzin eram gente das ferrovias, e viajavam com facilidade, percorrendo toda a Rússia com bilhetes gratuitos. Nesse momento, o apartamento estava vazio e silencioso, nele viviam apenas o filho e a mãe.

O apartamento se situava no segundo andar. Em frente à porta, havia um

tonel de água que era regularmente abastecido pelo carregador. Logo que Kuprián Saviélevitch chegou ao seu andar, percebeu que a tampa do tonel estava deslocada e que havia uma caneca de ferro sobre a superfície congelada da água. "Só pode ter sido Prov", pensou Tiviérzin, sorrindo. "Do jeito que bebe, deve estar com as tripas pegando fogo."

Prov Afanássievitch Sokoló́v, sacristão, homem vistoso e ainda não idoso, era um parente distante de Marfa Gavrílovna.

Kuprián Saviélevitch arrancou a caneca da crosta congelada, cobriu o tonel com a tampa e puxou o sino da campainha. Uma fumaça familiar, morna e apetitosa, inundou-o.

— Aqueceram bem a sua casa, mãezinha. Está quente, muito bom.

A mãe se atirou ao seu pescoço, abraçou-o e chorou. Ele acariciou a cabeça dela, esperou um pouquinho e se afastou docemente.

— A cidade está tomando coragem, mãezinha — disse baixinho. — A minha ferrovia está parada, de Moscou a Varsóvia.

— Eu sei. Por isso estou chorando. Isso pode acabar mal pra você, é melhor se esconder, Kúprinka, em algum lugar longe daqui.

— Aquele seu amiguinho querido, o galante Piotr Petróvitch, quase me partiu a cabeça.

Ele pensava fazê-la rir, mas ela não entendeu a piada e respondeu, séria:

— É pecado rir dele, Kúprinka. Você devia ter pena. É um pobre coitado, uma alma perdida.

— Levaram o Pacha Antípov, Pável Ferapóntovitch. Vieram de noite, deram uma busca, reviraram tudo. Foi levado ao amanhecer. E ainda por cima, a Dária está com tifo no hospital. O pequeno Pável estuda na escola técnica e ficou sozinho em casa com uma tia surda. Eles estão sendo expulsos do apartamento. Acho que devemos trazer o menino para cá. O que Prov queria?

— Como você sabe que ele esteve aqui?

— A tampa do tonel estava aberta. Logo vi que o saco sem fundo do Prov tinha vindo aqui pedir algo.

— Como você adivinha as coisas, Kúprinka. Tem razão, Prov

Afanássievitch passou por aqui rapidamente para pedir lenha emprestada, eu dei. Que besta que eu sou, falando de lenha! Esqueci-me completamente da notícia que ele me trouxe. O tsar assinou um manifesto, entende, dizendo que é preciso mudar tudo: não fazer mal a ninguém, dar terra aos camponeses e igualar todas as pessoas aos nobres. O *ukaz*[5] foi assinado, só falta promulgar, o que você acha? E o Sínodo enviou uma nova súplica para ser inserida na liturgia, ou uma nova prece de ação de graças, sei eu. Prov me disse, mas não me lembro bem.

8

Patúlia Antípov, o filho do recém-preso Pável Ferapóntovitch e da hospitalizada Dária Filimônovna, veio viver com os Tiviérzin. Era um menino asseado, de traços bem definidos e cabelos louros repartidos ao meio. A todo momento ele os alisava com uma escova, ajeitava o casaco e o cinto da escola. Patúlia costumava rir às lágrimas e era muito observador. Imitava tudo o que via e ouvia com excepcional similitude e comicidade.

Após o manifesto de 17 de outubro, pensou-se em realizar uma grande manifestação do posto da Tverskáia até a Kalújskaia, mas as várias organizações revolucionárias envolvidas com essa ideia discordavam entre si e acabaram desistindo, uma a uma. No entanto, quando souberam que na manhã do dia marcado as pessoas estavam de qualquer modo saindo às ruas, imediatamente enviaram seus representantes à manifestação.

Apesar dos argumentos e da forte oposição de Kuprián Saviélevitch, Marfa Gavrílovna se juntou à manifestação e levou consigo o alegre e sociável Patúlia.

Era um dia seco e gelado do início de novembro. Do céu cinza-chumbo desprendiam-se raras partículas de neve, que pairavam hesitantes no ar antes de tocarem o solo, para em seguida formarem uma poeira cinza e aveludada sobre os buracos do caminho.

O povo descia às ruas em verdadeira confusão, pessoas, pessoas e mais pessoas, casacos de inverno, chapéus de pele, velhos, estudantes, crianças,

ferroviários de uniforme, trabalhadores da companhia de bonde e da estação telefônica em botas de cano alto e jaquetas de couro.

Durante algum tempo, cantaram a "Varsoviana", a canção "Vocês, as vítimas caídas" e A *Marselhesa*, mas, de repente, o homem que, à frente da procissão, dirigia a cantoria através de acenos com o gorro, parou de dar o tom, recolocou o chapéu e deu as costas ao cortejo, pondo-se a escutar atentamente o que diziam alguns dos organizadores que avançavam ao seu lado. O canto se desarticulou e interrompeu. Passou-se a ouvir o estalar dos passos da incontável multidão sobre o pavimento gelado. Simpatizantes comunicavam aos organizadores da manifestação que, à frente, cossacos os espreitavam. A emboscada que se preparava tinha sido denunciada por telefone a uma farmácia próxima.

— Bem — diziam os organizadores —, o importante é manter o sangue-frio e não perder a cabeça. Devemos ocupar sem demora o primeiro prédio público que encontrarmos pela frente, anunciar às pessoas o perigo que nos ameaça e nos dispersar aos poucos.

Puseram-se a discutir qual seria o melhor lugar. Uns propunham a Sociedade dos Agentes de Comércio, outros a Escola Técnica Superior, outros ainda a Escola de Correspondentes Estrangeiros.

Enquanto discutiam, viram surgir na esquina um prédio estatal que abrigava uma instituição de ensino, e que poderia servir tão bem quanto os que haviam sido citados.

Assim que os manifestantes atingiram o local, os líderes subiram a um patamar semicircular e, fazendo sinais, detiveram a procissão. As portas de entrada com seus múltiplos batentes foram abertas, e a marcha de protesto, com todos os seus participantes, um chapéu atrás do outro, um casaco atrás do outro, começou a inundar o saguão da escola e a subir as escadas.

— Para o auditório! Para o auditório! — gritavam da retaguarda algumas vozes, mas a multidão seguia adiante e se espalhava pelos corredores e salas de aula.

Depois de conseguir fazer com que as pessoas retornassem e se distribuíssem pelas cadeiras do auditório, os dirigentes tentaram diversas

vezes comunicar à assembleia a informação sobre a emboscada, mas ninguém os ouvia. A parada e a transferência para um local fechado foram entendidas como um convite para um comício improvisado, que começou imediatamente.

Depois da longa caminhada e cantoria, as pessoas queriam ficar um pouco sentadas, em silêncio: que outros se esgoelassem por elas. Em comparação ao prazer essencial do descanso, as pequenas discordâncias entre os oradores, geralmente solidários entre si, lhes eram indiferentes.

Por isso, maior sucesso obteve o pior orador, que não fatigava os ouvintes obrigando-os a acompanhar o que dizia. Cada uma de suas palavras era seguida de um alarido de aprovação. Ninguém lamentava que seu discurso fosse encoberto pelos berros. Apressavam-se em concordar com ele por impaciência, gritavam "Vergonha", redigiram um telegrama de protesto e… de repente, enfadadas pela monotonia da voz do orador, as pessoas se levantaram todas ao mesmo tempo, esquecendo-se completamente dele, saíram, um chapéu após o outro, um casaco após o outro, desceram as escadas e se derramaram pela rua. O desfile continuou.

Durante o comício, a neve cobrira as ruas e agora se tornava mais densa.

Quando os dragões avançaram, os que estavam lá atrás não perceberam de imediato. Súbito, um clamor crescente rebentou vindo das primeiras fileiras, semelhante ao grito de "Hurra!". Mas eram gritos de "Acudam!", "Mataram!" e uma enormidade de outros que se fundiam em algo indescritível. Quase ao mesmo tempo, na onda desses gritos, no caminho aberto pela multidão que se dispersava, passavam, impetuosos e em silêncio, focinhos e crinas de cavalos e cavaleiros agitando sabres.

O pelotão cruzou o cortejo a trote, deu meia-volta, se realinhou e precipitou-se por trás da multidão. Começou o massacre.

Em poucos minutos a rua ficou praticamente vazia. As pessoas se dispersaram pelas ruelas. A neve caía menos intensa. O entardecer estava seco como um desenho a carvão. De repente, o sol, que se punha em algum lugar por trás dos prédios, despontou numa esquina como um dedo a apontar para tudo o que havia de vermelho na rua: a cimeira vermelha dos

quepes dos dragões, o pano da bandeira vermelha abandonada, os rastros de sangue que se estendiam pela neve em filetes e pontos vermelhos.

Pelo meio-fio, um homem de crânio rachado gemia e se arrastava apoiando-se nos braços. Alguns cavaleiros alinhados avançavam a passo, voltando da extremidade da rua, para onde a perseguição os levara. Quase a lançar-se sob as patas de seus cavalos, Marfa Gavrílovna, com o lenço caído atrás da nuca, gritava para toda a rua, a perder o fôlego: "Pacha! Patúlia!".

O menino estivera a seu lado o tempo todo, divertindo-a ao imitar com muito talento o último orador e, de repente, desaparecera no meio da correria provocada pela chegada dos dragões.

No meio da confusão, a própria Marfa Gavrílovna recebeu um golpe de correia nas costas e, apesar de não tê-lo sentido graças ao casaco duplo de algodão, gritou injúrias e ameaçou com o punho os cavaleiros que se afastavam, indignada de que ousassem chicoteá-la, na sua idade e aos olhos de todo o bom povo.

Marfa Gavrílovna lançava olhares inquietos para os dois lados da rua. Por sorte, ela subitamente viu o menino na calçada oposta. Ali, entre o rebaixo que separava uma mercearia da saliência de uma casa de pedra, amontoava-se um grupo de basbaques, encurralado pelas ancas do cavalo de um dragão, que subiu na calçada. O soldado se divertia com o pavor daquelas pessoas, barrava-lhes a passagem, executava voltas e piruetas sob seus narizes e fazia empinar o cavalo como no circo. De repente, avistou seus camaradas que retornavam a passo, esporeou o cavalo e em dois ou três saltos se perfilou ao lado deles.

As pessoas assediadas na reentrância se dispersaram. Pacha, que antes temia emitir um som, correu em direção à velha. Foram para casa. Marfa Gavrílovna resmungava o tempo todo:

— Malditos assassinos, facínoras desgraçados! O povo está feliz, o tsar deu liberdade, mas isso eles não suportam. Estragam tudo, viram do avesso qualquer palavra.

Ela desejava o mal aos dragões, ao mundo todo e, nesse minuto, até ao próprio filho. Em momentos de fúria, tinha a impressão de que tudo o que

acontecia era causado por trapalhadas dos companheiros de Kiprian, que ela chamava de lambões e trapalhões.

— Cobras venenosas! O que querem, os imbecis? Não dá pra entender nada. Só fazem latir e dizer porcaria. E aquele orador, então! Você o imitou muito bem, Páchenka. Por favor, querido, imite mais uma vez. Ai, vou morrer, não aguento. Igualzinho! Tru-ru-ru-ru. Ah, é um chato, esterco de cavalo!

Em casa, ela partiu para cima do filho com recriminações, que ela não tinha mais idade para um bobo bexiguento repreendê-la com açoite na traseira.

— O que há com você, mãezinha, pelo amor de Deus! Parece até que eu sou um comandante cossaco ou chefe de polícia.

9

Nikolai Nikoláievitch estava à janela quando surgiram pessoas correndo. Ele compreendeu que vinham da manifestação e permaneceu algum tempo observando ao longe, talvez Iúri estivesse entre os que debandavam, ou alguma outra pessoa conhecida. Embora não tenha reconhecido ninguém, por um instante teve a impressão de ter visto aquele… (Nikolai Nikoláievitch esqueceu o nome dele), o filho de Dúdorov, um incorrigível que havia pouco tempo tivera uma bala retirada do ombro esquerdo e já de novo se metia onde não devia.

Nikolai Nikoláievitch havia chegado de Petersburgo no outono. Em Moscou, ele não tinha casa e não queria ir para um hotel. Instalou-se, então, na casa dos Svientítski, parentes afastados que lhe concederam um gabinete de trabalho no mezanino do andar superior.

Essa casa de dois andares, grande demais para o casal Sventítski, que não tinha filhos, fora alugada outrora por seus antepassados aos príncipes Dolgorúki. A propriedade dos Dolgorúki, que contava com três pátios, jardim e uma grande quantidade de construções de diferentes estilos, espalhadas desordenadamente, dava para três travessas e chamava-se à moda

antiga de Mutchnói Gorodók.[6]

Apesar das quatro janelas, o gabinete era escuro e estava atulhado de livros, papéis, tapetes e gravuras. Havia um balcão que rodeava aquele ângulo da casa e dava para o gabinete, mas sua dupla porta envidraçada estava calafetada e bem vedada para o inverno.

Através de duas janelas e da porta envidraçada do balcão, via-se uma das travessas em toda a sua extensão, o caminho dos trenós, as casinhas dispostas de través e as paliçadas tortas.

O jardim projetava sombras lilases no gabinete. Da maneira como as árvores se voltavam para dentro do cômodo, dir-se-ia que elas queriam depositar no chão os seus galhos pesados de neve, uma neve que se assemelhava aos fios lilases de estearina solidificada.

Nikolai Nikoláievitch observava a travessa e se lembrava do inverno anterior em Petersburgo, do padre Gapón, de Górki, da visita de Vitte,[7] dos escritores contemporâneos da moda. Ele fugiu daquela confusão para vir para cá, para a tranquilidade da antiga capital, escrever o livro que tinha em mente. Mas, que nada! Doce ilusão! Com os dias tomados por aulas e conferências, não tinha tempo para se concentrar. Lecionava ora em cursos superiores para moças, ora em cursos filosófico-religiosos, ora para a Cruz Vermelha, ora para o fundo do comitê de greve. Bom seria fugir para a Suíça, se enterrar em algum cantão florestal. Um lago banhado de luz e serenidade, o céu e as montanhas, e o ar vibrante que tudo ecoa.

Nikolai Nikoláievitch afastou-se da janela. Sentiu vontade de visitar alguém ou simplesmente de sair à rua sem destino. Mas logo se lembrou de que o tolstoísta Vívolotchnov ficara de visitá-lo e, portanto, não poderia se ausentar. Pôs-se a andar pelo quarto. Pensava agora no sobrinho.

Quando Nikolai Nikoláievitch se mudou daquele lugarejo longínquo na região do Volga para Petersburgo, ele deixou Iúri em Moscou para que convivesse com os parentes das famílias Vedeniápin, Ostromíslenski, Seliávin, Mikhaélis, Svientítski e Gromeko. Inicialmente acomodaram Iúri na casa do velho Ostromíslenski, desordeiro e tagarela, chamado simplesmente de Fiédka pelos parentes. Fiédka vivia maritalmente com a

sua pupila Mótia e assim acreditava abalar os costumes da sociedade, já que se considerava um combatente dos antigos valores. No entanto, ele não apenas não correspondeu às expectativas, como se revelou uma pessoa pouco confiável, ao gastar em proveito próprio o dinheiro destinado ao sustento de Iúri. Transferiram, então, o menino para a família do professor Gromeko, com a qual vivia até o momento.

Na casa dos Gromeko, Iúri foi cercado por uma atmosfera invejavelmente favorável.

"Eles formam uma espécie de triunvirato", pensava Nikolai Nikoláievitch. "Iúri, seu colega de classe Gordon e a filha da família, Tônia Gromeko. Essa tríplice aliança não se farta de ler o *Sentido do amor* e a *Sonata a Kreutzer*,[8] e estão confusos com a predicação da castidade.

"Está certo que a adolescência deve passar por todos os frenesis da pureza, mas eles estão indo longe demais, estão perdendo a razão.

"São demasiadamente excêntricos e são crianças. Por alguma razão, chamam o domínio dos sentimentos que tanto os inquietam de 'vulgaridade', e empregam essa expressão a torto e a direito. A escolha dessa palavra não é nada feliz! A 'vulgaridade' é para eles a voz do instinto, a literatura pornográfica, a exploração da mulher e quase todo o mundo físico. Eles enrubescem e empalidecem ao pronunciar essa palavra!

"Se eu estivesse em Moscou", pensava Nikolai Nikoláievitch, "não teria permitido que isso fosse tão longe. O pudor é necessário, mas dentro de certos limites."

— Ah, Nil Feoktístovitch! Entre! — exclamou, e caminhou ao encontro do visitante.

10

Entrou nos aposentos um homem corpulento, vestido com uma camisa acinzentada cingida por um largo cinto. Estava de botas de feltro e calça abalonada sobre os joelhos. Dava a impressão de ser um homem bom, mas com a cabeça um pouco nas nuvens. Trazia sobre o nariz, preso a uma fita

preta, um pequeno pincenê que saltava à menor irritação.

Ao se desvestir à entrada, não terminou a tarefa. Manteve consigo o cachecol, cuja ponta arrastava no chão, e o chapéu redondo de feltro nas mãos. Esses objetos atrapalhavam os seus movimentos, impedindo-o não apenas de apertar a mão de Nikolai Nikoláievitch, mas também de lhe dizer bom-dia.

— Eh-hum — murmurava desnorteado, olhando para os cantos.

— Coloque isso onde quiser — disse Nikolai Nikoláievitch, restituindo a Vívolotchnov o dom da palavra e a segurança.

Era um desses discípulos de Liev Nikoláievitch Tolstói, em quem os pensamentos do gênio, que nunca conheceu a paz, se aninhavam para saborear um longo e imperturbável repouso, amesquinhando-se irremediavelmente.

Vívolotchnov viera pedir a Nikolai Nikoláievitch que fizesse um discurso em certa escola em favor dos deportados políticos.

— Já me apresentei lá uma vez.

— Em favor dos deportados?

— Sim.

— É necessário fazer de novo.

Nikolai Nikoláievitch resistiu, mas depois aceitou.

O motivo da visita estava resolvido. Nikolai Nikoláievitch não reteve Nil Feoktístovitch. Ele podia se levantar e ir embora. Mas Vívolotchnov considerava descortês sair assim tão rapidamente. Para despedir-se, deveria dizer algo espirituoso, desenvolto, e introduziu uma conversa forçada e desagradável.

— O senhor faz parte dos decadentistas?[9] Entregou-se ao misticismo?

— Por que isso?

— A pessoa se perde. Lembra-se do *zemstvo*?

— Como não! Nós trabalhamos juntos pelas eleições.

— Lutamos pelas escolas rurais e seminários para professores. Lembra?

— Claro. As batalhas foram acaloradas.

— Mas depois, parece que o senhor atuou na área da saúde e na

assistência social, não é verdade?

— Por algum tempo.

— Sim. E agora esses faunos, nenúfares, efebos e "sejamos como o sol".[10] Pode me matar, mas não acredito nisso. Que um homem inteligente, que tem senso de humor e conhece tão bem o povo… Não, deixe disso, por favor… Ou talvez eu esteja me imiscuindo… em assuntos sagrados?

— Para que jogar palavras ao vento sem refletir? Estamos disputando o quê? O senhor não conhece as minhas ideias.

— A Rússia precisa de escolas e hospitais, e não de faunos e nenúfares.

— E quem diz o contrário?

— O mujique não tem o que vestir, é acossado pela fome…

E a conversa enveredou por aí. Embora convencido da inutilidade de qualquer argumentação, Nikolai Nikoláievitch ainda assim tentou explicar o que o aproximava de certos escritores simbolistas, mas depois passou para Tolstói.

— Concordo com o senhor até certo ponto, Nil Feoktístovitch. Mas Tolstói diz que quanto mais o homem se entrega à beleza, mais se afasta do bem.

— E o senhor pensa o contrário? Que a beleza salvará o mundo? Acredita em mistérios e coisas semelhantes, em Rózanov e Dostoiévski?

— Espere um pouco, eu vou dizer o que penso. Eu penso que se fosse possível deter a besta que habita o homem com ameaças como a do cárcere ou do castigo além-túmulo, pouco importa… então, o emblema mais elevado da humanidade seria o domador de circo com chicote e não o pregador e seu sacrifício. Mas justamente o que ao longo dos séculos elevou o homem acima da besta e o conduziu tão alto não foi o bastão e sim a música: a irrefutável verdade desarmada, a sua força de atração. Até hoje se considera que o mais importante no Evangelho são as máximas morais e as regras contidas nos mandamentos; para mim, o essencial é o que Cristo exprimiu em parábolas tiradas da vida corrente, pois esclarece a verdade à luz do cotidiano. No fundo disso, há a ideia de que os laços que unem os mortais são imortais, e que a vida é simbólica porque possui um sentido.

— Não entendi nada. O senhor deveria escrever um livro sobre isso.

Assim que Vívolotchnov partiu, Nikolai Nikoláievitch foi tomado por uma viva irritação. Zangou-se consigo mesmo por ter expressado ao estúpido Vívolotchnov uma parte das suas ideias, que não causaram nele a menor impressão. E como ocorre por vezes, o desgosto de Nikolai Nikoláievitch subitamente mudou de direção. Ele se esqueceu completamente de Vívolotchnov, como se esse senhor nunca tivesse existido. Lembrou-se de outra situação. Ele não escrevia diário, mas uma ou duas vezes por ano anotava os pensamentos que mais o surpreendiam em grossos cadernos escolares. Apanhou um caderno e se pôs a escrever com letra graúda e legível. Eis o que anotou:

"Passei o dia inteiro fora de mim por causa da tola da Schlessinger. Ela chega pela manhã, se instala até o almoço e, durante duas horas contadas, me força a escutar esses disparates. Texto em verso do simbolista A. para a sinfonia cosmogônica do compositor B. com o espírito dos planetas, a voz dos quatro elementos e por aí vai. Eu fui paciente, fui paciente até não aguentar mais, supliquei que me deixasse, não dá, está acima das minhas forças, perdão.

"De repente, compreendi tudo. Compreendi por que isso é sempre tão mortalmente insuportável e falso, mesmo em *Fausto*. O interesse que traz é artificial e mentiroso. O homem moderno não necessita dessas questões. Quando os enigmas do universo o dominam, ele mergulha na física e não nos hexâmetros de Hesíodo.

"Mas não se trata apenas da vetustez dessas formas, de seu anacronismo. O essencial não é que esses espíritos do fogo e da água embaracem o que a ciência luminosamente desembaraçou. O essencial é que esse gênero contradiz todo o espírito da arte atual, sua essência e seus estímulos.

"Essas cosmogonias eram naturais na velha terra, inicialmente tão pouco povoada pelo homem que ele ainda não mascarava a natureza. Os mamutes ainda vagueavam por ela, e as lembranças dos dinossauros e dos dragões eram frescas. A natureza saltava aos olhos do homem de forma tão evidente, e à sua garganta com tal ferocidade e de maneira tão palpável, que talvez

todo o universo estivesse então repleto de deuses. Essas são as primeiras páginas da crônica da humanidade, que estava só começando.

"Esse mundo antigo terminou com Roma e o superpovoamento.

"Roma era um amontoado de deuses emprestados e de povos conquistados, um atropelo em dois andares, na terra e no céu, uma cloaca apertada por um triplo nó, como uma oclusão intestinal. Os dácios, os hérulos, os citas, os sarmatas, os hiperbóreos, as rodas pesadas sem raio, os olhos inchados de gordura, a bestialidade, os queixos duplos, os peixes alimentados com carne de escravos instruídos, os imperadores analfabetos. Havia mais gente na terra do que jamais houve depois, e essa gente estava esmagada nas passagens do Coliseu e sofria.

"E eis que em meio a esse amontoado insípido de mármore e ouro veio o homem, leve e trajado de luz, insistentemente humano, intencionalmente provinciano, galileano, e a partir desse momento os povos e os deuses deixaram de existir e começou o homem, o homem-carpinteiro, o homem-lavrador, o homem-pastor de rebanho de ovelhas ao pôr do sol, o homem que não soa nem um pinguinho altaneiro, o homem difundido em todas as cantigas de ninar das mães e em todas as galerias de quadros do mundo."

11

A rua Petróvskie Línii deriva de uma esquina que mais parece um cantinho de Petersburgo em Moscou. A correspondência de estilo entre os prédios de ambos os lados da passagem, os ornamentos pomposos e de bom gosto, a loja que hospeda a livraria, a sala de leitura, o centro de cartografia, a decorosa loja de tabaco, o também muito decoroso restaurante e, diante dele, os lampiões a gás com globos redondos e opacos presos a suportes de metal maciço.

No inverno, esse lugar assumia um ar sombrio e inexpugnável. Aqui viviam pessoas sérias que exerciam profissões liberais, sabiam se respeitar e ganhavam bem a vida.

Era aqui que Víktor Ippolítovitch Komaróvski alugava um luxuoso

apartamento de solteiro no segundo andar de uma ampla escadaria com um largo corrimão de carvalho. Atenta, de olho em tudo e ao mesmo tempo parecendo não se meter em nada, Emma Ernéstovna, sua governanta, não, a guardiã do seu retiro tranquilo, dirigia a casa, invisível e silenciosa, e ele a pagava com um reconhecimento cavalheiresco, natural a um gentleman como ele, não permitindo a presença no apartamento de convidados e visitantes incompatíveis com o universo tranquilo da velha solteirona. A paz que reinava nos seus domínios era a de um monastério: as cortinas abaixadas, nem um grãozinho de poeira, nem uma manchinha, como num centro cirúrgico.

Aos domingos, antes do almoço, Víktor Ippolítovitch tinha o costume de passear com seu buldogue ao longo da rua Petróvka e pela Kuzniétski, e em uma das esquinas juntava-se a ele Konstantin Ilariônovitch Satanidi, ator e jogador.

Punham-se então a escrutinar as calçadas com anedotas curtas e observações breves tão insignificantes e tão cheias de desprezo por tudo no mundo, que poderiam muito bem ser substituídas por um simples rugido para alcançar o efeito de preencher uma e outra calçada da Kuzniétski com suas vozes de baixo tonitruantes, que se esbaldavam sem vergonha e pareciam se espantar com a própria vibração.

12

O inverno resistia. Pin-pin-pin — repetiam as gotas que escorriam pela calha e pela cornija. Os telhados tagarelavam como na primavera. Era o degelo.

Durante todo o trajeto ela parecia estar fora de si, e só ao chegar em casa se deu conta do que havia acontecido.

Todos dormiam. Ela recaiu em seu estupor e se deixou deslizar sobre a cadeira em frente à penteadeira da mãe, com o vestido lilás-claro quase branco, ornado com rendas e um longo véu que havia tomado emprestado ao ateliê para a noite, como para um baile de máscaras. O espelho refletia

sua imagem, mas ela nada via. Em seguida, deixou cair a cabeça sobre os braços cruzados à mesa.

Se sua mãe souber, vai matá-la. Vai matá-la e dar um fim em si mesma.

Como isso aconteceu? Como isso pôde acontecer? Agora é tarde. Devia ter pensado antes.

Agora, ela é — como se diz — agora ela é… uma depravada. Uma mulher de romance francês; e amanhã irá ao ginásio e se sentará na mesma carteira, junto àquelas meninas que comparadas a ela são ainda como crianças de peito. Deus, como isso pôde acontecer!

Algum dia, daqui a muitos e muitos anos, quando for possível, Lara contará a Ólia Diômina. E Ólia a tomará nos braços e cairá em prantos.

Pela janela, as gotas balbuciavam, o degelo divagava. Alguém na rua batia à porta do vizinho. Lara não levantou a cabeça. Seus ombros tremiam. Ela chorava.

13

— Eh, Emma Ernéstovna, isso não é importante, minha amiga. Isso já me cansou.

Espalhava sobre o tapete e pelo divã tudo o que lhe caía às mãos, punhos de camisa, peitilhos, abria e fechava as gavetas da cômoda sem saber o que queria.

Precisava dela desesperadamente e não havia a menor possibilidade de vê-la nesse domingo. Agitava-se pelo quarto como uma fera enjaulada, sem encontrar sossego.

Ela era incomparável, de um encanto inspirador. As suas mãos impressionavam, tanto quanto pode impressionar um pensamento elevado. A sombra dela, projetada na parede do quarto de hotel, parecia a silhueta de sua pureza. A camisa modelava seus seios candidamente, como um tecido a ser bordado.

Komaróvski tamborilava na vidraça da janela, acompanhando o ritmo dos cavalos que passavam lá embaixo na rua. “Lara”, murmurou, fechando os

olhos; e via a cabeça da moça repousando em suas mãos, adormecida, os cílios baixos, sem saber que alguém a observava longamente sem poder dormir. A beleza dos seus cabelos, espalhados em desordem pelo travesseiro, fazia arder como fumaça os olhos de Komaróvski e penetravam sua alma.

Dessa vez, o passeio dominical não foi bom. Após caminhar alguns passos na calçada com Jack, Komaróvski estancou. Pensou na rua Kuzniétski, nas piadas de Satanidi, no grupo de conhecidos que encontraria. Não, isso estava acima das suas forças! Como tudo isso o aborrecia! Komaróvski retornou. O cachorro se surpreendeu, lançou sobre o dono um olhar reprovador e o seguiu de má vontade.

"Isso já é obsessão!", pensava ele. "O que significa tudo isso? O despertar da voz da consciência, um sentimento de piedade ou arrependimento? Ou será preocupação?" É claro que não, ele sabia que ela estava em casa e em segurança. Então, por que ela não lhe saía da cabeça?

Komaróvski atravessou o portão do prédio, subiu as escadas e deteve-se no patamar. Havia ali uma janela veneziana, ornada com brasões nos cantos da vidraça. Ela projetava reflexos multicoloridos sobre o piso e o peitoril. Ele deteve-se ali, no meio do corredor.

"Você não deve se entregar a tormentos e tristezas existenciais! Não é mais um menino, deve compreender o que lhe acontecerá se essa moça, filha do seu falecido amigo, essa criança, em vez de simples passatempo, vier a se tornar o objeto da sua loucura. Caia em si! Seja fiel a si mesmo, não traia seus hábitos. Senão, tudo voará pelos ares", pensava.

Komaróvski apertou o corrimão até doer-lhe as mãos. Fechou os olhos por um instante e, decidido, fez meia-volta e começou a descer as escadas. No patamar, sob os reflexos coloridos, captou o olhar de adoração do buldogue. Jack o mirava com a cabeça erguida e parecia um anão babão de bochechas murchas.

O cachorro não gostava da moça, rasgava suas meias, rosnava e mostrava os dentes para ela. Tinha ciúmes de Lara, como se temesse que ela comunicasse algo humano a seu dono.

— Ah, então é assim! Você decidiu que tudo será como antes. Satanidi e

as piadas? Então tome isso, e isso, e mais isso!

E começou a bater no buldogue com a bengala e a chutá-lo. Jack uivava e gania, soltou-se bruscamente e, com o traseiro tremendo, mancou até a porta, para chorar suas mágoas com Emma Ernéstovna.

Dias e semanas se passaram.

14

Ah, esse círculo vicioso! Se a intromissão de Komaróvski na vida de Lara tivesse apenas suscitado desgosto, ela teria se revoltado e se libertado. Mas não era assim tão simples.

Ela se sentia lisonjeada com o fato de um belo homem grisalho, que poderia ser seu pai, um homem aplaudido em assembleias e citado nos jornais, despendesse seu tempo e dinheiro com ela, que a chamasse de "divina", que a levasse a teatros e concertos e a "desenvolvesse intelectualmente", como se diz.

E, no entanto, ela não passava de uma ginasiana de uniforme marrom, que secretamente tomava parte nas conspirações e travessuras inocentes de seus colegas de classe. Os galanteios de Komaróvski na carruagem, sob o nariz do cocheiro, ou num camarote aos olhos do teatro inteiro tinham algo de dissimulação audaciosa que a cativava e que despertava o diabinho que existia dentro dela.

Mas esse entusiasmo imprudente de estudante passou rápido. Um dilaceramento doloroso e um horror de si enraizaram-se nela por muito tempo. E tinha sempre vontade de dormir, em razão das poucas horas de sono, das lágrimas vertidas, das contínuas dores de cabeça, das lições que deveria estudar, de uma fadiga física geral.

15

Ele era a sua maldição, ela o odiava. Todo dia remoía esses pensamentos.

Agora ela era prisioneira dele por toda a vida. Como ele a dominou?

Como ele extorque a sua submissão e ela se entrega, satisfaz os desejos dele e o encanta com os frêmitos de sua indisfarçável vergonha? Seria a idade dele, a dependência financeira da mãe em relação a ele, a habilidade da sua chantagem? Não, não, não. Tudo isso é absurdo.

Não é ela que é submissa. É ele. Pois então ela não vê a aflição dele? Ela não tem o que lamentar, a sua consciência é pura. Toda a vergonha e o medo devem estar do lado dele, ao imaginar que ela poderia desmascará-lo. Mas ela jamais fará isso. Ela não tem a baixeza que faz a força de Komaróvski com relação aos subordinados e aos fracos.

É nisso que reside a diferença entre eles. É isso que torna a vida horrível. Do que a vida se serve para aturdir, do raio ou do trovão? De nenhum deles, e sim dos olhares oblíquos e dos murmúrios de maledicência. Tudo na vida é ardiloso e equivocado. Como uma teia de aranha: tenta-se tocar um fio e, ao puxá-lo, ele desaparece. Mas experimente livrar-se da teia, o que se consegue é enredar-se ainda mais.

E o forte é dominado pelo fraco e pelo infame.

16

"E se eu fosse casada? Que diferença faria?", dizia para si mesma, e se lançava em sofismas. Mas, às vezes, era dominada por uma tristeza sem motivo.

Como ele não tinha vergonha de se jogar aos pés dela e suplicar: "Isso não pode continuar assim, pense no que fiz a você. Você está num limite perigoso. Vamos contar à sua mãe. Eu me caso com você".

E ele chorava e insistia, como se ela tivesse discutido e recusado. Mas tudo eram apenas frases de efeito, e Lara não dava atenção a essas palavras dramáticas e vazias.

Ele continuava a levá-la, o rosto coberto por um longo véu, às cabines particulares daquele restaurante horrível, onde garçons e comensais acompanhavam-na com um olhar que a desnudava. E diante disso, ela só podia se perguntar: é necessário humilhar quando se ama?

Um dia ela teve um sonho. Estava deitada na terra, mas só lhe restavam o flanco esquerdo até o ombro e a planta do pé direito. Um tufo de grama brotou do seio esquerdo e na terra cantou-se "Olhos negros e branco seio" e "Não vá Macha passear no rio".[11]

17

Lara não era religiosa. Não acreditava em rituais. Mas, às vezes, para suportar a vida, sentia necessidade de acompanhar alguma música mais interior. E era impossível a cada vez compor uma música por si mesma. Ela a encontrou na palavra de Deus sobre a vida, e era para chorar sobre essa palavra que Lara ia à igreja.

Certa vez, no início de dezembro, quando o coração de Lara estava pesado como o de Katerina de A *tempestade*,[12] ela foi à igreja. Rezava com tanto sentimento que teve a impressão de que, de uma hora para outra, a terra se abriria sob seus pés e a abóboda da igreja desmoronaria sobre ela. E seria merecido. E tudo terminaria. Só é pena que ela tenha trazido consigo Ólia Diômina, essa tagarela.

— Prov Afanássievitch — sussurrou Ólia ao seu ouvido.

— Psit! Fique quieta… Que Prov Afanássievitch?

— Prov Afanássievitch Sokolóv, nosso tio de terceiro grau. O que está recitando.

— Ah, você fala do sacristão, parente dos Tiviérzin. Psit! Fique calada. Não me atrapalhe, faça o favor.

Elas chegaram no início da missa. Cantaram o salmo "Abençoe minha alma, Senhor, todo o meu ser dá graças ao seu santo nome".

A igreja estava meio deserta, e os ruídos ressoavam. Todos os fiéis se concentravam perto da iconóstase. A igreja era uma construção recente. O vidro incolor do vitral não alegrava em nada o acinzentado da rua coberta de neve, os passantes e as carruagens que ali cruzavam. Perto da janela, um velho ajudante da igreja, sem se preocupar com a missa, passava um sermão em voz alta em uma mendiga meio surda e maltrapilha, e sua voz era tão

habitual e cotidiana quanto a janela e a rua.

O tempo de Lara contornar lentamente os fiéis, chegar à porta da igreja com uma moeda na mão, comprar velas para ela e para Olga e retornar com o mesmo cuidado para não esbarrar em ninguém, foi exatamente o mesmo de Prov Afanássievitch tamborilar as nove bem-aventuranças, que todos conheciam bem.

Bem-aventurados os mendigos pelo espírito… Bem-aventurados os que estão de luto… Bem-aventurados os esfomeados e os sedentos de justiça…

Lara caminhava, estremeceu e se deteve. Era sobre ela. Ele dizia: a sorte dos oprimidos é invejável. Eles têm o que dizer sobre si. Eles têm tudo à frente. Assim Ele acreditava. Esse era o pensamento de Cristo.

18

Eram os dias das jornadas de Présnia.[13] A família se encontrava na área da insurreição. A alguns passos da casa, na rua Tverskáia, montavam uma barricada que podia ser vista da janela da sala. De seus quintais, as pessoas carregavam baldes de água que, uma vez derramada sobre a barricada, congelava-se e formava uma espécie de blindagem de gelo, unindo as pedras e sucatas de que aquela era feita.

O pátio da casa vizinha servia como espaço de reunião aos combatentes. Era algo entre posto médico e posto de alimentação.

Para lá, seguiam dois meninos. Lara os conhecia. Um deles era Nika Dúdorov, a quem fora apresentada na casa de Nádia Kologrívova. Ele era direto, orgulhoso e calado como Lara e por isso não a interessava.

O outro era o colegial Antípov, que morava na casa da velha Marfa Gavrílovna Tiviérzina, avó de Ólia Diômina. Passando a frequentar a casa dos Tiviérzin, Lara aos poucos notou a impressão que causava no menino. Pacha Antípov possuía ainda tanta candura que nem sequer tentava esconder o prazer que sentia com as visitas dela, como se Lara fosse uma bétula florida em meio à relva verdejante em tempos de férias, e, assim, expressava livremente seu entusiasmo por ela sem temer que o

ridicularizassem por isso.

Desde que percebeu a influência que exercia sobre o menino, Lara inconscientemente passou a se aproveitar disso. Mas só investiu seriamente em domar aquele caráter suave e maleável alguns anos mais tarde; quando isso ocorreu, a amizade deles já datava de muito tempo, e Patúlia sabia que a amava perdidamente e que não tinha mais como voltar atrás.

Os meninos jogavam o mais terrível e adulto dos jogos, o da guerra, e era uma guerra em nome da qual podiam ser enforcados ou exilados. As pontas de seus *bashliks*[14] estavam amarradas no pescoço de tal forma que revelavam as crianças que ainda eram e indicavam que ainda tinham pai e mãe. Lara olhava para eles como uma adulta para crianças. Uma camada de ingenuidade cobria seus jogos perigosos. E essa camada comunicava-se a todo o resto: à tarde fria encoberta por uma camada de gelo tão espessa que parecia negra em vez de branca; ao pátio todo azul; à casa da frente, onde os meninos se escondiam. E, principalmente, aos tiros de revólver que sem cessar espocavam daquela casa. "Os meninos estão atirando", pensou Lara. Ela não pensava em Nika e Patúlia em particular, mas em todos os que atiravam na cidade. "São meninos bons, honestos", pensava. "São bons, é por isso que atiram."

19

Souberam que abririam fogo de canhão contra a barricada e que sua casa estaria em perigo. Já era tarde para pensar em se refugiar na casa de amigos em outros bairros de Moscou, pois toda aquela região estava cercada. Era necessário encontrar um local mais protegido no interior do cerco. Lembraram-se do Hotel Tchernogórie.

Não foram os primeiros a pensar nele. O hotel estava lotado, havia muita gente nessa situação, mas, por serem velhos clientes, prometeram instalá-los na lavanderia.

Reuniram os objetos de primeira necessidade em três trouxas, já que malas poderiam atrair a atenção, mas adiavam dia a dia a mudança.

O ateliê, onde reinavam costumes patriarcais, ainda não tinha sido tocado pela greve. Mas eis que um dia, sob um frio e triste entardecer, batem à porta. O homem que entrou fez sérias recriminações. Pedia que chamassem a proprietária do ateliê. Faína Silántievna Fetíssova apareceu e tentou acalmar os ânimos.

— Venham cá, meninas — chamou as costureiras e apresentou-as uma a uma ao visitante.

Ele as cumprimentou com um aperto de mão comovido e desajeitado e se foi, após combinar alguma coisa com Fetíssova.

De volta à sala, as costureiras começaram a se cobrir com os xales e a levantar os braços para vestir as mangas dos casacos apertados.

— O que está acontecendo? — perguntou Amália Kárlovna.

— Estamos nos retirando, madame. Estamos em greve.

— Mas o que eu… O que eu fiz de mal? — Madame Guichard começou a chorar.

— Não fique triste, Amália Kárlovna, não temos nada contra a senhora, ao contrário, somos muito agradecidas. Mas não se trata de nós e nem da senhora, está assim em toda parte, com todo mundo. E o que podemos fazer contra todo mundo?

Foram todas embora, até Ólia Diômina e Fetíssova. Esta, ao partir, sussurrou no ouvido da patroa que encenava essa greve para o bem da proprietária e da confecção. Mas Amália Kárlovna não se acalmava.

— Que negra ingratidão! Como a gente se engana com as pessoas! Essa moça, eu fiz tanto por ela! Bom, talvez seja ainda muito jovem, mas e essa velha feiticeira!

— Entenda, mãezinha, elas não podem abrir uma exceção para você — Lara tentava consolá-la. — Ninguém está ressentido com a senhora. Ao contrário, tudo o que está acontecendo neste momento à nossa volta é em nome do ser humano, em defesa dos mais fracos, para o bem das mulheres e das crianças. É sim, não abane a cabeça desse jeito, acredite. Isso trará dias melhores para nós, para a senhora e para mim.

Mas a mãe não entendia nada.

— É sempre assim — dizia ela, soluçando. — Quando estou com ideias confusas, você vem e diz uma besteira que me faz arregalar os olhos. Na minha cabeça, estão fazendo sujeira comigo, e segundo você isso é em favor dos meus interesses. Na verdade, acho que estou ficando louca.

Ródia estava na escola de cadetes. Lara e a mãe perambulavam sozinhas pela casa deserta. A rua sem iluminação mergulhava nos cômodos o seu olhar vazio. Os cômodos respondiam da mesma forma.

— Vamos ao hotel, mamãe, antes que escureça totalmente. Escutou, mamãe? Vamos logo.

— Filat, Filat! — chamaram o vigia. — Filat, por favor, nos acompanhe até o Hotel Tchernogórie.

— Sim, senhora.

— Leve as trouxas e, mais uma coisa, Filat, fique de olho na casa, por favor, até tudo isso acabar. E não se esqueça de pôr comida e água para Kirill Modéstovitch. E tranque tudo à chave. Ah, eu te peço, passe de vez em quando para nos ver.

— Sim, pode deixar, madame.

— Obrigada, Filat. Cristo te proteja. Bem, vamos sentar para nos despedir, e vamos com Deus.[15]

Ao saírem de casa, não reconheceram o ar da rua, como ocorre depois de uma longa doença. No espaço frio, os sons rolavam como uma noz em todas as direções, redondos e lisos, como se polidos num torno. Ouviam-se salvas de artilharia e tiros que rebentavam no horizonte.

Por mais que Filat tentasse convencê-las, Lara e Amália Kárlovna achavam que eram tiros de festim.

— Você é um tolo, Filat. Como pode não ser tiro de festim se não se vê quem atira? Quem você acha que atira? O Espírito Santo? Claro que é de festim.

Num cruzamento, foram parados por uma patrulha. Os cossacos os revistaram e apalparam dos pés à cabeça dando risadinhas. Com o boné deslocado para o lado, eles pareciam ter um olho só.

"Que felicidade!", pensava Lara. Ela não veria Komaróvski durante todo o

tempo em que estivessem isolados do resto da cidade! Ela não podia romper com ele, por causa da mãe. Não poderia dizer a ela: mamãe, não o receba. Nesse caso, teria de abrir o jogo. E daí? Por que razão temia isso? Ah, meu Deus, aconteça o que acontecer, que isso termine logo. Ah, Senhor! Senhor! Senhor! Ela vai desmaiar agora na rua de repulsa. Do que ela lembrou? Como se chamava aquele quadro horrível com um romano gordo que havia naquele quarto onde tudo começou? *Mulher ou vaso*. É assim, claro. Quadro famoso. *Mulher ou vaso*.[16] E ela ainda não era mulher o suficiente para se comparar àquela preciosidade. Isso veio depois. A mesa estava servida com tal luxo.

— Aonde você vai, correndo desse jeito? Não me deixe para trás — choramingava Amália Kárlovna, resfolegante e se deixando distanciar.

Lara andava rápido, como se caminhasse no ar levada por uma força orgulhosa e estimulante.

"Ah, que excitantes todos esses tiros", pensava. "Bem-aventurados os ultrajados, bem-aventurados os enganados. Deus lhes dê saúde, tiros! Tiros, tiros, vocês e eu somos da mesma opinião!"

20

A casa dos irmãos Gromeko ficava numa esquina da rua Sívtsev Vrájek. Aleksandr e Nikolai Aleksándrovitch Gromeko eram professores de química, o primeiro na Academia Petróvskaia, o segundo na universidade. Nikolai Aleksándrovitch era solteiro e Aleksandr Aleksándrovitch casado com Anna Ivánovna, nascida Kruger, filha de um fabricante, dono de uma fundição de ferro, que possuía minas abandonadas e improdutivas em uma imensa propriedade florestal perto de Iuriátin, nos Urais.

A casa tinha dois andares. Em cima ficavam os quartos, a sala de estudos, o gabinete de Aleksandr Aleksándrovitch e a biblioteca, o boudoir de Anna Ivánovna e os dormitórios de Tônia e Iúri; o andar de baixo destinava-se às recepções. Graças às cortinas cor de pistache, ao reflexo espelhado da tampa do piano, ao aquário, à mobília verde-oliva e às plantas ornamentais que

lembravam algas, esse andar dava a impressão de um fundo do mar ondulante, verde e sonolento.

Os Gromeko eram gente instruída, hospitaleira, grandes conhecedores e amantes da música. Eles recebiam em sua casa toda uma pequena sociedade e organizavam saraus de música de câmara, onde eram executados trios para piano, sonatas para violino e quartetos de corda.

Em janeiro de 1906, pouco depois da partida de Nikolai Nikoláievitch Vedeniápin para o exterior, deveria acontecer um desses concertos de câmara à rua Sívtsev Vrájek. Iriam tocar a nova sonata para violino de um compositor debutante da escola de Taniéev, e o trio de Tchaikóvski.

Os preparativos começaram na véspera. Os móveis foram deslocados para liberar a sala. Em um canto, o afinador retomava cem vezes a mesma nota e percorria o teclado com seus arpejos perolados. Na cozinha, depenavam-se as aves, lavavam-se os legumes e socava-se a mostarda no azeite para os molhos e as saladas.

Pela manhã, Chura Schlessinger, amiga íntima de Anna Ivánovna e sua confidente, veio aborrecer todo mundo.

Chura Schlessinger era uma mulher alta e magra, cujo rosto de traços regulares um pouco masculinos lembrava ligeiramente o tsar, sobretudo quando ela pousava sobre a orelha o chapéu cinza de astracã, que costumava usar em visita, apenas levantando um pouco o véu costurado nele.

Em períodos de desgraça e preocupações, o encontro entre as amigas trazia alívio a ambas. O alívio resultava do tratamento agressivo com que se dirigiam uma à outra. As cenas tempestuosas entre as duas sempre terminavam em lágrimas e reconciliação. Essas disputas regulares tinham um efeito calmante sobre elas, como as sanguessugas para a congestão.

Chura Schlessinger fora casada muitas vezes, mas assim que se divorciava, esquecia os maridos; ela lhes dava tão pouca importância que toda a sua maneira de ser conservava a independência de movimentos de uma mulher solteira.

Chura Schlessinger era teósofa, mas ao mesmo tempo conhecia tão perfeitamente toda a liturgia ortodoxa que até nos momentos em que estava

toute transportée,[17] em pleno êxtase, não podia se conter e soprava aos padres o que eles deveriam dizer ou cantar: "Ouve, Senhor…", "Em todos os tempos…", "A que é mais pura que os querubins…". Ouvia-se a toda hora a sua fala rápida, fanhosa e entrecortada.

Chura Schlessinger conhecia a matemática, a gnose hindu, sabia o endereço dos maiores professores do Conservatório de Moscou, quem estava vivendo com quem, e, Deus meu, o que ela não sabia? Por isso, era convidada para atuar como árbitro em circunstâncias graves.

Na hora marcada, as visitas começaram a chegar. Vieram Adelaída Filíppovna, Hintz, os Fufkóv, o sr. e a sra. Bassurmán, os Verjítski, o coronel Kavkáztsev. Nevava, e toda vez que abriam a porta principal, o ar passava em desordem diante dela, desfilando pequenos e grandes flocos como nós cintilantes. Os homens vinham do frio de botas largas e tinham a aparência lenta e descuidada, enquanto as mulheres, refrescadas pelo frio em seus casacões de pele desabotoados e xales que encobriam parte da cabeça salpicada de neve, ao contrário deles, pareciam astuciosas e pérfidas aventureiras. "É o sobrinho de Cui",[18] cochicharam à chegada do novo pianista, que vinha pela primeira vez à casa.

Do salão, através de duas grandes portas laterais abertas, percebia-se uma mesa posta, comprida como uma estrada de inverno nevada. Chamava a atenção o brilho cambiante da *riabínovka*[19] em garrafas facetadas. Os galheteiros com azeite e vinagre sobre as bandejas de prata seduziam a imaginação, enquanto a plasticidade das aves e dos petiscos, os guardanapos plissados em pirâmides que coroavam cada prato, o aroma de amêndoa exalado dos buquês de cinerária azul-lilás instigavam o apetite. Para não atrasar o tão esperado momento de degustação dos alimentos terrestres, apressaram ao máximo os espirituais. Tomaram lugar nas cadeiras enfileiradas do salão. Assim que o pianista sentou-se diante do seu instrumento, cochicharam novamente: "O sobrinho de Cui". O concerto começou.

A respeito da sonata, sabiam de antemão que era enfadonha, artificial e cerebral. Ela confirmou as previsões e ainda se revelou extremamente

prolixa.

No intervalo, o crítico Kerimbiékov e Aleksandr Aleksándrovitch discutiram sobre o assunto. O crítico a desacreditava e Aleksandr Aleksándrovitch a defendia. Ao redor deles, fumavam, moviam-se e trocavam cadeiras de lugar.

Mas de novo os olhares pousaram sobre a toalha bem passada que cintilava na sala vizinha. Todos propuseram prosseguir o concerto sem demora.

O pianista olhou o público de soslaio e acenou com a cabeça para os parceiros iniciarem. O violinista e o violoncelista Tichkiévitch posicionaram os arcos, e a música rebentou.

Iúri, Tônia e Micha Gordon, que agora passava metade da vida na casa dos Gromeko, sentavam-se na terceira fila.

— Egórovna está fazendo sinais para o senhor — murmurou Iúri para Aleksandr Aleksándrovitch, sentado à sua frente.

Agrafióna Egórovna, a velha e grisalha governanta dos Gromeko, estava na porta da sala e lançava olhares desesperados para Iúri, designando com a cabeça Alekandr Aleksándrovitch, dando a entender a Iúri que tinha urgência em falar com o patrão.

Aleksandr Aleksándrovitch girou a cabeça, lançou um olhar reprovador para Egórovna e deu de ombros. Mas Egórovna insistia. Logo se estabeleceu um diálogo de surdos entre os dois que começou a chamar a atenção. Anna Ivánovna fulminava o marido com o olhar.

Aleksandr Aleksándrovitch se levantou. Isso não podia mais continuar. Enrubesceu, atravessou a sala sem fazer ruído e se aproximou de Egórovna.

— Você não tem vergonha, Egórovna? Que bicho te mordeu? Fale rápido, o que houve?

Egórovna murmurou alguma coisa no ouvido dele.

— Que Tchernogórie?

— O hotel.

— E daí?

— Exigem a presença dele com urgência. Algum parente dele está

morrendo.

— E está morrendo agora. Que coisa. Impossível, Egórovna. Vou dizer depois que terminarem, falta só uma pequena parte. Neste momento, está fora de questão.

— O camareiro está esperando. E o cocheiro também. Estou dizendo ao senhor que alguém está morrendo, entende? Uma dama, da nobreza.

— Não e não. Cinco minutos não vão fazer diferença.

Com os mesmos passos silenciosos, colado à parede, Alekandr Aleksándrovitch voltou para seu lugar e sentou-se carrancudo, franzindo o cenho.

Ao fim do primeiro movimento, ele se aproximou dos músicos e, enquanto o público aplaudia, comunicou ao violoncelista Fadiéi Kazimírovitch que tinham vindo buscá-lo; que havia acontecido, parece, um acidente, e, portanto, seria necessário interromper o concerto. Em seguida, com um movimento das mãos fez cessar os aplausos e disse, elevando a voz:

— Senhoras e senhores. Será necessário interromper o trio. Prestemos nossa solidariedade a Fadiéi Kazimírovitch. Algo desagradável ocorreu, e ele terá de nos deixar. Eu não gostaria de abandoná-lo em semelhante momento. Minha presença pode lhe ser necessária, portanto, o acompanharei. Iúri, meu querido, vá dizer ao cocheiro que pode trazer a carruagem, ela já está atrelada há algum tempo. Senhoras e senhores, não estou me despedindo. Peço a todos que permaneçam. Minha ausência será breve.

Os meninos pediram permissão para acompanhar Aleksandr Aleksándrovitch nessa saída pela noite fria.

21

Embora a vida tivesse retomado seu curso normal após os acontecimentos de dezembro, ainda se ouviam tiros aqui e ali e ocorriam novos incêndios, que pareciam ser os últimos resquícios da insurreição.

Nunca antes o percurso lhes parecera tão longo e demorado como nessa

noite. As avenidas Smoliênski, Novínski e parte da Sadóvaia, por onde deviam passar, ficavam a dois passos de casa, mas a tempestade de neve e a neblina pareciam desmanchar o espaço em pequenos fragmentos isolados, como nunca visto no mundo. A fumaça revoluta das fogueiras em pleno vento, o estalar dos passos e o rangido dos patins dos trenós contribuíam para a impressão de que o percurso já durava sabe Deus quanto tempo, e que, apesar disso, ainda havia uma longa distância a cobrir.

Em frente ao hotel, havia um cavalo coberto por um xairel com as ranilhas enfaixadas, atrelado a um trenó elegante e estreito. O cocheiro estava sentado no banco e tinha a cabeça entre as mãos enluvadas para se aquecer.

No saguão estava quente; do outro lado da balaustrada, entre o vestiário e a entrada, um porteiro embalado pelo ruído do ventilador, pelo zumbido do aquecimento e pelo assovio do samovar em ebulição, dormia profundamente, despertando vez por outra com o ruído do próprio ronco.

À esquerda do saguão e de frente para um espelho havia uma mulher de rosto roliço, maquilado e enfarinhado de pó de arroz. Vestia um casaco de peliça, muito leve para a estação. A dama esperava alguém descer e, dando as costas ao espelho, examinava-se, ora por sobre o ombro direito, ora por sobre o esquerdo, para se certificar de que estava bem.

O cocheiro transido de frio surgiu à porta. Pela forma do seu cafetã, ele lembrava um pão doce daqueles de anúncio, e o turbilhão de vapor que se desprendia dele só fazia acentuar a semelhança.

— Ainda vão demorar, mam'selle? — perguntou à dama do espelho. — Você faz negócio com o outro e o teu cavalo é que congela.

O incidente no quarto 24 foi mais uma dessas bobagens que custam a habitual exasperação dos empregados. A todo instante ouve-se soar a campainha e surgem números no quadro da parede indicando o quarto cujo cliente, enlouquecido, nem sequer sabe o que deseja, mas ainda assim perturba os camareiros.

Naquele momento, tratava-se daquela velha tola da Guichard, que ingerira drogas no número 24; administravam-lhe eméticos para a lavagem

estomacal. A camareira Glacha estava extenuada de tanto limpar o chão e de ir e vir com baldes d'água. Mas a confusão havia começado bem antes desse corre-corre, antes de se virem obrigados a chamar um fiacre e enviar Teriéchka em busca de um médico e desse infeliz violoncelista; Komaróvski ainda não havia chegado, e o corredor ainda não estava apinhado dessa gente inútil que veio a se amontoar na porta do quarto, atrapalhando a passagem.

A confusão no hotel começou quando, naquela tarde, alguém, desajeitadamente, voltou-se do bufê contra uma passagem estreita e, por infelicidade, esbarrou no garçom Sissói no exato momento em que este, encurvado para a frente, tomara impulso da porta para o corredor com uma bandeja cheia, suspensa na mão direita. Sissói deixou cair a bandeja, a sopa derramou, e a louça se partiu: três pratos fundos e um raso.

Sissói afirmava que a culpa era da lavadora de pratos, que ela deveria responder por isso e pagar o dano. Ainda às onze da noite, hora em que a maioria dos funcionários deveria deixar o trabalho, não haviam chegado a um acordo e discutiam.

— As mãos e os pés dele tremem, não pode passar um dia e uma noite sem uma garrafa do lado como se fosse a esposa, o nariz enfiado na bebida como o bico de um pato e vão empurrar você pra quê, quebrar a sua louça e derramar a sua sopa? Quem foi que empurrou você, seu diabo caolho, seu coisa ruim? Quem empurrou você, sua hérnia de astracã, seu sem-vergonha?

— Eu já disse, Matriôna Stepânovna, veja lá como fala.

— Se ele ainda tivesse razão pra fazer esse barulho todo, mas vejam só! Uma madame de nada, cheia de não me toques, tomou veneno de rato por uma virgindade perdida. Moram em quartos de hotel e parece que nunca viram cadelas e galinhas.

Iúri e Micha davam voltas pelo corredor em frente à porta do quarto. Nada se passava como Aleksandr Aleksándrovitch havia imaginado. Ele esperava que, tratando-se de um violoncelista, a tragédia seria algo digno e limpo. Mas isso? Deus sabe o que é. Uma sujeira, algo escandaloso e absolutamente impróprio para crianças.

Os meninos marcavam passo no corredor.

— Entrem no quarto da titia, jovens senhores — era já a segunda vez que o camareiro os abordava e exortava em voz baixa. — Entrem, não se aflijam, ela já está melhor. Não podem permanecer aqui no corredor. Acabamos de ter uma infelicidade, quebraram louças muito caras. Temos que servir os clientes, e o corredor é muito apertado, precisamos de espaço. Entrem.

Os meninos obedeceram.

No quarto, o lampião de querosene aceso havia sido retirado do suporte que ficava ao lado da mesa e levado para a alcova, do outro lado do cômodo, detrás de um biombo de madeira que exalava odor de percevejo.

Aquele canto, que servia de quarto de dormir, ficava isolado da entrada e de olhares estranhos por um empoeirado reposteiro. Nesse momento, com a confusão, esqueceu-se de descer o cortinado, cujas pontas apoiavam-se sobre a parte alta do biombo; e o lampião, colocado em uma banqueta, projetava de baixo uma luz crua, como luzes de ribalta.

Madame Guichard tentara se envenenar com iodo, e não com arsênico como insinuara erroneamente a lavadora de pratos. O quarto estava impregnado de um odor adstringente de nozes frescas em cascas verdes ainda macias, que escurecem ao menor toque.

Por trás do biombo, uma empregada lavava o chão; e num choro ruidoso, inclinando sobre uma bacia de ferro a cabeça com mechas de cabelo coladas, uma mulher meio desnuda e empapada de água, suor e lágrimas, estava deitada na cama. Os meninos desviaram o olhar do espetáculo inconveniente e indecoroso. Mas Iúri teve tempo de observar com surpresa que a mulher, em certas posições desconfortáveis, sob o efeito de um esforço intenso, não se parece em nada com as representações artísticas, mais se assemelhando a um lutador desnudo com os músculos salientes em calção de competição.

Por fim, alguém por trás do biombo baixou o cortinado.

— Fadiéi Kazimírovitch, meu amigo, onde está a sua mão? Dê-me a mão — dizia a mulher com a voz embargada pelas lágrimas e pela náusea. — Ah, é atroz o que sofri! Eu suspeitei… Fadiéi Kazimírovitch… Imaginei… Mas, felizmente, era bobagem, agora eu sei, eu tenho muita imaginação. Fadiéi

Kazimírovitch, você não imagina que alívio! E o resultado… Aí está… Estou viva…

— Acalme-se, Amália Kárlovna, eu lhe peço, acalme-se. Isso tudo é tão constrangedor, sinceramente, constrangedor.

— Nós já vamos — resmungou Aleksandr Aleksándrovitch aos meninos.

Estes, sentindo-se desconfortáveis, mantiveram-se na entrada, na penumbra, e como não sabiam onde deveriam pousar os olhos, observavam o fundo do cômodo de onde haviam retirado o lampião. As paredes estavam cobertas de fotografias, havia uma prateleira com partituras, uma escrivaninha com papéis e álbuns amontoados. Ao lado de uma mesa coberta com toalha de crochê, uma moça dormia numa poltrona, seus braços enlaçavam o espaldar e apoiavam o rosto. Sem dúvida estava exausta, pois o barulho e a movimentação à sua volta não a despertavam.

A vinda deles era sem sentido, e a sua permanência inconveniente.

— Já vamos embora — repetiu Aleksandr Aleksándrovitch. — Assim que Fadiéi Kazimírovitch sair de lá de dentro, vou me despedir dele.

Mas, em lugar de Fadiéi Kazimírovitch, foi outro homem que saiu de trás do biombo. Era um homem robusto, barbeado, bem-apessoado e seguro de si. Trazia acima da cabeça o lampião que fora deslocado. Aproximou-se da mesa junto à qual dormia a moça e apoiou a luminária no suporte. A luminosidade a despertou. Ela sorriu, apertou os olhos e se espreguiçou.

Ao avistar o estranho, Micha estremeceu e cravou os olhos nele. Puxou Iúri pela manga e tentou dizer-lhe algo.

— Você não tem vergonha de cochichar na frente dos outros? O que vão pensar de você? — Iúri o interrompeu e não quis ouvi-lo.

Entrementes, parecia ocorrer uma cena muda entre a moça e o homem. Não diziam uma palavra um ao outro, apenas trocavam olhares. Mas o seu entendimento mútuo tinha algo de assustadoramente mágico, como se ele fosse o manipulador, e ela obedecesse aos movimentos da sua mão como uma marionete.

O sorriso fatigado que surgiu no rosto da moça entrecerrava os olhos e entreabria os lábios dela. Aos olhares lançados pelo homem, ela respondia

com uma piscadela maliciosa e cúmplice. Os dois estavam felizes com o fato de tudo ter terminado bem, de o segredo deles não ter sido descoberto e de a envenenada haver sobrevivido.

Iúri os devorava com os olhos. Da penumbra, onde ninguém podia vê-lo, ele observava como que hipnotizado o círculo iluminado pelo lampião. A visão da moça reduzida ao servilismo era indizivelmente misteriosa e atrevidamente reveladora. Sentimentos contraditórios se apoderavam dele e lhe apertavam o coração com uma força que até então ele ignorava.

Era a mesma força que ele, Tônia e Micha desprezavam com tanto ardor e que chamavam pelo nome sem sentido de "vulgaridade", essa coisa inquietante e atraente que com tanta facilidade eles rotulavam com palavras, com uma distância respeitosa. E agora, essa força, Iúri a tinha sob os olhos, ao mesmo tempo precisa e detalhada como um objeto e confusa como um sonho, impiedosamente devastadora e implorante, gritando a sua miséria; onde está agora a sua filosofia de criança, e o que lhe resta fazer?

— Você sabe quem é esse homem? — perguntou Micha, assim que saíram à rua. Iúri estava absorto em seus pensamentos e não respondeu. — Foi ele que fez o seu pai beber e o matou. Você lembra, no vagão, eu te contei.

Iúri pensava na moça e no futuro, e não no pai e no passado. Ele não entendeu bem o que Micha disse. O frio tornava a conversa difícil.

— Está com frio, Semion? — perguntou Aleksandr Aleksándrovitch ao cocheiro.

Partiram.

---

1. É costume na Rússia comemorar o dia do santo de mesmo nome da pessoa, de acordo com o calendário da Igreja ortodoxa.
2. *A noiva de Kasimov* (1879), romance histórico de Vsevold Soloviev (1849-1903). No século XV, a cidade de Kasimov, hoje na província de Riazan, foi a capital do reino tártaro de Kasimov.
3. Corporações de ofício.
4. Trata-se da Guerra Russo-Japonesa (1904-5).
5. Na Rússia imperial, proclamação do tsar ou do chefe da Igreja ortodoxa (patriarca) que

tinha força de lei.
6. Vila do Moageiro.
7. Gueórgui Apollonovitch Gapón (1870-1906) organizou a reunião dos trabalhadores russos de fábricas em São Petersburgo, com permissão da polícia, em 1904. Liderou a manifestação do Domingo Sangrento, em 1905. Serguei Iúrevitch Vitte (1849-1915), presidente do Conselho de Ministros, recebeu a declaração de Maksim Górki sobre o caráter pacífico da manifestação que viria a ser reprimida e conhecida como Domingo Sangrento.
8. *Sentido do amor* (1892-4), coletânea de cem artigos do filósofo Vladímir Soloviov, onde o autor desenvolve as suas concepções místicas do amor. *Sonata a Kreutzer* (1891), novela de Liev Tolstói.
9. Decadentismo: movimento ético e estético de fins do século XIX e início do XX.
10. *Sejamos como o sol* (1903), livro de poemas do simbolista Konstantin D. Balmont (1867-1943).
11. Canções populares.
12. *A tempestade* (1860), peça do dramaturgo Aleksandr Nikoláievitch Ostróvski (1823-86).
13. Eventos revolucionários organizados pelos trabalhadores de Présnia, distrito de Moscou, em dezembro de 1905.
14. *Bashlik*: gorro de origem tártara, com as pontas compridas de modo a enrolar no pescoço, como um cachecol.
15. Costume russo ainda vigente, sentar-se por um minuto em silêncio antes da partida é uma espécie de ritual para que a pessoa retorne.
16. Obra de 1878 do artista polonês Henryk Siemiradzki (1843-1902). O quadro retrata um homem num mercado de Roma que parece decidir entre comprar um vaso ou uma jovem escrava.
17. Em francês: "inteiramente transportada".
18. Trata-se do famoso compositor Cesar Cui (1835-1918), que formou com Borodín, Balakíriev, Mússorgski e Rímski-Kórsakov o "grupo dos cinco".
19. Coquetel feito do fruto vermelho da sorveira e vodca.

TERCEIRA PARTE
A FESTA DE NATAL DOS SVENTÍTSKI

1

Certa vez, num dia de inverno, Aleksandr Aleksándrovitch deu de presente a Anna Ivánovna um antigo guarda-roupa, comprado a preço de ocasião. Era um guarda-roupa de madeira escura de grande dimensão e, portanto, não passaria nas portas. Assim, trouxeram-no desmontado, introduziram-no na casa por partes e passaram a cogitar onde colocá-lo. Os cômodos de baixo, mais espaçosos, eram incompatíveis com sua função, e os do segundo andar eram pequenos para ele. Decidiu-se, então, alocá-lo no patamar da escada interna, próximo ao quarto dos donos da casa.

Para montar o guarda-roupa, chamaram o zelador. Markiél trouxe consigo a filha de seis anos, Marinka, a quem deram um pirulito de açúcar de cevada. Marinka fungava e lambia o açúcar e os dedos babados, enquanto observava, carrancuda, o trabalho do pai.

Durante algum tempo, tudo corria bem. O armário subia pouco a pouco sob o olhar de Anna Ivánovna. Mas no momento em que faltava apenas encaixar a parte superior, ela decidiu ajudar Markiél. Debruçou-se no alto do guarda-roupa, fez um movimento em falso e quebrou o tabique lateral, sustentado apenas por pinos fendidos. O nó com que Markiél havia atado as paredes do armário se desfez. Ao mesmo tempo que as prateleiras começaram a despencar, Anna Ivánovna tombou de costas no chão, machucando-se bastante.

— Ai, minha senhora! — disse Markiél, e correu para socorrê-la. — Que ideia foi essa, minha senhora! O osso, será que o osso está bom? Apalpe bem o osso. O osso é o principal, a carne não se preocupe, a carne logo sara, como se diz, serve só para a aparência das damas. E você, pare de chorar, sua tonta — ralhou com Marinka. — Limpe o nariz e vá procurar a sua mãe. Ai, minha senhora! Achou que eu não ia conseguir botar de pé essa velharia de vestidos?! A senhora pensou que eu não passo de um zelador, tem razão, mas a nossa natureza é a marcenaria, nós trabalhamos como marceneiros. A senhora não vai acreditar se eu disser quanta coisa passa pelas nossas mãos, de móveis, de armários desse tipo, para envernizar, alguns até de mogno ou de nogueira. Ou, por exemplo, quantos partidos eu perdi, quero dizer, noivas com herança, que passaram debaixo do meu nariz e sumiram, por assim dizer. E a razão é sempre a bebida, bebida forte.

Com a ajuda de Markiél, Anna Ivánovna caminhou gemendo e esfregando as costas até a poltrona que ele puxara para ela. O zelador cuidou de restaurar a ruína. Assim que terminou de colocar o teto do armário, disse:

— Agora faltam só as portas e depois podemos levá-lo à exposição.

Anna Ivánovna não gostava do guarda-roupa. Por seu aspecto e dimensões, parecia um cadafalso ou um mausoléu. Sentindo certo horror supersticioso, ela o denominou "Túmulo de Askold",[1] embora tivesse a intenção de se referir ao cavalo de Oliég,[2] aquele que traz a morte ao dono. Mulher de leituras desordenadas, Anna Ivánovna frequentemente confundia as noções.

Essa queda marcou para ela o início de uma predisposição a afecções pulmonares.

2

Anna Ivánovna passou todo o mês de novembro de 1911 de cama com pneumonia.

Na primavera seguinte, Iúri e Micha Gordon deveriam concluir a universidade, e Tônia, o curso superior feminino. Iúri se formaria em medicina, Tônia em direito, e Micha em filologia pela faculdade de

filosofia.

Tudo no coração de Iúri estava confuso e mutante; e tudo era extremamente original: suas opiniões, sua maneira de pensar e suas predisposições. Tinha uma sensibilidade singular, e suas impressões eram tão inovadoras que escapavam a qualquer descrição.

Apesar de todo o fascínio que a arte e a história exerciam sobre ele, Iúri não vacilou ao escolher a carreira. Da mesma forma que a alegria natural ou a tendência à melancolia não constituem um ofício, a arte não é uma vocação — pensava ele. A física e as ciências naturais o interessavam, e ele considerava que na vida prática era necessário ter uma profissão que fosse útil à sociedade. Assim, escolheu a medicina.

Quatro anos antes, quando cursava o primeiro ano, Iúri passou um trimestre inteiro dissecando cadáveres no subsolo da faculdade. Descia ao porão por uma escada circular. Os estudantes, alvoroçados, trabalhavam em grupos ou individualmente no anfiteatro de anatomia. Uns, rodeados por ossos, repassavam as aulas e folheavam velhos manuais usados e desgastados; outros anatomizavam corpos em silêncio pelos cantos; outros, ainda, faziam troça e caçavam os ratos que corriam em quantidade pelo chão de pedra do necrotério. Na penumbra, os cadáveres desconhecidos luziam como fósforos, fazendo arder os olhos com sua nudez: jovens suicidas não identificados, afogados bem conservados e ainda intactos. Os sais de alumínio que lhes eram injetados os rejuvenesciam e lhes davam um arredondamento falso. Os cadáveres eram dissecados e preparados, mas a beleza do corpo humano permanecia fiel a si mesma até no menor fragmento, de modo que o espanto diante do corpo inteiro de uma moça, brutalmente largado sobre uma mesa de zinco, era o mesmo que se experimentava diante de seu braço amputado ou de sua mão decepada. No porão, dominava o odor de formol e fenol, e sentia-se por toda parte a presença do mistério; era o destino desconhecido desses corpos estendidos, era o próprio mistério da vida e da morte que se instalava aqui à vontade, como em sua casa ou em seu quartel-general.

A voz desse mistério perseguia Iúri, encobrindo todo o resto, e o perturbava em seus exercícios de anatomia. Mas não era a única coisa que o

perturbava na vida. Uma vez acostumado a ela, a distração que essa voz propiciava com relação às suas ocupações práticas passou a não inquietá-lo mais.

Iúri sabia pensar e escrever muito bem. Desde o colégio, ele sonhava em escrever uma obra em prosa, um livro que descrevesse a vida e onde pudesse introduzir, dissimulados como ninhos explosivos, as imagens e os pensamentos que mais o haviam impressionado. Mas ainda era muito jovem para fazer esse livro, então, contentava-se em escrever versos, como um pintor que passasse a vida esboçando estudos para um grande quadro.

A esses versos, Iúri perdoava seu pecado de origem em favor de sua energia e originalidade. Considerava essas duas qualidades, a energia e a originalidade, representativas da realidade nas artes, que de outro modo são vãs, desnecessárias e sem objeto.

Iúri sabia perfeitamente o quanto devia ao tio pelas qualidades gerais do seu caráter.

Nikolai Nikoláievitch vivia em Lausanne. Nos livros que lá publicava em russo e em traduções, ele desenvolvia sua antiga ideia de que a história seria um segundo universo que o homem, com o auxílio dos fenômenos do tempo e da memória, teria edificado em resposta ao fenômeno da morte. O cerne desses livros estava em uma nova compreensão do cristianismo, e a sua consequência direta era a construção de uma nova visão da arte.

Esse conjunto de ideias teve sobre Micha Gordon mais influência do que sobre Iúri. Foram elas que o levaram a fazer da filosofia a sua especialidade. Ele seguia o curso de teologia da faculdade e, por vezes, chegava a sonhar em vir a ingressar na academia eclesiástica.

A influência do tio impulsionou Iúri e o libertou; ao contrário, ela acorrentou Micha. Iúri compreendia o papel que a origem do amigo exercia para que ele levasse o entusiasmo a tal extremo. Por tato e por delicadeza, Iúri não tentava demovê-lo dos seus estranhos projetos. Mas frequentemente desejava vê-lo empirista, mais próximo da realidade.

3

Certa noite, no fim de novembro, Iúri chegou tarde da universidade. Estava fatigado e não havia se alimentado. Disseram-lhe que o dia tinha sido terrível, que Anna Ivánovna fora acometida de espasmos, que muitos médicos estiveram à sua cabeceira e aconselharam chamar um padre, mas que depois abandonaram essa ideia. Agora, Anna Ivánovna estava melhor, tinha recobrado a consciência e pedira que Iúri fosse vê-la assim que chegasse.

Iúri obedeceu e se dirigiu ao quarto dela sem antes se trocar.

O quarto exibia as marcas da recente confusão. Uma enfermeira arrumava silenciosamente a mesinha de cabeceira. Em torno dela, espalhavam-se guardanapos amarrotados e toalhas úmidas que haviam servido de compressas. A água da bacia estava levemente rosada por escarros de sangue. Nela havia também cacos de ampolas de vidro e pedaços de algodão encharcados.

A doente estava inundada de suor e umedecia os lábios secos com a ponta da língua. Parecia nitidamente mais abatida do que de manhã, quando Iúri a viu pela última vez.

"Será que não erraram o diagnóstico?", pensou ele. "Todos os sintomas são de pneumonia aguda. Parece ser uma crise." Iúri cumprimentou Anna Ivánovna, disse-lhe uma dessas frases de encorajamento que se pronuncia sempre em casos semelhantes e em seguida pediu à enfermeira que os deixasse a sós. Pegando a mão de Anna Ivánovna para tomar o pulso, procurou com a outra mão o estetoscópio no bolso da jaqueta. Com um movimento de cabeça, ela o fez compreender que era inútil. Iúri percebeu que ela desejava alguma outra coisa. Reunindo forças, Anna Ivánovna disse:

— Queriam que eu me confessasse… A morte está próxima… Pode chegar a qualquer momento… Se você vai arrancar um dente, tem medo, dói, você se prepara… E agora, não é um dente, é toda, toda, toda você, toda a vida… glup, como tenazes… E o que é isso?… Ninguém sabe… E estou triste e com medo.

Anna Ivánovna se calou. As lágrimas rolavam pelo seu rosto. Iúri não dizia nada. Após um minuto, Anna Ivánovna continuou:

— Você é talentoso… Talento, isso… nem todos têm… Diga alguma coisa… Diga-me alguma coisa… Que me acalme…

— O que eu posso dizer… — respondeu Iúri, inquieto. Moveu-se na cadeira, levantou-se, deu alguns passos e sentou-se novamente. — Em primeiro lugar, amanhã a senhora estará melhor. Há sinais disso, eu ponho minha mão no fogo. E depois… a morte, a consciência, a fé na ressurreição… A senhora quer saber minha opinião de naturalista? Talvez outra hora? Não? Agora? Bem, como quiser. Mas é difícil, assim de repente.

E ele se surpreendeu ao improvisar toda uma conferência.

— A ressurreição. Essa ideia, sob a forma grosseira com que foi formulada para consolar os fracos, me é estranha. E o que Cristo disse sobre os vivos e os mortos, eu sempre entendi de outra forma. Onde iriam colocar todas essas multidões que se acumulam ao longo de milênios? O universo inteiro não é suficiente para todos eles, logo, Deus, o bem e a razão teriam de deixar o mundo. Do contrário, eles seriam esmagados pela multidão ávida e bestial.

"Mas o tempo todo, a vida sempre idêntica e infinita preenche o universo e se renova de hora em hora em inumeráveis combinações e metamorfoses. A senhora, por exemplo, se pergunta com inquietude se vai ressuscitar, quando, na verdade, já ressuscitou assim que nasceu, sem nem mesmo perceber.

"Pergunta se vai sofrer, se a carne terá consciência da sua degradação. Ou seja, em outras palavras, o que acontecerá com a sua consciência? Vamos analisar. Desejar conscientemente dormir, leva à insônia; se esforçar para tomar consciência da própria digestão, leva à perturbação nervosa. A consciência é um veneno, um instrumento de autointoxicação para o sujeito que o aplica em si mesmo. A consciência é uma luz dirigida para fora, a consciência ilumina a estrada à nossa frente para que não tropecemos. A consciência é um farol aceso à frente da locomotiva. Dirija-a para dentro e acontecerá uma catástrofe.

"O que acontecerá à sua consciência? Reitero, à *sua* consciência. Mas a

senhora mesma, o que é? É aí que está toda a questão. Vamos observar melhor. Do que a senhora se lembra? De qual parte, dentre todas as que a compõem, a senhora tem consciência? Dos seus rins, do seu fígado, das suas veias? Não. E por mais que tente se lembrar, sempre encontrará a si mesma no exterior, na ação, nas obras das suas mãos, na sua família, nos outros. E agora, escute. O homem presente nos outros — é justamente isso que é a alma do homem. É isso que a senhora é; cada indivíduo é o que respirou, o que o nutriu, o que deleitou a sua consciência ao longo de toda a vida. Isso é a sua alma, a sua imortalidade: a sua vida nos outros. E então? Em outros você esteve, em outros você será. E que diferença faz que isso se chame memória? Será você que entrou na construção do futuro.

"Por fim, uma última coisa. Não há por que se inquietar. A morte não existe. A morte não é assunto nosso. A senhora falou de talento. Sim, isso é outra coisa, isso é da nossa alçada, foi descoberto por nós. E o talento, no sentido mais elevado e vasto, é um dom da vida.

"Não haverá morte, disse são João, e veja como sua argumentação é simples. Não haverá morte porque o passado já passou. É quase como se dissesse: não haverá morte porque já é conhecida, porque é antiga e aborrecida, e agora precisamos do novo, e o novo é a vida eterna.

Enquanto falava, Iúri caminhava pelo quarto. — Durma — disse, aproximando-se da cama e pousando a mão sobre a cabeça de Anna Ivánovna. Após alguns instantes, ela adormeceu.

Iúri saiu do quarto em silêncio e pediu a Egórovna para enviar a enfermeira. "Com mil diabos", pensou ele, "estou me tornando um charlatão. Levo uma conversa e curo com o toque das mãos."

No dia seguinte, Anna Ivánovna estava melhor.

4

Anna Ivánovna se sentia cada vez melhor. Em meados de dezembro, tentou se levantar, mas ainda estava muito fraca. Aconselharam-na a permanecer deitada até se restabelecer.

Ela frequentemente mandava chamar Iúri e Tônia e passava horas a fio contando a eles as histórias da sua infância na propriedade do avô em Varíkino, próximo ao rio Rinva, nos Urais. Iúri e Tônia jamais haviam estado lá, mas a sua narrativa permitia a Iúri facilmente imaginar as cinco mil *dessiatinas*[3] de floresta secular e impenetrável, negra como a noite, transpassada aqui e ali pelo rio que descia, veloz e pedregoso entre as escarpas vertiginosas que margeavam os domínios dos Kruger.

Naqueles dias, preparavam-se os primeiros trajes de gala da vida dos jovens: um conjunto com sobrecasaca preta para Iúri e um vestido longo de cetim claro levemente decotado para Tônia. Eles deveriam estreá-los no dia 27, na tradicional festa em torno da árvore de Natal dos Sventítski.

As encomendas do alfaiate e da costureira chegaram no mesmo dia. Iúri e Tônia experimentavam-nas, satisfeitos, quando Egórovna veio chamá-los da parte de Anna Ivánovna. Assim como estavam, em suas roupas novas, dirigiram-se ao quarto dela.

Quando chegaram, Anna Ivánovna se ergueu sobre os cotovelos, virou-se para eles, pediu que dessem uma volta e disse:

— Muito bom. Simplesmente maravilhoso. Eu não sabia que a encomenda já estava pronta. Deixe-me ver, Tônia, mais uma vez. Não, está bom. Tive a impressão de que a ponta fazia um bico. Sabem por que os chamei? Mas antes quero trocar umas palavras com você, Iúri.

— Eu sei, Anna Ivánovna, eu mesmo mandei que lhe entregassem a carta. A senhora, assim como Nikolai Nikoláievitch, acha que eu não deveria declinar. Espere um pouco, vou explicar. Não fale muito. Vou explicar, embora a senhora já saiba bem do que se trata.

"Pois bem. Em primeiro lugar, existe a questão de que a herança Jivago serve unicamente para alimentar advogados e pagar custas de processos, porque herança de fato não existe, há apenas dívidas e negócios escusos. Se houvesse algum dinheiro para receber, por que eu o daria à justiça em vez de me beneficiar? Na verdade, o litígio é meramente formal e, em vez de ficar revolvendo tudo isso, acho melhor renunciar aos meus direitos sobre uma herança inexistente e cedê-los aos supostos rivais e impostores invejosos.

Há tempos escuto falar das pretensões de uma tal madame Alice que vive em Paris com os filhos sob o nome Jivago. No entanto, há novos pretendentes, talvez a senhora saiba, mas eu só tive conhecimento há pouco.

"Parece que, ainda com minha mãe viva, meu pai se apaixonou pela princesa Stolbunova-Enrítsi, uma mulher sonhadora e insensata, dizem. Eles tiveram um filho, hoje com dez anos, que se chama Evgraf.

"A princesa vive reclusa com o filho em uma casa isolada na região de Omsk e não se sabe do que ela vive. Mostraram-me uma fotografia da casa. É bonita, tem cinco janelas de vidro inteiriço e medalhões esculpidos na cornija. E nos últimos tempos, tenho tido a impressão de que essa casa de cinco janelas me observa com um olhar maligno, através dos milhares de verstas que separam a Rússia europeia da Sibéria, e que mais cedo ou mais tarde vai me trazer azar. Para que preciso desse capital imaginário, desses rivais surgidos artificialmente, de sua malevolência e inveja? Sem contar os advogados."

— Ainda assim, você não deveria renunciar — exclamou Anna Ivánovna. — Vocês sabem por que os chamei? Lembrei-me do nome dele. Lembram que ontem eu contava sobre o guarda-florestal? Pois ele se chamava Vakkh. Não é impressionante? Um monstro da floresta, todo negro e barbudo até às sobrancelhas e com o nome Vakkh! Ele tinha o rosto desfigurado, um urso o atacou, mas conseguiu se safar. E lá todos eram assim. Com nomes desse tipo. Monossilábicos. Sonoros e expressivos. Vakkh, Lupp. Ou, por exemplo, Favst. Imaginem, às vezes vinham nos anunciar um tal de Avkt, ou um tal de Frol, e isso eclodia como a salva de tiros da espingarda de caça do meu avô. Nós corríamos todos para a cozinha, e lá encontrávamos um lenhador-carvoeiro com um ursinho vivo ou o guarda de um destacamento longínquo com amostras de minerais. Meu avô anotava e dava algo para eles. Para uns, dinheiro, para outros, grãos ou munição. E diante das janelas, a floresta. E a neve, a neve! Mais alta que a casa — Anna Ivánovna teve um acesso de tosse.

— Chega, mamãe, está te fazendo mal — disse Tônia. Às exortações de Tônia, juntaram-se as de Iúri.

— Isso não é nada. Bobagem. A propósito, Egórovna me contou que vocês

hesitam em ir à festa de Natal depois de amanhã. Que eu não ouça mais essa tolice! Como vocês não têm vergonha! E logo você, Iúri, que médico está me saindo! Está decidido. Vocês irão e não se discute. Mas vamos voltar ao Vakkh. Esse Vakkh foi ferreiro na juventude. Numa briga, feriram as suas tripas. Ele fabricou outras de ferro. Como você é bobo, Iúri! Acha que não entendo? Claro que ele não fez isso literalmente. Mas era assim que o povo contava.

Anna Ivánovna foi sacudida novamente por um acesso de tosse, dessa vez bem mais longo. O acesso não passava. Ela ficou sem ar.

Iúri e Tônia se precipitaram até ela. Ficaram ombro a ombro ao lado da cama. Sempre tossindo, Anna Ivánovna segurou as mãos deles e as manteve juntas por algum tempo. Depois que recuperou o fôlego e a voz, disse-lhes:

— Se eu morrer, não se separem. Vocês são feitos um para o outro. Casem-se. Pronto, a combinação está feita — acrescentou e se pôs a chorar.

5

Na primavera de 1906, antes de passar para o último ano do colegial, os seis meses de relação com Komaróvski haviam ultrapassado todos os limites da paciência de Lara. Ele se aproveitava habilmente do abatimento dela e, quando necessário, sabia lembrar-lhe com discrição e sutileza a sua desonra. Essa lembrança levava Lara a um estado de confusão que interessa ao jogo de sedução de certos homens. E essa confusão a atava cada vez mais ao pesadelo emocional de que tanto se horrorizava, quando recobrava a lucidez. As contradições da loucura noturna eram inexplicáveis, como magia negra. Tudo era contrassenso e lógica inversa, dor lancinante que se exprimia em gargalhadas metálicas, luta e recusa que significavam consentimento; e a mão do carrasco estava coberta de beijos de reconhecimento.

Parecia que nunca teria fim. Mas na primavera, durante uma das últimas aulas do ano escolar, Lara pensou em como estaria exposta quando as aulas terminassem, já que a escola era o último refúgio contra os assédios de

Komaróvski, e tomou uma decisão que mudaria a sua vida por muito tempo.

Fazia muito calor naquela manhã, e uma tempestade se formava. As aulas aconteciam de janelas abertas. A cidade zunia ao longe em uma única nota, como abelhas ao redor da colmeia. Ouviam-se gritos de crianças que brincavam no pátio. O cheiro da relva fresca na terra e das folhagens novas desabrochando inebriavam, como a vodca e os *blinís* na Máslenitsa.[4]

O professor de história falava da expedição de Napoleão no Egito. Quando chegou ao desembarque em Fréjus, o céu escureceu, estalou e se partiu pela irrupção de um raio seguido de trovão; e através da janela, junto com o frescor, a ventania trouxe colunas de areia e de poeira. Duas alunas prestativas correram a chamar o inspetor para fechar as janelas, mas, no momento em que abriram a porta da sala, a forte corrente de ar levou todas as folhas de mata-borrão dos cadernos.

As janelas foram fechadas. Desabou um aguaceiro, uma chuva de cidade, suja, misturada com poeira. Lara arrancou uma folha do caderno e escreveu para a vizinha de mesa, Nádia Kologrívova:

"Nádia, preciso construir uma vida independente, longe da mamãe. Ajude-me a conseguir algumas aulas bem pagas. Você tem muitos conhecidos ricos."

Nádia respondeu:

"Estão procurando uma preceptora para Lipa. Venha trabalhar em nossa casa. Isso seria ótimo! Você sabe como papai e mamãe a querem bem."

6

Por mais de três anos, Lara viveu na casa dos Kologrívov como que abrigada por uma muralha de pedras. Nada podia atingir a sua independência, e nem mesmo a mãe e o irmão, dos quais se sentia cada vez mais distante, ocupavam seus pensamentos.

Lavrenti Mikháilovitch Kologrívov era um grande empreendedor, de espírito prático e moderno, talentoso e inteligente. Sentia pelo sistema moribundo um duplo ódio: o do homem extremamente rico com

capacidade suficiente para resgatar o tesouro do Estado, e o do homem saído do povo que percorreu um longo caminho até chegar a esse ponto fabuloso. Escondia proscritos em casa, fornecia advogados aos acusados políticos e, dizia-se em tom de brincadeira, subsidiava a revolução, sabotando sua própria situação de proprietário, ou seja, organizando greves em sua usina. Lavrenti Mikháilovitch era um excelente atirador e um caçador apaixonado; no inverno de 1905, ia religiosamente aos domingos à Floresta Serebriáni e à ilha Lossíni, onde dava treinamento de tiro aos grupos de insurgentes.

Era um homem memorável. E Serafima Filíppovna, sua mulher, se igualava a ele. Lara sentia por ambos uma admiração entusiasta. E todos na casa a amavam como se ela fosse da família.

Lara já vivia com a família havia três anos, sem preocupações, quando o seu irmão Ródia veio vê-la. Balançando-se presunçosamente sobre as pernas compridas e pronunciando as palavras de forma nasalizada, alongando-as para se dar ares de importância, ele contou que os cadetes da sua turma tinham juntado dinheiro para dar um presente de despedida ao diretor da escola, e que confiaram a ele a responsabilidade pela quantia e pela compra do presente. Mas que havia três dias ele perdera todo o dinheiro no jogo, até o último copeque. Após dizer isso, Ródia jogou-se desajeitadamente na poltrona e começou a chorar.

Lara gelou ao ouvi-lo. Soluçando, Ródia continuou:

— Ontem, eu procurei Komaróvski. Ele se recusou a falar comigo sobre esse assunto, mas disse que se você assim o desejar… Ele disse que embora você tenha deixado de amar a todos nós, continua a exercer um grande poder sobre ele… Lárotchka… Basta uma palavra sua… Você pode imaginar a vergonha que será para mim, como isso macula a honra do uniforme de cadete?… Vá até ele, o que isso custa a você? Peça a ele… Você não vai permitir que eu lave essa imprudência com o meu sangue…

— Lavar com sangue… Honra do uniforme de cadete — repetiu Lara com indignação, caminhando pelo quarto. — Como eu não uso uniforme, significa que não tenho honra e, portanto, pode-se fazer o que quiser comigo? Você entende o que está me pedindo, se dá conta do que ele está

propondo? Trabalhei ano após ano como Sísifo, e agora você aparece com essa indiferença, sem se importar que tudo o que eu construí vá pelos ares! Vá pro inferno! Mate-se, então. O que eu tenho a ver com isso? De quanto você precisa?

— Seiscentos e noventa rublos e alguns trocados, arredondando, setecentos rublos — disse Ródia com certa hesitação.

— Ródia! Não, você ficou louco! Você tem ideia do que está dizendo? Você perdeu setecentos rublos? Ródia! Ródia! Você sabe quantas horas uma pessoa normal como eu tem que dispender de trabalho honesto para alcançar uma soma como essa?

Depois de uma pausa, ela acrescentou de forma fria e alheia:

— Está bem. Vou tentar. Volte amanhã. E traga o revólver com que pretendia se matar. Ele vai passar a ser minha propriedade. E traga uma boa reserva de cartuchos, não esqueça.

Esse dinheiro, ela obteve de Kologrívov.

7

O serviço que prestava aos Kologrívov não impediu Lara de terminar os estudos, de ingressar no curso superior, cursá-lo com sucesso, e de se preparar para os exames finais, que deveriam acontecer no ano seguinte, em 1912.

Na primavera de 1911, sua pupila Lipa terminou a escola. Lipa já estava noiva do jovem engenheiro Friesendank, que pertencia a uma boa e abastada família. Os pais aprovavam a escolha dela, mas se opunham a que se casasse tão cedo e aconselhavam-na a esperar mais um pouco. Isso provocou um drama. A menina, mimada e caprichosa, a queridinha da família, gritava com os pais, chorava e esperneava.

Nessa casa rica, onde Lara era tratada como membro da família, não se mencionava e nem pareciam se lembrar da dívida que ela havia contraído para Ródia.

A essa altura, Lara já a teria quitado se não fossem as despesas contínuas

cuja destinação guardava segredo.

Sem que Pacha soubesse, ela enviava dinheiro ao pai dele, o deportado Antípov, que cumpria trabalhos forçados na Sibéria, e à mãe dele, mulher frequentemente enferma e ranzinza. Além disso, ajudava a pagar o quarto que Pável alugava, sem que este soubesse, completando a soma pelo quarto e pela comida diretamente com o proprietário.

Pável era um pouco mais jovem do que Lara, amava-a loucamente e lhe obedecia em tudo. Por insistência dela, ao terminar a escola técnica, fez os cursos de latim e grego para depois ingressar na faculdade de letras. Lara sonhava casar-se com ele no ano seguinte, depois que ambos obtivessem o diploma, e partir para alguma cidadezinha dos Urais, onde trabalhariam como professores — ele numa escola masculina, e ela num ginásio feminino.

O quarto em que Pacha morava fora encontrado e alugado por Lara de bons e tranquilos proprietários e ficava num prédio novo na travessa Kamerguérski, próximo ao Teatro Khudôjestveni.

No verão de 1911, Lara foi pela última vez à propriedade de Duplianka com os Kologrívov. Ela amava perdidamente esse lugar, mais até do que os próprios donos. Estes sabiam bem disso e havia um acordo tácito entre eles que era rigorosamente cumprido por ocasião dessas viagens: sempre que o trem quente e sujo, após deixá-los na estação, se afastava, e erguia-se um silêncio estonteante e aromático a perder de vista, a emoção dominava Lara e subtraía-lhe a fala; deixavam, então, que ela seguisse caminhando até a propriedade, enquanto eles, depois de fazerem transferir a bagagem, rumavam na carruagem para Duplianka, ouvindo o cocheiro, de camisa vermelha sob um colete de posta, contar as novidades locais da última temporada.

Lara caminhava ao longo da estrada pela trilha aberta pelos peregrinos e romeiros, entrando depois no atalho da várzea que levava à floresta. Ali ela se detinha, fechava os olhos e aspirava o ar de odores diversos da vastidão ao redor. Ele lhe era mais próximo que pai e mãe, mais doce que um bem-amado e melhor conselheiro que um livro. Naquele instante, o sentido da

existência voltava a se abrir para Lara. E ela compreendia que estava ali para vê-lo claramente na beleza alucinante da terra e para dar nome às coisas, mas se isso estivesse acima das suas forças, para dar nascimento, por amor à vida, a sucessores que o fariam em seu lugar.

Nesse verão, Lara chegou extenuada pelo excesso de trabalho que havia se imposto. Seu humor oscilava facilmente, e uma suscetibilidade sombria, até então estranha à sua natureza, passou a dominá-la. Esse traço acrescentava certa frivolidade ao caráter de Lara, que sempre se distinguira pela ausência de mesquinhez.

Os Kologrívov não queriam deixá-la partir. A afeição que dedicavam a ela não diminuíra. Mas quando Lipa passou a andar com as próprias pernas, Lara sentiu que sobrava naquela casa. Recusava o salário, mas forçavam-na a aceitar. Certamente ela precisava do dinheiro, mas estar na condição de hóspede e ganhar por isso era incômodo e praticamente sem sentido.

Lara considerava sua condição falsa e intolerável. Sentia que era um fardo para todos e que apenas evitavam demonstrar isso a ela. Era um sentimento penoso. Queria fugir até onde os olhos pudessem alcançar, para longe dos Kologrívov e de si mesma, mas entendia que não poderia fazer isso antes de devolver o dinheiro emprestado, e não sabia como consegui-lo. Sentia-se refém por culpa do estúpido desperdício de Ródia, e sua indignação impotente não lhe dava sossego.

Lara acreditava ver sinais de desdém em tudo. Se os amigos dos Kologrívov lhe testemunhavam uma atenção particular, isso significava que a tratavam como humilde "pupila" e presa fácil. Se a deixavam em paz, isso significava que era negligenciável e que nem sequer percebiam a sua presença.

Esses acessos de angústia não impediam Lara de tomar parte nas diversões da numerosa sociedade que se reunia na casa. Ela se banhava e nadava, passeava de barco, participava dos piqueniques noturnos do outro lado do rio, dos fogos de artifício e dos bailes improvisados. Atuava em espetáculos amadores e, com um entusiasmo ímpar, competia no tiro ao alvo com uma pistola Mauser, mas preferia o revólver leve de Ródia, que lhe dava grande

precisão, a ponto de dizer, por vezes, em tom de pilhéria, que lamentava ser mulher, pois isso lhe impedia a carreira de duelista. Mas quanto mais Lara se divertia, menos era feliz. Ela mesma não sabia o que queria.

Esses sentimentos se tornaram mais fortes quando voltaram à cidade. Aos aborrecimentos de Lara se juntaram pequenos desentendimentos com Pacha (ela cuidava de não brigar seriamente, pois via nele a sua última saída). Nos últimos tempos, Pacha adquirira certa presunção. O tom sentencioso da sua conversa parecia ridículo a Lara e ao mesmo tempo a entristecia.

Pacha, Lipa, os Kologrívov, o dinheiro, tudo isso rodava na cabeça de Lara. Sentia desgosto pela vida, parecia que ia enlouquecer. Tinha vontade de jogar para o alto todos os conhecidos, todas as experiências e começar algo novo. Esse era o estado de espírito que, no Natal de 1911, fez com que ela tomasse uma decisão fatal. Decidiu romper imediatamente com os Kologrívov e de alguma forma construir a sua vida sozinha e independente, mas para isso era necessário pagar a dívida, e iria pedir o dinheiro a Komaróvski. Lara considerava que depois de tudo o que houvera entre eles e dos últimos anos de liberdade reconquistada, ele tinha o dever de ajudá-la por cavalheirismo, sem necessidade de explicações, desinteressadamente e sem nenhuma sujeira.

Com esse objetivo, ela se dirigiu à Petróvskie Líni na noite de 27 de dezembro, levando consigo o revólver de Ródia após carregá-lo e baixar a trave de segurança. Tinha a intenção de atirar em Víktor Ippolítovitch caso ele se recusasse a ajudá-la, compreendesse o seu pedido de forma torpe ou a humilhasse de algum modo.

Em terrível agitação, ela caminhava pelas ruas festivas sem nada ver. O tiro imaginado já espocara em sua alma, com total indiferença quanto ao destinatário. Esse tiro era a única coisa de que tinha consciência. Ela o escutou durante todo o trajeto. Ele se dirigia a Komaróvski, a ela mesma, ao seu próprio destino e ao carvalho do prado de Duplianka com o alvo entalhado em seu tronco.

8

— Não toque no casaco — disse a Emma Ernéstovna, que com seus oh! e seus ah! estendia a mão para ajudar Lara a despir-se.

Víktor Ippolítovitch não estava em casa. Emma Ernéstovna continuava a convidar Lara para entrar e tirar o casaco.

— Não posso, estou com pressa. Onde ele está?

Emma Ernéstovna respondeu que ele estava numa festa natalina. Com o endereço em mãos, Lara desceu rapidamente a escada sombria, passando pelas janelas com brasões coloridos, e se lembrou vivamente de tudo; dirigiu-se para Mutchnói Gorodók, para a casa dos Sventítski.

Somente agora, ao sair pela segunda vez à rua, Lara observou o que havia ao seu redor. Era inverno. Era a cidade. Era noite.

Fazia um frio congelante. As ruas estavam cobertas por uma camada de gelo escura e grossa como o fundo de uma garrafa de cerveja quebrada. Respirava-se com dificuldade. O ar carregado de geada parecia titilar e espetar Lara com cerdas eriçadas, assim como a pele cinzenta do casaco que a irritava, entrando em sua boca. Com o coração palpitante, ela percorria as ruas desertas. Pelo caminho, via-se fumaça nas portas dos cafés e das bodegas. Da neblina, emergiam rostos gelados, vermelhos como salame, e focinhos peludos de cavalos e de cachorros em caramelos de gelo. As janelas, cobertas por uma grossa camada de gelo e neve, pareciam calafetadas com giz, e em sua superfície opaca viam-se mover os reflexos coloridos das árvores de Natal iluminadas e as sombras dos convivas em comemoração, como se, através de panos brancos estendidos diante de uma lanterna mágica, projetassem sombras chinesas aos passantes.

Ao chegar à travessa Kamerguérski, Lara se deteve. “Não posso mais, não vou aguentar”, quase exclamou em voz alta. “Vou subir e contar tudo a ele”, pensou, dominando-se, e empurrou a porta pesada do vestíbulo imponente.

9

Pacha, vermelho pelo esforço, a língua pressionando a bochecha, debatia-se em frente ao espelho na tentativa de vestir o colarinho duro e fazer passar um pequeno botão que lhe escapava. Aprontava-se para sair e era ainda tão cândido e puro que se envergonhou à entrada repentina de Lara, que, sem bater, surpreendeu-o em traje incompleto. Ele imediatamente percebeu o estado de agitação dela. Lara, com as pernas bambas, caminhava puxando a saia pelas pregas como se estivesse atravessando um rio a vau.

— O que há com você? O que aconteceu? — perguntou, alarmado, correndo ao encontro dela.

— Sente-se ao meu lado. Assim como você está, sem terminar de se arrumar. Estou com pressa. Tenho que sair logo. Não toque no casaco. Espere. Vire-se de costas um momento.

Ele obedeceu. Lara vestia um conjunto inglês. Tirou a jaqueta, pendurou-a num prego e transferiu o revólver de Ródia do casaco para o bolso da jaqueta. Retornando ao divã, disse:

— Agora pode olhar. Acenda a vela e apague a luz.

Lara gostava de conversar na penumbra, à luz de vela, e Pacha sempre guardava um pacote delas de reserva. Ele trocou o toco de vela por uma nova, pousou o castiçal sobre o parapeito da janela e acendeu. A chama absorveu a estearina, quase se apagou, lançou estrelinhas faiscantes e se acentuou em flecha. O quarto foi iluminado por uma claridade suave. No gelo que cobria a vidraça, começou a se desenhar um olhinho negro.

— Escute, Patúlia — Lara disse. — Estou em dificuldades. Preciso que me ajude a sair delas. Não se assuste nem me faça perguntas, mas pare de pensar que somos como todo mundo. Não descanse nunca. Estou sempre em perigo. Se você me ama e quer deter meu passo à beira do abismo, não espere mais, case-se logo comigo.

— Mas esse é o meu desejo constante — interrompeu ele. — Marque logo o dia, o dia que você quiser, estou pronto. Mas me diga claramente o que há com você, não me atormente com enigmas.

Mas Lara desviou a conversa e eludiu discretamente a questão. Eles ainda conversaram longamente sobre diversos temas que não tinham nenhuma

relação com o objeto da angústia de Lara.

10

Naquele inverno, Iúri estava escrevendo um trabalho científico sobre os elementos nervosos da retina com vistas a obter a medalha de ouro da universidade. Apesar de ter se especializado em clínica geral, tinha um conhecimento bastante aprofundado sobre o olho, como o de um futuro oftalmologista.

Esse interesse na fisiologia da visão revelava outros aspectos da sua natureza, como os seus dons criativos e as suas reflexões sobre a essência da imagem artística e sobre a estrutura da ideia lógica.

Tônia e Iúri dirigiam-se de trenó para a festa de Natal dos Sventítski. Eles já viviam lado a lado havia seis anos, desde o fim da infância e início da adolescência. Conheciam um ao outro nos menores detalhes. Tinham hábitos comuns, uma forma particular de trocar frases curtas e de responder inclinando-se levemente. É o que eles faziam nesse instante, com os lábios cerrados de frio, entrecortavam os longos silêncios com observações curtas. E cada um seguia o curso dos seus pensamentos.

Iúri pensava na proximidade do concurso e que precisava se apressar para terminar o trabalho, mas com a agitação das festas de fim de ano, que se fazia sentir nas ruas ao redor, o fio das suas ideias desviou-se para outros assuntos.

Os estudantes da faculdade de letras editavam uma revista mimeografada, e Gordon era o redator. Iúri lhes prometera havia tempos um artigo sobre Blok.[5] Toda a juventude das duas capitais delirava com Blok, e ele e Micha mais que os outros.

Mas esses pensamentos também não se detiveram por muito tempo. Com o queixo afundado na gola do casaco e esfregando as orelhas geladas, Iúri e Tônia pensavam sobre coisas diversas. Em um ponto, porém, seus pensamentos se encontravam.

A cena recente no quarto de Anna Ivánovna os fez renascer. Era como se

vissem as coisas com clareza e já não olhavam um para o outro da mesma maneira.

Tônia, a antiga companheira, essa clara evidência que dispensava explicações, era agora para Iúri o que havia de mais inacessível e complicado, Tônia era uma mulher. Ao preço de certo esforço de imaginação, Iúri podia se ver subindo ao cume do Ararat, como um herói, um profeta, um conquistador, o que quisesse, mas nunca com uma mulher.

E essa tarefa dificílima, que a tudo superava, Tônia tomou sobre os ombros magros e frágeis (nesse momento ela subitamente pareceu a Iúri magra e frágil, apesar de ser uma moça saudável). E ele submergiu nessa ardente compaixão e tímida surpresa que é o início da paixão.

Os sentimentos que Tônia experimentava em relação a Iúri eram semelhantes.

Iúri pensava que tinham feito mal em sair de casa. Tomara não acontecesse nada na ausência deles. E veio-lhe uma lembrança. Sabendo que o estado de Anna havia piorado, eles foram vê-la, já em trajes de festa, e se prontificaram a ficar ao seu lado. Ela, com a mesma rispidez de antes, insurgiu-se contra essa ideia e exigiu que partissem. Iúri e Tônia então passaram por trás das cortinas da janela para observar o tempo. Ao saírem dali, as duas peças de tule das cortinas se prenderam às suas roupas novas, e quando Tônia se afastou alguns passos, levou consigo o tule como um véu de noiva. Todos no quarto riram da semelhança que saltava aos olhos, sem necessidade de palavras.

Iúri olhava ao redor e via aquilo que, um pouco antes, despertara a atenção de Lara. O barulho que o trenó fazia não era natural, nem o eco prolongado que ele levantava sob as árvores congeladas dos jardins e avenidas. As janelas, iluminadas do interior e calafetadas pelo gelo, lembravam preciosos porta-joias de topázio cinza lapidado. Através delas, vislumbrava-se a vida festiva de Moscou, as árvores de Natal flamejantes, os convivas reunidos, pessoas fantasiadas que como bobas brincavam de esconde-esconde e de passa-anel.

Súbito, veio a Iúri a ideia de que Blok era como um fenômeno de Natal

em todos os domínios da vida russa, na vida cotidiana da cidade do norte e na novíssima literatura, sob o céu estrelado das ruas contemporâneas e em torno da árvore de Natal iluminada nos salões do século presente. Ele pensava que escrever um artigo sobre Blok seria desnecessário, que melhor seria simplesmente escrever uma versão russa da *Adoração dos Magos*, como fizeram os holandeses, com neve, lobos e um bosque escuro de pinheiros.

Eles passavam agora pela travessa Kamerguérski, e Iúri notou um buraquinho negro na camada de gelo derretida de uma das janelas. Através desse buraquinho, brilhava a chama de uma vela que parecia projetar sobre a rua um olhar consciente, como se vigiasse os passantes e aguardasse alguém.

"A vela queimava sobre a mesa. A vela queimava…", Iúri murmurava para si o início de alguma coisa confusa, ainda informe, na esperança de que a continuação viesse por si mesma, voluntariamente. Mas não veio.

11

Desde tempos imemoriais, a festa de Natal dos Sventítski se organizava da seguinte forma: às dez horas, depois que as crianças se recolhiam, acendia-se a segunda árvore de Natal para os jovens e adultos, que se divertiam até o amanhecer. Os mais idosos passavam a noite jogando cartas na sala pomposa de três paredes, constituída como prolongamento do salão e dele separada por uma cortina espessa e pesada, suspensa por grandes anéis de bronze. Ao amanhecer, todos ceavam.

— Por que chegaram tão tarde? — perguntou George, sobrinho dos Sventítski, ao passar apressado por eles, dirigindo-se aos aposentos em que se encontravam os tios. Iúri e Tônia, enquanto despiam os casacos, lançaram um rápido olhar pelo salão e decidiram segui-lo para saudar os donos da casa.

Cingida por uma profusão de auréolas luminosas contínuas, a árvore de Natal parecia exalar um sopro ardente. Diante dela, movia-se uma muralha dos que não dançavam, mas caminhavam e conversavam em meio ao frufru

dos vestidos.

No centro, os dançarinos rodavam com frenesi. Era o filho do vice-procurador, o jovem Koka Kornakóv, aluno do Liceu Imperial, que os comandava, agrupava-os em duplas e fileiras, gritava de um canto a outro da sala: "*Grand rond! Chaîne chinoise!*" e todos obedeciam; "*Une valse, s'il vous plaît!*", gritava ao pianista e, encabeçando a primeira volta, levava a sua dançarina *à trois temps, à deux temps*[6] ralentando e diminuindo o passo até a quase imperceptível troca dos pés no mesmo lugar, ao som da valsa que esmorecia. Todos aplaudiam, e empregados entravam para servir sorvetes e bebidas refrescantes a essa multidão barulhenta e tagarela. Os jovens e moças entusiasmados cessavam por um instante de gritar e de rir, engoliam com uma pressa ávida os sucos de frutas e limonadas geladas e, assim que depositavam as taças na bandeja, recomeçavam as gritarias e os risos, dez vezes mais potentes, como se tivessem ingerido uma substância hilariante.

Sem entrar no salão, Tônia e Iúri foram até os donos da casa na parte mais recuada da residência.

12

Os cômodos privados dos Sventítski estavam abarrotados de objetos, retirados da sala de visitas e do salão para abrir espaço. Ali é que se encontrava a cozinha mágica dos donos da casa, o depósito natalino. O lugar exalava odor de tinta e cola, rolos de papel colorido espalhavam-se em desordem e caixas empilhadas de papelão guardavam estrelas para as quadrilhas e uma reserva de velas para a árvore de Natal.

Os velhos Sventítski etiquetavam os presentes, preenchiam os cartões que marcavam os lugares à mesa e numeravam bilhetes para o sorteio. George os ajudava, mas com frequência se atrapalhava com a numeração e era repreendido pelos velhos. Ficaram encantados ao ver Iúri e Tônia, conheceram-nos ainda pequenos e, sem nenhuma cerimônia ou discussão, encarregaram-nos do trabalho.

— Felitsata Semiônovna não entende que deveria ter se preocupado com

isso antes, em vez de deixar para o auge da festa, na presença dos convidados. Ah, que confusão está fazendo com os números, George. O combinado era deixar as caixas de bombom sobre a mesa e as vazias no sofá, e você embaralhou tudo de novo.

— Fico feliz em saber que *Anette* está melhor. Eu e *Pierre* estávamos preocupados com ela.[7]

— Sim, querida, mas acontece que ela está pior, pior, entende, com você é tudo sempre *devant-derrière*.[8]

Iúri e Tônia passaram metade da noite com os velhos e George nos bastidores.

13

Durante todo o tempo que eles ficaram com os Sventítski, Lara estava no salão. Embora não estivesse em trajes de festa e não conhecesse ninguém ali, ora abandonava-se nos volteios de Koka Kornakóv como num sonho, ora vagueava em círculos pelo salão.

Uma ou duas vezes parou indecisa à porta da sala de jogos na esperança de ser notada por Komaróvski. Mas Komaróvski só olhava para as cartas que segurava na mão esquerda em forma de leque e, ou de fato não a via, ou fingia não vê-la. Essa afronta sufocava Lara. Em certo momento, entrou no salão uma moça que Lara não conhecia, e Komaróvski lançou para ela aquele olhar tão familiar a Lara. A moça, lisonjeada, sorriu de volta, enrubesceu e se iluminou. Ao ver isso, Lara quis gritar. Sentiu uma imensa vergonha, a testa e o pescoço enrubesceram. "Uma nova vítima", pensou. Como num espelho, Lara reviu a si mesma e toda a sua história. Mas ainda não havia renunciado à ideia de falar com Komaróvski e, decidindo deixar a tentativa para um momento mais favorável, procurou acalmar-se e voltou ao salão.

Mais três pessoas jogavam à mesa de Komaróvski. Um dos parceiros, sentado ao lado dele, era pai do jovem que dançara com Lara. Foi o que Lara concluiu das poucas palavras trocadas com seu cavalheiro enquanto

valsavam pelo salão. Quanto à mulher alta e morena, vestida de preto, olhos alucinados e ardentes, pescoço de serpente desagradavelmente tenso, que passava a todo instante da sala ao salão, onde o filho exercia sua maestria, e do salão à sala, onde jogava o marido, essa mulher era a mãe de Koka Kornakóv. Enfim, Lara soube por acaso que a moça que havia provocado nela aqueles sentimentos conflitantes era a irmã de Koka Kornakóv, e que suas considerações não tinham fundamento.

— Kornakóv — apresentara-se Koka a Lara logo no começo. Mas ela não tinha entendido bem. — Kornakóv — ele repetiu, após darem a última volta pelo salão, quando a levava até a poltrona, fazendo-lhe uma reverência.

Dessa vez ela entendeu. "Kornakóv, Kornakóv", repetia tentando se lembrar de algo. "Esse nome me diz alguma coisa. Alguma coisa desagradável." Depois se lembrou. Kornakóv era o procurador da câmara judicial de Moscou. Fora ele que pronunciara a acusação contra o grupo de ferroviários, junto aos quais Tiviérzin havia sido julgado. Na ocasião, Kologrívov, a pedido de Lara, foi procurá-lo para tentar minorar os efeitos daquele processo, mas não conseguiu dobrá-lo. "Então é isso! Ora, ora. Curioso. Kornakóv. Kornakóv."

14

Devia ser uma ou duas da manhã. O barulho fazia zunir o ouvido de Iúri. Depois de um intervalo para o chá com *petit-fours* na sala de jantar, as danças recomeçaram. Quando as velas apagavam, já não eram mais substituídas.

Iúri estava distraído no meio do salão e observava Tônia dançar com um desconhecido. Quando deslizava à frente dele, com um movimento da perna, ela empurrava a cauda longa do vestido de cetim e desaparecia na multidão de dançarinos.

Tônia estava entusiasmada. No intervalo, na sala de jantar, recusara o chá e aplacara a sede com tangerinas, retirando, uma após outra, as cascas aromáticas. A todo instante, puxava da cinta ou da manga um lenço de

cambraia tão pequeno quanto as flores de uma árvore frutífera, e enxugava os filetes de suor em torno dos lábios e entre os dedos pegajosos. Rindo e conversando com animação, voltava a guardar maquinalmente o lenço na cintura ou no babado do colete.

Agora, ao dançar com um desconhecido e, rodopiando, esbarrar em Iúri, que se afastava e franzia o cenho, Tônia apertava-lhe a mão e sorria expressivamente. Numa dessas vezes, deixou na mão dele o lencinho de cambraia. Iúri o levou aos lábios e fechou os olhos. O lenço exalava um odor de tangerina misturado ao calor das palmas da mão de Tônia. Era algo novo na sua vida, algo que até então não havia experimentado, algo agudo que o atravessava da cabeça aos pés. O odor era infantil e ingênuo e tinha o tom íntimo de uma palavra pronunciada a meia-voz na obscuridade. Iúri não se mexia, os olhos fechados e os lábios no lenço que aspirava. De repente, um tiro retiniu na casa.

Todos se voltaram para a cortina que separava o salão da sala de jogos. O silêncio durou um minuto. Depois começou a correria. Todos se agitavam e gritavam. Alguns correram atrás de Koka Kornakóv em direção ao local de onde partira o tiro, mas logo retornaram ao salão; ameaçavam, choravam e discutiam, cortando a palavra uns dos outros.

— O que ela fez, o que ela fez? — repetia Komaróvski em desespero.

— Bória, você está vivo? Bória, você está vivo? — gritava histericamente a sra. Kornakóva ao marido. — Disseram que o dr. Drókov está aqui entre os convidados, mas onde está ele, onde está? Ah, deixem, por favor! Como podem dizer que é só um arranhão? Ele é a razão da minha vida. Oh, meu pobre sofredor, acusador de todos esses criminosos! Ei-la, ei-la, a maldita, canalha, vou arrancar-lhe os olhos, sua canalha! Não vai fugir! O que disse, sr. Komaróvski? No senhor? Ela atirou no senhor? Não, não acredito. Aconteceu uma tragédia, sr. Komaróvski, volte a si, a hora não é para brincadeiras. Koka, Kókotchka, o que tem para me dizer? Em seu pai… Sim… Mas a mão de Deus… Koka! Koka!

A multidão voltou ao salão. No centro, gracejando alto e assegurando a todos que não tinha nada, caminhava o procurador Kornakóv, apertando

com um guardanapo limpo o arranhão da mão esquerda que sangrava. Outro grupo mais atrás trazia Lara pelos braços.

Iúri ficou estupefato ao vê-la. "É ela!" E de novo… em que circunstâncias extraordinárias! E de novo esse homem grisalho! Mas agora Iúri já o conhecia. Era o eminente advogado Komaróvski, envolvido com a herança Jivago. Podiam não se cumprimentar, Iúri e ele fingiam não se conhecer. Mas ela… Então foi ela que atirou? No procurador? Alguma questão política, certamente. Coitada. Vai lhe custar caro. Como ela é linda e altiva! E esses! Os diabos prendem e torcem os braços dela como se fosse uma ladra pega em flagrante.

Mas logo ele percebeu que estava enganado. As pernas de Lara fraquejavam, seguravam-na pelos braços para que não caísse e levaram-na com dificuldade até a poltrona mais próxima, onde desabou.

Iúri correu até ela para fazê-la recobrar os sentidos, mas, por conveniência, decidiu antes mostrar interesse à suposta vítima do atentado. Ele se aproximou de Kornakóv e disse:

— Solicitaram um médico, eu posso ser útil. Deixe-me ver a mão. Bem, o senhor teve sorte. Isso não é nada, não há necessidade de enfaixá-la. Um pouco de iodo não faria mal. Ali está Felitsata Semiônovna, vamos pedir a ela.

Nesse momento, a sra. Sventítskaia e Tônia, lívidas, aproximaram-se de Iúri. Disseram-lhe para deixar tudo de lado e apanhar o casaco, pois tinham vindo buscá-los, havia ocorrido algo em casa. Iúri se assustou, supôs o pior e, esquecendo tudo o mais, correu para vestir o sobretudo.

15

Anna Ivánovna já não estava mais viva quando eles entraram correndo na casa da Sívtsev Vrájek. A morte ocorrera dez minutos antes da chegada deles. A causa fora um acesso prolongado de asfixia em decorrência de um edema pulmonar agudo que não havia sido diagnosticado a tempo.

Nas primeiras horas, Tônia gritava como louca, contorcia-se em

convulsões e não reconhecia ninguém. Pela manhã, estava mais calma, escutava pacientemente o que lhe diziam o pai e Iúri, mas só podia responder com um aceno de cabeça, pois quando abria a boca, a dor a dominava e os gritos recomeçavam descontrolados como se estivesse possuída.

Nos intervalos do réquiem Tônia passava horas inteiras ajoelhada ao lado da morta, abraçando com seus belos e longos braços um canto do caixão e a borda do cavalete que o apoiava, coberto de coroas de flores. Não notava ninguém à sua volta. Mas quando seus olhos encontravam os de seus próximos, levantava-se precipitadamente e saía a passos largos da sala, segurando o choro; corria pela escada até o quarto e enterrava nos travesseiros as explosões do desespero que a sacudia.

Na alma de Iúri, a tristeza, as longas horas que passara de pé, a vigília, o baixo profundo dos cantos mortuários, a luz ofuscante das velas que brilhavam noite e dia e o resfriado que tinha apanhado formavam uma suave confusão, uma euforia delirante, uma exaltação fúnebre.

Dez anos antes, quando enterraram sua mãe, ele era ainda bem pequeno. Lembrava-se até hoje de como chorava inconsolável, fulminado pela tristeza e pelo medo. O principal, então, não estava nele. Ele, na época, imaginava que havia um Iúri que existia em separado e que apresentava interesse ou valor. O principal era o que havia ao redor, no exterior. O mundo exterior que rodeava Iúri por todos os lados era palpável, intransponível e incontestável como um bosque, e se a morte da mãe o havia abalado tanto, era porque ele havia se perdido com ela no bosque e súbito se vira sozinho, sem ela. Esse bosque eram todas as coisas do mundo: as nuvens, as placas da cidade e as esferas nas torres de vigia dos bombeiros, os cavaleiros que galopavam à frente da carruagem da Mãe de Deus com orelheiras à guisa de boné sobre a cabeça descoberta na presença da Santa. Essa floresta eram as vitrines das lojas nas galerias e a inacessível altura do céu noturno habitado por estrelas, Deus e os santos.

Essa inacessível altura do céu baixava pertinho dele menino na barra da saia da *niánia*,[9] quando esta lhe contava histórias sagradas e tornava-se

próxima e familiar como o topo das aveleiras, quando inclinam os galhos na ravina para colhermos suas nozes. O céu como que mergulhava com a criança na bacia dourada e, banhado em fogo e ouro, transformava-se nas matinas ou nas grandes missas da igrejinha para onde a *niánia* o levava. Na igrejinha, as estrelas celestes eram as lamparinas dos ícones, o bom Deus era o padre, e todos atuavam conforme suas aptidões. Mas o importante era o mundo real dos adultos e a cidade que o rodeava como uma floresta sombria. Com toda a sua fé semisselvagem, Iúri acreditava no Deus guardião dessa floresta.

Hoje as coisas eram bem diferentes, após todos esses doze anos de escola, ensino médio e superior. Iúri havia estudado a Antiguidade e as leis de Deus, as lendas e os poetas, as ciências do passado e as da natureza, como se fossem uma crônica familiar ou uma genealogia. Já não temia nada, nem a vida, nem a morte, todas as pessoas e coisas existentes eram nomes do seu glossário. Sentia-se em pé de igualdade com o universo, e a forma com que assistiu aos ofícios solenes para Anna Ivánovna foi totalmente diversa daquela com que outrora havia velado sua mãe. Naquela época, a dor o fazia se esquecer de si, sentia medo e rezava. Agora, ouvia o réquiem como uma comunicação que lhe era pessoalmente dirigida e que lhe concernia diretamente. Estava atento às palavras e exigia que expressassem um sentido claro, que é o que se espera de qualquer assunto sério; e o sentimento que experimentava frente aos poderes supremos da terra e do céu nada tinha a ver com devoção. Iúri era seu herdeiro e se inclinava diante desses poderes como se diante de grandes predecessores.

16

"Deus santo, Deus todo-poderoso, Deus imortal, tende piedade de nós." O que é isso? Onde está ele? Estão retirando. Estão levando o corpo. Preciso acordar. Às seis da manhã, ele arriara no sofá, vestido. Provavelmente tinha febre. Agora, procuravam-no por toda a casa e ninguém imaginava que pudesse estar dormindo tão pesadamente no canto recuado da biblioteca,

por trás das altas estantes de livros.

— Iúri! Iúri! — chamava-o de um lugar próximo o zelador Markiél. Já se iniciava a retirada do corpo, Markiél deveria levar as coroas para baixo, não encontrava Iúri e, ainda por cima, o cúmulo do azar, tinha ficado preso no cômodo em que estavam as coroas, porque a entrada fora bloqueada pela porta do enorme guarda-roupa, que se abrira, impedindo a sua saída.

— Markiél, Markiél! Iúri! — chamavam lá de baixo.

Markiél, de um só golpe, acertou as contas com o obstáculo e desceu correndo a escada com algumas coroas nos braços.

"Deus santo, Deus todo-poderoso, Deus imortal…", o canto, como um sopro suave, estendia-se ao longo da rua e ali permanecia suspenso como se acariciasse o ar com uma pluma, envolvendo tudo ao redor: as coroas, os passantes, as cabeças com penacho dos cavalos, o incensório preso à corrente nas mãos do padre, a terra branca sob os pés.

— Iúri! Finalmente, meu Deus! Acorde, por favor! — disse Chura Schlessinger, sacudindo-o pelo ombro. — O que houve com você? Estão levando o corpo. Você vem conosco?

— Sim, claro.

17

A missa de corpo presente chegou ao fim. Os peregrinos, pulando de um pé para outro de frio, comprimiam-se em duas fileiras. O carro funerário, o cabriolé com as coroas de flores e a carruagem dos Kruger balançaram e começaram lentamente a se deslocar. Havia muitas carruagens em frente à igreja. A chorosa Chura Schlessinger veio do templo, levantou o véu úmido e percorreu o grupo de cocheiros com um olhar inquisidor. Ao avistar os carregadores da empresa funerária, chamou-os com um movimento de cabeça e desapareceu com eles no interior da igreja. A multidão que saía de lá era cada vez mais numerosa.

— É, chegou a vez de Anna Ivánovna. Deixou-nos, a pobrezinha, ganhou um bilhete para bem longe.

— Sim, já dançou o suficiente, a coitada. A borboleta foi descansar.

— Você está com cocheiro, ou vai pegar o carro número 11?

— Vamos caminhar um pouco e esticar as pernas, depois pegamos a carruagem.

— Percebeu como Fufkóv está emocionado? Ele não tirou os olhos da defunta, chorou todas as lágrimas, fungava, quase a comia com os olhos. E bem ao lado do marido dela.

— Passou a vida inteira de olho nela.

Com essas conversas, a multidão se arrastava para o cemitério, do outro lado da cidade. Nesse dia, sentia-se o recuo do frio congelante. Era um dia de um peso imóvel, um dia de liberação do gelo e de abandono da vida; um dia como que concebido pela natureza para o enterro. A neve suja parecia luzir através de um véu de crepe; por detrás das paliçadas, os pinheiros molhados observavam, sombrios como prata escurecida, e pareciam de luto.

Era o mesmo cemitério em que repousava Maria Nikoláievna. Nos últimos anos, Iúri não havia retornado ao túmulo da mãe. "Mamãezinha", murmurou ele com uma voz que era quase a mesma daquela época distante, olhando ao longe o lugar onde a sepultaram.

As pessoas se dispersavam com solenidade e rebuscamento pelas aleias preservadas, cujas sinuosidades reticentes não combinavam com a regularidade fúnebre dos seus passos. Aleksandr Aleksándrovitch dava o braço a Tônia. Atrás deles, seguiam os Kruger. Tônia ficava bem de luto.

As correntes que pendem das cruzes alocadas nas cúpulas e as paredes cor-de-rosa do monastério estavam salpicadas de um gelo barbudo parecido com mofo. Ao longe, num canto recuado do pátio, sobre cordas estendidas de uma parede a outra, havia roupas lavadas: camisas de mangas pesadas, toalhas cor de pêssego, lençóis enviesados e mal torcidos. O olhar de Iúri se deteve ali, e ele percebeu que, apesar de modificado por novas construções, era exatamente o local do monastério em que, naquela noite, vira a terrível tempestade.

Iúri caminhava sozinho, ultrapassava os outros e às vezes se detinha para esperá-los. Em resposta à devastação que a morte deixara no grupo que o

seguia a passos lentos, um movimento imperioso como o da água, que impulsionada para o fundo cava turbilhões, levava-o a sonhar e a pensar, a se apegar às formas e a criar beleza. Agora, mais do que nunca, estava claro para ele que a arte possui sempre duas preocupações: reflete constantemente sobre a morte e, por essa reflexão, cria incansavelmente a vida. A grande arte, decerto, a arte verdadeira, aquela denominada Revelação de João,[10] e também a que a completa.

Iúri saboreava antecipadamente o momento em que desapareceria por dois ou três dias do horizonte familiar e universitário e escreveria versos em memória de Anna Ivánovna; versos nos quais tudo o que lhe viesse ao espírito encontraria lugar: todas as imagens fortuitas que a vida pudesse lhe soprar, alguns dos traços mais belos da morta, a imagem de Tônia enlutada, o que havia notado na rua ao retornar do cemitério, a roupa estendida no local onde outrora uma tempestade feroz havia esbravejado na noite e uma criança havia chorado.

---

1. Personagem mítico do século IX, guerreiro e governante, um dos fundadores da Rússia.
2. Príncipe de Kíev, morto quando uma cobra atacou o seu cavalo.
3. *Dessiatina*: antiga medida agrária russa, equivalente a 1,09 hectare.
4. *Blinís*: panquecas russas com recheios variados. Máslenitsa: festa popular que ocorre oito semanas antes da Páscoa ortodoxa, entre a segunda e a quarta-feira; semelhante ao Carnaval no Ocidente.
5. Aleksandr Aleksándrovitch Blok (1880-1921), poeta simbolista russo.
6. Em francês: "Grande volta! Corrente chinesa!". [...] "Uma valsa, por favor". [...] "em três tempos, em dois tempos".
7. Referência a Anna Ivánovna e a Piotr Sventítski.
8. Em francês: "às avessas".
9. Babá, em russo.
10. Referência ao Apocalipse.

QUARTA PARTE
A HORA DO INEVITÁVEL

1

Lara delirava sobre a cama de Felitsata Semiônovna. Em torno dela, cochichavam os Sventítski, o dr. Drókov e a criada.

A casa deserta dos Sventítski estava mergulhada na escuridão, e apenas no meio da comprida fileira de quartos, em uma pequena saleta, brilhava na parede uma lâmpada opaca que projetava luz por toda a extensão da galeria.

Por essa galeria, Víktor Ippolítovitch ia e vinha a passos raivosos e decididos, como se estivesse em sua própria casa. Ora dava uma espiada no quarto para ficar ao corrente do que sucedia, ora se dirigia ao lado oposto da casa, passava em frente à árvore de Natal com suas bolas prateadas e seguia até a sala de jantar, onde a mesa se dobrava sob o peso das iguarias intocadas e onde as taças verdes tilintavam sempre que um carro passava na rua ou um camundongo corria sobre a toalha entre os pratos.

Komaróvski estava exasperado, sufocado por sentimentos contraditórios. Que escândalo! Que vergonha! Espumava de raiva. Sua situação estava comprometida. Esse incidente abalava a sua reputação. Tinha de prevenir os mexericos a todo custo enquanto ainda era cedo, e se a notícia já tivesse se espalhado, sufocá-la de qualquer forma, cortar o barulho. Por outro lado, sentia de novo o quão irresistível era essa moça louca e desesperada. Via-se ao primeiro olhar que ela não era como as outras. Havia nela sempre algo de insólito. Mas estava claro que ele havia mutilado a vida dela para sempre. O

tempo todo ela se agitava, se revoltava e protestava, ansiosa de refazer o destino do seu jeito, de recomeçar a sua existência!

Era necessário ajudá-la, sob todos os pontos de vista, mas não tocar mais nela de forma alguma, ao contrário, afastar-se para não lhe fazer sombra, pois de outra forma… era uma moça que podia ainda inventar Deus sabe lá o quê, já se viu bem isso!

E as preocupações que ainda estavam por vir! Uma história desse tipo pode ir longe. Existe a lei. Ainda era noite, não haviam se passado mais que duas horas do acontecimento, e a polícia já se apresentara duas vezes, e as duas vezes Komaróvski teve de se ver com eles na cozinha, para dar explicações ao sargento e tentar arranjar as coisas.

Mas tudo isso se complicará ainda mais. Serão exigidas provas de que o alvo de Lara era ele, e não Kornakóv. E o negócio não vai parar aí. Ela poderá se livrar de uma parte da responsabilidade, mas estará sujeita a outras perseguições judiciais.

Evidentemente, ele se oporá a tudo isso com todas as forças, e se mesmo assim o processo for instruído, ele fornecerá laudos e conclusões de algum exame psiquiátrico para certificar a irresponsabilidade de Lara no momento do atentado, e obterá a cessação das perseguições.

Diante dessa última ideia, Komaróvski se acalmou um pouco. A noite passou. Raios de luz se insinuavam pelas frestas das janelas, espiando sob as mesas e divãs como ladrões ou avaliadores de casas de penhor.

Komaróvski foi ao quarto se informar sobre Lara e, ao saber que ela não melhorara, deixou a casa dos Sventítski para procurar Rufina Oníssimovna Voit-Voitkóvskaia, uma jurista conhecida sua, mulher de um emigrado político. Ela vivia em um apartamento de oito cômodos que então lhe era muito custoso e grande, cuja manutenção estava além dos seus recursos, e por isso disponibilizara dois quartos para locação. Um deles tinha sido liberado havia pouco. Komaróvski alugou-o para Lara. Algumas horas depois, já a transportavam, em estado delirante, para lá.

2

Rufina Oníssimovna era uma mulher de ideias avançadas, inimiga de preconceitos, que simpatizava, segundo sua expressão, com tudo o que havia em torno dela de "positivo" e de "viável".

Ela tinha sobre a cômoda um exemplar do programa de Erfurt[1] com uma dedicatória do autor. Uma das fotografias fixadas na parede do seu quarto representava o marido, "meu bom Voit", ao lado de Plekhánov, em uma festa popular na Suíça. Estavam ambos de chapéu-panamá e terno de alpaca.

Já à primeira vista, Rufina Oníssimovna sentiu aversão pela inquilina, tomando-a por uma perfeita dissimulada. As crises de delírio de Lara lhe pareciam pura e simples desfaçatez. Ela poderia jurar que Lara representava o papel da Margarida louca na prisão.[2]

Rufina Oníssimovna exprimia seu desprezo a Lara por gestos de agitação. Batia as portas, cantava em voz alta junto ao quarto da moça, arejava os quartos o dia inteiro.

O apartamento ficava no último andar de uma grande casa da rua Arbat. Desde o solstício de inverno, suas janelas eram inundadas pelo céu azul-claro, vasto como um rio em época de cheia. Durante toda a segunda metade do inverno, o apartamento ficava repleto de sinais e prenúncios da primavera.

Um vento quente vindo do sul soprava pelos postigos; nas estações de trem, as locomotivas rangiam; e a doente, em seu leito, se abandonava ao ócio das recordações distantes.

Frequentemente revia a primeira noite que passaram em Moscou, assim que chegaram dos Urais, uns sete ou oito anos antes, na sua infância inesquecível.

Da estação de trem ao hotel, atravessaram toda Moscou em uma carruagem descoberta, por ruas pouco iluminadas. Os lampiões se aproximavam e se afastavam, projetando nos muros das casas a sombra encurvada do cocheiro. A sombra crescia, crescia, atingia dimensões gigantescas, cobria a calçada, os telhados, depois sumia, para reaparecer mais

adiante.

Na escuridão, ouvia-se no alto o badalar dos sinos das quarenta vezes quarenta igrejas de Moscou,[3] e embaixo o ruído dos bondes que deslizavam em todos os sentidos. Mas as vitrines e as luzes também atordoavam Lara, como se produzissem sons à semelhança dos sinos e das rodas.

Lara ficou impressionada com o tamanho gigantesco de uma melancia pousada sobre a mesa do quarto do hotel. Foi como Komaróvski saudou a chegada deles à nova residência. Lara viu nessa melancia o símbolo do poder e da riqueza de Komaróvski. Quando Víktor Ippolítovitch, com um facão, partiu em dois pedaços essa maravilha verde-escura com polpa gelada e açucarada, Lara prendeu a respiração de medo, mas não ousou recusar, e com esforço engoliu os pedaços cor-de-rosa e aromáticos, que a emoção fez entalar em sua garganta.

E assim como se intimidou diante da fruta cara e da vida noturna, também se deixaria intimidar mais tarde pelo próprio Komaróvski, e era aí que estava o segredo principal de tudo o que depois veio a acontecer. Mas agora ele estava irreconhecível. Não exigia nada, não dava sinal de vida, não aparecia. Mantinha-se à distância e prontificava-se a ajudar no que fosse preciso de maneira nobre.

Totalmente diferente, foi a visita de Kologrívov. Lara ficou muito feliz em vê-lo. Se ele preenchia uma boa parte do espaço com a sua pessoa, vivacidade e talento transbordante, era menos pela altura e corpulência do que pelo fogo do olhar e pela inteligência do sorriso. O quarto parecia menor.

Sentou-se de frente para a cama e esfregou as mãos. Quando era convocado pelo Conselho de Ministros de São Petersburgo, ele se entretinha com os velhos veneráveis como se fossem garotos de escola. Mas esta que estava deitada à sua frente fazia parte da família, era quase uma filha, e com ela, assim como com os membros da família, só trocava rápidos olhares e observações. (É o que dava um charme particular às suas conversas lacônicas, os dois sabiam bem disso.) Ele não podia tratar Lara como uma adulta, com pesar e indiferença. Não sabia como lhe falar de forma que não

a ferisse, e lhe disse sorrindo como a uma criança:

— O que a senhorita foi aprontar, minha amiguinha? Para que servem esses melodramas? — Ele se calou e se pôs a observar as manchas de umidade do teto e os desenhos do papel de parede. Em seguida, balançando a cabeça em tom de reprovação, prosseguiu: — Em Dusseldorf será inaugurada uma exposição internacional de pintura, escultura, horticultura… Estou pensando em ir. Como é úmido aqui! E a senhorita pretende flanar por muito tempo entre o céu e a terra? Não se pode dizer que se sinta muito à vontade aqui. Essa madame Voit, aqui entre nós, não vale nada. Eu a conheço. Mude-se. A senhorita já ficou bastante tempo deitada. Esteve doente, mas já basta. Está na hora de se levantar. Mude de quarto, retome os estudos e termine o curso. Tenho um amigo que é pintor, vai passar dois anos no Turquestão. Ele tem um ateliê dividido por tabiques, mas falando sinceramente é bem pequeno. Parece que pretende deixá-lo em boas mãos com o mobiliário. Quer que eu arranje isso? Há também outra coisa. Permita-me, como homem de negócios dessa vez. Eu queria há muito tempo… é para mim uma obrigação sagrada… Depois que Lipa… Aceite uma pequena soma em recompensa para os seus últimos exames… Não, permita-me, permita-me. Eu lhe peço, não se obstine… Aceite, eu lhe peço.

Ao se retirar, ele a forçou, a despeito de sua resistência e lágrimas, e até uma pequena rusga, a aceitar de sua mão um cheque de dez mil rublos.

Ao se restabelecer, Lara se mudou para o novo lar tão alardeado por Kologrívov. Situava-se bem perto do mercado de Smoliênski. O apartamento ficava no alto de uma pequena casa de pedra de dois andares, uma construção antiga. No andar de baixo havia um entreposto comercial. A casa era habitada por carroceiros. O pátio pavimentado estava sempre abarrotado de aveia e feno. Os pombos, arrulhando, iam e vinham por ali. Voavam em bandos barulhentos, mas nunca acima da janela de Lara; às vezes, ratos corriam em tropel ao longo da calha de pedra do pátio.

Pacha estava muito magoado. Quando Lara adoecera seriamente, não o deixaram vê-la. E como ele poderia se sentir? Lara tinha tentado matar um homem que, aos olhos de Pacha, lhe era indiferente; depois, encontrou-se sob a proteção desse mesmo homem que fora vítima do seu atentado malsucedido. E tudo isso logo após a conversa memorável que tiveram na noite de Natal, à luz de velas. Se não fosse por esse homem, Lara seria presa e condenada. Mas ele conseguiu deter o castigo que a ameaçava. Graças a ele, ela poderia terminar os estudos. Pacha se atormentava, não sabia o que pensar.

Quando se sentiu melhor, Lara o chamou e lhe disse:

— Eu sou má, você não me conhece. Um dia contarei tudo. Não posso falar nisso agora, vê, as lágrimas me sufocam. Mas me deixe, esqueça-se de mim, eu não o mereço.

Seguiram-se cenas de cortar o coração, cada uma mais dolorosa que a outra. Voitkóvskaia — pois isso se passou ainda na época em que Lara habitava na rua Arbat —, ao ver o rosto desolado de Pacha, corria para os seus aposentos, atirava-se no sofá e contorcia-se de tanto gargalhar, repetindo: "Eu não aguento, não aguento! Realmente… Hihihi! Um herói! Hahaha! Um verdadeiro Ieruslán Lázarevitch!".[4]

Para livrar Pacha de uma relação degradante, para cortar o mal pela raiz e pôr fim aos seus tormentos, Lara declarou que rompia definitivamente com ele porque não o amava, mas ela soluçava tanto ao pronunciar essa abjuração que era impossível acreditar no que dizia. Pacha desconfiava de tudo o que ela dizia, não acreditava em uma só palavra, estava pronto a maldizê-la, a odiá-la, e, ao mesmo tempo, amava-a diabolicamente, sentia ciúmes de seus pensamentos íntimos, da xícara na qual bebia e do travesseiro em que dormia. Para não enlouquecer, devia agir de forma rápida e decidida. Assim, marcaram o casamento para antes do término dos exames. A data proposta inicialmente foi o primeiro dia após a Quaresma.[5] A pedido de Lara, no entanto, o casamento foi adiado de novo.

Casaram-se no dia de Pentecostes, depois que o sucesso de ambos nos exames finais já era coisa certa. Liudmila Kapitónovna Tchepurko, mãe de

Túcia Tchepurko, colega de Lara que também se formava, encarregou-se dos preparativos. Liudmila Kapitónovna era uma mulher bonita, de peito alto e voz grave, boa cantora e de muita imaginação. Às superstições e às crendices correntes, que conhecia bem, acrescentava uma enorme quantidade de outras, inventadas por ela mesma.

Fazia um calor terrível quando Lara foi "conduzida sob a coroa de ouro",[6] expressão que Liudmila Kapitónovna amava cantarolar com voz de baixo à moda cigana de Panina[7] enquanto arrumava a noiva, antes da partida. As cúpulas de ouro das igrejas e a areia fresca das aleias eram de um amarelo ofuscante. As folhas empoeiradas das bétulas, cortadas de véspera para o dia de Pentecostes, pendiam tristemente dos gradis dos templos, enrolando-se em tubos como se uma chama as houvesse tocado. Respirava-se mal, e os olhos turvavam-se com a luz do sol. Podia-se jurar que milhares de casamentos estavam sendo celebrados, pois todas as moças tinham os cabelos frisados e as roupas claras como noivas, e todos os rapazes usavam brilhantina e ternos pretos bem ajustados. Todo mundo estava agitado, todo mundo sentia calor.

No momento em que Lara pisou o tapete do altar, Lagódina, mãe de uma amiga, atirou a seus pés um punhado de moedas de prata em sinal de prosperidade, enquanto, com a mesma intenção, Liudmila Kapitónovna aconselhava-a a não estender a mão nua para se persignar quando estivesse sob a coroa, e sim a outra, a mão semicoberta pela pontinha do tule ou pela renda do vestido. Depois, disse a Lara que segurasse a vela bem alto, pois assim se tornaria a chefe da casa, mas esta, sacrificando o seu futuro a Pacha, abaixava a vela o máximo possível, embora o fizesse em vão, pois a despeito dos seus esforços, sua vela terminava sempre mais alta que a dele.

Da igreja, foram diretamente festejar no ateliê do pintor, que Antípov reformara. Uns convidados gritavam: "Está amargo, não dá pra beber", e do outro lado respondiam em coro: "Tem que adoçar", e os jovens noivos se beijavam com um sorriso tímido.[8] Liudmila Kapitónovna, em homenagem aos recém-casados, cantou "Vinograd", retomando o refrão: "Que Deus vos dê amor e concórdia", e também a canção "Desfaça-se a pesada trança,

soltem-se os louros fios".

Depois que todos partiram e os noivos ficaram a sós, estabeleceu-se um silêncio que causou a Pacha certo desconforto. No pátio, em frente à janela de Lara, uma lâmpada brilhava no poste e, por mais que Lara tentasse encobrir a luz com a cortina, uma faixa sempre penetrava em algum interstício. Esse raio de luz incomodava Pacha, como se alguém o vigiasse. E ele percebia com horror que estava mais preocupado com a lâmpada do que consigo, com Lara e com o seu amor por ela.

Durante essa noite, longa como a eternidade, o até ontem estudante Antípov, "Stepanida" ou "Moça Rubra", como o chamavam os colegas, alcançou o cúmulo do prazer e o fundo do desespero. As confissões de Lara acordavam nele novas suspeitas. Ele perguntava, e a cada resposta dela seu coração desfalecia como se voasse sobre um abismo. Sua imaginação ferida não alcançava o ritmo das novas descobertas.

Conversaram até o amanhecer. Na vida de Antípov, nenhuma mudança havia sido tão surpreendente e repentina como a daquela noite. Pela manhã, ele era outra pessoa, quase se admirava de ainda ter o mesmo nome.

4

Dez dias mais tarde, os amigos organizaram uma despedida para eles no próprio ateliê. Pacha e Lara haviam terminado os exames de forma brilhante e foram ambos convidados para trabalhar na mesma cidade dos Urais. Eles deveriam partir no dia seguinte pela manhã.

Novamente beberam, cantaram e se divertiram, mas dessa vez só os jovens.

Por trás do biombo, que separava o quarto do estúdio em que se reuniam as visitas, amontoavam-se duas cestas de vime de Lara, uma mala, uma caixa com louças e alguns sacos. Era muita bagagem. Uma parte dela seguiria de trem pela manhã. Estava quase tudo pronto, mas ainda faltavam algumas coisas. A caixa e os cestos permaneciam abertos, ainda com espaço. Lara, de vez em quando, lembrava-se de algo, que levava para trás do biombo e

ajeitava no cesto, acomodando as peças.

Pacha já estava em casa com as visitas quando Lara, que havia ido buscar a certidão de nascimento e alguns outros papéis, voltou acompanhada do porteiro, com uma esteira e um rolo de barbante grosso para embalar a carga que seria enviada. Lara despachou o porteiro, cumprimentou as visitas, abraçou alguns, beijou outros e foi se trocar. Quando retornou por de trás do biombo, todos bateram palmas, gritaram, se acomodaram e teve início a algazarra, como no dia do casamento. Os mais ativos começaram a servir vodca aos vizinhos; um festival de mãos armadas de garfos se estendeu para o centro da mesa a fim de espetar um pão ou outras comidas e aperitivos nas travessas. Depois de molhar a garganta, já todos discursavam, grasnavam e gracejavam. Alguns se embebedaram rapidamente.

— Estou exausta — disse Lara ao marido, sentado ao seu lado. — E você, conseguiu fazer o que precisava?

— Sim.

— Mesmo cansada, estou me sentindo maravilhosamente bem. Estou feliz. E você?

— Eu também, estou bem. Mas essa é uma longa conversa.

Excepcionalmente, admitiram a presença de Komaróvski. Ao final da festa, ele quis dizer que se sentia órfão com a partida dos jovens amigos, que Moscou se tornaria um deserto para ele, um Saara, mas estava tão emocionado que começou a soluçar e teve de repetir toda a frase interrompida pela emoção. Ele pediu aos Antípov a permissão de se corresponder com eles e de ir visitá-los em Iuriátin, a nova residência do casal, caso não suportasse a separação.

— Isso já é demais — respondeu Lara em voz alta e sem dar atenção. — Nada disso tem sentido: correspondência, Saara e seja lá o que for. E nem pense em nos visitar. Deus fará com que sobreviva sem nós, não somos os únicos, não é verdade, Pacha? Vai encontrar substitutos para os seus jovens amigos.

E, esquecendo-se totalmente do interlocutor e do que falavam, Lara se lembrou de algo, levantou-se com pressa e foi até a cozinha. Lá, desatarraxou

o moedor de carne e pôs-se a enfiar as peças desmontadas pelos cantos da caixa de louça, protegendo-as com chumaços de feno. Ao fazê-lo, quase machucou o dedo com uma farpa que se desprendeu da caixa.

Ocupada com isso, esqueceu-se de que estava com visitas e deixou de ouvi-las, até que de repente elas deram sinal de vida com uma explosão de berros do outro lado do biombo. E Lara pensou no esforço que os bêbados gostam de fazer para parecer embriagados, e que, no entanto, quanto mais bêbados, menos talentosos e mais amadores.

Nesse momento, um som diferente e singular vindo do pátio pela janela aberta atraiu sua atenção. Lara afastou a cortina e se debruçou no parapeito.

No pátio, um cavalo com as patas amarradas deambulava, mancando. Lara não sabia a quem pertencia. Provavelmente havia se desgarrado e entrado no pátio por engano. Já clareava, mas ainda estava longe do nascer do sol. A cidade, adormecida e como que morta, mergulhava no frescor cinza-lilás das primeiras horas. Lara fechou os olhos. Deus sabe para que recanto perdido ou encantamento bucólico foi transportada por esse diferente e incomparável passo de cavalo.

Tocaram a campainha. Lara apurou os ouvidos. Alguém se levantou da mesa para abrir. Era Nádia! Lara se lançou ao encontro da recém-chegada. Nádia vinha direto da estação de trem, fresca, adorável. Parecia exalar o perfume dos lírios de Duplianka. As duas amigas estavam de pé, incapazes de pronunciar uma palavra. Apenas choravam e se abraçavam até quase sufocar.

Nádia trouxe felicitações e votos de boa viagem de todos em casa, e um presente dos pais, uma joia. Retirou de uma valise uma caixinha embrulhada em papel, desatou-a e, depois de abrir a tampa, estendeu a Lara um colar de rara beleza.

Eclodiram os oh! e ah! Um dos convivas, já menos bêbado, disse:

— É zirconita rosa. Sim, sim, rosa, o que vocês pensam. Uma pedra que não vale menos que o diamante.

Mas Nádia insistia que eram safiras amarelas.

Lara fez a amiga sentar-se ao seu lado e, servindo-a, admirava o colar, que

tinha depositado à sua frente. Acomodado no forro violeta da caixa, o colar brilhava, luzia, ora lembrava um rosário de gotas de orvalho, ora um cacho de uvas miúdas.

Nesse meio-tempo, alguns convivas haviam recobrado a sobriedade. Bebiam ainda um pequeno copo para fazer companhia a Nádia. E rapidamente Nádia se embriagou.

Logo a casa se tornou um reino de sonhos. A maioria dos convidados passou a noite lá, para acompanhar os Antípov à estação na manhã seguinte. Alguns se estenderam pelos cantos e roncavam havia tempos. Lara nem sequer se lembrava de como foi parar, toda vestida, no sofá onde dormia Ira Lagódina.

Ela despertou com uma conversa alta em seu ouvido. Eram vozes estranhas, de homens que entraram no pátio atrás do cavalo desgarrado. Abriu os olhos e se assustou: "Esse Pacha é infatigável. O que ele está fazendo aí, plantado feito um poste no meio da sala, remexendo em tudo?". Nesse momento, aquele a quem ela tomara por Pacha voltou o rosto, e ela viu que não era ele, mas uma espécie de espantalho bexiguento com uma cicatriz no rosto que descia da têmpora ao queixo. Entendeu, então, que um ladrão havia entrado em sua casa, um assaltante. Quis gritar, mas não conseguiu emitir nenhum som. Lembrou-se subitamente do colar, apoiou-se sem ruído nos cotovelos e deu uma olhada na mesa.

O colar estava ali, entre as migalhas de pão e os restos de caramelo, o ladrão pouco esperto não o percebera em meio ao amontoado de sobras de comida, ele apenas revirava a bagagem e desarrumava todos os embrulhos de Lara. Ainda tonta e sonolenta, Lara mal se dava conta da situação e só lamentava ver o seu trabalho desfeito. Indignada, quis novamente gritar e novamente não pôde abrir a boca, nem mover a língua. Então, deu uma joelhada na boca do estômago da amiga Ira Lagódina, que dormia a seu lado. Quando a amiga soltou um grito, Lara se pôs a gritar ao mesmo tempo. O ladrão deixou cair a trouxa com os objetos roubados e saiu correndo do cômodo. Alguns dos rapazes, que terminaram por entender o que se passava, pularam e se lançaram atrás dele, mas o ladrão havia desaparecido.

A confusão e os comentários animados que se seguiram serviram de sinal para todos se levantarem. O resto da ebriedade de Lara passou num piscar de olhos. Inflexível com os pedidos daqueles que queriam voltar a dormir, ela sacudiu os dorminhocos, preparou rapidamente um café e os mandou para casa, esperando vê-los pela última vez na estação, na hora da partida do trem.

Depois que todos se foram, o trabalho se acelerou. Lara, com sua rapidez costumeira, corria de uma mala a outra, guardava almofadas, fechava as correias e pedia a Pacha e à mulher do porteiro que não a ajudassem para não atrapalhá-la.

Tudo correu como devia e a tempo. Os Antípov não se atrasaram. O trem movia-se suavemente, como se imitasse o movimento dos chapéus que seus amigos agitavam em despedida. Depois que pararam de acenar, eles gritaram por três vezes algo breve (na verdade, "hurra") e o trem tomou velocidade.

5

Havia três dias o tempo estava horrível. Era o segundo outono da guerra. Após um primeiro ano bem-sucedido, começavam os reveses. O Oitavo Exército de Brussílov, concentrado nos Cárpatos, estava pronto para descer as montanhas e invadir a Hungria, mas em vez disso recuava, impelido pela retirada geral. As nossas tropas libertaram a Galícia,[9] que havia sido ocupada já nos primeiros meses das operações militares.

O dr. Iúri Andréievitch Jivago, antes conhecido por Iúri e agora chamado pelo nome e patronímico, estava de pé no corredor do bloco de obstetrícia da clínica ginecológica, em frente ao quarto onde acabara de acomodar a sua esposa Antonina Aleksándrovna. Ele já havia se despedido de Tônia e aguardava a parteira para combinar de que modo o avisariam em caso de necessidade e como seria informado sobre o estado de saúde da mulher.

Estava com pressa, deveria se dirigir ao hospital e ainda tinha que passar visita a dois doentes em suas casas, enfim, estava perdendo um tempo precioso. Observava pela janela a chuva que descia oblíqua, impulsionada

pelas rajadas do vento outonal, de forma semelhante à tempestade que derruba e mistura as espigas de trigo no campo.

Ainda não estava muito escuro. Os olhos de Iúri Andréievitch ainda discerniam os fundos da clínica, os terraços envidraçados dos casarões em Diévitchie Pôlie[10] e o ramal do bonde elétrico, que se estendia quase até a porta de serviço de um dos pavilhões do hospital.

A chuva precipitava-se de forma desconsolada, nem aumentava, nem diminuía. Apesar de o frenesi do vento parecer acentuá-la, a queda da água na terra permanecia imperturbável. As rajadas de vento atormentavam os brotos de uma parreira selvagem que se estendia por um terraço. O vento parecia querer arrancar a planta inteira ao suspendê-la no ar e sacudi-la no alto para em seguida deixá-la cair como um trapo rasgado.

Um vagão com dois reboques passou ao longo do terraço e se aproximou da clínica. De lá, começaram a retirar os feridos.

Nos hospitais de Moscou, superlotados, sobretudo após a operação de Lutsk,[11] os feridos eram instalados em áreas próximo às escadas e em corredores. A superlotação dos hospitais da cidade começava a se refletir nas condições das maternidades.

Iúri Andréievitch deu as costas à janela e bocejou de cansaço. Não conseguia pensar em nada. Súbito, lembrou-se de um incidente. No pavilhão de cirurgia do Hospital Krestovozdvíjenski, onde servia, uma doente morrera havia poucos dias. Iúri Andréievitch afirmara que ela sofria de equinococo hepático, e sua opinião fora contestada. Hoje a autópsia seria realizada e se saberia a verdade. Mas o chefe do serviço de autópsia era um bêbado inveterado. Sabe Deus o que poderia resultar.

Escurecia rapidamente. Já não se divisava mais nada lá fora. Como num toque de varinha mágica, as luzes de todas as janelas se acenderam.

De uma saleta aquecida que separava o cômodo de Tônia do corredor, saiu o médico-chefe do setor, um ginecologista mastodonte que sempre respondia às perguntas levantando os olhos para o céu e encolhendo os ombros. Essa mímica queria dizer que, por mais que existam êxitos no conhecimento, há também, meu caro Horácio, o mistério, ante o qual a

ciência cede o passo.

Ele passou por Iúri Andréievitch, saudou-o com um sorriso e fez algum movimento natatório com suas mãos inchadas de palmas grossas, querendo dizer que era necessário aguardar e se resignar, e seguiu pelo corredor para fumar na recepção.

Nesse momento, a assistente do ginecologista, tão tagarela quanto o chefe era calado, dirigiu-se a Iúri Andréievitch.

— No seu lugar, eu iria para casa. Eu telefono amanhã para o seu hospital. Até lá não deve acontecer nada. Acredito que o parto será normal e não será necessária nenhuma intervenção. Mas por outro lado, a estreiteza da bacia, a posição da cabeça da criança, a ausência de dores e as fracas contrações podem suscitar inquietude. De qualquer forma, ainda é cedo para prognósticos. Tudo depende de como ela trabalhará as contrações, quando o parto começar. E isso o futuro dirá.

No dia seguinte, o vigia da clínica que atendeu ao seu telefonema pediu que não desligasse e saiu para se informar. Após deixá-lo esperando por uns dez minutos, transmitiu-lhe de forma grosseira e incoerente a seguinte informação: "Mandaram dizer… diga a ele, falaram, que ele trouxe a mulher muito cedo, que tem que levar a mulher embora". Iúri Andréievitch, furioso, exigiu que alguém com informações mais precisas viesse ao telefone. "Os sintomas enganam", disse a enfermeira, "não se preocupe, doutor, é necessário esperar mais um dia ou dois."

No terceiro dia, ele soube que o parto começara à noite, a bolsa havia rompido de madrugada e pela manhã vieram contrações fortes.

Aflito, ele correu para a clínica e, ao passar pelo corredor, ouviu os berros de Tônia através da porta, que ficara inadvertidamente entreaberta. Eram gritos dilacerantes, como os dos mutilados ao serem retirados de debaixo dos vagões.

Ele não podia entrar para vê-la. Mordendo o dedo crispado até sangrar, aproximou-se da janela, por onde se via a mesma chuva oblíqua da véspera e da antevéspera.

Do quarto, saiu uma enfermeira, e já se ouvia o choro do recém-nascido.

— Salva, está salva! — repetia alegremente Iúri Andréievitch.

— É um menino. Foi tudo bem — disse a enfermeira com uma voz cantada. — Ainda não pode entrar. Daqui a pouco vão mostrar. O senhor deve dar um bom presente para a jovem mamãe. Ela sofreu muito. É o primeiro. O primeiro é sempre um sofrimento.

— Salva, está salva! — repetia para si Iúri Andréievitch, sem entender o que a enfermeira dizia, nem por que ela parecia o incluir no acontecimento. O que ele tinha a ver com isso? Pai, filho — ele não via motivo de orgulho nesse dom gratuito da paternidade. Ele não sentia nada em relação a essa filiação que caía do céu. Tudo isso passava ao largo da sua consciência. O importante era Tônia. Tônia, que foi exposta ao perigo da morte e felizmente escapou.

Havia um paciente seu perto da clínica. Aproveitou para vê-lo e retornou em meia hora. As portas que davam para a saleta e para o quarto estavam entreabertas. Sem se dar conta do que fazia, Iúri Andréievitch entrou na saleta.

Nesse momento, surgiu, sabe-se lá de onde, o ginecologista mastodonte de jaleco branco.

— Para onde o senhor vai? — murmurou num tom abafado para que a parturiente não o ouvisse. — O senhor enlouqueceu? As feridas, o sangue, os antissépticos, sem falar no abalo psicológico. Que ótimo! E ainda por cima é médico!

— Mas eu… Eu só quero dar uma espiada, daqui, pela fresta.

— Ah, bom. Isso é outra coisa. Está bem. Dê uma espiada. Mas se ela perceber, eu o mato, não sai vivo daqui!

No quarto, de costas para a porta, estavam duas mulheres de jaleco, a parteira e a enfermeira. Nos braços da enfermeira estava um rebento humano choroso e frágil, que se recolhia e se esticava como um pedaço de borracha vermelho-escura. A parteira colocava uma atadura no cordão umbilical para separar a criança da placenta. Tônia estava deitada na mesa cirúrgica reclinável, no centro do quarto. Estava bem alta. A Iúri Andréievitch, que em sua excitação exagerava tudo, parecia que ela estava

numa altura semelhante à de uma prancheta em que se escreve de pé.

Alçada mais próxima ao teto do que costumam estar os simples mortais, Tônia parecia mergulhada em uma bruma de exaustão. A elevação em que se encontrava sugeria uma barca recém-atracada e descarregada depois de uma longa travessia pelo mar da morte em direção ao continente da vida com novas almas trazidas para cá, sabe-se lá de onde. Ela tinha acabado de descarregar uma dessas almas e agora estava ancorada, descansando, aliviada da carga. Com ela, descansava o cordame e o casco despedaçados e exaustos, e o esquecimento, a memória apagada de onde estivera, por onde navegara e de como atracara.

E como ninguém conhecia a geografia das terras em que esteve e nem a bandeira sob a qual atracara, não se sabia em que língua falar com ela.

No trabalho, todos vinham cumprimentá-lo. "Como souberam rápido!", surpreendia-se Iúri Andréievitch. Ele foi à sala dos médicos, que em razão da superlotação do hospital passou a ser conhecida como boteco ou boca do lixo, ou seja, uma espécie de depósito de galochas e de objetos inúteis, papéis e guimbas de cigarro, além de espaço para troca de roupa.

À janela, estava o chefe do serviço de autópsia, que observava em contraluz, por sobre os óculos, um tubo com um líquido turvo.

— Minhas felicitações — disse ele a Iúri Andréievitch, mantendo o olhar fixo no tubo.

— Obrigado. Estou comovido.

— Não há o que agradecer. Isso não me diz respeito. Foi Pitchújkin que a dissecou. Mas estão todos impressionados. Equinococo. Isso sim é um diagnóstico. Só falam disso.

Nesse momento, entrou na sala o médico-chefe do hospital. Cumprimentou-os e disse:

— Que diabos é isso aqui! Parece um depósito de lixo e não uma sala de médicos. Que chiqueiro! Ah, sim, Jivago, imagine, era um equinococo! Nós estávamos errados. Parabéns. E há uma má notícia. Estão revendo de novo a sua categoria. Dessa vez será difícil defendê-lo. Há uma falta terrível de médicos militares. Você terá que cheirar um pouco de pólvora.

6

Os Antípov não imaginavam que se acomodariam tão bem em Iuriátin. Lá, os habitantes se lembravam dos Guichard com carinho, e isso foi de grande ajuda para Lara superar as dificuldades que sempre acompanham qualquer mudança para um novo lugar.

Lara vivia absorvida pelo trabalho e pelas preocupações com a casa e a filha, Kátienka, agora com três anos. A ajuda da babá, a ruiva Marfútka, era insuficiente, ainda que ela se esforçasse. Larissa Fiódorovna lecionava na escola para moças e compartilhava de todas as preocupações de Pável Pávlovitch. Trabalhava sem descanso e estava feliz, era exatamente a vida que sonhara.

Gostava de Iuriátin, onde nascera. A cidade se situava à margem do rio Rinva, navegável em seu curso médio e inferior, e era atravessada por uma das linhas da ferrovia dos Urais.

Em Iuriátin, sabia-se que o inverno se aproximava quando os barcos eram içados sobre a margem, e os barqueiros os transportavam para a cidade em carroças, descarregando-os em pátios, onde hibernavam a céu aberto. Os barcos emborcados embranqueciam os pátios e tinham para aquela cidade o mesmo significado que têm para outras regiões o voo migratório das cegonhas ou a primeira queda de neve.

Um desses barcos, sob o qual Kátienka brincava como se fosse um caramanchão de jardim, fora depositado no pátio da casa alugada pelos Antípov.

Larissa Fiódorovna amava a vida desse recanto retirado, os intelectuais locais com seu forte sotaque setentrional carregado no “o”, as suas botas de feltro, as camisas de flanela cinza e a confiança ingênua. Sentia enorme atração pela terra e pela gente simples.

Por outro lado, Pável Pávlovitch, filho de ferroviário de Moscou, revelou-se um contumaz habitante da capital. Ele era muito mais severo do que a mulher com relação aos habitantes locais, cuja ignorância e selvageria o

irritavam.

Agora, em retrospecto, estava claro que ele possuía uma extraordinária capacidade para adquirir e conservar conhecimentos, ainda que obtidos de leituras ligeiras. Ele já havia lido muito, em parte graças a Lara, mas durante esses anos de solidão provincial sua bagagem de leituras não cessou de crescer, a ponto de considerar que, afinal, Lara não sabia tanto assim. Estando intelectualmente acima dos colegas professores, sentia-se sufocado. Nesses tempos de guerra, o patriotismo banal, oficial e algo chauvinista dos colegas não correspondia às formas mais complexas que esse sentimento assumia em Antípov.

Pável Pávlovitch tinha feito estudos clássicos. Ensinava latim e história antiga no ginásio. Mas de repente viu despertar em si, ex-aluno da escola moderna, uma paixão esquecida pela matemática, pela física e pelas ciências exatas. Desenvolveu um autodidatismo de nível universitário nesses campos do conhecimento e sonhava em passar por novos exames frente a uma comissão regional, de tal forma que pudesse recomeçar a carreira como professor de matemática e se instalar com a família em São Petersburgo. Os intensivos estudos noturnos abalaram a sua saúde, e ele passou a sofrer de insônia.

As relações do casal eram boas, mas nada simples. Ela o sufocava com cuidados e preocupações, e ele não se permitia criticá-la. Temia que qualquer observação sua, por mais inocente que fosse, pudesse ser entendida por Lara como reprovação disfarçada. Por exemplo, o fato de ela ter a pele branca e ele ter origem plebeia, ou o fato de que ela havia pertencido a outro homem antes dele. O medo de que Lara suspeitasse de qualquer sentimento injusto ou ferino da parte dele terminava por introduzir certo constrangimento na vida do casal. Rivalizando em generosidade, eles complicavam tudo.

Nesse dia, os Antípov recebiam convidados: alguns colegas de Pável Pávlovitch, a diretora da escola de Lara, um membro do tribunal arbitral com quem Pável Pávlovitch certa vez cooperou como conciliador, e outros mais. Aos olhos de Antípov, eram todos idiotas rematados, e a amabilidade de Lara

para com eles o surpreendia, não podia crer que alguém nessa sociedade pudesse sinceramente agradá-la.

Depois que os convidados saíram, Lara arejou e varreu a sala, lavou a louça com Marfútka, assegurou-se de que Kátienka estava bem coberta e de que Pável Pávlovitch dormia. Rapidamente se despiu, apagou a lâmpada e se deitou ao lado do marido com a naturalidade de uma criança que a mãe leva para a cama.

Antípov fingia dormir. Na verdade, sofria daquela insônia tão comum nos últimos tempos. Sabia que levaria ainda três ou quatro horas para adormecer. Para fazer o sono vir e deixar de sentir o odor do tabaco fumado pelas visitas, ele se levantou silenciosamente, colocou o boné, o casaco por cima do pijama e saiu para a rua.

A noite de outono estava clara e fria. As finas placas de gelo se quebravam sob os pés de Antípov. O céu estrelado projetava um reflexo azul, móvel como uma chama de álcool, sobre a terra negra e os torrões de sujeira congelados.

A casa dos Antípov se situava no lado oposto ao cais. Era a última da rua. Adiante, começavam os campos, cortados pela linha do trem. Por ali havia uma guarita e uma passagem de nível.

Antípov se sentou sobre o barco emborcado e olhou para as estrelas. Os pensamentos que o habitavam nesses últimos anos assaltaram-no com mais força que nunca e o encheram de inquietude. Ele percebeu que cedo ou tarde teria que tomar uma decisão e, portanto, seria melhor que o fizesse hoje.

"Isso não pode continuar assim", pensava. Poderia ter previsto antes, mas agora era tarde. Por que Lara permitira que ele, quando criança, tivesse se fixado tanto nela, a ponto de fazer dele o que quisesse? Por que ele não teve o bom senso de renunciar a ela em tempo hábil, na ocasião em que ela lhe implorou para fazê-lo, no inverno que precedeu ao casamento? Ele compreendia bem que não era a ele que ela amava, e sim ao seu próprio gesto de generosidade em relação a ele, à encarnação do seu próprio sacrifício. O que há de comum entre essa missão digna e santa e uma

verdadeira vida familiar? O pior é que ele ainda a ama com a mesma força. A beleza dela é a danação. Ou, quem sabe, o sentimento que ele experimenta em relação a ela não seja amor, mas uma desrazão plena de gratidão diante da beleza e grandeza de alma dela. Ah! Como entender isso? É uma confusão dos diabos!

O que fazer nesse caso? Libertar Lara e Kátienka dessa falsidade? Isso seria até mais importante do que libertar a si mesmo. Sim, mas como? Divorciar-se? Afogar-se? "Ah, que idiotice! Eu nunca faria isso. Então, para que pensar nessas bobagens?"

Ele olhou para as estrelas como se pedisse algum conselho. Elas luziam agrupadas ou esparsas, grandes ou pequenas, azuis ou multicoloridas. Súbito, algo eclipsou o seu brilho. O pátio, a casa e o barco em que Antípov estava sentado foram iluminados pelo trajeto de uma chama viva, como se alguém viesse correndo do campo até os portões e brandisse uma tocha acesa. Era um trem militar que, lançando ao céu volutas de fumaça incandescente, cruzava a passagem de nível em direção ao oeste. Já fazia um ano que inúmeros desses trens passavam por ali dia e noite.

Pável Pávlovitch sorriu, levantou-se e foi se deitar. Havia encontrado a saída.

7

Quando soube da decisão de Pacha, Larissa Fiódorovna ficou aturdida e de início não acreditou no que ouvira. "Isso não tem sentido. É mais um dos caprichos dele", pensou. "É melhor não dar atenção, e logo ele esquece."

Mas soube que o marido já se preparava havia duas semanas, os papéis já estavam na seção de recrutamento militar e um substituto para ele já chegara na escola. Por fim, veio de Omsk uma notificação com a sua admissão na academia militar. Era a hora da partida.

Lara uivava como uma simples camponesa, agarrando Antípov pelas mãos e atirando-se a seus pés.

— Pacha, Páchenka — gritava —, como você pode deixar a mim e a

Kátienka? Não faça isso, não faça! Ainda não é tarde, eu posso ajeitar tudo. O médico não examinou direito o seu coração! Você não tem vergonha? Não tem vergonha de sacrificar a sua família a uma loucura dessas? Voluntário? Toda vida você zombou de Ródia, aquele tipo vulgar, e de repente ficou com inveja! Teve vontade de fazer o sabre tinir e virar oficial. Pacha, o que há com você? Não o estou reconhecendo. Substituíram você no serviço ou foi você que viu o passarinho verde? Diga-me por caridade, diga-me honestamente, por Cristo, sem frases feitas, é disso que a Rússia precisa?

De repente, ela compreendeu que a questão era outra. Incapaz de perceber os detalhes, Lara descobriu o essencial. Adivinhou que Patúlia estava confuso quanto ao amor que ela lhe devotava. Ele não sabia apreciar o sentimento maternal que ela a vida toda cultivara em seu carinho por ele, nem se dava conta de que um amor como esse era muito maior do que um simples amor de mulher.

Mordeu os lábios e se arrepiou toda por dentro, como se tivesse levado uma pancada; em silêncio, engolindo as lágrimas, foi preparar a partida do marido.

Depois que ele foi embora, pareceu-lhe que toda a cidade havia ficado silenciosa, e que até mesmo a quantidade de corvos que cruzavam o céu era menor. "Senhora, senhora!", chamava-a em vão Marfútka, a empregada. "Mamãe, mamãe!", balbuciava Kátienka insistentemente, puxando-a pela manga. Essa foi a pior derrota da vida dela. As suas melhores e mais luminosas esperanças haviam ruído.

Lara sabia tudo o que se passava com o marido pelas cartas que chegavam da Sibéria. Logo ele percebeu as coisas mais claramente. Sentia muita falta da mulher e da filha. Em poucos meses, Pável Pávlovitch foi promovido a sargento e, da mesma forma inesperada, enviado para a guerra. O trem que o conduziu ao front não passava por Iuriátin e, mesmo em Moscou, Antípov não teve tempo de ver ninguém.

Logo começaram a chegar cartas suas da frente de combate, bem mais animadas e menos tristes do que aquelas da escola de Omsk. Antípov queria se distinguir para ser agraciado por algum mérito militar, ou sofrer um

ferimento leve de forma que, em qualquer dos casos, pudesse solicitar uma licença para visitar a família. Surgiu a oportunidade. Após a recente ruptura da linha de frente, o Exército iniciaria o avanço, depois conhecido como avanço de Brussílov, e partiria ao ataque. As cartas de Antípov cessaram de chegar. No início, Lara não se inquietou. Ela explicava o silêncio de Pacha pelo desenvolvimento das operações de guerra e pela impossibilidade de escrever em campanha.

No outono, a ofensiva estancou, e as tropas se entrincheiraram. Mas Antípov não dava sinal de vida. Larissa Fiódorovna começou a se preocupar e a solicitar informações, de início em Iuriátin, depois escreveu a Moscou e ao front, para o último endereço da unidade de Pacha. Não se sabia nada, ninguém respondia de lugar algum.

Como muitas senhoras que realizavam trabalhos beneficentes na província, Larissa Fiódorovna, desde o início da guerra, dedicava seu tempo livre à seção militar do hospital provincial de Iuriátin.

Agora, ela terminava seus estudos de enfermagem e prestava exame no próprio hospital.

Com a certificação de enfermeira, conseguiu tirar uma licença de seis meses da escola, deixou Marfútka tomando conta da casa e foi para Moscou com Kátienka nos braços. Lá, instalou a filha na casa da amiga Lipa, cujo marido, o engenheiro alemão Friesendank, havia sido internado junto a outros presos civis alemães em Ufá.

Convencida da inutilidade das pesquisas feitas à distância, Lara decidiu prosseguir com a busca no próprio local das operações. Com esse objetivo, ingressou como enfermeira no trem sanitário que se dirigia via Liski para Mezo-Labortch, na fronteira húngara. Assim se chamava o lugar de onde Pacha havia lhe enviado a última carta.

8

O comboio, equipado graças às doações reunidas pelo comitê de ajuda aos feridos da princesa Tatiana,[12] chegou ao Estado-Maior da divisão. No

vagão de passageiros desse comprido trem, composto de vários pequenos e velhos vagões de carga adaptados também para levar pessoas, encontravam-se visitantes: eram personalidades moscovitas que traziam presentes aos soldados e oficiais. Gordon estava entre eles. Ele soube que o hospital da divisão em que trabalhava o seu amigo de infância Jivago ficava numa aldeia próxima, segundo as informações que obteve.

Gordon havia recebido a autorização necessária para deslocar-se na zona de operações e, munido desse passe, negociou com uma carroça que se dirigia para aqueles lados e foi visitar o amigo.

O cocheiro, um bielorrusso ou lituano, mal falava russo. E o medo de espionagem limitava a conversa a algumas frases feitas. Era necessário demonstrar boas intenções, o que restringia a possibilidade de diálogo. Ambos se mantiveram calados a maior parte do caminho.

No quartel-general, onde estavam habituados a deslocar exércitos inteiros e a medir distâncias de centenas de verstas, afirmaram-lhe que a aldeia ficava bem perto, a umas vinte ou vinte e cinco verstas de lá. Na realidade estava a mais de oitenta.

Ao longo de todo o caminho, à esquerda do horizonte, ressoavam estrondos e explosões hostis. Gordon nunca na vida havia testemunhado um terremoto. Mas tinha razões para pensar que as lúgubres detonações da artilharia inimiga, atenuadas pela distância, seriam comparáveis aos abalos subterrâneos de um fenômeno vulcânico. Quando a noite caiu, o baixo céu daquele lado avermelhou-se em chamas trepidantes que só se apagaram ao amanhecer.

O cocheiro conduziu Gordon através de aldeias destruídas. Parte delas havia sido abandonada pelos habitantes. Em outras, os moradores se escondiam em abrigos subterrâneos profundos. As aldeias estavam reduzidas a amontoados de lixo e cascalho que se estendiam em linha onde antes estavam as casas. Os povoados queimados podiam ser apreendidos pelo olhar de uma ponta a outra como um grande descampado sem vegetação. Algumas mulheres velhas, vítimas do incêndio, escavavam as ruínas da própria casa em busca de algum objeto entre as cinzas, que logo escondiam,

crendo-se ao abrigo de olhares indiscretos como se houvesse um muro ao seu redor. Elas levantaram os olhos para Gordon e o seguiram com o olhar, parecendo lhe perguntar se os homens recobrariam logo o bom senso e restaurariam novamente a ordem e a tranquilidade sobre a terra.

À noite, encontraram uma patrulha. Ordenaram-lhes retornar, deixar a via principal e contornar um povoado dos arredores, tomando uma estrada transversal. O cocheiro não conhecia o caminho, e com isso perderam duas horas. Ao amanhecer, acreditaram ter chegado à aldeia que buscavam. Mas ninguém sabia de nenhum hospital. Logo descobriram que naquela região havia mais duas aldeias com o mesmo nome. Ao final da manhã, chegaram ao destino. Quando Gordon cruzou a cerca, sentiu cheiro de camomila e iodofórmio. Decidiu que não pernoitaria na casa de Jivago, apenas passaria o dia com o amigo e voltaria para a estação ferroviária, onde estavam os companheiros de viagem. No entanto, as circunstâncias retiveram-no ali por mais de uma semana.

9

Naqueles dias o front se moveu. Ocorriam mudanças bruscas. Ao sul do local onde estava Gordon, uma de nossas unidades rompeu as posições reforçadas do inimigo, com um ataque bem-sucedido. E as companhias penetravam mais profundamente no sistema de defesa adversário. Atrás delas, seguiam os reforços, que ampliavam as brechas. Aos poucos eles foram ficando para trás e se distanciaram do grupo principal. Terminaram por ser cortados e feitos prisioneiros. Nessas circunstâncias, o sargento Antípov foi capturado, forçado a se entregar quando a companhia se rendeu.

Circulavam boatos sobre ele. Uns acreditavam que teria sido morto e enterrado por um projétil que abrira uma cratera. Era o que jurava um de seus conhecidos, Galiúllin, subtenente do mesmo regimento que, do posto de observação, havia seguido Antípov com o binóculo e o vira tombar em pleno comando dos soldados no ataque.

Ocorrera sob os olhos de Galiúllin o espetáculo habitual de um ataque. A

unidade devia atravessar a passos rápidos o campo coberto pela losna seca que balançava ao vento outonal e pelo cardo espinhoso e imóvel que separava os dois exércitos. Com audácia, os soldados que atacavam deveriam atrair os austríacos instalados nas trincheiras para o corpo a corpo, ou exterminá-los atirando granadas. Essa corrida através do campo lhes parecia interminável. A terra se deslocava sob os seus pés como um terreno movediço e pantanoso. De início à frente da formação e depois no centro das fileiras rompidas, o sargento brandindo o revólver acima da cabeça corria e gritava de orelha a orelha um "Hurra!" que nem ele nem os soldados à sua volta ouviam. A intervalos regulares eles se atiravam ao chão, levantavam-se ao mesmo tempo e continuavam a correr e a gritar. E a cada vez que o faziam, alguns desses homens tombavam como grandes árvores abatidas na floresta para não mais se levantar.

— Projéteis de longo alcance. Telefone para a bateria — disse Galiúllin inquieto ao oficial de artilharia que estava ao seu lado. — Não. Eles agiram certo ao atirar mais longe.

Nesse momento, a tropa de ataque estava bem próxima ao inimigo. O fogo cessou. No silêncio que se instaurou, o coração dos que estavam no posto de observação disparou, como se eles estivessem no lugar de Antípov, como se eles próprios tivessem levado seus homens às trincheiras austríacas e no instante seguinte devessem fazer milagre para ter presença de espírito e bravura. Súbito, dois projéteis alemães de dezesseis polegadas explodiram um após o outro à sua frente. Colunas negras de terra e fumaça encobriram tudo.

— Por Alá! Pronto! Acabou a festa! — murmurou Galiúllin com os lábios trêmulos, dando o sargento e os soldados como mortos.

Um terceiro projétil caiu bem próximo ao posto de observação. Agachados, todos se apressaram em sair dali.

Galiúllin dormia no mesmo abrigo de Antípov. Quando, no regimento, aceitaram a ideia de que ele havia sido morto, de que não voltaria mais, confiaram a Galiúllin, que o conhecia bem, a guarda dos seus pertences para que no futuro os entregasse à esposa, da qual havia inúmeras fotos entre

os objetos pessoais.

Voluntário e recém-promovido a sargento, o mecânico Galiúllin era o filho de Guimazetdin, vigia do prédio de Tiviérzin; era aquele mesmo aprendiz em quem o velho mestre Khudoliêev batia. No entanto, deveria a sua futura promoção, indiretamente, ao antigo carrasco.

Ao se tornar sargento, Galiúllin foi parar, não se sabe como e sem o desejar, numa das guarnições da retaguarda, um posto tranquilo e retirado. Lá, ele comandava um destacamento de semi-inválidos, instruídos por veteranos não menos débeis que toda manhã os faziam repetir os exercícios que eles logo esqueciam. Além disso, Galiúllin verificava se as sentinelas estavam postadas corretamente junto ao depósito da intendência. Era uma vida sem preocupações. Não se exigia dele nada mais. Até que um dia, veio se juntar à sua unidade um contingente suplementar de velhos voluntários de Moscou, e dentre eles estava o soldado Piotr Khudoliêev, que ele conhecia bem.

— Ah, velhos conhecidos! — disse Galiúllin com um sorriso ácido.

— Exatamente, sr. sargento — respondeu Khudoliêev, batendo continência.

Mas isso não podia terminar de maneira simples. À primeira falta de Khudoliêev, o sargento o cobriu de injúrias e, como lhe pareceu que o soldado evitava seu olhar, assentou-lhe um golpe na mandíbula e o manteve preso por dois dias a pão e água.

Agora, em cada um de seus gestos, Galiúllin se vingava do passado. Mas acertar as contas dessa forma, aproveitando-se da superioridade hierárquica, era um jogo fácil e ignóbil. O que deveria fazer? Impossível permanecerem ambos no mesmo lugar. Era necessário que um ou outro se fosse. Mas sob que pretexto um oficial poderia deslocar um soldado da unidade para a qual fora designado? E para onde enviá-lo, senão para um batalhão disciplinar? Por outro lado, que motivo poderia inventar para solicitar a sua própria transferência? Invocando o tédio e a inutilidade da vida da guarnição, Galiúllin obteve permissão de partir para o front. Isso o favoreceu. Já no primeiro combate de que participou, teve oportunidade de mostrar suas

qualidades, e ficou claro que poderia se tornar um excelente oficial. Foi rapidamente promovido a subtenente.

Galiúllin conheceu Antípov na casa de Tiviérzin. Em 1905, durante os seis meses em que Pacha viveu com os Tiviérzin, Iussúpka Galiúllin o visitava e brincava com ele nos feriados. Nessa época, chegou a ver Lara uma ou duas vezes. Depois, perdeu-os de vista. Quando Pável Pávlovitch veio de Iuriátin para o regimento, Galiúllin ficou impressionado com a mudança do velho amigo. Aquele menino risonho e brincalhão, tímido como uma moça, transformara-se em um homem de uma tristeza desdenhosa, nervoso e um poço de ciência. Era inteligente, corajoso, quieto e zombeteiro. Por vezes, quando o observava, Galiúllin estava pronto a jurar que via no olhar pesado de Antípov, como no fundo de uma janela, uma segunda pessoa, uma ideia fixa, a saudade da filha ou a imagem da mulher. Antípov parecia enfeitiçado como nos contos de fadas. E agora que já não estava mais aqui, só restavam papéis e fotografias nas mãos de Galiúllin, e o segredo da sua transformação.

Mais cedo ou mais tarde, as solicitações de Lara chegariam até Galiúllin. Ele se preparava para respondê-las. Mas era uma época de fortes combates. Além disso, não tinha coragem de responder francamente, queria prepará-la para o golpe que a esperava. Assim, adiava sempre a carta detalhada que lhe enviaria, até o dia em que teve notícias de que ela atuava em algum lugar do front como enfermeira. Agora já não sabia mais para onde endereçar a carta.

10

— E então, hoje teremos cavalos? — Gordon perguntou a dr. Jivago, assim que este chegou para almoçar na isbá galiciana[13] em que se alojavam.

— Cavalos! Que cavalos? E para onde você iria, se estamos bloqueados de todos os lados? Está uma tremenda confusão. Ninguém entende nada. Ao sul, contornamos ou rompemos o front alemão em vários locais e, em consequência, dizem que algumas das nossas unidades ficaram isoladas e foram cercadas. Ao norte, os alemães atravessaram o rio Sventóji num lugar considerado intransponível. Um corpo de cavalaria numeroso. Estão

destruindo as estradas de ferro, os depósitos e, a meu ver, estão nos cercando. Esse é o quadro. E você, falando em cavalos. Bem, vamos, Karpiénko, sirva logo e pode ir embora. O que temos hoje? Coxa de vitela? Maravilha.

A unidade sanitária, que incluía o hospital e todas as suas dependências e seções, estava espalhada nessa aldeia que, por milagre, fora poupada. As casas, em que reluziam janelas estreitas de inúmeras folhas da altura da parede, à maneira ocidental, estavam intactas.

Acontecia o veranico,[14] os últimos dias claros e quentes do outono dourado. De dia, os médicos e os oficiais, de túnicas e camisas desabotoadas, abriam as janelas, matavam moscas que esvoaçavam em enxames através dos batentes e dos forros brancos do pé-direito baixo, e se queimavam com sopas e chás quentes. À noite, acocoravam-se diante dos fogões, sopravam o carvão que se apagava sob a lenha úmida e, com lágrimas nos olhos por causa da fumaça, enchiam de impropérios seus ordenanças, por estes não saberem acender o fogo.

A noite estava calma. Gordon e Jivago estavam deitados, um de frente para o outro, sobre bancos encostados em paredes opostas. Entre eles havia uma mesa para refeições e uma janela baixa e comprida que se estendia de uma ponta a outra da parede. O cômodo estava quente e enfumaçado. Eles abriram as folhas exteriores da janela e respiravam o frescor da noite de outono que embaçava os vidros.

Conversavam, como lhes era de hábito todos os dias e noites. E como sempre, o horizonte róseo flamejava do lado do front, em meio aos estrondos incessantes da canhoneira. Mas quando se ouviam golpes mais graves, distintos e pesados, que pareciam deslocar a terra ao longe, Jivago interrompia a conversa em respeito ao barulho, fazia uma pausa e dizia:

— É a Berta, um canhão alemão de dezesseis polegadas, que pesa quase uma tonelada. — E ao retomar a conversa, já não lembrava sobre o que falavam.

— Que cheiro é esse que exala o tempo todo na aldeia? — perguntou Gordon. — Eu o senti desde que cheguei. É adocicado e desagradável, como de ratos.

— Ah, sei do que você está falando. É cânhamo. Há muito por aqui. Essa planta exala um odor de carniça enjoativo e perturbador. E quando os mortos em operações militares tombam no meio dessas plantas, os corpos ficam lá se decompondo, demora-se a localizá-los. O odor de cadáver também se espalha por aqui, é natural. A Berta de novo. Está ouvindo?

Durante esses dias eles conversaram sobre todos os assuntos. Gordon conhecia as ideias do amigo sobre a guerra e sobre o espírito do tempo. Iúri Andréievitch havia lhe contado sobre as dificuldades que teve em se habituar à lógica sangrenta da exterminação mútua, à visão dos feridos e, sobretudo, ao horror de certas feridas modernas produzidas pelo progresso da técnica, que transforma os sobreviventes mutilados em pedaços de carne monstruosos.

Todos os dias, Gordon acompanhava Jivago a algum lugar, e graças a ele passou a ter uma visão mais ampla das coisas. Ele, certamente, tinha consciência da imoralidade de observar ociosamente a bravura de outrem, os esforços sobre-humanos da vontade com que venciam o medo da morte, os sacrifícios que aceitavam e os riscos que corriam. Mas não lhe parecia menos imoral suspirar ou se lamentar por eles. Acreditava que era preciso se comportar com honestidade e naturalidade diante das situações que a vida nos coloca.

Que é possível desmaiar ao ver feridos, ele mesmo já tinha experimentado, ao visitar um destacamento volante da Cruz Vermelha que trabalhava mais a oeste, quase na linha de frente.

Os dois amigos haviam chegado à clareira de um grande bosque, destruído em boa parte por fogo de artilharia. Em meio a um emaranhado de arbustos quebrados e pisoteados havia carretas de canhões despedaçadas e viradas. Um cavalo selado estava amarrado a uma árvore. A casa da guarda-florestal, que se divisava ao fundo, tinha o telhado parcialmente destruído. O posto de socorro estava instalado, em parte, naquela casa, e em parte, em grandes barracas cinza, armadas do outro lado da vereda, no meio do bosque.

— Eu não devia ter trazido você para cá — disse Jivago. — As trincheiras

estão bem perto, a uma versta e meia ou duas, e nossas baterias estão logo atrás do bosque. Está escutando o que se passa? Não se finja de herói, por favor, não acredito nisso. Está assustado, e é natural. A situação pode mudar a cada minuto. Os projéteis vão começar a cair por aqui.

Próximo à vereda do bosque, espalhavam-se jovens soldados, fatigados e cobertos de poeira. Estendiam-se sobre a terra, de bruços ou de costas, as pernas largadas em botas pesadas, as camisas suadas nos ombros e no peito. Isso era tudo o que havia restado de uma divisão. Eles haviam sido retirados de um combate que já durava quatro dias e enviados para a retaguarda, para um descanso curto. Os soldados deitados pareciam petrificados, não tinham forças nem para sorrir ou xingar, e nenhum deles sequer mexeu a cabeça quando se ouviu o ruído de charretes que se aproximavam rapidamente. Eram carriolas puxadas por cavalos, que de tanto sacolejar acabavam de quebrar os ossos e revirar as tripas dos feridos que transportavam para o posto; ali eles recebiam os primeiros socorros, eram enfaixados às pressas e, em casos extremos, operados de emergência. Essa enorme massa de feridos fora retirada do campo fazia meia hora, durante um curto cessar-fogo. Boa parte deles estava inconsciente.

Quando as charretes se aproximaram do alpendre, os sanitaristas desceram com as macas e descarregaram as carriolas. Uma enfermeira saiu de dentro de uma tenda e aproximou as abas com as mãos, mantendo-a fechada. Não era o seu turno, ela estava de folga. Atrás das tendas, ouviam-se dois homens discutirem. O bosque fresco e alto repercutia o som das vozes, embora não se distinguissem as palavras. Com a chegada dos feridos, os dois homens saíram do bosque e se dirigiram à casa. Um jovem oficial de cabeça quente gritava com o médico do destacamento, tentando saber dele para onde haviam transferido o parque de artilharia que estava estacionado no bosque. O médico não sabia de nada, aquilo não lhe dizia respeito. Ele pedia ao oficial que o deixasse em paz e não gritasse, pois haviam chegado muitos feridos e ele tinha muito trabalho a fazer, mas o oficial não se acalmava e vituperava contra a Cruz Vermelha, a intendência de artilharia e todo mundo. Jivago se aproximou do médico, eles se cumprimentaram e

entraram na casa. O oficial, que tinha um leve acento tártaro, continuou a esbravejar em voz alta, desamarrou o cavalo da árvore, montou-o e saiu a galope pela vereda para dentro do bosque. A enfermeira continuava observando.

De repente, seu rosto se alterou e ela disse, com horror:

— O que vocês estão fazendo? Estão loucos? — gritou a dois feridos que caminhavam sozinhos, sem apoio, por entre as macas e em direção ao posto; ela se afastou rapidamente da tenda e se lançou na direção deles.

Em uma das macas, carregavam um pobre infeliz, terrivelmente desfigurado. Um estilhaço lhe havia destroçado o rosto, transformando a língua e os dentes em um mingau de sangue, mas não o matara. Uma lasca de ferro estava alojada no maxilar, e ele tinha a bochecha dilacerada. Com um fio de voz inumano, o mutilado emitia gemidos curtos e entrecortados que podiam ser entendidos como uma súplica para que o matassem e interrompessem seus sofrimentos prolongados e insuportáveis.

Pareceu à enfermeira que os soldados levemente feridos que andavam a seu lado, impressionados com os gemidos, pensavam em retirar a lasca de ferro com as próprias mãos.

— O que vocês estão pensando? Onde já se viu? O cirurgião é que vai fazer isso, com os instrumentos apropriados. Se for possível. (Deus, Deus, leva-o, Senhor, não permita que eu duvide da Tua existência!)

No instante seguinte, enquanto o carregavam para a casa, o mutilado deu um grito, seu corpo estremeceu e ele expirou.

O mutilado que acabara de morrer era o soldado da reserva Guimazetdin, e o oficial que gritava no bosque era o seu filho, o subtenente Galiúllin; a enfermeira era Lara, e as testemunhas, Gordon e Jivago. Todos eles estavam lá, reunidos, todos estavam lado a lado; alguns não se reconheceram, outros nunca haviam se conhecido; certos caminhos do destino permanecem para sempre ocultos, outros, para se revelarem, devem aguardar uma nova ocasião, um novo reencontro.

11

Por milagre, naquele setor as aldeias ainda estavam intactas. Elas formavam, inexplicavelmente, uma pequena ilha em meio ao oceano de destruições. Gordon e Jivago retornaram para casa no início da noite. O sol começava a se pôr. Em uma das aldeias por onde passaram, um jovem cossaco, em meio a gargalhadas do grupo que o cercava, atirava para o ar uma moeda de cobre de cinco copeques e forçava um velho judeu de barba grisalha e longa sobrecasaca a apanhá-la em pleno voo. A moeda invariavelmente escorregava pelos dedos do velho e caía na lama. Ele então se curvava para apanhá-la, e o cossaco lhe dava um chute no traseiro, enquanto os presentes choravam de tanto rir. Essa era toda a diversão. Por enquanto inofensiva, mas ninguém podia garantir que não tomaria rumos mais graves. A velha esposa do judeu saía da isbá em frente, gritava e estendia as mãos para o velho, depois voltava à casa com medo. Da janela, duas meninas observavam o avô e choravam.

O cocheiro, que achou o espetáculo extremamente cômico, segurou o passo dos cavalos para dar tempo aos senhores de se divertirem. Mas Jivago interpelou o cossaco, repreendeu-o e ordenou que cessasse o escárnio.

— Pois não, senhor — respondeu o cossaco prontamente. — A gente não teve má intenção, foi só pra se divertir.

Gordon e Jivago permaneceram calados pelo resto do caminho.

— É terrível — disse Iúri Andréievitch ao avistar a sua aldeia. — Você não pode imaginar o cálice de sofrimento imposto aos judeus nessa guerra. E a guerra acontece justamente nas províncias em que eles são obrigados a viver. E para compensá-los por essas provações, sofrimentos, saques e ruína, ainda por cima os pagam com pogroms, achincalhes e acusações de falta de patriotismo. E de onde lhes viria o patriotismo se o inimigo lhes reconhece direitos e nós apenas os perseguimos? O nosso próprio ódio por eles é contraditório, na essência. O que irrita é justamente o que deveria nos emocionar e dispor a seu favor. Sua pobreza e tristeza, sua fraqueza e incapacidade de responder aos golpes. É incompreensível. Há aqui algo de

fatídico.

Gordon não disse nada.

12

Estavam novamente deitados um de frente para o outro, sob a comprida e estreita janela. Era noite e conversavam.

Jivago contava a Gordon como certa vez vira o tsar na linha de frente. E contava de forma interessante.

Isso tinha acontecido na primeira primavera que passara no front. O Estado-Maior da unidade à qual ele servia estava instalado nos Cárpatos, em uma depressão, barrando a passagem pelo lado do vale húngaro.

No fundo da depressão havia uma estação de trem. Jivago descrevia os lugares em detalhes: as montanhas cobertas de pinheiros e abetos gigantescos com feixes de nuvens brancas os envolvendo e escarpas de ardósia cinza e grafite que rasgavam a floresta como placas nuas e raspadas numa pelugem espessa. Era uma escura manhã de abril, cinzenta e úmida como a ardósia, e o ar, comprimido pelas alturas ao redor, estava imóvel e sufocante. Uma estufa. O vapor pesava sobre o vale, e tudo fumegava, tudo subia em colunas de fumaça: a fumaça das locomotivas na estação, a névoa cinza dos prados, as montanhas cinzentas, as florestas escuras, as nuvens escuras.

Naqueles dias, o tsar estava de passagem pela Galícia. De repente, soube-se que visitaria a unidade instalada no vale, da qual ele era o comandante de honra.

Ele poderia chegar de uma hora para outra. A guarda de honra foi posicionada na plataforma para recepcioná-lo. Foram cerca de duas horas de uma espera penosa. Dois trens velozes passaram, um após o outro. Pouco depois aproximou-se o trem do tsar.

Acompanhado do grão-duque Nikolai Nikoláievitch, o tsar passou em revista as fileiras dos granadeiros. Cada palavra que pronunciava em sua calma saudação levantava uma explosão de "hurras", que transbordavam

como água em um balde sacolejante.

O tsar sorria timidamente e dava a impressão de ser bem mais velho e desgastado do que nos rublos e nas medalhas. Seu rosto era flácido e um pouco inchado. A todo instante olhava de soslaio com ar culpado para Nikolai Nikoláievitch, sem saber o que exigiam dele nessas circunstâncias; então o grão-duque se inclinava respeitosamente até o seu ouvido e o tirava do embaraço sem sequer pronunciar uma palavra, pelo simples movimento das sobrancelhas ou dos ombros.

Naquela manhã cinzenta e quente, o tsar dava pena, e era arrepiante pensar que essa hesitação discreta e essa timidez pudessem ser atributos essenciais do opressor, que uma fraqueza assim pudesse castigar ou perdoar, unir ou dispersar.

— Ele deveria pronunciar algo do tipo: eu, minha espada e meu povo, como Guilherme II, ou alguma coisa semelhante. Falar do povo, de qualquer modo, era fundamental. Mas ele se comportou à maneira russa, entende, de forma natural e tragicamente acima dessas ninharias. Na Rússia, esse tom teatral é impensável. Porque é de fato uma teatralização, não é verdade? A palavra "povo" fazia sentido na época de César. Podia-se falar do povo gaulês ou do suevo ou do ilírico. Mas desde aquele tempo, povo não é mais do que uma invenção que existe apenas nos discursos dos tsares, dos políticos, dos reis: "o povo", "meu povo".

"Hoje em dia, o front está inundado de correspondentes e jornalistas. Redigem-se 'observações', recolhem-se máximas da sabedoria popular, visitam-se feridos, erigem uma nova teoria sobre a alma do povo. À sua maneira, redigem uma espécie de novo Dahl,[15] igualmente fantasista. Isso é grafomania linguística, incontinência verbal. Esse é um gênero. Mas há outro. Frases entrecortadas, 'traços e cenas', ceticismo, misantropia. Há um, por exemplo, eu mesmo li, com as seguintes frases: 'Um dia cinzento como ontem. Desde o amanhecer há chuva e lama. Pela janela, contemplo a estrada. Uma fila interminável de prisioneiros a percorre. Transportam os feridos. O canhão ressoa. Ressoa hoje, como ontem, e ressoará amanhã como hoje, e assim todos os dias, todas as horas…'. Pense um pouco, como é

penetrante e espiritual! E por que um canhão? Que estranha pretensão exigir diversidade na imagem de um canhão! Em vez de se surpreender com o canhão, por que não se surpreende consigo mesmo, que nos metralha dia e noite com suas enumerações, vírgulas e frases? Por que não interrompe o tiroteio de sua filantropia de revista, apressada como saltos de pulga? Como não compreende que é ele, e não o canhão, que deve se renovar, e que de um bloco de notas cheio de absurdos acumulados ele não poderá jamais tirar nada de sensato? E que os fatos não existem até que o homem introduza neles algo de si, um quinhão de espírito livre, de ficção ou mito?"

— Está totalmente correto! — interrompeu Gordon. — Agora vou lhe dizer o que eu penso da cena que presenciamos hoje. Aquele cossaco que achincalhava o pobre patriarca é um exemplo entre mil outros da mais pura torpeza, sobre o qual não filosofam, claro, um murro no focinho é suficiente e pronto. No entanto, a filosofia é aplicável à questão dos judeus como um todo, embora aqui ela surja sob um aspecto inesperado. Não vou dizer nada de novo. Todos esses pensamentos nós dois conhecemos e vieram do seu tio.

"O que é o povo?, você pergunta. Será que devemos nos ocupar dele? Será que não faz mais pelo povo aquele que, sem pensar nele, por meio de suas belas obras o atrai para o universal, eternizando-o? Evidente que sim. E de que povos pode-se falar na era cristã? Não são mais simples povos, mas povos em movimento, convertidos, e é justamente essa transformação que importa, e não a fidelidade a velhos princípios. Lembremos o Evangelho. O que diz sobre esse assunto? Em primeiro lugar, não é uma afirmação: é preciso fazer isso ou aquilo. É uma proposta tímida e ingênua: querem viver de uma maneira inteiramente nova, querem o deleite do espírito? E todos aceitaram a proposta, subjugados por milênios.

"Quando o Evangelho diz que no Reino de Deus não há nem helenos nem hebreus, está apenas querendo dizer que diante de Deus todos são iguais? Certamente não. Se assim fosse, o Evangelho não seria necessário, pois os filósofos da Grécia, os moralistas romanos, os profetas do Velho Testamento já diziam isso muito antes dele. Mas o Evangelho diz: nessa nova forma de existência, nesse novo tipo de relação entre os homens que o

coração concebeu e que se chama Reino de Deus, não há povos, há pessoas.

"Você acaba de dizer que o fato é vazio quando não se atribui sentido a ele. Ora, o cristianismo, o mistério da pessoa é justamente o sentido que deve enriquecer o fato para que ele seja relevante ao homem.

"Falávamos sobre líderes medíocres que não têm nada a dizer à vida e ao mundo; sobre forças históricas de segundo plano, interessadas em que tudo seja mesquinho, que toda a preocupação se volte a algum povo, de preferência pequeno e sofredor, de forma a que possam fazer leis para explorar e lucrar com a piedade. A insuperável vítima dessa calamidade é o povo judeu como um todo. A ideia de nação impôs aos judeus a necessidade mortificadora de ser e permanecer um povo e somente um povo ao longo dos séculos, enquanto surgia uma nova força que livrava o resto do mundo dessa tarefa humilhante. É inacreditável! Como isso pôde acontecer? Essa alegria, essa libertação da mediocridade diabólica, esse voo acima da estupidez cotidiana, tudo isso nasceu na terra deles, falava a língua deles e pertencia à tribo deles. E eles viram e ouviram isso, e deixaram escapar. Como puderam deixar escapar? Como deixaram que o espírito de uma beleza e de um poder esmagador escapasse deles? Como deixaram-no triunfar e se instaurar fora deles? Como puderam aceitar não ser mais que o invólucro vazio desse milagre que o céu lhes havia enviado? A quem interessa esse martírio voluntário? Por que devem se abandonar ao riso público, por que devem verter seu sangue, depois de séculos, tantos velhos, mulheres e crianças inocentes, tantas pessoas inteligentes, boas e humanas? E por que são tão preguiçosamente medíocres os patriotas de todos os povos? Por que os mestres do pensamento do povo judeu não ultrapassaram as fáceis formas estabelecidas da nostalgia do mundo e da sabedoria irônica? Por que, arriscando-se a explodir ante o caráter irrevogável do seu dever, assim como explode uma caldeira a vapor sob pressão excessiva, eles não dispersaram esses grupos de homens que não sabiam por que combatiam e por que apanhavam? Por que não disseram: 'Caiam em si. Basta. Chega disso. Não carreguem mais os nomes de outrora. Não se aglomerem, dispersem-se. Sejam como todos. Vocês são os primeiros e os melhores

cristãos do mundo. Vocês são exatamente aquilo a que se opuseram os piores e os mais fracos dentre vocês'."

13

No dia seguinte, ao chegar para o almoço, Jivago disse:

— Você está impaciente em partir, pois bem, conseguiu. Só não posso dizer que seja sorte, porque não estamos com sorte, estão novamente nos cercando e atacando. A estrada está livre para o leste, mas nos pressionam a oeste. A ordem para todos os postos médicos é de levantar acampamento. Partiremos amanhã ou depois de amanhã. Não sabemos para onde. Ah, Karpiénko! As roupas de Mikhail Grigórievitch para variar não foram lavadas, não é? Sempre a mesma história. Foi a comadre… Foi a comadre, mas vá perguntar que comadre é essa, ele nem sabe, o paspalho.

Sem escutar as explicações do ordenança e sem dar atenção a Gordon, que estava chateado por ter de tomar emprestada a sua camisa, Jivago continuou:

— Ah, nossa vida de campanha! Vida de ciganos, de nômades. Quando chegamos aqui, tudo me desgostava: o lugar do fogão, o teto baixo, a sujeira, o calor sufocante. E agora, nada a fazer, nem me lembro onde estivemos antes. Parece que vivi um século aqui, olhando a sombra movente das árvores que o sol reflete nesses azulejos do fogão.

Eles se levantaram e começaram a arrumar as coisas sem pressa.

À noite, foram despertados por barulhos, gritos, fuzilaria e passos precipitados. A aldeia estava lugubremente iluminada. Passavam sombras furtivas ao longo da janela. Do outro lado do muro, os donos da isbá haviam despertado.

— Karpiénko, vá ver lá fora que bagunça é essa — disse Iúri Andréievitch.

Logo souberam. O próprio Jivago, após se vestir, foi ao hospital verificar a origem dos barulhos. Os alemães venciam a resistência e se aproximavam da área. A defesa recuava. A aldeia estava sob fogo cruzado. Começaram a desmontar o hospital e todas as suas dependências sem aguardar a ordem de

evacuação. Esperava-se terminar antes do amanhecer.

— Você vai junto com o primeiro comboio. Um carro vai partir agora, e eu pedi para o aguardarem. Então, adeus. Eu o acompanho, para que você seja bem instalado.

Eles correram até o outro lado da aldeia, onde o destacamento estava sendo equipado para a viagem. Corriam ao longo das casas, encurvados e colados aos muros. As balas silvavam pela rua. Nos cruzamentos que atravessavam a estrada, viam explodir granadas no campo.

— E você, como vai partir? — perguntou Gordon, enquanto corriam.

— Eu vou depois. Tenho que voltar para casa e apanhar as coisas. Partirei no segundo comboio.

Despediram-se no limiar do bosque. Algumas carroças e a carruagem que compunham o comboio se puseram em marcha e, após um momento de desordem, se alinharam e se espaçaram regularmente. Iúri Andréievitch acenou ao amigo, que ainda o viu por algum tempo, iluminado pelo fogo do depósito incendiado.

Mais uma vez correndo rente aos muros, Iúri Andréievitch se aproximava de casa. Duas casas o separavam da sua, quando foi derrubado pelo deslocamento de ar de uma explosão e atingido por uma bala. Iúri Andréievitch caiu no meio da estrada e, sangrando muito, desmaiou.

14

O hospital da retaguarda ficava escondido numa cidadezinha da região ocidental, próximo a uma estrada de ferro e nas vizinhanças do quartel-general. Eram dias quentes do final de fevereiro. No quarto dos oficiais em convalescença, a pedido de Iúri Andréievitch, que ali se encontrava em tratamento, a janela junto à sua cama fora aberta.

Aproximava-se a hora do almoço. Enquanto esperavam, os doentes matavam o tempo como podiam. Disseram-lhes que havia chegado ao hospital uma nova enfermeira que hoje se ocuparia deles pela primeira vez. Galiúllin, deitado de costas para Iúri Andréievitch, lia os jornais recém-

chegados, *Riêtch* e *Rússkoe Slovo*,[16] e se indignava com os espaços em branco deixados pela censura. Jivago lia as cartas de Tônia que se acumularam e foram trazidas todas ao mesmo tempo pelo correio militar. O vento agitava as páginas das cartas e as folhas de jornal. Ouviram-se passos ligeiros e Iúri Andréievitch levantou o olhar. Lara acabava de entrar no quarto.

Iúri Andréievitch e o subtenente a reconheceram, sem que um soubesse do outro. Lara não conhecia nenhum dos dois. Ela disse:

— Bom dia. Por que a janela está aberta? Não estão com frio? — E se aproximou de Galiúllin. — Como se sente? — Tomou-lhe a mão para sentir o pulso, mas em seguida soltou-o e se sentou perplexa na cadeira ao lado do leito.

— Que surpresa, Larissa Fiódorovna! — disse Galiúllin. — Servi no mesmo regimento que o seu marido, eu conhecia Pável Pávlovitch. Guardei todos os pertences dele para entregar à senhora.

— Não é possível, não é possível — repetia ela. — Que coincidência inesperada. O senhor o conheceu? Conte-me, por favor, como aconteceu? É verdade que ele foi morto e coberto por terra? Por favor, não esconda nada, não tenha medo. Eu já sei de tudo.

Galiúllin não teve coragem de confirmar as informações que ela obteve por boatos. Resolveu mentir para tranquilizá-la.

— Antípov foi feito prisioneiro — disse. — Ele penetrou rápido com a sua unidade no momento de um ataque e foram isolados. Foram cercados e obrigados a se render.

Mas Lara não acreditou. A surpresa daquela conversa deixou-a transtornada. Sem conseguir conter as lágrimas que lhe escorriam pela face e não querendo chorar na frente de estranhos, levantou-se rapidamente e saiu do quarto para se recuperar.

Um instante mais tarde ela voltou, aparentemente mais calma. Evitou olhar para Galiúllin, temendo se emocionar. Seguindo direto ao leito de Iúri Andréievitch, perguntou de forma distraída e ensaiada:

— Bom dia. Como se sente?

Iúri Andréievitch notava sua perturbação e lágrimas mal disfarçadas e queria perguntar o que havia com ela, queria lhe contar como já a havia visto duas vezes na vida, quando estava na escola e, depois, na universidade, mas receou ser indiscreto e pensou que talvez ela compreendesse mal suas intenções. De súbito, lembrou-se da falecida Anna Ivánovna no caixão e dos gritos de Tônia na casa da Sívtsev Vrájek e se conteve, dizendo apenas:

— Agradeço sua atenção. Eu sou médico e me trato sozinho. Não preciso de nada.

"Por que ele se ofendeu comigo?", pensou Lara, e fitou surpresa o desconhecido de nariz arrebitado, pouco atraente.

Durante alguns dias, o tempo permaneceu instável. Um vento quente sibilava incansável durante as noites e disseminava o odor de terra molhada.

Ao longo de todos esses dias, chegavam informações estranhas do quartel-general, e os militares ficavam a par de boatos alarmantes vindos de seus familiares ou do interior do país. A comunicação telegráfica com Petersburgo foi cortada. Por toda parte, em todos os cantos, brotavam conversas políticas.

Em seu plantão, a enfermeira Antípova fazia duas rondas, pela manhã e à noite, e trocava observações insignificantes com os doentes, inclusive com Galiúllin e Iúri Andréievitch. "Que homem estranho e curioso", pensava. Jovem e indelicado. Com aquele nariz arrebitado, não se podia dizer que fosse bonito. Mas era inteligente no melhor sentido da palavra, com um espírito vivo e sedutor. Mas a questão não era essa. A questão é que ela precisava terminar o quanto antes o serviço ali e voltar para Moscou, para junto de Kátienka. Uma vez em Moscou, tratar de ser dispensada e voltar para casa, para Iuriátin, e retomar o trabalho na escola. Já não existia nenhuma esperança sobre o pobre Patúlia, estava tudo esclarecido, portanto, não havia mais motivo para permanecer nas fileiras bancando a heroína. Inventara tudo isso só para encontrá-lo.

O que seria agora de Kátienka, a pobre orfãzinha? (Lara começou a chorar.) Quantas mudanças nesses últimos tempos! Ainda há pouco, o dever diante da pátria, a bravura militar e os altos sentimentos cívicos eram

considerados sagrados. Mas a guerra está perdida; essa é a principal miséria e o que destronou todo o resto, nada mais é sagrado.

Tudo mudou de repente, o tom, o ar, e não se sabe mais o que pensar, a quem obedecer. É como se nos conduzissem pela mão a vida inteira, como uma criança, e súbito, nos largassem, virem-se sozinhos. E não há ninguém ao redor, nem família, nem autoridades. Então nasce um enorme desejo de confiar em algo mais essencial, na força da vida ou na beleza ou na verdade, para que ocupem o lugar das convenções humanas arruinadas e passem a nos guiar em sua direção de forma mais total e inflexível como jamais ocorreu em tempos de paz nessa vida cotidiana que já não existe. Mas no caso dela (Lara se lembrou a tempo), era a filha que devia ser esse objetivo, esse absoluto. Agora, sem Pacha, Lara seria apenas mãe, consagraria todas as suas forças a Kátienka, a pobre orfãzinha.

Escreveram a Iúri Andréievitch que Gordon e Dúdorov, sem consentimento, haviam publicado o seu livrinho, que estava sendo muito elogiado e predizia um grande futuro literário para ele. Relatavam também que atualmente, em Moscou, a situação era ao mesmo tempo emocionante e alarmante, que a irritação surda das massas crescia e que estavam às vésperas de grandes mudanças, que graves acontecimentos políticos prenunciavam-se.

Era tarde da noite. Iúri Andréievitch foi dominado por uma terrível sonolência. Tirava cochilos intermitentes, mas depois das emoções desses dias achava que não conseguiria dormir, e de fato não dormia. Lá fora, o vento bocejava e revirava de sono, soprava, chorava e murmurava: "Tônia, Chúrotchka, como sinto saudade de vocês, como queria ir para casa, para o trabalho!". Embalado pelo murmúrio do vento, Iúri Andréievitch dormiu, acordou, adormeceu de novo; alegria e tristeza se sucediam rápido, de forma impaciente e perturbadora, como essa mudança de clima, como essa noite instável.

Lara pensava: "Ele teve tanto cuidado em guardar a lembrança e os pertences do meu marido, e eu, tonta, nem sequer perguntei quem ele é e de onde vem".

No dia seguinte, ao passar a ronda da manhã, ela tratou de reparar a falha e apagar os traços de ingratidão, fazendo todas as perguntas a Galiúllin. E se surpreendeu.

— Senhor, que coincidência! Rua Bréstskaia, número 28, Tiviérzin, inverno da revolução de 1905! Iussúpka? Não. Não conheci nenhum Iussúpka, ou talvez não me lembre, desculpe-me. Mas aquele ano, aquele ano e o pátio! Sim, isso é verdade, sim, realmente aconteceu naquele pátio, naquele ano! — Ah, com que entusiasmo ela revivia tudo aquilo! — E o tiroteio, então? E… (como era mesmo, Deus, que memória)… "Opinião de Cristo"! Ah, como são fortes as emoções da infância, as primeiras! Desculpe, desculpe-me, como é mesmo o seu nome, subtenente? Ah, sim, sim, o senhor já me disse uma vez. Obrigada. Ah, muito obrigada mesmo, Óssip Guimazetdínovitch, quantas lembranças, quantos pensamentos despertou em mim!

Lara passou o dia todo caminhando por "aquele pátio" em seu coração, ria-se e quase pensava em voz alta.

Veja só, Bréstskaia, número 28! E agora, novamente um tiroteio, só que muito mais terrível! Não são mais "os meninos atirando". Os meninos cresceram e são todos soldados, todo esse povo simples dos mesmos pátios, das mesmas aldeias. É impressionante! Impressionante!

Batendo no solo com bengalas e muletas, os doentes e inválidos que podiam andar saíram dos quartos vizinhos mancando e gritando:

— Estão acontecendo coisas de extrema importância! Há combates nas ruas de Petersburgo. As tropas da guarnição passaram para o lado dos rebeldes. É a revolução!

---

1. Trata-se do programa do Partido Social Democrata da Alemanha, aprovado no Congresso de Erfurt, em outubro de 1891. O principal autor do programa foi o teórico Karl Kautski (1854-1938).
2. Referência à personagem do romance *Fausto*, de Goethe.
3. No original, "*sórok sorokóv*", expressão que designa a grande quantidade de igrejas espalhadas pela cidade.
4. Herói épico russo.

5. De acordo com a ortodoxia, a partir desse dia são permitidas celebrações religiosas de casamento.
6. Referência a um procedimento do casamento ortodoxo, em que os noivos são coroados.
7. Pseudônimo de Varvara Vassílievna Vassílieva (1872-1911), intérprete de canções ciganas populares.
8. Ritual típico nas festas de casamento.
9. Região que se situa a oeste da Ucrânia e ao sul da Polônia.
10. Ampla área que incluía o conhecido monastério Novodiévitchi.
11. Cidade da Ucrânia, libertada pelo Oitavo Exército no verão de 1915.
12. Comitê assistencial formado no início da guerra por Tatiana, segunda filha do tsar Nicolau II.
13. Isbá refere-se à casa rural russa construída geralmente com toras de madeira. No caso, o autor usa a terminologia russa para indicar uma casa de madeira de tipo galiciana.
14. Em russo, *bábe lêto*, fenômeno climático que ocorre entre fins de setembro e a primeira metade de outubro, que precede a instalação do frio.
15. Referência ao dicionário de Vladímir Dahl, lexicógrafo russo do século XIX.
16. "O Discurso" e "A Palavra Russa".

QUINTA PARTE
O ADEUS AO PASSADO

1

A cidadezinha se chamava Meliuziéev. Situava-se nas Terras Negras. Pairava sobre os telhados, como nuvens de gafanhoto, uma poeira negra que se levantava à passagem das tropas e dos comboios que ordinariamente atravessavam a toda a pressa. Esses deslocamentos ocorriam desde a manhã até a noite e nos dois sentidos: em direção ao front e de volta do front, de forma que não se podia dizer se a guerra continuava ou terminava.

Todos os dias, invariavelmente, inúmeras funções eram criadas assim como brotam cogumelos. E para todas elas, faziam-se eleições. E sempre escolhiam Jivago, o subtenente Galiúllin e a enfermeira Antípova, além de alguns outros membros do grupo, todos eles provenientes de cidades grandes, pessoas preparadas e experientes.

Atuavam como substitutos nos postos da administração municipal e como comissários junto ao Exército e ao serviço hospitalar, e todos eles lidavam com a alternância dessas ocupações como uma diversão a céu aberto, como um jogo de queimada. No entanto, cada vez mais esse jogo os segurava e os impedia de retornar às tarefas costumeiras.

O trabalho quase sempre aproximava Jivago e Antípova.

2

Nos dias de chuva, a poeira negra da cidade se transformava em uma pasta marrom-escura da cor do café e recobria as ruas, em sua maioria, não pavimentadas.

A cidade era pequena. Um pouco além de qualquer ponto dela, por trás de qualquer curva, estendia-se o panorama das estepes sombrias, do céu carregado, da imensidão da guerra, da imensidão da revolução.

Iúri Andréievitch escrevia à sua mulher:

"A desordem e a anarquia no Exército persistem. Tomam-se medidas para elevar o senso de disciplina e o espírito combativo dos soldados. Tenho percorrido as unidades instaladas na região.

"Por fim, a título de postscriptum, embora eu pudesse ter escrito sobre isso bem antes, trabalho lado a lado com uma tal Antípova, enfermeira de Moscou e proveniente dos Urais.

"Você se lembra da moça que atirou no procurador naquela festa de Natal, na noite terrível em que morreu sua mãe? Parece que depois disso ela foi julgada. Creio ter lhe contado, na ocasião, que Micha e eu havíamos visto essa moça, ainda uma colegial, num hotel miserável onde estivemos com seu pai (não recordo o motivo), numa noite congelante; se bem me lembro, isso se passou durante a insurreição de Présnia. Pois aquela moça é Antípova.

"Já tentei diversas vezes voltar para casa. Mas não é simples. O que nos retém aqui não é tanto o trabalho, que poderíamos confiar a outros, e sim as dificuldades para realizar a viagem. Ora não há trens, ora os trens passam de tal forma lotados que não há espaço nem para entrar.

"É claro que isso não vai durar para sempre. De qualquer forma, alguns convalescentes e pessoas dispensadas do trabalho e desmobilizadas, dentre as quais eu me incluo, assim como Galiúllin e Antípova, decidimos nos pôr em movimento a partir da semana que vem e, para facilitar as coisas, tomaremos o trem separadamente e em dias alternados.

"Posso chegar a qualquer momento, sem prevenir. Tentarei, de qualquer forma, enviar um telegrama."

Mas antes da partida, Iúri Andréievitch teve tempo de receber a resposta

de Antonina Aleksándrovna.

Nessa carta, onde o pranto rompia a harmonia dos períodos e os traços de lágrimas e borrões faziam as vezes de ponto, Antonina Aleksándrovna persuadia o marido a não voltar a Moscou, a tomar o caminho dos Urais atrás dessa admirável enfermeira, cuja vida estava marcada de tantos presságios e coincidências que era impossível para Tônia igualar a ela a sua própria vida modesta.

"Com relação a Sáchenka e a seu futuro, não se preocupe", escreveu ela. "Você não terá razões para se envergonhar do seu filho. Prometo educá-lo dentro dos mesmos princípios que você teve a oportunidade de conhecer desde criança em nossa casa."

"Você enlouqueceu, Tônia!", Iúri Andréievitch apressou-se em responder. "Quanta falta de confiança! Acaso você não sabe, ou não compreende inteiramente, que você, o seu pensamento, a fidelidade a você e à nossa família vêm me salvando da morte, de mil espécies de morte durante todos esses dois anos de guerra, anos terríveis de destruição? Para que essas palavras? Em breve nos veremos de novo, retomaremos a nossa vida anterior e tudo se esclarecerá.

"Mas que você possa ter respondido dessa forma me assusta por outras razões. Se eu pude merecer semelhante resposta, é porque talvez esteja realmente me conduzindo de modo equivocado e, nesse caso, sou culpado também diante dessa mulher que induzo ao erro e a quem devo desculpas. E o farei, assim que ela retornar da inspeção que foi fazer em algumas aldeias próximas. Os *zemstvo*, que antes só existiam em províncias e distritos, agora estão sendo organizados em unidades menores. Antípova tinha ido ajudar uma amiga que trabalhava como instrutora justamente em um desses novos ógãos legislativos.

"É curioso que, embora vivendo na mesma casa que Antípova, até hoje eu não saiba onde fica o seu quarto. E que nunca tenha me interessado em saber."

3

Duas grandes estradas saíam da cidadezinha de Meliuziéev para leste e para oeste. Uma delas, de terra batida, conduzia através de um bosque a Zibúchino, uma vila que, embora pertencesse administrativamente a Meliuziéev, ultrapassava-a em termos de relações comerciais. A outra estrada, revestida de brita, atravessava várzeas pantanosas, secas no verão, e levava a Biriútch, local de entroncamento entre duas vias férreas que se cruzavam não muito longe de Meliuziéev.

Em junho, por duas semanas, sustentou-se em Zibúchino uma república autônoma, proclamada pelo moleiro Blajéiko.

Essa república se apoiava em desertores do 212º regimento de infantaria que, de armas na mão, haviam abandonado seus postos e, através de Biriútch, chegado a Zibúchino no momento do golpe de fevereiro de 1917.

A república não reconhecia o Governo Provisório e se separava do resto da Rússia. O sectário Blajéiko, que na juventude se correspondera com Tolstói, proclamou Zibúchino um novo reino milenar em que o trabalho e a propriedade seriam comunitários, e renomeou a administração, chamando-a apostolado.

Zibúchino sempre foi uma fonte de lendas e contos extravagantes. Essa vila se situava em meio a espessos bosques e é mencionada em documentos, desde os Tempos Turbulentos[1] e até recentemente, como uma região repleta de bandidos. As lendas falam de uma terra de ricos mercadores e de fantástica fecundidade do solo. Algumas crenças, costumes e particularidades discursivas teriam origem justamente em Zibúchino, o que tornava essa parte ocidental do front diferenciada.

Agora, contavam-se igualmente histórias extraordinárias sobre o soldado Blajéiko. Afirmavam que ele nascera surdo e que por obra do Espírito Santo recebia o dom da palavra, mas que o perdia sempre que a iluminação cessava.

Em julho, a república de Zibúchino foi derrubada por uma unidade fiel ao Governo Provisório. Os desertores, caçados, fugiram em direção a

Biriútch.

Lá, além da estrada, algumas verstas para o interior do bosque, havia uma clareira aberta onde despontavam tocos cobertos de morangos silvestres, antigos montes de lenha abandonados e cabanas em ruína, que outrora serviram de abrigo a lenhadores sazonais. Aqui os desertores se instalaram.

4

O hospital em que Jivago se tratou, depois serviu e agora se preparava para deixar, estava instalado no palacete da condessa Jabrínskaia, que desde o início da guerra sacrificou-o em favor dos feridos.

Esse palacete de dois andares ocupava um dos melhores locais de Meliuziéev. Ficava na esquina da rua principal com a praça central da cidade, chamada de Platz, onde antes realizavam treinamento de soldados e agora aconteciam encontros noturnos.

Posicionado dessa forma no cruzamento, o palacete se beneficiava por vários ângulos de uma bela vista. Além da rua principal e da praça, de lá se avistava o pátio adjacente dos vizinhos, um lar pobre e provinciano que em nada se diferenciava do lar camponês, e também o velho jardim da condessa, aos fundos da casa.

O palacete nunca representou algo de grande valor para Jabrínskaia. Ela possuía, na província, a imensa propriedade "Razdôlnoie", e o palacete não era mais que um ponto de apoio para os seus negócios na cidade e um local de concentração para os convidados que, no verão, vinham de diversas localidades a fim de se dirigir à sua propriedade.

Agora o palacete fazia as vezes de hospital, e sua proprietária havia sido presa em Petersburgo, onde vivia habitualmente.

Do pessoal antigo que servia na casa, haviam restado duas mulheres curiosas: uma certa Mlle Fleury, a velha governanta das filhas da condessa, já casadas, e Ustínia, a ex-chefe de cozinha.

A grisalha e vermelha Mlle Fleury circulava pelo hospital arrastando os chinelos e vestindo blusas largas e surradas, sempre um tanto desleixada e

despenteada. Sentia pelo novo espaço a mesma intimidade de antes, quando vivia entre os Jabrínski, e vivia contando coisas que ninguém compreendia muito bem, uma vez que estropiava a língua russa, engolindo o final das palavras, à francesa. Fazia poses, gesticulava, e quando terminava sua peroração, estourava de rir numa risada rouca que invariavelmente degenerava em uma tosse prolongada e incontrolável.

Mademoiselle conhecia a vida íntima de Antípova, e cismava que o médico e a enfermeira eram feitos um para o outro. Fiel ao instinto de alcoviteira, profundamente enraizado em seu temperamento romanesco, ela se alegrava ao vê-los juntos, apontava-lhes o dedo de forma significativa e dava-lhes piscadelas com ar travesso. Antípova ficava embaraçada, e o médico aborrecido, mas mademoiselle, como todos os excêntricos, dava mais importância aos seus vícios e por nada no mundo os corrigia.

Ustínia possuía uma natureza ainda mais curiosa. A silhueta seca que se estreitava desajeitadamente para cima dava-lhe uma aparência de galinha choca. Possuía uma sobriedade maliciosa, uma espécie de sensatez associada à fantasia que a levava à superstição desenfreada.

Ustínia conhecia uma enormidade de esconjuros populares; não dava um passo sem conjurar o fogo do fogão e não saía de casa sem antes soprar algum encantamento no buraco da fechadura para se precaver das forças impuras. Nascida em Zibúchino, dizia-se que era filha de um feiticeiro local.

Ela podia guardar silêncio por anos a fio até que algo a fizesse rompê-lo. A partir daí, tornava-se impossível deter o fluxo de seu discurso. Lançava-se com paixão em defesa da verdade.

Após a queda da república de Zibúchino, o comitê executivo de Meliuziéev iniciou uma campanha contra os eflúvios anárquicos que emanavam do vilarejo. Todas as noites, ocorriam encontros pacíficos e pouco concorridos na praça Platz, reunindo habitantes desocupados de Meliuziéev, o que lembrava os velhos tempos, quando, no verão, o populacho vinha sentar-se a céu aberto em frente aos portões do corpo de bombeiros. A seção de cultura da cidade incentivava esses encontros,

enviando ativistas e convidados para conduzir as discussões. Estes senhores consideravam totalmente absurdas as narrativas sobre o suposto surdo falante de Zibúchino e com frequência retomavam o assunto em suas discussões. Mas os pequenos artesãos, os soldados e os antigos empregados das casas senhoriais eram de outra opinião. Que existisse um surdo falante não lhes parecia nada absurdo. E intercediam em seu favor.

As exclamações discordantes da multidão quase sempre eram ouvidas na voz de Ustínia. No início, ela não ousava falar, dada a reserva exigida das mulheres de sua condição, mas aos poucos foi ganhando coragem e por fim passou a atacar com audácia crescente os oradores, cujas opiniões não eram bem quistas pelos habitantes. Assim, sem se dar conta, ela se tornou a maior falastrona da tribuna.

Do palacete, ouvia-se através das janelas abertas o bramido indistinto das vozes na praça, mas nas noites mais calmas era possível compreender fragmentos dos discursos. Sempre que Ustínia falava, mademoiselle surgia e convidava os presentes a ouvi-la; em seguida, imitava-a compassivamente, embora estropiando a língua russa:

— *Raspú! Raspú! Sársk brilant! Zibúch'! Surd'! Traiçon! Traiçon!*

Secretamente, mademoiselle se orgulhava dessa mulher corajosa e eloquente. Um enorme carinho ligava as duas mulheres, que estavam sempre a arreganhar os dentes uma para a outra.

5

Aos poucos, Iúri Andréievitch se preparava para partir, percorria casas e instituições para se despedir e preenchia papéis indispensáveis.

Nesse meio-tempo, um novo comissário encarregado daquela parte do front veio assumir seu posto no Exército e hospedou-se na cidade. Dizia-se que ainda era um menino.

Preparava-se uma nova e importante ofensiva. Tentava-se reverter o estado de ânimo dos soldados. Concentravam-se as tropas. Instituíam-se cortes marciais revolucionárias e se restabelecia a pena de morte, que pouco tempo

antes havia sido abolida.

Para que a partida fosse autorizada, o médico deveria registrar-se no gabinete do comandante, cargo que em Meliuziéev era exercido pelo chefe militar, o "local", como o chamavam para abreviar.

Normalmente, a confusão no gabinete era terrível. Multidões abarrotavam a antessala, o pátio e ocupavam metade da rua em frente às janelas. Nessas ocasiões, era impossível entrar pelas salas e escutar o que quer que fosse, no meio da gritaria de uma centena de vozes.

Mas nesse dia não havia atendimento. Na chancelaria vazia e silenciosa, os escrivães, irritados com a crescente complicação burocrática do seu trabalho, escreviam em silêncio e entreolhavam-se com ironia. Ressoavam vozes alegres no gabinete do chefe, como se estivessem se refrescando com as túnicas militares desabotoadas.

Galiúllin veio de dentro, percebeu Jivago e, movendo-se apressadamente como se fosse correr, convidou-o a participar da animação que reinava no gabinete.

O médico precisava entrar de todo modo para pegar a assinatura do chefe. E lá, encontrou tudo na mais artística desordem.

O herói do dia e sensação da cidade, o novo comissário, em lugar de prosseguir o caminho e assumir o seu posto, estava lá, nesse gabinete, discursando para os administradores do reino da papelada militar, que nada tinham a ver com as divisões do quartel-general e suas operações.

— Ah, eis aqui uma das nossas estrelas — disse o local, apresentando Jivago ao comissário que, de tão absorto, nem sequer lhe dirigiu o olhar. O local moveu-se para assinar o papel que o médico lhe estendeu e logo voltou à posição anterior, indicando-lhe um pufe baixo e macio no centro da sala.

Dentre os presentes, Jivago era o único a se sentar de maneira conveniente. Todos os outros estavam em posições estranhas e descuidadas. O local reclinava-se sobre a mesa de trabalho e apoiava a cabeça em uma das mãos, à Petchórin;[2] o seu imediato estava sentado sobre o braço do divã à frente da mesa, como se montasse uma sela feminina; Galiúllin esparramava-se sobre uma cadeira com os braços para trás, abraçando o

encosto; e o jovem comissário, ora sentava-se ao peitoril da janela e alongava os braços ora deslizava de lá e percorria o gabinete a passos miúdos, em perpétuo movimento e sem se calar por um minuto. Falava dos desertores de Biriútch.

Os boatos sobre o comissário se confirmaram. Era um jovem magro e esguio, ainda imberbe, que queimava como uma vela pelos mais altos ideais. Dizia-se que era de boa família, filho de senador ou algo semelhante, e que em fevereiro fora um dos primeiros a conduzir sua companhia até a Duma. Seu sobrenome era Guintse ou Guints, não se distinguia a pronúncia nas apresentações. O comissário possuía um correto acento petersburguês, muito nítido, com alguma coisa de báltico.

Ele vestia uma túnica militar justa. Certamente, se sentia constrangido por ser ainda tão jovem e, para parecer mais velho, fazia expressões carrancudas e mostrava-se arqueado. Para tanto, afundava as mãos nos bolsos da calça à la Galliffet[3] e levantava os ombros angulosos guarnecidos de dragonas novas, o que de fato conferia à sua silhueta uma simplicidade cavaleiresca, uma vez que se poderia representá-lo dos ombros aos pés em duas linhas convergentes para baixo.

— Na via férrea, a algumas estações daqui, há um regimento de cossacos. Vermelho, leal. Podemos chamá-lo, ele cerca os rebeldes e a questão está resolvida. O comandante da tropa insiste em que os amotinados sejam desarmados o mais rápido possível — dizia o local ao comissário.

— Cossacos? Jamais! — disse o comissário inflamado. — Isso é coisa de 1905, reminiscência pré-revolucionária! Não, nisso nossas posições divergem, os seus generais estão indo longe demais.

— Nada foi feito ainda. É apenas um plano, uma sugestão.

— Existe um acordo com o comando militar para não intervir nas ordens operacionais. Não vou revogar a ordem sobre a vinda dos cossacos. Admitamos. Mas, de minha parte, vou tomar medidas ditadas pelo bom senso. Estão acampados, esses rebeldes?

— É o que dizem. Certamente estão em campo fortificado.

— Perfeito. Quero ir até lá encontrá-los. Mostrem-me esses perigosos

bandidos do bosque. São rebeldes, desertores, que seja, mas são do povo, senhores, eis o que esquecem. E o povo é como uma criança; é preciso conhecê-lo, conhecer a sua psicologia, saber se aproximar dele. É preciso saber tocar as suas cordas mais sensíveis, para que vibrem. Vou procurá-los nas clareiras e falarei com eles de coração aberto. Vocês vão ver de que modo exemplar eles retornarão às posições abandonadas. Querem apostar? Os senhores não acreditam?

— É duvidoso. Mas, enfim, Deus o ajude.

— Direi a eles: "Irmãos, olhem para mim. Vejam, sou filho único, a esperança da família, e não hesitei, sacrifiquei o meu nome, a minha situação e o amor dos meus pais para conquistar e vos oferecer uma liberdade que nenhum outro povo do mundo conhece. Eis o que eu fiz, e comigo uma multidão de jovens, sem falar na velha guarda dos nossos gloriosos predecessores, dos populistas condenados aos campos, dos *narodovóltsi* de Schlusselburg.[4] Será que nos sacrificamos apenas por nós mesmos? E precisávamos disso? Vocês agora não são mais simples soldados como antigamente, são combatentes do primeiro exército revolucionário do mundo. Perguntem a si mesmos com toda a honestidade: será que merecem tão alto título? No momento em que a pátria se esvai em sangue no supremo esforço de se libertar do inimigo que a cerca como uma hidra, vocês se deixam enganar por um punhado de aventureiros sem fé nem lei, e se transformam numa escória inconsciente, num bando de miseráveis dissolutos que se empanturram com uma liberdade que sempre lhes será insuficiente. Como diz o provérbio: "Dê a mão e lhe tomam o braço". Ah! Eu os ganharei, eu os farei ter vergonha!

— Não, não faça isso, é arriscado — tentou advertir o local, que vez por outra trocava olhares significativos com o seu imediato.

Galiúllin tentava dissuadir o comissário dessa jornada louca. Ele conhecia os valentões do 212º regimento, onde outrora servira. O comissário, porém, não o escutava.

Iúri Andréievitch a toda hora tentava se levantar e sair. A ingenuidade do

comissário o incomodava. Mas não mais que a habilidade pérfida do local e de seu imediato, dois espertalhões debochados e dissimulados. A tolice de um e a astúcia dos outros se valiam. E toda essa eloquência inútil jorrava em uma torrente de palavras inconsistentes e obscuras, sem as quais a vida poderia tão bem passar.

Ah, como às vezes desejamos abandonar os píncaros da mediocridade e as trevas da verborragia humana para nos refugiarmos no aparente silêncio da natureza, nos mudos grilhões do longo e obstinado trabalho, no inefável do sono profundo, da verdadeira música e da compreensão mútua que dispensa palavras!

O médico se lembrou de que devia uma explicação a Antípova, e que provavelmente seria desagradável. Mas estava feliz por ser obrigado a vê-la, mesmo a esse preço. No entanto, era pouco provável que ela já tivesse retornado. Aproveitando a primeira ocasião favorável, ele se levantou e saiu do gabinete sem ser notado.

6

Ocorre que ela já estava em casa. Mademoiselle comunicou ao médico que Larissa Fiódorovna havia retornado e acrescentou que ela estava muito cansada, que havia jantado rapidamente e se retirado para o quarto, pedindo para não ser incomodada.

— De qualquer forma, bata à porta — aconselhou mademoiselle. — Ela certamente ainda não está dormindo.

— E onde fica o quarto dela? — perguntou o médico, ante o indizível assombro de mademoiselle a essa indagação.

Jivago soube que o quarto de Antípova ficava ao final do corredor do andar de cima, vizinho aos quartos trancados à chave que guardavam todos os bens do inventário de Jabrínskaia, local onde ele jamais estivera.

Entretanto, escurecia rapidamente. As ruas pareciam mais comprimidas, e as casas e paliçadas amontoavam-se na escuridão. As árvores do fundo dos quintais aproximavam-se das janelas, sob a luz acesa das luminárias. Era

uma noite quente e abafada. Qualquer movimento fazia transpirar. As faixas de luz de querosene que caíam sobre o pátio escorriam como suor sujo ao longo dos troncos das árvores.

Jivago deteve-se no último degrau. Considerou que bater à porta de alguém recém-chegado de uma viagem cansativa seria inconveniente e indelicado. Melhor aguardar o dia seguinte. Com a distração que sempre acompanha as mudanças de decisão, ele atravessou o corredor no sentido oposto. Lá havia uma janela que dava para o pátio vizinho. O médico debruçou-se nela.

A noite estava repleta de ruídos calmos e misteriosos. Ao lado, no corredor, ouvia-se o gotejar lento e cadenciado da água de um lavatório. Além da janela, um murmúrio. Da horta, cujos canteiros de pepino estavam sendo regados, ressoava o ruído da água que passava de um balde a outro, fazendo retinir as correntes do poço.

Todas as flores do mundo exalavam ao mesmo tempo o seu perfume, como se a terra, inconsciente durante o dia, houvesse agora recobrado o sentido. Do jardim secular da condessa, repleto de ramos e galhos quebrados que o tornavam intransitável, assomava, acima das árvores, o perfume de uma imensa, poeirenta e velha tília em flor. À direita, além da paliçada, gritos ecoavam na rua, um soldado licenciado vociferava, uma porta batia, fragmentos de alguma canção levantavam voo.

Por trás dos ninhos de corvos do jardim da condessa, surgiu a lua, rubra quase negra, de uma amplidão monstruosa. Lembrava os tijolos do moinho a vapor de Zibúchino. Depois, tornou-se amarela como a caixa-d'água da estação ferroviária de Biriútch.

No pátio, abaixo da janela, o aroma do feno recém-cortado, forte como o do chá, misturava-se ao perfume da dama-da-noite. Havia uma vaca, comprada pouco tempo antes em uma aldeia remota. Depois de caminhar o dia todo, estava cansada, lamentava o rebanho perdido e não aceitava a forragem que lhe estendia sua nova dona, à qual ainda não se afeiçoara.

— Vá, vá, toma lá, nem vem, vai ver só, diaba, ó a chifrada! — dizia a dona procurando vencer a resistência; mas a vaca, zangada, ora sacudia a

cabeça para um lado e para o outro, ora estendia o pescoço e mugia de modo melancólico e desolador. Para além dos telheiros negros de Meliuziéev, as estrelas cintilavam, e entre elas e a vaquinha estendiam-se fios de uma compaixão invisível, como se as estrelas pertencessem a estábulos de outros mundos e se apiedassem dela.

Tudo ao redor brotava, crescia e germinava no fermento mágico da existência. O encantamento da vida, esse vento calmo, percorria como uma vasta onda, sem distinção, campos e cidades, atravessava muros e paliçadas, árvores e homens, envolvendo tudo no tremor da sua passagem. Para escapar dessa força, o médico foi ouvir o que dizia o povo reunido em assembleia na praça.

7

A lua já estava alta no céu. A densidade da sua luz vertia uma alvura que inundava todas as coisas.

Junto aos portões e colunatas dos prédios públicos de pedra que cercavam a praça, a terra estava coberta por largas sombras como tapetes negros.

O comício acontecia do outro lado da praça. Caso alguém quisesse prestar atenção, poderia distinguir o que lá se dizia. Mas foi o esplendor do cenário que envolveu totalmente o médico. Sentou-se em um banco próximo ao portão do corpo de bombeiros e, sem dar atenção às vozes que ressoavam do outro lado, observava ao redor.

Pequenas ruas desertas desembocavam na praça. Ao fundo, avistavam-se casinhas velhas e tortas. Como nas aldeias, essas ruelas eram cobertas de um espesso lamaçal. Da lama emergiam compridas sebes de varas de vime trançadas, semelhantes a redes ou cestos para pescar caranguejo.

Via-se um brilho oscilante nos vidros das janelas abertas. Das paliçadas até dentro das casinhas, estendiam-se pés de milho dourados e suados, com seus espanadores e pincéis brilhantes que pareciam untados de manteiga. Por trás das sebes, na lama, malvas solitárias, pálidas e magras, olhavam para longe, como aldeãs em camisa, expulsas das casas abafadas para respirar ar fresco.

Essa noite iluminada pela lua estava surpreendente como a misericórdia ou o dom da clarividência. Súbito, ao silêncio desse conto feérico radioso e cintilante, começaram a se sobrepor os sons cadenciados e entrecortados de uma voz familiar. A voz era bela, quente e cheia de convicção. O médico apurou os ouvidos e logo a reconheceu, era o comissário Guints discursando na praça.

Certamente, por seu prestígio, as autoridades lhe haviam solicitado apoio, e ele, inflamado, acusava o povo de Meliuziéev de se deixar desorganizar, de se entregar facilmente à influência corruptora dos bolcheviques, os verdadeiros culpados, a seu ver, dos eventos de Zibúchino. Com o mesmo espírito com que discursara ao comandante, lembrava agora a existência de um inimigo cruel e poderoso, afirmando que a hora da provação havia chegado para a Rússia. A partir de certo momento do discurso, começaram a interrompê-lo.

Os pedidos de que não atrapalhassem o orador alternavam-se com gritos de descontentamento. Os protestos se fizeram mais frequentes e barulhentos. Alguém que acompanhava Guints e que, na assembleia, fazia as vezes de presidente lembrou que era proibido falar e pediu à assistência para manter a calma. Uns reivindicavam a palavra a uma cidadã perdida na multidão, outros os vaiavam e solicitavam que não interrompessem o orador.

Uma mulher abria caminho na multidão até o caixote virado que servia de tribuna. Ela não pretendia subir nele e, ao alcançá-lo, colocou-se ao seu lado. Todos a conheciam. Fez-se silêncio. Essa mulher que havia conquistado a atenção da multidão era Ustínia.

— O senhor fala de Zibúchino, camarada comissário, e depois diz que temos de abrir os olhos para não sermos enganados; no entanto, eu o ouvi, o senhor só sabe tagarelar sobre bolcheviques e mencheviques, bolcheviques e mencheviques, e não escutei mais nada do senhor. Mas acabar com a guerra e todos se tornarem irmãos é a lei de Deus e não dos mencheviques, e dar fábricas e usinas aos pobres não é bolchevique, é piedade humana. Sobre o surdo, já nos jogaram na cara antes do senhor, já chega. Vocês querem o homem. Por que desgostam dele? Porque andou muito tempo mudo e, de

repente, sem pedir licença, começou a falar? Imagine, grande coisa. Isso acontece! A jumenta, por exemplo, é conhecida. "Balaão, Balaão", ela disse, "te peço com respeito, não vá lá, vai se arrepender." É conhecido, ele não obedeceu e foi. Do mesmo jeito que o senhor com o surdo. Ele pensou, por que vou escutar? A jumenta é só um animal. E não deu confiança para a besta. Mas depois se arrependeu, e como! E o senhor sabe bem como acabou.

— Como? — quis saber um ouvinte curioso.

— Ora! — rosnou Ustínia. — É melhor não querer saber, pra não envelhecer.

— Não, assim não vale, diga como — insistia a voz inquieta.

— Como, como, seu carrapato! Ele virou uma coluna de sal.

— Tá brincando, comadre! Esse é Lot. A mulher de Lot — alguém gritou.

Todos riram. O presidente pediu ordem à assembleia. O médico foi dormir.

8

No dia seguinte, à noite, o médico veio ter com Antípova. Ele a encontrou na copa. Larissa Fiódorovna tinha à sua frente um amontoado de roupas, que passava a ferro.

A copa ficava no andar superior, nos fundos da casa, e dava para o jardim. Ali se acendiam samovares e serviam-se os pratos, içados da cozinha por um elevador manual que, em seguida, transportava para baixo a louça suja. Era na copa que se fazia a contabilidade do hospital e se conferia a lista de louças e de roupas de cama. E era lá que descansavam nas horas vagas e se reuniam para conversar.

As janelas abertas deixavam penetrar no ambiente o perfume da velha tília em flor e o odor amargo de cominho dos galhos secos, como nos velhos parques, que se misturavam ao leve vapor dos dois ferros com que Larissa Fiódorovna passava alternadamente, depositando ora um, ora outro sobre o

fumeiro para aquecer.

— Por que não bateu à minha porta, ontem? Mademoiselle me contou. Mas, o senhor fez bem. Eu já estava deitada e não poderia deixá-lo entrar. Então, como vai? Cuidado, não vá se sujar. Há carvão aqui.

— Pelo visto, está passando a roupa do hospital inteiro.

— Não, há muita roupa minha aqui. O senhor me provoca o tempo todo dizendo que eu jamais vou partir daqui. Dessa vez é sério. Veja, estou me preparando, já estou fazendo as malas. Quando terminar, vou-me embora. Vou para os Urais, e o senhor para Moscou. Mais tarde, quando alguém perguntar a Iúri Andréievitch: "O senhor já ouviu falar de uma cidadezinha chamada Meliuziéev?", ele respoderá: "Creio que não". "Conhece uma tal Antípova?" "Não faço ideia."

— Bem, pode ser. Como foi sua viagem pelas aldeias? Está tudo bem por lá?

— Não é possível dizer em duas palavras. Como esses ferros esfriam rápido! Pode me passar o outro, por favor, se não se importa? Ali, no fumeiro. E coloque este lá. Isso. Obrigada… As aldeias são muito diferentes. Tudo depende dos habitantes. Em algumas, a população gosta de trabalhar e é trabalhadora. Nessas, está tudo bem. Mas, em outras só há beberrões. Essas estão abandonadas. É horrível de ver.

— Tolice. Que beberrões? A senhora não entendeu. Simplesmente não há ninguém, todos os homens foram recrutados. Mas, bem. E como é a administração nova, revolucionária?

— No que diz respeito aos beberrões, o senhor está errado, discordo e posso argumentar. Agora, a administração? Ainda vai causar muitos problemas. As instruções são inaplicáveis, e não há com quem se possa trabalhar nas aldeias. Os camponeses nesse momento só se interessam pelo problema da terra. Passei por Razdôlnoie. É uma beleza! O senhor deveria ir até lá. Na primavera, uma parte da propriedade foi incendiada e saqueada. O telheiro queimou, as árvores frutíferas foram carbonizadas, a fachada estragou-se com a fuligem. Não consegui ir a Zibúchino, não era possível. Mas afirmam por toda parte que o surdo não é uma invenção. Descrevem a

aparência, dizem que é jovem e instruído.

— Ontem, na praça, Ustínia se batia por ele.

— Mal cheguei de Razdôlnoie e de novo um monte de problemas. Quantas vezes pedi que nos deixassem em paz. Já basta o que temos aqui. Hoje de manhã, os guardas vieram da parte do comandante e trouxeram um bilhete do local. Eles querem de todo jeito o serviço de chá de prata e as taças de cristal da condessa. Por uma noite apenas, com a promessa de devolver. Sabemos o que significa devolver. Não se recupera nem a metade das coisas. Dizem que é uma festinha. Para alguém que chegou.

— Ah, imagino. Com certeza se trata do novo comissário do front. Eu o encontrei casualmente. Pretende cuidar dos desertores, cercá-los e desarmá-los. Esse comissário ainda é muito verde, muito jovem para isso. Os daqui propõem enviar os cossacos, mas ele quer capturá-los pelas lágrimas. O povo, ele diz, é uma criança… e por aí vai; é assim que pensa e vê as coisas, como um jogo infantil. Galiúllin insiste com ele que não desperte a fera adormecida, que deixe isso conosco, mas de que adianta falar a alguém que já encasquetou uma ideia? Escute. Deixe o ferro um pouco e me escute. Em breve acontecerá aqui uma disputa inimaginável. Evitá-la está acima das nossas forças. Como eu queria que a senhora partisse antes dessa confusão!

— Não vai acontecer nada. O senhor exagera. E de qualquer forma eu já estou de partida. Só não dá para simplesmente dizer tchau e bênção. É preciso atualizar o inventário, senão pode parecer que estou roubando algo. Mas quem é que vai atualizar? Essa é a questão. Eu já me dediquei muito a esse inventário e em troca só ouvi recriminações. Incluí os bens da condessa nos registros do hospital, porque esse era o sentido do decreto. E agora parece que fiz isso como uma manobra para preservar os bens da proprietária. Quanta besteira!

— Ah, largue esses tapetes e porcelanas, que vão pro diabo! Já tem muito com o que se preocupar. Sim, sim. É uma grande pena que não nos tenhamos visto ontem. Eu estava bem inspirado. Poderia lhe explicar toda a mecânica celeste. Seria capaz de responder a qualquer pergunta intrincada. Não, não estou brincando, eu estava com ganas de desabafar. De falar sobre

a minha mulher, sobre o meu filho, sobre a minha vida. Que diabos, será que um homem adulto não pode conversar com uma mulher adulta sem que na mesma hora desconfiem de "segundas intenções"? Ora, que o diabo carregue todas essas fofocas e segundas intenções.

"Por favor, passe, vá passando a roupa e não preste atenção em mim, eu vou falar, vou falar longamente.

"Pense bem, que tempos são esses! E nós estamos aqui, vivendo esses dias! É uma história sem precedentes, que acontece apenas uma vez na eternidade. Pense bem: arrancaram o teto da Rússia inteira, e nós, com todo o povo, nos encontramos a céu aberto. E ninguém para nos vigiar. É liberdade! É a verdadeira liberdade, não aquela das palavras e das reivindicações, mas a que cai do céu contra todas as expectativas. Liberdade por acaso, por equívoco.

"E como os homens estão enormes e desnorteados! A senhora notou? Como se cada um estivesse esmagado por si mesmo, pela força heroica que descobriu em si.

"Mas eu falo, a senhora passa e se cala. Está entediada? Vou trocar o ferro.

"Ontem à noite, observei uma assembleia. Um espetáculo incrível. A nossa mãe Rússia se moveu, e já não para mais no lugar, vai e vem sem descanso, fala obstinadamente. E não são apenas as pessoas que falam. As estrelas e as árvores reuniram-se e conversam, as flores da noite filosofam e as casas de pedra se congregam. Há algo de evangélico nisso, não acha? Como nos tempos dos apóstolos. A senhora se lembra, em Paulo: 'Falem todas as línguas e profetizem. Rezem para ter o dom da interpretação'."

— Entendo a reunião das estrelas e das árvores. Sei o que o senhor quer dizer. Já experimentei isso.

— A guerra fez a metade, e o resto a revolução terminou. A guerra foi uma interrupção artificial da vida, como se a existência pudesse ser temporariamente adiada. Que loucura! E a revolução eclodiu contra a vontade, como um suspiro longamente retido. Cada homem reviveu, renasceu, todos se transformaram, se modificaram. Pode-se dizer que cada um viveu duas revoluções, a sua própria, pessoal, e a de todos. O socialismo

me parece um mar para onde devem fluir, como córregos, todas essas revoluções pessoais; um mar de vida, um mar de singularidades. Um mar de vida, eu disse, mas me refiro à vida que se vê nas pinturas, à vida transformada pelo gênio, à vida criativamente enriquecida. Agora, as pessoas decidiram experimentá-la, não nos livros, mas em si mesmas, não em abstrato, mas na prática.

Um tremor inesperado na voz traiu a emoção que nascia em Jivago. Cessando por um momento de passar, Larissa Fiódorovna olhou para ele, séria e surpresa. Ele se confundiu e esqueceu o que dizia. Depois de uma pequena pausa, recomeçou a falar. Irrefletidamente, começou a dizer Deus sabe o quê.

— Nesses dias, como eu anseio por viver de forma honesta e fecunda! Como gostaria de ser parte dessa inspiração comum! No entanto, em meio a essa alegria que envolve a todos, encontro o seu olhar triste e inapreensível, que erra não se sabe onde, em reinos distantes, em terras longínquas. O que eu não daria para que não fosse assim, que em seu rosto estivesse escrito que está satisfeita com o destino, que não precisa de nada nem de ninguém, que alguém próximo a você, um amigo ou marido (melhor seria um militar) me desse o braço e me pedisse para não me inquietar com a sua sorte, que a poupasse da minha atenção. Eu livraria meu braço, sacudiria… Ah, esqueci! Desculpe, por favor.

A voz de novo traiu o médico. Ele fez um gesto irritado com a mão e, com o sentimento de ter cometido uma indelicadeza irreparável, levantou-se e foi até a janela. De costas para o cômodo, com o rosto entre as mãos e os cotovelos apoiados no peitoril, lançou para as profundezas do jardim escuro um olhar distraído que buscava apaziguar-se, um olhar que não via.

Contornando a tábua de passar, cujos apoios eram a mesa e a borda da outra janela, Larissa Fiódorovna se deteve a alguns passos do médico, por trás dele, no meio da copa.

— Ah, como eu sempre temi isso! — disse ela baixinho, como que para si mesma. — Que erro fatal! Basta, Iúri Andréievitch, isso não é necessário. Ah, veja o que eu fiz por sua culpa! — gritou ela, e correu até a tábua onde uma

blusa queimava sob o ferro esquecido, fazendo subir filetes de fumaça. — Iúri Andréievitch — prosseguiu ela, aborrecida, batendo o ferro na boca do fogão —, Iúri Andréievitch, seja sábio, vá um minuto até mademoiselle, beba um copo d'água, meu amigo, e depois volte aqui do modo como estou acostumada ao senhor e como desejo vê-lo. Está me ouvindo, Iúri Andréievitch? Sei que isso está dentro das suas forças. Faça isso, eu lhe peço.

Não houve mais conversas desse gênero entre eles. Uma semana mais tarde, Larissa Fiódorovna partiu.

9

Algum tempo depois, Jivago começou a se preparar para a viagem. Na noite anterior à sua partida houve uma tempestade violenta em Meliuziéev.

O baque da tormenta unia-se à pancada do aguaceiro que ora desabava verticalmente sobre os telhados, ora, sob a pressão do vento caprichoso, açoitava o fluxo dos córregos vertidos ao longo das ruas.

Os ribombos dos trovões sucediam-se um ao outro sem parar, fundindo-se em um único estrondo. Ao clarão dos constantes relâmpagos, as profundezas das ruas evadiam-se, ocultadas pelas copas das árvores eternamente inclinadas naquela direção.

À noite, Mlle Fleury foi despertada por uma batida inquietante na porta da frente. Assustada, ela se sentou na cama e apurou os ouvidos. As batidas não cessavam.

Será possível que não houvesse nem uma alma no hospital para abrir a porta, pensava, e logo ela, uma pobre velha, é que teria de responder por todos, pela simples razão de que a natureza a fez nascer honesta e a dotou de sentido de dever?

Está certo que os Jabrínski eram ricos, aristocratas, mas o hospital pertencia ao povo. Em que mãos o deixaram! Seria interessante saber, por exemplo, por onde andavam os enfermeiros. Todos debandaram, não havia nem chefes, nem enfermeiras, nem médicos. E ainda havia feridos na casa, dois sem pernas no andar superior, na sala de cirurgia, onde antes era a sala

de visitas, e um quarto repleto de doentes com disenteria, no andar de baixo, perto da lavanderia. E essa diaba da Ustínia, que tinha saído para visitar alguém. A tonta vê que está se formando uma tempestade, mas não! Bobagem. Cismou. Agora, tem que passar a noite na casa dos outros.

Graças a Deus cessou, se aquietaram. Viram que ninguém abriu a porta e partiram, desistiram. Mas que diabo os trouxe aqui com um tempo desses. Será que era Ustínia? Não, ela tem chave. Meu Deus, que medo, estão batendo de novo.

Que porcaria! A Jivago não se pode pedir nada. Ele parte amanhã e já está com a cabeça em Moscou ou na estrada. Mas, e esse Galiúllin! Como ele pode dormir, ficar na cama tranquilo com tamanho barulho, sabendo que, no final das contas, será ela, uma pobre velha, fraca e indefesa, que terá de abrir a porta para algum desconhecido, nessa noite terrível, nesse país terrível.

Galiúllin? De súbito, caiu em si. Que Galiúllin? Não, um absurdo desses não poderia lhe vir à cabeça, a não ser em estado de sonolência. Que Galiúllin, se este desaparecera sem deixar rastro? Pois se foi ela mesma, junto com Jivago, que o escondera e lhe entregara roupas civis e em seguida lhe explicara sobre os caminhos e aldeias próximas, para que soubesse aonde ir, depois desse estranho linchamento na estação de trem, em que mataram o comissário Guints e saíram em perseguição a Galiúllin desde Biriúti até a própria Meliuziéev, dando tiros de fuzil e revistando a cidade inteira. Galiúllin!

Se não fossem os soldados motorizados, não teria restado pedra sobre pedra. Uma divisão blindada por acaso passava pela cidade naquela hora e tomou a defesa dos habitantes, contendo os miseráveis.

A tempestade se enfraquecia e se afastava. Os ruídos de trovão se faziam mais raros, surdos e longínquos. A chuva cessava por momentos e a água, em calmo rumorejar, continuava a escorrer ao longo das calhas e das folhagens. Os clarões silenciosos dos relâmpagos penetravam o quarto de mademoiselle, iluminavam-no e se fixavam por um instante, como se procurassem algo.

De repente, as batidas, interrompidas por algum tempo, recomeçaram. Alguém precisava de ajuda e batia à porta com insistência e desespero. O vento levantou-se novamente e uma pancada de chuva se precipitou.

— Já vou! — gritou mademoiselle para o desconhecido, assustando-se com a própria voz.

Uma intuição repentina a iluminou. Descendo os pés da cama e deslizando-os pelas pantuflas, cobriu-se com um roupão e correu para chamar Jivago. Mas ele também havia escutado as batidas e já descia com uma vela na mão. Ambos tinham os mesmos pressentimentos.

— Jivagô, Jivagô! Estão batendo na porta de entrada, tenho medo de abrir sozinha — ela gritou em francês, e acrescentou em russo: — O senhorr verrá, serrá Larra u tenente Gaiúl.

Iúri Andréievitch também havia despertado com as batidas e imaginava que certamente seria alguém de casa: ou Galiúllin teria se deparado com obstáculos e voltava em busca de um refúgio onde pudesse se esconder, ou Antípova teria encontrado dificuldades na viagem.

No vestíbulo, o médico passou a vela a mademoiselle, girou a chave e puxou o ferrolho. A rajada de vento arrancou a porta de suas mãos, apagou a vela e salpicou-os de respingos gelados de chuva.

— Quem está aí? Quem está aí? Há alguém aí? — gritavam no escuro, alternadamente, mademoiselle e o médico, mas ninguém respondia.

Súbito, escutaram as mesmas batidas em outro lugar, na entrada dos fundos ou, como agora lhes parecia, na janela do jardim.

— Pelo visto, é o vento — disse o médico. — Mas por desencargo de consciência, é melhor a senhora ir até os fundos certificar-se, e eu espero aqui para não nos desencontrarmos, caso seja de fato alguém, e não outra coisa qualquer.

Mademoiselle se distanciou pelo interior da casa, e o médico avançou sob o alpendre da entrada. Seus olhos, já acostumados à escuridão, distinguiam os primeiros sinais do amanhecer.

Sobre a cidade, as nuvens deslizavam rápidas como loucas, pareciam em fuga. Voavam tão baixo que quase tocavam as árvores, que, inclinadas na

mesma direção, pareciam varrer o céu. A chuva açoitava a parede de madeira da casa, que de cinza se tornara preta.

— Então? — perguntou o médico a mademoiselle, que retornava.

— O senhor tinha razão. Não há ninguém. — Ela contou que havia percorrido a casa toda. Na copa, encontrou uma janela quebrada, um galho da tília havia rompido o vidro, e o chão estava com grandes poças; o mesmo havia acontecido no quarto de Lara: um mar, um verdadeiro mar, um oceano.

— Neste caso, os contraventos se soltaram e ficaram batendo na janela. Está tudo explicado.

Conversaram ainda um pouco, trancaram a porta e voltaram para a cama, lamentando que o alerta tivesse sido em vão. Estavam certos de que ao abrir a porta de entrada veriam introduzir-se por ela a mulher que tão bem conheciam, molhada até os ossos e transida de frio; que a cobririam de perguntas enquanto ela sacudiria a roupa. Depois ela se trocaria e viria se secar ao fogão à lenha, que ainda mantinha o calor da véspera, e lhes contaria suas inúmeras desventuras, arrumando os cabelos e rindo.

Ambos estavam tão certos disso que, quando fecharam a porta, o traço dessa certeza permaneceu do lado de fora da casa sob a forma de uma filigrana, de uma imagem dessa mulher que continuava a surgir para eles além da porta.

10

O telegrafista de Biriútch, Kólia Froliénko, foi considerado o culpado indireto pela rebelião dos soldados na estação de trem.

Kólia era filho do relojoeiro de Meliuziéev e conhecido de todos na cidade desde que usava fraldas. Ainda menino, costumava visitar um dos empregados da propriedade de Razdôlnoie e brincar com as filhas da condessa sob o olhar vigilante de mademoiselle, preceptora das meninas. Mademoiselle conhecia bem Kólia, e este chegou até a aprender um pouco de francês.

Em Meliuziéev, as pessoas se acostumaram a ver Kólia sempre em roupas leves, independentemente do tempo, sem chapéu e de sapatos de lona, sobre uma bicicleta. Sem segurar o guidom, inclinado para trás e com os braços cruzados no peito, ele rodava pelas estradas e pelas ruas da cidade, fitando os postes e os fios, verificando as condições da rede.

Algumas casas da cidade eram conectadas à estação de trem por uma ramificação da linha telefônica da ferrovia. O controle dessa linha estava nas mãos de Kólia, na sala de comando da estação.

E ele tinha trabalho até o pescoço. Cuidava do telégrafo da estrada de ferro, do telefone e, às vezes, nas curtas ausências do seu chefe, Povaríkhin, da sinalização e do bloqueio dos trens, cujos aparelhos de comando ficavam instalados na mesma sala do telégrafo.

A necessidade de seguir o funcionamento simultâneo de vários mecanismos desenvolveu em Kólia uma maneira singular de falar, obscura, entrecortada, cheia de enigmas, e Kólia recorria a ela quando não queria responder ou não desejava estabelecer uma conversa. Disseram que ele usou amplamente essa linguagem no dia da rebelião.

Com o seu silêncio, ele realmente enfraqueceu as boas intenções de Galiúllin, que telefonara da cidade, e assim, talvez involuntariamente, deu um curso fatal aos acontecimentos que se seguiram.

Galiúllin pedia para falar com o comissário, que estava em algum lugar da estação ou nas suas proximidades, para lhe dizer que iria encontrá-lo na clareira do bosque e pedir que o esperasse, que não tomasse nenhuma atitude precipitada. Kólia se recusou a chamar Guints para falar com Galiúllin, sob o pretexto de que a linha estava ocupada com a transmissão de sinais para um trem que chegava a Biriútch; mas ao mesmo tempo, usava uma desculpa qualquer para reter no entroncamento vizinho justamente esse trem que trazia a Biriútch o reforço dos cossacos.

Quando o escalão cossaco finalmente chegou, Kólia não pôde esconder a sua insatisfação.

A locomotiva deslizou devagar sobre a plataforma escura do desembarque e parou exatamente em frente à grande janela da sala de comando. Kólia

abriu bruscamente a pesada cortina de tecido azul-marinho bordada com as iniciais da companhia ferroviária. Sobre o peitoril de pedra, havia uma bandeja com uma enorme jarra de água e um copo facetado de vidro grosso. Kólia encheu o copo, deu alguns goles e olhou pela janela.

O maquinista percebeu Kólia e acenou amigavelmente da cabine. "Uh, que porcaria fedida, seu percevejo de madeira!", pensou Kólia com ódio, mostrando a língua para o maquinista e ameaçando-o com o punho fechado. O maquinista não só compreendeu a mímica de Kólia como deixou isso claro com um movimento dos ombros e uma virada de cabeça na direção dos vagões: "O que fazer? Gostaria de te ver no meu lugar, é ele que manda". "Mesmo assim você é um canalha e calhorda", respondeu Kólia com sua mímica.

Começaram a retirar os cavalos dos vagões. Eles resistiam a sair. À batida surda dos cascos nas pranchas de madeira, seguiu-se o tinido das ferraduras na pedra da plataforma. Os cavalos que empinavam eram puxados através dos trilhos, pelo interior das vias férreas.

Essas vias desembocavam em duas fileiras de vagões sucateados que se apoiavam sobre eixos enferrujados e cobertos pelo mato. A deterioração da madeira pintada, lavada pelas chuvas e corroída pelos vermes e pela umidade, devolvia aos vagões o seu antigo parentesco com o bosque úmido que se adensava próximo às composições, com os cogumelos parasitas que adoeciam as bétulas e com as nuvens que as encimavam.

No limiar do bosque, a um comando, os cossacos saltaram nas selas e galoparam para a clareira.

Logo cercaram os rebeldes do 212º regimento. Entre as árvores, os cavaleiros sempre parecem maiores e mais imponentes do que em campo aberto. E causaram impressão nos soldados, embora estes tivessem fuzis em seus abrigos na terra. Os cossacos empunharam os sabres.

Guints surgiu no meio do círculo formado pelos cavaleiros, pulou sobre um monte de lenha empilhada e alinhada e começou a discursar para os soldados acossados.

De novo, como de hábito, começou a falar sobre o dever militar, o sentido de patriotismo e muitos outros temas elevados. Aqui, suas ideias não encontraram eco. O ajuntamento era bastante numeroso. Os homens que o compunham tinham sofrido horrores na guerra, estavam embrutecidos e cansados. As palavras que Guints pronunciava haviam sido longamente repisadas em seus ouvidos. Os quatro meses de adulação à direita e à esquerda os havia pervertido. Essa gente provinda do povo simples antipatizou com o sobrenome estrangeiro do orador e seu acento báltico.

Guints sentia que falava demasiado e agastava-se com isso, mas pensava que assim poderia fazê-los compreender melhor, embora os ouvintes lhe pagassem com expressões de indiferença e tédio, em vez de gratidão. Inflamando-se sempre mais, ele decidiu usar uma linguagem mais dura e recorrer às ameaças que guardara para o final. Sem dar atenção ao crescente descontentamento, lembrou aos soldados da existência e efetividade das cortes marciais revolucionárias e, sob pena de morte, exigiu que depusessem as armas e entregassem os chefes. Se não o fizessem, dizia-lhes Guints, provariam não passar de vis traidores, de uma canalha inconsciente, de brutamontes presunçosos. Aqueles homens haviam se desacostumado a semelhante tom.

Levantou-se um rugido de centenas de vozes. "Já chega! Basta! Já deu!", bradavam alguns em voz baixa, quase indiferentes. Mas havia também berros histéricos em falsete, cheios de ódio. Estes eram ouvidos. Gritavam:

— Vocês ouviram, camaradas, ele quer dar a volta na gente. E do jeito antigo! Não perdeu o modo de oficial! Então, nós é que somos os traidores? E você, o que é, sua alteza? Pra que ficar nessa ciranda com ele? É um agente alemão. Ei, você, mostre os documentos, sangue azul! E vocês, pacificadores, estão de boca aberta, por quê? Vamos, nos amarrem, acabem com a gente!

Mas os cossacos, depois do infeliz discurso de Guints, gostavam cada vez menos dessa história. "São todos canalhas e porcos? Ora, que senhor é esse!", murmuravam entre si. Um a um, em número crescente, foram recolocando os sabres na bainha. Um a um, foram apeando dos cavalos. E quando um

bom número deles já estava com o pé na terra, lançaram-se em desordem para o meio da clareira, ao encontro dos homens do 212º regimento. Tudo se misturou. Confraternizaram-se.

"O senhor deve dar um jeito de sumir sem que percebam", os oficiais cossacos, inquietos, disseram a Guints. "O seu carro está no cruzamento, nós vamos lá pedir que se aproxime. Suma daqui imediatamente."

Guints concordou, mas como achava indigno fugir de mansinho, dirigiu-se à estação sem as precauções necessárias, quase abertamente. Ele caminhava dominado por uma emoção terrível, forçando-se por orgulho a andar com calma e sem pressa.

Estava próximo à estação, no limiar do bosque. Da clareira, já se avistava a estrada de ferro e, então, pela primeira vez, observou à sua volta. Soldados armados de fuzil o seguiam. "O que eles querem?", pensava Guints, e apressou o passo.

O mesmo fizeram seus perseguidores, de forma que a distância entre eles não se alterava. À frente, surgiram as paredes duplas dos vagões deteriorados. Guints passou por eles e pôs-se a correr. A composição que trouxe os cossacos havia sido levada para a garagem. Os trilhos estavam livres.

Guints os atravessou correndo, tomou impulso e subiu na alta plataforma. Nesse momento, os soldados que o perseguiam surgiram de trás dos vagões abandonados, às carreiras. Povaríkhin e Kólia gritaram algo a Guints e fizeram sinais, convidando-o a entrar na estação, onde poderiam salvá-lo.

Mas esse sentimento de honra passado de geração em geração, sentimento urbano de sacrifício e aqui totalmente absurdo, de novo atravessou o caminho dele, impedindo que se salvasse. Com um esforço sobre-humano, ele tentava conter a palpitação acelerada do coração. "Preciso gritar para eles: 'Irmãos, voltem a si, como posso ser um espião?'. Preciso dizer alguma coisa sensata, alguma coisa humana que os faça parar."

Nos últimos meses, ele havia inconscientemente associado a ideia de feitos heroicos e efusões líricas a palanques e tribunas, a cadeiras do alto das quais podia efundir à multidão os seus apelos inflamados e as palavras de

ordem.

Próximo à porta da estação, debaixo de um sino, havia um reservatório de água grande e alto para caso de incêndio. Estava bem fechado. Guints subiu sobre a tampa e dirigiu-se aos que se aproximavam com palavras emocionadas, absurdas e desconexas. A audácia insana da sua atitude, a dois passos das portas abertas da estação, onde poderia ter facilmente entrado, deixou os soldados perplexos e os deteve no lugar. Baixaram as armas.

Mas Guints pisou na beirada da tampa e ela virou. Ao cair sentado na borda do reservatório, uma perna mergulhou na água e a outra ficou dependurada para fora.

Os soldados receberam essa trapalhada com explosões de gargalhadas. O que estava à frente abateu o infeliz com um tiro no pescoço, e os outros se atiraram sobre o corpo morto a golpes de baioneta.

11

Mademoiselle telefonou a Kólia para pedir que acomodasse convenientemente o médico no trem, ameaçando, caso contrário, fazer revelações desagradáveis sobre ele.

Ao responder a mademoiselle, Kólia, como de hábito, conduzia outra conversa telefônica, e a julgar pelas frações decimais que salpicavam a sua fala, também comunicava por telégrafo algo cifrado para um terceiro lugar.

— Pskov, komocev,[5] estão ouvindo? Que rebeldes? Que mão? O que disse, mam'selle? Besteira, quiromancia. Pare, desligue o aparelho, está me atrapalhando. Pskov, komocev, Pskov. Trinta e seis vírgula zero zero quinze. Ah, cachorros me mordam, a fita rompeu. Hein? Não escuto nada. De novo, mam'selle? Eu disse em bom russo, é impossível, não posso. Dirija-se a Povaríkhin. Besteira, quiromancia. Trinta e seis… ah, diabos… desligue, não atrapalhe mam'sel.

E mademoiselle dizia:

— Você não me engana com isso de Pskov, Pskov, quiromancia, seu mentiroso. Eu te conheço. Amanhã vai colocar o médico no vagão e ponto-

final, e não quero mais falar com nenhum pequeno judas assassino.

12

O ar estava abafado quando Iúri Andréievitch partiu. Formava-se novamente uma tempestade.

Próximo à estação, havia um vilarejo com casinhas de taipa, gansos e coberto de sementes de girassol; nele, tudo embranquecia de medo ante o olhar imóvel do céu negro e tempestuoso.

Diante da estação, estendia-se uma ampla esplanada. Nela, a relva estava totalmente pisoteada e coberta por uma multidão incontável de pessoas que havia semanas esperava trens para destinos diversos.

Em meio a essa multidão, havia velhos com casacos grosseiros de lã cinza que corriam de grupo em grupo, sob o sol escaldante, para escutar histórias e saber das novidades. Meninos de catorze anos, taciturnos, estavam deitados sobre o flanco, apoiados nos cotovelos com uma vareta na mão como se tangessem gado. Os irmãos pequenos corriam entre as suas pernas, arregaçando a camisa sobre o bumbum rosado. Estendendo as pernas e mantendo-as juntas, as mães se sentavam com as crianças de colo enroladas em velhas túnicas retorcidas.

— Correram como ovelhas quando a fuzilaria começou. Não gostaram! — disse com ar hostil Povaríkhin, o chefe da estação, abrindo caminho e contornando, com o médico, as fileiras de pessoas deitadas e amontoadas diante das portas e sobre a plataforma da estação.

— De repente, o gramado esvaziou-se! Pudemos ver de novo como é a terra. Que alegria! Estava havia quatro meses debaixo desse tropel, esquecemos como era. Olhe, foi ali que ele caiu. Foi impressionante, vi tanta coisa horrível na guerra, já devia ter me acostumado. Mas isso deu pena. Principalmente pelo absurdo. Por quê? Que mal ele fez? Por acaso isso lá é gente? Dizem que era o preferido da família. Não, não, pra a direita, por aqui, por aqui, por favor, pro meu gabinete. E nem pense em pegar esse trem, será pisoteado até a morte. Vou acomodá-lo em outro, de

comunicação local. Nós mesmos organizamos as composições, vamos começar a formá-lo agora. Mas até o embarque, bico calado. Não diga nada a ninguém! Senão, vão despedaçar até o engate, se a notícia se espalhar. À noite, o senhor fará baldeação em Sukhínitchi.

13

Quando terminaram de montar o trem secreto e o conduziram de marcha a ré a partir do depósito, toda a multidão que ocupava o gramado da esplanada atirou-se em direção ao comboio, que recuava devagar. As pessoas rolavam como ervilhas colina abaixo e escalavam as composições. Empurrando-se mutuamente, uns pulavam nos para-choques e estribos em movimento, outros deslizavam pelas janelas ou subiam para o teto dos vagões. Num instante, antes mesmo de parar na estação, o trem lotou, e quando chegou à plataforma de embarque, havia gente dependurada de cima a baixo.

Por milagre, o médico conseguiu alcançar a plataforma e, de maneira ainda mais inexplicável, penetrar no corredor de um vagão.

E foi nesse corredor que ele passou toda a viagem até Sukhínitchi, sentado sobre suas bagagens.

As nuvens tempestuosas tinham se dissipado havia algum tempo. O trem percorria os campos de ponta a ponta sob os ardentes raios do sol e o constante cricrilar dos grilos, que se sobrepunha ao barulho do comboio em movimento.

Os passageiros que viajavam de pé junto às janelas cobriam a luz para os outros e faziam sombras compridas sobre os bancos de madeira e sobre as divisórias, por vezes duas ou três sombras que se fundiam. Essas sombras não se detinham no vagão, eram relançadas pelas janelas opostas e saltavam para o outro lado da composição, junto à sombra de todo o trem que avançava velozmente.

Por toda parte gritavam, berravam cantigas, xingavam e jogavam cartas. Nas paradas, a essa sodoma interior, acrescentava-se a barulheira da multidão

que assediava o trem do lado de fora. A balbúrdia das vozes era tão ensurdecedora quanto uma tempestade marítima. E assim como no mar, de repente, em certo momento da parada, baixava um inexplicável silêncio. Podiam-se ouvir passos apressados pela plataforma ao longo de todo o trem, o vaivém e as discussões junto ao vagão de bagagem, palavras de despedida pronunciadas ao longe, o fraco cacarejo das galinhas e o farfalhar das árvores no jardim da estação.

E então, como um telegrama entregue no caminho ou um cumprimento de Meliuziéev, penetrou pela janela um aroma conhecido, endereçado justamente a Iúri Andréievitch. Esse aroma, de uma supremacia silenciosa, manifestava-se em alguma parte e baixava das alturas até as flores dos campos e dos jardins, de forma incomum.

O médico não podia se aproximar da janela por causa da aglomeração. Mas mesmo sem olhar, ele podia ver em sua imaginação essas árvores. Quem sabe elas cresceram ali por perto e estendem calmamente até o teto dos vagões os ramos frondosos de folhagem enegrecida pela fuligem da via férrea, espessa como a noite, e salpicada de estrelinhas de cera cintilantes.

Isso se repetiu por todo o caminho. Em toda parte, uma multidão barulhenta; em toda parte, as tílias em flor.

A presença constante desse perfume parecia superar a marcha do trem para o norte, como uma notícia que percorresse todos os entroncamentos, todas as passagens de nível, todas as estações, e que sempre estivesse ali, disponível aos viajantes.

14

À noite, em Sukhínitchi, um carregador prestativo à moda antiga conduziu Jivago por caminhos escuros até a porta traseira de um vagão de segunda classe e acomodou-o num trem que acabara de chegar e cujo horário não havia sido anunciado.

Entretanto, depois de abrir a porta traseira com a chave do condutor e colocar no vagão a bagagem do médico, o carregador teve de travar uma

pequena batalha com o controlador, que exigia que descessem imediatamente; mas, após ser persuadido por Iúri Andréievitch, o homem abrandou-se e sumiu da face da Terra.

O trem misterioso deslocava-se excessivamente rápido, com curtas paradas. Tinha um destino especial e estava, parece, sob controle militar. Nos vagões, podia-se circular livremente.

A cabine onde Jivago entrou estava vivamente iluminada por uma vela meio derretida sobre a mesinha. A chama ondulava ao sabor da corrente de ar que penetrava através da janela baixada.

A vela pertencia ao único passageiro da cabine. Um homem jovem e louro, provavelmente alto, a julgar pelos braços compridos e pernas de articulações excessivamente frouxas, como peças de um objeto desmontável. O rapaz estava sentado no sofá, próximo à janela, relaxadamente reclinado. Ao ver Jivago, fez menção de se levantar e corrigiu sua posição.

Sob o assento, via-se algo semelhante a um pano felpudo. De repente, a pontinha do pano começou a se mexer e ergueu-se um cachorro agitado de orelhas caídas. Ele farejou e observou Iúri Andréievitch, em seguida se pôs a correr de um lado para o outro da cabine, estendendo as patas com uma agilidade semelhante ao cruzar e descruzar de pernas do seu dono. Logo, sob uma ordem, deslizou tremelicando para debaixo do sofá e retomou o aspecto de pano felpudo.

Só então Iúri Andréievitch notou a espingarda de dois canos, a cartucheira de couro e a sacola de caçador repleta de aves abatidas, dependuradas nos ganchos da cabine.

O jovem era um caçador.

Ele se distinguia por uma extrema loquacidade. Com um sorriso amável, apressou-se a estabelecer uma conversa. E ao fazê-lo, olhava ininterrupta e literalmente para a boca do médico.

A voz do jovem era desagradavelmente aguda, com algumas notas elevadas, soando metálica e em falsete. Outra coisa estranha é que, embora ele fosse claramente um russo, pronunciava a vogal “u” de maneira bizarra, abrandando o som à maneira francesa ou alemã. Além disso, esse “u”

distorcido lhe custava muito mais esforço, era pronunciado com um leve uivo e se sobrepunha fortemente aos outros sons.

Logo no início da conversa, ele deixou abismado Iúri Andréievitch com a seguinte frase:

— Ontem, *füi* caçar e consegui apanhar *müitos* patos.

Em alguns momentos, à custa de certa concentração, ele conseguia superar a dificuldade, mas bastava se distrair para que o defeito de pronúncia se revelasse.

"Que diabos é isso?", pensou Jivago. "Tenho a impressão de já ter lido algo a respeito. Como médico deveria saber, mas me fugiu da cabeça. É alguma desordem cerebral que provoca um defeito de articulação. E esse uivo é tão engraçado que é difícil me manter sério. É melhor subir e me deitar."

E assim fez. Depois que se acomodou na cama de cima do beliche, o jovem perguntou se queria que apagasse a vela para não perturbá-lo. O médico aceitou a proposta e agradeceu. O rapaz soprou a chama. O ambiente mergulhou na escuridão.

A janela estava meio aberta.

— Não acha melhor fecharmos a janela? — perguntou Iúri Andréievitch. — Não tem medo de ladrões?

O vizinho não respondeu. Iúri Andréievitch repetiu a pergunta bem alto, mas o outro de novo não deu sinal.

Então, Iúri Andréievitch acendeu um fósforo para ver o que havia, se o vizinho não teria saído da cabine nesse curto instante ou se já teria dormido, o que seria ainda mais improvável.

Mas não, ele estava em seu lugar com os olhos bem abertos e sorriu quando o médico se debruçou do alto.

O fósforo apagou. Iúri Andréievitch acendeu outro e, iluminado pela luz, repetiu pela terceira vez a pergunta para a qual desejava uma resposta clara.

— Faça como quiser — respondeu imediatamente o caçador. — Não tenho nada que possam roubar. Mas seria melhor não fechar. Está abafado.

"Essa é boa!", pensou Jivago. "O esquisitão, pelo visto, só fala quando há

luz. E dessa vez pronunciou tudo corretamente, sem nenhum erro. É incrível!"

15

Jivago se sentia alquebrado pelos acontecimentos da semana anterior, pelas emoções que o haviam dominado, pelos preparativos da viagem e pelo embarque no trem da manhã. Acreditava que dormiria profundamente assim que pudesse se estender com mais comodidade, mas isso não aconteceu. O excesso de fadiga trouxe-lhe insônia, e ele só adormeceu ao amanhecer.

Nessas longas horas de vigília, os pensamentos lhe vinham à mente em turbilhões caóticos, embora, a bem da verdade, eles se distinguissem em dois círculos, como dois novelos que ora se enrolam, ora se desenrolam.

Em torno do primeiro círculo, giravam seus pensamentos sobre Tônia, sobre a sua casa, a vida harmoniosa de outrora, onde tudo, nos mínimos detalhes, exalava poesia, afeto e pureza. O médico ansiava por essa vida e esperava encontrá-la inteira e intacta; voando nesse expresso noturno, desejava com todas as forças retornar ao que havia abandonado por mais de dois anos.

Nesse turbilhão de lembranças familiares, reencontrava sua fidelidade à revolução e também o entusiasmo que ela lhe inspirara. Mas era a revolução no sentido que lhe fora atribuído pelas classes médias, a revolução tal como a imaginara a juventude estudantil de 1905, grande admiradora de Blok.

A essas lembranças, ligavam-se também os sinais de uma vida nova, as promessas e os presságios que, ainda antes da guerra, entre 1912 e 1914, tinham despontado no horizonte, no pensamento russo, nas artes russas e no destino russo; no destino de toda a Rússia e no destino dele próprio, Jivago.

Depois da guerra, ele ansiava por reencontrar e reanimar esse espírito, tanto quanto desejava voltar para casa após essa longa separação.

Em torno do segundo círculo, giravam as impressões mais recentes, tão novas e tão diferentes das outras! Mas nada aqui lhe pertencia, nada lhe era

familiar nem engendrado pelo passado; tudo era ao mesmo tempo arbitrário e irrevogável, imposto pela realidade e repentino como um terremoto.

Esse novo era a guerra, seu sangue e horrores, sua desordem e selvageria; eram as provações e a sabedoria concreta da vida que a guerra havia ensinado; eram as cidades perdidas para onde a guerra o levara e as pessoas com quem se defrontara. Esse novo era a revolução, não aquela idealizada pelos estudantes de 1905, mas a revolução presente, nascida da guerra, sangrenta; a revolução militar, que veio de forma inesperada, conduzida pelos bolcheviques, os únicos a perceberem o sentido dessa tempestade.

Esse novo era a enfermeira Antípova, atirada pela guerra Deus sabe onde e com uma vida que lhe era completamente desconhecida; Antípova, que nunca censurava nada em ninguém, cuja mudez era quase um lamento, essa mulher misteriosamente lacônica e tão forte em seu silêncio. Esse novo era o esforço sincero, sobre-humano de Iúri Andréievitch em não amá-la, ele que toda a vida se esforçou por testemunhar amor não apenas a sua família e a seus próximos, mas a todos os seres humanos.

O trem ia a toda a velocidade. O vento que entrava pela janela aberta revolvia e empoeirava os cabelos de Iúri Andréievitch. As paradas da noite eram como as do dia, uma multidão esbravejava, e as tílias farfalhavam.

Às vezes, das profundezas da noite surgiam carroças e charretes que se aproximavam ruidosamente da estação. As vozes e o trovejar das rodas se misturavam ao ruído das árvores.

Nesses momentos, parecia possível compreender a origem do farfalhar e do movimento convergente das sombras noturnas e o que elas sussurravam em suas línguas pastosas, enquanto arrastavam as folhas sonolentas e pesadas. Essa impressão fez Iúri Andréievitch revirar-se no beliche e trouxe-lhe à lembrança a notícia de que os distúrbios se ampliavam e se estendiam por toda a Rússia, de que a hora fatal e difícil da revolução estava prestes a ocorrer e de que, sem dúvida alguma, a revolução terminaria por impor a sua grandeza.

16

No dia seguinte, o médico acordou tarde. Já era meio-dia. "Marquis, Marquis!", dizia em voz baixa o vizinho para acalmar o cão que rosnava. Para grande surpresa de Iúri Andréievitch, permaneciam apenas ele e o caçador na cabine, ninguém mais a havia ocupado durante a viagem. Os nomes das estações lhe eram familiares desde a infância. O trem, deixando para trás a província de Kalújskaia, cortava agora a província da Moskóvskaia.

Depois de fazer a toalete com a mesma comodidade do pré-guerra, o médico voltou à cabine para o café da manhã que lhe oferecia o estranho vizinho. Agora, Iúri Andréievitch pôde observá-lo melhor.

Os traços distintivos de sua personalidade eram a extrema loquacidade e mobilidade. O desconhecido adorava falar, embora a comunicação das ideias parecesse não importar tanto quanto o fato de pronunciar as palavras e articular os sons. Enquanto falava, dava saltos sobre o sofá, gargalhava de forma estrondosa e sem motivo, esfregava as mãos compulsiva e prazerosamente, e, se tudo isso fosse pouco para exprimir a sua alegria, ele batia a palma das mãos nos joelhos e ria até às lágrimas.

A conversa foi retomada com a mesma estranheza da véspera. Faltava ao desconhecido qualquer noção de coerência. Ora se entregava a confissões que ninguém solicitava, ora deixava sem resposta as perguntas mais banais.

Despejou a seu respeito uma porção de informações absolutamente fantásticas e desconexas. Com certeza, contava lorotas. Desejava, sem dúvida, causar efeito com a extravagância das suas ideias e a recusa a todo conformismo.

Tudo isso tinha algo de familiar. Esse espírito radical, que no século anterior animara os niilistas e alguns heróis de Dostoiévski, manifestava-se em tempos recentes nos seus herdeiros diretos, ou seja, em todos os provincianos russos instruídos, colocando-os com frequência à frente dos cidadãos de Moscou e Petersburgo, graças ao sentido de seriedade que se conservava nos cantões remotos e já havia saído de moda nas capitais.

O rapaz dizia ser sobrinho de um célebre revolucionário, mas que seus

pais, ao contrário, eram reacionários inveterados, umas mulas, como se expressou. Eles possuíam uma propriedade considerável em uma região perto do front, e foi lá que o jovem passou a infância. Embora os pais sempre tivessem vivido às turras com o tio, como este não era um sujeito rancoroso, ajudava-os agora, com a sua influência, a se livrar de uma série de aborrecimentos.

Ele próprio, por suas convicções, assemelhava-se ao tio, declarou o rapaz falador e extremista-maximalista em tudo: nas questões da vida, da política e da arte. Por vezes, assumia um ar de Piotr Verkhoviênski,[6] mas não no sentido do esquerdismo, e sim por apresentar o mesmo espírito adulterado e a taramelice daquele personagem. "Agora, ele vai me fazer uma confissão de fé futurista", pensou Iúri Andréievitch; e de fato, o discurso caminhou para os futuristas. "Agora, ele vai me falar de esportes", prosseguia o médico com a adivinhação. "Vai falar de cavalos de corrida, de rinque de patinação ou de luta francesa." E passaram a falar de caçadas.

O jovem contava sobre a caçada em sua propriedade natal e se gabava de ser um exímio atirador; não fosse pela deficiência física que o impedira de ser soldado, e ele certamente teria se distinguido na guerra pela destreza.

Captando o olhar interrogativo de Jivago, ele exclamou:

— Como? Por acaso o senhor não notou nada? Pensei que tivesse adivinhado.

Retirou, então, do bolso, dois cartões e os estendeu a Iúri Andréievitch. Um deles era o seu cartão de visita. Possuía um sobrenome duplo. Chamava-se Maksim Aristárkhovitch Klintsóv-Pogoriévchikh, ou simplesmente Pogoriévchikh, como pedia que o chamassem em homenagem ao tio, cujo sobrenome era esse.

No outro cartão, via-se uma tabela com desenhos de mãos entrelaçadas e com os dedos cruzados de diversas formas. Era um alfabeto de bolso para surdos. Súbito, tudo se esclareceu.

Pogoriévchikh era um aluno fabulosamente dotado das escolas de Hartman ou de Ostrográdski, um surdo que aprendera a falar com incrível perfeição sem a ajuda dos ouvidos, pela pura observação do movimento dos

músculos faciais e da laringe do professor, o que depois se estendeu aos demais interlocutores.

Então, associando mentalmente a origem do rapaz e o lugar onde caçava, o médico perguntou:

— Desculpe-me a indiscrição, não precisa responder se não quiser, mas por acaso o senhor não tem algo a ver com a formação da república de Zibúchino?

— Mas como… Permita-me… Então o senhor conheceu Blajéiko?… Sim, tenho! Claro que sim! — E Pogoriévchikh pôs-se a tagarelar alegremente, rindo, balançando o corpo de um lado para o outro e batendo freneticamente nos joelhos. E recomeçaram as histórias fantasiosas.

Pogoriévchikh disse que Blajéiko tinha sido um pretexto e Zibúchino um local aleatoriamente escolhido para aplicar as suas ideias. Iúri Andréievitch acompanhava com dificuldade a exposição dele. A filosofia de Pogoriévchikh era composta em partes iguais por teorias anarquistas e puras histórias de caçador.

E fazendo uso do tom imperturbável de um oráculo, Pogoriévchikh prenunciava abalos mortais para o futuro próximo. Iúri Andréievitch concordava interiormente que talvez os abalos pudessem ser mesmo inevitáveis, mas a calma autoritária com que esse menino desagradável emitia as suas profecias o exasperava.

— Permita, permita — retorquiu timidamente. — Tudo isso é verdade, pode acontecer. Mas a meu ver não é hora de se arriscar com tais experimentos, no meio desse nosso caos e anarquia, diante da investida do inimigo. É preciso deixar o país se recuperar do primeiro golpe antes de infligir o segundo. É necessário guardar uma certa calma e ordem, ainda que relativa.

— Isso é ingenuidade — respondeu Pogoriévchikh. — Isso que o senhor chama de anarquia é um fenômeno tão normal quanto a ordem que o senhor elogia e adora. As destruições são elementos preliminares e naturais de um plano construtivo mais amplo. A sociedade ainda não foi destruída o bastante. É necessário que ela se decomponha até o fim, e então um poder

revolucionário verdadeiro a reconstruirá, peça por peça, sobre novas bases.

Iúri Andréievitch sentiu-se mal e saiu até o corredor.

O trem, ganhando velocidade, atravessava os arredores de Moscou. Bosques de bétula, polvilhados por faixas apertadas de casinhas, aproximavam-se e distanciavam-se das janelas com rapidez. Sucediam-se, uma após outra, plataformas estreitas não cobertas, coalhadas de veranistas que corriam da nuvem de poeira levantada pelo trem. A locomotiva apitava insistentemente, e o apito repercutia rouco e longínquo pelo eco dos bosques.

De repente, pela primeira vez em todos esses dias, Iúri Andréievitch se deu conta com total clareza de onde estava e do que o esperava dentro de uma ou duas horas.

Três anos de mudanças, imprevistos e travessias. A guerra, a revolução, as perturbações, as fuzilarias, as cenas de ruína, as cenas de morte, as explosões de pontes, as destruições, os incêndios — tudo isso, repentinamente, converteu-se num imenso vazio, desprovido de sentido. O primeiro acontecimento verdadeiro depois desse longo intervalo era essa aproximação vertiginosa de casa, ainda intacta e existente no mundo, e onde cada pedrinha era preciosa. Eis o que é a vida, o que é a vivência, eis o que buscam os aventureiros, eis o que conta para a arte: o reencontro com os seus, o retorno para casa, a renovação da existência.

Os arvoredos desapareceram. O trem escapou do desfiladeiro de folhagens para um campo aberto. Uma leve inclinação nascia na clareira e se perdia ao longe, como uma larga colina. Toda ela estava recoberta por canteiros longitudinais de uma plantação verde-escura de batatas. No alto da clareira, ao fim do campo de batatas, havia sobre a terra alguns caixilhos de vidro retirados das estufas. Por trás do trem em movimento e de frente para a clareira, uma enorme nuvem de um violeta quase negro preenchia a metade do céu, deixando escapar raios de sol que se dispersavam formando círculos por toda parte e, de passagem, inflamavam os vidros das estufas com um brilho insuportável.

De repente, a nuvem fez chover obliquamente gotas largas e cintilantes,

uma chuva de verão. O aguaceiro caía apressado, no mesmo ritmo dos golpes da batida das rodas e dos retinidos dos parafusos do trem acelerado, como se tentasse alcançá-lo ou temesse ficar para trás.

Mal o médico fez essa observação, viu surgir por detrás de um monte a catedral de Cristo Salvador e, no minuto seguinte, as cúpulas, telhados, casas e chaminés de toda a cidade.

— Moscou — disse ele, voltando à cabine. — É hora de me preparar.

Pogoriévchikh se levantou de um pulo, pôs-se a remexer a bolsa e de lá retirou um pato roliço.

— Pegue! — disse. — Leve de lembrança. Passei o dia todo em sua agradável companhia.

O médico tentou recusar, mas de nada adiantou.

— Está bem — teve de dizer ao final —, aceito o seu pato como um presente para a minha esposa.

— Para a esposa! Para a esposa! Um presente para a esposa — repetia alegremente Pogoriévchikh, como se ouvisse essa palavra pela primeira vez. Ele se sacudiu inteiro e gargalhou de tal maneira que Marquis pulou para fora e veio participar da sua alegria.

O trem se aproximava da plataforma de desembarque. O vagão escureceu como noite. O surdo estendia ao médico o pato selvagem, embrulhado em algum folheto impresso.

---

1. Anos de desordem e guerra que se seguiram à morte de Ivan, o Terrível, quando o trono russo foi ocupado pelos poloneses.
2. Personagem do romance *O herói do nosso tempo*, de Mikhail Liérmontov (1814-41).
3. Referência ao militar francês Gaston Alexandre Auguste de Galliffet (1831-1909).
4. Fortaleza onde foram detidos os prisioneiros políticos (*narodovóltsi*) da organização populista Naródnaia Vólia (Vontade do povo).
5. Comitê da zona norte.
6. Personagem do romance *Os demônios*, de Dostoiévski.

SEXTA PARTE

A PARAGEM MOSCOVITA

1

Quando se está em viagem, sentado, imóvel em uma cabine estreita, tem-se a impressão de que apenas o trem se movimenta, ao passo que o tempo permanece parado e, portanto, é sempre meio-dia.

Mas já entardecia, quando o cocheiro que conduzia o médico e sua bagagem livrou-se a passo e com dificuldade da incontável multidão que se aglomerava no mercado de Smoliênski.

Talvez tenha sido assim, ou talvez as impressões de então tenham se confundido com as experiências dos anos subsequentes; o fato é que mais tarde, em suas recordações, Jivago acreditava que já naquela época as pessoas se aglomeravam no mercado por mero hábito, sem nenhuma motivação, uma vez que as barracas vazias se mantinham fechadas, com o toldo baixado e preso a cadeado; e, de fato, não havia o que comerciar na praça, agora atolada de imundícies que não eram mais retiradas.

Parecia-lhe que já naquela época as pessoas idosas, magras e bem-vestidas se perfilavam nas calçadas, com uma reprovação muda aos passantes, e, sem palavras, procuravam vender coisas que ninguém comprava e de que ninguém necessitava: flores artificiais, cafeteiras a álcool com tampa de vidro e apito, trajes de gaze preta para a noite, uniformes de ministérios abolidos.

Pessoas de condição mais simples negociavam coisas mais necessárias: pedaços pontudos de um pão preto que logo endurecia e cuja venda era

racionada, restos de açúcar sujo e úmido, pacotinhos de tabaco cortados ao meio.

E por todo o mercado revendiam-se bugigangas que aumentavam de preço ao trocarem de mãos.

O cocheiro entrou por uma das travessas adjacentes à praça. O sol poente alcançou-lhes as costas. À frente, um cavalo puxava com estardalhaço uma carroça sacolejante, levantando colunas de poeira que brilhavam como bronze aos raios declinantes.

Por fim, conseguiram ultrapassar o veículo que lhes obstruía o caminho e tomaram velocidade. O médico ficou impressionado ao ver, atirados por toda parte, pelas pontes e pelas calçadas, montanhas de jornais velhos e de cartazes arrancados aos muros e prédios. O vento os levava para um lado, os cascos, as rodas e os pés dos transeuntes para outro.

Depois de alguns cruzamentos, surgiu na esquina de duas travessas a casa da família. O cocheiro parou.

Com a respiração ofegante e o coração acelerado, Iúri Andréievitch desceu da carruagem, aproximou-se da entrada e tocou a campainha. Nenhuma resposta. Fez soar novamente. Como essa nova tentativa também não trouxe resultado, o médico, inquieto, pôs-se a tocá-la com insistência e a curtos intervalos. Apenas na quarta vez ele ouviu ressoar no interior da casa o giro do trinco e viu a porta se abrir diante de Antonina Aleksándrovna. No primeiro instante, ambos ficaram petrificados de surpresa e nem sequer ouviram os seus próprios gritos. Mas a porta, mantida largamente aberta pela mão de Antonina Aleksándrovna, sugeria um abraço. Eles saíram da estupefação em que estavam e se atiraram nos braços um do outro. De início, puseram-se a falar ao mesmo tempo, interrompendo-se.

— Primeiro, me diga: estão todos bem?

— Sim, sim, fique tranquilo. Está tudo bem. Eu lhe escrevi bobagens, me perdoe. Mas temos que conversar sobre isso. Por que você não telegrafou? Markiél vai pegar as suas coisas. Ah, entendo, você ficou preocupado porque não foi Egórovna que abriu a porta. Ela está na aldeia.

— Você emagreceu. Mas como está jovem e esbelta! Vou liberar o

cocheiro.

— Egórovna foi atrás de farinha. Os outros empregados nós dispensamos. Mas estamos com uma nova, Niúcha, você não a conhece. Ela cuida do Sáchenka. Avisaram a todo mundo que você estaria para chegar, e estão todos impacientes, Gordon, Dúdorov, todos.

— E Sáchenka, está bem?

— Está bem, graças a Deus. Acabou de acordar. Se você não estivesse empoeirado da viagem, poderia vê-lo agora.

— E papai, está em casa?

— Como, não te escreveram? Papai trabalha no comitê regional desde cedo até tarde da noite, é o presidente. Sim, imagine só. Você pagou o cocheiro? Markiél! Markiél!

Parados no meio da calçada com o cesto e a mala, atrapalhavam a passagem dos transeuntes, que os contornavam e os encaravam. Mas ambos, distraídos, a porta de casa escancarada, observavam longamente a carruagem que se distanciava, e aguardavam a sequência dos acontecimentos.

Entretanto, Markiél, de colete sobre a camisa de chita e com o quepe de vigia na mão, já corria do portão ao encontro deles e gritava:

— Forças dos céus, e não é o Iúrotchka? Como é que pode! É ele, o nosso falcão! Iúri Andréievitch, nossa luz, não se esqueceu de nós, devotados, voltou para honrar o lar. E vocês, querem o quê? Hein? Nunca viram? — rosnou para os curiosos. — Passem, honrados. Esbugalham o olho por quê?

— Então, Markiél, venha cá dar um abraço! Ponha o quepe, seu tonto. Quais são as novas? Como estão a mulher e as filhas?

— Como poderiam estar? Crescendo. Graças a Deus. Agora, a novidade é que enquanto você bancava o herói, nós aqui não ficamos de braços cruzados. Foi uma bagunça tão grande que até o diabo ficou tonto. Não dá para entender nada. Ninguém mais limpa as ruas, nem conserta os telhados, e as barrigas estão que nem na quaresma, vazias, sem anexação nem contribuição.

— Vou reclamar de você para Iúri Andréievitch, Markiél. É sempre assim, Iúrotchka. Não suporto esse tom estúpido. E ele com certeza se esforça em

sua homenagem, imagina que isso o agrada. Mas decerto tem algum propósito na cabeça. Chega, chega, Markiél, não se justifique. Você é uma pessoa obscura, Markiél. Está na hora de ser mais inteligente. Fica nos bajulando como se fôssemos comerciantes.

Depois de levar a bagagem para o saguão e fechar a porta, Markiél continuou baixinho, em tom confidencial:

— Antonina Aleksándrovna se aborrece, entende? É sempre assim. Markiél, você é todo negro por dentro igual a fuligem da chaminé. Ela me diz que hoje qualquer criança pequena e mesmo o cachorro e o gato são mais sabidos que eu. Claro que eu não discuto, mas você pode acreditar se quiser, tem gente que leu o livro dos maçons. Cento e quarenta anos o livro ficou debaixo da pedra e agora, essa é a minha opinião, nos venderam, Iúrotchka, entende, nos venderam por uma ninharia, menos que uma moeda, menos que uma pitada de rapé. Você vê, Antonina Aleksándrovna me faz um sinal com a mão, ela não me deixa falar.

— E como pode ser diferente? Está bem, Markiél. Deixe a bagagem no chão e obrigada, pode ir. Se precisarmos de você, Iúri Andréievitch o chamará.

2

— Finalmente nos deixou em paz! Não acredite nele, não acredite. É um palhaço. Na frente dos outros, se faz de bobo, mas às escondidas, por via das dúvidas, afia o canivete, só não decidiu ainda em quem vai usar, o hipócrita.

— Ah, você exagera. Eu penso que ele simplesmente está bêbado e fica fazendo cena, só isso.

— Então, me diga quando ele não está bêbado. Ah, o diabo que o carregue. Eu espero é que Sáchenka não tenha voltado a dormir. Se não fosse o tifo na estrada… Você está com piolho?

— Acho que não. O trem era confortável, como antes da guerra. É possível me lavar um pouco? Mais tarde tomo um banho. Para onde você vai? Por que não passamos pelo salão? Vamos pela outra escada?

— Ah, sim! Você ainda não sabe. Eu e papai pensamos bastante e decidimos ceder uma parte do piso inferior para a Academia Agrícola. Sem isso, no inverno não teremos aquecimento. E o andar superior é bastante amplo. Fizemos uma proposta. Por enquanto ainda não aceitaram. Instalaram aqui gabinetes científicos, herbário e coleções de sementes. Espero que isso não atraia ratazanas, todos esses grãos. Por enquanto, estão mantendo os cômodos em ordem. Agora, chamam isso de zona residencial. Por aqui, por aqui. Que desorientado! Vamos subir pela escada de serviço. Você entendeu? Venha atrás de mim, eu mostro o caminho.

— Fizeram bem em ceder os cômodos. Eu trabalhei num hospital instalado em uma mansão. Corredores sem fim, uma enfiada de quartos, e em alguns deles o piso de madeira estava intacto. Havia algumas palmeiras em vasos e, à noite, as folhas pareciam dedos que se abriam sobre os leitos, era fantasmagórico. Os feridos, em geral do front, se assustavam e gritavam dormindo. Tiveram que retirá-las. Devo dizer que na vida das pessoas abastadas havia, de fato, algo de doentio. Um sorvedouro de supérfluos. Móveis e objetos em demasia nas casas, excesso de delicadeza nos sentimentos, excessivas expressões. Fizeram muito bem em restringi-los. Mas ainda é pouco, é preciso mais.

— O que é isso que está saindo do embrulho? Um bico de pássaro… uma cabeça de pato. Que beleza! Um pato selvagem! De onde veio? Não acredito no que estou vendo! Nos tempos atuais isso é uma verdadeira fortuna!

— Deram-me de presente no trem. É uma história longa, depois eu te conto. O que devemos fazer, desembrulhar e deixar na cozinha?

— Sim, claro. Vou mandar Niúcha limpá-lo. Estão prevendo coisas horríveis para o inverno: fome, frio…

— Sim, comentam isso por toda parte. Eu olhava pela janela do trem e pensava: o que pode ser melhor do que viver em paz na família e no trabalho? O resto não está em nosso poder. De fato, muitos aguardam infortúnios. Alguns pensam em buscar refúgio no sul, no Cáucaso, pensam em fugir para qualquer lugar, desde que seja o mais longe possível daqui. Essas não são as minhas regras. Um homem adulto deve cerrar os dentes e

compartilhar do destino da sua terra. Para mim, isso é evidente. Mas outra coisa são vocês. Como eu gostaria de protegê-los da miséria, enviá-los a algum lugar mais seguro, à Finlândia, talvez. Mas se pararmos para conversar em cada degrau, nunca chegaremos lá em cima.

— Espere. Ouça. Há uma novidade. E como! Eu tinha esquecido. Nikolai Nikoláievitch chegou.

— Que Nikolai Nikoláievitch?

— O tio Kólia.

— Tônia! Não pode ser! Que ventos o trouxeram?

— É isso mesmo. Veio da Suíça. Mas teve que dar uma volta. Foi a Londres e chegou através da Finlândia.

— Tônia! Você não está brincando? Você o viu? Onde ele está? Não dá para encontrá-lo agora, neste instante?

— Que impaciência! Ele está fora da cidade, em alguma datcha. Prometeu voltar depois de amanhã. Ele mudou muito, você vai se decepcionar. Na passagem por Petersburgo, virou bolchevique. Papai discute com ele até ficar rouco. Mas por que continuamos parando a cada passo? Vamos. Então você também ouviu dizer que daqui para a frente o que nos espera são só dificuldades, perigos e incertezas?

— Eu mesmo penso assim. Mas, que fazer? Vamos lutar. Nem tudo está perdido. Vamos ver o que os outros farão.

— Dizem que ficaremos sem lenha, sem água e sem luz. Que vão abolir a moeda. Que o abastecimento será interrompido. Paramos de novo. Vamos. Escute. Estão elogiando muito os forninhos de ferro de uma oficina na Arbat. Dizem que o fogo alimentado por um jornal dá para cozinhar uma refeição. Anotei o endereço. É bom comprar antes que acabem.

— Certo. Vamos comprar. Que inteligente você é, Tônia! Mas tio Kólia, tio Kólia! Imagine! Não posso acreditar!

— Eu tenho um plano. Separamos uma parte do andar superior e nos instalamos com papai, Sáchenka e Niúcha; digamos, dois ou três cômodos interligados a uma das saídas, claro, e renunciamos ao restante. Assim, nos isolamos do resto da casa como se fosse da rua. No cômodo do meio,

instalamos o forninho, fixamos o tubo de aquecimento no postigo da janela e fazemos tudo lá dentro: lavamos, cozinhamos, almoçamos, recebemos hóspedes, tudo lá, para aproveitar a calefação. E se Deus quiser, passaremos bem o inverno.

— Como não? Claro que superaremos o inverno. Sem dúvida nenhuma. A sua ideia é excelente. Parabéns. Sabe o que mais? Vamos festejar o seu plano. Vamos assar o pato e convidamos tio Kólia para brindar a nova moradia.

— Ótimo! Vou pedir a Gordon para trazer álcool. Ele consegue em não sei que laboratório. E agora, dê uma olhada. Esse é o cômodo de que falei. O que escolhi. Está de acordo? Ponha a mala no chão e vá buscar a cesta. Além do tio e de Gordon, podemos convidar Innokenti e Chura Schlessinger. Tem algo contra? Você ainda se lembra onde é o lavabo? Lá você vai encontrar algum desinfetante, borrife-se um pouco. Vou ao quarto de Sáchenka, mando Niúcha para baixo e quando você puder entrar, eu chamo.

3

A maior novidade em Moscou para ele era o menino. Assim que Sáchenka nasceu, Iúri Andréievitch fora convocado. O que sabia sobre o filho?

Certa vez, já recrutado e antes da partida, Iúri Andréievitch foi à clínica ver Tônia. Chegou na hora do aleitamento das crianças e não permitiram que entrasse.

Sentou-se na sala de espera. Durante esse tempo, o comprido corredor do berçário que levava ao centro obstétrico, ao longo do qual as mães estavam instaladas, foi inundado pelo coral de choro de dez ou quinze bebês, e as enfermeiras, para que os recém-nascidos não apanhassem resfriado, levavam-nos às pressas para as suas mães, cada uma com duas crianças nos braços, enroladas como pacotinhos.

— Uá, uá — piavam os pequeninos numa nota só, quase sem sentimento,

como que por dever do ofício. Apenas uma voz se destacava da cantoria em uníssono. A criança também gritava "uá, uá" sem a menor entonação de sofrimento, mas parecia que não o fazia por dever. No seu gemido havia algo de uma intencional e sombria animosidade que tornava a voz mais grave.

Nessa ocasião, Iúri Andréievitch já tinha decidido chamar o filho de Aleksandr em homenagem ao sogro. Não se sabe por que ele imaginou que aquele choro era do filho. Talvez porque aquele choro carregasse uma fisionomia, já contivesse o futuro caráter e o destino do homem, talvez porque aquele choro de cores sonoras encerrasse em si o nome do menino, o nome Aleksandr.

Iúri Andréievitch não se enganara. Como ele soube mais tarde, era realmente o choro de Sáchenka. Foi a primeira coisa que descobriu sobre o filho.

Outras notícias de Sáchenka chegaram-lhe mais tarde através de fotografias enviadas ao front. Nelas, surgia um menino gorducho e alegre, de cabeça grande e lábios arqueados. De pé sobre uma colcha, com as pernas afastadas e os braços para cima, parecia dançar a *prisiádka*. Na época, tinha um ano, mas agora já tinha mais de dois e aprendia a falar.

Iúri Andréievitch levantou a mala do chão, tirou as correias e apoiou-a sobre a mesa de jogo perto da janela. Para que servira esse cômodo antigamente? Ele não o reconhecia. Era evidente que Tônia havia removido os móveis e trocado o papel de parede.

O médico abriu a mala para retirar o aparelho de barbear. Entre as colunas do campanário de uma igreja, que se erguiam diante da janela, via-se despontar a lua cheia e radiosa. Quando sua luz incidiu sobre a mala, sobre as roupas, os livros e os objetos de toalete, o cômodo ganhou outra claridade, e o médico o reconheceu.

Tratava-se do antigo depósito da falecida Anna Ivánovna. Nos velhos tempos, ela amontoava ali as mesas e as cadeiras quebradas, os objetos e os papéis inúteis. Era lá que se encontravam o arquivo da família e os baús que, no verão, guardavam as roupas de inverno. Enquanto estava viva, os cantos do cômodo ficavam atolados até o teto e geralmente não se permitia que

ninguém entrasse. Mas por ocasião das grandes festas, quando deixavam as numerosas crianças correrem e fazerem diatribes por todo o andar superior, abriam-lhes também esse quarto e ali elas brincavam de polícia e ladrão, escondiam-se sob as mesas, pintavam-se com rolha queimada e se fantasiavam.

O médico evocou essas lembranças durante algum tempo, depois desceu para buscar a cesta que havia deixado no vestíbulo.

Na cozinha, Niúcha, uma moça tímida e reservada, estava agachada em frente ao fogão depenando o pato sobre uma folha de jornal. Ao ver Iúri Andréievitch carregado, enrubesceu como uma papoula e endireitou-se agilmente, sacudiu as penas do avental, saudou o senhor e se propôs a ajudá-lo. Mas o médico agradeceu e disse que ele mesmo levaria a cesta.

Mal entrou no antigo depósito de Anna Ivánovna, a esposa o chamou de um quarto vizinho.

— Pode vir, Iúra!

Ele se dirigiu para o quarto de Sáchenka.

O quarto da criança fora instalado onde antes havia sido a sala de estudos dele e de Tônia. O menino no berço não parecia tão bonitinho como nas fotos, embora fosse o retrato vivo de sua mãe, a falecida Maria Nikoláievna Jivago, uma cópia impressionante, mais fiel que todos os retratos que pôde guardar dela.

— É o papai, é o seu papai, dê tchauzinho pro papai — repetia Antonina Aleksándrovna, afastando o cortinado para que o pai pudesse abraçar e pegar o pequeno com mais facilidade.

Sáchenka viu aproximar-se um homem desconhecido e barbado, que talvez o assustasse e o desgostasse; e quando este se inclinou, o menino levantou-se de supetão, agarrou-se na blusa da mãe e, num ímpeto raivoso, deu um tapa no rosto dele. Sáchenka ficou tão assustado com a própria ousadia, que se atirou contra o peito da mãe, enterrou o rosto em sua blusa e caiu em prantos, vertendo lágrimas amargas e inconsoláveis, como geralmente fazem as crianças.

— Ai, ai, ai! — zangou-se Antonina Aleksándrovna. — Isso não pode,

Sáchenka! O papai vai pensar que Sacha é malvado. Isso é feio, Sacha. Dê um beijinho no papai, mostre como você sabe dar beijinho. Não chore, não precisa chorar, por que isso, seu bobo?

— Deixe-o em paz, Tônia — pediu o médico. — Não torture o menino e não se aborreça por isso. Eu sei que bobagens passam pela sua cabeça. Que isso não é normal, que é mau sinal… Isso é besteira. É natural. O menino nunca me viu. Amanhã ele se acostuma comigo e não vai mais me largar.

No entanto, saiu do quarto como se lhe tivessem jogado um balde de água fria, com um mau pressentimento.

4

Nos dias que se seguiram, ele descobriu até que ponto estava só. Não culpava ninguém por isso, aparentemente ele mesmo desejava essa solidão e a alcançava.

Estranhamente, seus amigos lhe pareceram apagados e desbotados. Haviam perdido o universo próprio e a própria opinião. Em suas lembranças, os amigos eram bem mais vigorosos, ou, quem sabe, ele os superestimara.

Enquanto a ordem das coisas permitira aos privilegiados fazer loucuras e extravagâncias à custa dos despossuídos, tinha sido fácil tomar essas estultices por traços de personalidade ou originalidade, esse direito de ser inútil de que gozava uma minoria em detrimento da maioria!

Mas desde que os humildes se levantaram e os privilégios da boa sociedade foram abolidos, quão rápido todos se desbotaram e, sem pena, abandonaram aquele pensamento original que, claramente, nunca possuíram!

Agora, Iúri Andréievitch só se sentia próximo das pessoas que podiam viver sem frases feitas ou declamações: sua mulher, seu sogro e dois ou três colegas médicos, trabalhadores sem pretensão.

A noitada regada a pato e álcool aconteceu, como previsto, dois ou três dias depois da sua chegada, quando já havia tido tempo de reencontrar os

amigos, de modo que aquele não foi o primeiro encontro.

O pato gordo era um luxo extraordinário naqueles tempos de fome, mas não havia pão para acompanhá-lo, o que tornava absurda a magnificência do prato, e até mesmo irritante.

Gordon trouxe álcool em um frasco farmacêutico com rolha de vidro polida. O álcool era a moeda preferida dos especuladores. Antonina Aleksándrovna controlava o frasco e, conforme a necessidade, diluía o álcool em porções maiores ou menores, segundo a sua inspiração. A embriaguez que resultava da absorção desigual do álcool era bem mais penosa do que aquela de uma intoxicação forte e regular, o que também irritava.

Mas o mais triste de tudo era o fato de essa pequena noitada consistir numa exceção absoluta às condições de vida da época. Não era possível supor que do outro lado da rua estivessem igualmente comendo e bebendo nesse momento. Do outro lado da janela, estendia-se uma Moscou muda, sombria e esfomeada. As lojas estavam vazias e, de coisas como caça e vodca, já haviam se esquecido.

Acontece que apenas a vida semelhante à de todos os outros, a vida que se perde entre as outras vidas sem deixar vestígios, é a vida verdadeira. A felicidade isolada não é felicidade, assim como o pato e o álcool, por parecerem únicos na cidade, deixam de ser o que são. E isso entristecia mais que tudo.

Os convidados também davam curso a reflexões tristes. Gordon tinha sido bom, enquanto pensava gravemente e se expressava de forma desolada e desajeitada. Tinha sido o melhor amigo de Iúri Andréievitch e amado pelos colegas de classe.

Mas agora, estava desgostoso consigo mesmo e introduzia mudanças infelizes em sua personalidade. Fazia-se animado e afetava gracejos, estava sempre a contar algo com pretensão à comicidade, e com frequência dizia "que interessante" e "que divertido", palavras que outrora lhe eram totalmente estranhas, pois nunca pensara a vida como diversão.

Antes da chegada de Dúdorov, Gordon contou a história do casamento do amigo, conforme era comentada nas rodas dos companheiros e lhe parecia

engraçadíssima. Iúri Andréievitch não estava ao corrente.

Ocorre que Dúdorov ficou casado cerca de um ano e depois se separou. O inverossímil dessa aventura consistia no seguinte: um belo dia, Dúdorov foi recrutado como soldado por engano. Enquanto se tentava esclarecer o mal-entendido, ele servia no Exército, e a sua distração e a irregularidade na forma de saudar os superiores lhe custavam constantes punições. Depois que tudo foi esclarecido, e ele libertado, Dúdorov passou a bater continência a torto e a direito, sempre que avistava algum oficial; passou a ter alucinações e a ver dragonas por toda parte.

Naquela época, fazia tudo ao contrário e multiplicava os erros e as gafes. Foi justamente nesse período que ele conheceu, em um porto do Volga, duas jovens irmãs que aguardavam o mesmo barco que ele. Dizem que, distraído pela multidão de soldados que circulava ao redor e pela lembrança do serviço militar, apaixonou-se por descuido e pediu precipitadamente a irmã mais nova em casamento. "Engraçado, não é?", perguntou Gordon. Mas teve que abreviar suas efusões, pois já se ouvia a voz do herói da narrativa atrás da porta. E Dúdorov entrou. Ele também estava mudado, mas em sentido oposto. Aquele jovem leviano, caprichoso e fútil havia se tornado um cientista compenetrado.

Depois de ter sido expulso do ginásio pela cumplicidade na evasão de prisioneiros políticos, ele perambulou por diversas escolas de belas-artes e terminou sendo atraído pelas humanidades. Com algum atraso em relação aos colegas, completou a universidade durante os anos de guerra e agora era responsável por duas cátedras, a de história da Rússia e a de história geral. Para se tornar titular da primeira, havia escrito uma tese sobre a política agrária de Ivan, o Terrível; para a segunda, desenvolveu pesquisas sobre Saint-Just.

Agora, Dúdorov discorria amavelmente sobre tudo, em voz baixa e como que constipada, enquanto mirava pensativo um ponto fixo como se estivesse em sala de aula.

Bem mais tarde, ao final da noite, quando Chura Schlessinger irrompeu na reunião com suas invectivas, e todos, já bem calibrados pelo álcool,

gritavam ao mesmo tempo, Innokenti, cujo relacionamento cerimonioso com Iúri Andréievitch datava dos tempos de escola, perguntava repetidamente a este:

— O senhor já leu "Guerra e paz" e "A flauta-vértebra"?

Iúri Andréievitch já lhe havia emitido sua opinião a esse respeito, mas Dúdorov, que não conseguira escutar nada por causa da gritaria geral, reforçou a pergunta:

— O senhor leu "A flauta-vértebra" e "O homem"?

— Eu já lhe respondi, Innokenti. Problema seu, se não ouviu. Enfim, como quiser. Vou repetir. Eu sempre gostei de Maiakóvski. Ele dá certa continuidade a Dostoiévski. Ou melhor, é uma lírica escrita por alguns dos personagens dostoievskianos, como Ippolit, Raskólnikov, ou o herói de *O adolescente*. Que devoradora força de talento! Como tudo é definitivo, rigoroso e direto! E, sobretudo, com que audácia tudo isso é atirado no rosto da sociedade, atirado para todos os lados e a céu aberto!

Mas a grande atração da noite era, evidentemente, o tio. Antonina Aleksándrova se enganou ao dizer que ele ainda estava na datcha. Na verdade, Nikolai Nikoláievitch retornara à cidade no dia da chegada do sobrinho. Iúri Andréievitch já o havia encontrado por duas ou três vezes, e nessas ocasiões tiveram tempo de conversar, de se surpreender e de gargalhar de tudo.

O primeiro encontro aconteceu ao anoitecer de um dia cinzento e sombrio. Caía uma garoa fina como poeira d'água. Iúri Andréievitch foi vê-lo no hotel. Nessa época, os hotéis só aceitavam hóspedes que tinham autorização do governo. Mas Nikolai Nikoláievitch era conhecido de todos e mantinha ainda antigas relações.

O hotel dava a impressão de um asilo de loucos, abandonado pela administração em fuga. O vazio, o caos e o poder do acaso reinavam nos corredores e nas escadas.

A grande janela do quarto em desordem dava para a praça imensa e deserta daqueles dias de loucura, algo assustadora, como que saída de um sonho e não se estendesse de fato diante de seus olhos sob a janela do hotel.

Aquele havia sido um encontro impressionante, inesquecível, memorável! O ídolo da sua infância, o senhor dos seus pensamentos juvenis estava de novo diante dele, em carne e osso.

Os cabelos grisalhos caíam bem em Nikolai Nikoláievitch. O terno largo de corte estrangeiro assentava-lhe bem. Parecia bastante jovial para a sua idade e possuía um belo olhar.

Ele, certamente, havia encolhido diante da imensidão dos acontecimentos. Mas Iúri Andréievitch nem sonhava em julgá-lo por esses critérios.

Ficou surpreso com a calma de Nikolai Nikoláievitch, com o tom friamente irônico ao falar de política. A sua capacidade de autocontrole em um momento como aquele era demasiada para um russo. Esse traço revelava o recém-chegado. Esse traço, que saltava aos olhos, parecia anacrônico e provocava certo embaraço.

Ah, mas não foi isso, não foi isso que preencheu as primeiras horas que passaram juntos, que os fez atirar-se nos braços um do outro, que os fez chorar, sufocar de emoção, interromper o rápido e caloroso primeiro diálogo com pausas frequentes.

Era o encontro de dois temperamentos criativos ligados por laços familiares; e embora o passado renascesse e ganhasse uma segunda vida nesse dilúvio de recordações, e viessem à tona circunstâncias ocorridas durante a separação, foi quando se puseram a falar do essencial, de coisas familiares aos que possuem estatura de pensamento criativo, que todos os laços que os uniam desapareceram à exceção de um único, não eram mais tio e sobrinho nem havia diferença de idade, restava apenas a afinidade de um elemento com o outro, de uma energia com a outra, de um princípio com o outro.

Fazia já dez anos que Nikolai Nikoláievitch não tinha oportunidade de falar sobre o enlevo criativo e a vocação de escritor de modo tão lógico e oportuno. Por sua vez, Iúri Andréievitch nunca ouvira nada mais justo, mais penetrante e mais generosamente apaixonante que aquelas análises.

A todo instante, ambos soltavam exclamações e caminhavam pelo quarto,

estupefatos com a justeza de suas intuições, ou se aproximavam da janela e tamborilavam com os dedos, estarrecidos com a evidência de sua compreensão mútua.

Assim se passou o primeiro encontro, mas depois o médico esteve várias vezes com Nikolai Nikoláievitch em ocasiões sociais, e entre as pessoas ele era outro, irreconhecível.

Considerava-se estrangeiro em Moscou e se resignava a esse sentimento. Se em Petersburgo ou em algum outro lugar se sentia em casa, não se sabia. Lisonjeava-se com o papel de orador político e animador social. Talvez imaginasse que em Moscou seriam abertos salões políticos como o de Mme. Roland antes da Convenção.[1]

Nikolai Nikoláievitch costumava frequentar suas amigas, habitantes hospitaleiras das travessas tranquilas de Moscou e, de forma espirituosa, zombava delas e dos maridos, de suas mesuras e ideias retrógradas, do hábito de julgar todas as coisas a partir do próprio umbigo. Além disso, gabava-se de seus conhecimentos jornalísticos a elas, assim como em outros tempos se gabara de conhecer textos apócrifos e órficos.

Diziam que ele havia deixado na Suíça uma jovem namorada, negócios inacabados, um livro em curso e que simplesmente tinha vindo mergulhar na borrasca russa; se saísse dela são e salvo, retornaria aos Alpes tão rápido quanto veio.

Ele era a favor dos bolcheviques e frequentemente citava o nome de dois *esser*[2] de esquerda com quem partilhava opiniões: Mirochka Pomor, pseudônimo de um jornalista, e a publicista Sílvia Koteri.

Aleksandr Aleksándrovitch Gromeko o recriminava:

— É simplesmente estarrecedor ver aonde o senhor chegou, Nikolai Nikoláievitch! E esses seus Mirochkas. Que lama! E ainda essa Lídia Pokori.

— Koteri — corrigiu Nikolai Nikoláievitch. — E o nome é Sílvia.

— Dá no mesmo, Pokori, Popurri, o nome não muda nada.

— De qualquer forma, queira me desculpar, é Koteri — retrucou Nikolai Nikoláievitch com uma paciente insistência. Ele e Aleksandr Aleksándrovitch travavam o seguinte diálogo:

— Para que discutir? É simplesmente vergonhoso ter que demonstrar verdades dessa ordem. É rudimentar. A grande massa do povo conheceu durante séculos uma existência absurda. Basta pegar qualquer manual de história. Qualquer que seja o nome, feudalismo europeu ou servidão russa, capitalismo ou sistema de manufatura. A injustiça cometida há tempos é percebida, e há tempos se prepara a revolução para libertar o povo e colocar as coisas no devido lugar.

"O senhor sabe que uma correção parcial da ordem antiga é impossível. É necessário quebrá-la completamente. Talvez todo o edifício desmorone. E então? Não é porque isso é terrível que não haverá de se produzir. Isso é apenas uma questão de tempo. Como se pode discutir isso?"

— Mas não estamos falando disso. Por acaso eu estou falando disso? — zangou-se Aleksandr Aleksándrovitch, e a discussão se inflamou.

— Esses seus Popurris e Mirochkas são gente sem consciência. Dizem uma coisa e fazem outra. E então, onde está a lógica? Não têm a menor coerência! Mas não, espere que eu vou lhe provar.

E foi procurar uma revista onde havia um artigo cheio de contradições, abrindo e fechando as gavetas da escrivaninha com estardalhaço, usando essa agitação para reforçar sua eloquência.

Aleksandr Aleksándrovitch gostava de coisas que atrapalhassem a conversa, de obstáculos que justificassem suas pausas repletas de "eh…", de "hum…" e dos estalos de seus lábios úmidos. Ele se tornava eloquente quando procurava um objeto perdido; quando, por exemplo, procurava a segunda galocha na penumbra da antecâmara, ou quando aguardava na porta do banheiro com a toalha sobre o ombro, ou ainda quando estendia um prato pesado sobre a mesa ou servia vinho no cálice dos convidados.

Iúri Andréievitch escutava o sogro com deleite. Ele adorava esse modo cantante de falar dos velhos moscovitas, esse leve ronronado que era próprio da família Gromeko.

O lábio superior de Aleksandr Aleksándrovitch, munido de um pequeno bigode bem aparado, avançava levemente sobre o inferior; sua gravata-borboleta também se projetava do peitilho. Havia algo em comum entre esse

lábio e essa gravata, e isso conferia a Aleksandr Aleksándrovitch um não sei quê de tocante, de pueril e ingênuo.

Tarde da noite, pouco antes de os convidados saírem, surgiu Chura Schlessinger. Ela vinha direto de alguma reunião, vestida com jaqueta e quepe de operário. Entrou no cômodo com passos decididos, estendeu a mão para cumprimentar a todos e disparou recriminações e acusações:

— Olá, Tônia. Olá, Sânietchka. Que desconsideração. Escuto dizer em todos os cantos que ele chegou, toda Moscou fala disso, e sou a última a quem vocês avisam. O diabo que os carregue. Está claro que não mereço. Cadê ele, o mais esperado? Deixem-me passar. Cercaram-no como uma parede. Ah! Como vai, Nikolai Nikoláievitch? Parabéns, parabéns. Eu li. Não entendi nada, mas é genial. Isso se vê logo. Já vou falar com você, Iúrotchka, tenho um assunto especial para tratar. Olá, jovens rapazes. Ah, você está aí, Gógotchka! Ganso, ganso, ga-ga-ga, quer comer, sim-sim-sim?

A última exclamação se referia a Gógotchka, um Gromeko não se sabe de onde, um entusiasta ardoroso dos mais fortes, conhecido também como Akúlka[3] por sua tolice e riso fácil, ou verme solitário, por sua altura e magreza.

— Então, todos comendo e bebendo? Vou me juntar a vocês. Ah, senhores, senhores. Não sabem de nada! Não têm ideia do que acontece no mundo! É preciso ir a um verdadeiro encontro das bases, com operários verdadeiros, com soldados verdadeiros, e não esses de opereta. E experimentem piar alguma coisa sobre a guerra, sobre ir adiante até a vitória. Acabam com vocês! Agora mesmo ouvi um marinheiro discursar. Iúrotchka, você ficaria louco! Que paixão! Que integridade!

Aqui, Chura Schlessinger foi interrompida. Todos passaram a expressar suas diferentes ideias ao mesmo tempo e em altos brados. Ela se sentou ao lado de Iúri Andréievitch, puxou-o pelo braço, aproximou o rosto do dele e, para superar a barulheira e ser ouvida, falou um tom acima, sem gritar:

— Venha comigo um dia desses, Iúrotchka. Vou te mostrar o que é essa gente. Você deve ir, entende, deve tocar a terra, como Anteu. Por que arregalou os olhos? Está surpreso comigo? Será que não sabe que eu sou um

velho cavalo de batalha, uma velha *bestújevka*,[4] Iúrotchka? Fui preparada, lutei nas barricadas. Claro! Você pensa o quê? Ah, nós não conhecemos o povo! Acabo de vir de lá, do meio dele. Pretendo montar-lhes uma biblioteca.

Ela havia bebido e começava a ficar embriagada. Iúri Andréievitch também sentia a cabeça girar. Ele nem sequer percebeu como Chura Schlessinger tinha ido parar na outra extremidade do cômodo, enquanto ele permanecia no mesmo lugar, num canto da mesa. Estava de pé, parece que apesar de si mesmo, e falava. Não conseguia que fizessem silêncio.

— Senhores… Eu quero… Micha! Gógotchka!… O que fazer, Tônia, se não escutam. Senhores! Permitam-me dizer duas palavras. Aproxima-se algo inédito, sem precedentes. Antes que nos atinja, eis o meu desejo a vocês. Deus permita que, ao nos alcançar, não nos separemos uns dos outros e nem percamos a nossa alma. Gógotchka, só no final o senhor grita hurra, eu ainda não terminei. Parem de conversar pelos cantos e me ouçam com atenção.

"No terceiro ano de guerra, o povo está convencido de que, cedo ou tarde, o limite entre o front e a retaguarda será esfacelado, e um mar de sangue nos cobrirá a todos, inclusive aos que se mantiveram afastados ou se esconderam. Essa inundação é a revolução.

"Quando isso começar a acontecer, vocês pensarão, como nós no Exército, que a vida é finita, que tudo o que é pessoal desapareceu, que não existe mais nada sobre a terra, que não se faz outra coisa além de matar e de ser morto, e se vivermos o bastante para lermos as memórias e as lembranças dessa época, teremos a convicção de, em cinco ou dez anos, termos visto mais do que certos homens em um século inteiro.

"Eu não sei se é de fato o povo que se levantará e se porá em marcha, ou se farão isso em seu nome. Em eventos dessa importância, não é possível se ater a uma lógica dramática. Apesar disso, eu confiarei. É inútil buscar as causas de eventos ciclópicos. Elas não existem. A sua gênese está em querelas domésticas: depois que o caldo entornou, procura-se quem começou. Mas aquilo que é verdadeiramente grande como o universo não possui um começo. O que é grande chega sem que notemos, como se

sempre tivesse estado ali, ou como se tivesse caído do céu.

"Eu também acredito que pertença à Rússia o destino de ser o primeiro reino socialista desde a criação do mundo. Quando isso acontecer, ficaremos aturdidos durante muito tempo, e quando nos recobrarmos, teremos perdido a memória. Teremos esquecido uma parte do passado e não buscaremos explicar o impossível. A nova ordem nos será tão familiar quanto a floresta no horizonte e as nuvens sobre a cabeça. Ela nos cercará por toda parte, e não haverá outra coisa."

Enquanto falava, voltou a ficar sóbrio. Mas, como antes, escutava mal o que diziam ao redor e dava respostas fora de propósito. Iúri Andréievitch percebia que todos lhe manifestavam simpatia, mas, ainda assim, não podia se desfazer da pesada tristeza que o deixava fora de si. E disse:

— Obrigado, obrigado. Aprecio seus sentimentos. Não os mereço. Mas não precisam se apressar em gostar, como se estocassem afeto por medo de um dia terem de gostar mais.

Todos gargalharam e aplaudiram, tomando as suas palavras como um chiste proposital, mas ele não sabia como fugir do sentimento de desgraça iminente, da compreensão de sua impotência diante do futuro, que não se dissipavam, apesar de toda a sede pelo bem e disposição à felicidade.

Os convidados começaram a se despedir. Todos tinham o ar fatigado. Abriam e fechavam a boca em bocejos que os faziam parecer cavalos.

Enquanto isso, afastaram as cortinas e abriram a janela. A aurora amarelada já se refletia no céu úmido salpicado de nuvens sujas de um verde terroso.

— Parece que caiu uma tempestade enquanto ficávamos de conversa fiada — alguém disse.

— Quando eu estava vindo para cá, a chuva me pegou no caminho. Quase não consegui chegar — disse Chura Schlessinger.

Na rua deserta, ainda escura, ouvia-se o pinga-pinga das gotas que escorriam das árvores e se alternavam com o chilrear insistente dos pardais.

Trovejou, como se um arado traçasse um sulco ao longo do céu; em seguida, tudo silenciou. Depois, soaram ainda quatro golpes secos,

retardatários, como batatas grandes que se deslocam na terra revolvida com a pá, no outono.

A trovoada limpou o ambiente do quarto enfumaçado. De repente, como elementos elétricos, tornaram-se palpáveis os componentes da existência: a água e o ar, o desejo de ser feliz, a terra e o céu.

A rua foi inundada pelas vozes dos amigos que se separavam. Continuavam a discutir em voz alta, tal como o fizeram na casa. Aos poucos, as vozes foram se distanciando, amainaram e silenciaram.

— Como é tarde! — disse Iúri Andréievitch. — Vamos deitar. De todas as pessoas do mundo, eu só amo você e seu pai.

5

O mês de agosto passou, e setembro caminhava a passos largos. O inevitável se aproximava. O inverno estava chegando, e no mundo dos homens sentia-se algo de fatal pairando na atmosfera e nos lábios das pessoas.

Era necessário preparar-se para o frio, estocar alimentos e lenha. Mas nesses dias em que triunfava o materialismo, a matéria havia se transformado em conceito, e alimento e lenha se tornaram, então, questão alimentar e problema de aquecimento.

As populações das cidades se sentiam desamparadas como crianças, diante do desconhecido que ameaçava reverter todos os costumes estabelecidos, embora esse desconhecido fosse ele mesmo uma criança da cidade, uma criação dos seus habitantes.

Por toda parte, enganavam-se e peroravam. A rotina prosseguia por um velho hábito, embora se debatendo e sendo arrastada para um destino desconhecido. O médico não tinha ilusões. Ele não podia ignorar o fato de que a vida anterior estava fadada a desaparecer. Julgava que o seu meio e ele próprio estavam condenados. Viriam certamente grandes provações, talvez a morte. Observava a dissolução dos últimos dias daquela vida.

Ele enlouqueceria sem os pequenos hábitos, trabalhos e preocupações. A mulher, o filho e a necessidade de ganhar algum dinheiro o salvavam. O

cotidiano o salvava, o modesto e o rotineiro, o serviço e a assistência aos doentes.

Ele compreendia que era um pigmeu diante da monstruosa máquina do futuro, um futuro que ele temia e amava, de que se orgulhava em segredo; pela última vez, como numa despedida, olhava avidamente as nuvens e as árvores, os homens que caminhavam pelas ruas, a grande cidade russa vencida pela infelicidade, e estava pronto a se oferecer em sacrifício para que tudo melhorasse; no entanto, não podia fazer nada.

A visão desse céu e dos passantes era mais abrangente quando ele se colocava no meio da calçada da Arbat, junto à farmácia da Sociedade Russa de Médicos, na esquina da travessa Starokoniúchenni.

Ele havia retomado o trabalho no Hospital Krestovozdvíjenski, que ainda não fora renomeado, apesar de a associação de mesmo nome ter sido dissolvida.

No hospital, as divisões partidárias haviam começado. Os moderados, cuja estupidez indignava o médico, consideravam-no uma pessoa perigosa; já os politicamente engajados não o achavam suficientemente vermelho. Ele não pertencia a nenhum dos grupos, não possuía mais nada em comum com o primeiro nem privava das certezas do segundo.

Além das suas obrigações profissionais, foi-lhe imposto pela direção do hospital o controle geral da estatística. Quantas enquetes, questionários e formulários ele tinha agora de examinar! Quantos boletins preencher! A mortalidade, a evolução das epidemias, a situação material dos empregados e seu grau de consciência cívica e participação nas eleições, o insatisfatório abastecimento de combustível, de alimentos e de medicamentos, tudo interessava à direção central de estatística, era necessário dar respostas a tudo.

Jivago trabalhava em sua antiga mesa próxima à janela, na sala dos médicos. Era preciso cavar espaço entre as pilhas de papéis de todos os formatos e modelos que se amontoavam à sua frente. Às vezes, por uma inspiração repentina, ele redigia, ao lado das anotações médicas rotineiras, o seu "Jogo dos homens", um diário sombrio ou revista de época, onde deitava

versos e prosa, um pouco de tudo o que lhe sugeria a ideia de que metade das pessoas havia deixado de ser o que era sem que se soubesse o que isso desencadearia.

A sala clara e ensolarada, pintada de branco, estava imersa nessa luz creme do outono dourado que costuma brilhar após a Assunção, quando o primeiro gelo estala pela manhã e acima do brilho multicor dos arvoredos voam as mejengras e gralhas invernais. Nesses dias, o céu atinge uma profundidade extrema, e através da coluna transparente de ar que o separa da terra estende-se do norte uma claridade fria de um azul intenso. Ampliam-se a visibilidade e a sonoridade de tudo no mundo. As distâncias transmitem o som nessa acústica glacial, precisa e distinta. O que está distante torna-se límpido, como se abrisse uma visão através de toda a vida por muitos anos à frente. Seria impossível suportar esse ar rarefeito, se esses momentos não fossem tão breves e não ocorressem ao final do curto dia de outono no limiar do crepúsculo precoce. A luz incendiava a sala, essa luz do sol de outono que se põe bem cedo, uma luz vítrea e aquosa, suculenta como uma maçã madura.

O médico, sentado à sua mesa, molhava a pena no tinteiro, pensava e escrevia, enquanto alguns pássaros silenciosos voavam próximo às grandes janelas da sala, projetando sombras que ora lhe cobriam as mãos em movimento, ora cobriam os papéis sobre a mesa, ora o chão, ora as paredes, para depois desaparecerem sem ruído.

— O bordo está perdendo as folhas — disse, ao entrar, o chefe do serviço de autópsia, um homem que havia sido robusto, mas emagrecera e agora tinha a pele flácida. — Resistiu bravamente às chuvas torrenciais e à força dos ventos. Nada conseguiu vencê-lo. Mas o que não faz uma geada matinal!

O médico levantou a cabeça. Na realidade, os pássaros misteriosos que se moviam diante da janela não eram mais do que as folhas rubro-douradas do bordo que voavam livremente, planavam sustentadas pelo ar e depois pousavam docemente sobre o gramado do hospital, longe das árvores, como estrelas retorcidas alaranjadas.

— As janelas já foram calafetadas? — perguntou o chefe.

— Não — respondeu Iúri Andréievitch, continuando a escrever.

— Por quê? Já é tempo…

Iúri Andréievitch não disse nada, absorto na escrita.

— É uma pena que Tarassiúk não esteja aqui — continuou o chefe. — Era um rapaz de ouro. Consertava botas, relógios. Dava jeito em tudo. Conseguia tudo o que queria, também. Em todo caso, já está na hora de calafetar. Vamos ter de fazer isso nós mesmos.

— Não temos cola.

— Então terá de fabricá-la. Eis a receita — e o chefe explicou como preparar a cola de óleo de linhaça e giz. — Aliás, deixe pra lá. Estou atrapalhando.

Ele se dirigiu à outra janela e pôs-se a examinar alguns frascos e preparados. Começou a escurecer. Após um momento, disse:

— Vai estragar a vista. Está escuro, e não nos darão luz. Vamos para casa.

— Vou trabalhar mais um pouquinho. Uns vinte minutos.

— A mulher dele trabalha no berçário do hospital.

— Mulher de quem?

— De Tarassiúk.

— Sei.

— Mas ele, ninguém sabe onde está. Anda pelo mundo. No verão, esteve aqui duas vezes. Passou pelo hospital. Agora, está em alguma aldeia, instituindo a nova ordem. É daqueles soldados bolcheviques que se vê nas ruas e nos trens. Quer saber o segredo? O de Tarassiúk, por exemplo? Ouça. Ele é um mestre com as mãos. Não pode fazer nada malfeito. Tudo o que se mete a fazer, faz bem. O mesmo aconteceu na guerra. Aprendeu tudo com arte. Tornou-se um atirador formidável. Nas trincheiras, nos assaltos de surpresa. Uma coordenação de olho e mão de primeira. Recebeu todas as condecorações, não por coragem, mas por destreza. Enfim, apaixona-se por tudo o que faz. Apaixonou-se pela guerra. Viu que as armas são uma força, que elas o levam adiante. E quis se tornar uma força também. Um homem armado não é mais um homem como os outros. Antigamente, os bons atiradores como ele se tornavam bandidos. Tente agora lhe tomar o fuzil. E,

de repente, dão as palavras de ordem: "Virem as baionetas contra os seus senhores" e daí por diante. Ele as virou. Eis aí toda a história. E todo o marxismo.

— E além disso, o que é de fato genuíno vem da vida real. O que você pensa disso?

O chefe caminhou até o batente da janela, remexeu nos tubos de ensaio. Depois, perguntou:

— E o rapaz do forno?

— Obrigado pela recomendação. É um homem muito interessante. Conversamos cerca de uma hora sobre Hegel e Benedetto Croce.

— E como não! Ele é doutor em filosofia pela Universidade de Heidelberg. E o forno?

— Nem me fale.

— Está enfumaçando?

— Uma tragédia!

— O tubo deve estar mal encaixado. Tem de ser fixado no forno, ele deve ter embutido no postigo.

— Ele fixou na lareira de azulejos. Como enfumaça.

— Significa que não encontrou a mangueira de evacuação da fumaça e passou o tubo pelo duto da ventilação. E de lá para o respiradouro. Ah! Que falta faz o Tarassiúk! Tenha paciência, Moscou não foi construída em um dia. Acender um forno não é como tocar piano. É preciso aprender. Você estocou lenha?

— Onde conseguir?

— Vou enviar-lhe o vigia da igreja, um tipo que rouba lenha. Ele desmonta cercas para vender como lenha. Mas aviso que você deve pechinchar. Ele cobra caro. Posso também lhe enviar a velha que faz desinfecção.

Eles desceram até a portaria, vestiram o casaco e saíram para a rua.

— Por que a velha? — perguntou o médico. — Não temos percevejos.

— Quem falou em percevejos? Eu falo de alho e você vem com bugalho. Estamos falando de lenha, e não de percevejo. Essa senhora comercializa

lenha, montou um negócio. Compra casas e árvores derrubadas para vender como combustível. É uma fornecedora séria. Tome cuidado para não tropeçar, está uma escuridão danada! Antigamente, eu passeava por aqui de olhos fechados. Conhecia todas as pedras. Nasci no bairro Pretchístenski. Depois que demoliram as cercas, não reconheço mais nada, nem de olhos abertos, parece que estou em outra cidade. Por outro lado, fizeram cada descoberta! Casinhas no estilo império entre os arbustos, mesas redondas de jardim, bancos meio apodrecidos. Outro dia, eu andava perto de um terreno baldio na intercessão de três ruas. Vi uma velha de pelo menos uns cem anos remexendo a terra com um bastão. "Deus te ajude, vó", eu disse. "Está procurando minhoca, vai pescar?" E ela me respondeu, bem séria: "Não, paizinho, cogumelos". E realmente, a cidade estava como um bosque. Sentia-se cheiro de folhas apodrecidas e de cogumelos.

— Eu conheço esse canto. É entre a Serebriáni e a Moltchánovi, não é? Sempre que passo por lá, acontece algo inesperado. Ou encontro alguém que não vejo há vinte anos, ou faço um achado qualquer. Dizem que roubam as pessoas na esquina. Mas isso não chega a ser uma surpresa. É um lugar apropriado pra isso. Há toda uma rede de passagens que se adentram até os covis de Smoliênski. Antes que se dê conta, você é roubado, despido e pronto, não restará nada pra contar história.

— E como os lampiões iluminam mal. Toda hora alguém se quebra. Não é à toa que chamam esses lampiões de equimose.

6

De fato, Jivago havia tido os encontros mais surpreendentes nesse canto da cidade. No fim do outono e antes dos combates de outubro, em uma tarde fria e escura, ele deu com um homem atravessado na calçada, desacordado. Com os braços abertos, a cabeça sobre um degrau e os pés pendurados no meio-fio, o homem vez por outra soltava gemidos fracos e pausados. Às indagações do médico, que tentava reanimá-lo, balbuciava algo desconexo e de novo perdia a consciência. Tinha a cabeça contundida e ensanguentada,

mas um rápido exame mostrou que os ossos do crânio estavam intactos. O ferido certamente tinha sido vítima de algum assalto à mão armada. "A maleta, a maleta", sussurrou duas ou três vezes.

De uma farmácia da Arbat, o médico chamou pelo telefone o velho cocheiro que estava a serviço do Hospital Krestovozdvíjenski e levou o desconhecido para lá.

Ocorre que a vítima era um importante ativista político. Jivago cuidou dele e por muitos anos o teve como protetor que o livrou de vários mal-entendidos, frequentes naqueles tempos de desconfianças e suspeitas.

7

Era domingo. Iúri Andréievitch estava de folga do serviço. Na casa da Sívtsev Vrájek, a família instalara-se em três cômodos para o inverno, como proposto por Antonina Aleksándrovna.

Fazia frio e ventava. As nuvens carregadas de neve estavam baixas, e o dia escuro, bem escuro.

Acenderam o forno já pela manhã, e logo o ambiente enfumaçou. Antonina Aleksándrovna não entendia nada de aquecimento, mas dava conselhos confusos e perigosos a Niúcha, que lutava em vão com a lenha úmida. Jivago assistia à cena e sabia o que tinha de ser feito. Quando tentou interferir, sua mulher o pegou calmamente pelo braço e o levou para fora do cômodo, dizendo:

— Volte para o quarto. Quando a cabeça gira sem motivo, tudo em volta atrapalha, e você tem o hábito de falar quando estou fazendo alguma coisa. Como não entende que as suas observações só fazem jogar óleo no fogo?

— Ah, óleo, Tônietchka, isso seria maravilhoso! O forno acenderia num instante. O mal é que não temos nem óleo, nem fogo.

— Não é hora para trocadilhos. Há momentos em que eles são dispensáveis.

O insucesso em acender a calefação estragou os planos do domingo. Todos esperavam terminar as suas tarefas antes de escurecer e, assim, liberar-

se para a noite, mas caiu tudo por terra. A refeição atrasou e, entre outros pequenos dissabores, não se podia lavar a cabeça com água quente.

Logo a fumaceira aumentou de tal forma que não se podia mais respirar. O vento forte devolvia a fumaça para dentro do cômodo, e a nuvem de fuligem que se formava já lembrava um monstro de conto de fadas no meio do bosque escuro.

Iúri Andréievitch despachou todo mundo para o quarto vizinho e abriu o postigo da janela. Em seguida, retirou metade da lenha do forno e no meio da madeira restante criou caminhos com gravetos e cascas de bétula.

O ar fresco irrompeu pelo postigo. A cortina da janela, que até então pouco se agitava, arremeteu para cima. Alguns papéis voaram sobre a mesa. O vento fez bater uma porta ao longe e, percorrendo todos os cantos do cômodo como gato atrás de ratos, pôs em fuga o que restava da fumaça.

A brasa pegou na madeira, e o fogo crepitou. As chamas fizeram arder o forno. As paredes de ferro coloriram-se em círculos incandescentes, vermelhos como as manchas de um tuberculoso. A fumaça foi rareando até sumir por completo.

O ambiente clareou. As janelas, calafetadas havia pouco por Iúri Andréievitch, de acordo com as recomendações do chefe de autópsia, começaram a suar. Um odor quente e gorduroso de cola invadiu o cômodo. Distinguiam-se também os odores da lenha serrada em pedaços, que secava ao lado do forno: o amargor da casca de pinheiro, que irritava a garganta, e o perfume fresco e úmido do álamo, semelhante ao da água-de-colônia.

Foi nesse momento que Nikolai Nikoláievitch entrou no quarto tão vigorosamente quanto o vento pelo postigo.

— Está havendo combates nas ruas. São ações militares entre cadetes que apoiam o Governo Provisório e soldados da guarnição que apoiam os bolcheviques. Há escaramuças em todas as esquinas, já não se limitam mais às zonas de insurreição. Vindo pra cá, caí duas ou três vezes no meio da linha de fogo, na esquina da Bolcháia Dmítrovka e na Nikítskie Voróta. Não é mais possível tomar o caminho direto, temos de dar voltas. Rápido, Iúri, vista-se! Vamos lá. Você precisa ver isso. É história. Acontece uma vez na

vida.

Mas conversaram ainda por duas horas, almoçaram, e quando estavam para sair, foram avisados da chegada de Gordon, que entrou tão tempestuosamente quanto Nikolai Nikoláievitch e com as mesmas notícias.

Ocorre que nesse intervalo de tempo os acontecimentos evoluíram e surgiram novos detalhes. Gordon contou que a fuzilaria recrudescera e que muitos transeuntes estavam sendo mortos por balas perdidas. Pelas suas palavras, a circulação na cidade havia parado. Por milagre conseguira chegar à casa de Jivago, mas percebera o caminho se fechar às suas costas.

Nikolai Nikoláievitch, sem dar ouvidos, decidiu de todo jeito pôr o nariz na rua, mas regressou em minutos, dizendo que não havia saída, que balas silvavam por todos os lados e arrancavam pedaços de tijolo e reboco dos prédios de esquina. Não havia vivalma na rua, e a comunicação pela calçada tinha sido cortada.

Durante esses dias, Sáchenka resfriou-se.

— Eu já disse cem vezes para não deixarem o menino ficar perto do forno quente — zangou-se Iúri Andréievitch. — O calor excessivo é quarenta vezes mais nocivo do que o frio.

Sáchenka estava com dor de garganta e febre alta. E tinha um medo sobrenatural das náuseas e vômitos que parecia sentir a todo instante.

Ele afastava a mão do pai e não o deixava pôr o laringoscópio na garganta, fechava a boca, gritava e engasgava. As tentativas de persuasão e ameaças eram vãs. Mas, de repente, abriu um largo bocejo. O médico aproveitou e, com a rapidez de um raio, enfiou uma colherinha na boca do filho para segurar a língua e observar-lhe a garganta, vermelha como groselha, as amígdalas inchadas e cobertas de placas de pus. Iúri Andréievitch ficou alarmado.

Pouco depois, usando de estratagemas, o médico conseguiu retirar uma amostra do material e fazer um exame, graças ao microscópio que Aleksandr Aleksándrovitch guardava. Felizmente, não era difteria.

Mas no terceiro dia, Sáchenka teve um acesso de falso crupe. Ele queimava e sufocava. Iúri Andréievitch não podia olhar a pobre criança,

impotente em minorar seu sofrimento. Antonina Aleksándrovna achou que o filho estava morrendo. Pegavam o menino no colo, caminhavam com ele pelo quarto e ele parecia melhorar.

Era preciso conseguir leite, água mineral ou soda para hidratá-lo. Mas os combates nas ruas estavam no auge. A fuzilaria e o canhoneio não cessavam um minuto. Ainda que Iúri Andréievitch, arriscando-se, conseguisse atravessar a zona de combate, não encontraria do outro lado da linha de fogo a menor sombra de vida, que desaparecera por toda a cidade até que a situação se definisse.

Entretanto, o desfecho já estava definido. Corriam boatos de que os trabalhadores estavam em vantagem e que os grupos de cadetes, embora ainda lutassem, estavam isolados e sem comunicação com o comando.

A região da Sívtsev Vrájek estava no raio de ação das unidades revolucionárias que vinham de Dorogomílovo para pressionar o centro. Os soldados da guerra alemã e os jovens trabalhadores, instalados em trincheiras escavadas nas ruas, já conheciam os moradores das casas da região e trocavam gracejos com os que espiavam dos portões ou saíam à rua. Nessa parte da cidade, o movimento se restabelecia.

Gordon e Nikolai Nikoláievitch, que haviam estado presos na casa dos Jivago por três dias, puderam deixar o abrigo forçado. Iúri Andréievitch ficou contente com a presença deles naqueles dias difíceis da doença de Sáchenka, e Antonina Aleksándrovna perdoou-lhes a inépcia em uma situação tão difícil. Mas durante os três dias, para retribuir a hospitalidade, os dois se puseram a falar tão compulsivamente que Iúri Andréievitch, fatigado daquele palavrório vazio, ficou aliviado ao vê-los partir.

8

Soube-se que ambos haviam chegado bem em casa, embora a notícia de uma pacificação geral tenha se revelado prematura. Em muitos locais os combates prosseguiam, e alguns bairros estavam impraticáveis, impedindo que o médico retornasse ao hospital, que já lhe fazia falta, e aos escritos

literários e científicos, guardados em sua mesa.

Apenas em algumas áreas as pessoas ousavam sair em grupos pela manhã para comprar pão, não longe de casa, detendo os passantes que portavam garrafas de leite para saber onde consegui-las.

Às vezes, o tiroteio recomeçava por toda a cidade e dispersava de novo esses agrupamentos. Todos suspeitavam que havia negociações em curso entre os lados, cujo sucesso ou insucesso estavam refletidos na intensificação ou na diminuição do fogo cruzado.

Certa vez, no final de outubro, perto das dez horas da noite, Iúri Andréievitch se dirigiu rapidamente, embora sem necessidade, para a casa de um colega que morava na vizinhança. O local, geralmente movimentado, estava quase deserto, poucas pessoas o cruzavam.

Iúri Andréievitch caminhava a passos largos. Começava a cair a primeira neve, fina e rala, espargida por fortes rajadas de vento. Aos poucos, ia se formando uma tempestade sob os olhos do médico.

Iúri Andréievitch passava de uma travessa a outra e já perdera a conta de quantas voltas havia dado, quando a neve se adensou e se desencadeou a tempestade, uma dessas nevascas que em campo aberto assoviam ao se estender pela terra, mas que na cidade se debatem, prisioneiras de obstáculos.

Algo semelhante ocorria nos mundos moral e físico, próximo e longe, na terra e no ar. Ouviam-se ressoar, isoladas, as últimas salvas da resistência vencida. No horizonte, crepitavam os fracos clarões de incêndios dominados. A borrasca enxotava os anéis e funis de neve, convertendo-os em fumaça aos pés de Iúri Andréievitch, ao longo dos pavimentos e calçadas molhadas.

Em um dos cruzamentos, um menino corria com uma pilha de jornais recém-impressos debaixo do braço, gritando “últimas notícias!”.

— Fique com o troco — disse o médico. O pequeno jornaleiro separou com dificuldade a folha fresca que se colava ao monte, entregou-lha e desapareceu na tempestade tão subitamente como surgira.

O médico se aproximou de um lampião a gás que estava a dois passos dali

e percorreu o título de letras graúdas.

A edição especial, impressa apenas de um lado da folha, continha um comunicado do governo de Petersburgo anunciando a criação do Conselho de Comissários do Povo e a instauração na Rússia do poder soviético e da ditadura do proletariado. Acrescentavam-se os primeiros decretos do novo governo e algumas informações que haviam sido transmitidas por telégrafo e telefone.

A chuva açoitava-lhe os olhos, e grãos cinzentos de neve recobriam as linhas impressas do jornal. Mas não era isso que atrapalhava a leitura. A grandiosidade e a eternidade daquele instante o abalavam e o impediam de voltar a si.

O médico olhou ao redor em busca de um lugar iluminado e protegido da neve, onde pudesse terminar de ler todo o comunicado. E assim, acabou por se encontrar novamente naquele fatídico cruzamento da Serebriáni com a Moltchánovi, à entrada de um prédio de cinco andares, cuja porta envidraçada abria para um saguão espaçoso com iluminação elétrica.

O médico cruzou o saguão e, sob a lâmpada, mergulhou na leitura dos informes telegráficos.

Acima da sua cabeça, ouviam-se passos. Alguém descia a escada, detendo-se a todo instante como se hesitasse. De fato, a pessoa pareceu ter refletido e voltado atrás, pois correu de novo para cima. Ouviu-se abrir uma porta, e duas vozes ressoaram, mas estas estavam a tal ponto deformadas pela sonoridade oca da escada, que não se podia dizer se eram masculinas ou femininas. Depois, a porta bateu, e a pessoa que havia subido recomeçou a descer em passos decididos.

Os olhos de Iúri Andréievitch, completamente absortos na leitura, estavam fixos no jornal. E ele não tinha a menor intenção de levantá-los para encarar a tal pessoa desconhecida. Mas esta, ao chegar embaixo, estancou de forma tão abrupta que Iúri Andréievitch levantou a cabeça e olhou.

À sua frente, estava um jovem de cerca de dezoito anos que vestia um sobretudo pesado com forro de pele de alce do lado externo e gorro semelhante, como em geral se usa na Sibéria. O rapaz tinha o rosto moreno

e os olhos estreitos como um quirguiz. Esse rosto tinha algo de aristocrático, de um brilho fugidio, de uma fineza discreta que parecia vir de longe e habitar pessoas de sangue misto.

Certamente o jovem se enganara, tomava Iúri Andréievitch por outra pessoa. Olhava o médico com ar confuso e espantado, como se o conhecesse e não ousasse lhe dirigir a palavra. Para pôr fim ao mal-entendido, Iúri Andréievitch o mediu com um desses olhares frios que desencorajam qualquer aproximação.

O jovem perturbou-se e se dirigiu para a saída sem dizer nada. Voltou-se ainda uma vez, abriu a pesada porta e saiu para a rua, batendo-a atrás de si.

Cerca de dez minutos depois, Iúri Andréievitch fez o mesmo. A essa altura, ele já havia esquecido tanto o jovem como o colega que pretendia visitar e que fora o motivo da sua saída. Satisfeito com o que acabara de ler, rumou de volta para casa. No caminho, sua atenção foi atraída por uma dessas ninharias cotidianas que naqueles dias ganhavam um significado desmesurado.

Pouco antes de chegar à Sívtsev Vrájek, tropeçou, em meio à escuridão, num amontoado de tábuas e troncos de madeira, jogados de través entre a calçada e o meio-fio. Havia nessa rua uma instituição pública para a qual tinham trazido, à guisa de combustível, a madeira de uma casa de subúrbio desmontada. Uma sentinela armada fazia a ronda no pátio da instituição e, vez por outra, saía à rua para vigiar a madeira.

Iúri Andréievitch, sem perder tempo, aproveitou-se do momento em que a sentinela retornava ao pátio e a borrasca fazia rodopiar no ar uma densa nuvem de neve, e se pôs ao lado de um montículo de lenha deixado numa parte mais escura, longe do lampião da rua. Movimentando-se com cuidado, afastou uma pesada tora que estava próxima ao chão e lentamente a colocou sobre o ombro, deixando de sentir o seu peso. Prosseguiu o percurso de maneira furtiva, colando-se aos muros, até chegar em casa.

Isso foi oportuno, pois já estavam sem lenha. Racharam e serraram o cepo em uma montanha de pequenas achas. Iúri Andréievitch se agachou para acender o fogo. Mantinha-se calado diante da portinhola do forno, que

estremecia e retinia. Aleksandr Aleksándrovitch arrastou uma poltrona para perto e se instalou nela para se aquecer. Iúri Andréievitch tirou do bolso o jornal e estendeu ao sogro.

— Você já viu? Tome, leia.

Sempre agachado, remexendo a lenha com um pequeno atiçador, Iúri Andréievitch falava em voz alta consigo mesmo.

— Que cirurgia maravilhosa! De uma só vez, extraem artisticamente todos os abcessos velhos e fétidos. Sem equívocos e com toda a simplicidade liquidam uma injustiça secular acostumada a ser saudada e reverenciada de joelhos.

"Nesse modo de levar tudo até o fim sem nada temer, há algo de nacional, de familiar, que há muito tempo conhecemos. Algo da incondicional luminosidade de Púchkin, da impecável fidelidade aos fatos de Tolstói."

— Como? Púchkin? O que você disse? Espere um pouco. Deixe-me terminar de ler. Eu não consigo ler e escutar ao mesmo tempo — disse Aleksandr Aleksándrovitch ao genro, acreditando que o monólogo balbuciado por este se dirigia a ele.

— Qual é o golpe de gênio nisso tudo? Para que se atribua a alguém a tarefa de criar um novo mundo, de inaugurar uma nova era, em tese é necessário que se limpe antes o terreno. Haveria que se esperar o fim dos tempos antigos para se iniciar a construção de um novo tempo, pois é preciso uma cifra redonda, uma linha nítida, uma página em branco.

"Mas aqui não há cerimônias. É inédito. É um milagre da história, uma manifesta revelação que atinge em cheio a vida cotidiana, sem dar atenção ao seu percurso. E não começa do início e sim do meio, sem prazo fixado previamente, em dias iguais a todos os outros, enquanto os bondes circulam pela cidade. Isso é que é genial. Só algo grandioso pode se manifestar de forma tão descabida e extemporânea."

9

O inverno chegou como previsto. Foi menos assustador do que os dois

seguintes, mas já possuía a mesma têmpera, um inverno de fome, sombrio e glacial, destruindo tudo o que era habitual e reconstruindo a existência do seu jeito, impondo aos homens esforços sobre-humanos para se agarrar a uma vida que escapava.

Três terríveis invernos se sucederam, e nem tudo o que hoje parece ter ocorrido entre 1917 e 1918 de fato aconteceu naquela época, e sim mais tarde. Esses três invernos se fundiram um no outro e é difícil distingui-los.

A vida antiga e a nova ordem ainda não coincidiam. Não havia entre elas a hostilidade raivosa que surgiu um ano mais tarde por ocasião da guerra civil, mas havia um descompasso. Eram dois lados distintos e opostos que não se tocavam.

Por toda parte faziam-se eleições administrativas: nas propriedades, nas organizações, nos locais de trabalho, nos serviços públicos. Todo o pessoal dirigente estava sendo trocado. Por toda parte, nomeavam-se comissários com plenos poderes, pessoas de vontade férrea, vestidas em jaquetas pretas de couro, munidas de revólveres e métodos de intimidação, homens que pouco se barbeavam e dormiam menos ainda.

Eram pessoas que conheciam bem os filhos da pequena burguesia, os funcionários que cuidavam dos papéis do governo no serviço público, o pequeno-burguês rastejante; e sem piedade alguma, com uma ironia mefistofélica, tratavam-nos como ladrõezinhos pegos em flagrante delito.

Essas pessoas modificavam tudo, de acordo com o programa, e assim, de empresa em empresa, de associação em associação, tudo foi bolchevizado.

O Hospital Krestovozdvíjenski passou a se chamar Hospital Reformado Nº 2. Nele, ocorreram mudanças. Parte do pessoal foi demitida e outros se demitiram voluntariamente, considerando que não valia mais a pena trabalhar lá. Eram médicos que ganhavam bem a vida, conheciam práticas modernas e usufruíam das benesses da alta sociedade, fraseadores, conversadores de muita lábia. De acordo com o contumaz pensamento interesseiro, eles não perderam a oportunidade de demonstrar que a sua saída se dava por motivos patrióticos e passaram a menoscabar os que lá

permaneceram, quase a boicotá-los. Dentre os que ficaram e eram menosprezados estava Jivago.

À noite, a seguinte conversa costumava ser levada entre marido e mulher:

— Na quarta, não se esqueça de ir ao porão da Sociedade dos Médicos para pegar batata congelada. Há dois sacos lá. Depois eu lhe digo a que horas estarei livre para ajudá-la. É preciso duas pessoas para puxar o trenó com os sacos.

— Está bem. Vamos cuidar disso, Iúrotchka. Deite-se logo, já é tarde. De qualquer forma, você não pode fazer tudo. Precisa descansar.

— A epidemia está se espalhando. A fadiga geral enfraquece a resistência. Você e seu pai me preocupam. É preciso fazer algo. Mas o quê? Nós não nos precavemos o suficiente. É preciso ter mais cuidado. Escute. Você está dormindo?

— Não.

— Eu não temo por mim, tenho fôlego, mas se por acaso eu vier a cair doente, não faça tolices, não me deixe em casa, leve-me na mesma hora para o hospital.

— Pare com isso, Iúrotchka! Deus me livre. Por que prever o pior?

— Lembre-se de que não há mais pessoas honestas nem amigas. Nem mesmo as que conhecemos. Se alguma coisa acontecer, confie apenas em Pitchújkin. Claro, se ele mesmo resistir. Está dormindo?

— Não.

— Os velhacos abandonaram o trabalho em proveito próprio e agora dizem que o fizeram por patriotismo, por princípios. Quando eu os encontro, mal me estendem a mão. "Você trabalha com eles?", perguntam, levantando as sobrancelhas. Eu respondo: "Sim, trabalho e, sem querer ofendê-los, tenho orgulho das nossas privações e respeito pelas pessoas que nos honram ao nos infligir tais privações".

10

Durante um longo período, o painço cozido na água e a sopa de cabeça

de arenque se tornaram o alimento constante da maioria das pessoas. O corpo do arenque frito servia de segundo prato. Comia-se centeio e trigo em grão. Deles se fazia mingau.

Uma professora, conhecida da família, ensinou Antonina Aleksándrovna a assar pão sobre a coifa do forno. Deveriam vender o excedente para justificar o uso do grande fogão de azulejos da casa. Isso permitiria dispensar o forninho de ferro que, no final das contas, continuava a enfumaçar, aquecia mal e não conservava o calor.

Antonina Aleksándrovna assava bem o pão, mas não obteve sucesso nas vendas. Tiveram de sacrificar os projetos irrealizáveis e de novo pôr em funcionamento o forninho recém-encostado.

Certa manhã, como de hábito, Iúri Andréievitch saiu para trabalhar. Restavam apenas duas achas de lenha em casa. Antonina Aleksándrovna vestiu seu casacão forrado de pele, dentro do qual sentia frio mesmo em clima ameno, em função da fraqueza, e decidiu ir à luta.

Vagueou cerca de meia hora pelas ruelas da vizinhança, por onde às vezes passavam camponeses com legumes e batatas trazidos das aldeias. Era preciso estar lá na hora certa. Costumava-se deter camponeses com fardos.

Logo ela encontrou o que buscava. Um rapaz jovem e robusto em camisa de feltro que puxava um trenó leve como um brinquedo acompanhou Antonina Aleksándrovna até o pátio dos Gromeko.

Dentro do cesto de casca de árvore coberto por uma esteira que estava sobre o trenó, havia um pequeno amontoado de peças de bétula arredondadas, da grossura dos corrimãos usados nos velhos casarões do século anterior, como se vê nas fotografias. Antonina Aleksándrovna sabia o valor dessa mercadoria, era bétula da pior qualidade, cortada ainda fresca e, portanto, imprópria como lenha. Mas não havia escolha, não havia tempo para refletir.

Em cinco ou seis viagens, o jovem camponês carregou toda a lenha para cima e, em troca, pôs nas costas e instalou sobre o trenó o pequeno armário de espelhos de Antonina Aleksándrovna, com o qual iria presentear a jovem esposa. De passagem, falando sobre a próxima entrega de batatas, ele se

informou sobre o preço do piano que estava próximo à porta.

Ao retornar, Iúri Andréievitch não censurou a aquisição da mulher. Teria sido mais razoável e vantajoso quebrar em pedaços o armário de espelhos, mas não tinham coragem de fazê-lo.

— Você viu o bilhete sobre a mesa? — perguntou Tônia.

— É do administrador do hospital? Já me disseram, eu sei. Estão me pedindo para visitar uma doente. Vou lá, sem falta. Depois que descansar um pouco, eu vou. Mas é bem longe. Em algum lugar perto do Arco do Triunfo. Anotei o endereço.

— Os honorários que oferecem são bem estranhos. Você viu? Em todo caso, leia. Aqui diz, uma garrafa de conhaque alemão ou um par de meias femininas pela visita. Veja com o que tentam atrair. Que gente é essa? Que tom grosseiro e totalmente fora da nossa realidade. Novos-ricos, provavelmente.

— Sim, trata-se de algum abastecedor.

Os abastecedores, concessionários ou agentes eram pequenos empreendedores a quem o poder estatal, depois de liquidar o comércio privado, dera concessões em momentos de crise econômica, facultando-lhes certos fornecimentos.

Não contavam entre eles os ex-donos das antigas firmas nem os proprietários de grande porte, que não se recuperaram do golpe que sofreram. Essa categoria era constituída por negociantes efêmeros, que surgiram do nada durante a guerra e a revolução, homens novos, de passagem, gente sem raízes.

Depois de tomar água quente embranquecida com um pouco de leite e açúcar, o médico seguiu para a casa da doente.

Calçadas e pavimentos estavam mergulhados em uma neve espessa que cobria toda a superfície das ruas, de uma casa a outra. A colcha de neve, em certos locais, chegava a alcançar as janelas do primeiro andar. Na amplidão desse espaço, moviam-se sombras silenciosas e semivivas, carregando nas costas ou em trenós algumas magras provisões. Praticamente não se encontravam viaturas.

Algumas fachadas ainda guardavam velhas placas. Sob essas placas, e sem nenhuma relação com elas, viam-se cooperativas e casas comerciais vazias e fechadas, as janelas pregadas ou condenadas.

Esses fechamentos e esvaziamentos não se deviam apenas à carência de produtos, mas também ao fato de que a reestruturação da vida em todos os seus aspectos, inclusive o comércio, ainda não havia alcançado os casos particulares, as pequenas lojas, e até então só se realizara em linhas mais gerais.

11

O prédio de onde chamaram o médico situava-se no fim da rua Bréstskaia, próximo ao posto de guarda de Tver.

Era uma espécie de caserna de tijolos antiquada, com galerias de madeira que subiam em três andares ao redor de um pátio interno.

Os moradores estavam reunidos em uma assembleia previamente marcada com a representante do conselho de bairro, quando, de repente, chegou uma comissão militar de controle para conferir as autorizações de porte de arma e confiscar as armas não declaradas. O responsável pela comissão solicitou à representante do conselho de bairro que aguardasse, assegurando que os trabalhos tomariam pouco tempo e que a assembleia poderia prosseguir assim que a revista terminasse.

A perquirição chegava ao fim e o próximo da lista a ser averiguado seria o apartamento onde aguardavam Jivago, e justamente nesse momento o médico se aproximou do portão da residência. O soldado de fuzil à mão que vigiava uma das escadas de acesso às galerias recusou-se terminantemente a permitir a passagem de Iúri Andréievitch. O chefe do destacamento interveio e deu ordens para que não criassem dificuldades ao médico e concordou em aguardar o fim da consulta para revistar o apartamento.

Jivago foi recebido pelo proprietário do apartamento, um homem jovem e polido, de rosto bronzeado e sem brilho, com olhos negros melancólicos. Ele estava perturbado por vários motivos: pela doença da mulher, pela

iminência da vistoria e pelo respeito sobrenatural que nutria pela medicina e seus representantes.

Para não tomar tempo e trabalho do médico, o proprietário tentou expor a situação da forma mais breve possível, mas a pressa tornava as suas frases longas e confusas.

O apartamento era uma mistura de objetos luxuosos e baratos, de coisas compradas às pressas para dar um destino palpável ao dinheiro que desvalorizava vertiginosamente. À mobília desencontrada, somavam-se objetos de arte sem parelha.

O proprietário achava que a mulher estava doente dos nervos pelo susto que passara. Com uma enormidade de detalhes supérfluos, ele contou que haviam adquirido por uma pechincha um antigo relógio de carrilhão com música, quebrado e sem uso. Compraram por ser uma peça rara de relojoaria (levou o médico à peça contígua para mostrá-lo) e chegou a duvidar que pudessem consertá-lo. Mas, de repente, o relógio que havia anos não recebia corda pôs-se a funcionar sozinho, tocou com todos os sinos um minueto espalhafatoso e parou. A mulher, aterrorizada, concluíra que aquele toque do relógio indicara a sua hora derradeira, e agora delirava na cama, não comia, não bebia, não reconhecia mais o marido.

— Então, o senhor pensa que foi um choque nervoso? — perguntou Iúri Andréievitch com ar de dúvida. — Deixe-me ver a doente.

Passaram ao quarto vizinho, ornado por um lustre de porcelana e com uma cama de casal larga e flanqueada por duas mesas de cabeceira de mogno. Na beirada da cama, coberta até o queixo, estava uma mulher pequena de grandes olhos negros. Ao vê-los entrar, descobriu os braços e, com um gesto que fez deslizar as mangas da camisola até os ombros, mandou-os embora. Sem reconhecer o marido, como se não houvesse ninguém no quarto, pôs-se a cantarolar baixinho uma canção triste que a perturbou de tal modo que começou a chorar e soluçar como criança, pedindo que a levassem para casa. O médico tentou se aproximar de ambos os lados da cama, mas ela sempre lhe virava as costas.

— É preciso examiná-la — disse Iúri Andréievitch. — Mas de qualquer

forma, já está claro para mim. É tifo exantemático, e do tipo mais grave. Ela está sofrendo muito. Eu o aconselho a hospitalizá-la. Não por uma questão de comodidade, isso o senhor pode lhe oferecer aqui, mas a vigilância médica é indispensável nas primeiras semanas da doença. O senhor tem condições de conseguir algum transporte, um fiacre, ou mesmo um trenó, desde que a agasalhe bem, para transportá-la ao hospital? Vou preencher o boletim de internação.

— Acho que sim. Vou tentar. Mas espere. É mesmo tifo? Isso é terrível!

— Infelizmente, sim.

— Tenho medo de perdê-la, se a deixar partir. O senhor não pode tratá-la em casa, vir vê-la sempre que possível? Estou pronto a lhe pagar o que quiser.

— Já expliquei ao senhor que é importante uma vigilância médica sistemática. Escute. Estou lhe dando um bom conselho. Vá e encontre um fiacre seja lá onde for, enquanto preencho o boletim. É melhor que eu faça isso no comitê predial, será necessário o carimbo e outras formalidades.

12

Os moradores que já haviam passado pelos interrogatórios e pela vistoria retornavam um a um, agasalhados em seus casacos e xales, para o local sem aquecimento do antigo depósito de ovos que hoje era ocupado pelo comitê predial.

Numa das extremidades do aposento, estavam uma mesa e algumas cadeiras em número insuficiente para acomodar todas aquelas pessoas. Para remediar a falta de assentos, instalaram em círculos, à guisa de bancos, caixotes de ovos vazios virados para baixo. Na outra extremidade, os caixotes se amontoavam até o teto. Feixes de madeira congelada, grudados uns nos outros por bolhas de clara de ovo, apoiavam-se na parede. Ali, as ratazanas se moviam ruidosamente, descendo, por vezes, ao piso de pedra e voltando a se esconder entre os feixes.

A cada incursão, certa moradora obesa pulava sobre o caixote e dava

gritinhos esganiçados. Suspendia a barra do vestido com coquetismo, separando os dedinhos, batia com os pés, calçados em botinhas modernas de cano alto, e gritava, atribuindo intencionalmente à voz um tom rouco e embriagado:

— Olka, Olka, você tem ratazanas aqui. Eh, fora daqui, nojenta. Ai, ai, ai, essa desgraçada entende. Se zangou. Ui, ui, ui, está subindo na caixa! Vai subir no meu vestido! Ai, que medo! Que medo! Virem-se, senhores, não olhem! Ah, esqueci, não são mais senhores, são camaradas cidadãos.

A mulher que fazia toda essa algazarra vestia um casaco de pele de cordeiro desabotoado, sob o qual tremelicavam, feito pudim de três camadas, o queixo duplo, o busto pomposo e a barriga espremida no vestido de seda justo. Essa beldade certamente fizera sucesso no passado entre comerciantes e administradores comerciais de terceira classe. A fenda dos seus olhinhos suínos pouco se abria sob as pálpebras inchadas. Em tempos passados, uma rival havia lhe atirado um frasco com ácido ao rosto, mas errara o alvo e apenas duas ou três gotas deixaram na bochecha esquerda e na comissura dos lábios algumas marcas discretas, quase sedutoras.

— Não grite, Khrapúguina. Assim, não se pode trabalhar — dizia à mesa a representante do conselho de bairro, eleita presidenta da reunião.

Os moradores a conheciam de longa data e ela conhecia cada um deles muito bem. Antes de iniciar a reunião, ela teve uma conversa informal e a meia-voz com a velha Fátima, a zeladora, que outrora se abrigava num porão infecto com o marido e os filhos, e agora fora transferida com a filha para dois quartos claros do segundo andar.

— Como vão as coisas, Fátima? — perguntou a representante do conselho de bairro.

Fátima se queixou de não dar conta sozinha de um prédio tão grande e com tanta gente, disse que não recebia nenhuma ajuda, que os moradores não cumpriam o revezamento na limpeza do pátio e da rua.

— Não se aflija, Fátima, vamos fazer o pau cantar para cima deles, pode ficar tranquila. Afinal, que comitê predial é este? É inacreditável. Elementos criminosos se escondem aqui, pessoas duvidosas se instalam sem registro.

Vamos dissolver este comitê e criar outro. Vou colocar você como administradora do prédio, mas pare de reclamar.

A zeladora lhe implorou que não fizesse nada, mas ela não lhe deu ouvidos. A representante do conselho de bairro, que agora presidia a reunião, lançou um olhar pelo recinto e considerou que já havia pessoas suficientes para dar prosseguimento à assembleia, pediu silêncio e abriu a reunião com algumas palavras. Ela condenou a ineficácia do comitê predial e propôs uma lista de novos candidatos, passando a outras questões. Ao terminar, disse:

— Vejamos então como ficaram as coisas, camaradas. Vamos falar abertamente. Este prédio é espaçoso e conveniente para habitação comunitária. Às vezes chegam delegados para reuniões e não temos onde acomodá-los. Há uma deliberação de passar este imóvel para a jurisdição da administração regional e transformá-lo em alojamento para os que vêm de fora, dando-lhe o nome do camarada Tiviérzin, que foi morador daqui até se exilar, esse fato vocês conhecem. Alguma objeção? Então, vamos passar à questão da limpeza do prédio. Aquela medida não é urgente, vocês ainda têm um ano pela frente. Vamos transferir a população trabalhadora e conceder-lhe outra habitação; aos que não trabalham, avisamos desde já que devem procurar por si mesmos um outro local para se alojar, têm um prazo de doze meses.

— Quem entre nós não trabalha? Ninguém! Todos são trabalhadores — gritavam de todos os cantos; uma voz berrava: — Isso é chauvinismo autocrata! Todas as nacionalidades agora são iguais. Eu sei aonde você quer chegar!

— Não gritem ao mesmo tempo! Assim, não sei a quem responder. Que nacionalidades? O que a nacionalidade tem a ver com isso, cidadão Valdírkin? A Khrapúguina, por exemplo, não pertence à minoria não russa e, no entanto, também vamos expulsá-la.

— Expulse! Quero ver como vai me expulsar! Sua poltrona vendida! Sua dez funções! — gritou Khrapúguina, lançando xingamentos desconexos à delegada no auge da discussão.

— Que serpente! Que bruxa! Não tem vergonha, não? — reclamava a zeladora.

— Não se meta, Fátima! Sei me defender. Chega, Khrapúguina. Senão, vou denunciá-la! Cale-se, estou dizendo, ou a entrego imediatamente à polícia, sem esperar que seja presa por fabricação de *samogón*[5] e por manter um antro de jogatina.

A gritaria atingiu o limite. Ninguém se ouvia. Nesse momento, o médico entrou no depósito e pediu ao primeiro que encontrou junto à porta para indicar-lhe alguém do comitê. Este fez um megafone com as mãos e, superando o barulho e a gritaria, berrou:

— Ga-liú-lli-na! Venha cá. Estão chamando.

O médico não acreditou em seus ouvidos. Viu se aproximar uma mulher magra e um pouco encurvada, a zeladora, e ficou impressionado com a semelhança entre mãe e filho; mas se contentou em dizer:

— Vocês têm aqui uma moradora com tifo (disse o nome). Devem tomar precauções para que a doença não se propague. Além disso, a doente deve ser transferida para o hospital. Vou preencher um boletim e o comitê predial deve assinar, autorizando. Como e onde podemos fazer isso?

A zeladora entendeu que se tratava do transporte da doente e não do preenchimento do boletim.

— Uma caleça vem buscar a camarada Diômina, membro do conselho regional — disse Galiúllina. — A camarada Diômina é uma pessoa boa, vou falar com ela, com certeza vai emprestar. Não se preocupe, camarada doutor, vamos transferir a sua doente.

— Ah, não é disso que estou falando! Só preciso de um cantinho para redigir o boletim. Mas se tiver a caleça também… Desculpe-me, mas a senhora não seria a mãe do tenente Galiúllin, Óssip Guimazetdínovitch? Servi com ele na guerra.

A zeladora estremeceu e ficou pálida. Tomou o médico pelo braço e lhe disse:

— Venha, vamos falar lá fora, no pátio.

Mal passaram a porta, ela se pôs a falar rapidamente:

— Fale baixo, Deus permita que não escutem. Que não venha desgraça. Iussúpka foi pelo mau caminho. Pense só, quem é Iussúpka? Iussúpka era um ajudante de artesão. É um operário. Iussúpka tem que entender que tudo ficou melhor agora pro povo simples, até um cego vê isso, nem tem o que dizer. Eu não sei o que você pensa, pense como quiser, você pode, mas pra Iussúpka isso é pecado. Deus não vai perdoar. O pai do Iussúpka era soldado e foi morto, o pobre, não sobrou nem rosto, nem braço, nem perna.

Ela ficou sem forças para prosseguir. Fez um gesto com a mão e aguardou que a emoção se acalmasse. Depois, retomou:

— Vamos. Vou arrumar a caleça. Eu sei quem é você. Ele ficou aqui dois dias e me falou de você. Disse que você conhece a Lara Guicharova. Era uma moça boa. Vinha aqui nos ver, eu lembro. Sabe Deus como ela está agora. Por acaso isso é possível, que os patrões ficaram contra os patrões? Mas pra Iussúpka isso é pecado. Vamos pedir a caleça. A camarada Diômina empresta. Você sabe quem é a camarada Diômina? Ólia Diômina trabalhava no ateliê da mãe de Lara Guicharova. E também é daqui. Deste prédio. Vamos pelo pátio.

13

Já havia escurecido totalmente. Ao redor, tudo era noite. O círculo branco de luz da lanterna de bolso de Diômina saltava de um monte de neve a outro alguns passos à frente, mais desorientando do que iluminando o caminho de quem a seguia. Ao redor, tudo era noite, e deixavam para trás o prédio onde tanta gente a conhecia, aonde ela costumava ir quando menina, onde, pelo que contam, crescera o menino Antípov, que seria seu futuro marido.

Diômina dirigiu-se ao médico num tom protetor e brincalhão:

— Será que você consegue ir longe sem a lanterna? Hein? Se não, posso emprestar a minha, camarada doutor. Sim. Antigamente, quando éramos meninas, eu a adorava. Elas tinham um ateliê de costura. Vivi com elas como aprendiz. Eu a revi este ano. Ela estava em viagem, passou por

Moscou. Perguntei a ela: pra onde você vai, sua doida? Fique aqui, vamos viver juntas, conseguiremos um trabalho para você. O que vai fazer lá? Mas não! Não quis. Problema dela. Casou-se com Pacha pela cabeça, e não pelo coração, desde então é um pouco doida. Foi embora.

— O que você pensa dela?

— Atenção, está escorregadio aqui. Quantas vezes eu disse para não atirarem água suja diante da porta. É o mesmo que falar com as paredes. O que eu penso dela? Como assim, penso? Pensar o quê? Não tenho tempo para pensar muito. Eu moro aqui. Eu não contei a ela que o irmão, um militar, parece que foi fuzilado. Quanto à mãe, minha antiga patroa, eu vou cuidar para que fique bem. Bom, já estou em casa. Até logo.

E eles se separaram. A luz da lanterna de Diômina meteu-se pela escada estreita de pedra e correu adiante, iluminando as paredes manchadas. O médico mergulhou na escuridão. À sua direita, estava a rua Sadóvaia-Triumfálnaia e à esquerda, a Sadóvaia-Kariêtnaia. Imersas no negrume do horizonte e no negrume da neve, já não eram ruas no sentido comum da palavra, mais pareciam clareiras florestais na taiga densa dos prédios de pedra que se estendiam como os matagais impenetráveis da Sibéria ou dos Urais.

Em casa, Jivago encontrou luz e calor.

— Por que chegou tão tarde? — perguntou Antonina Aleksándrovna. E continuou, sem lhe dar tempo de responder: — Durante a sua ausência, aconteceu uma coisa curiosa. Uma coisa bizarra, inexplicável. Eu me esqueci de contar que ontem papai quebrou o despertador e ficou desesperado. Era o último relógio em casa. Tentou consertá-lo, colava aqui, colava ali, nada dava certo. O relojoeiro da esquina pediu três libras de pão, um preço absurdo. O que fazer? Papai desistiu. E, de repente, imagine só, faz uma hora, ouvimos um som agudo e ensurdecedor. Era o despertador! Pegou, entende, funcionou!

— Foi a minha hora tifoide que bateu — brincou Iúri Andréievitch, e contou à família a história da doente e do carrilhão.

14

Mas ele só adoeceu de tifo bem mais tarde. Nesse intervalo, a família de Jivago conheceu uma miséria extrema. Já não tinham nada e passavam fome. Iúri Andréievitch procurou o membro do partido vítima de agressão que ele salvara. O homem fez o que pôde para ajudar o médico. Mas a guerra civil havia começado, e o seu protetor estava sempre em alguma missão. Além disso, Jivago estava convicto de que, embora esse homem considerasse naturais as privações da época, ocultava a própria fome.

Iúri Andréievitch tentou encontrar o abastecedor que vivia na residência próxima ao posto de Tver, mas havia meses não se sabia nada dele nem da esposa, que havia se recuperado. Os moradores da casa já eram outros. Diômina estava no front, e Iúri Andréievitch não encontrou a administradora do imóvel, Galiúllina.

Um dia, recebeu um bônus em lenha a preço oficial, mas era preciso buscar essa lenha na estação ferroviária Vindávski. Caminhando pela infindável rua Meschánskaia sem tirar o olho do carroceiro que levava aquele tesouro inesperado, súbito percebeu que a Meschánskaia deixava de ser a Meschánskaia, que cambaleava, que as pernas cediam ao seu peso. Na mesma hora, soube que nada podia fazer, que estava com tifo. O cocheiro o levantou quando desfaleceu e o deitou sobre a lenha. Jivago nunca se lembrou de como chegou em casa.

15

Ele delirou durante duas semanas, com alguns intervalos de calmaria. Sonhou que Tônia colocava sobre a sua mesa as duas ruas Sadóvaia: a Sadóvaia-Kariêtnaia à esquerda e a Sadóvaia-Triumfálnaia à direita, aproximando delas uma lâmpada quente, invasiva e alaranjada. As ruas se iluminavam e agora se podia trabalhar. Então, ele escrevia.

Escrevia com um entusiasmo e uma facilidade incomuns tudo o que desejava e o que deveria ter escrito havia muito tempo, mas nunca

conseguira. Agora o pensamento transbordava. Mas, às vezes, vinha atrapalhá-lo um menino de olhos estreitos quirguizes, usando um casaco de pele de alce, como se vê na Sibéria e nos Urais.

Era absolutamente claro para ele que esse menino era o espírito da sua morte ou, simplesmente, a sua morte. Mas como pode ser a sua morte, se ele o está ajudando a escrever poemas? Pode-se tirar proveito da morte? A morte pode vir em nosso auxílio?

O poema que está escrevendo não trata nem da descida ao túmulo, nem da ressurreição, mas dos dias decorridos entre uma coisa e outra. O poema se chama "Desrazão".

Ele sempre quis escrever sobre como em três dias uma tempestade de terra negra fervilhante de vermes assedia e assalta a encarnação imortal do amor, atirando sobre ele os seus grumos e torrões, semelhante às ondas do mar em combate, que com impulso se lançam e sepultam a margem; como em três dias a tempestade de terra negra encapela-se, investe e recua. E duas frases rimadas o perseguiam:

Contente em tocar

e

É preciso acordar.

Contente em tocá-lo estavam o inferno, a decomposição e a morte, mas também a primavera, Madalena e a vida. E… é preciso acordar. É preciso acordar e se levantar. É preciso ressuscitar.

16

Ele começava a se restabelecer. De início, em estado de placidez, não buscava ligações entre as coisas, aceitava tudo, não se lembrava de nada, não se impressionava com nada. Sua mulher o alimentava com pão branco e manteiga, chá com açúcar e café. Esqueceu-se de que isso era proibitivo naqueles tempos, e se alegrava com o saboroso alimento tanto quanto se alegrava com a poesia e os contos maravilhosos, que eram de lei e

amplamente recomendados para o convalescente. Mas assim que começou a compreender o que se passava, perguntou à mulher:

— De onde vem tudo isso?

— Vem tudo do Grania.

— Que Grania?

— Grania Jivago.

— Grania Jivago?

— Sim, seu irmão Evgraf, de Omsk. Seu meio-irmão. Quando você estava em coma, ele vinha sempre nos ver.

— Com um casaco de alce?

— Sim, sim. Você chegou a percebê-lo em estado de inconsciência? Ele nos contou que já o tinha visto perto da escada de algum prédio. Ele sabia quem você era e queria se apresentar, mas você o olhou de tal forma que o assustou. Ele te adora, lê tudo o que você escreve. Sabe-se lá de onde ele traz tanta coisa! Arroz, passas, açúcar. Ele viajou de novo para casa. E nos convidou. Ele é tão estranho e enigmático. Para mim, há algum romance entre ele e as autoridades. Ele diz que é melhor deixar as grandes cidades por um ou dois anos e "viver na terra". Aconselhei-me sobre as propriedades dos Kruger. Ele recomendou fortemente. Podemos ter hortas, e o bosque está próximo. O que não podemos é nos deixar morrer silenciosamente como ovelhas.

Em abril desse mesmo ano, Jivago partiu com toda a família para os longínquos Urais, em direção a Varíkno, perto de Iuriátin.

---

1. Manon Roland (1754-93), republicana francesa que manteve um salão em Paris, frequentado principalmente pelos girondinos. Morreu guilhotinada.
2. Aglutinação de S.R., sigla que se refere à fração de esquerda do Partido Socialista Revolucionário que dividiu o poder com os bolcheviques até julho de 1918.
3. Apelido com o sentido de camponês ignorante e bobo.
4. Moça que estudou nos cursos superiores de Bestújev em São Petersburgo.
5. Aguardente caseira, obtida da destilação de ingredientes como beterraba, batata, rabanete e casca de carvalho.

SÉTIMA PARTE
A VIAGEM

1

Chegaram os últimos dias de março, quando todo ano uma onda de calor precede o recrudescimento do frio, anunciando falsamente a primavera.

Em casa dos Gromeko, andavam atarantados com os preparativos para a viagem. Para os novos moradores que agora ocupavam a casa, mais numerosos que pardais na rua, essa azáfama se explicava como uma grande faxina antes da Páscoa.

Iúri Andréievitch se opôs à viagem. No entanto, não entravou os preparativos, uma vez que o projeto lhe parecia irrealizável e esperava que ruísse no último minuto. Mas os trabalhos avançavam, e o momento se aproximava.

Um dia, decidiu falar seriamente e exprimiu mais uma vez a sua opinião à mulher e ao sogro em conselho de família.

— Então, vocês consideram que eu estou errado, que devemos ir? — disse ao final de sua explanação. A mulher tomou a palavra:

— Você diz que devemos aguentar um ou dois anos, que nesse período serão regulamentadas novas relações com a terra, que será possível obter um pedacinho de terra perto de Moscou para fazer uma horta. Mas como vamos viver até lá, você não diz. No entanto, isso é o que mais interessa, é isso que eu realmente gostaria de ouvir.

— É um delírio absoluto — disse Aleksandr Aleksándrovitch, apoiando a

filha.

— Está bem, eu me rendo — concordou Iúri Andréievitch. — O que me detém é o desconhecido. Estamos nos atirando de olhos vendados, sem conhecer nosso destino, sem saber nada do lugar para onde vamos. Das três pessoas que viviam em Varíkino, duas delas, a mãe e a avó, não estão mais vivas, e a terceira, o avô Kruger, se ainda estiver vivo deve estar atrás das grades.

"No último ano de guerra, não se sabe bem o que ele fez das suas florestas e fábricas. Teve de fazer uma venda de fachada para alguém ou para algum banco, se é que não transferiu para o nome de terceiros em troca de certas garantias. O que nós sabemos dos negócios dele? De quem são as terras agora? Não no sentido da propriedade, isso pouco importa, mas quem responde por elas? Quem administra? Estarão derrubando o bosque? As fábricas funcionam? Enfim, quem são as autoridades por lá agora? E quem será quando chegarmos?

"Para vocês, a tábua de salvação é Mikulítsin, um nome que vocês adoram repetir. Mas quem lhes disse que o velho administrador está vivo e continua em Varíkino? E o que sabemos dele, além do fato de que o avô pronunciava com dificuldade o seu nome, razão de nos lembrarmos até hoje?

"Mas, para que discutir? Vocês decidiram partir. Vou me juntar a vocês. Vamos cuidar do que ainda deve ser feito. É inútil retardar."

2

Iúri Andréievitch se dirigiu à estação ferroviária Iaroslávski para obter informações sobre as possibilidades de partida.

O enorme fluxo de viajantes era contido por pequenas grades de madeira dispostas através das salas. E ao longo de todo o chão de pedra, estendiam-se homens de capote cinza a se contorcer, tossir e escarrar. Falavam alto ao se dirigir uns aos outros, sem se dar conta da reverberação produzida pela abóbada.

Em sua maioria, eram convalescentes de tifo. Como os hospitais estavam

lotados, davam-lhes alta no dia seguinte à última crise. Iúri Andréievitch sabia disso, ele mesmo vivera esse dilema em seu trabalho; o que ele não sabia é que esses infelizes eram tantos e que as estações lhes serviam de abrigo.

— Consiga uma ordem de missão — disse-lhe um carregador de avental branco. — Terá de vir todo dia se informar. Trem hoje em dia é raridade, questão de sorte. E claro… (O carregador esfregou o polegar nos dois dedos vizinhos.) Um pouco de farinha ou coisa assim… Se não molhar a mão, não viaja. E também isso… (deu um peteleco na garganta) é o mais importante… isso é sagrado.

3

Nesse meio-tempo, Aleksandr Aleksándrovitch foi convidado para participar de algumas consultas extraordinárias no Conselho Nacional de Economia, e Iúri Andréievitch foi chamado para tratar um membro do governo gravemente enfermo. Ambos receberam a melhor recompensa possível daqueles tempos: bônus para aquisição de produtos em um distribuidor reservado, o primeiro do gênero.

O armazém estava instalado em certo depósito de guarnição, próximo ao Monastério Símonov. Jivago e o sogro atravessaram os pátios da igreja e da caserna e, sem passar por nenhuma porta, entraram sob as abóbadas de pedra de um porão profundo, cujo solo descia progressivamente. Os fundos do porão se alargavam e estavam bloqueados por um balcão comprido e transversal, onde um tranquilo almoxarife atendia sem pressa, às vezes se ausentando para buscar alguma mercadoria, pesá-la e distribuí-la, riscando da lista que lhe era entregue o produto que havia separado.

Eram poucos os clientes.

— Deem-me os sacos — disse o almoxarife, depois de dar uma rápida olhada nos bônus do médico e do professor. Os dois arregalaram os olhos maravilhados, quando ele começou a colocar dentro das capas de almofada e das fronhas que lhe estendiam farinha, sêmola, macarrão e açúcar,

toucinho, sabão, fósforos e algo embrulhado que mais tarde, em casa, descobriram ser um queijo do Cáucaso.

Jivago e o sogro agruparam rapidamente as pequenas trouxas dentro de dois sacos maiores, que poderiam carregar nas costas. Queriam pôr termo à sua falta de jeito para não agastar o funcionário, que lhes havia agraciado tão generosamente.

Quando subiram do porão ao ar livre, sentiram-se embriagados, mas não por uma alegria animal e sim pelo sentimento de que não viviam em vão no mundo, não desperdiçavam o tempo inutilmente, e tinham certeza de merecer a aprovação e os elogios de Tônia, a senhora da casa.

4

Enquanto os homens se perdiam nas instâncias burocráticas em busca da ordem de missão e de um certificado que lhes atestasse o direito ao apartamento que iriam deixar, Antonina Aleksándrovna selecionava os objetos que empacotaria.

Andava pensativa pelos três cômodos, a parte da casa dos Gromeko que agora lhes cabia, sempre pesando na mão cada miudeza antes de pousá-la sobre o monte de objetos que seriam embalados.

Apenas uma parte insignificante dos bens foi incluída na bagagem pessoal dos viajantes, todo o resto destinava-se a trocas, único meio de sobrevivência durante a viagem e nos dias seguintes à chegada.

O ar primaveril soprava pelo postigo aberto da janela e trazia consigo o odor de pão francês recém-assado. No pátio, galos cantavam e ouviam-se os gritos das crianças que brincavam. Quanto mais se tentava arejar o quarto, mais se sentia o odor de naftalina, exalado pelas roupas e casacos de inverno guardados no baú.

Quanto a decidir o que levar e ao que renunciar, existia toda uma teoria elaborada por viajantes, cujas observações haviam sido difundidas no círculo dos seus conhecidos.

Esses preceitos, que se tornaram breves e indiscutíveis instruções, estavam

tão nitidamente gravados na cabeça de Tônia que ela imaginava ouvi-los juntamente com o chilrear dos pardais e a balbúrdia das crianças, como se uma voz misteriosa os ditasse da rua.

"Tecidos, tecidos", dizem as instruções, "melhor em cortes, mas pode haver revistas no caminho, é perigoso. É mais sensato levar algumas peças alinhavadas. Em geral manufaturados e roupas são aceitáveis, sobretudo se não forem muito usados. O menos possível de velharias e objetos pesados. As coisas de necessidade pessoal, carregar consigo no corpo, esquecer cestos e malas. A bagagem pequena, que será cem vezes revistada, deve ser repartida em pequenos sacos, possíveis de ser carregados por uma mulher ou por uma criança. A prática prova que o sal e o tabaco são úteis, mas ao preço de riscos consideráveis. O dinheiro, em *kêrenski*.[1] O mais difícil são os documentos." E assim por diante.

5

Na véspera da partida, armou-se uma tempestade de neve. O vento impulsionava as nuvens cinzentas para o céu, fazendo rodopiar os flocos de neve, que volviam à terra em alvos turbilhões e alcançavam os recantos mais escuros das ruas, cobrindo-os com sua colcha branca.

Em casa, já estava tudo empacotado. Confiaram a guarda dos três cômodos com o que havia neles a um velho casal, parentes moscovitas de Egórovna. Antonina Aleksándrovna os havia conhecido no inverno anterior e, através deles, conseguira trocar objetos antigos, móveis desnecessários e roupas por lenha e batata.

Não era possível confiar em Markiél. Na milícia que ele escolhera para si na qualidade de clube político, não chegara a se queixar de seus antigos patrões Gromeko lhe terem bebido o sangue, mas os acusava de terem-no mantido nas trevas da ignorância e de terem ocultado dele, de propósito, que o homem descendia do macaco.

Antonina Akeksándrovna conduzia ainda uma última vez, através dos cômodos, o casal de parentes de Egórovna, um ex-funcionário do comércio e

sua esposa, mostrando-lhes as chaves e a utilidade de cada coisa, abrindo e fechando com eles as portas dos armários, as gavetas, explicando-lhes tudo.

As mesas e as cadeiras foram encostadas ao longo das paredes, e as trouxas que viajariam estavam ao lado. Uma vez que as cortinas haviam sido retiradas, a tempestade espiava as peças vazias pelas janelas nuas de forma mais insolente. A cada um ela lembrava algo. A Iúri Andréievitch, a infância e a morte da mãe; a Antonina Aleksándrovna e Aleksandr Aleksándrovitch, a morte e o enterro de Anna Ivánovna. Parecia-lhes que era a última noite na casa, que não mais a veriam. Estavam enganados a esse respeito, mas cada um se abandonava à sua tristeza e não a confiava aos outros para não penalizá-los; rememoravam a vida vivida sob aquele teto e lutavam para segurar as lágrimas que lhes vinham aos olhos.

Isso não impedia Antonina Aleksándrovna de observar as conveniências diante das pessoas estranhas. Ela mantinha uma conversa interminável com a mulher a quem entregava os cuidados da casa. E exagerava o valor dos serviços que esta lhe prestava. Para não parecer ingrata, volta e meia se desculpava e ia até o quarto vizinho, de onde lhe trazia algum presente, um lenço, uma blusa, uma peça de chita. E toda matéria era escura em quadriculados ou bolinhas brancas, assim como os respingos brancos que pontilhavam as escuras ruas nevadas naquela noite de despedida, através da janela desguarnecida e nua.

6

Partiram para a estação no alvorecer. A essa hora, os novos moradores da casa ainda dormiam. Zevorótkina, uma moradora que costumava tomar para si as tarefas coletivas, percorreu os quartos, batendo de porta em porta e gritando:

— Atenção, camaradas! Venham se despedir! Ânimo, ânimo! Os antigos donos Garumékov[2] estão partindo!

Amontoaram-se para as despedidas no vestíbulo e na escada de serviço (a escada principal estava agora interditada), subindo nos degraus como se

estivessem num anfiteatro ou como se fossem tirar uma foto coletiva.

Bocejando, os moradores se inclinavam para que os casacos jogados sobre os ombros não caíssem, e se encolhiam dentro deles de frio, batendo com os pés nus enfiados nas botas de feltro.

Markiél de alguma forma conseguira se embebedar nesses tempos sem álcool e caía por cima do corrimão, ameaçando quebrá-lo. Insistiu em carregar a bagagem até a estação e se ofendeu com a recusa. Livraram-se dele com dificuldade.

No pátio, ainda estava escuro. A neve, com o ar sem vento, descia mais espessa que na véspera. Flocos grossos e macios flutuavam preguiçosamente e se imobilizavam próximo ao solo, como se hesitassem tocá-lo.

Quando alcançaram a rua Arbat, já começava a clarear. A neve envolvia a rua com o seu véu fugidio, cujas franjas aderiam aos pés a ponto de se perder a sensação de movimento e de se crer caminhando sem sair do lugar.

A rua estava deserta. Os viajantes da Sívtsev Vrájek não encontraram vivalma. Logo os alcançou um cocheiro coberto pela neve a conduzir um fiacre vazio, puxado por um cavalo também esbranquiçado. Por um preço irrisório para a época, ele os acomodou e às bagagens, com exceção de Iúri Andréievitch que, aliviado do peso, decidiu seguir a pé até a estação ferroviária.

7

Na estação, Antonina Aleksándrovna e o pai já ocupavam lugar na fila interminável, estreitada pelas grades de proteção. O embarque agora não se dava mais na plataforma, mas cerca de meia versta adiante, em plena via férrea, próximo ao semáforo que marcava a partida, porque não havia braços para limpar os acessos à plataforma e porque o balastro estava coberto de gelo e lixo, impedindo que os trens chegassem ao final da estação.

Niúcha e Chúrotchka não estavam com a mãe e o avô no meio da multidão. Circulavam à vontade sob a enorme marquise da entrada, por vezes atravessando o saguão para saber com os adultos se não estava na hora

de se reunir a eles. Ambos cheiravam ao querosene untado em seus tornozelos, punhos e pescoço para repelir os piolhos, transmissores do tifo.

Ao ver o marido chegar, Antonina Aleksándrovna acenou-lhe com a mão e gritou-lhe o número do guichê que tratava das viagens com ordem de missão.

— Deixe-me ver os carimbos que colocaram — pediu ela quando ele retornou. O médico estendeu-lhe sobre a grade um conjunto de papéis dobrados.

— É uma reserva para um trem de delegados — disse um homem que observava o carimbo por trás do ombro de Antonina Aleksándrovna. O vizinho da frente, um desses juristas amadores que em todas as circunstâncias evocam todas as leis da Terra, explicou:

— Com esse carimbo, vocês têm direito de exigir um lugar no vagão de classe, ou seja, no vagão de passageiros, se houver algum no comboio.

O caso começou a ser examinado pela fila inteira. Ouviam-se vozes:

— Vá procurar um vagão de classe, hoje em dia tem de agradecer se conseguir um de carga.

— Não dê ouvidos! O senhor aí, que tem ordem de missão! Eu vou explicar. Os trens especiais foram cancelados. Só há um tipo de vagão pra todo mundo, soldados, presos, gado e gente. Dizer, pode-se dizer o que quiser, a língua mexe sozinha, mas pra pessoa entender, tem que explicar.

— E você explicou. Se acha muito inteligente. E daí que eles tenham reserva pra vagão de delegados? Não quer dizer nada! Olhe pra eles antes de falar. Com essa aparência, eles lá podem entrar em vagão de delegados? Esses vagões estão cheios dos nossos, dos bolcheviques. O marinheiro tem olho afiado e pistola no cinto. Logo vão ver que esses daí são da classe dos patrões, e ainda mais um doutor ex-patrão. O marinheiro pega a arma e paf! Na mosca!

Sem uma circunstância imprevisível, não se sabe até onde teria ido o interesse que o médico e a família suscitavam.

Já fazia tempo que as pessoas olhavam ao longe através das amplas janelas de vidro grosso da estação. As compridas coberturas da plataforma

prolongavam ao infinito a imagem da neve caindo sobre as vias. À grande distância, os flocos pareciam se manter no ar quase imóveis, tão lentamente desciam, como o miolo do pão atirado na água para alimentar os peixes.

Para esse infinito de neve, deslocavam-se pessoas em grupo ou isoladas. Não sendo muitas, suas silhuetas, indistintas contra aquela tela alva, sugeriam ferroviários em serviço, percorrendo as vias férreas. Mas eis que a multidão disparou. Naquele infinito, para onde se apressavam, fumegou uma locomotiva.

— Abram as portas, seus vigaristas! — gritavam. As pessoas se espremiam contra as portas, os de trás pressionando os da frente.

— Vejam o que está acontecendo! Nos mantiveram presos aqui na fila, enquanto outros contornaram e estão furando a fila! Vão encher os vagões até o teto, e nós vamos ficar parados aqui como ovelhas? Abram, diabos. Vamos quebrar! Ei, rapaziada, empurrem, força!

— Que idiotas! Estão com inveja de quem? — disse o legalista sabichão. — Aqueles são homens mobilizados para trabalhos que chegaram de Petrogrado. Deveriam ser enviados a Vólogda, no front norte, mas foram expedidos para o front leste. Não vão porque querem. Estão sob escolta. Vão cavar trincheira.

8

Já fazia três dias que viajavam, mas ainda não haviam se afastado muito de Moscou. A paisagem invernal dominava trilhos, campos, bosques, telhados de aldeias, tudo permanecia imerso na neve.

A família Jivago teve sorte em conseguir se acomodar no canto esquerdo da parte dianteira do vagão, num leito alto perto de uma janela comprida, bem abaixo do teto. Puderam se instalar ali em família, sem ter de se separar.

Era a primeira vez que Antonina Aleksándrovna viajava em um vagão de carga. Ao embarcarem em Moscou, Iúri Andréievitch suspendera nos braços as mulheres até a altura do piso do vagão de pesadas portas corrediças. Depois, no decorrer da viagem, elas aprenderam a subir e descer por si

mesmas.

À primeira vista, Antonina Aleksándrovna achou os vagões semelhantes a estábulos sobre rodas. Essa espécie de gaiola, em sua opinião, certamente se desmancharia ao primeiro sacolejo forte ou choque. Mas fazia três dias que eram atirados para a frente e para trás, e também para o lado, quando o trem entrava em curvas ou mudava de rumo. Fazia três dias que ouviam os eixos da roda baterem sob o vagão à semelhança de um tambor mecânico de brinquedo. E, no entanto, a viagem prosseguia sem incidentes, e os temores de Antonina Aleksándrovna não se justificavam.

Nas estações secundárias, o longo comboio de vinte e três vagões (os Jivago estavam no de número 14) não emparelhava inteiramente à plataforma, apenas a dianteira, o meio ou a traseira.

Os vagões dianteiros eram reservados aos militares, os do meio aos passageiros comuns, e os traseiros aos mobilizados em trabalho obrigatório.

Os viajantes dessa última categoria eram cerca de quinhentas pessoas, gente de todas as idades e das mais diversas ocupações.

Os oito vagões ocupados por eles apresentavam um espetáculo colorido. Ao lado de ricaços bem-vestidos, de empresários e advogados de Petersburgo, ou seja, ao lado da classe exploradora, estavam cocheiros, faxineiros, trapeiros tártaros, loucos foragidos, pequenos comerciantes e monges.

Os primeiros sentavam-se despojadamente ao redor de forninhos incandescentes, contavam histórias e gargalhavam. Eram pessoas com relações. Não desanimavam. Na capital, tinham deixado parentes influentes que se ocupavam com a sua situação. Em última instância, eles poderiam comprar a liberdade mais adiante, ainda durante a viagem.

Já os demais, de botas e cafetãs abertos, ou descalços e com camisas longas por cima da calça, barbudos ou não, mantinham-se de pé junto às portas dos abafados vagões, apoiando-se em barras fixas atravessadas. Esses homens olhavam lugubremente as vilas por que passavam e seus habitantes, e não conversavam com ninguém. Não tinham relações influentes. Não tinham o que esperar.

Nem todos foram instalados nos vagões reservados à sua categoria. Uma

parte excedente foi distribuída pelos outros vagões. Encontravam-se deles também no vagão de número 14.

9

Sempre que o trem se aproximava de alguma estação e Antonina Aleksándrovna estava deitada no leito superior, ela se erguia com cuidado, uma vez que o teto baixo restringia os movimentos, e esticava a cabeça para observar através da porta do vagão se a estação apresentava algum interesse do ponto de vista da troca de produtos que justificasse descer e ir até lá.

Era o caso agora. Ao reduzir a velocidade, o trem a tirou do cochilo. A quantidade de agulhas sobre as quais o trem saltava, redobrando o barulho, dizia algo sobre a importância dessa estação e a duração da próxima parada.

Antonina Aleksándrovna sentou-se encurvada, esfregou os olhos, arrumou os cabelos e, deslizando a mão até o fundo de um saco, vasculhou-o e retirou de lá uma toalha bordada com galos, camponeses, arcos e rodas.

O médico, que também acordara, pulou do leito para ajudar a mulher a descer.

Enquanto isso, guaritas e postes de luz desfilavam diante da porta entreaberta do vagão. Ao fundo, árvores com densas camadas de neve estendiam seus galhos em direção aos viajantes, como a recebê-los com pão e sal.[3] Os primeiros a saltar sobre a neve intocada, com o trem ainda em movimento, foram os marinheiros, que correram para um canto da estação, onde, ao abrigo de uma parede lateral, costumava-se comerciar mercadorias clandestinamente.

O uniforme negro dos marinheiros, as fitas esvoaçantes de suas boinas e as calças boca de sino davam à sua marcha a impressão de uma impetuosa arremetida, o que levava as pessoas a se afastarem como se estivessem diante de esquiadores ou patinadores.

Por trás da estação, escondiam-se camponesas das aldeias próximas, enfileiradas uma após a outra, com cestas de pepinos, requeijão, carne assada e torta de centeio, que em pleno frio conservavam o perfume e o calor graças

às coberturas acolchoadas em que os produtos eram transportados. As mulheres e moças, com a cabeça coberta por lenço e vestidas em casacos de peliça, ruborizavam-se como papoulas diante dos gracejos dos marinheiros, embora os temessem mais que o fogo, pois era principalmente do meio deles que recrutavam os grupos de controle destinados a lutar contra a especulação e o comércio livre, então proibidos.

A perturbação das camponesas durava pouco. O trem parava, os passageiros desciam. O público se misturava. As vendas traziam bons resultados.

Antonina Aleksándrovna caminhou entre as vendedoras com a toalha sobre os ombros, como se estivesse indo aos fundos da estação se lavar na neve. Da fileira de camponesas, gritaram-lhe algumas vezes:

— Ei, ei, cidadã, quanto quer pela toalha?

Mas Antonina Aleksándrovna não parava, seguia em frente com o marido.

Ao final da fila, havia uma mulher de lenço preto com ramagens escarlate. Ela notou a toalha bordada. Seus olhos insolentes se acenderam. Olhou em volta para se assegurar de que não havia perigo e rapidamente se aproximou de Antonina Aleksándrovna, descobrindo a sua mercadoria e lhe cochichando de forma calorosa e rápida:

— Olhe isso. Faz tempo que não vê coisa assim. Não te encanta? Não pense muito, podem me tomar. Dê a toalha pela meia.

Antonina Aleksándrovna não compreendeu bem a última palavra, pensou que se referisse a um par de meias e pediu que repetisse.

— O que você está vendendo, minha querida?

O que a camponesa chamava de meia era a metade de uma lebre cortada na vertical e frita da cabeça aos pés. Ela tirou da cesta e repetiu:

— Eu disse, dê a toalha pela meia. Tá olhando o quê? Não é cachorro, não. Meu marido é caçador. É lebre. Lebre.

A troca foi feita. As duas partes consideraram ter feito um ótimo negócio em detrimento da outra. Antonina Aleksándrovna tinha vergonha de ludibriar tão desonestamente uma pobre camponesa. Mas esta, feliz com o negócio, queria deixar logo aquele lugar comprometedor. Chamou uma

vizinha que já não tinha mais nada para vender e voltaram juntas para a aldeia por um caminho de neve pisoteada que se perdia ao longe.

Nesse momento, aconteceu certo tumulto por ali. Uma velha gritou:

— Para onde vai o senhor? E o dinheiro? Quando foi que me deu, seu sem-vergonha? Ah, sua tripa cheia! E ele vai e nem olha. Pare aí, pare! Camarada! Socorro! Ladrão! Fui roubada! Olhe lá, é aquele, peguem ele!

— Qual deles?

— O sem barba, que está andando e rindo.

— O que está com um rasgo no cotovelo?

— É esse, é ele. Segurem o patife!

— O que tem remendo na manga?

— Esse mesmo! Ah, paizinho! Fui roubada!

— O que houve aqui?

— Comprou pastéis e leite da velha, encheu o bucho e se mandou. Agora ela chora, se lamuria.

— Isso não pode ficar assim. Vamos pegá-lo.

— Vá, tente. O sujeito está cheio das cartucheiras. É mais fácil ele pegar você.

10

No vagão de número 14 encontravam-se alguns dos homens mobilizados para o trabalho obrigatório sob a vigilância da sentinela Voroniúk. Três deles se distinguiam por motivos diversos: o ex-caixa de um armazém estatal de Petrogrado, Prókhor Kharitónovitch Pritúliev, o Caixa, como o chamavam; Vássia Bríkin, um rapaz de dezesseis anos de uma loja de ferragens, e o revolucionário-colaborador de cabelos grisalhos Kostoied-Amúrski, que havia passado por todas as prisões do império e agora inaugurava a série do novo regime.

Todos esses homens, que eram estranhos entre si, foram reunidos aleatoriamente e passaram a se conhecer durante a viagem. Depois de algumas conversas, soube-se que o caixa Pritúliev e o aprendiz de vendedor

Vássia Bríkin eram “da terra”, ambos da província de Viátka, nativos de lugares que o trem cedo ou tarde deveria atravessar.

Pritúliev, um pequeno-burguês da cidade de Malmíj, era atarracado, de cabelo à escovinha, bexiguento, um homem repugnante. A túnica cinza, escurecida de suor nas axilas, caía-lhe tão apertada quanto o corpete do sarafan no busto carnudo da camponesa. Era calado como uma estátua e ficava pensativo por horas, futucando as verrugas das mãos sardentas até sangrarem.

No outono do ano precedente, ele caminhava pela avenida Niévski, quando, na esquina da Litiéini, caiu em uma batida policial. Pediram-lhe os documentos. Ele possuía um cartão de alimentação de quarta categoria, a dos sem-trabalho, que não lhe dava direito a nada. Isso permitiu que o prendessem e o enviassem sob escolta para uma caserna, junto com muitos outros também detidos pelas mesmas razões. Esses homens, a exemplo de um grupo reunido antes, que trabalhava nas trincheiras do front de Arkhánguelski, deveriam de início ser encaminhados a Vólogda, mas foram expedidos para Moscou e de lá ao front leste.

A mulher de Pritúliev vivia em Luga, onde ele trabalhara nos anos que precederam a guerra, até vir a servir em Petersburgo. Ao ter notícias por terceiros da infelicidade do marido, a mulher partiu para encontrá-lo em Vólogda com o objetivo de tirá-lo dos trabalhos obrigatórios. Mas o destacamento havia tomado outro rumo, e ela perdeu a pista. Os esforços foram inúteis.

Em Petersburgo, Pritúliev vivia com uma certa Pelagueia Nílovna Tiagunova. No momento em que foi detido, tinha acabado de se despedir dela e caminhava na direção oposta para realizar um negócio. Ainda pôde ver, entre as pessoas que caminhavam na Litiéini, as costas da moça desaparecendo na multidão.

Essa Tiagunova, uma pequeno-burguesa corpulenta de belas mãos e com uma trança grossa que jogava de um lado para o outro, enquanto suspirava profundamente, acompanhava por vontade própria Pritúliev no comboio.

Impossível compreender o que as mulheres viam de bom numa figura

como Pritúliev. Além de Tiagunova, num outro vagão de carga, mais próximo à locomotiva, viajava, não se sabe por que motivo, Ogrízkova, outra conhecida de Pritúliev, moça branquela e magra que Tiagunova chamava de "seringa" e "narigão", dentre outras palavras ofensivas.

As rivais estavam em pé de guerra e se evitavam. Ogrízkova nunca aparecia no vagão. Era um mistério onde se encontrava com o objeto de sua adoração. Talvez se contentasse em contemplar-lhe o rosto de longe nas ocasiões em que abasteciam o comboio com lenha e carvão, tarefa obrigatória para todos os viajantes.

11

A história de Vássia é totalmente diferente. O pai havia morrido na guerra, e a mãe enviara o filho da aldeia para aprender um ofício com o tio em Petersburgo.

Certo dia de inverno, o tio, dono de uma loja de ferragens no mercado Apráksin, foi intimado a dar explicações ao conselho de bairro. Ele se enganou de porta e, em vez de entrar na sala designada na intimação, entrou na sala vizinha. Ocorre que aquela era a sala do comitê de mobilização para trabalho obrigatório. Havia muita gente no local. Assim que o número de pessoas reunidas pareceu suficiente, os soldados do Exército Vermelho entraram, cercaram-nas e as conduziram para pernoitar no quartel Semiónovski. Pela manhã, todos foram levados à estação ferroviária para serem alojados no trem para Vólogda.

A notícia de todas essas detenções espalhou-se pela cidade. No dia seguinte, muita gente foi à estação se despedir dos parentes e amigos. Entre eles, estavam Vássia e sua tia.

Na estação, o tio suplicou à sentinela que o deixasse passar a grade só por um minuto para se despedir da mulher. Essa sentinela era Voroniúk, o soldado que agora acompanhava o grupo do vagão de número 14. Voroniúk não o deixaria passar sem uma garantia concreta. Então, o tio e a tia propuseram deixar o sobrinho sob a sua guarda. Voroniúk concordou. Vássia

foi levado para o outro lado da grade, e o tio pôde sair. O tio e a tia não voltaram mais.

Quando a fraude se evidenciou, Vássia, que não desconfiara de nada, pôs-se a chorar. Em vão, rolou aos pés de Voroniúk, beijou-lhe as mãos, suplicou que o libertasse. A sentinela foi inflexível, mas não porque fosse um homem cruel. Os tempos eram alarmantes, e as ordens severas. Esse soldado da escolta responderia com a vida se houvesse alguma falta na lista de chamada do grupo que acompanhava. E foi assim que Vássia foi parar no grupo de trabalho.

O colaborador Kostoied-Amúrski, que sempre gozara do respeito de todos os seus carcereiros, tanto sob o regime imperial como sob o novo governo, chamou várias vezes a atenção do chefe do comboio sobre a situação inadmissível de Vássia. O chefe reconhecia o desastroso mal-entendido, mas dizia que dificuldades formais o impediam de tomar qualquer atitude e que esperava resolver o assunto assim que chegassem.

Vássia era um belo rapazinho; seus traços perfeitos sugeriam um pajem real ou um anjo das iluminuras. Era de uma pureza e ingenuidade excepcionais. Seu passatempo preferido consistia em sentar-se no chão perto dos adultos e, abraçando os joelhos com as mãos entrelaçadas e a cabeça inclinada para trás, ouvir as histórias e causos que contavam. O jogo dos seus músculos faciais, seja quando retinha as lágrimas ou quando lutava contra o riso que o sufocava, permitia adivinhar o sentido do que se contava. O tema da conversa refletia-se como um espelho no rosto desse menino impressionável.

12

O colaborador Kostoied, convidado pelos Jivago para almoçar, chupava ruidosamente a pata da lebre que lhe haviam oferecido. Sentado num dos leitos altos, temia as correntes de ar e o resfriado. “Que vento! De onde vem?”, perguntava e trocava de lugar, procurando se proteger. Por fim, instalou-se de forma satisfatória. “Agora, sim.” Terminando de roer os ossos,

lambeu os dedos, limpou-se com um lenço, agradeceu e observou:

— Essa corrente de ar vem da janela de vocês. Tem que ser consertada. Mas, voltando ao assunto, o senhor está errado, doutor. Lebre frita é realmente uma coisa maravilhosa. Mas deduzir daí que o campo vive na prosperidade, me desculpe, mas é no mínimo um salto arriscado.

— Ah, mas espere um pouco — replicava Iúri Andréievitch. — Observe as estações. As árvores não foram cortadas. As cercas estão intactas. E essas feiras! As camponesas! Dá prazer em ver. Em algum lugar existe vida. Alguém está feliz. Nem todos se lastimam. Isso justifica tudo.

— Se fosse assim, seria perfeito. Mas não é o caso. O que o faz pensar isso? Ande cem verstas para dentro da via férrea. Tudo o que há são revoltas camponesas, por toda parte. E contra quem? Contra os brancos ou contra os vermelhos, dependendo de quem domina a região. E o senhor vai me dizer: ah, mas o mujique é inimigo de qualquer ordem, ele não sabe o que quer. Perdão, mas espere um pouco antes de comemorar. O mujique sabe o que quer melhor do que o senhor, só que o que ele quer não é o mesmo que nós queremos.

"Quando a revolução veio despertá-lo, ele acreditou que se realizavam os seus sonhos seculares de vida individual, de existência anárquica de pequeno proprietário que deve tudo ao seu trabalho e, portanto, não depende de ninguém nem tem obrigações com ninguém. Em vez disso, ao sair das garras do velho governo, ele caiu nas rédeas ainda mais curtas do supergoverno revolucionário. Eis por que o campo se agita e não se pacifica. E o senhor vem dizer que o campo prospera! Meu caro, o senhor não entende nada e, pelo que vejo, nem quer entender."

— Que seja. É verdade, não quero. O senhor está certo. Para que preciso saber de tudo e defender tudo com ardor? O tempo não me leva em conta e faz de mim o que quer. Permita-me ignorar os fatos. O senhor diz que minhas palavras não coincidem com a realidade. Mas será que existe realidade na Rússia, neste momento? Eu creio que a realidade anda com medo e se esconde. Eu, pessoalmente, quero acreditar que o campo triunfou e que prospera. Se estou errado, então o que devo fazer? Como vou viver?

Acreditar em quem? No entanto, eu preciso viver, tenho uma família.

Iúri Andréievitch fez um gesto fatigado e deixou que Aleksandr Aleksándrovitch terminasse a discussão com Kostoied. Aproximou-se da beirada do leito e observou o que se passava adiante.

Pritúliév, Voroniúk, Tiagunova e Vássia conversavam. Aproximavam-se de suas localidades nativas, e Pritúliev recordava como elas se comunicavam: o nome da estação a que o trem conduzia, onde desembarcavam, por onde seguiam caminho fosse a pé ou a cavalo. E Vássia, ao ouvir o nome das aldeias e vilarejos conhecidos, dava pulos de alegria, seus olhos faiscavam e ele repetia extasiado os nomes, cuja simples enumeração tinha para ele a graça de um conto de fadas.

— Desce na Sukhói Brod? — indagava ele, exaltado. — Pois então! É o nosso cruzamento! A nossa estação! E depois, com certeza, segue por Búiski?

— Sim, depois por Búiski.

— Então, foi o que eu disse, Búiski. A aldeia de Búiski. É claro! É a nossa curva. De lá, pegando o caminho à direita e outra vez à direita, vai dar na nossa aldeia, Veretiénnik. Mas o caminho para a sua aldeia, acho que deve ser o da esquerda, se afastando do rio, não é? Já ouviu falar no rio Pelga? Então! É o nosso rio! É só seguir o rio, seguir direto que chega na nossa terra. Veretiénnik fica na parte mais alta do rio. Numa encosta. A margem é íiín-gre-me. Do alto dá até medo de olhar pra baixo. Dá medo de rolar até lá embaixo. Por Deus que é verdade. Quebram pedras lá. Para fazer mós. E lá em Veretiénnik está minha mãe. E minhas duas irmãs. A irmã Aliônka e Aríchka, a outra irmã. Minha mãe, tia Palacha, Pelagueia Nílovna, ela é assim, assim como a senhora, jovem, branquinha… Tio Voroniúk! Tio Voroniúk! Pelo amor de Deus, tio Voroniúk!

— O que é? Fica piando que nem um cuco: tio Voroniúk! Tio Voroniúk! Tio eu não sou. O que você quer? Que eu deixe você ir pra lá? Hein? Você se manda, e eu pago o pato? Vou pro paredão?

Pelagueia Tiagunova olhava distraidamente ao longe, em silêncio. Ela acariciava a cabeça de Vássia e brincava com seus cabelos ruivos, pensativa. Vez por outra, com uma inclinação de cabeça, um olhar ou um sorriso,

sinalizava ao menino que não fizesse tolices nem discutisse esse assunto com Voroniúk na frente dos outros. Como se lhe dissesse: dê tempo ao tempo, tudo se ajeitará por si mesmo, fique tranquilo.

13

Quando se afastaram da Rússia central em direção ao oriente, surgiram surpresas. Passaram a atravessar localidades intranquilas, regiões dominadas por bandos armados, lugares de revoltas recém-sufocadas.

As paradas em campo aberto se tornaram frequentes, assim como as inspeções dos vagões pelas seções de controle, as revistas de bagagens e a verificação dos documentos.

Certa noite, o trem parou. Ninguém entrou nos vagões, e as pessoas não foram acordadas. Desejando saber o que ocorria, Iúri Andréievitch saltou do vagão.

A noite estava escura. Sem causa aparente, o trem se achava próximo a um marco da estrada. A via parecia normal. Ladeada por pinheiros, atravessava uma planície. Alguns vizinhos de Iúri Andréievitch, que já se encontravam lá fora e batiam as solas dos sapatos em frente ao vagão, disseram-lhe que não havia acontecido nenhum acidente, até onde sabiam, que o maquinista havia parado o trem voluntariamente, sob o pretexto de que toda a região estava ameaçada, recusando-se a seguir com o comboio adiante, enquanto um trole não fosse verificar o estado da linha. Os viajantes enviaram alguns representantes para convencê-lo a prosseguir e, se necessário, comprá-lo. Diziam que os marinheiros haviam se metido na questão e que eles, sim, conseguiriam resolver.

Enquanto explicavam tudo isso a Iúri Andréievitch, os clarões das explosões na chaminé, provocadas pelo forno aquecido, iluminavam a neve diante da via férrea, como um reflexo de chama oscilante de fogueira. De repente, uma dessas chamas clareou vivamente o campo nevado, e algumas silhuetas deslizaram ao longo do chassi da locomotiva.

Viu-se o maquinista correr, pular o para-choque e desaparecer. Em sua

perseguição, os marinheiros fizeram o mesmo. Correram para a frente da locomotiva, saltaram no ar e desapareceram como que por encanto.

Atraídos pelo espetáculo, Iúri Andréievitch e alguns curiosos se lançaram para lá.

Ao lado da via férrea, encontraram a seguinte situação. O maquinista estava afundado a meio corpo na neve virgem. Os marinheiros, igualmente com meio corpo na neve, o cercavam como fazem os caçadores com suas presas.

O maquinista gritava:

— Obrigado, seus albatrozes! Aonde chegamos! Caindo em cima do seu irmão trabalhador! Só porque eu disse que o trem não segue em frente! Camaradas passageiros, vocês são testemunhas, vejam bem que região é esta! Tem vagabundo por aí desatarraxando parafusos, soltando as porcas. Eu, por mim, estou me lixando. É a pele de vocês que estou protegendo, não a minha, a de vocês, para não acontecer nada! E é isso que me dão em troca. Vamos, atirem, seus desgraçados! Camaradas passageiros, vocês são testemunhas. Estou aqui, não estou fugindo.

Do grupo reunido na via férrea, ouviam-se vozes diversas. Algumas gritavam:

— O que é isso… Pensem bem… Tudo isso, por nada… Por que fariam isso?… É só pra dar medo…

Outros provocavam:

— Isso mesmo, Gavrílka! Não se entregue, você é a força da locomotiva!

O primeiro marinheiro a se livrar da neve era um gigante ruivo de cabeça tão grande que o rosto parecia achatado. Dirigiu-se calmamente aos passageiros e, com seu tom de voz grave e sotaque ucraniano, como Voroniúk, pronunciou algumas palavras. Sua calma parecia cômica e destoava da situação.

— Perdão, mas que barulheira toda é essa? É melhor vocês não ficarem no frio, cidadãos. Voltem para os vagões.

Depois que o grupo se desfez e as pessoas voltaram aos poucos para os vagões, o marinheiro ruivo se aproximou do maquinista, que ainda não havia

se recobrado totalmente, e disse:

— Basta de histeria, camarada maquinista. Saia do buraco. Vamos em frente.

14

No dia seguinte, com lentidão e constantes retardos, temendo o descarrilamento em função da neve que cobria os trilhos, o trem parou em um lugar deserto, abandonado pela vida, onde os restos de uma estação destruída pelo incêndio eram quase irreconhecíveis. Na fachada escurecida podia-se decifrar a inscrição "Níjni Kelmes".

Não era apenas o prédio da estação que trazia as marcas do incêndio. Por trás dele, via-se um vilarejo abandonado, coberto de neve, que sem dúvida partilhava a triste sina.

A casa mais próxima da estação estava totalmente calcinada, e as vigas de sustentação da casa vizinha tinham sido deslocadas. Pedaços de trenó, cercas quebradas, barras de ferro e cacos de utensílios espalhavam-se por toda parte. A neve estava suja de carvão e fuligem e percebiam-se porções de terra enegrecidas sob tições e poças de lama, vestígios dos esforços para apagar o incêndio.

O despovoamento do vilarejo e da estação não era total. Aqui e ali, podiam-se ver alguns seres vivos.

— Toda a vila queimou? — perguntou com ar interessado o chefe do trem, que havia saltado à plataforma ao ver o chefe da estação emergir das ruínas.

— Bom dia. Sejam bem-vindos. Queimar queimou, mas tem coisa pior.

— Não entendo.

— Melhor não entender.

— Quem foi, Strélnikov?

— Ele mesmo.

— Mas o que vocês fizeram?

— Nós? Nada. Estávamos no lugar errado. Só isso. Foram os vizinhos.

Pagamos a conta também. Está vendo aquela aldeia bem lá no fundo? Foram eles os responsáveis. Níjni Kelmes, do distrito Ust-Nemdí. Tudo por causa deles.

— O que eles fizeram?

— Nada menos que os sete pecados capitais. Primeiro, dissolveram o comitê da pobreza. Segundo, contrariaram o decreto sobre fornecimento de cavalos ao Exército Vermelho. E olhe que lá são todos tártaros, possuem cavalos. Terceiro, eles não se submeteram à ordem de mobilização.

— Sim, sim, dá para entender. E por isso, foram atacados pela artilharia?

— Exatamente.

— Do trem blindado?

— Claro.

— É triste. Dá pena. Mas não podemos fazer nada.

— O que está feito, está feito. Além disso, tenho más notícias. Vocês ficarão aqui um ou dois dias.

— Sem brincadeira! Estou transportando reforços para o front. Não costumo fazer paradas.

— Não estou brincando. Olhe só como a neve se amontoou. Caiu uma tempestade dos diabos aqui, durou uma semana. Cobriu os trilhos. Não tem ninguém para limpar. Metade da aldeia fugiu. Os que ficaram não dão conta.

— Ah, que diabos! Estou ferrado, ferrado! O que vou fazer?

— Vamos dar um jeito de limpar para você partir.

— Tem muita neve amontoada?

— Não dá pra dizer que é muita. É por faixas. A tempestade cobriu os trilhos pelos lados. O mais duro é o trecho do meio. São três verstas de depressão. Ali vai dar trabalho. Está completamente coberto. Adiante já não tem mais problema, é a taiga. A floresta protegeu os trilhos. Antes da depressão também é mais fácil, o local é campo aberto, e o vento ajuda a carregar a neve.

— Ah, raios me partam! Que sinuca! Vou pôr o trem inteiro de pé para ajudar.

— Também acho.

— Só não dá pra mexer com os marinheiros e os soldados vermelhos. Mas temos vagões completos de trabalhadores. Somando os passageiros normais, deve dar uns setecentos homens.

— Mais que suficiente. Assim que trouxerem as pás, começamos. Mandei buscar nas aldeias vizinhas. Devem estar chegando.

— Que desgraceira! Acha que vamos conseguir?

— Claro que sim. Isso não é uma cidade. É só uma ferrovia. Uma artéria.

15

A limpeza da via férrea durou três dias. Toda a família Jivago participou ativamente dos trabalhos, inclusive Niúcha. Para eles, esse foi o melhor momento da viagem.

Naquele lugar, tinha-se a impressão de haver algo secreto, algo de reticente. Fazia lembrar a revolta de Pugatchóv, tal como interpretada por Púchkin,[4] ou o panorama asiático das descrições de Aksákov.[5]

As ruínas e a dissimulação dos habitantes remanescentes, que, aterrorizados, não só fugiam dos passageiros do trem como evitavam falar entre si por medo de denúncias, acrescentava mistério àquela terra.

Para os trabalhos, os passageiros foram conduzidos por categoria, mas não trabalhavam todos ao mesmo tempo. E a área era militarmente guardada.

Limpava-se a linha em toda a sua extensão por brigadas divididas em pontos diversos. Entre uma seção e outra, restavam montes de neve que separavam os grupos. Depois de terminado o trecho estabelecido, lançavam-se sobre esses montes.

Os dias eram claros e muito frios. Passavam-nos ao ar livre, só retornando aos vagões para pernoitar. As equipes se revezavam frequentemente, evitando a fadiga. E também porque não havia pás suficientes para todos. Esse trabalho pouco fatigante dava uma boa disposição.

O local onde os Jivago cavavam era aberto e pitoresco. Por ali, o terreno descia a leste da via férrea e seguia em largas ondulações até o horizonte.

No alto de uma colina, uma casa solitária se abria para todos os ventos. Era cercada por um jardim certamente denso no verão, mas agora os galhos geados das árvores formavam desenhos fantásticos e não a protegiam.

A neve aplainava e arredondava tudo, mas a julgar pelos acidentes do terreno, não inteiramente dissimulados, na primavera devia descer pelo barranco sinuoso em direção à adutora de água, abaixo do aterro ferroviário, um córrego que agora se ocultava sob aquela neve profunda, como uma criança que se esconde debaixo das cobertas.

Viveria alguém naquela casa? Ou ela teria sido requisitada pelo comitê agrário regional ou provincial e estaria abandonada à ruína? Onde estariam os antigos moradores, o que fora feito deles? Teriam fugido para o estrangeiro, teriam sido mortos pelos camponeses? Ou teriam sido agraciados como especialistas qualificados da região? Se por acaso estavam lá naquele momento derradeiro, teria Strélnikov os poupado, ou teriam sido vítimas das suas represálias, como ocorrera com os *kulaks*[6] tártaros?

Do alto da colina, a casa excitava a curiosidade, mas guardava um silêncio tristonho. Nesses tempos, ninguém fazia perguntas, e caso fizesse, ninguém respondia. O sol acendia sobre a neve lisa um brilho tão branco que quase cegava. E que frações regulares a pá talhava em sua superfície! Que faíscas secas e diamantinas se refletiam das paredes de neve quando cortadas! Como tudo isso lembrava a Jivago os dias da sua infância longínqua, quando, metido no capuz claro de um casaco duplo de pele preta e anelada de carneiro, o pequeno Iúri talhava na neve ofuscante do pátio pirâmides e cubos, tortas de creme, fortalezas e cidades subterrâneas. Ah, como era boa aquela vida! Tudo no mundo era maravilhoso!

Esses três dias de vida ao ar livre deram-lhes também a impressão de saciedade. E não sem razão. À noite, os trabalhadores recebiam pão quente e fresco, sabe-se lá trazido de onde e por ordem de quem. A casca do pão era crocante e saborosa, brilhante em cima e rachada nas laterais; a parte de baixo, maravilhosamente assada, vinha com pedacinhos de carvão.

16

Passaram a amar as ruínas da estação como quem se apega a um abrigo temporário numa excursão por montanhas nevadas. Guardaram na memória a disposição do prédio, sua fachada e detalhes da destruição.

Vinham sempre à estação nos finais de tarde, ao pôr do sol. Como se por fidelidade ao passado, o sol continuava a se pôr no mesmo lugar, por trás de uma velha bétula que crescia diante da janela do telegrafista.

Nesse local, a parede externa havia desabado para dentro, e o cômodo estava cheio de escombros. Mas tinham se preservado um dos cantos e a parede da frente com sua janela intacta. Tudo ali estava conservado: o papel de parede cor de café, a lareira de azulejo com tubulação de ar redonda encimada por uma tampa de cobre com corrente, e uma moldura presa à parede, contendo uma lista de materiais inventariados.

Ao baixar à terra, o sol, exatamente como antes da desgraça, tocava os azulejos da lareira, inflamava com sua luz castanha o papel cor de café e pendurava na parede, como um xale feminino, a sombra dos galhos da bétula.

Do outro lado do prédio, encontrava-se a porta de uma sala condenada que servia de ambulatório. Ali estava afixada uma inscrição que devia datar dos primeiros dias da revolução de fevereiro ou de pouco antes, onde se lia:

"Com relação a medicamentos e material curativo, pede-se aos senhores doentes que temporariamente não se preocupem. Por motivo de controle, lacro a porta e levo ao conhecimento do enfermeiro-chefe de Ust-Nemdí."

Quando retiraram a última neve acumulada entre as partes limpas dos trilhos, a ferrovia descobriu-se em toda a sua extensão, numa reta que se perdia ao longe como uma flecha. Nas laterais, estendiam-se os montículos brancos da neve retirada, emoldurados pelas paredes escuras dos bosques.

A perder de vista, em diversos lugares ao longo dos trilhos, pessoas trabalhavam com pás. Pela primeira vez, avistaram-se uns aos outros e se espantaram com o seu grande número.

17

Comunicaram que o trem partiria dentro de poucas horas, embora já fosse tarde e a noite se aproximasse. Antes da partida, Iúri Andréievitch e Antonina Aleksándrovna foram uma última vez admirar a beleza do trabalho realizado. Não havia mais ninguém sobre o leito dos trilhos. O médico e a mulher olharam ao longe, trocaram duas ou três observações e retornaram ao vagão.

No caminho de volta, ouviram gritos furiosos de duas mulheres que se injuriavam. Logo reconheceram a voz de Ogrízkova e de Tiagunova. Elas também caminhavam em direção à traseira do trem, mas pelo outro lado dos vagões, pelo lado da estação, enquanto os Jivago voltavam pelo lado do bosque. A sequência ininterrupta dos vagões os separava. As duas mulheres quase nunca estavam na mesma altura que o casal, mas um pouco mais à frente, ou mais atrás.

Ambas estavam numa agitação tão grande que a toda hora suas forças as traíam. Decerto afundavam na neve ao andar e tinham as pernas bambas de fadiga, a julgar pelas vozes ora saltitantes e gritantes, ora ofegantes e quase murmurantes. Provavelmente, Tiagunova perseguia Ogrízkova e, ao alcançá-la, dava-lhe socos. Além disso, cobria a rival de injúrias e palavrões selecionados que nos lábios melódicos de uma madame burguesa soam cem vezes mais obscenos do que os grosseiros xingamentos masculinos.

— Sua galinha, sua vaca — gritava Tiagunova. — Não posso dar um passo, que ela começa a arrastar a asa e revirar os olhos. E já não basta o meu homem, sua cadela, agora tem que andar atrás do menino também. Arreganhou o rabo e quer perverter o menino.

— Ah, e por acaso você é a legítima do Vássia também? Hein?

— Eu já te mostro o que é legítimo, sua descarada sem-vergonha! Não vai escapar viva, sua puta, me provoque só!

— Ei, ei, sai fora! Tire as patas de mim, sua louca de pedra! O que você quer, afinal?

— Quero mais que você morra, sua cadela safada de olho revirado.

— Pode falar o que quiser. Sou mesmo cadela e puta, todos sabem. Mas você é cheia dos títulos: nascida na sarjeta, casada na cocheira, parida por ratazana e pariu um ouriço… Socorro, socorro! Ajudem! Gente boa! Ela vai me matar, essa filha da mãe! Ai, salvem a moça, protejam a órfã…

— Vamos, depressa. Não suporto ouvir isso, é detestável — Antonina Aleksándrovna pôs-se a apressar o marido. — Isso não vai acabar bem.

18

De repente, tudo mudou, os lugares e o clima. A planície desapareceu, e o caminho prosseguiu entre colinas e elevações. O vento que soprava do norte nos últimos tempos cessou. Ele agora vinha do sul, quente como um forno aberto.

Os bosques formavam reentrâncias pelas encostas. Quando a via férrea os atravessava, o trem tinha de vencer uma subida íngreme sucedida por uma descida mais suave. O trem, lamentoso, rastejava até a mata e se arrastava por ela como se fosse um velho guarda-florestal guiando a pé um grupo de viajantes que se voltavam, sem cessar, para observar tudo.

Mas ainda não havia nada para ver. No fundo do bosque existia o sono e a paz do inverno. Apenas de tempos em tempos, algum arbusto ou árvore sacudia ruidosamente os galhos e os liberava do peso da neve acumulada, como se soltassem ou ao menos afrouxassem uma coleira apertada.

Iúri Andréievitch foi dominado por uma profunda sonolência. Durante todos esses dias, permaneceu deitado em seu leito alto, dormindo, despertando, refletindo, ouvindo. Mas não havia nada para ouvir.

19

Enquanto Iúri Andréievitch punha o sono em dia, a primavera fundia e refundia a enorme massa de neve que havia caído sobre Moscou no dia da sua partida e que continuara a cair ao longo de toda a viagem; toda aquela neve que durante três dias eles cavaram em Ust-Nemdí, e que se estendia em

camadas espessas por milhares de verstas.

De início, a neve se fundia em seu interior, silenciosa e secretamente. Quando metade desse trabalho heroico se completava, era impossível escondê-lo por mais tempo. O milagre se tornava visível. As águas assomavam da crosta de neve deslocada e se punham a correr e a murmurar. As entranhas impenetráveis dos bosques estremeciam. E tudo ali despertava.

As águas se permitiam livre curso. Tombavam de falésias, estendiam-se em lagos, derramavam-se generosamente por toda parte. Logo, as matas preenchiam-se do seu canto, da sua bruma, do seu odor. Nos bosques, os fluxos serpenteavam, tropeçavam e empurravam a neve que detinha o seu curso, sibilavam sobre o terreno plano e irrompiam dos rochedos, espalhando no ar a sua espuma gotejante. A terra estava saturada de umidade. As altas copas dos pinheiros cingiam as alturas, quase tocavam as nuvens, enquanto as suas raízes seculares eram saciadas, restando sobre elas uma espuma branca e marrom, como a espuma da cerveja nos lábios dos beberrões.

A primavera inebriava o céu, que se cobria de nuvens. Sobre o bosque, planavam baixas nuvens de feltro com bordas arqueadas, de onde descia uma chuva quente com odor de terra e suor a livrar o solo da sua derradeira couraça de gelo negro dilapidado.

Iúri Andréievitch acordou, esticou-se até a janela quadrada, de onde já haviam retirado o vidro interno, apoiou-se nos cotovelos e se pôs a escutar.

20

À medida que se aproximavam da região montanhosa industrial, as localidades iam se tornando populosas, as distâncias entre as estações ficavam mais curtas e as paradas mais frequentes. Os passageiros se renovavam mais vezes. A maior parte dos viajantes subia e descia nas paradas secundárias. Os que faziam viagens curtas não chegavam a se instalar em leitos, mas se amontoavam à noite perto da porta ou no meio do vagão, enquanto discutiam em voz baixa questões pontuais que apenas eles

entendiam, até descerem na estação seguinte ou em uma parada qualquer entre estações.

Iúri Andréievitch, ouvindo o que diziam as pessoas que havia três dias se sucediam no vagão, concluiu que os brancos estavam em vantagem no norte e que haviam ocupado Iuriátin, ou estariam em vias de fazê-lo. E se seus ouvidos não o traíam e não se tratava de um homônimo de seu antigo camarada do hospital de Meliuziéev, as forças dos brancos na região eram comandadas por Galiúllin.

Iúri Andréievitch não proferiu uma palavra sobre o assunto para não inquietar a família; preferiu aguardar a confirmação de todos esses rumores.

21

No meio da noite, Iúri Andréievitch acordou com um sentimento confuso de felicidade, intenso o bastante para despertá-lo. O trem estava parado, e a estação imersa na penumbra vítrea da noite branca. Esse sombreado claro, repleto de algo delicado e poderoso, sugeria uma paisagem aberta e ampla. Como se a estação estivesse, a certa altura, dominando um horizonte largo e livre.

Na plataforma, passavam sombras em passos silenciosos e conversando em voz baixa. Isso comoveu Iúri Andréievitch. Ele viu na discrição das vozes e dos passos um respeito à hora tardia, um cuidado com o sono dos passageiros, algo que havia desaparecido com a guerra.

No entanto, o médico se enganava. Na plataforma, gritavam e batiam pesadamente as botas, como por toda parte. Mas perto dali havia uma cachoeira, e era ela que alargava as fronteiras da noite branca com um sopro de frescor e liberdade. Era ela que infundia no médico o sentimento de felicidade enquanto dormia. O rumor constante e regular da queda-d'água reinava sobre todos os demais ruídos da estação e lhes dava a falsa aparência de silêncio.

Sem adivinhar a presença dela, mas entorpecido pela fluidez misteriosa do ar, o médico adormeceu outra vez, profundamente.

Enquanto isso, nos leitos de baixo, dois homens conversavam. Um perguntava ao outro:

— Então, conseguiram acalmá-los? Cortaram suas asas?

— De quem, dos comerciantes?

— Sim, dos donos de armazéns.

— Acalmaram-se. Ficaram como seda. Depois da surra exemplar de alguns, os outros amansaram. Tiveram que contribuir.

— Pegaram muito na região?

— Quarenta mil.

— Mentira!

— E por que eu iria mentir?

— Incrível, quarenta mil!

— Quarenta mil quilos.

— Maravilha! Excelente!

— Quarenta mil de fina moedura.

— Mas não é nenhum milagre. A região é de primeira qualidade. É o centro do comércio de farinha. Daqui a Iuriátin, subindo o rio Rinva, as aldeias quase se tocam, você passa por um cais atrás do outro. Pelos irmãos Cherstobítov, pelo Perekátchikov e filhos, um celeiro depois do outro, todos atacadistas!

— Fale mais baixo, vai acordar as pessoas.

— Certo.

O que narrava bocejou. O outro propôs:

— Melhor tirar um cochilo. Parece que já vamos partir.

Nesse momento, irrompeu por trás um barulho intenso que se amplificou, encobrindo o ruído da cachoeira. O comboio imóvel foi ultrapassado por um velho trem de correio que, ocupando a linha lateral, lançava-se a toda a velocidade. Logo o estrondo diminuiu, as últimas luzes piscaram e o trem desapareceu.

A conversa foi retomada.

— Bem, acabou! Vamos ficar parados.

— Sim, agora deve demorar.

— Deve ser o Strélnikov. É um trem blindado especial.

— Deve ser ele mesmo.

— Esse é feroz com os contrarrevolucionários.

— Está atrás de Galiéev.

— De quem? — Do chefe cossaco, o atamã Galiéev. Dizem que está com um general tcheco bloqueando Iuriátin. O filho da mãe tomou Iuriátin e não entrega. Galiéev é o nome dele.

— Não ouvi falar.

— Ou então, é príncipe Galiliéev, não lembro bem.

— Não existem mais desses príncipes. Vai ver é Ali Kurbán e você confundiu tudo.

— Pode ser. Kurbán.

— Ah, isso é outra coisa.

22

Iúri Andréievitch despertou novamente um pouco antes do amanhecer. Tinha sonhado com algo bastante agradável, e os sentimentos de bem-estar e liberdade permaneciam nele. O trem estava parado de novo, talvez diante de outra estação, talvez na mesma. Ouvia-se um rumor de queda-d'água que parecia aquela primeira, mas quem sabe fosse outra.

Iúri Andréievitch voltou a dormir. Em sua sonolência, pareceu-lhe ouvir correrias e tumulto. Kostoied se atracava com o chefe do comboio e gritavam um com o outro. Lá fora, o ar estava ainda mais agradável do que antes. A brisa soprava algo novo, encantador, primaveril, de tonalidade negra e branca, uma espécie de borrasca de neve no mês de maio, cujos flocos úmidos não embranqueciam a terra ao se fundirem com ela, mas a deixavam mais negra. Algo transparente, negro, branco e perfumado. "Cerejeira selvagem!", adivinhou Iúri Andréievitch no sonho.

23

Pela manhã, Antonina Aleksándrovna disse:

— Você é surpreendente, Iúri. Cheio de contradições. Acorda com o voo de uma mosca e não consegue mais pregar o olho. No entanto, esta noite aconteceu uma barulheira dos infernos, uma gritaria, um tumulto, e nada disso o acordou. Durante a noite, o caixa Pritúliev e Vássia Bríkin fugiram. Sim. Imagine! Com Tiagunova e Ogrízkova. Espere, ainda não acabei. Voroniúk também. Sim, sim, fugiu também. Imagine só! Escute. Mas ninguém sabe como fizeram para desaparecer assim, como se esconderam. Se eles partiram todos juntos, em que ordem, tudo isso é um verdadeiro mistério. Podemos supor que Voroniúk decidiu se salvar depois de perceber a fuga dos outros, afinal eles eram sua responsabilidade. Mas e os outros? Será que desapareceram por vontade própria, ou alguém foi levado à força? Se, por exemplo, as suspeitas recaem sobre as mulheres. Quem teria matado quem? Tiagunova teria acertado as contas com Ogrízkova? Ou o contrário? Ninguém sabe. O comandante da escolta corre o trem de ponta a ponta e grita: "Como vocês ousam tocar o apito da partida? Em nome da lei, eu exijo que a composição fique retida até que os fugitivos sejam encontrados". Mas o chefe do comboio não desiste. Ele responde: "Você está maluco. Estou levando reforços para o front, com prioridade, com urgência! E tenho que esperar o seu grupo de piolhentos! Era só o que faltava!". E então, os dois caíram com recriminações em cima de Kostoied. Como é que ele, um colaborador e homem instruído, estando por perto, não impediu que um soldado ignorante e inconsciente desse um passo tão fatal? "E ainda é um populista", diziam. Mas Kostoied não se fez de rogado: "Interessante! Isso significa, na opinião de vocês, que o prisioneiro deve vigiar o guarda? Realmente, só no dia que a galinha cantar de galo". Eu te cutuquei, empurrei, gritei: "Iúri, acorde, houve uma fuga!". E nada. Nem um tiro de canhão te acordaria. Mas, desculpe, falo disso depois. Agora, já chega. Papai, Iúri, vejam que maravilha!

Pela janela aberta ao lado dos leitos, via-se uma planície sem fim, totalmente inundada pela cheia de um rio que em algum lugar transbordara. Do alto, parecia que o trem deslizava sobre as águas.

A superfície lisa, em alguns poucos locais, estava coberta por manchas de um azul ferruginoso. No resto, a manhã quente fazia brotar manchas espelhadas e oleosas, como uma cozinheira que passa o pincel embebido em manteiga na superfície de uma torta.

Nessa enseada, que parecia ilimitada, afogavam-se prados, fossos, arbustos e colunas de nuvens brancas que se fincavam como palafitas no fundo.

No meio dessa vasta enseada, via-se uma estreita faixa de terra com árvores cuja dupla silhueta parecia suspensa entre o céu e a terra.

— Patos! Toda uma ninhada! — exclamou Aleksandr Aleksándrovitch, acompanhando-os com o olhar.

— Onde?

— Perto da ilha. Não é pra lá, é mais à direita, mais à direita. Ah, diabos, voaram, se assustaram.

— Ah, estou vendo. Preciso conversar com o senhor, Aleksandr Aleksándrovitch. Mas não agora, mais tarde. Por hora, eu penso que os recrutas e as damas fizeram bem em fugir. Foram em paz, não fizeram mal a ninguém. Apenas correram, como a água…

24

A noite branca do norte chegava ao fim. Via-se tudo, mas esse tudo parecia incerto e imaginário: a montanha, o pequeno bosque, o penhasco.

O pequeno bosque apenas começava a verdejar. Nele, floresciam alguns arbustos de cerejeira selvagem. Os arvoredos cresciam sob a escarpa da montanha, em um terreno estreito que se inclinava abruptamente à distância.

Próximo dali havia uma cachoeira, mas que não podia ser vista de qualquer lugar, apenas do limiar do bosque. Vássia, mesmo fatigado, foi vê-la para sentir medo e encantamento.

Nada ao redor se comparava àquela queda-d'água. Ela era terrível em sua singularidade, que lhe conferia uma espécie de vida e de consciência, convertendo-a num dragão fabuloso ou numa serpente mágica a recolher

oferendas da região e a devastar os arredores.

A meia altura, a queda-d'água se precipitava sobre um ressalto da rocha e se dividia em duas. A coluna de água superior parecia quase imóvel, mas as duas inferiores se agitavam tanto de um lado para o outro que a cachoeira inteira parecia sucessivamente resvalar e se corrigir, oscilante e sempre ereta.

Vássia estendeu seu casaco de couro e deitou sobre ele, numa clareira do bosque. Quando clareou, um pássaro grande e de asas pesadas desceu da montanha, desenhou um círculo suave e planou sobre o bosque, vindo a pousar no alto de um pinheiro, bem perto de Vássia. O rapaz levantou a cabeça, observou o pescoço azul e o peito cinza-azulado do rolieiro e murmurou de cor a palavra mágica "Rónja" — nome que se dá àquele pássaro nos Urais. Em seguida, levantou-se, jogou o casaco sobre os ombros, cruzou a clareira e se aproximou da companheira, dizendo:

— Vamos, tia. Veja como a senhora está gelada, chega a bater os dentes. Por que está me olhando assim, assustada? Estou dizendo, nós precisamos ir embora. Veja qual é a nossa situação. Precisamos chegar numa aldeia. Lá, eles não vão nos trair. São irmãos. Vão nos esconder. Desse jeito, dois dias sem comer, vamos morrer de fome. De certo, o tio Voroniúk já deu o alarme e estão nos procurando. Temos que ir, tia Palacha, não é pra dizer, mas temos que fugir. Não sei o que fazer com a senhora, podia ao menos dizer alguma coisa. Perdeu a língua de tristeza? Está preocupada com o quê? A senhora não empurrou a tia Kátia do vagão de propósito. Foi sem querer, esbarrou na tia Kátia Ogrízkova de lado, eu mesmo vi. Ela se levantou, não quebrou nada, se levantou e correu. O tio Prókhor Kharitónovitch e ela logo vão nos alcançar e ficaremos juntos de novo, o que acha? O mais importante é não desanimar, que assim a sua língua se mexe de novo.

Tiagunova se levantou do chão e, dando a mão a Vássia, disse baixinho:

— Vamos, pequeno.

25

Rangendo, os vagões subiam a montanha por um aterro alto. Ladeando o

aterro, crescia um bosque jovem de árvores misturadas cuja altura nem sequer atingia o seu nível. Abaixo via-se uma várzea que havia pouco se livrara da inundação. A relva, semicoberta pela areia, estava semeada de troncos dispersos em todos os sentidos. Provavelmente tinham sido preparados para o transporte fluvial em alguma área próxima, e a cheia da primavera os havia carregado e depositado ali.

O bosque jovem estava quase completamente nu, como no inverno. E os brotos que o salpicavam como gotas de cera davam-lhe um aspecto excessivo e desordenado, sujo e inchado. Mas nesse excesso, nessa desordem e sujeira estava a vida, que envolvia com a chama verde das folhagens as primeiras árvores que desabrochavam no bosque.

Lá e cá, as bétulas se erguiam como mártires, trespassadas pelas setas e pelos dentes das novas folhas que se abriam em pares. O aroma que exalavam era semelhante ao seu brilho, podia ser imaginado pelos olhos. Odor de álcool de madeira em que se cozinha a laca.

Logo a estrada atingiu o local de onde supostamente os troncos foram carregados pelas águas. Depois de uma curva, surgiu uma clareira repleta de serragem e aparas de madeira, tendo ao centro um amontoado de toras de cerca de três metros de comprimento. Aproximando-se da área de corte, o maquinista freou. O trem estremeceu e parou, levemente inclinado sobre o aterro, no arco da curva.

Da locomotiva, soaram alguns apitos breves e ouviu-se alguém gritar. Os passageiros já sabiam, mesmo sem os sinais de praxe, que o maquinista havia parado o trem para abastecê-lo.

As portas de correr dos vagões se abriram, e uma multidão, semelhante à população de uma pequena cidade, saltou sobre a via. Apenas os soldados e marinheiros dos primeiros vagões não saltaram, eram isentos desses trabalhos fatigantes.

Como o amontoado de tocos não era suficiente para completar o tênder, os passageiros deveriam serrar uma boa quantidade daqueles troncos compridos.

Os funcionários do trem possuíam serrotes entre as ferramentas e os

distribuíram por par de voluntários. Assim, o médico e seu sogro receberam um deles.

Pelas portas abertas dos vagões militares, assomavam rostos alegres. Dentre todos aqueles jovens que ainda não haviam recebido o batismo de fogo, os alunos das escolas navais pareciam deslocados no meio dos militares mais antigos, sérios pais de família que também seguiam pela primeira vez para a linha de fogo. Os rapazes faziam algazarra e gracejavam com os marinheiros mais velhos, evitando pensar em seu destino. Todos sentiam que a hora das provações se aproximava.

Esses brincalhões acompanhavam os homens e as mulheres que serravam a lenha com salvas zombeteiras:

— Ei, vovô! Sou criança de peito, minha mãe me abandonou e não posso fazer força. — Ei, Mavra! Cuidado pra não serrar a saia, senão entra vento! — Ei moça! Não vá pra floresta, case-se comigo.

26

Havia no bosque algumas burras de serrador, armações de estacas com os pés amarrados em cruz e fincados na terra. Algumas delas estavam soltas. Iúri Andréievitch e Aleksandr Aleksándrovitch instalaram-se ali para serrar as toras.

Esse era aquele momento da primavera em que a terra emerge da neve quase com o aspecto que possuía seis meses antes de ser coberta pelas primeiras geadas. O bosque estava úmido e juncado de folhas do outono anterior, como um quarto em desordem com papéis picados, cartas e velhas anotações, tudo ainda a varrer por falta de tempo.

— Não tão rápido; assim, o senhor logo se cansa — disse o médico a Aleksandr Aleksándrovitch, enquanto fazia movimentos mais lentos e ritmados com o serrote. Por fim, propôs uma pausa para descanso.

Ressoava no bosque o canto rouco dos serrotes que iam e vinham, às vezes em uníssono, às vezes dissonantes. Em algum lugar ao longe, bem longe, o primeiro rouxinol testava o canto. Mais raro era o assovio de um melro que,

com longos intervalos, parecia soprar uma flauta obstruída. Até mesmo a fumaça que escapava da locomotiva e subia ao céu resmungava a sua canção, semelhante à da ebulição do leite das crianças no fogareiro.

— Você queria me dizer alguma coisa — lembrou Aleksandr Aleksándrovitch. — Já esqueceu? Quando passávamos pela planície inundada, os patos voavam, você pensou em alguma coisa e disse: "Preciso conversar com o senhor".

— Ah, sim! Não sei como dizer isso de forma sucinta. Repare que estamos adentrando cada vez mais os Urais. Aqui, toda a região está agitada. Logo vamos chegar e não sabemos o que nos aguarda. É preciso que, em todo caso, estejamos de acordo a respeito de certos pontos. Não falo de nossas opiniões. Seria absurdo tentar explicá-las ou defini-las em uma conversa de cinco minutos como esta, no meio de um bosque na primavera. Nós nos conhecemos bem. E nós três, o senhor, Tônia e eu, além de muitos outros da nossa época, formamos um mesmo mundo; nossas diferenças se devem mais ao grau de compreensão que temos dele. Mas não é disso que quero falar. Isso é elementar. Quero falar de outra coisa. É preciso que façamos um acordo prévio sobre como nos conduzir em certas circunstâncias para não nos contradizermos e nos constrangermos uns aos outros.

— Já basta. Entendi perfeitamente. Gosto da sua maneira de colocar as questões. Soube encontrar as palavras convenientes. Pois vou lhe dizer o que penso. Você se lembra daquela noite de inverno em que trouxe para casa o jornal com os primeiros decretos, no meio de uma borrasca? Então também se lembra de como aquilo era algo inaudito e incondicional. Aquela franqueza cativava. Mas essas coisas só conservam a pureza original na cabeça do seu criador, e mesmo assim, só no dia da proclamação. O jesuitismo da política vira tudo ao contrário no dia seguinte. O que eu posso lhe dizer? É uma filosofia estranha para mim. Esse poder está dirigido contra nós. Não pediram o meu consentimento para todas essas mudanças. Mas confiaram em mim, embora os meus atos, mesmo se eu os executo sob imposição, sejam de minha inteira responsabilidade.

"Tônia pergunta se chegaremos a tempo para o cultivo da terra, se já não

perdemos o prazo do plantio. O que posso responder? Não conheço o solo daqui. Quais são as condições climáticas? O verão é extremamente curto. Será possível que alguma coisa amadureça aqui?

"Mas será que estamos viajando tão longe para plantar hortas? E nem podemos usar o trocadilho 'andar sete verstas atrás de pão', porque nós estamos andando três ou quatro mil. Não, para falar sinceramente, estamos nos arrastando tão longe com outro objetivo. Vamos tentar vegetar do modo atual, e de alguma forma tentar nos arrumar com os antigos bosques, máquinas e inventário do avô. Vamos tentar extrair algo não da conservação de suas propriedades, mas das ruínas, do desperdício coletivo de milhões de rublos, dos quais cada um tirará dois copeques para sobreviver. E como vamos viver? De modo caótico, de um modo que está além de qualquer entendimento. Como todos na nossa época. Mas veja, nem que me pagassem, eu aceitaria me tornar patrão de uma usina à moda antiga. Isso seria tão escandaloso quanto andar nu ou esquecer o alfabeto. Não. A história da propriedade acabou na Rússia. E nós, particularmente, os Gromeko, já perdemos a paixão pela cobiça há uma geração."

27

Era impossível dormir com tamanho calor e abafamento. Jivago tinha a cabeça molhada de suor, e o travesseiro estava ensopado.

Desceu cuidadosamente da cama e, de mansinho para não acordar ninguém, entreabriu a porta do vagão.

Um golpe de umidade viscosa atingiu-lhe o rosto como se fosse uma teia de aranha. "Neblina", adivinhou. "Neblina. O dia será tórrido, abrasador. Por isso está tão difícil respirar e sinto essa opressão no coração."

Antes de descer nessa tela de névoa, o médico permaneceu um tempo imóvel, escutando os ruídos ao redor.

O trem estava parado no entroncamento central de alguma grande estação. Não apenas os vagões estavam imersos na neblina e no silêncio, mas pareciam inexistentes, abandonados, como que esquecidos. O comboio

estava estacionado na entrada da estação e dela separado por uma infinidade de trilhos.

Distinguiam-se dois tipos de ruídos longínquos.

Por trás, ouviam-se chapinhadas regulares como se enxaguassem roupas ou como se o vento fizesse o pano úmido de uma bandeira sovar a haste de um mastro.

Da frente, vinham estrondos que lembravam a guerra. Estes ocupavam a atenção do médico e o faziam estremecer.

"Armas de longo alcance", concluiu, depois de estudar o som regular dos ribombos, que sustinha tranquilamente a nota grave.

"Então é isso. Chegamos ao front", pensou o médico, balançou a cabeça e saltou do vagão.

Jivago caminhou alguns passos. À frente, havia apenas mais dois vagões, depois o trem se interrompia. O comboio estava parado, e a locomotiva havia partido com os vagões dianteiros, desengatados do resto.

"Por isso aqueles jovens ontem se faziam de valentes", pensava o médico. "Pressentiam que assim que chegassem seriam jogados direto no fogo."

Ele contornou o final do trem com a intenção de cruzar as linhas e encontrar o caminho para a estação. Mas de um canto do vagão, surgiu à sua frente, como que brotada de debaixo da terra, uma sentinela armada. O soldado lhe disse em voz baixa:

— Aonde vai? O salvo-conduto!

— Que estação é esta?

— Estação nenhuma. Você, quem é?

— Sou médico de Moscou. Estou no comboio com a família. Aqui está meu documento.

— Estou me lixando pro seu documento. Não sou maluco de ler documento no escuro. Estraga a vista. Não está vendo a neblina? Quem precisa de documento? Dá pra ver a uma versta que médico você é. Nos médicos do seu tipo, estamos atirando com calibre 12. Eu devia dar cabo de você, mas é cedo. Dê a volta enquanto está inteiro.

"Devem estar me tomando por outra pessoa", pensou o médico. Entrar

em discussões com a sentinela era impensável. Melhor mesmo era se afastar antes que fosse tarde. E tomou a direção oposta.

O canhoneio cessou às suas costas, a leste. Ali, em meio à fumaça da neblina, o sol já se levantava, embora se o divisasse confusamente entre os fragmentos oscilantes da névoa escura, como se divisam silhuetas nuas em meio ao vapor úmido de um banho público.

O médico passou pelos vagões e seguiu em frente. A cada passo, sentia os pés afundarem mais na areia fofa.

As chapinhadas regulares se aproximavam. O local descia em declive. Ao fim de alguns passos, o médico parou diante de silhuetas indistintas cujos contornos eram desmesuradamente alargados pela bruma. Mais um passo, e Jivago viu surgir do negrume algumas proas de barcos encalhados. Ele estava sobre a margem de um largo rio, cujas pequenas vagas fatigadas investiam lenta e preguiçosamente contra a borda dos barcos de pesca e os pontões do atracadouro.

— Quem lhe permitiu vadiar por aqui? — perguntou outra sentinela, destacando-se bruscamente do rio.

— Que rio é este? — deixou escapar o médico, apesar de ter decidido não perguntar mais nada depois da última experiência.

Em vez de responder, a sentinela pôs um apito na boca, mas não chegou a usá-lo. O primeiro soldado, que havia seguido Jivago passo a passo, já se aproximava do companheiro.

— Aqui, não tem nem o que pensar. A gente conhece o pássaro pelo voo. "Que estação é esta? Que rio é este?" Ele pensa que engana. O que você acha, fazemos isso direto aqui na areia, ou na frente do vagão?

— Acho melhor no vagão. Como o chefe quiser. Documentos! — gritou a segunda sentinela, e pegou o maço de papéis que o médico lhe estendeu.

— Fique de olho, conterrâneo — disse ele não se sabia a quem, afastando-se em direção à estação em companhia do primeiro soldado.

A situação se esclareceu quando alguém que estava deitado na areia se mexeu e resmungou, sem dúvida um pescador.

— Sorte sua, eles decidirem levar o caso ao chefe. Talvez, meu caro, seja

a sua salvação. Mas não vá acusá-los. É obrigação deles. É a vez do povo. E talvez seja pra melhor. Mas por ora, fique quieto. Eles se enganaram, vê? Estão caçando um tipo e acham que é você. Acham que puseram a mão no inimigo do povo. Estão enganados. Se for preciso, peça para ver o chefe. Não se entregue a eles. Esses disciplinados são uma desgraça, Deus me livre. Para acabar com você, não custa nada. Se eles disserem vamos, não vá. Você diz que quer ver o chefe.

Iúri Andréievitch soube pelo pescador que aquele rio à sua frente era o famoso Rinva e que a estação de trem chamava-se Razvílie e se situava no subúrbio industrial de Iuriátin ao lado do rio navegável. Soube também que Iuriátin ficava a duas ou três verstas dali, e havia algum tempo era disputada por brancos e vermelhos, parece que agora fora tomada pelos brancos. O pescador contou sobre as desordens que aconteciam em Razvílie antes que fossem totalmente reprimidas, e que agora, se o silêncio reinava por toda parte é porque evacuaram a população civil que habitava em torno da estação, que hoje estava cercada por um cordão de isolamento bastante severo. Por fim, disse que dentre os comboios a serviço do Exército que estacionavam naquela estação encontrava-se o trem especial do comissário militar Strélnikov, para cujo vagão as sentinelas levaram os documentos do médico.

De lá veio ao encontro do médico uma nova sentinela que se distinguia pela maneira de arrastar a coronha do fuzil na terra e depois fazê-la passar à frente das pernas, como se levasse um companheiro bêbado pelo braço. O médico foi conduzido à presença do comissário.

28

A sentinela que acompanhava Jivago deu a senha e subiu em um dos dois vagões de luxo do trem, ligados entre si por um fole de couro. Ouvia-se o som de risos, que cessaram assim que os dois homens entraram.

A sentinela conduziu o médico por um corredor estreito até um amplo compartimento no centro do vagão. Lá havia silêncio e ordem. Nesse local,

limpo e confortável, trabalhavam pessoas asseadas e bem-vestidas. Jivago imaginava completamente diferente o quartel-general do especialista militar apartidário que em pouco tempo tinha se tornado a glória e o terror de toda a região.

Mas o centro de suas atividades certamente não era aqui, e sim em outro lugar, no Estado-Maior do front, no teatro das operações. Aqui ficava a sua parte pessoal, sua pequena chancelaria e cama de campanha.

Por isso o local era tão calmo quanto os estabelecimentos em que se toma banho quente de água do mar, cujo chão é coberto de cortiça, por onde funcionários caminham em silêncio de chinelos macios.

O compartimento central ocupava o espaço do antigo vagão-restaurante, atapetado e com algumas mesas, transformado em escritório de expedição.

— Aguarde — disse um jovem militar, sentado próximo à entrada. Depois disso, todos os outros funcionários se sentiram autorizados a esquecer do médico e a prosseguir em seus afazeres. O jovem militar, com um aceno de cabeça, liberou a sentinela, que se afastou batendo com a coronha do fuzil nas travessas metálicas do corredor.

Da porta, Jivago avistou seus documentos sobre a última mesa, diante de um militar mais idoso, um comandante ao estilo antigo. Tratava-se de um militar especialista em estatística. Balbuciava algo para si mesmo, consultava cadernos de notas, examinava mapas militares, fazia comparações, aproximações, cortava e colava papéis. Em certo momento, percorreu com os olhos as janelas do vagão e disse: "Vai fazer calor, hoje", como se essa conclusão resultasse do exame das janelas, como se não fosse suficiente olhar apenas uma.

Entre as mesas, um técnico militar rastejava pelo chão procurando reparar uma instalação elétrica. Quando se aproximou do jovem militar, este se deslocou para não atrapalhá-lo. Ao lado, uma secretária vestida com uma jaqueta verde-oliva se debatia com uma máquina de escrever velha: o carrinho tinha se deslocado para o lado e ficara preso no chassi. O jovem militar se sentou atrás dela e juntos examinaram a parte superior da máquina. O técnico foi até lá verificar as alavancas e a transmissão inferiores.

O comandante se aproximou deles. Todos se ocupavam com a máquina.

Isso tranquilizava o médico. Seria difícil imaginar que essas pessoas, que conheciam melhor que ele a sorte que o aguardava, pudessem se ocupar com bagatelas diante de um homem condenado.

"Mas, será? Quem sabe!", pensava. "De onde vem esse sangue-frio? Os canhões retumbam aqui ao lado, homens morrem, e estes, quando falam do dia quente, estão pensando no tempo quente que fará e não nos duros combates. Já viram tanta coisa terrível que perderam a sensibilidade."

Sem saber o que fazer e sem sair do lugar, pôs-se a olhar pela janela do lado oposto do compartimento.

29

Daquele lado, avistava-se, além dos trilhos, a estação Razvílie e o subúrbio industrial de mesmo nome sobre uma colina.

Uma escada de madeira bruta com três patamares conduzia da via férrea à estação.

A ferrovia, naquele ponto, havia se transformado em um grande cemitério de locomotivas. As máquinas velhas sem tênderes e de chaminés em forma de xícaras ou canos de botas apertavam-se umas contra as outras em meio ao amontoado de ferragens provenientes de vagões demolidos.

O cemitério de locomotivas em primeiro plano, o cemitério do subúrbio industrial, o ferro retorcido nas vias, os telhados e as placas enferrujadas das casas, tudo se fundia em uma só paisagem de decadência e abandono sob o céu branco e o forte calor matinal.

Vivendo em Moscou, Iúri Andréievitch havia se esquecido de como era grande o número de placas de anúncio nas pequenas cidades, e de como ocupavam boa parte das fachadas. Deu-se conta disso novamente aqui. Na maioria das placas, as letras eram tão grandes que se podia decifrar do trem. Algumas vezes, por sua dimensão, as placas alcançavam as janelas tortas das velhas construções de um andar e faziam desaparecer da vista as casinhas pobres, como crianças camponesas com a cabeça coberta pelo enorme boné

do pai.

A essa altura, a neblina já se dissipara completamente. Os traços que restaram no céu, a leste, moviam-se lentamente, afastando-se e abrindo-se como as cortinas de um teatro.

A leste, a umas três verstas de Razvílie, sobre uma colina mais alta que o subúrbio industrial, surgia uma grande cidade com ar de capital de região ou de província. O sol dava às suas cores um reflexo amarelado, a distância simplificava as suas linhas. A cidade se estendia nas alturas como o monte Athos ou as ermidas do deserto estampadas nas iluminuras, casa sobre casa e rua sobre rua, a colina encimada por uma grande catedral.

"Iuriátin!", o médico reconheceu a cidade com emoção. "Objeto das lembranças da falecida Anna Ivánovna e tantas vezes mencionada pela enfermeira Antípova! Quantas vezes escutei-as falar sobre a cidade e em que circunstâncias eu a vejo pela primeira vez!"

Nesse momento, a atenção dos militares debruçados sobre a máquina de escrever foi atraída por algo que perceberam pela janela. Voltaram o rosto na mesma direção. O médico acompanhou o olhar deles.

Pela escada da estação, levavam alguns prisioneiros civis e militares e, entre eles, achava-se um ginasiano ferido na cabeça. Haviam lhe feito um curativo provisório, mas o sangue escorria, e o rapaz, ao tentar detê-lo com a palma da mão, alastrava-o ainda mais sobre o rosto bronzeado e suado.

O estudante, conduzido entre dois soldados vermelhos, fechava a marcha e chamava a atenção pela firmeza que transparecia de seu belo rosto e pela compaixão que despertava. Ele e os soldados que o escoltavam também se destacavam por seus gestos estúpidos. Sempre faziam o contrário do que deveria ser feito.

O quepe deslizava a todo instante da cabeça enfaixada do ginasiano. Em vez de tirá-lo e levá-lo na mão, ele tentava enfiá-lo na cabeça, agravando o ferimento, no que prontamente o auxiliavam os soldados.

Nessa atitude disparatada, contrária ao bom senso, havia algo de simbólico. Ciente de seu significado, o médico quis correr até lá e deter o jovem com uma sentença que quase lhe irrompia do peito. Queria poder

gritar ao menino e às pessoas do vagão que a salvação não está na fidelidade às formas, mas na libertação delas.

O médico desviou o olhar. No meio do compartimento estava Strélnikov, que acabara de entrar a passos largos e vigorosos.

Como, entre tantos encontros fortuitos, o médico ainda não tinha conhecido este homem? Por que a vida não os havia aproximado? Por que seus caminhos não haviam se cruzado?

Inexplicavelmente, sentia-se que Strélnikov encarnava a força de vontade em seu mais alto grau. Ele era a tal ponto o homem que queria ser que tudo nele parecia exemplar: o porte magnífico da bela cabeça, a impetuosidade da marcha, as longas pernas em botas altas que, mesmo sujas, pareciam limpas, a camisa de sarja cinza talvez amassada, mas que aparentava ser do melhor linho e estar sempre passada.

Impressionava a presença daquele talento natural que não conhecia a tensão, que se sentia à vontade em qualquer circunstância.

Esse homem devia possuir certo dom, não necessariamente original. E o dom, traído por seus mínimos movimentos, talvez fosse o da imitação. Na época, imitava-se sempre alguém: os gloriosos heróis da história; pessoas que impressionaram na frente de batalha ou nos dias de agitação nas cidades; os mais prestigiosos representantes do povo; os camaradas que se destacaram; simplesmente, os outros.

Por educação, ele não se demonstrou surpreso ou incomodado com a presença de um estranho. Ao contrário, dirigiu-se a todos ao mesmo tempo, como se o médico fizesse parte do grupo. E disse:

— Parabéns. Nós os expulsamos. Isso parece mais um jogo militar do que propriamente uma operação, porque eles são tão russos quanto nós, apenas têm tolices na cabeça das quais não desejam se separar, e por isso somos obrigados a forçá-los. O comandante deles é um velho amigo. E tem origem mais proletária do que eu. Nós crescemos no mesmo pátio. Ele fez muito por mim na vida, e eu lhe sou grato. Mas estou feliz de tê-lo expulsado para o outro lado do rio, talvez para mais longe. Gurian! Restabeleça a comunicação o mais rápido possível. Não temos como nos manter aqui

apenas com o telégrafo e os mensageiros. Vocês viram que calor? Ao menos dormi uma hora e meia. Ah, sim… — voltou-se subitamente para o médico. Lembrou-se do motivo de terem-no acordado. Acordaram-no por alguma bobagem relativa a esse desconhecido.

"Esse?", pensou Strélnikov, medindo o médico dos pés à cabeça com um olhar inquisidor. "Fora de questão! Que idiotas!" Deu uma gargalhada e disse a Iúri Andréievitch:

— Perdão, camarada. Tomaram-lhe por outro. As sentinelas se enganaram. O senhor está livre. Onde está a carteira de trabalho do camarada? Ah, aqui estão seus documentos. Desculpe minha indiscrição, permito-me olhá-la. Jivago… Jivago… Dr. Jivago… De Moscou… Venha, entre por um minuto aqui comigo. Este é o secretariado, o meu vagão é ao lado. Por favor. Não vou retê-lo por muito tempo.

30

Afinal, quem era esse homem? Era surpreendente que um apartidário pudesse ter atingido um posto tão alto e conseguisse se sustentar nele; um homem de Moscou que ninguém conhecia, que terminou a universidade e foi trabalhar como professor de província, que durante a guerra caiu prisioneiro dos alemães e ficou por muito tempo desaparecido, dado como morto.

O ferroviário progressista Tiviérzin, em cuja família Strélnikov educara-se na infância, recomendou-o e se responsabilizou por ele. As pessoas que na época decidiam sobre as indicações confiaram nele. Nesses dias de entusiasmos desmedidos e opiniões radicais, a sinceridade revolucionária de um Strélnikov, que não se detinha diante de nada, se distinguia por sua autenticidade, fanatismo e independência, características que foram se desenvolvendo ao longo da vida, não sendo de forma alguma casuais.

Strélnikov justificou a confiança que lhe haviam testemunhado.

Sua folha de serviço do último período compreendia as ações de Ust-Nemdí e Nízni Kelmes, a resistência armada dos camponeses de Gubás ao

pelotão de abastecimento e a represália ao décimo quarto batalhão de infantaria que tinha saqueado um trem de abastecimento na estação de Medviéjia Póima. No seu currículo, constava também a ação contra os soldados-razíntsi,[7] que se rebelaram na cidade de Turkátui e, de armas na mão, passaram para o lado dos brancos, e a repressão à revolta no porto fluvial de Tchirkin Us, onde um comandante fiel ao poder soviético foi assassinado.

Ele sempre chegava de surpresa, julgava, condenava e fazia executar suas decisões rapidamente, duramente, sem vacilar.

As incursões do seu trem puseram fim à febre de deserções em todo o país. A reforma que introduziu nos organismos de recrutamento mudou tudo. Agora, o alistamento no Exército Vermelho funcionava bem, e as comissões de admissão trabalhavam intensamente.

Por fim, quando nos últimos tempos os brancos começaram a atacar do norte e a situação parecia alarmante, Strélnikov recebeu novas tarefas militares, estratégicas e operacionais. Os resultados de sua intervenção não demoraram a aparecer.

Strélnikov sabia que era conhecido pela alcunha Rastrélnikov[8] e passava tranquilamente por isso, sem nada temer.

Nascido em Moscou, ele era filho de um operário que pagara caro por sua participação na revolução de 1905. Durante aqueles anos, manteve-se distante do movimento revolucionário por ser ainda muito jovem. Mais tarde, na universidade, dedicou-se com afinco aos estudos, como fazem os estudantes pobres que conseguem alcançá-la, diferentemente dos ricos, cuja excitação jamais o comoveu. Saiu da universidade com conhecimentos profundos, e sua formação em história e filologia foi complementada pelo autodidatismo em matemática.

A lei o dispensava do serviço militar, mas decidiu ir à guerra como voluntário e foi feito prisioneiro no posto de subtenente, evadindo-se ao final de 1917 para sua terra natal, ao saber que na Rússia estava em curso uma revolução.

Dois traços de caráter, duas paixões o distinguiam.

Possuía um pensamento preciso e claro. Em raro grau, detinha o dom da pureza moral e o senso de justiça. Era fervoroso e honrado em suas decisões.

Mas para um cientista ávido em abrir novos caminhos, faltava-lhe a intuição, essa força que provoca descobertas repentinas e reverte a ordem estéril do previsível.

E para fazer o bem, faltava ao seu rigor dobrar-se à tolerância do coração que, ao ignorar os casos gerais e se ater às particularidades, atinge a grandeza a partir das pequenas coisas.

Desde a infância, Strélnikov aspirava a tudo que era grande e puro. Considerava a vida uma grande arena, onde as pessoas lutam de acordo com regras escrupulosas para chegar à perfeição.

Quando compreendeu que as coisas não aconteciam assim, não se deu conta de que errava ao simplificar a ordem do mundo. Engolindo sua humilhação, começou a acariciar a ideia de que ele próprio poderia servir de árbitro entre a vida e os maus princípios que a contaminavam. Tomaria a sua defesa e a vingaria.

A decepção o endureceu. A revolução lhe deu as armas.

31

— Jivago, Jivago — continuava a repetir Strélnikov para si mesmo em seu vagão. — É um sobrenome de comerciante. Ou de aristocrata. Ah, sim, um médico de Moscou. Em Varíkino. Estranho. Deixar Moscou e vir para este canto perdido.

— É exatamente este o objetivo. Em busca de calma. Num lugar isolado, desconhecido.

— Então me diga, qual é a poesia que há em Varíkino? Eu conheço a região. Antigamente havia as usinas Kruger. O senhor não seria parente ou herdeiro?

— Por que esse tom irônico? Por que fala em herdeiros? Embora a minha mulher, de fato…

— Ah, está vendo? É nostalgia dos brancos? Vou decepcioná-lo. Chegou

tarde. A região foi varrida.

— O senhor continua a fazer troça.

— E, no entanto, é médico. E militar. Nós estamos em guerra. Isso me concerne diretamente. O senhor é um desertor. Os verdes[9] também se refugiam nos bosques em busca de calma. Quais são os seus motivos?

— Tenho dois ferimentos e fui reformado.

— Então me apresente um documento do Narkompros ou do Narkomzdrava[10] recomendando-o como "um homem verdadeiramente soviético", ou "simpatizante", ou "inteiramente leal". Estamos vivendo dias de juízo final sobre a terra, caro senhor, vivemos entre as feras aladas com espadas flamejantes do Apocalipse, e não quero saber de doutores meio leais e meio simpatizantes. No entanto, eu lhe disse que está livre e não vou mudar a minha palavra. Mas apenas desta vez. Pressinto que ainda vamos nos encontrar, e então a conversa será outra. Previna-se.

A ameaça e o desafio não desorientaram Iúri Andréievitch. Ele disse:

— Eu sei exatamente o que o senhor pensa de mim. Do seu ponto de vista, tem toda a razão. Mas a polêmica na qual quer me envolver é a que eu venho mantendo desde sempre com um acusador imaginário, é de se crer que eu tenha tirado algumas conclusões. Mas isso não se resume em duas palavras. Permita-me partir sem maiores explicações, se estou realmente livre. Caso contrário, disponha de mim. Não tenho do que me justificar diante do senhor.

O toque do telefone os interrompeu. A linha acabara de ser restabelecida.

— Obrigado, Gurian — disse Strélnikov, depois de pegar o fone e soprar nele algumas vezes. — Meu amigo, mande alguém aqui para acompanhar o camarada Jivago. Espero que essa história não se repita. E me conecte com a direção de transportes da Tcheká em Razvílie.

Depois que ficou sozinho, Strélnikov telefonou para a estação:

— Acabamos de enviar para vocês um rapaz jovem que o tempo todo ajusta o quepe, com a cabeça enfaixada, sim. Deem uma assistência médica, se for preciso. Sim, como a menina dos olhos. Vocês respondem pessoalmente por ele. Ração também. Isso. Agora, sobre o trabalho. Estou

falando! Não terminei! Ah, diabos, entrou mais alguém na linha. Gurian! Gurian! Cortaram a ligação!

"Talvez seja um dos meus ex-alunos", pensou, renunciando por um minuto à tentativa de terminar a conversa com a estação. "Cresceu e se rebelou contra nós." Strélnikov, mentalmente, somou o tempo que havia lecionado com os seus anos de guerra e prisão para ver se a soma coincidia com a idade do rapaz. Depois, pela janela do vagão, procurou no horizonte o bairro de Iuriátin onde ficava a sua casa, acima do rio, à saída da cidade. Quem sabe sua mulher e sua filha estão lá agora! Por que não vê-las? Agora, neste instante! Mas isso seria possível? Aquilo é toda uma outra vida. É preciso terminar essa vida nova antes de retomar aquela que foi interrompida. Isso acontecerá algum dia, algum dia. Sim, mas quando? Quando?

---

1. Notas emitidas pelo governo provisório de Kêrenski, atualmente quase sem valor.
2. Tal como a personagem chama os Gromeko.
3. Tradição russa de boas-vindas.
4. Em sua novela *A filha do capitão*. Emelián Pugatchóv (1742-75), cossaco do rio Don, líder de uma importante rebelião camponesa.
5. Referência à *Crônica familiar*, de Serguei Aksákov (1791-1859), cuja ação se passa nas estepes baquírias.
6. Agricultores que empregavam lavradores em suas terras. Foram perseguidos e expropriados após a revolução.
7. Referência a Stiépan Rázin, chefe dos cossacos do rio Don que conduziu uma grande rebelião entre 1667 e 1671, e se tornou uma figura mitológica, herói de canções populares e romances.
8. "Fuzilador", em russo.
9. Chamavam assim aos que se escondiam nos bosques por medo de serem recrutados à força pelos brancos ou pelos vermelhos.
10. Siglas que significam, respectivamente: Comissariado do Povo para a Educação e Comissariado para a Saúde Pública.

SEGUNDO LIVRO

OITAVA PARTE
A CHEGADA

1

O trem que conduzia a família Jivago permanecia parado nos trilhos secundários da estação, encoberto por outras composições; no entanto, algo havia mudado. Nessa manhã, sentia-se que o elo com Moscou, mantido durante toda a viagem, rompia-se.

A partir dali, abria-se um novo campo territorial, um mundo de província totalmente distinto e que gravitava em torno do seu próprio centro de atração.

Os habitantes locais se conheciam melhor do que os da capital. Assim, embora o setor ferroviário Iuriátin-Razvílie estivesse interditado ao público e cercado por um cordão de tropas vermelhas, os passageiros das vizinhanças conseguiam de alguma forma introduzir-se nas vias, "infiltrar-se", como agora se diz: lotavam os vagões, amontoavam-se nos espaços entre as portas, caminhavam ao longo dos trilhos ou aguardavam nos aterros em frente aos respectivos vagões.

Todos se conheciam, trocavam palavras à distância, cumprimentavam-se ao se cruzar. Os seus hábitos, a maneira de se vestir, de falar e de se alimentar eram diferentes daqueles da capital.

Seria interessante saber de que eles viviam, de quais reservas morais e materiais tiravam a subsistência, como resistiam às dificuldades da época, como burlavam a lei.

A resposta não tardou a se apresentar e da forma mais concreta.

2

Acompanhado pela sentinela que arrastava o fuzil na terra e se apoiava sobre ele como se fosse uma bengala, o médico voltou ao trem.

O calor era aterrador. O sol abrasava os trilhos e o teto dos vagões. Negra de petróleo, a terra ardia, refletindo uma cintilação metálica amarelo-ouro.

A sentinela escavava um sulco na poeira ao arrastar a arma pela terra, deixando um rastro na areia atrás de si. E a arma provocava um ruído surdo ao bater nos dormentes.

— O tempo firmou. A época é de ouro para semear o trigo tremesinho, a aveia, o grão duro e o painço. Mas é cedo para o sarraceno. Na minha aldeia, plantam o sarraceno na semana de Akulina.[1] Eu sou de Morchán, da província de Tambóv, não sou daqui. É, camarada doutor! Se não fosse essa desgraça de guerra civil, essa hidra e essa peste de reacionários, eu não estava aqui de jeito nenhum, que eu não ia perder tempo na terra dos outros nessa época do ano. Essa luta de classes se enroscou nas nossas pernas que nem gato preto, e taí o que acontece!

3

— Obrigado, eu mesmo faço isso — disse Iúri Andréievitch, recusando a ajuda que lhe ofereciam. Do vagão, inclinavam-se e estendiam-lhe a mão para auxiliá-lo a subir. Apoiou os punhos e, de um pulo, içou-se para dentro do compartimento. Pôs-se de pé e abraçou a mulher.

— Finalmente. Graças, graças a Deus tudo acabou bem — repetia Antonina Aleksándrovna. — Aliás, esse final feliz não é uma novidade para nós.

— Como não é novidade?

— Nós sabíamos de tudo.

— Como assim?

— As sentinelas nos puseram ao corrente. Do contrário, como poderíamos suportar essa incerteza? Mesmo assim, eu e papai por pouco não ficamos loucos. Veja, ele dorme um sono de chumbo. Caiu desmaiado de tamanha preocupação. Não acorda. Chegaram novos passageiros. Quero apresentá-lo a alguém, mas antes escute um pouco o que dizem. Todo o vagão ficou contente por você ter se saído bem. — Subitamente, mudando de conversa, ela girou a cabeça e apresentou-o a um dos passageiros recém-chegados, que estava ao fundo do vagão, espremido entre os vizinhos: — Este é o meu marido!

— Samdeviátov! — ouviu-se de lá. Do amontoado de cabeças estranhas, elevou-se um chapéu macio, e aquele que havia pronunciado o sobrenome abriu caminho em direção ao médico, através da massa de corpos que o comprimiam.

"Samdeviátov", Iúri Andréievitch refletia consigo mesmo nesse entretempo. "Esse nome me sugere algo da épica russa, das *bilinas*, uma barba em leque, uma *poddióvka*,[2] um cinturão com incrustações. No entanto, ele parece mais pertencer a alguma dessas sociedades de amantes das artes, com cachos grisalhos, bigodes e cavanhaque."

— E então, sentiu medo nas mãos de Strélnikov? Confesse.

— Não, por quê? A conversa foi séria. De qualquer forma, é um homem forte, um homem de valor.

— E como! Faço alguma ideia da figura. Não é nosso conterrâneo. É um dos seus, um moscovita. Assim como as inovações introduzidas por aqui nos últimos tempos também vêm de vocês, da capital. Não pensaríamos nessas coisas com a nossa própria cabeça.

— Deixe-me apresentá-los, Iúrotchka, esse é Anfím Efímovitch, um sabe-tudo, conhece tudo. Ouviu falar de você, do seu pai, conheceu meu avô, todos, todos. — E Antonina Aleksándrovna acrescentou de passagem, com um tom indiferente: — O senhor deve certamente conhecer a professora local Antípova?

Com uma voz também indiferente, Samdeviátov respondeu:

— E por que Antípova interessa a vocês?

Iúri Andréievitch ouviu a resposta e não alimentou a conversa. Antonina Aleksándrovna prosseguiu:

— Anfím Efímovitch é um bolchevique. Cuidado, Iúrotchka! Fique alerta com ele.

— É verdade? Eu nunca pensaria nisso. Ao vê-lo, pareceu-me antes um artista.

— Meu pai tinha um albergue. Possuía sete troicas a seu serviço. E eu tenho educação superior. Na realidade, sou social-democrata.

— Iúrotchka, ouça o que Anfím Efímovitch diz. Aliás, sem querer magoá-lo, o seu nome é difícil de pronunciar. Pois então, ouça, Iúrotchka, o que eu vou dizer. Tivemos uma sorte tremenda. A cidade de Iuriátin não pode nos receber. Há incêndios e a ponte foi explodida, ninguém pode passar. O trem será desviado no ramal de ligação, tomará outra linha, justamente a que precisamos, a que passa por Torfiánaia. Imagine! Não teremos que trocar de trem e arrastar todas as nossas coisas pela cidade de uma estação para outra. Em compensação, vamos chacoalhar bastante até o trem tomar o rumo. As manobras serão demoradas. Tudo isso foi Anfím Efímovitch que me explicou.

4

Os prognósticos de Antonina Aleksándrovna se realizaram. Ao engatar os vagões e acrescentar novos, o trem dava solavancos para a frente e para trás indefinidamente, por trilhos obstruídos onde se moviam também outros comboios a lhe barrar por muito tempo a saída a campo aberto.

Ao longe, a cidade desaparecia em meio às ondulações do terreno. De raro em raro, mostravam-se no horizonte as cumeeiras das casas, as extremidades das chaminés das fábricas e as cruzes dos campanários. Um dos subúrbios estava em chamas. O vento propagava a fumaça do incêndio que, como uma crina de cavalo esvoaçante, estendia-se por todo o céu.

O médico e Samdeviátov estavam sentados à entrada do vagão, as pernas pendentes para fora. Samdeviátov estava sempre explicando algo a Iúri

Andréievitch e apontando ao longe. De tempos em tempos, o rangido provocado pelas sacudidas do vagão abafava a sua voz e era impossível ouvi-lo. Iúri Andréievitch pedia-lhe então que repetisse. Anfím Efímovitch aproximava o rosto e se esgoelava, gritando-lhe ao ouvido o que já havia dito.

— É o cinematógrafo O Gigante que incendiaram. Os cadetes o haviam ocupado. Mas se entregaram a tempo. No geral, os combates ainda não terminaram. Está vendo aqueles pontos negros no campanário? São os nossos. Estão desalojando os tchecos.

— Não estou vendo nada. Como você consegue distinguir tudo isso?

— E lá… é Khokhríki, também em chamas, o bairro dos artesãos. E Kolodiéevo, o centro do comércio, ao lado. Isso me interessa. Lá fica a nossa hospedaria. O incêndio não é grave. Até agora o centro não foi atingido.

— Repita, não estou escutando.

— Eu disse: o centro, o centro da cidade. A catedral, a biblioteca… Nosso nome de família Samdeviátov é são Donato russificado. Parece que descendemos dos Demídov.

— De novo não consegui ouvir nada.

— Eu digo que Samdeviátov é uma variação de são Donato. Parece que descendemos dos Demídov. Os príncipes Demídov de San Donato. Mas pode ser piada. Uma lenda de família. E essa localidade ali se chama Spírkin Niz. São datchas, lugar de passeios. É um nome estranho, não?

À frente deles, estendia-se o campo. Entroncamentos da via férrea cortavam-no em todas as direções. Os postes telegráficos se afastavam a passos de sete léguas, desaparecendo ao longe. Uma larga estrada pavimentada serpenteava como uma fita, rivalizando em beleza com os trilhos. Por vezes, ela se escondia no horizonte para em seguida desenhar por alguns minutos uma curva sinuosa e se perder novamente.

— É a nossa famosa estrada. Ela atravessa toda a Sibéria. Os campos de concentração a tornaram célebre. Atualmente é a praça de armas dos *partisans*. No fundo, não é ruim viver aqui. Vocês vão se estabelecer e se acostumar. Vão amar as curiosidades das cidades, as fontes públicas nos cruzamentos. Os clubes de inverno das mulheres a céu aberto.

— Não vamos nos estabelecer na cidade. Vamos para Varíkino.

— Eu sei. A sua esposa me contou. De qualquer forma, vocês terão de ir à cidade resolver coisas. Eu adivinhei à primeira vista quem era ela. Os olhos, o nariz, a testa. É inteiramente Kruger. É toda o avô. Nessas paragens, todo mundo se lembra dos Kruger.

Reflexos avermelhados dos altos reservatórios cilíndricos de petróleo tocavam as extremidades da planície. Aqui e ali, viam-se anúncios de produtos industriais pregados nos altos postes. Um deles, que cruzou os olhos do médico duas vezes, dizia o seguinte:

"Moreau e Vetchínkin. Semeadoras. Debulhadoras."

— Era uma firma sólida. Produzia os melhores instrumentos agrícolas.

— Não estou ouvindo. O que você disse?

— Firma, eu disse. Entendeu? Firma. Produzia máquinas agrícolas. Era uma sociedade por cotas. Meu pai era acionista.

— Mas ele não tinha um albergue?

— Sim, mas uma coisa não impede a outra. Ele não era tolo, colocava dinheiro nas melhores empresas. Investiu no cinematógrafo O Gigante.

— O senhor parece sentir orgulho.

— Do faro dele? Claro que sim.

— E como fica a sua social-democracia?

— E o que ela tem com isso, se me permite? Onde está escrito que a pessoa que raciocina de forma marxista deve ser um trouxa? O marxismo é uma ciência positiva, um estudo da realidade, uma filosofia da situação histórica.

— Marxismo e ciência? Discutir isso com alguém que mal se conhece é no mínimo imprudente. Mas, tanto pior. O marxismo não se sustenta como ciência. As ciências são mais ponderáveis. Marxismo e objetividade? Não conheço corrente que seja mais isolada em si mesma e distante dos fatos que o marxismo. Todos se preocupam em verificar as suas ideias pela experiência, enquanto as pessoas do poder fazem o que podem para dar as costas à verdade em nome dessa fábula que forjaram sobre a própria infalibilidade. A política não me diz nada. Não gosto de pessoas indiferentes

à verdade.

Samdeviátov tomou as palavras do médico por tiradas de um brincalhão. E apenas ria, sem contestar.

Nesse momento, o trem manobrava. Toda vez que ele alcançava a agulha de saída próxima ao semáforo, a agulheira, uma funcionária idosa que trazia um pote de leite preso à cintura, trocava de mão o tricô com que se ocupava, inclinava-se e virava o disco da agulha, obrigando o trem a retornar de marcha a ré. Enquanto ele retrocedia lentamente, ela se endireitava e o ameaçava com o punho fechado.

Samdeviátov tomou para si esse gesto. "Para quem ela faz isso? Há algo de familiar. Seria Túntseva? Parece-se com ela. Mas o que eu tenho com isso? Não, acho que não. Parece velha demais para ser Glacha. E eu com isso? A mãe Rússia perturbada com os golpes, e as estradas de ferro em mãos incompetentes; mas deve ser difícil para essa mulher zangada, e eu sou culpado, esse punho é para mim. Ora, que vá pro diabo, não vou perder meu tempo com ela!"

Por fim, ela agitou a bandeira e depois de gritar alguma coisa ao maquinista deixou o trem passar pelo semáforo a fim de perseguir livremente o seu destino. Quando o vagão 14 passou diante dela, a velha mostrou a língua para os tagarelas sentados à porta que a olhavam fixamente. E de novo Samdeviátov tornou-se pensativo.

5

Depois que os subúrbios em chamas, os reservatórios cilíndricos, os postes telegráficos e os anúncios comerciais recuaram na distância e se apagaram, surgiram paisagens de pequenos bosques e colinas, entre as quais frequentemente percebia-se a sinuosidade da grande estrada. Samdeviátov então disse:

— Vamos nos levantar e nos separar. Daqui a pouco eu vou descer. E vocês descem em seguida, na segunda parada. Prestem atenção para não deixar passar.

— Você conhece a fundo a região, não é?

— De olhos fechados. Num raio de mais de cem verstas. É que eu sou advogado. Tenho vinte anos de prática. Processos. Viagens.

— E ainda atua nesses tempos atuais?

— Como não!

— Que tipo de processo pode-se fazer atualmente?

— Todos os que desejar. Estamos até o pescoço de processos referentes a antigas transações e operações inacabadas, processos não executados.

— Mas transações desse tipo não foram anuladas?

— Em princípio, sim. Mas na prática, coisas que se excluem são exigidas simultaneamente, por exemplo, a nacionalização das empresas, o combustível para o conselho da cidade e o transporte de carga para o conselho agrário da província. E ao mesmo tempo, todos querem viver. São características do período de transição, quando teoria e prática ainda não convergiram. E é aqui que se fazem necessárias pessoas do meu tipo, que tenham capacidade de compreender as situações e desembaraçá-las. Essa história, por exemplo, do homem feliz que "sem querer" embolsa uma bolada. Resolvo isso na hora e direto no focinho, como dizia meu pai. Metade da província se alimenta graças ao meu trabalho. Tenha certeza de que vou visitá-los de tempos em tempos para resolver questões de fornecimento de madeira. E a cavalo, evidentemente, desde que ele possa marchar; esse último que consegui está manco, se estivesse saudável, eu não estaria aqui sacudindo as tripas nesta sucata. Diabos, e ainda chamam isso de locomotiva. Nas minhas idas a Varíkino poderei ser útil a vocês. Conheço os Mikulítsin como a palma da minha mão.

— O senhor conhece as nossas intenções, o objetivo da nossa viagem?

— Mais ou menos. Eu adivinho. Posso imaginar. A eterna atração do homem pela terra. O sonho de se alimentar com as próprias mãos.

— E não aprova? O que pensa disso?

— O sonho é ingênuo e idílico. Mas, por que não? Que Deus os ajude. Mas eu não acredito nisso. É utópico. Diletantismo.

— Como Mikulítsin vai nos receber?

— Ele não os deixará atravessar o portão, vai expulsá-los a vassouradas, e terá razão. Sem vocês, tudo aqui já se tornou uma verdadeira sodoma, mil e uma noites, as usinas não funcionam, os trabalhadores se dispersaram, do ponto de vista da subsistência não há nem forragem, há escassez e, de repente, aparecem vocês, olá, somos nós. Se ele matar vocês, eu lhe darei razão.

— Vê, mesmo sendo um bolchevique, o senhor não nega que isso não é vida, e sim qualquer coisa de inacreditável, de fantasmagórico e de absurdo.

— É claro. Mas esse é o curso inevitável da história. É preciso passar por essa etapa.

— Por que inevitável?

— O que é o senhor, uma criancinha ou se finge de inocente? Ou será que caiu da lua? Os glutões e parasitas viveram nas costas dos trabalhadores famintos, oprimiram-nos até a morte, e isso deveria continuar assim? Sem falar das outras formas de tirania e humilhação. Será possível que o senhor não compreenda a legitimidade da cólera do povo, o desejo de viver na justiça, a busca pela verdade? Ou o senhor pensa que é possível uma ruptura radical pela via parlamentar, pela Duma? Pensa que se pode evitar a ditadura?

— Estamos falando de coisas diferentes e poderíamos discutir cem anos sem nos entender. Eu estava totalmente disposto a favor da revolução, mas hoje eu penso que a violência não leva a nada. Penso que se atinge o bem com o bem. Mas não se trata disso. Voltemos a Mikulítsin. Se essa será a acolhida que nos espera, então por que ir para lá? Temos que fazer o caminho de volta.

— Que absurdo. Em primeiro lugar, como se Mikulítsin fosse o único no mundo. Em segundo, Mikulítsin é um homem bom, excessivamente bom. Vai fazer barulho, resmungar e depois amolecer; é uma pessoa capaz de tirar a camisa do corpo para lhes dar e dividir com vocês o último pedacinho de pão. — E Samdeviátov contou a seguinte história.

6

— Há vinte e cinco anos, quando ainda era estudante no Instituto de Tecnologia de Petersburgo, Mikulítsin foi enviado para cá e mantido sob vigilância da polícia. Uma vez aqui, conseguiu o posto de intendente com os Kruger e se casou. Na época, viviam em Iuriátin quatro irmãs, uma a mais que na peça de Tchékhov.[3] Eram as irmãs Túntseva: Agrippina, Evdokía, Glafira e Serafima Severínovna, cortejadas por todos os estudantes da cidade, que parafraseavam o seu patronímico e as chamavam de Severiánki.[4] Mikulítsin casou-se com a mais velha.

"Logo tiveram um filho, e o tolo do pai, em nome dos seus ideais de liberdade, batizou o menino de Liviéri, bem pouco comum, como pode ver. Liviéri, apelidado de Lívka, era um menino dotado de diversas aptidões e capacidade fora do comum. A guerra eclodiu. Lívka falsificou a certidão de nascimento e, ainda com quinze anos, alistou-se como voluntário para o front. Agrippina Severínovna, que já era uma mulher adoentada, não suportou o golpe, caiu de cama e não se levantou mais, vindo a falecer dois invernos mais tarde, às vésperas da revolução.

"Terminada a guerra, Liviéri voltou para casa. E quem era ele agora? Um herói, segundo-tenente condecorado com três cruzes e, claro, um delegado bolchevique que militara no front. Já ouviu falar dos 'Irmãos dos Bosques'?"

— Não, desculpe.

— Então, não tem graça contar. Metade do efeito se perde. E não faz sentido o senhor ficar olhando a grande estrada, se desconhece isso. O que há de especial nela? Atualmente, os *partisans*. E o que são os *partisans*? São os principais quadros da guerra civil. Dois elementos contribuíram para criar essa força: a organização política que tomou nas mãos o comando da revolução e a baixa soldadesca que se recusou a obedecer ao antigo poder, depois da guerra perdida. A união desses dois fatores gerou a armada guerrilheira. O efetivo é bem heterogêneo. Em sua maioria é constituído de camponeses médios. Mas ao lado deles, você encontra de tudo: pobretões, monges sem batina, filhos de *kulaks* que lutam contra os próprios pais. Há

anarquistas convictos, fugitivos sem documentos, meninos expulsos do ensino médio por terem passado da idade e se metido com mulheres. Há prisioneiros de guerra austríacos e alemães, seduzidos por promessas de liberdade e retorno à pátria. Pois bem, uma das divisões dessa armada popular que conta com milhares de pessoas chama-se "Irmãos dos Bosques" e é comandada pelo camarada Lesníkh, ou seja, Lívka, Liviéri Aviérkevitch, o filho de Aviérki Stepánovitch Mikulítsin.

— É mesmo?

— Sim, é isso mesmo. Mas, continuando, depois da morte da mulher, Aviérki Stepánovitch se casou de novo. Elena Próklovna, a segunda esposa, era uma ginasiana recém-saída do banco da escola e levada diretamente ao altar. Embora seja um tanto ingênua, ela finge uma ingenuidade maior, por cálculo; embora seja jovem, ela se faz de mais jovem do que realmente é. Dá estalidos, gorjeia, assume ares de inocente, de bobinha, de cotovia do campo. Assim que ela o vê, começa a testá-lo: "Em que ano nasceu Suvórov?",[5] "Enumere os casos de igualdade entre os triângulos". E chega ao cúmulo da alegria quando consegue pegar alguém. Dentro de algumas horas o senhor a verá e poderá confirmar a minha descrição.

"Ele, por sua vez, tem outras fraquezas: o cachimbo e a mania do eslavo eclesiástico. Pretendia fazer carreira na Marinha. No instituto, seguiu o curso de construção naval e ainda guarda qualquer coisa de lá no seu comportamento e nos hábitos. Não usa barba, passa o dia com o cachimbo no canto da boca, filtra as palavras sem pressa entre os dentes, sempre com ar cordial. Tem olhos acinzentados e frios, e o maxilar inferior é proeminente, típico dos fumantes. Ah, sim, e um detalhe que já ia esquecendo, ele é um *esser*, eleito pela região para a Assembleia Constituinte."

— Isso é importante. Significa que pai e filho estão em guerra? Que são adversários políticos?

— Teoricamente, sim. Na realidade, a taiga não entra em luta com Varíkino. Mas voltando às irmãs Túntseva, as cunhadas de Mikulítsin até hoje vivem em Iuriátin, solteironas. Os tempos mudaram, as moças também.

"A mais velha das três irmãs que sobraram, Avdótia Severínovna, é

bibliotecária municipal. É uma senhorinha morena e simpática, excessivamente tímida. Enrubesce por qualquer coisa, por exemplo, quando a sinusite crônica lhe provoca um ataque de espirros em meio ao silêncio sepulcral e constrangedor da sala de leitura. Nessas horas, tem vontade de se enfiar debaixo da terra. Mas o que quer? São os nervos.

"A do meio, Glafira Severínovna, é a bênção das irmãs. É uma mulher forte, trabalhadora incansável. Não teme a labuta. Todos são unânimes em dizer que o chefe *partisan* Lesníkh puxou à tia. Ora trabalha no ateliê de costura, ora na confecção de meias. Num piscar de olhos, se torna cabeleireira. O senhor se lembra daquela mulher que trabalhava de agulheira e nos mostrou a língua e o punho? Pois eu pensei que fosse Glafira, pensei que ela agora também trabalhasse na estrada de ferro. Mas creio que não, aquela me pareceu mais velha.

"Já a mais nova, Símuchka, é a cruz da família, uma provação. Moça instruída, culta. Estudou filosofia, amava poesia. No entanto, durante os anos da revolução, a exaltação geral, as manifestações de rua e os discursos em praça pública a abalaram de tal forma que a fizeram cair numa espécie de loucura mística. As irmãs a trancam à chave quando vão para o trabalho, mas ela pula a janela e sai gesticulando pelas ruas, juntando público, pregando a volta de Cristo e o fim dos tempos. Mas chega de conversa, que a minha estação já está próxima. Em seguida será a de vocês. Preparem-se."

Assim que Anfím Efímovitch desceu do trem, Antonina Aleksándrovna perguntou:

— Não sei quanto a você, mas eu sinto como se o destino nos tivesse enviado esse homem. Sinto que ele ainda terá alguma função benéfica na nossa vida.

— É bem possível, Tônietchka. Mas não me alegra saber que a reconhecem pela semelhança com o avô, e que ele seja tão lembrado por aqui. Veja o Strélnikov, por exemplo, mal toquei no nome Varíkino e ele imediatamente replicou em tom malicioso: "Varíkino, as usinas Kruger. Você não seria parente ou herdeiro?".

"Temo que aqui estejamos mais em evidência do que em Moscou, de

onde saímos em busca do anonimato. Agora já não podemos recuar.

"O que está feito, está feito. Mas é melhor não nos mostrarmos, ficarmos no nosso canto, imperceptíveis. No geral, não tenho bons pressentimentos. Vamos acordar os outros. Temos de fechar a bagagem e amarrar as correias, preparar-nos para descer."

7

De pé sobre a plataforma da estação de Torfiánaia, Antonina Aleksándrovna recontava pela enésima vez os membros da família e as bagagens para se certificar de não ter esquecido nada no vagão. Ela sentia sob os pés a areia firme do solo, mas o medo de perder a estação não a havia abandonado, e o ruído regular do trem em marcha continuava a ressoar em seus ouvidos, de forma que, apesar de ter diante dos olhos a plataforma imóvel, mantinha-se cega, surda e incapaz de raciocinar.

Os companheiros de viagem despediam-se dela do alto do vagão, mas ela nem sequer os notava. Nem sequer notou quando o trem partiu. Foi necessário que o seu olhar pousasse sobre o campo verdejante e sobre o céu azul além da via férrea para que percebesse que enfim o trem já não estava mais lá.

O prédio da estação era de pedra. Havia um banco de cada lado da entrada. Os viajantes moscovitas da Sívtsev Vrájek foram os únicos passageiros a desembarcar em Torfiánaia. Pousaram a bagagem no chão e se sentaram em um dos bancos.

O aspecto da pequena estação limpa, silenciosa e deserta os surpreendeu. Parecia-lhes insólito não haver uma multidão apressada nem tumultos ou brigas. Ali, naquele fim de mundo, a vida voltava no tempo, ultrapassada pela marcha da história. A selvageria da capital ainda não a havia alcançado.

A estação se escondia num pequeno bosque de bétulas. Ao se aproximar dela, o interior do trem ensombrecera. Pelas mãos e pelo rosto, pela areia amarela limpa e úmida da plataforma, pela terra e pelos telhados urdiam sombras moventes lançadas das copas das bétulas em leve ondulação. O silvo

dos pássaros congraçava-se com o frescor do arvoredo. Nus e límpidos como a insipiência, os sons preenchiam todo o bosque, penetrando-o com sua plenitude. Atravessado pela via férrea e por uma estrada vicinal, o pequeno bosque, sozinho, estendia sobre ambas os seus galhos flexíveis, que se inclinavam ao solo feito mangas largas de camisas a varrer o chão.

De repente, os olhos e ouvidos de Antonina Aleksándrovna se abriram. Ela imediatamente percebeu tudo: a sonoridade clara dos pássaros, a pureza do bosque solitário, a doce serenidade propagada ao redor. Compôs internamente uma frase: "Eu não acreditava que chegaríamos a salvo. Você compreende, o tal Strélnikov, ele poderia ter se mostrado magnânimo ao liberá-lo e em seguida telegrafado para cá com instruções para que nos detivessem ao descermos do trem. Eu não acredito, meu querido, na nobreza deles. É tudo fachada". Mas pronunciou outra coisa:

— Que maravilha! — exclamou, ante a visão do esplendor que a cercava. Não pôde acrescentar mais nada. As lágrimas a sufocaram, e desabou em prantos.

Ao ouvir os soluços, um velhinho, o chefe da estação, veio de dentro do prédio. Em passinhos miúdos, precipitou-se para o banco e, tocando polidamente a aba do boné vermelho do uniforme, perguntou:

— Talvez a senhora precise de umas gotinhas calmantes? Temos uma farmácia na estação.

— Não é nada, obrigado. Ela já vai melhorar.

— As preocupações da viagem, as inquietudes. Conhecemos bem isso. Acontece com frequência. Ainda mais com esse calor africano, raro nas nossas latitudes. E também os eventos em Iuriátin.

— Sim, pudemos observar o incêndio por lá.

— Quer dizer, vocês são da Rússia, parece, se não estou enganado.

— Da cidade das pedras brancas.[6]

— Moscovitas? Então, não é de admirar que os nervos da senhora estejam em desarranjo. Dizem que não restou pedra sobre pedra.

— Exageram. Mas é verdade que vimos de tudo por lá. Esta é minha filha; ele é meu genro. Este é o pequeno deles. E esta, a nossa jovem babá,

Niúcha.

— Prazer. Prazer. Muito prazer. Haviam me prevenido. Samdeviátov; Anfím Efímovitch nos telefonou da estação de Sákma. Dr. Jivago chegará de Moscou com a família, ele disse, peço-lhe que faça todo o possível para ajudá-los. O doutor é o senhor?

— Não, o dr. Jivago é este, o meu genro. Eu sou agrônomo, professor Gromeko.

— Perdão, eu me enganei. Desculpe. Prazer em conhecê-lo.

— Pelo que o senhor diz, conhece Samdeviátov?

— Como não conhecer aquele mágico. É a nossa esperança e arrimo. Sem ele, já teríamos todos esticado as canelas. Ele disse: faça todo o possível para ajudá-los. Decerto que sim, eu prometi. Então, se vocês quiserem um cavalo ou outra coisa, eu arranjarei. Para onde vocês pretendem ir?

— Nós vamos para Varíkino. É longe daqui?

— Varíkino? Ah, é isso, eu estava aqui pensando com quem a sua filha se parece. E vocês vão a Varíkino. Está explicado. Essa estrada de ferro, nós construímos juntos, Ivan Ernéstovitch e eu. Vou arrumar tudo para vocês. Vou pedir para trazerem uma charrete. Donat! Donat! Leve essas bagagens por enquanto para a sala de espera. Onde podemos conseguir um cavalo? Corra até a casa de chá, meu irmão, pergunte lá. Parece que eu vi Vakkh por aqui esta manhã. Procure saber, talvez ele ainda esteja por aí. Se o vir, diga a ele que é para conduzir a Varíkino quatro pessoas que acabaram de desembarcar. Pouca bagagem. Rápido! E para a senhora, deixe-me dar um conselho de pai. Eu, propositalmente, não pergunto sobre o seu grau de parentesco com Ivan Ernéstovitch Kruger, mas seja prudente com relação a isso. Não fale abertamente com ninguém. Nos tempos atuais, é bom pensar um pouco.

Ao ouvir o nome de Vakkh, os viajantes trocaram olhares estupefatos. Não haviam se esquecido da história da falecida Anna Ivánovna sobre o lendário ferreiro que forjou tripas de ferro indestrutíveis e outras fábulas mais e contos da região.

8

O cocheiro conduzia uma égua branca que acabara de parir. Era um velho orelhudo e desgrenhado, de cabelos totalmente encanecidos. Por alguma razão, tudo nele era branco: as sandálias novas de côdea ainda não escurecidas pelo uso, a camisa e a calça desbotadas, embranquecidas pelo tempo.

Atrás da égua, levantando as patas cartilaginosas ainda não ossificadas, corria um potrinho murzelo negro como a noite, de cabecinha encrespada, mais parecendo um brinquedo de madeira talhada.

Sentados na borda da carroça, que saltitava sobre os buracos, os viajantes seguravam-se aos rebordos para não cair. Sentiam uma enorme paz de espírito. O sonho deles se realizava, aproximavam-se do objetivo da viagem. Com exuberância e generosa largueza, as horas crepusculares retardavam, prolongando a claridade desse dia luminoso.

A estrada passava ora pelo bosque, ora por clareiras abertas. No bosque, as raízes provocavam solavancos que os faziam contrair-se e estreitar-se uns contra os outros. Já nos locais abertos, ali onde parecia que o espaço tirava alegremente o chapéu à sua passagem, eles se recompunham, sacudiam a cabeça e se instalavam mais à vontade.

A região era montanhosa, e as montanhas, como sempre, possuíam características e fisionomia próprias. Elas lançavam suas sombras poderosas e soberbas ao longe, e, silenciosas, observavam-nos aproximar-se. Uma doce luz rósea percorria o campo por trás dos viajantes, acalmando-os e trazendo esperanças.

Tudo lhes agradava e tudo os surpreendia, sobretudo a conversa infindável desse velho e esquisito cocheiro, onde vestígios de formas antigas da língua russa, aportes tártaros e torções dialetais misturavam-se a palavras obscuras de sua própria invenção.

Sempre que o potrinho ficava para trás, a égua parava e o aguardava. Ele, então, corria para alcançá-la em saltos suaves e ondulantes. Deslocando de modo desajeitado as pernas longas e estreitadas, aproximava-se timidamente

da carroça, deslizava a pequena cabeça de pescoço comprido sob o varal que atrelava a mãe e mamava.

— Eu não entendo — gritava Antonina Aleksándrovna ao marido. Os sacolejos da carroça faziam-na bater os dentes e, para não morder a língua no caso de uma sacudidela imprevista, destacava as palavras cuidadosamente. — Será possível que este seja o mesmo Vakkh de quem mamãe falava? Você se lembra daquelas bobagens todas? Do ferreiro que teve as tripas arrancadas em uma briga e que fabricou outras para si? O ferreiro Vakkh, Tripas-de-Ferro. Eu sei que isso é lenda. Mas será que essa lenda é sobre ele? Será que ele é o próprio Vakkh?

— Claro que não. Em primeiro lugar, você mesma reconhece que é lenda, folclore. Em segundo lugar, mamãe mesma dizia que era uma lenda centenária. E não fale tão alto, o velho pode escutar e se ofender.

— Ele não escuta nada, é duro de ouvido. E se escutar, não vai entender nada, é meio abobalhado.

— Ehê! Fiódor Nefióditch! — gritou o velho, fustigando o animal. Sabe-se lá por que ele lhe atribuía esse nome masculino, logo ele, que sabia mais que ninguém que se tratava de uma égua. — Oh, calor excomungado! Como os jovenzinhos de Abraão na fornalha dos Persas. Vamos, diabo! Tô mandando, Mazepa!

E, súbito, começou a entoar refrões de cantigas compostas nas usinas locais em tempos passados:

Adeus, sede principal,
Adeus mina e fiscal.
Comi do pão do meu patrão,
Do charco, bebi meu quinhão.
Na margem um cisne nada,
Remexe a água com a pata.
Não é vinho que me escabuja,
Entrego Vânia pra recruta.
E eu, Macha, sou bem esperto,

Eu, Macha, não sou tolo, não erro.
Pra Seliaba, vou-me embora,
Servir a Sintetiúrikha desde agora.

— Eh, diaba, não escuta a danada. Olhem só pra essa carniça, essa besta esquiva! Você fustiga, fustiga e ela… nada. Ôhoo! Fídia-Nefídia, como é, vai decidir? Esse bosque, chamam de taiga, não tem fim. É ali que está a força do povo camponês, nele, nele! Lá é que estão os Irmãos dos Bosques. Ehê, Fídia-Nefídia, parou de novo, diaba!

De repente, o velho se voltou e, olhando fixamente para Antonina Aleksándrovna, disse:

— Você pensa, jovem, que eu não senti logo de onde você é? Você é simples, mãe, estou vendo. Que a terra me engula se eu não te reconheço! Ah, reconheço! Não creio nessas bolas, é o Grigóv vivinho! (Usava *bolas* para se referir aos olhos, e *Grigóv*, para indicar Kruger.) Você não é a neta, por acaso? Como se ele estivesse aqui, diante dos meus olhos, o Grigóv. Foi com ele que eu gastei a vida, que perdi os dentes. Fiz de tudo, trabalhei em todos os ofícios: nas galerias, no guincho, nos cavalos. Êia! Vamos! Parou de novo, a perneta. Anjos da China! É pra você que eu tô falando! Êia!

"Você quer saber quem é o Vakkh aqui, se é o ferreiro? Você é simples, mãe, é uma dama e tem olhos grandes, mas é tola. O seu Vakkh é Postanógov de família. Postanógov, Tripa-de-Ferro, já faz meio século que está na terra. Mas nós, a nossa família é outra, Mekhonóchin. O nome é o mesmo, mas o sobrenome é diferente. Não se engane."

Aos poucos, o velho contou-lhes, em sua linguagem particular, tudo o que já haviam escutado de Samdeviátov sobre os Mikulítsin. O velho chamava o casal de Mikulítch e Mikulítchna. Referia-se à atual mulher do intendente como "segunda esposa", e quanto à "primeira, a falecida", dizia que era uma mulher doce como mel, um alvo querubim. Quando passou a falar do chefe dos *partisans*, Liviéri, ao saber que sua fama não havia chegado a Moscou, que na capital jamais tinham ouvido falar dos Irmãos dos Bosques, aquilo lhe pareceu inacreditável:

— Não conhecem? Nem os camaradas dos Bosques? Anjos da China! E o que Moscou faz com as orelhas?

A tarde começava a cair. Os viajantes viam suas sombras correrem à frente, cada vez mais alongadas. Atravessavam um vasto espaço deserto. Aqui e ali, viam-se tufos isolados com flores na ponta das hastes fibrosas, despontavam altos caules de quinoa, cardo e salgueirinha. Os raios do sol poente alcançavam o nível do solo e os iluminavam por baixo, dilatando seus contornos e formando imagens imóveis de sentinelas a cavalo pelo campo.

À frente, via-se de longe a planície desembocar no sopé de uma cadeia de montanhas. As montanhas atravessavam a estrada e formavam uma muralha que parecia mergulhar em alguma ravina ou rio. Era como se o céu estivesse rodeado por uma cerca, e a estrada vicinal conduzisse até os seus portões.

No alto das escarpas, os viajantes perceberam uma casa branca e baixa, de forma alongada.

— Estão vendo a torre na colina? — perguntou Vakkh. — É lá que vivem Mikulítch e Mikulítchna. E para baixo há um vale que chamam de Chutmá.

Duas detonações ressoaram daquele lado, uma após a outra, lançando um eco múltiplo e fragmentado.

— O que é isso? Não serão os *partisans*, avô? Será que isso é para nós?

— Cristo os proteja. Que *partisans*, que nada. É o Mikulítch espantando os lobos na Chutmá.

9

O primeiro encontro dos recém-chegados com os donos da casa aconteceu no pátio de entrada. Foi uma cena penosa que começou em silêncio para terminar em barulho, confusão e desordem.

Elena Próklovna retornava de um passeio no bosque e entrava no pátio. Os raios dourados do sol crepuscular, quase do mesmo tom dos cabelos dela, alcançavam-lhe os traços do rosto após atravessarem o bosque, de árvore em árvore. A moça vestia roupas leves de verão e com um lenço enxugava o

rosto avermelhado e suado pela caminhada. Uma fita transpassava-lhe o pescoço descoberto e se prendia ao chapéu de palha atirado às costas.

O marido vinha ao seu encontro com uma espingarda nas mãos. Voltava da ravina e pretendia pôr-se imediatamente a limpar os resíduos de fuligem nos canos, pois notara certas falhas ao descarregar a arma.

De repente, de forma inesperada, um veículo rolou ligeiro e barulhento pela entrada pavimentada do pátio. Era Vakkh que lhes trazia um presente.

Tão logo desceram da carroça, Aleksandr Aleksándrovitch, com embaraço, tirando e recolocando o chapéu seguidamente, começou a dar as primeiras explicações.

Por alguns instantes, os donos da casa, pegos desprevenidos, permaneceram imersos numa espécie de estupor, ao passo que os envergonhados intrusos, não menos sinceros em sua confusão, não sabiam onde se enfiar. As explicações eram supérfluas, mas a situação estava clara para todos, inclusive para Vakkh, Niúcha e Chúrotchka A sensação de doloroso constrangimento alcançava até mesmo a égua, o potro, os raios dourados do sol e os mosquitos que rodeavam Elena Próklovna e pousavam sobre o seu rosto e pescoço.

— Eu não entendo — disse por fim Aviérki Stepánovitch, rompendo o silêncio. — Eu não entendo, não estou entendendo nada e não vou entender nunca. Por acaso aqui é o sul? É a terra do trigo? Estamos entre os brancos? Por que escolheram justamente nós? Por que para cá, justamente para cá?

— Interessante, será que vocês pensaram na responsabilidade que isso significa para Aviérki Stepánovitch?

— Liénotchka, não se meta. Sim, justamente. Ela tem toda razão. Vocês pensaram no fardo que isso significa para mim?

— Por Deus, de forma alguma. Vocês não nos entenderam. A nossa demanda é pequena, insignificante. Nada que possa ameaçá-los ou que ameace a sua tranquilidade. Precisamos apenas de um canto em alguma casa abandonada. De um pedaço de terra que não faça falta a ninguém, para plantarmos uma horta. De um pouco de lenha, que apanharemos no bosque

sem que ninguém perceba. Será que é pedir muito? É um atentado?

— Não, mas o mundo é vasto. Por que nós? Por que justamente a nós é dada essa honra e não a qualquer outro?

— Nós já sabíamos de vocês e esperávamos que tivessem ouvido falar de nós. Que não seríamos estranhos a vocês e também que não estaríamos entre estranhos.

— Então, é por causa de Kruger? Por que vocês são da família dele? Mas como vocês têm o topete de supor coisa semelhante nos tempos atuais?

Aviérki Stepánovitch tinha traços regulares, os cabelos jogados para trás, caminhava a passos largos e no verão levava uma camisa típica amarrada na cintura por um cordão estreito com borla. Outrora, homens que andavam assim eram piratas, mas nesses novos tempos tal figura caracterizava o eterno estudante ou o sonhador de tom professoral.

Aviérki Stepánovitch havia consagrado sua juventude ao movimento de libertação, à revolução. A única coisa que temia era não viver o suficiente para vê-la, ou que, ao eclodir, ela não tivesse a força necessária para satisfazer as suas aspirações radicais e sanguinárias. Ora, ela veio, virando de ponta-cabeça todas as suas previsões mais ousadas. Ele, que sempre tinha sido amigo dos operários e um dos primeiros a fundar um comitê, pondo-o sob o controle dos trabalhadores, na usina Sviatogór Bogatír, justamente ele ficou na mão, fora do curso das coisas, diante de uma aldeia vazia, uma vez que os trabalhadores fugiram, em parte para se unir aos mencheviques. E agora, essa história absurda; esses indesejáveis dejetos de Kruger lhe pareciam uma zombaria do destino, uma ironia da sorte, e fizeram transbordar o copo de sua paciência.

— Não, isso é coisa de maluco. É inconcebível. Vocês não entendem o perigo que representam para mim, em que situação me colocam? Devo ter enlouquecido de vez. Eu não entendo, não estou entendendo nada e não vou entender nunca.

— Interessante, será que vocês não percebem que sem vocês nós já vivemos em cima de um vulcão?

— Liénotchka, não se meta. Sim, justamente, minha mulher tem toda a

razão. Já sem vocês nós temos muitos problemas. Uma vida de cachorro, uma casa de loucos. Todo tempo entre dois fogos, sem saída. Uns cães o penduram, porque seu filho é um vermelho, um bolchevique, um ídolo do povo. Outros o olham torto, porque você foi eleito para a Constituinte. Você se debate e não agrada ninguém. E aí aparecem vocês. Vai ter muita graça ser fuzilado por causa de vocês.

— Mas o que está dizendo! Reconsidere! Por Deus, o que é isso?

Depois de algum tempo, já mais calmo, Mikulítsin disse:

— Bem, basta! Já latimos bastante aqui fora, vamos continuar lá dentro. Certo é que eu não prevejo nada de bom pela frente. Mas obscura é a água retida nas nuvens, impenetráveis os desígnios da sorte. No entanto, não somos janízaros nem muçulmanos. Não vamos deixá-los no bosque para serem devorados por Mikháilo Potápitch.[7] Acho melhor, Liénotchka, acomodá-los no quarto da palmeira, ao lado do gabinete. Depois discutiremos para ver onde poderão se instalar. Acho que vamos colocá-los no parque. Entrem, por favor. Sejam bem-vindos. Vakkh! Traga as bagagens. Ajude-os.

Ao cumprir as ordens, Vakkh suspirou:

— Mãe dos céus! São que nem peregrinos. Só trouxinhas. Nem uma mala sequer!

10

Caiu uma noite fria. Os recém-chegados foram se lavar. As mulheres prepararam o quarto que lhes fora reservado. Quanto a Chúrotchka, inconscientemente habituado a ver os adultos acolherem com entusiasmo as sentenças pueris que pronunciava em sua linguagem infantil e que para agradá-los dizia um monte de bobagens, esse não era o seu dia. Hoje, a sua falação não fazia sucesso e não lhe davam nenhuma atenção. Estava triste por não deixarem o potrinho negro entrar em casa e, quando ralharam com ele para que se aquietasse, começou a chorar. Tinha medo que não o quisessem mais por ser malcriado e o devolvessem à loja de brinquedos, de

onde, imaginava, os pais o haviam trazido depois de nascer. Expressava alto os seus temores sinceros, mas seus infantilismos tolos não causavam a impressão habitual. Os adultos, constrangidos por estarem em casa alheia, movimentavam-se com mais prontidão e fechavam-se no silêncio das suas preocupações. Chúrotchka se ofendia e fazia manha, como dizem as babás. Deram-lhe de comer e com dificuldade o puseram na cama. Por fim, o menino adormeceu. Ustínia, a empregada dos Mikulítsin, levou Niúcha consigo para jantar e iniciá-la nos segredos da casa. Antonina Aleksándrovna e os homens foram convidados para o chá.

Aleksandr Aleksándrovitch e Iúri Andréievitch pediram licença para se retirar por um instante e saíram ao terraço para respirar ar fresco.

— Quantas estrelas! — disse Aleksandr Aleksándrovitch.

A escuridão era tão profunda que, a dois passos um do outro, sogro e genro não se viam. Mas de um canto dissimulado pelo ângulo da casa, a luz de um lampião alcançava a ravina. Nessa noite fria e úmida, o facho luminoso clareava os contornos brumosos dos arbustos, das árvores e de outras coisas indistintas, o que tornava ainda mais espessa a obscuridade em torno dos dois homens.

— Amanhã de manhã devemos examinar o anexo que ele nos propôs; se estiver habitável, começamos imediatamente a restaurá-lo. Será o tempo necessário até que comece o degelo do solo e a terra se aqueça. E então, poremos mãos à obra na plantação. Parece que ele nos prometeu sementes de batata. Será que entendi bem?

— Sim, prometeu. E também outras sementes. Ouvi muito bem. Quanto ao local que nos propôs, nós o vimos de passagem, quando atravessamos o parque. Sabe onde é? São os fundos da casa senhorial, mergulhados em urtigas. É uma construção em madeira, por trás da casa principal em pedra. Eu lhe mostrei da carroça, não se lembra? Penso em fazer a horta ali mesmo. Ainda deve haver restos do jardim. Ao menos tive essa impressão. Espero não estar enganado. Teremos de descobrir as veredas e contorná-las, mas a terra dos antigos canteiros deve estar bem adubada e rica em húmus.

— Vamos ver isso amanhã. Não sei. O solo pode ter sido invadido por

ervas daninhas e estar duro como pedra. É possível que houvesse uma horta ao lado da casa. Quem sabe se conservou algum canto vazio. Bem, amanhã vamos esclarecer. Esta noite com certeza vai gear e talvez a geada se prolongue pela parte da manhã. Que bom já estarmos aqui, neste lugar. Podemos nos felicitar por isso. É um bom lugar. Estou contente.

— Sim, são boas pessoas. Sobretudo ele. Ela parece um tanto afetada. Parece descontente consigo mesma, como se algo nela a incomodasse. Daí essa tagarelice contínua, fútil e empolada. É como se tentasse desviar a nossa atenção do seu aspecto, prevenir uma impressão desfavorável. E o fato de se esquecer de tirar o chapéu, de deixá-lo pendurado às costas, também não é distração. É pura conveniência.

— Vamos entrar, não é educado ficar aqui fora tanto tempo.

Os dois homens atravessaram o escuro gabinete a caminho da sala de jantar, onde os donos da casa e Antonina Aleksándrovna, sentados à mesa redonda e sob uma luminária, já tomavam chá ao redor do samovar.

O gabinete possuía uma ampla janela de vidro que ocupava toda a parede e dava para a ravina. Dessa imensa janela, segundo a percepção que o médico teve ainda de dia, descobria-se, além da ravina, a planície pela qual Vakkh os havia conduzido. Próximo à janela e também ocupando toda a extensão da parede, havia uma mesa larga de projetista ou desenhista, cujas dimensões pareciam realçadas pela espingarda de caça, depositada ao comprido sobre ela.

Dessa vez, ao passarem pelo gabinete, Iúri Andréievitch observou com certa inveja a janela e sua imensa vista, o tamanho e a posição da mesa, a boa dimensão do cômodo e sua confortável mobília. Tanto que, ao entrar na sala de jantar com Aleksandr Aleksándrovitch e se aproximar da mesa do chá, não pôde deixar de exclamar para o anfitrião:

— Que lugar maravilhoso! E o gabinete é admirável, deve estimular e inspirar o trabalho.

— Querem no copo ou na xícara? Preferem forte ou fraco?

— Iúrotchka, veja o estereoscópio que o filho de Aviérki Stepánovitch fabricou quando era criança.

— Ele até hoje não cresceu, não criou juízo, apesar de estar tomando do Komútch uma região após outra para o poder soviético.

— Como disse?

— Komútch.

— O que é isso?

— É o exército do governo siberiano que luta para restaurar o poder da Assembleia Constituinte.

— Nós, hoje, só ouvimos elogios ao seu filho. Pode se orgulhar dele.

— Essas vistas dos Urais, duplas, estereoscópicas, também são trabalho dele. Ele as captou com uma objetiva de sua própria fabricação.

— Esses biscoitos são com sacarina? São deliciosos.

— Claro que não! Sacarina aqui, onde já se viu! São de puro açúcar. Não notaram que eu tirei do açucareiro para pôr no chá?

— Não, realmente. Eu observava as fotografias. E o chá parece natural.

— Sim, claro. Feito da própria flor.

— De onde é?

— Temos as nossas mágicas. Um conhecido. Ativista de esquerda convicto. Representante oficial do conselho popular de economia da província. Ele leva lenha aqui do bosque para a cidade e, por amizade, nos traz grãos, manteiga e farinha. Siviérka (assim ela chamava o seu Aviérki), Siviérka, passe o açucareiro. Agora, interessante, respondam: em que ano morreu Griboiêdov?[8]

— Creio que nasceu em 1795. Mas não me lembro exatamente de quando morreu.

— Mais chá?

— Não, obrigado.

— Agora, outra coisa. Digam: quando e quais países assinaram o acordo de paz de Nimwegen?[9]

— Não os torture, Liénotchka. Deixe que descansem da viagem.

— Agora, o mais interessante. Enumerem, por favor, os tipos de lente de aumento e em que casos se obtêm imagens reais, invertidas, diretas e imaginárias.

— De onde vêm os seus conhecimentos de física?

— De um maravilhoso matemático que tivemos em Iuriátin. Ele ensinava nos dois ginásios, no masculino e no nosso. E como explicava! Como explicava bem! Um deus! Mastigava tudo e colocava na nossa boca. Antípov. Era casado com uma professora daqui. As meninas eram loucas por ele, todas se apaixonavam por ele. Partiu como voluntário para a guerra e não voltou mais, foi morto. Afirmam que, por praga de Deus e castigo dos céus, o comissário Strélnikov é Antípov ressuscitado. É lenda, claro. Isso não parece coisa dele. Mas, quem sabe? Tudo pode acontecer. Mais um pouco de chá?

---

1. Mártir festejada pela Igreja ortodoxa em 13 de junho.
2. *Bilinas*: lendas medievais russas. *Poddióvka*: casaco pregueado na cintura.
3. Referência à peça teatral *As três irmãs*, de Anton Tchékhov (1860-1904).
4. "Filhas do norte", em russo.
5. Aleksandr Suvórov (1730-1800), considerado o último grande general do Império russo.
6. Como Moscou era conhecida, pela construção em pedras brancas do Krêmlin.
7. Urso de contos populares.
8. Aleksandr Griboiêdov (1795-1829), autor da célebre peça *A desgraça de ter espírito*.
9. Atualmente Neimegen. Referência à guerra entre França e Holanda (1678-9).

NONA PARTE
VARÍKINO

1

No inverno, com mais tempo livre, Iúri Andréievitch começou a fazer diversos tipos de anotações. Eis o que escreveu:

"Muitas vezes no verão, estive em vias de dizer com Tiútchev:[1]

Ah, o verão, que verão!
Vê-se, é puro sortilégio.
E por que graça deu-se a nós
De improviso e sem razão?

"Que felicidade trabalhar de sol a sol para si e para os seus, erigir um abrigo, cultivar a terra e dela tirar a subsistência, inventar seu próprio mundo como Robinson, imitar Deus na criação do universo e, junto à mãe que dá à luz, renascer, refazer-se sempre, a todo instante!

"Quantos pensamentos, quantas novas reflexões vêm ao espírito, enquanto as mãos se ocupam com o trabalho físico e muscular da plantação ou da carpintaria; enquanto nos impomos tarefas sensatas e fáceis de resolver fisicamente, cuja execução nos cumula de alegrias e sucessos; enquanto ao longo de seis horas escavamos a terra ou usamos o machado sob o céu aberto que nos queima com seu sopro benéfico. E se esses pensamentos, intuições e suposições não são passados para o papel, mas esquecidos em sua fugacidade, isso não é perda, e sim ganho. Ó anacoreta da cidade, que

fustiga com café forte e tabaco os nervos abalados e a imaginação, você não conhece o mais potente dos narcóticos, que consiste na necessidade sincera e na saúde férrea.

"Não vou mais longe, não prego a simplificação tolstoiana e o retorno à terra; não pretendo corrigir o socialismo com uma nova solução para a questão agrária. Apenas constato um fato, sem pretender erigir em sistema o que o destino nos reservou. Nosso exemplo é discutível e não permite tirar conclusões gerais. Nossa vida material é feita de elementos muito diversos. Só uma parte da nossa subsistência, os legumes e as batatas, nós produzimos com nossas próprias mãos. Tudo o mais vem de outras fontes.

"Utilizamos a terra ilegalmente. É um ato arbitrário, subtraí-la ao controle oficial do Estado. Os nossos cortes de lenha são roubo. A alegação de que tiramos do bolso do Estado o que no passado pertencia a Kruger não é desculpa. Estamos acobertados pela tolerância de Mikulítsin, que vive mais ou menos da mesma maneira. O que nos salva são as distâncias, o afastamento da cidade, onde, até agora, felizmente nada sabem da nossa fraude.

"Renunciei a exercer a medicina e guardo segredo sobre a minha profissão, a fim de não alienar minha liberdade. Mas ainda assim acontece, neste fim de mundo, de uma boa alma ouvir dizer que há um médico em Varíkino e se arrastar por trinta verstas de casa para pedir conselhos. E, então, surge alguém com uma galinha, outro com ovos, um terceiro com manteiga, e o que mais se possa imaginar. Tentei recusar os honorários, mas tive por fim de aceitá-los, porque as pessoas não creem na eficácia dos conselhos gratuitos. Assim, a prática médica termina por me dar alguma coisa. Mas o nosso principal apoio, assim como o dos Mikulítsin, é Samdeviátov.

"As contradições que esse homem tem de conciliar estão acima de qualquer compreensão. Ele é um sincero partidário da revolução e inteiramente digno da confiança que lhe depositou o conselho municipal de Iuriátin. Com seus plenos poderes, ele poderia requisitar e dispor de todo o bosque de Varíkino sem sequer nos prevenir, e nós não poderíamos dizer

nada, fazer nada. Por outro lado, se desejasse roubar o Estado, poderia tranquilamente embolsar o que quisesse e ninguém ousaria dar um pio. Não tem que prestar contas a ninguém nem presentear ninguém. O que o obriga a se ocupar conosco, a ajudar os Mikulítsin, a sustentar todo mundo na região, a exemplo do chefe da estação de Torfiánaia? Ele viaja o tempo todo para suprir o necessário e ainda encontra tempo para analisar e comentar, com igual paixão, *Os demônios*, de Dostoiévski, e o *Manifesto comunista*. Tenho a impressão de que se ele não tornasse a sua vida tão complexa com semelhante generosidade e prodigalidade, morreria de tédio."

2

Um pouco mais tarde, o médico anotou:

"Estamos instalados nos fundos da casa senhorial, em dois cômodos construídos de madeira, que na infância de Anna Ivánovna eram destinados por Kruger à elite doméstica, ou seja, à costureira, à governanta e à babá aposentada.

"Esse recanto estava bastante desgastado pelo tempo, mas nós o recuperamos bem rapidamente. Com a ajuda de alguns conhecidos, deslocamos o forno que aquece os cômodos, de forma a utilizar melhor o calor.

"Neste local do parque, os vestígios das antigas aleias desapareceram sob a nova vegetação que invadiu tudo. Mas agora, com o inverno, quando tudo ao redor está morto, e o vivo não recobre mais o que morreu, o antigo traçado avulta mais nítido sob a neve.

"Tivemos sorte. O outono foi incrivelmente seco e quente. Conseguimos colher as batatas antes das chuvas e do início do frio. Deduzindo o que devíamos e entregando em pagamento a Mikulítsin, sobraram-nos exatamente vinte sacos. Foram todos armazenados sob o solo e recobertos pelas tábuas do porão, que revestimos com feno e cobertores rasgados. Descemos ainda dois tonéis de pepinos salgados por Tônia e a mesma quantidade de repolhos também preparados por ela. Os repolhos frescos

foram afixados ao longo das colunas, dois a dois. As provisões de cenouras foram enterradas na areia seca junto com rabanetes, beterrabas e nabos, em boa quantidade; e no alto da casa, guardamos vários tipos de grãos. A lenha que juntamos no galpão será suficiente até a primavera. Adoro respirar o odor quente do subsolo no inverno, esse aroma misturado de raízes, terra e neve que atinge o nariz assim que você levanta a trava do porão de manhã cedinho, antes da aurora, com um toco de vela na mão e uma chama vacilante, prestes a se apagar.

"Ao sair do porão, o dia ainda não clareou. Você faz ranger a porta ou espirra sem querer, ou simplesmente a neve estala sob seus pés e, lá embaixo, nos canteiros da horta em que talos de repolhos despontam sob a neve, as lebres debandam em fuga, deixando a neve sulcada com os traços de suas pegadas. Pelas redondezas, um após outro, os cachorros começam a latir longamente. Os últimos galos terminam de cantar, a hora se foi. E o dia se levanta.

"A imensa planície está igualmente sulcada por pegadas de lince, covinha após covinha, estendendo-se pela neve como uma cuidadosa enfiada de pérolas. O lince caminha como o gato, patinha após patinha, mas diz-se que percorre distâncias consideráveis em uma noite.

"Aprontam armadilhas, *slóptsi*, como chamam por aqui, para apanhá-lo, mas são as pobres lebres cinzentas que se deixam prender, sendo resgatadas já congeladas, rígidas e meio enterradas na neve.

"De início, durante a primavera e o verão, a vida foi bem difícil. Ficamos esgotados. Agora, nas longas noites de inverno, descansamos. Reunimo-nos em torno da luz do lampião graças a Anfím, que nos traz querosene. As mulheres costuram ou tricotam, eu e Aleksandr Aleksándrovitch lemos em voz alta. O fogão é aceso, e com a minha aptidão de foguista finalmente reconhecida cuido de fechar a tampa da chaminé para não perder calor. Se um toco queima mal e abafa o forno, eu o retiro e vou correndo lançá-lo longe, fumegante, na neve. Ele voa lançando faíscas como uma tocha incendiada, iluminando a margem negra do parque adormecido e os quadrados brancos dos relvados; em seguida, a tocha chia e apaga ao cair

sobre a neve.

"Lemos e relemos sem parar *Guerra e paz*, *Evguêni Oniéguin* e todos os poemas de Púchkin; lemos em tradução russa *O vermelho e o negro*, de Stendhal, *Um conto de duas cidades*, de Dickens, e os pequenos contos de Kleist."

3

À aproximação da primavera, o médico anotou:

"Parece-me que Tônia está grávida. Eu disse isso a ela. Embora ela não compartilhe da minha suposição, estou convencido. Há sinais imperceptíveis que são anteriores aos indícios evidentes, e eu os vejo, não posso estar enganado.

"O rosto da mulher se modifica. Não se pode dizer que enfeou, mas o aspecto exterior, que até então ela dominava, escapa ao seu controle. Está nas mãos do futuro que sairá dela e já não é ela mesma. Essa emancipação dos seus traços toma a aparência de uma desorganização física em que o rosto perde a luminosidade, a pele torna-se áspera e os olhos começam a brilhar independentemente da sua vontade, como se ela, sem conseguir controlar os elementos, renunciasse a dirigi-los.

"Tônia e eu nunca nos afastamos um do outro. Mas esse ano de trabalho nos aproximou ainda mais estreitamente. Observei como ela é forte, infatigável, expedita, como sabe organizar o trabalho de forma a perder o menos possível de tempo quando troca de ocupação.

"Sempre me pareceu que toda concepção é imaculada e que esse dogma não concerne apenas à Virgem Maria, mas exprime uma ideia geral da maternidade.

"Em toda parturiente há o mesmo reflexo de solidão, de abandono e de doação de si. Nesse instante crucial, o homem pode tão pouco que parece não ter sentido estar ali, como se tudo ocorresse por obra dos céus.

"A mulher está sozinha ao trazer ao mundo a criança; está sozinha ao passar com ela para o segundo plano da existência, onde reina uma paz

profunda e onde se pode sem medo pousar um berço. Está sozinha na resignação silenciosa com que a alimenta e educa.

"Suplicam à Virgem Maria: 'Intercede junto ao Teu Filho e ao Teu Deus'. Depositam nos lábios dela trechos do salmo: 'Meu espírito exulta em Deus meu Salvador. Porque olhou para a Sua humilde serva, todas as gerações me proclamarão bem-aventurada'. Ela fala de Seu filho, Ele a glorificará ('Pois o Todo-Poderoso me criou'), ele é a sua glória. E toda mulher pode dizer o mesmo. O seu deus está na criança. Esse sentimento deve ser familiar às mães de grandes personalidades. Mas todas as mães são mães de grandes personalidades, e não é culpa delas se depois a vida as engana."

4

"Nós relemos incansavelmente *Evguêni Oniéguin* e os poemas de Púchkin. Ontem Anfím apareceu e nos trouxe presentes. Regalamo-nos e tivemos luz. Conversas sem fim sobre arte.

"Há muito tempo penso que a arte não é uma categoria, um domínio que abraça uma infinidade de conceitos e fenômenos com suas ramificações; ao contrário, é algo restrito, concentrado, um princípio que ressalta da composição artística, o nome da força empregada na obra ou a verdade que elabora. A arte nunca me pareceu ser um objeto ou um aspecto da forma, mas, antes, um elemento misterioso e oculto do conteúdo. Para mim, isso é claro como o dia, eu o sinto em todas as fibras do meu ser, mas como exprimir e formular esse pensamento?

"As obras falam de diversas formas: pelos temas, situações, enredos, personagens. Mas falam, sobretudo, pela presença da arte que ocultam em si. A presença da arte nas páginas de *Crime e castigo* comove mais do que o crime de Raskólnikov.

"A arte primitiva, a egípcia, a grega, a nossa, todas permanecem, através dos milênios, uma só e mesma arte, no singular. É uma espécie de pensamento, de afirmação sobre a vida excessivamente ampla para que possa

ser decomposta em palavras separadas; e quando um átomo dessa força insere na composição uma combinação mais complexa, essa parcela de arte passa a pesar mais do que o resto, tornando-se a essência, a alma e o fundamento do conjunto representado."

5

"Estou um pouco resfriado, com tosse e certamente febre baixa. O dia todo tenho sentido um engulho no estômago que me sobe à garganta e me tira o ar à altura da laringe. Estou mal. É a aorta. Primeiros sintomas da doença de coração que herdei da minha pobre mãe. Será isso mesmo? Tão cedo? Neste caso, não será longa a minha estada neste mundo.

"No quarto há um leve odor de fumaça. Percebe-se que estão passando a ferro. As mulheres passam e a todo momento retiram carvão em brasa do fogão mal aceso e o introduzem no ferro a vapor, cuja tampa trinca como uma mandíbula. Isso me lembra alguma coisa. Mas o quê? Minha indisposição me faz perder a memória.

"Anfím nos trouxe sabão em barra. Para comemorar, fizemos uma faxina geral, e há dois dias não se vigia Chúrotchka. Ele vem se aninhar debaixo da mesa enquanto escrevo, senta-se sobre a trave e, imitando Anfím, que o leva a passear de trenó cada vez que aparece, faz de conta que também me leva em seu trenó.

"Assim que melhorar, pretendo ir à cidade ler alguma coisa sobre etnografia e história da região. Dizem que há uma excelente biblioteca municipal, montada graças a doações generosas. Tenho vontade de escrever. Preciso me apressar. A primavera chegará num piscar de olhos e, então, haverá outras coisas para fazer e não sobrará tempo para a leitura e a escrita.

"Minha dor de cabeça só faz aumentar. Dormi muito mal. Tive um desses sonhos absurdos, do qual esquecemos ao acordar. Ele me fugiu da cabeça e só restou na consciência o motivo de ter despertado. O que me despertou foi a voz feminina que eu escutava e que o ar ecoava no meu sonho. Retive esse som e o reproduzi na memória, evocando sucessivamente todas as mulheres

que conheci, tentando encontrar qual delas é a dona dessa voz de peito, quente, grave e calma. Não pertence a nenhuma. Pensei que o fato de estar tão acostumado a Tônia talvez fosse uma barreira que me impedisse de perceber a voz dela. Tentei esquecer que ela é minha mulher e fiz recuar sua imagem a uma distância suficiente para deixar surgir a verdade. Não! Não é de forma alguma a voz dela. Portanto, isso permanece inexplicável.

"Aliás, a respeito dos sonhos, costuma-se pensar que à noite se reveem em sonho coisas que o impressionaram fortemente durante o dia. Pois eu observo exatamente o contrário.

"Mais de uma vez percebi que são justamente as coisas que mal notei, as ideias pouco claras, as palavras pronunciadas de forma ligeira, sem espírito e sem atenção, que retornam à noite, revestidas de carne e sangue, e se tornam o enredo dos meus sonhos como que para se vingar do desdém com que foram tratadas durante o dia."

6

"Noite gelada e clara. Luminosidade incomum e plenitude de tudo o que é visível. A terra, o ar, a lua, as estrelas estão imóveis e unidos pelo gelo. No parque, adormecidas de través nas aleias, as sombras bem delineadas das árvores parecem gravadas em relevo. Tem-se a constante impressão de que silhuetas negras atravessam intermitentemente vários locais da estrada. As estrelas mais luminosas suspendem-se sobre o bosque, entre os galhos, como lampiões de mica azul. As estrelinhas polvilham o céu, como as margaridas nos vales no verão.

"À noite, continuamos a falar de Púchkin. Analisamos os versos do primeiro tomo, dos tempos do liceu. Como a escolha da métrica é determinante aqui!

"Nos poemas de versos longos, sua ambição de juventude atingia os limites do Arzamás,[2] desejoso de se mostrar à altura dos mais velhos, de jogar poeira nos olhos do seu tio[3] por alusões mitológicas, grandiloquência, depravação imaginária e epicurismo, fazendo-o com prematura e afetada

sabedoria.

"Mas assim que se afastou das imitações de Ossian e de Parny, ou das 'Recordações de Tsárskoe Seló', o jovem descobriu o verso curto de 'A cidadezinha', de 'Missivas à minha irmã', e, mais tarde, em Kichinióv, de 'Ao meu tinteiro', ou ainda os ritmos de 'Missivas a Iudin', e todo o futuro Púchkin já despertava no adolescente.

"Como ocorre ao se abrir uma janela, a luz, o ar, o ruído da vida, as coisas e as substâncias irromperam em seus versos. Os objetos do mundo exterior e os objetos usuais, os substantivos comuns, comprimindo-se e aglomerando-se, dominaram as linhas, desalojando as palavras mais vagas. Objetos, objetos e mais objetos alinharam-se em colunas rimadas pelas bordas do poema.

"Justamente esse verso puchkiniano de quatro pés, tão célebre mais tarde, tornou-se uma espécie de unidade métrica da vida russa, um padrão que se toma para medir toda a existência russa, assim como se desenha o contorno do pé para fazer sapatos, ou se dá um número para encontrar luvas do seu tamanho.

"Da mesma forma, mais tarde, os ritmos da Rússia falante, a entonação melodiosa da fala cotidiana, encontraram sua medida de duração nos ritmos em três tempos de Nekrássov[4] e em suas rimas em dátilo."

7

"Como seria bom se, ao lado do meu serviço, do trabalho na terra ou da prática médica, eu pudesse acalentar algo duradouro, essencial, escrever alguma obra científica ou artística!

"Todo homem ao nascer é um Fausto destinado a tudo abraçar, a tudo experimentar e a tudo exprimir. Para que Fausto se tornasse um sábio, foram necessários os erros de seus predecessores e contemporâneos. O passo adiante na ciência se dá pela lei da repulsão, revertendo-se os enganos e as falsas teorias reinantes.

"Mas para que Fausto se tornasse um artista, foram necessários os exemplos contagiosos dos seus mestres. O passo adiante na arte se dá pela lei

da atração, a partir da imitação, seguindo e admirando os precursores preferidos.

"O que me impede de trabalhar, exercer a medicina e ao mesmo tempo escrever? Penso que não são as privações, nem a nossa vida errante, nem o sentimento de instabilidade que todas essas mudanças me provocam, mas o espírito que predomina em nossos dias, esse espírito de frases bombásticas que está tão disseminado, como: 'a aurora do futuro', 'a construção de um mundo novo', 'os luminares da humanidade'. Ao se ouvir essas palavras, inicialmente pode-se pensar: que imaginação grandiosa, que riqueza! Quando na realidade essa ênfase está ali justamente por falta de talento.

"O ordinário só é fabuloso quando tocado pela mão do gênio. Púchkin é o melhor exemplo disso. É um louvor ao trabalho consciencioso, aos hábitos cotidianos. Hoje, o termo 'pequeno-burguês' soa para nós como reproche. Esse reproche estava previsto nos versos de 'Genealogia':

Sou burguês, sou burguês.

"E na 'Viagem de Oniéguin':

Tenho por ideal uma patroa,
Meu desejo é o sossego,
E um pote de sopa de repolho.

"Dentre tudo o que é russo, o que eu atualmente mais gosto é do espírito infantil de Púchkin e de Tchékhov, da despreocupação acanhada de ambos diante de coisas tão turbulentas, tais como o fim último da humanidade e a sua própria salvação. Certamente eles também tinham as suas ideias, mas não se dispuseram a abordar assuntos tão pouco discretos; isso não era do gosto deles nem da sua alçada. Gógol, Tolstói e Dostoiévski se preparavam para a morte, se inquietavam, buscavam sentido na vida, tiravam conclusões, mas Púchkin e Tchékhov desviaram-se até o fim, em razão de particularidades decorrentes das suas inclinações artísticas; e no

encadeamento dessas particularidades, a vida de ambos transcorria imperceptivelmente, como se ela mesma fosse uma particularidade íntima intocada. Mas agora essa particularidade pertence a todos, pois, como a maçã colhida ainda verde da árvore, ela segue amadurecendo continuamente, ganhando sempre em sabor e significado."

8

"Primeiros sinais da primavera. O degelo. O ar recende a panquecas e vodca, como na Máslenitsa, quando o próprio calendário parece um trocadilho. Um sol sonolento semicerra os olhinhos oleosos no bosque; sonolento, o bosque espia por entre cílios de espinhos; untuosos, cintilam os raios do meio-dia. A natureza boceja, espreguiça, volta-se para o outro lado e de novo adormece.

"No capítulo VII de *Evguêni Oniéguin* é primavera, a casa senhorial está deserta depois da partida de Oniéguin, o túmulo de Liénski está no sopé da colina, à beira d'água.

E o rouxinol, da primavera o amante,
Canta a noite toda. Floresce a roseira.

"Por que amante? Falando francamente, o epíteto é natural, oportuno. É, de fato, o amante. Além disso, 'liubóvnik' [amante] rima com 'chipóvnik' [roseira]. Mas essa imagem sonora não estará se referindo ao 'soloviêi-razbóinik' [o assaltante-rouxinol] das bilínas?[5]

"Na lenda, ele se chama Assaltante-Rouxinol, filho de Odikhmántiev. E como está bem descrito!

Será de seu assovio de rouxinol,
Será de seu grito de animal,
Que todo raminho e ervinha se enrosca,
Toda florzinha azul despetala.

As sombras do bosque ao solo se inclinam,
E quanto às pessoas, estão todas mortas.

"Nós chegamos a Varíkino no início da primavera. Logo tudo verdejou, sobretudo na Chutmá, como é chamado o barranco abaixo da casa de Mikulítsin. A cereja-galega, o amieiro, a aveleira. Passadas algumas noites, os rouxinóis começaram a cantar.

"E como se os escutasse pela primeira vez, surpreendi-me novamente de sua melodia se distinguir do canto dos outros pássaros; impressionou-me o salto sem gradação que a natureza executa para atingir tal riqueza nesse chilrear incomparável. Que variedade na sucessão de frases musicais! Que intensidade nessas notas tão nítidas e ressonantes! Turguêniev descreve em algum lugar esse canto como sendo a flauta do *lechi*[6] ou o rodopio do pião. Dois motivos se destacam ali claramente: um 'tiokh, tiokh, tiokh' brilhante, ávido e precipitado, às vezes em três tempos, às vezes prolongado indefinidamente, ao qual a vegetação nova e coberta de orvalho responde com estremecimentos, como se estivesse sendo acariciada, sacudindo as folhagens. E outro feito de duas medidas bem distintas, pungentes, penetrantes, suplicantes, lembrando uma prece ou exortação: 'Otch-nis! Otch-nis! Otch-nis!'."[7]

9

"É primavera. Estamos nos preparando para os trabalhos no campo. Não há tempo para diários. Seria um prazer continuar as anotações. No entanto, será preciso deixá-las de lado até o inverno.

"Há alguns dias, mais propriamente na Máslenitsa, em pleno degelo, um camponês doente veio até nós de trenó, apesar da água e da lama. Naturalmente, recusei-me a recebê-lo: 'Não me leve a mal, amigo, mas parei de trabalhar com isso; não tenho medicamentos nem as instalações necessárias'. Mas não consegui me livrar. 'Ajude. A minha pele me faz sofrer. Por piedade. Meu corpo está doente.'

"O que fazer? Não tenho coração de pedra. Decidi recebê-lo. 'Dispa-se.' Eu o examino: 'Você tem lúpus'. Enquanto me ocupo dele, dou uma olhada de soslaio para o canto da janela e vejo uma garrafa de fenol. (Deus do céu, nem me pergunte de onde ela saiu, ela e outras coisas tão necessárias! Tudo isso se deve a Samdeviátov.) Olho pela janela e vejo outro trenó entrar no pátio. Num primeiro momento, penso que são novos doentes. Mas não, é meu irmão Evgraf que nos cai do céu. Evgraf se entreteve com os de casa, com Tônia, Churae Aleksandr Aleksándrovitch. Assim que me liberei, juntei-me a eles. Começaram as perguntas: como você veio parar aqui? De onde está vindo? Ele se esquivou como de hábito, manteve-se evasivo, não deu nenhuma resposta direta, apenas sorrisos, segredos, enigmas.

"Hospedou-se conosco por cerca de duas semanas, ausentando-se frequentemente para ir a Iuriátin. Um belo dia, desapareceu da face da Terra. Nesse meio-tempo, pude observar que Evgraf é ainda mais influente que Samdeviátov, mas os negócios e as relações dele são menos explicáveis. Quem é ele de fato? De onde vem o seu poder? De que se ocupa? Antes de desaparecer, prometeu tornar a nossa vida mais leve para que Tônia tenha tempo de educar Chúrotchka e eu possa me ocupar com a medicina e a literatura. Ficamos curiosos para saber como ele faria isso. Novamente silêncios e sorrisos. Mas ele não nos enganou. Certas coisas nos fazem pressentir que as condições da nossa vida vão de fato mudar.

"Como tudo isso é surpreendente! É meu meio-irmão. Temos o mesmo sobrenome. Mas, falando francamente, não há ninguém que eu conheça menos do que a ele.

"Já é a segunda vez que ele irrompe na minha vida como um gênio bom, um salvador que resolve todas as dificuldades. Talvez seja necessário que, entre todos os personagens que figuram em uma vida, se encontre uma força desconhecida, um ser quase simbólico que vem em seu socorro sem que você o chame; é possível que esse papel oculto do benfeitor seja exercido na minha vida pelo meu irmão Evgraf?"

E aqui terminam as anotações de Iúri Andréievitch. Ele nunca mais lhes deu sequência.

10

Iúri Andréievitch examinava os livros que havia solicitado, na sala da biblioteca municipal de Iuriátin. A sala de leitura, apta a receber até cem pessoas, era provida de diversas fileiras de mesas compridas que se estreitavam em direção às numerosas janelas. Quando escurecia, a sala era fechada. Durante a primavera, não se acendiam as luzes da cidade ao entardecer, mas Iúri Andréievitch nunca permanecia até o crepúsculo, não se detinha na cidade além da hora do almoço. Deixava na estalagem de Samdeviátov o cavalo que os Mikulítsin lhe emprestavam, trabalhava toda a manhã na biblioteca e, no meio do dia, voltava a Varíkino.

Até esse momento, Iúri Andréievitch raramente vinha a Iuriátin, onde não tinha nada a fazer. Conhecia mal a cidade. Mas quando viu os seus habitantes pouco a pouco lotarem a sala, sentando-se aqui e ali, teve a impressão de estar no centro de um dos seus cruzamentos mais movimentados, de estar conhecendo a cidade, como se não fossem os leitores de Iuriátin que afluíssem à sala, e sim suas casas e ruas.

No entanto, através das janelas, via-se a Iuriátin real, verdadeira, e não a imaginada. Próximo à janela do meio, a maior delas, achava-se um recipiente cheio de água fervida. Os leitores faziam pausa para fumar nas escadas, se aproximavam do recipiente, bebiam um pouco de água, entornavam as sobras em uma bacia e amontoavam-se às janelas para admirar a cidade.

Havia dois tipos de leitores: os antigos habitantes da intelligentsia local, que constituíam a maioria, e as pessoas simples do povo.

Os primeiros, dentre os quais predominavam as mulheres, usavam trajes pobres e desleixados, possuíam aspecto doentio e o rosto inchado por vários motivos: fome, icterícia ou hidropisia. Eram leitores assíduos, conheciam pessoalmente os funcionários da biblioteca e ali se sentiam em casa.

Já as pessoas do povo, estas possuíam um belo rosto saudável e vinham endomingadas. Entravam na sala com timidez e ar confuso, como numa

igreja, mas sua entrada era sempre barulhenta, embora isso não ocorresse por ignorância das regras, e sim porque, apesar de desejarem penetrar o ambiente em silêncio, não sabiam colocar os passos e a voz no diapasão desejado.

Na parede oposta às janelas havia um nicho com um balcão alto que o separava do resto da sala. Ali trabalhavam o bibliotecário-chefe e suas duas assistentes. Uma delas portava um xale de lã. Carrancuda, passava o tempo a tirar e recolocar o pincenê no nariz, aparentemente não por necessidade, mas ao sabor do seu humor inconstante. A outra, vestida com uma blusa de seda preta, certamente tinha alguma doença no peito, porque mantinha um lenço na boca e no nariz e falava e respirava por ele.

Como a metade dos leitores, os funcionários da biblioteca tinham o rosto inchado e alongado, a pele flácida, caída, a tez terrosa e esverdeada da cor do pepino salgado e do azinhavre. Todos os três cumpriam alternadamente as mesmas tarefas: explicavam em voz baixa aos novos leitores as regras de uso dos livros, examinavam as fichas com as solicitações, entregavam os livros e recebiam os devolvidos, e nos intervalos dedicavam-se a elaborar relatórios anuais.

Por uma estranha associação de ideias, entre a cidade real que surgia através das janelas e a cidade fictícia que era também a sala, e seguindo o vago parentesco sugerido por tantos rostos inchados, lívidos e com papeira, Iúri Andréievitch evocou a lembrança da agulheira furiosa da ferrovia, na manhã de sua chegada a Iuriátin; lembrou-se do panorama da cidade vista ao longe e das explicações que Samdeviátov lhe dera, sentado ao seu lado no piso do vagão. E agora que estava no coração daquele quadro, quis aproximar as explicações que lhe foram dadas à distância daquilo que via de perto. Mas já não se lembrava mais das indicações de Samdeviátov, e essa aproximação não resultou em nada.

11

Iúri Andréievitch estava sentado ao fundo da sala, rodeado de livros.

Tinha diante de si revistas com estatísticas locais e alguns trabalhos etnográficos sobre a região. Havia solicitado também dois estudos sobre a história de Pugatchóv, mas a bibliotecária de camisa de seda observou em voz baixa, através do lenço, que não era possível emprestar tantos livros de uma só vez à mesma pessoa, e que, portanto, para receber as obras que lhe interessavam, deveria devolver uma parte das que já havia tomado.

Ele se pôs, então, a folhear os materiais que estavam à sua frente com redobrada atenção para separar o que de fato lhe interessava e trocar o restante pelas obras históricas que desejava. Percorria rapidamente os índices com os olhos fixos, sem se deixar distrair pela multidão da sala. As pessoas não o atrapalhavam. Ele havia observado bem os vizinhos e, sem precisar levantar os olhos do livro, via-os mentalmente à direita e à esquerda, convencido de que até a sua partida eles não se deslocariam mais do que as igrejas e os prédios que apareciam pela janela.

Mas o sol não era imóvel, deslocava-se incessantemente ao longo das horas e já havia deixado para trás a parte leste da biblioteca. Seus raios incidiam agora sobre as janelas que davam para o sul, cegando os que se sentavam perto delas e os impedindo de ler.

A bibliotecária gripada desceu de seu posto e seguiu em direção às janelas, que possuíam cortinas brancas plissadas e enfeitadas, capazes de filtrar a luz. Ela as abaixou em todas as janelas, salvo a última, que estava na sombra. Nesta, ela puxou um cordão e abriu um basculante, espirrando em seguida.

Depois de espirrar pela décima vez ou mais, Iúri Andréievitch adivinhou que se tratava da cunhada de Mikulítsin, uma das irmãs Túntseva, de quem Samdeviátov havia falado. Assim como os outros leitores, Iúri Andréievitch ergueu a cabeça e olhou para ela.

Foi então que notou que algo havia mudado na sala. No canto oposto, havia uma leitora a mais. Iúri Andréievitch imediatamente reconheceu Antípova. Larissa Fiódorovna estava de costas para o médico e conversava em voz baixa com a bibliotecária gripada, que se debruçara e lhe cochichava alguma coisa. Essa conversa com certeza teve uma influência benfazeja

sobre a bibliotecária, pois num piscar de olhos ela se curou não somente da coriza, mas também da tensão nervosa. Lançando a Antípova um olhar gentil e reconhecido, a bibliotecária afastou o lenço que mantivera todo esse tempo pressionado contra os lábios, guardou-o no bolso e retomou o seu lugar no balcão, feliz, segura de si e sorridente.

Essa cena singela e tocante não passou despercebida. De vários cantos da sala, os leitores olhavam Antípova com simpatia e sorrisos. E por meio desses pequenos sinais, Iúri Andréievitch compreendeu o quanto ela era conhecida e querida na cidade.

12

O primeiro impulso de Iúri Andréievitch foi o de se levantar e aproximar-se de Larissa Fiódorovna. Mas foi detido por uma espécie de constrangimento ou temor que, embora estranhos à sua natureza, sempre dominaram os seus sentimentos com relação a ela. Decidiu não incomodá-la nem interromper o próprio trabalho. Para resistir à tentação de olhá-la, virou a cadeira de viés, de forma a praticamente dar as costas aos leitores, e mergulhou nos livros, mantendo um deles à mão e outro aberto sobre os joelhos.

No entanto, os pensamentos vagavam longe do objeto de pesquisa. E foi assim que, de repente, se deu conta de que a voz que havia escutado em sonho, numa noite de inverno em Varíkino, era a voz de Antípova. Essa descoberta o deslumbrou a tal ponto que retornou bruscamente com a cadeira ao local original, atraindo a atenção dos vizinhos, e se pôs a olhar Antípova.

Ele a via de perfil, quase de costas. Ela usava uma blusa xadrez de cor clara, cintada, e lia com a paixão de uma criança, em total esquecimento de si mesma, a cabeça levemente inclinada sobre o ombro direito. Por vezes, olhava pensativa para o teto ou apertava os olhos, fixando-os à sua frente. Depois, inclinava-se novamente sobre o caderno, apoiava a cabeça em uma das mãos e, com um movimento largo e rápido, anotava a lápis algumas

citações dos livros.

Iúri Andréievitch verificou a justeza das suas observações de outrora, em Meliuziéev: "Ela não gosta de se mostrar bonita e sedutora. Despreza esse aspecto da natureza feminina e parece se punir por ser tão bela. No entanto, essa hostilidade altiva contra si mesma a torna dez vezes mais irresistível".

"E como é belo, tudo o que faz! Ela lê como se a leitura não fosse uma atividade superior do homem, mas algo muito simples, acessível aos animais. Como se carregasse água ou descascasse batatas."

Essas reflexões acalmaram o médico. Uma paz raras vezes experimentada preencheu sua alma. Seus pensamentos deixaram de se dispersar, de pular de um objeto a outro. Involuntariamente, ele sorriu. A presença de Antípova produziu sobre ele o mesmo efeito que sobre a bibliotecária nervosa.

Deixando de se preocupar com a posição da cadeira e já sem temer se distrair, ele trabalhou durante hora ou hora e meia com ainda mais afinco e concentração do que antes da chegada de Antípova. Revolveu a montanha de livros à sua frente, separou o essencial e ainda conseguiu, de passagem, devorar dois artigos importantes. Satisfeito com o trabalho que fez, reuniu os livros para devolvê-los. Todos os pensamentos inoportunos o haviam deixado. Com a consciência tranquila e sem pensamentos preliminares, julgou que agora tinha o direito de rever a amiga de outrora, que podia se permitir tal alegria. Mas ao se levantar, percorreu o olhar pela sala e não viu mais Antípova.

Ainda não haviam retirado do balcão em que o médico depositou seus livros e brochuras as obras devolvidas por Antípova. Eram todos manuais de marxismo. Decerto ela reciclava sua formação política para retomar os cursos que lecionava.

Larissa Fiódorovna havia preenchido as fichas de solicitação com o seu endereço, que ficara à mostra. Podia-se ler facilmente, e Iúri Andréievitch o copiou, surpreso com a estranha referência: "Rua Kupiétcheskaia, em frente à casa das estátuas".

Ao se informar a respeito, Iúri Andréievitch compreendeu imediatamente que a expressão "casa das estátuas" era tão corrente em Iuriátin quanto a

designação dos quarteirões de Moscou pelo nome das igrejas paroquiais, ou a locução "cinco esquinas" em Petersburgo.

Chamavam assim a uma casa cinza-escuro da cor do aço, ornada de cariátides, de antigas estátuas de musas com pandeiros, liras e máscaras nas mãos. A casa servira de teatro privado ao mercador que a construíra no século anterior. Os herdeiros a haviam vendido para a Câmara do Comércio, que por sua vez deu nome à rua. A "casa das estátuas" era o ponto de referência de todo o quarteirão. Atualmente, instalara-se ali o comitê municipal do partido, e nas paredes da sua estrutura, cortada obliquamente pelo declive da montanha, onde antes se afixavam cartazes de teatro e de circo, agora pregavam decretos e deliberações do governo.

13

Era um dia frio e ventoso do início de maio. Depois de resolver alguns negócios na cidade, Iúri Andréievitch passou pela biblioteca, mas subitamente mudou de planos e foi ao encalço de Antípova.

O vento levantava nuvens de poeira e de areia que lhe barravam o caminho, obrigando-o a parar com frequência. O médico virava-se, fechava os olhos, abaixava a cabeça esperando o turbilhão passar e seguia adiante.

Antípova morava na esquina da rua Kupiétcheskaia com a travessa Novosvalótchni, em frente à casa das estátuas, essa casa de um cinza-escuro azulado que o médico via pela primeira vez. A casa de fato fazia jus ao seu epíteto e provocava uma impressão estranha, inquietante.

Todo o andar superior era rodeado de cariátides, figuras femininas mitológicas uma vez e meia maiores do que uma pessoa normal. Por um instante, entre duas lufadas de vento que encobriram a fachada, pareceu ao médico que todas as mulheres da casa haviam saído ao balcão e, debruçadas à balaustrada, observavam-no e à Kupiétcheskaia, que se estendia a seus pés.

Havia dois acessos para a casa de Antípova: a entrada social da rua e o pátio que dava para a travessa. Ignorando a existência do primeiro, Iúri Andréievitch escolheu o segundo.

Assim que ultrapassou o portão, o vento ergueu a terra e o lixo em turbilhões, ocultando a visão do pátio. Dessa cortina negra, acorreram às suas pernas galinhas cacarejantes perseguidas por um galo.

Quando a nuvem se dissipou, o médico vislumbrou Antípova perto do poço. Ela já tinha enchido os dois baldes e pousado a canga sobre o ombro esquerdo, no momento em que a ventania a alcançou. Para proteger os cabelos da poeira, amarrou às pressas um lenço dando um nó sobre a testa e apertou com os joelhos a barra de sua capa, que o vento inflava. Já se dirigia com os baldes para dentro, quando uma nova rajada desfez seus cabelos, arrancando-lhe o lenço da cabeça e levando-o para o portão, onde as galinhas continuavam a cacarejar.

Iúri Andréievitch correu atrás do lenço, apanhou-o e o entregou, perto do poço, a uma Antípova perplexa. Sempre fiel à sua naturalidade, ela não fez nenhuma exclamação que traduzisse a sua surpresa. Disse apenas:

— Jivago!

— Larissa Fiódorovna!

— Por que milagre…? Que destino é esse?

— Apoie os baldes no chão. Deixe-me carregá-los.

— Não, eu nunca paro no meio do caminho, não abandono o que comecei. Se o senhor veio me ver, vamos entrar.

— E quem mais eu viria ver?

— Quem sabe?

— De qualquer forma, deixe que ponha a canga no meu ombro. Não posso ficar parado, enquanto a senhora trabalha.

— Que trabalho? Não, pode deixar. O senhor vai derramar água pela escada. Mas me diga que ventos o trazem. Está há mais de um ano aqui e não arrumou tempo para me visitar.

— Como a senhora sabe?

— Boatos é que não faltam. Além disso, eu o vi na biblioteca.

— E por que não me chamou?

— O senhor não quer que eu acredite que não me viu.

Atrás de Larissa Fiódorovna, que oscilava um pouco sob o peso dos baldes,

o médico passou sob uma abóbada baixa. Era a entrada de serviço do piso inferior. Ali, ela se abaixou e pousou os baldes no chão de terra batida, fez deslizar a canga do ombro, aprumou-se e enxugou as mãos em um lenço pequenino que surgiu não se sabe de onde.

— Venha, vou levá-lo por uma passagem interna até a entrada social. É mais claro, e o senhor me espera lá. Vou subir com a água pela escada de serviço, vou arrumar um pouco a casa e me trocar. Veja a nossa escada, os degraus de ferro formam desenhos vazados. Do alto, vê-se tudo através deles. É uma casa antiga. Os combates a danificaram um pouco. Fomos bombardeados. Olhe só como as pedras estão destroçadas. Há buracos entre os tijolos. Neste aqui, eu e Kátienka escondemos a chave do apartamento, colocamos um tijolo em cima sempre que saímos. Lembre-se disso, caso venha algum dia e não me encontre. Neste caso, peço ao senhor que entre, que fique à vontade enquanto me espera. Olhe aqui a chave. Mas não preciso dela. Vou entrar por trás e abrir a porta por dentro. A única chateação são os ratos. Há miríades deles, não dão sossego. Passeiam pela sua cabeça. É uma construção vetusta, de paredes arruinadas e fendas por toda parte. Até onde eu posso, tento consertar, luto com eles. Mas pouco adianta. Quem sabe, um dia o senhor vem me ajudar? Podíamos selar o piso, os rodapés. Que tal? Bem, fique aqui um pouco, pense em alguma coisa. Não me demoro muito, logo o chamarei.

Enquanto aguardava, Iúri Andréievitch percorria o olhar pelas paredes descascadas e pelas placas de ferro vazadas da escada. Pensava: "Na biblioteca, eu contrastava o modo de ela se deixar absorver na leitura com ardor e paixão ao trabalho físico. E agora, que se passa o inverso, ela carrega água exatamente como lê, sem esforço, com facilidade. Essa suavidade está em tudo o que faz. Como se ela tivesse tomado impulso para a vida de uma vez por todas e há muito tempo, na infância, e desde então todo o seu labor suave, ligeiro e natural decorresse por si mesmo. Essa harmonia também está na linha das suas costas quando se inclina, no sorriso que afasta os lábios e arredonda o queixo, nas palavras e nos pensamentos dela".

— Jivago! — soou do alto, pelo umbral do apartamento. O médico subiu

as escadas.

14

— Dê-me a mão e me siga docilmente. Vamos atravessar dois cômodos escuros e apinhados até o teto. Se bater em algo, pode se machucar.

— Isto aqui é um verdadeiro labirinto! Eu não saberia achar o caminho. Por que está assim? O apartamento está em obras?

— Ah, não, nada disso. O apartamento não é meu. Nem sei quem são os donos. Nós tínhamos o nosso, um apartamento funcional no prédio do ginásio. Mas quando o ginásio foi ocupado pela seção habitacional do conselho de Iuriátin, fui transferida com minha filha para um canto deste apartamento abandonado. Toda a mobília dos antigos proprietários está aqui. São muitos móveis. Mas eu não preciso do que pertence aos outros. Reuni todas as coisas nesses dois cômodos e vedei as janelas. Não largue a minha mão ou vai se perder. Assim. À direita. Pronto, saímos da selva. Aquela já é a minha porta. Agora vai ficar mais claro. Cuidado para não tropeçar.

Ao entrarem no cômodo, Iúri Andréievitch ficou surpreso com a paisagem que se vislumbrava pela janela em frente à porta. Ela dava para o pátio, para os fundos das casas vizinhas e para os terrenos baldios à margem do rio, onde pastavam cabras e ovelhas de pelo tão comprido que pareciam varrer a poeira como abas de uma peliça desabotoada. O médico também observou em dois postes o anúncio que já conhecia: "Moreau e Vetchínkin. Semeadoras. Debulhadoras".

A visão desse anúncio lembrou-lhe sua chegada aos Urais com a família, e foi essa a primeira coisa que contou a Larissa Fiódorovna. Esqueceu-se, porém, do rumor que relacionava Strélnikov ao marido dela e, irrefletidamente, narrou seu encontro com o comissário no vagão. Essa parte da história produziu sobre ela uma impressão singular.

— O senhor esteve com Strélnikov? — inquiriu com vivacidade. — Por enquanto, não direi mais nada. Mas, que coincidência! É como se os dois estivessem predestinados a se encontrar. Um dia explico melhor, o senhor

ficará surpreso. Se eu entendi bem, ele lhe causou uma impressão favorável.

— Sim, creio que sim. No entanto, ele deveria ter me repelido. Passamos por locais onde ele infligiu represálias e destruição. Esperava encontrar um justiceiro ignaro ou um matador maníaco da revolução, e não encontrei nem um nem outro. É bom quando o sujeito engana a sua expectativa e difere da ideia que você faz dele. Pertencer a um determinado tipo é a morte do homem, a sua condenação. Por outro lado, se o sujeito não pode ser enquadrado em alguma categoria, se não é representativo, então ele já possui a metade do que se pode exigir de um homem: está emancipado de si próprio, detém uma parcela de imortalidade.

— Dizem que ele não tem partido.

— Sim, é o que parece. Então, do que ele dispõe em seu favor? De um destino trágico. Creio que ele vai terminar mal. Vai expiar o mal que causou. Os que se colocam na condição de árbitros da revolução são terríveis, não porque sejam malfeitores, mas porque são mecanismos à deriva, locomotivas que saíram dos trilhos. Strélnikov é tão louco quanto eles, mas não foram os livros que o enlouqueceram, foram os sofrimentos, as provações que viveu. Eu não conheço o segredo dele, mas estou certo de que tem um. Sua aliança com os bolcheviques é fortuita. Enquanto ele for necessário, vão tolerá-lo, estarão juntos. Mas no instante em que não precisarem mais dele, vão abatê-lo e pisoteá-lo sem piedade, como já fizeram antes com muitos militares de carreira.

— O senhor acha?

— Tenho certeza.

— Mas não há salvação para ele? Fugir, por exemplo?

— Para onde, Larissa Fiódorovna? Isso é o que acontecia antes, na época dos tsares. Tente isso agora.

— É uma pena! Essa sua história despertou minha simpatia por ele. Mas o senhor está mudado. Antigamente, não julgava a revolução com tanta irritação e dureza.

— Acontece, Larissa Fiódorovna, que há limite para tudo. Depois de todo esse tempo, já deviam ter chegado a algum lugar. Mas ficou claro que os

entusiastas da revolução só gostam de confusão e caos, que esse é o seu elemento; que o pão de cada dia não os satisfaz, almejam coisas na escala do globo terrestre. A edificação de mundos novos e os períodos de transição são para eles fins em si mesmo. Isso é tudo o que aprenderam, é tudo o que sabem fazer. E sabe de onde vêm toda essa agitação, esses eternos preparativos? Da ausência de capacidade real, da falta de talento. O homem nasce para viver, e não para se preparar para viver. E como fica a própria vida, o fenômeno da vida, o dom da vida, o que há de mais precioso!? Para que substituí-la por essa arlequinada pueril de ficções imaturas, essa fuga de escolares para a América, como em Tchékhov? Mas já basta. É a minha vez de perguntar. Nosso trem se aproximou da cidade na manhã do golpe. Vocês ficaram em apuros?

— Ah, sim! Claro. Havia incêndios por toda parte. Nós por pouco não nos queimamos. A casa, como eu lhe disse, sofreu abalos. No pátio, próximo ao portão, ainda há um obus que não explodiu. Pilhagem, bombardeios, todas as atrocidades. Bem, isso acontecia toda vez que a cidade trocava de mãos, então, daquela vez, nós já sabíamos o que fazer, já estávamos habituados. Não era a primeira vez. E durante a ocupação dos brancos! O que não acontecia! Assassinatos nas esquinas por vingança pessoal, extorsões, orgias! Ah, mas eu não lhe contei o principal. O nosso Galiúllin, imagine, era uma figura importante nessa época de domínio dos tchecos. Uma espécie de governador-geral.

— Eu sei. Ouvi dizer. Vocês se encontraram?

— Sim, com frequência. Consegui salvar algumas vidas graças a ele! Quantas pessoas eu escondi! Justiça seja feita, ele se conduziu de modo irreprochável, como um cavalheiro, e não como os mesquinhos capitães cossacos e suboficiais da polícia. Mas naqueles dias o tom era dado por essas figuras desprezíveis, e não por pessoas honestas. Galiúllin me ajudou muito, sou grata a ele. Somos velhos conhecidos. Quando eu era menina, frequentava o pátio onde ele cresceu. No prédio, moravam trabalhadores da estrada de ferro. Desde criança vi de perto a pobreza e o trabalho. Por isso a minha ligação com a revolução é diferente da sua. A revolução é mais

próxima de mim. Há muitas coisas nela que me são caras. E de repente, esse menino, filho de um vigia, torna-se coronel. Ou talvez general, entre os brancos. Não sou do meio militar e não conheço bem as patentes. Sou professora de história. E é assim, Jivago. Ajudei muita gente. Eu ia ter com Galiúllin e falávamos do senhor. Tenho relações e protetores em todos os governos, e todos eles me causaram perdas e amarguras. Apenas na má literatura as pessoas estão divididas em dois campos que não se conectam. Na realidade, tudo se entrelaça. É preciso ser uma irremediável nulidade para ter apenas um papel na vida, para ocupar sempre o mesmo lugar na sociedade, para significar sempre a mesma coisa!

— Ah, então, já está em casa?

Entrava no cômodo uma menina de uns oito anos com duas tranças finas. Seus olhos estreitos lhe davam um ar esperto e travesso. Quando ela ria eles se elevavam. Antes de entrar, percebeu que a mãe estava com visita, mas como já atravessava a soleira, achou melhor fingir ar de surpresa. Fez uma reverência e, sem piscar, fixou o médico com o olhar audaz da criança que cresceu na solidão e aprendeu prematuramente a refletir.

— Quero lhe apresentar a minha filha Kátienka.

— A senhora me mostrou fotos dela em Meliuziéev. Como cresceu e como mudou!

— Você já voltou? Pensei que estivesse passeando. Não te ouvi entrar.

— Fui pegar a chave no buraco e apareceu uma ratazana desse tamanho! Dei um grito e saí correndo. Quase morri de medo!

Ao falar, Kátienka fazia momices encantadoras, arregalava os olhos marotos e arredondava a boca como um pequeno peixe tirado da água.

— Bem, vá para o quarto. Vou convencer o tio a almoçar conosco e quando tirar a *kacha*[8] do forno eu te chamo.

— Obrigado, mas tenho de recusar. Quando venho à cidade, me esperam para comer às seis horas. Não tenho o hábito de me atrasar e devo considerar que são mais de três horas de estrada, talvez quatro. Por isso cheguei cedo, desculpe. Tenho que partir logo.

— Fique só mais meia hora.

— Com prazer.

15

— Então, vamos lá: sinceridade por sinceridade. O Strélnikov de que o senhor fala é o meu marido Pacha, Pável Pávlovitch Antípov, aquele que fui procurar no front e em cuja falsa morte com razão não acreditei.

— O que a senhora diz não me surpreende. Já ouvi essa fábula, mas não acredito nela. Deve ser por isso que pude lhe falar abertamente sobre ele, sem nenhuma precaução, como se esses ruídos não existissem, além do fato de ter me esquecido completamente dessa lenda. O que dizem é absurdo. Eu vi esse homem. Como podem ligá-la a ele? O que há de comum entre ambos?

— E, no entanto, é assim, Iúri Andréievitch. Strélnikov é Antípov, meu marido. Concordo com a opinião pública. Kátienka sabe disso e tem orgulho do pai. Strélnikov é um nome de guerra, um pseudônimo como todos os revolucionários possuem. Ele tem suas razões para viver e agir sob outro nome.

"Foi ele que tomou Iuriátin e nos bombardeou; ele sabia muito bem que estávamos aqui, mas nunca procurou saber se estávamos vivas, não pode trair o seu segredo. É esse o dever dele. E se nos tivesse perguntado como deveria agir, não teríamos aconselhado outra coisa. Talvez, então, o senhor venha a supor que a imunidade de que gozo, as condições razoáveis de moradia que o conselho municipal me ofereceu e tudo o mais são testemunhos indiretos da secreta preocupação dele para conosco! Tanto faz, não vai me convencer disso. Viver aqui ao lado e resistir à tentação de vir nos ver! Isso não entra na minha cabeça, está acima da minha compreensão. É inacessível para mim. Isso não é vida, é uma espécie de virtude romana, um dos enigmas da nossa época. Mas estou me deixando levar por sua influência e começo a falar no seu diapasão. Não quero isso. Nossas reflexões não são unívocas. Há coisas intangíveis, inexplicáveis, que entendemos da mesma forma. Mas com relação às coisas de amplo significado, com relação à filosofia da vida, é

melhor mantermos as nossas oposições. Mas voltemos a Strélnikov.

"Atualmente ele está na Sibéria, e o senhor tem razão, tive notícias de que estão descontentes com ele, e isso me gela o coração. Ele está na Sibéria, em uma das nossas frentes mais avançadas, em vias de derrotar o amigo de infância e antigo camarada de combate, o pobre Galiúllin, que sabe muito bem quem é Strélnikov e que sou mulher dele, mas que, por uma delicadeza inestimável, jamais deixou escapar seus sentimentos diante de mim, apesar de perder as estribeiras só de ouvir o nome do adversário. Sim, agora ele está na Sibéria.

"Mas quando estava aqui (e ficou um longo tempo, sempre no vagão em que o senhor o viu), eu desejei muito encontrá-lo, ainda que de forma casual e imprevista. Às vezes ele ia até o Estado-Maior, um local que antes tinha sido ocupado pelo comando militar do Komútch, as tropas da Assembleia Constituinte. Um estranho capricho do destino. A entrada do Estado-Maior fica na mesma casa de fundos onde antes Galiúllin me recebia quando eu vinha interceder por alguém, como por exemplo a respeito de uma história que fez muito barulho: os cadetes da Escola Militar puseram-se a espreitar e fuzilar os professores de que não gostavam, sob o pretexto de serem devotos do bolchevismo. Ou ainda, quando começaram a perseguir e massacrar judeus. A propósito, dentre os moradores da cidade, metade das pessoas que possuem atividade intelectual são judeus nossos conhecidos. E nesses períodos de pogroms, quando começam essas atrocidades e ignomínias, somos cobertos pela indignação, vergonha e compaixão, mas ao mesmo tempo não podemos nos livrar de um sentimento pesado de duplicidade, como se a nossa compaixão em boa parte fosse cerebral e a ela se misturasse um odor desagradável de falsidade.

"Esses homens que outrora libertaram a humanidade do jugo da idolatria e que hoje, tão numerosos, sacrificam a vida para livrá-la do mal social são impotentes para se libertarem de si mesmos, de sua fidelidade ao apelo antediluviano morto e vazio de sentido; eles não podem se elevar acima de sua própria condição nem se fundir com o resto da humanidade, cujas bases religiosas eles mesmos inculcaram, e que lhes seria mais próxima, se eles a

conhecessem melhor.

"Certamente são as perseguições que os obrigam a adotar sem nenhum proveito uma atitude que lhes é funesta, a se retrair na renúncia e na vergonha, mas há também nisso a prova de uma decrepitude interior, de uma lassidão histórica secular. Não gosto do modo irônico de se encorajarem, da pobreza e da banalidade de suas ideias, da timidez de sua imaginação. Isso irrita tanto quanto as conversas dos velhos sobre a velhice e dos doentes sobre a doença. O senhor concorda?"

— Nunca pensei sobre isso. Mas tenho um amigo, um tal de Gordon, que pensa como você.

— Pois bem, eu fui espreitar Pacha, na esperança de vê-lo entrar ou sair. Essa casa de fundos, em certo momento, abrigou a chancelaria do governador-geral. Agora, você lê na porta a inscrição: "Departamento de Reclamações". O senhor chegou a vê-la, por acaso? Fica no lugar mais bonito da cidade. A praça em frente à casa é toda calçada de paralelepípedos, e além dela há o jardim municipal, com viburno, bordo e pilriteiro. Eu me postava no meio da multidão de solicitantes e aguardava. Evidentemente, não tentei ser recebida, não disse que era mulher dele. Os sobrenomes são diferentes. E de que serve a voz do coração nesse caso? Os princípios deles são totalmente outros. Por exemplo, o próprio pai, Pável Ferapóntovitch Antípov, um ex-exilado político, operário, trabalha em um tribunal bem perto daqui, na estrada principal para a Sibéria. No mesmo local em que cumpriu o exílio. Ele e o amigo Tiviérzin são membros do tribunal revolucionário. No entanto, o filho não se revela nem para ele, e o pai acha isso natural, não se ofende. Já que o filho mantém segredo, não há o que fazer. São rochas, e não homens. Princípios. Disciplina.

"E mesmo que eu provasse ser mulher dele, que importância teria? O que importam as esposas em tempos como este? O proletariado mundial, a transformação do mundo, são questões que eles compreendem. Agora, um bípede isolado, uma simples esposa, fu-u-u! É só uma pulga, um piolho.

"Um ajudante de ordens vinha e fazia perguntas. Deixava entrar certas pessoas. Eu não dizia o meu sobrenome, mas quando me perguntava sobre o

objeto da minha visita, eu dizia que se tratava de uma questão pessoal. Estava claro que era uma demanda perdida, que seria recusada. O oficial me examinava com desconfiança e dava de ombros. Assim, não consegui vê-lo nem uma vez.

"E o senhor acha que ele nos despreza, que não nos ama, que nos esqueceu? Oh, não, pelo contrário! Eu o conheço muito bem. Se maquinou tudo isso, foi por excesso de sentimento. Ele precisa depositar todos esses louros militares aos nossos pés, não pode retornar de mãos vazias, tem que ressurgir em toda a sua glória, como um vencedor! Imortalizar-se e nos deslumbrar! Como uma criança!"

Kátienka entrou novamente no cômodo. Larissa Fiódorovna levantou-a nos braços e se pôs a balançá-la, fazer-lhe cócegas, abraçá-la e beijá-la.

16

Iúri Andréievitch voltava a cavalo para Varíkino. Já havia feito incontáveis vezes esse caminho e, de tão acostumado, nem o percebia mais.

Aproximava-se nesse momento de um local do bosque em que a estrada para Varíkino se bifurcava dando acesso a Vassílievskoe, um pequeno vilarejo de pescadores à margem do rio Sákma. Ali, pregado a um poste, havia um terceiro anúncio das máquinas agrícolas. Geralmente, era em torno desse cruzamento que o pôr do sol o surpreendia. E agora também começava a anoitecer.

Haviam se passado mais de dois meses desde o dia em que não voltara da cidade. Tinha ficado na casa de Larissa Fiódorovna, mas disse à família que os negócios o retiveram na cidade e, em consequência, pernoitara na hospedaria de Samdeviátov. Agora, ele e Antípova se tratavam por "você", ele a chamava de Lara, mas ela continuava a chamá-lo de Jivago. Iúri Andréievitch enganava Tônia e escondia dela coisas que se tornavam cada vez mais graves e imperdoáveis. Era a primeira vez que isso lhe acontecia.

Ele amava Tônia à adoração. Não havia nada mais caro para ele do que a paz de espírito e a serenidade de Tônia. Estava pronto a defender a honra da

mulher com todas as forças, melhor que o pai ou ela mesma o fariam. Se alguém ferisse o orgulho dela, seria capaz de deixar em pedaços o ofensor. E, no entanto, o ofensor era ele.

Em casa, no círculo familiar, sentia-se um criminoso impune. A família ignorava tudo, e o carinho habitual que lhe testemunhavam o matava. No auge das conversas, lembrava-se de repente da sua culpa, sentia-se gelar e já não ouvia nem compreendia mais nada.

Se isso acontecia à mesa, a porção engolida lhe atravessava a garganta; ele deixava o talher de lado e empurrava o prato. As lágrimas o sufocavam. "O que você tem?", perguntava Tônia, intrigada. "Soube de alguma má notícia na cidade? Alguém foi preso? Executado? Fale. Não tenha receio em me contar. Você vai se sentir melhor."

Teria ele traído Tônia, preferido outra mulher? Não, ele não havia feito nenhuma escolha, nem comparação. Ideias de "amor livre", palavras como "direitos e aspirações do coração" lhe eram estranhas. Falar dessas coisas e pensar nelas lhe parecia vil. Na vida ele não havia colhido "as flores do prazer", não se considerava nenhum semideus, nenhum super-homem, nunca clamou por privilégios ou vantagens pessoais. O peso de sua consciência o esgotava.

O que acontecerá agora? Vez por outra, colocava-se essa questão. Não encontrando resposta, punha-se a esperar algo impossível, a intervenção de circunstâncias imprevisíveis que resolvessem tudo.

Mas não era isso o que ocorria aqui. Nesse momento, ele estava decidido a buscar forças dentro de si. Voltava para casa, resoluto: iria confessar tudo a Tônia, implorar o seu perdão e não voltaria a ver Lara.

Na verdade, nem tudo estava assim tão claro. Havia um ponto que lhe parecia obscuro: estaria rompendo com Lara para sempre, para toda a eternidade? Naquela mesma manhã ele lhe revelara o desejo de contar tudo a Tônia e afirmara que não poderiam voltar a se ver; mas agora tinha a impressão de ter dito isso de forma reticente, irresoluta.

Larissa Fiódorovna não impôs a Iúri Andréievitch nenhuma cena dolorosa. Ela compreendeu que ele já sofria o bastante. Esforçou-se para se

manter calma ao escutá-lo. A conversa entre eles se deu num cômodo vazio da casa, num canto que Larissa Fiódorovna não ocupava, de frente para a rua Kupiétcheskaia. Lágrimas desciam inconscientes pelo rosto de Lara, imperceptíveis para ela, replicando os fios de chuva que nesse instante escorriam pelo rosto das estátuas de pedra da casa em frente. Com sinceridade, sem falsa grandeza de alma, ela repetia com doçura: "Faça o que for melhor para você, não se preocupe comigo. Posso superar tudo". E sem perceber que chorava, não secou as lágrimas.

Diante do pensamento de que talvez Larissa Fiódorovna não o tenha compreendido bem, supondo que talvez ele a tenha deixado confusa e com falsas esperanças, Jivago esteve prestes a puxar as rédeas e retornar à cidade a galope, a fim de pronunciar as palavras não ditas, mas também para se despedir de forma mais ardente e carinhosa, mais de acordo com o que deveria ser uma separação definitiva e eterna. Com dificuldade, dominou-se e seguiu caminho.

À medida que o sol baixava, o bosque se enchia de frescor e obscuridade. Alcançou-o um odor de folhas úmidas, semelhante ao dos ramos embebidos no vapor dos banhos. Como se flutuassem sobre a água, enxames de mosquitos estendiam-se imóveis, zumbindo em uníssono sobre uma nota aguda. Iúri Andréievitch estapeava um sem-número deles à sua testa e pescoço encharcados de suor; e aos tapas sonoros respondiam os ruídos da cavalgadura: rangiam as correias da sela, estalavam os pesados golpes das patas na lama, detonações secas escapavam do intestino do animal. De súbito, ao longe, onde o poente se eternizava, elevou-se o canto do rouxinol.

"Otch-nis! Otch-nis!", um apelo persuasivo que soava como as vésperas da Páscoa: "Alma minha! Alma minha! Desperte, por que dorme?".

De repente, um pensamento simples o iluminou: por que se apressar? Ele não faltará à palavra que deu a si mesmo. A confissão acontecerá. Mas por que motivo tem de ser hoje? Ainda não havia dito nada a Tônia. Podia deixar a explicação para mais tarde. Nesse ínterim, retornaria mais uma vez à cidade. Teria um último encontro com Lara e diria tudo a ela. A profundidade e o carinho das suas palavras compensariam todo o sofrimento.

Oh, como é belo! Como é maravilhoso! Como é surpreendente que não tenha pensado nisso antes!

Ao admitir a ideia de vê-la mais uma vez, Iúri Andréievitch ficou louco de alegria. O coração disparou. Passou a viver esse novo encontro em sua imaginação.

Revê as vielas com casinhas de tronco de árvore e calçadas de madeira dos arredores. Ele está indo encontrá-la. Em breve, os terrenos baldios e as casas de madeira da rua Novosvalótchni desaparecerão, dando lugar a construções de pedra. As casinhas dos arredores desfilam de relance, como páginas de um livro folheado rapidamente, mas não quando passamos página a página com o indicador, e sim quando encostamos o polegar no corte das folhas e as passamos todas de um estalo. Eis que a emoção lhe corta o fôlego. É ali que ela vive, na ponta dessa rua, sob a luz branca de um céu chuvoso que se ilumina ao fim do dia. Como ele ama essas casinhas que conhece tão bem, à beira do caminho que conduz a ela! Como gostaria de suspendê-las, tomá-las nos braços e cobri-las de beijos! Esses telhados com mezaninos tortos e enterrados de través! E os reflexos cereja das chamas e dos lampiões! Aquela rua sob a faixa branca do céu chuvoso. Lá, ele novamente receberá como dádiva das mãos do Criador esse cândido encanto, essa obra de Deus. A porta se abrirá sobre uma silhueta oculta na sombra. E a promessa da proximidade dela, contida e fria como a noite clara do norte que a ninguém pertence, cai sobre ele feito a primeira onda do mar que se lança à noite sobre as areias da margem.

Iúri Andréievitch soltou as rédeas, inclinou-se para a frente, abraçou o pescoço do cavalo e enterrou o rosto em sua crina. Tomando essa carícia por um apelo à sua força, o cavalo partiu a pleno galope.

Nesse voo suave e veloz, com raros e quase imperceptíveis toques do cavalo na terra, que logo se desprendia do casco e ficava para trás, Iúri Andréievitch ouvia os batimentos do seu coração transbordante de alegria; a certa altura, pareceu-lhe ouvir gritos, mas pensou ser ilusão.

Uma detonação próxima o ensurdeceu. O médico levantou a cabeça, segurou as rédeas e as puxou. O cavalo, detido repentinamente em seu

ímpeto, saltou para o lado, retrocedeu, abaixou-se um pouco e empinou.

À frente, via-se o ponto de bifurcação da estrada. Ao lado, o crepúsculo iluminava a placa "Moreau e Vetchínkin. Semeadoras. Debulhadoras". O caminho estava bloqueado por três homens armados: um estudante do ensino médio de boné e casaco transpassado por um cinturão em cruz com balas de metralhadora, um cavaleiro de capote de oficial e gorro cossaco, e um sujeito estranho e gordo que mais parecia fantasiado para um baile, com calça e casaco acolchoados e chapéu de padre de abas largas enfiado na cabeça.

— Não se mexa, camarada doutor — disse calmamente e sem elevar o tom o mais velho dos três, o cavaleiro de gorro cossaco. — Se obedecer, garantimos a sua inteira segurança. Caso contrário, não se zangue, mas atiraremos. O enfermeiro do nosso destacamento foi morto. Nós o estamos mobilizando à força como médico. Faça o favor de apear e passar as rédeas para o camarada mais jovem. E lembre-se: se tentar fugir, não faremos cerimônia.

— O senhor é o filho de Mikulítsin, o Liviéri, o camarada Lesníkh?

— Não, sou Kamennodvórski, o chefe de comunicação dele.

---

1. Fiódor Tiútchev (1803-73), poeta russo.
2. Arzamás (1815-8), círculo literário de que faziam parte os poetas Jukóvski, Bátiuchkov, Púchkin e outros; buscavam uma expressão da língua menos pomposa que a do século XVIII.
3. Vassíli Lvôvitch Púchkin (1766-1830), tio de A. S. Púchkin e poeta epicurista.
4. Nikolai Nekrássov (1821-77), poeta russo, editor da revista *Sovremiênnik* (O Contemporâneo).
5. Canções épicas medievais com personagens lendários.
6. Silvícola que reside nos bosques; personagem do folclore russo.
7. Sonoridade que em russo parece dizer "desperte!".
8. Mingau à base de cereais cozidos com leite, muito popular na Rússia e países vizinhos.

DÉCIMA PARTE
NA GRANDE ESTRADA

1

Cidades, aldeias e povoados se sucediam. A cidade de Krestovozdvíjensk, a *stanítsa*[1] de Omiéltchino, Pajínsk, Tissiátskoe, o arraial de Iaglínskoe, a vila de Zvonárski, os povoados de Vólnoe e Gurtóvschiki, as terras de Kejmá, a *stanítsa* de Kaziéevo, as aldeias de Kutiéini Possad e de Mali Ermolái.

A estrada velha os atravessava, vetusta, a mais remota da Sibéria, antiga via postal. Ela cortava as cidades ao meio como a faca no pão, constituindo a rua principal de todas elas; cruzava os vilarejos num bater de asas sem se deter, espalhando ao longe as fiadas de isbás, por vezes contornando-as nalguma curva brusca e repentina.

Muito tempo atrás, antes da construção da estrada de ferro de Khodátski, passavam por essa estrada as troicas do correio. Comboios carregados de chá, trigo e ferro manufaturado seguiam por ela na direção oeste, enquanto grupos de prisioneiros eram conduzidos a pé e sob escolta para leste. Marchavam, fazendo tinir ao mesmo tempo o ferro das correntes, esses homens perdidos, agoniados, terríveis como relâmpagos no céu. E os bosques farfalhavam ao redor, sombrios, impenetráveis.

A estrada possuía um tom familiar. As cidades e aldeias se conheciam, estavam unidas por laços de parentesco. Em Khodátski, onde a estrada cruzava a via férrea, havia oficinas mecânicas de reparo de trens e demais materiais. Indigentes esfomeados se amontoavam nas casernas, adoeciam e

morriam. Quando eram liberados dos trabalhos forçados, os prisioneiros políticos que possuíam conhecimentos técnicos tornavam-se contramestres e passavam a residir ali.

Os primeiros conselhos já haviam sido derrubados ao longo de toda essa linha. Durante algum tempo, o poder pertenceu ao governo provisório da Sibéria, mas agora toda a região estava nas mãos do governador supremo, Koltchak.

2

Em certo trecho, a estrada subia colina acima. O horizonte se fazia pouco a pouco mais largo. Tinha-se a impressão de que não se terminaria jamais de subir e nem o horizonte de se alargar. Mas quando os cavalos e as pessoas, fatigados, se detiveram para tomar fôlego, descobriram-se no topo da encosta. Abaixo, o veloz rio Kejmá corria sob a ponte que suportava o trecho seguinte do caminho.

Além do rio, exibiam-se em grandes alturas os muros de tijolos do Monastério Vozdvíjenski. A estrada contornava o outeiro em que se elevava o monastério e, após volteios entre os pátios dos fundos do subúrbio, penetrava na cidade.

Lá, a estrada tocava mais uma vez os limites das possessões monasteriais na praça principal, os portões de ferro pintados de verde. O ícone sob o arco de entrada do monastério estava coroado com a inscrição em ouro: “Bendita a cruz vivificante, triunfo invencível da devoção”.

O inverno chegava a termo, era a Semana Santa, fim da Quaresma. A neve das estradas enegrecia, denunciando o início do degelo, mas nos telhados ainda era alva e formava densos e altos chapéus.

Os meninos que subiam ao campanário do monastério percebiam as casas como miúdos cofres, minúsculos relicários comprimidos uns contra os outros. E as pessoas junto às casas não passavam de pontinhos pretos. Uma ou outra era reconhecida pelo gesto. Algumas se aproximavam para ler o decreto do governador supremo afixado nas paredes, que definia as três

próximas classes a serem mobilizadas, por idade.

3

A noite trouxe muitos imprevistos. O tempo esquentou de forma anormal para a época. Caía uma chuvinha tão fina e vaporosa que parecia se fundir numa poeira molhada antes de tocar a terra. Mas era pura aparência. Os regatos de água quente que se formaram foram suficientes para carregar toda a neve, e a terra agora estava negra e como que lustrosa de suor.

Nos jardins, as macieiras jovens passavam de forma milagrosa os galhos cobertos de brotos por sobre as cercas, e as gotas que deles escorriam pingavam irregularmente sobre a calçada de madeira, inundando a cidade inteira com o seu tamborilar dissonante.

O cãozinho Tómik latia e uivava até de manhã, preso à corrente no pátio da oficina de fotografia. Talvez aborrecida com os latidos, uma gralha crocitava do jardim dos Galúzin para toda a cidade.

Nos quarteirões baixos, tentavam entregar três carroças com mercadorias ao comerciante Liubiéznov, que as recusava, afirmando ser engano, que nunca havia encomendado tais coisas. Os jovens carregadores, invocando a hora tardia, pediram-lhe para pernoitar. O comerciante se enfureceu, mandou-os passear e não abriu o portão. As injúrias que trocavam eram ouvidas por toda a cidade.

Na sétima hora litúrgica, ou seja, à uma hora da madrugada, pela contagem habitual das horas, uma onda serena, sombria e doce se projetou do sino mais pesado do mosteiro, assim que este badalou, e se misturou à escura umidade da chuva. Navegou pelo ar tal qual um bloco de terra minado pela inundação se desprende da margem, despenca no rio e se dissolve.

Era a vigília da Quinta-Feira Santa, o dia dos Doze Evangelhos. Ao fundo, através do fino reticulado da chuva, viam-se mover pequenas luzes oscilantes, pouco perceptíveis, e algumas testas, narizes e rostos que elas iluminavam. Os jejuantes chegavam para as matinas.

Um quarto de hora mais tarde, ouviram-se passos que se afastavam do monastério e retiniam nas tábuas da calçada. Era a comerciante Galúzina, que deixava as matinas apenas iniciadas e voltava para casa. Com um lenço cobrindo a cabeça e o casaco desabotoado, ela caminhava a passos irregulares, ora corria, ora se detinha. Sentiu-se mal no ambiente abafado da igreja e saiu para tomar ar, mas agora lamentava não ter permanecido até o fim do serviço e se envergonhava de ser o segundo ano em que não poderia comungar. Mas não era esse o motivo da sua tristeza, e sim a ordem de mobilização que havia sido fixada por toda parte e que atingiria o seu pobre e tolo filhinho Teriócha. Ela queria expulsar da cabeça esse pensamento, mas o cantinho branco daquele papel brilhava por todos os lados no negrume da noite, lembrando-a do fato.

A casa estava a dois passos, logo depois da esquina, mas ela se sentia melhor ao ar livre. Não tinha vontade de entrar na casa abafada.

Pensamentos tristes a assaltavam. Se viesse a exprimi-los em voz alta, um após o outro, faltariam palavras, e a noite toda não seria suficiente. Mas agora, na rua, essas lembranças vinham em pencas, e ela poderia passá-las em revista em alguns minutos, o tempo de percorrer duas ou três vezes a distância entre a esquina do monastério e a extremidade da praça.

A Páscoa já batia às portas e em casa não havia viva alma, todos se dispersaram e a deixaram só. Acaso não está só? Claro que sim, está sozinha. Ksiúcha não conta. E por que contaria? Quem é ela? Uma alma obscura. Talvez seja amiga, talvez inimiga, ou rival secreta. Herança do primeiro casamento do marido, filha adotiva de Vlassúchka. Talvez nem adotiva seja, quem sabe é ilegítima? Pode até nem ser filha dele, vai ver o enredo é outro. Pode-se por acaso saber o que se passa na alma dos homens? Em todo caso, não se pode dizer nada contra ela. É inteligente, bonita e exemplar. Bem mais inteligente que o pai adotivo e o tolinho do Teriócha.

E assim está ela, sozinha, na véspera da Semana Santa, abandonada, todos se foram, cada um para o seu lado.

O marido, Vlassúchka, partiu estrada afora para discursar aos novos recrutas e fazer recomendações aos que partem para realizar proezas bélicas.

Esse idiota faria melhor em se ocupar do próprio filho, em poupá-lo do perigo mortal.

O filho, Teriócha, também não se conteve, escapou às vésperas da festa. Fugiu para a casa de parentes em Kutiéini Possad, a fim de se distrair e se consolar dos dissabores. O rapazinho tinha sido expulso da escola técnica. Depois de repetir todas as séries escolares, ao chegar à oitava não tiveram dó e o puseram para fora.

Ah, que tristeza! Senhor! Por que as coisas deram tão errado? É desanimador, não dá vontade de viver! Por que tudo aconteceu assim? Será que a causa é a revolução? Ah, não, não! A causa é a guerra. Mataram toda a fina flor dos homens na guerra, e restou apenas essa podridão inútil e imprestável.

A vida na casa do pai era outra coisa. Homem empreendedor, não bebia, o pai era instruído, não lhes faltava nada. Eram duas irmãs, Pólia e Ólia. Entre elas reinava a mesma harmonia dos nomes e da beleza. E os contramestres carpinteiros que vinham à casa do pai! Belos rapazes, de boa reputação, de futuro. Certa vez, por pura diversão, as irmãs inventaram de tricotar echarpes de lã com seis fios diferentes. Pois bem, revelaram-se tão prendadas que suas echarpes ficaram famosas em toda a região. Nesse tempo, havia uma plenitude, uma harmonia que alegrava o coração: o ofício da igreja, os bailes, as pessoas, os modos, mesmo se a família era de origem simples, comerciantes, camponeses e operários. E a Rússia também era uma mocinha, tinha os seus sinceros admiradores, os verdadeiros defensores, nada a ver com o que ocorre hoje em dia. Hoje, tudo perdeu o brilho, uma canalha de advogados e funcionários é o que há, e toda essa judiaria que masca palavras dia e noite até sufocar. Vlassúchka e seus companheiros pensam voltar aos velhos tempos com champanhe e bons conselhos. Mas é assim que se recupera o amor perdido? Para isso, é preciso saber rolar pedras, mover montanhas, revolver céus e terras!

Galúzina alcançou a área de comércio de Krestovozdvíjensk várias vezes. De lá até sua casa era só virar à esquerda. Mas sempre mudava de ideia e retornava, embrenhando-se nas pequenas ruas vizinhas ao monastério.

Essa área para onde convergiam os comboios de mercadorias tinha a dimensão de um grande campo. Outrora, nos dias de feira, os camponeses a polvilhavam com suas carroças. Um de seus lados tocava a extremidade da rua Elenínskaia. Outro era rodeado por pequenas casas em arco, de um ou dois andares, ocupadas por armazéns, escritórios, lojas e oficinas de artesãos.

Aqui, em tempos de paz, costumava-se ver, reinando em sua cadeira, mergulhado na leitura de um jornal diante de uma imensa porta com quatro batentes de ferro, um urso grosseiro de óculos e redingote comprido, o misógino Briukhánov, comerciante de couro, alcatrão, rodas, arreios, aveia e feno.

Aqui, sobre o peitoril de uma pequena janela embaciada, viam-se algumas caixas de papelão com velas nupciais ornadas de fitas e buquês em meio à poeira dos anos. Por trás da janela, em um cômodo sem móveis e quase sem mercadoria, caso não se levem em conta os bolos de cera ali empilhados, homens desconhecidos e homens da confiança de um igualmente desconhecido fabricante de cera milionário realizavam transações de milhares de rublos.

Aqui, em meio à fieira de lojas, encontrava-se a dos Galúzin, colonial, grande, com três janelas. Três vezes por dia varriam o chão de madeira crua para limpar os resíduos do chá consumido desmedidamente pelos funcionários e pelo patrão. A jovem patroa, com disposição, sentava-se ao caixa por longos períodos. Sua cor preferida era o lilás, o violeta, a cor dos paramentos religiosos nos dias de festa solene, a cor dos lilases não desabrochados, a cor do seu mais belo vestido de veludo, a cor do seu cristal para vinho. A cor da felicidade, a cor da recordação e também a cor da Rússia jovem, antes da revolução, parecia-lhe de um tom lilás-claro. Ela adorava sentar-se no banco do caixa, porque a penumbra violeta da loja perfumada com amido, açúcar e bala de groselha lilás-escuro lembrava-lhe a cor preferida.

Aqui, na esquina, ao lado do depósito de madeira, havia uma casa velha de dois andares feita de pranchas cinza, com seus quatro lados arruinados como uma carroça de segunda mão. Possuía duas entradas, uma de cada lado da fachada, e quatro apartamentos. O primeiro andar era ocupado à esquerda pela farmácia Zalkind e à direita por um cartório. Em cima da farmácia, moravam Chmuliévitch, o velho alfaiate para damas, e sua numerosa família; em cima do cartório, aglomeravam-se muitos locatários, cujas profissões estavam indicadas nas diversas placas que recobriam a porta de entrada. Consertavam-se relógios, e o sapateiro recebia encomendas. Os fotógrafos associados Juk e Chtrodákh tiravam retratos. Kamínski fazia gravuras.

Dada a exiguidade do apartamento superpopuloso, os assistentes dos fotógrafos, o retocador Sênia Máguidson e o estudante Blajéin, instalaram uma espécie de laboratório no pátio, em um dos pequenos escritórios do entreposto. Nesse momento, com certaza estavam trabalhando ali, a julgar pelo olho malicioso da lanterna vermelha que piscava fracamente à pequena janela, sob a qual estava amarrado o cãozinho Tómik, cujos uivos se faziam ouvir por toda a rua Eliéninskaia.

"Juntaram-se todos aí", pensava Galúzina, ao passar em frente à casa cinza. "Antro de sujeira e miséria." E logo considerou que Vlas Pakhómovitch, seu marido, não tinha razão em seu antissemitismo. Essa gente não é assim tão importante para pesar no destino do Estado. Além disso, basta perguntar a Chmuliévitch a razão de todas essas desordens e turbulências, e o velho se encurva, faz uma careta e diz, descobrindo os dentes: "São artes de Léibotchka".

Em que ela está pensando? O que passa pela cabeça dela? Será que o problema é mesmo esse? A origem da desgraça estaria ali? Não, a desgraça vem das cidades. Não é nelas que a Rússia se apoia. Mas nós nos deixamos seduzir pela instrução, pusemo-nos a reboque delas e não chegamos a nada. Deixamos a nossa margem e não chegamos à outra.

Mas quem sabe é exatamente o oposto, o pecado está na ignorância. A pessoa instruída vê através das coisas terrenas, adivinha por antecipação. Mas

nós, se nos arrancam a cabeça, seguramos o chapéu. É como se vivêssemos num bosque escuro. Embora atualmente não deva ser doce nem para aqueles que têm instrução. Veja quantos foram expulsos das cidades por falta de pão. Vá entender isso. O diabo é quem sabe.

Em todo caso, com os nossos do campo, a coisa é bem diferente. Com os Selítvin, os Chelabúrin, o Pamfil Palíkh, os irmãos Nestor e Pankrat Modíkh. Estes não precisam de ninguém, são donos das próprias mãos, da cabeça, são seus próprios patrões. As novas propriedades ao longo da estrada são uma beleza. Cada uma possui cerca de quinze *dessiatinas* de terra semeada, cavalos, ovelhas, vacas, porcos. Estoque de trigo para três anos. O inventário é de encher os olhos. E máquinas para a colheita. Koltchak os adula e tenta atraí-los, os comissários procuram levá-los para as milícias dos bosques. Esses homens regressaram da guerra com a Cruz de São Jorge e logo foram requisitados como instrutores. Com ou sem medalhas, se você faz um bom trabalho, será sempre chamado. Não ficará à toa.

Mas está na hora de voltar para casa. Não é conveniente uma mulher ficar tanto tempo passeando na rua. No próprio jardim, ainda vá lá. E além disso, aqui está um lamaçal, atola-se na sujeira. No entanto, parece que melhorou um pouquinho.

Perdendo o fio das reflexões, Galúzina se aproximou de casa. Mas, no momento de cruzar a soleira, no minuto que passou batendo os pés diante da varanda, ela pensou ainda uma multidão de coisas.

Lembrou-se dos atuais mandatários de Khodátski, que conhecia de perto, os exilados políticos das capitais: Tiviérzin, Antípov, o anarquista Vdovitchenko, vulgo Bandeira Negra, e o serralheiro local Gorchiênia Biécheni. Todos eles são homens ardilosos. Todos já haviam aprontado muito e decerto estavam maquinando algo de novo. Não podem passar sem isso. Estiveram a vida toda nas máquinas, e agora eles mesmos são impiedosos e frios como as máquinas. Andam de paletó curto sobre a camisa, fumam cigarros com piteira e bebem água fervida para não pegar doenças. Vlassúchka não conseguirá nada com eles, essa gente vira tudo do seu jeito, deixa as coisas como quer.

E pôs-se a pensar em si. Ela sabia que era uma mulher interessante e independente, bem conservada e sensata, e não era má pessoa. Mas nenhuma dessas qualidades é apreciada nesse buraco de fim de mundo, e talvez em lugar nenhum. Além disso, há as estrofes obscenas sobre a tola Sintetiúrikha,[2] tão conhecidas de todos na região dos Urais, das quais citaremos apenas os primeiros versos:

Sintetiúrikha vendeu a carroça,
Para comprar sua balalaica…

seguidos por indecências; quando as estrofes eram cantadas em Krestovozdvíjensk, Galúzina supunha que aludiam a ela.

Suspirou com amargura e entrou em casa.

5

Sem se deter à entrada e sem tirar o casaco, dirigiu-se ao seu quarto. Ali, as janelas davam para o jardim. À noite, a penumbra do interior do aposento e a do exterior da janela se harmonizavam, formando imagens quase semelhantes. As dobras da cortina pregueada assemelhavam-se aos contornos imprecisos das árvores negras e nuas do pátio. No jardim, a noite tafetá escuro do inverno que findava era aquecida pelo lilás negro e ardente que emana da terra à aproximação da primavera. No quarto, havia uma interação similar: as cortinas mal batidas pareciam menos poeirentas e sufocantes no calor violeta-escuro da festa iminente.

De um ícone revestido de prata, a Virgem Maria elevava a palma das mãos para o alto. Elas apoiavam as duas letras iniciais e finais do seu nome bizantino: Meter Theu, Mãe de Deus. Encaixada num suporte dourado, uma lâmpada votiva de vidro escuro em tom granada projetava sobre o tapete do quarto um reflexo em forma de estrela, recortado pelo denteado da cúpula.

Ao despir o lenço e o casaco, Galúzina fez um movimento em falso e

sentiu novamente uma pontada lateral, pondo-se a apalpar a omoplata. Tomada pelo medo, deu um grito e balbuciou: "Grande protetora dos aflitos, Virgem imaculada, Senhora dos socorros, Guardiã do mundo" e desatou a chorar. Depois que a dor acalmou, começou a se despir. Os fechos traseiros da gola e do corpete escapavam das mãos e se prendiam nas dobras do tecido cinza-claro.

Ksiúcha, que havia acordado à sua chegada, entrou no quarto.

— Por que a senhora está no escuro, mamãe? Posso trazer o lampião.

— Não precisa. Dá para enxergar bem.

— Mamãe Olga Nílovna, deixe que eu desabotoe a sua roupa. Não fique nervosa.

— Meus dedos não me obedecem, só mesmo chorando. Aquela galinha cega do alfaiate não teve cabeça para pregar os fechos decentemente. Dá vontade de despregar tudo até embaixo e atirar-lhe na cara.

— Cantaram tão bonito no mosteiro! A noite está calma, dava para ouvir daqui.

— Sim, cantaram bem. Mas eu, querida, estou mal. Sinto pontadas de novo aqui e ali. Em toda parte. Um sofrimento. Não sei o que fazer.

— E o homeopata Stidóbski não ajudou?

— Os conselhos dele são sempre impossíveis de seguir. Para início de conversa, o seu homeopata é tudo, menos médico. Não sabe de nada. Além disso, ele partiu. Partiu, partiu. E não foi o único. Antes da festa todos fugiram da cidade. Pelo visto, estão prevendo um terremoto.

— Bem, ao menos aquele médico prisioneiro húngaro a tratou bem.

— Outra bobagem. Estou dizendo, não restou ninguém, todo mundo se dispersou. Kereni Laioch foi parar atrás da linha de demarcação, com outros magiares. Foi enviado à força. Está no Exército Vermelho.

— Isso pode ser cisma. Nervosismo do coração. Uma simples benzedura pode fazer milagres. A senhora se lembra da mulher do soldado que cochichou umas palavras e deu certo? A dor sumiu como que por encanto. Qual era mesmo o nome dela?

— Ah, não! Você realmente me toma por idiota. Vai ver também canta a

Sintetiúrikha pelas minhas costas.

— Deus me livre, mamãe! Isso é pecado. Por favor, me ajude a lembrar o nome da mulher. Está na ponta da língua. Não vou sossegar enquanto não lembrar.

— Ela tem mais nomes que saias. Não sei qual deles você quer. É chamada de Kubaríkha, Medviédikha, Zlidaríkha. Tem ainda mais uma dezena de apelidos. Ela não está mais por aqui. Acabou a cena, deixou a arena. A serva de Deus foi levada para a prisão de Kejmá. Umas histórias de aborto e pozinhos mágicos. Mas ficou entediada na prisão e meteu o pé na estrada, fugiu para algum lugar do Extremo Oriente. Eu não disse que todo mundo está fugindo? Vlas Pakhómitch, Teriócha, a querida tia Pólia. Das mulheres decentes só restamos nós, duas tolas, em toda a cidade, e não é piada. Médicos, não há. Se acontecer alguma coisa, é o fim, nem adianta gritar. Dizem que em Iuriátin mora um professor famoso de Moscou, filho de um suicida, de um mercador da Sibéria. Enquanto eu pensava se devia ou não escrever para ele, os vermelhos instalaram vinte cordões pela estrada. Não se pode mais dar um passo. Mas agora vá se deitar, vou tentar dormir. O estudante Blajéin virou a sua cabeça. Não negue. Você não me engana, olhe só como ficou vermelha. O infeliz do seu estudante vai trabalhar toda esta santa noite para revelar umas fotos minhas. Naquela casa, eles não dormem nem deixam ninguém dormir. O latido do Tómik perturba a cidade inteira. E ainda temos essa gralha miserável, que se empoleirou na nossa macieira e não para de crocitar. Já vi que não vou pregar o olho a noite toda. O que é? Por que se aborreceu? Que não me toques são esses? Os estudantes servem para isso, para agradar as moças.

6

— O que há com esse cachorro que não para de latir? Melhor ver o que está acontecendo. Ele não se esgoelaria assim à toa. Espere, Lídotchka, cale-se um pouco. É preciso esclarecer essa situação. De uma hora para outra, os cossacos podem nos cair em cima. Você, Ustín, não saia daqui. E você

também, Sivobliúi. Vamos dar um jeito nisso.

Sem atentar ao pedido de interrupção temporária do seu discurso, o representante do centro continuou a metralhar com a sua oratória cansada:

— A política de pilhagem, confisco, violência, execuções e torturas, sobre a qual se sustenta o poder burguês militar que atualmente domina a Sibéria, deve abrir os olhos daqueles que se deixam enganar. Esse poder é hostil não somente à classe operária, é também essencialmente hostil à classe dos trabalhadores campesinos. A classe campesina deve entender que somente a união com o proletariado urbano e com os soldados, somente a união com a classe pobre da Quirguízia e da Buriátia…

Por fim, ele compreendeu que reclamavam uma pausa. Interrompeu o discurso, enxugou o rosto suado com o lenço, abaixou as pálpebras inchadas e fechou os olhos.

Os que estavam por perto disseram-lhe a meia-voz:

— Respire um pouquinho. Tome um copo d'água.

E sugeriram ao irrequieto chefe dos *partisans* ali presente:

— Não se preocupe. Está tudo em ordem. A lanterna de sinalização está na janela. A vigilância está atenta e devora o espaço com os olhos, para falar de forma alegórica. Acho que pode retomar o discurso, camarada Lídotchka.

Aquela parte do depósito de lenha onde acontecia a reunião clandestina havia sido esvaziada. Uma pilha de madeira até o teto a separava de uma pequena entrada e servia para escudá-la. Em caso de perigo, poderiam utilizar uma passagem subterrânea que levava ao pátio dos fundos do beco Konstantínovski, por trás dos muros do monastério.

O orador, que usava um chapéu preto de caixeiro cobrindo toda a careca, tinha o rosto pálido, de um esverdeado opaco, e barba preta até as orelhas. Sofria de transpiração nervosa e estava sempre encharcado. Acendeu avidamente a guimba do cigarro no filete de ar quente que escapava do lampião de querosene e debruçou-se sobre os papéis amarfanhados, espalhados sobre a mesa. Percorreu-os rápida e nervosamente com seus olhinhos míopes, mais parecendo farejá-los, e continuou com voz embaciada e fatigada:

— Essa aliança entre os pobres da cidade e os do campo só pode se realizar pela intermediação dos conselhos. Querendo ou não, o campesinato siberiano virá a almejar as mesmas coisas pelas quais o operariado siberiano já luta há tempos. O objetivo comum é a derrubada do poder autocrático dos almirantes e atamãs, odiados pelo povo, e a instalação do poder dos conselhos de camponeses e soldados por meio da insurreição armada popular. Portanto, na luta contra oficiais e cossacos, vassalos da burguesia e armados até os dentes, o povo insurgente terá de travar uma verdadeira guerra no front, obstinada e longa.

O orador deteve-se novamente, enxugou o suor e fechou os olhos. Contrariando o regulamento, alguém se levantou e sinalizou com a mão o desejo de fazer uma observação.

O chefe dos *partisans*, ou seja, o comandante em chefe da unidade de Kejmá dos *partisans* de além-Urais, estava sentado sob o nariz do orador em posição negligente e provocante, interrompendo-o de modo grosseiro, não lhe testemunhando nenhum respeito. Era difícil crer que um soldado jovem, quase um menino, comandasse unidades e exércitos inteiros e que lhe obedecessem e o venerassem. Ele tinha os braços e pernas envoltos no capote de cavalaria, mas os ombros e mangas do capote, largados sobre o espaldar da cadeira, deixavam entrever a camisa militar com vestígios escuros de dragonas de sargento-mor despregadas.

Ao lado, dois de seus homens o guardavam, silenciosos, tão jovens quanto ele. Vestiam casacos curtos de pele crespa de carneiro que de brancos tinham se tornado cinza. Seus belos rostos de pedra exprimiam apenas uma cega devoção ao chefe e prontidão para o que quer que lhes fosse designado. Indiferentes à reunião, às questões tratadas e ao curso da discussão, mantinham-se imóveis, sem falar ou sorrir.

Além deles, havia no depósito umas dez ou quinze pessoas, algumas de pé, outras sentadas no chão com as pernas estendidas ou os joelhos dobrados, encostadas nas toras calafetadas da parede.

Para as visitas de honra havia cadeiras. Elas estavam ocupadas por três ou quatro operários, veteranos da primeira revolução. Entre eles, encontravam-

se o soturno Tiviérzin, que havia mudado bastante, e seu velho amigo Antípov, que lhe dava sempre razão. Incluídos no rol das divindades, aos pés das quais a revolução depositava todos os seus dons e todos os seus sacrifícios, sentavam-se, ambos, silenciosos e severos como ídolos; a vaidade política os tinha despojado de tudo o que antes havia neles de vivo e humano.

Havia outros personagens dignos de atenção. Vdovitchenko, vulgo Bandeira Negra, um dos pilares do anarquismo russo, movia-se inquieto. Levantava-se do chão, voltava a sentar, caminhava, detinha-se no centro do galpão. Era um gigante gordo com uma cabeça enorme, boca grande e juba de leão. Ex-oficial, talvez na última Guerra Russo-Turca, ou ao menos na Guerra Russo-Japonesa, sonhador, estava eternamente absorto em divagações.

Em razão de sua bondade ilimitada e estatura gigantesca, que o impediam de perceber fenômenos de menor dimensão, ele não dava a atenção necessária ao desenrolar da reunião, compreendendo tudo ao inverso, tomando opiniões contrárias pela sua e concordando com tudo.

Próximo a ele, sentado no chão, estava o caçador Svirid, seu conhecido. Embora Svirid não cultivasse a terra, revelava-se um homem de gleba pelo corte da camisa de feltro escuro, que ele enrodilhava junto com a cruz que pendia do pescoço e pressionava contra o corpo, coçando o peito. Era um mujique metade buriata, cordial e iletrado, com o cabelo preso em tranças finas, bigode ralo e barba reduzida a alguns pelos. O tipo mongol dava uma expressão envelhecida ao seu rosto, que se enrugava constantemente num sorriso aprovador.

O orador, que tinha viajado para a Sibéria com as instruções de guerra do Comitê Central, pairava em pensamentos sobre os vastos espaços que ainda deveria percorrer. Era indiferente à maioria dos presentes. Mas, revolucionário e populista até a raiz dos cabelos, contemplava com adoração o jovem chefe militar sentado diante de si. Ele não só perdoava as grosserias desse menino, acreditando ouvir nelas a voz da paixão revolucionária autêntica, como também recebia os seus ataques atrevidos com o entusiasmo de uma mulher apaixonada diante da irreverência do amado.

O chefe dos *partisans* era Liviéri, o filho de Mikulítsin; já o orador do centro era Kostoied-Amúrski, antigo trabalhista-cooperador que no passado havia se unido aos *esser*, os socialistas revolucionários. Nos últimos tempos, ele tinha revisto suas posições, reconhecido os erros de seu programa e feito um mea-culpa por meio de declarações circunstanciadas. Não só o admitiram no Partido Comunista, como logo o encarregaram dessa missão de confiança.

Atribuíram esse trabalho a ele, homem sem preparo militar, em respeito à sua experiência revolucionária, aos seus anos de sofrimento na prisão, mas também por suporem que ele, como antigo cooperador, deveria conhecer bem o estado de espírito das massas camponesas da convulsionada Sibéria Ocidental. E nessa questão, o suposto conhecimento da mentalidade camponesa era mais importante do que a prática militar.

Sua conversão política o tornara irreconhecível. Havia transformado seu aspecto, seus gestos, suas maneiras. Ninguém antes jamais o havia visto careca e barbudo. Mas talvez tudo isso fosse disfarce. O partido determinara que ele se mantivesse o mais incógnito possível. Seus nomes de guerra eram Berendiéi e camarada Lídotchka.

Quando se acalmou o barulho provocado pela declaração intempestiva de Vdovitchenko, que se dizia de acordo com os pontos das instruções lidos por Kostoied, este prosseguiu:

— Para controlar de forma efetiva o movimento crescente das massas camponesas, é preciso estabelecer o mais rápido possível ligações com todos os destacamentos *partisans* que se encontram na área do comitê regional.

Em seguida, Kostoied falou sobre a organização dos núcleos, senhas, códigos e meios de comunicação. Depois, passou aos detalhes:

— É preciso informar aos destacamentos os locais em que se encontram os depósitos de armas, uniformes e víveres das organizações e das repartições inimigas, onde estão guardadas as enormes reservas pecuniárias dos brancos, e informar sobre o sistema de proteção deles.

"É preciso examinar detalhadamente a organização interna das tropas, as questões de comando, de disciplina militar, de conspiração, de relações das

tropas com o exterior, de relações com a população local, de tribunal de guerra revolucionário, de tática de subversão em território inimigo, a saber: a destruição de pontes e ferrovias, de navios e lanchas, de estações de trem, de oficinas com seus materiais, de telégrafo, de minas e de depósitos de víveres."

Liviéri suportou algum tempo até que explodiu. Tudo aquilo lhe parecia fora de propósito, um inútil delírio de diletante.

— Que bela conferência! Vou ficar atento. E pelo visto, isso deve ser aceito sem objeções, para não perdermos o apoio do Exército Vermelho.

— Certamente.

— E o que você quer que eu faça, meu querido Lídotchka, com a sua copiazinha colegial, quando, enfie no rabo, as minhas forças compostas de três regimentos, incluindo artilharia e cavalaria, estão há muito tempo em campanha e se batem esplendorosamente contra o inimigo?

"Que encanto! Que energia!", pensou Kostoied.

Tiviérzin interveio na discussão. O tom insolente de Liviéri não lhe agradava. Disse:

— Permita-me, camarada orador. Talvez eu esteja enganado. Talvez tenha anotado mal um dos pontos das instruções. Vou ler para me certificar: "É desejável que o comitê admita os veteranos que durante a revolução estiveram no front e compuseram organizações militares. É desejável que o comitê disponha em sua composição de um ou dois suboficiais e de um técnico militar". Camarada Kostoied, está anotado corretamente?

— Corretamente. Palavra por palavra. Corretamente.

— Neste caso, permita-me fazer a seguinte observação. O item sobre os especialistas militares me preocupa. Nós, operários que participamos da revolução de 1905, não estamos acostumados a confiar no Exército. A contrarrevolução sempre penetra por ele.

Vozes ressoaram ao redor:

— Basta! A resolução! A resolução! Vamos encerrar. Está tarde.

— Concordo com a opinião da maioria — irrompeu a voz grave e tonitruante de Vdovitchenko. — Falando em linguagem poética, posso dizer

o seguinte: as instituições políticas devem brotar de baixo, sobre uma base democrática, assim como as mudas plantadas na terra criam raízes. É impossível implantá-las de cima, como estacas. Esse foi o erro da ditadura jacobina e a razão de a Convenção ter sido esmagada pelos termidorianos.

— Isso está claro como o dia de Deus — disse Svirid em apoio ao companheiro de aventuras. — Até uma criança sabe disso. Era preciso ter pensado antes, agora é tarde. Agora só nos resta lutar, meter as caras. Senão, o que pode acontecer? Avançar para recuar depois? Cozinhou, tem que comer! Entrou na chuva, tem que se molhar.

— A resolução! A resolução! — gritavam de todos os lados. A discussão ainda se prolongou um pouco, sempre mais descosida, e à aurora encerraram a sessão. Os presentes se dispersaram um a um, com as devidas precauções.

7

Havia um lugar pitoresco junto à estrada. A aldeia de Kutiéini Possad descia do alto de uma escarpa em direção ao vale onde se localizava a aldeia de Mali Ermolái, e apenas o curso rápido do rio Pajinka as separava. Em Kutiéini Possad, celebravam a partida dos recrutas; em Mali Ermolái, o conselho de admissão, presidido pelo coronel Chtreze, retomava os trabalhos interrompidos pelos feriados de Páscoa e examinava os jovens potencialmente mobilizáveis da aldeia e cantões vizinhos. Por ocasião do recrutamento, encontravam-se presentes os cossacos e a milícia montada.

Era um dia calmo e quente, o terceiro após a Páscoa. A festa esse ano viera tarde, e a primavera cedo. Em Kutiéini, as mesas com guloseimas, destinadas aos recrutas que se preparavam para a viagem, estavam dispostas a céu aberto na beira da estrada, para não atrapalhar a circulação. Elas não formavam uma linha reta, estendendo-se irregularmente como uma tripa, sob as toalhas brancas que tocavam a terra.

Todos os habitantes regalavam sua parte aos conscritos. O essencial do festim compunha-se de sobras das refeições da Páscoa: dois pernis

defumados, alguns panetones, dois ou três doces. Sobre toda a extensão das mesas havia terrinas cheias de cogumelo e pepino salgados, chucrute, pratos com grossas fatias de pão artesanal e largas tigelas com montanhas de ovos pintados, sobretudo de rosa e azul-claro.

Ao redor das mesas, a relva estava juncada de cascas de ovos azuis, rosa e brancas no interior. Azul e rosa eram as cores das camisas dos rapazes, que se insinuavam por baixo dos casacos. Azul e rosa eram as cores dos vestidos das moças. Azul era a cor do céu. Rosa era a cor das nuvens, que flutuavam tão lenta e majestosamente que o céu inteiro parecia mover-se com elas.

Rosa era a cor da camisa com uma faixa de seda na cintura que Vlas Pakhómovitch Galúzin vestia, quando desceu às pressas a alta escadinha da varanda dos Pafnútkin, cuja casa ficava num aclive, jogando as pernas à direita e à esquerda e fazendo soar o salto das botas. Alcançando as mesas, começou assim o discurso:

— Este copo do nosso *samogón* em lugar de champanhe, eu esvazio em sua honra, rapazes. Glória e muitos anos de vida aos jovens que partem! Senhores recrutas! Espero ainda saudá-los em muitas outras ocasiões e circunstâncias. Escutem bem. O calvário que se estende à sua frente como uma longa estrada é o da defesa da pátria contra os opressores que inundam nossos campos com o sangue de uma luta fratricida. O povo acalenta o sonho de discutir pacificamente as conquistas da revolução, mas como o partido bolchevique está a serviço do capital estrangeiro, o seu sonho mais caro, a Assembleia Constituinte, foi dissolvido pela força brutal das baionetas, e o sangue dos inocentes jorra em rios. Jovens que partem! Reergam a honra ultrajada dos exércitos russos, pois temos dívidas com os nossos aliados e estamos cobertos de vergonha por deixarmos a Alemanha e a Áustria se aproveitarem dos vermelhos para levantar a cabeça insolente. Que Deus esteja conosco, rapaziada!

Galúzin ainda terminava de pronunciar as últimas palavras, e já se levantava um altissonante "Hurra!". Queriam carregar Vlas Pakhómovitch em triunfo. Este levou o copo aos lábios e bebeu em pequenos goles o álcool mal destilado. Bebia sem nenhum prazer. Estava acostumado a vinhos de

buquê mais refinado. Mas a consciência do sacrifício que fazia em prol da comunidade lhe dava imensa satisfação.

— É uma águia, o seu pai. Bom de discurso. Parece até aquele Miliukóv[3] da Duma, juro — disse o semiembriagado Góchka Riabíkh, no meio da algazarra, ao amigo e vizinho de mesa Teriénti Galúzin. — É verdade, ele é uma águia. Claro que não se esforça à toa. Com a língua, quer te safar do recrutamento.

— Qual é, Góchka! Que conversa é essa! Vou receber a convocação no mesmo dia que você, se é isso que você chama de "se safar". E ainda vamos cair na mesma unidade, espere só. Os miseráveis me expulsaram da escola, minha mãe ficou arrasada. Só não podemos é cair no batalhão de voluntários e partir como simples soldados. Mas papai, realmente, para os discursos solenes é imbatível. E o incrível é que isso nele é natural. Não teve nenhuma instrução.

— Você soube do Sanka Pafnútkin?

— Soube. Parece que pegou mesmo a praga.

— Pra vida toda. Vai secar. É culpa dele mesmo. Foi prevenido para não ir lá. E logo com quem foi se meter!

— O que vai ser dele, agora?

— É uma tragédia. Quis se matar. Agora está em Ermolái, sendo examinado pelo comitê de recrutamento. Devem recrutá-lo. Ele diz que vai lutar com os *partisans* para se vingar das pragas da sociedade.

— Pois é, Góchka. Você fala de contágio. Mas se não formos lá, também ficamos doentes.

— Sei muito bem do que você fala. Pelo jeito, também frequenta. Isso não é doença, é seu vício secreto.

— Quer que eu te dê um murro na cara, Góchka? É assim que fala com um camarada, seu cretino mentiroso?

— É brincadeira, não precisa chorar. Mas o que eu queria dizer é que quebrei o jejum em Pajínsk. Um sujeito que passou por lá fez uma conferência sobre a "emancipação do indivíduo". Bem interessante. Gostei desse troço. Vou me tornar anarquista, juro. Ele diz que a força está dentro

de nós. Que o sexo e o caráter são o despertar da eletricidade animal. Que tal? Um menino prodígio. Mas eu entendi muito bem. Ah, como gritam em volta da gente, assim ninguém consegue falar, dá pra ficar surdo. Você também, Terióchka, cale a boca. Estou dizendo para se calar, filhinho da mamãe.

— Só me diz uma coisa, Góchka. Eu não conheço todas as palavras do socialismo. Por exemplo, sabotador. Qual é o sentido? Serve para quê?

— Tá, eu sou mestre nessas palavras, mas dá um tempo, Terióchka, estou bêbado. Sabotador é o tipo que é da mesma corja do outro. Se te chamam de sabotador é porque você é do mesmo bando. Entendeu, seu paspalho?

— Ah, eu achava mesmo que era um insulto. Mas sobre a força da eletricidade, você tem razão. Eu pensava em encomendar uma cinta elétrica de Petersburgo pelo correio. Para aumentar a atividade. Pagar por reembolso postal. Então, de repente, veio essa nova atrapalhação. Adeus, cinta.

Teriénti não completou a ideia. A algazarra das vozes bêbadas foi encoberta pelo sonoro estrondo de uma detonação próximo dali. A gritaria cessou por um instante. Após um minuto, seguiu-se uma nova explosão, mais forte e desordenada. Uma parte dos que estavam sentados se levantou bruscamente. Os mais firmes ficaram de pé. Os outros, cambaleantes, sem conseguir se manter sobre as pernas, deram alguns passos e despencaram embaixo das mesas, logo se pondo a roncar. As mulheres deram gritos esganiçados. Começou a confusão.

Vlas Pakhómovitch olhou para os lados em busca do culpado. Primeiro, pensou que a explosão vinha de Kutiéini, de bem perto, talvez até da vizinhança imediata das mesas. Espichou o pescoço e, enrubescendo, gritou a plenos pulmões:

— Qual foi o judas que se enfiou nas nossas fileiras para fazer baderna? Quem é o filho da mãe que está brincando com granadas? Seja quem for, nem que seja o meu filho, vou esganar o desgraçado! Não vamos tolerar essa chacota, senhores! Exijo uma busca. Vamos cercar toda a aldeia de Kutiéini Possad! Cacemos o provocador! Não deixemos que o filho da cadela fuja!

De início o escutavam. Depois, a atenção voltou-se para uma coluna de

fumaça negra que subia ao céu devagar e vinha da sede da administração local de Mali Ermolái. Todos correram ao barranco para ver o que acontecia.

Da sede em chamas, escapavam recrutas desnudos, um deles vestindo a calça, além do coronel Chtreze e de outros membros do comitê de recrutamento. Os cossacos e a milícia sulcavam a aldeia de um lado para outro em seus cavalos, chicote à mão, corpo e braços estendidos à frente em suas montarias ondulantes como serpentes. Procuravam e perseguiam alguém. Uma multidão corria pela estrada em direção a Kutiéini, alvoroçada pelos sinos do campanário de Ermolái que tocavam o sinal de alerta.

Os acontecimentos sucederam-se com incrível rapidez. Ao crepúsculo, Chtreze, que continuava suas buscas, subiu com os cossacos para Kutiéini. Depois de cercar a aldeia vizinha, os cossacos começaram a vasculhar uma a uma as casas e as chácaras.

A metade dos que festejavam estava agora totalmente embriagada e dormia um sono de chumbo: uns desmaiados debaixo das mesas, outros com a cabeça arriada sobre elas. Quando se soube que a milícia estava na aldeia, já era noite.

Para escapar da milícia, alguns rapazes fugiram pelos fundos da aldeia aos empurrões e pontapés, até que deslizaram sob o portão alto do primeiro celeiro que viram pela frente. Não se enxergava nada na obscuridade, mas a julgar pelo odor de peixe e de querosene, era sem dúvida o galpão da cooperativa.

Esses meninos não tinham por que se autocensurar. Estavam errados em se esconder. A maioria deles fugiu por impulso, pela bebedeira, sem refletir. Alguns tinham relações que lhes pareciam repreensíveis e que poderiam, assim pensavam, causar-lhes a ruína. Atualmente tudo adquiria tintas políticas. Desordens e arruaças na zona soviética eram consideradas sinais reacionários, e na zona dominada pelo Exército Branco, bolchevismo.

Ocorre que outros rapazes já haviam chegado ao galpão antes deles. O espaço entre a terra e o piso do porão estava cheio de fugitivos de Kutiéini e de Ermolái. Os primeiros, completamente bêbados. Alguns roncavam com

gemidos e assovios e rangiam os dentes. Outros vomitavam. A escuridão era atroz naquele espaço apertado sob o celeiro, assim como o abafamento e o mau cheiro. Os últimos a chegar taparam com terra e pedras a abertura por onde entraram, a fim de que nada traísse a sua presença. Logo, os roncos e gemidos cessaram por completo. Fez-se um silêncio absoluto. Todos dormiam tranquilamente. Apenas se ouviam nalgum canto os cochichos dos mais incansáveis: Teriénti Galúzin, mortalmente assustado, e um dos grandes brigões de Ermolái, Kóska Nekhvaliónikh.

— Fale baixo, filho da puta, vai entregar todos nós, diabo. Não tá escutando? Os soldados do Chtreze estão vindo, estão cavucando tudo. Já contornaram a cerca e estão avançando em fileiras, logo vão chegar. Aí estão eles! Não se mexa, não respire, senão te mato! Sorte sua, passaram longe. Foram embora. Mas por que diabos você veio pra cá? O idiota veio se esconder! Quem é que vai querer te pegar?

— Ouvi o Góchka gritar: se esconda, seu idiota! E me escondi.

— Com Góchka é diferente. Toda a família Riabíkh está sob suspeita. Eles têm parentes em Khodátski. Artesãos, operários. Fique quieto, imbecil. Tem vômito e porcaria por todo lado. Vai se cagar todo e me sujar também. Não sente o fedor, não? Sabe por que Chtreze está revirando a aldeia? Está procurando gente de Pajínsk que se escondeu por aqui.

— Kóska, como isso aconteceu? Por que começou?

— Foi culpa do Sanka, toda essa barafunda, do Sanka Pafnútkin. Estávamos todos nus na fila, iam nos examinar. Daí, chega a vez do Sanka. Ele se nega a tirar a roupa. Tinha bebido, chegou bebum no posto. O escrivão diz: "Dispa-se". Diz com educação. Chama o Sanka de "senhor". O escrivão militar. E Sanka diz, bem grosseiro: "Não me dispo. Não estou a fim de mostrar as minhas partes". Como se tivesse vergonha. E se aproxima do escrivão e lhe dá um soco no maxilar. Sim. E o que você pensa? Não dá nem tempo de a gente respirar, agarra o pé da mesa e vira no chão com tudo que está em cima, tinteiro, listas militares, tudo. Chtreze aparece na porta e grita: "Não admito insubordinação, vou mostrar o que é revolução sem sangue e desrespeito à lei no posto de recrutamento. Quem é o provocador?".

"E Sanka corre pra janela. 'Socorro! Peguem as roupas! Estamos ferrados, camaradas!' Eu pego a minha tralha e corro até ele, vestindo a calça. Sanka quebra a vidraça com o punho e pula para a rua. Sigo atrás, uns outros também. Pernas para que te quero. E já estavam nos perseguindo. E não me pergunte pra que tudo isso. Ninguém consegue entender.

— E a bomba?

— Que bomba?

— Quem jogou a bomba? Bomba não, a granada.

— E por acaso fomos nós?

— Então, quem foi?

— Como é que eu vou saber? Alguém. Viu a bagunça e pensou: "Vou aproveitar a barulheira e explodir o posto. Vão pensar que foram os outros". Algum ativista político. Algum dos de Pajínsk, aqui está cheio deles. Silêncio! Vozes. Está ouvindo? Os caras do Chtreze de novo. Pararam. Quieto. Já disse.

As vozes se aproximaram. Ouviram-se o ranger de botas e o tinir de esporas.

— Não discutam. Não vão me levar no papo. Tenho certeza de que ouvi vozes em algum canto. — O coronel falava com a voz imperiosa e nítida de um petersburguês.

— Vai ver vossa excelência achou que ouviu — tentou persuadi-lo o estaroste de Mali Ermoláy, o velho mercador de peixe Otviajístin. — E o que tem de mais em ouvir vozes e até conversas? É uma aldeia, não um cemitério. Podem estar falando em algum lugar. As casas não são habitadas por bestas mudas. E vai que o *domovói*[4] está sufocando alguém em sonho!

— Essa agora! Vou te mostrar o que é bancar o santo louco, se fingir de Jeremias! *Domovói!* Vocês têm é moleza demais aqui. É bom se emendarem antes de a Internacional chegar, porque depois será tarde. *Domovói!*

— Perdão, vossa excelência, senhor coronel! Que Internacional! A gente daqui é rude, não sai das trevas. Pois se gaguejam até nas orações, o que podem fazer da revolução?

— Todos vocês falam assim até que são pegos com a mão na botija.

Vasculhem a cooperativa de cima a baixo! Revirem todos os baús, olhem bem os balcões. E também as construções anexas!

— Sim, vossa excelência.

— Peguem Pafnútkin, Riabíkh, Nekhvaliónikh, vivos ou mortos. Mesmo que estejam no fundo do mar. E o filhote do Galúzin também. Esses discursos patrióticos do pai não enganam. É o contrário. Isso não nos convence. Um lojista que se torna orador é porque tem coisa aí. É suspeito. É contra a natureza. Eu sei por fontes confidenciais que eles escondem ativistas políticos e fazem reuniões secretas na casa de Krestovozdvíjensk. Peguem o garoto. Ainda não decidi o que vou fazer com ele, mas se descobrir algo, mandarei enforcá-lo sem piedade, para que sirva de exemplo.

A patrulha seguiu adiante. Depois que já estavam bem longe, Kóska Nekhvaliónikh perguntou a um Terióchka Galúzin mais morto que vivo:

— Você ouviu?

— Sim — balbuciou Teriócha com uma voz lívida.

— Agora só há um caminho para Sanka, Góchka e nós dois: o bosque. Não digo que seja para sempre. Mas até as coisas esfriarem. Quando reconsiderarem, então veremos o que fazer. Talvez possamos voltar.

---

1. Aldeia cossaca.
2. Personagem do folclore russo da região dos Urais.
3. Pável Nikoláievitch Miliukóv (1859-1943), ativista político, historiador e publicista. Deputado na Terceira e Quarta Dumas da Rússia Imperial. Líder do Partido Democrático Constitucional após a revolução de 1917. Emigrou em 1920.
4. Entidade que protege a casa, na tradição pagã eslava.

DÉCIMA PRIMEIRA PARTE
A MILÍCIA DOS BOSQUES

1

Iúri Andréievitch encontrava-se prisioneiro dos *partisans* havia mais de um ano. Os limites de sua condição eram bastante imprecisos. Não estava trancado entre grades. Não era vigiado nem observado. O exército dos *partisans* estava em constante deslocamento, e Iúri Andréievitch o acompanhava. Os *partisans* não se mantinham isolados, não se distinguiam do resto da população ao atravessar aldeias e povoados. Ao contrário, se misturavam com o povo, se dissolviam nele.

Podia-se pensar que esse cativeiro ou subordinação não existia de fato, que o médico era livre e apenas não sabia aproveitar a liberdade. Sua prisão não diferia em nada de outras formas de constrangimento que a vida impõe, que também parecem irreais, fictícias e quiméricas. Apesar da ausência de grilhões, correntes e guardas, o médico era obrigado a se submeter à condição de prisioneiro, que era imaginária apenas em aparência.

Três tentativas de fuga haviam fracassado, tinham-no recapturado. Daquelas vezes, não houve consequências, mas era brincar com fogo. Não reincidiu.

Iúri Andréievitch tinha caído nas boas graças do chefe dos *partisans*, Liviéri Mikulítsin, que gostava da sua companhia e o mandava dormir em sua tenda. O médico suportava com dificuldade essa intimidade forçada.

2

Era um período em que os *partisans* recuavam quase o tempo todo para leste. Às vezes, esse movimento parecia parte de uma ofensiva geral para expulsar os exércitos de Koltchak da Sibéria Ocidental. Em outros momentos, quando os brancos surpreendiam os *partisans* pela retaguarda na tentativa de cercá-los, a marcha para leste transformava-se em retirada. Durante muito tempo, o médico não conseguiu compreender essa sutileza.

A retirada quase sempre se realizava por caminhos paralelos à grande estrada, mas, às vezes, por ela própria. Os vilarejos e aldeias estavam nas mãos dos brancos ou dos vermelhos, segundo a sorte militar. À primeira vista, era bem difícil divisar quem os ocupava.

No momento da passagem das milícias camponesas por esses povoados, o acontecimento principal era precisamente o exército que se estendia por eles. As casas de ambos os lados da estrada como que se encolhiam e se perdiam na terra, parecendo diminutas frente aos cavaleiros, cavalos, canhões e grupos de atiradores com casacos enrolados que desfilavam amassando a lama.

Certa vez, num vilarejo, o médico adquiriu seu próprio butim, ao se apropriar de uma reserva de medicamentos ingleses, abandonada pelos oficiais do Exército de Kappel, durante a retirada.

Era um dia escuro e chuvoso, em que predominavam duas cores: tudo o que estava iluminado parecia branco; todo o resto, negro. E na alma havia a mesma franca escuridão, sem meio-tom ou gradação.

Inteiramente arruinada pelo movimento de tropas, a estrada era uma torrente de lama negra que oferecia poucos locais para travessia, em geral distantes uns dos outros e ao preço de longos desvios. Foi nessas condições que, em Pajínsk, o médico encontrou Pelagueia Tiagunova, antiga companheira de viagem, que ocupara o mesmo vagão de trem.

Ela o reconheceu imediatamente. Mas ele não lembrava quem era aquela mulher de rosto familiar que, desde o outro lado da estrada, como de uma margem à outra de um canal, atirava para ele olhares significativos,

insinuando uma saudação caso ele a reconhecesse, ou um recuo, em caso contrário.

Num minuto, tudo lhe veio à memória. O vagão de mercadorias lotado de gente, a multidão de trabalhadores alistados à força e seus guardas, as passageiras de tranças compridas e, em meio a esse quadro, os seus familiares. Os detalhes do êxodo familiar de dois anos antes o assaltaram com toda a nitidez. Os rostos amados, cuja ausência ele tão dolorosamente lamentava, surgiram nítidos diante de si.

Com um aceno de cabeça, sinalizou a Tiagunova que deveriam subir um pouco mais a estrada para atravessá-la sobre um alinhamento de pedras que emergia do lamaçal; chegando ao local, cruzou até ela e a cumprimentou.

Tiagunova lhe contou muitas coisas. Falou-lhe de Vássia, o belo rapazinho que haviam alistado ilegalmente para o trabalho obrigatório e que viajava no mesmo vagão que eles. Em seguida, descreveu sua vida na aldeia Veretiénnik, na casa da mãe de Vássia. Vivia bem, ali. Mas toda a aldeia a tratava como uma estranha, uma forasteira. Condenavam-na por uma suposta intimidade com Vássia. Teve que partir para escapar de ignóbeis perseguições. Instalou-se na cidade de Krestovozdvíjensk, na casa da irmã, Olga Galúzina. Boatos de que Pritúliev fora visto em Pajínsk a levaram para lá. As informações se revelaram falsas, mas como ela arrumou trabalho, decidiu ficar.

Nesse meio-tempo, aconteceram desgraças com as pessoas que amava. Soube que a aldeia de Veretiénnik fora destruída numa expedição punitiva, uma vez que seus habitantes se recusaram a obedecer à lei de requisição de gêneros alimentícios. E que a casa dos Bríkin fora queimada e morrera alguém da família de Vássia. Em Krestovozdvíjensk, haviam confiscado a casa e os bens dos Galúzin, e seu cunhado teria sido preso ou fuzilado. O sobrinho desaparecera sem deixar vestígios. A irmã Olga tinha vivido os primeiros tempos de ruína na miséria e na fome, mas agora servia a uns parentes, camponeses de Zvonárski, em troca de comida.

Por casualidade, Tiagunova trabalhava como lavadora de pratos na farmácia de Pajínsk, cujos medicamentos Jivago teria de confiscar. Todos os

que viviam da farmácia, inclusive Tiagunova, se veriam arruinados por essa medida, mas o médico não podia fazer nada. Tiagunova presenciou a operação de confisco dos produtos.

Levaram a carroça de Iúri Andréievitch ao pátio dos fundos da farmácia, à porta do depósito, de onde retiraram sacolas, garrafas envolvidas em palha trançada e caixas.

Do seu canto, o cavalo do farmacêutico, um rocim estafado e descarnado, contemplava a operação tristemente, como todos os demais. O dia chuvoso chegava ao fim. O céu clareava um pouco. Por um momento, as nuvens se abriram e deixaram entrever o sol poente. Seus últimos raios bronze-escuro salpicaram o pátio, dourando de modo sinistro as poças de esterco líquido, que o vento não movia. O esterco denso mantinha-se imóvel. Mas as águas da chuva que haviam recoberto a estrada encrespavam com o vento, e suas rugas se avermelhavam.

O exército marchava, marchava sempre pelas bordas da estrada, contornando barrancos e charcos mais profundos. Entre os medicamentos apreendidos havia uma lata inteira de cocaína, droga pela qual o chefe dos *partisans* tomara gosto nos últimos tempos.

3

O médico estava sobrecarregado de trabalho. No inverno, era o tifo, no verão, a disenteria, e com a retomada das operações crescia o número de feridos.

Apesar dos reveses e do constante recuo, os camponeses das regiões que atravessavam e os trânsfugas do campo inimigo vinham incessantemente engrossar as fileiras *partisans*. Naquele ano e meio de convivência forçada, o médico viu o exército decuplicar. Quando, em reunião do Estado-Maior em Krestovozdvíjensk, Liviéri Mikulítsin anunciara o valor total de suas forças, ele havia declarado um número dez vezes maior que o efetivo real. Agora, de fato o contingente alcançara esse número.

Iúri Andréievitch contava com o auxílio de alguns enfermeiros recém-

formados, mas experientes. Na parte clínica, seus auxiliares mais sérios eram o médico militar e comunista húngaro Kereni Laioch, conhecido como camarada Laiúch, e o enfermeiro croata Angeliar, ambos prisioneiros de guerra. Com o primeiro, Iúri Andréievitch se explicava em alemão; já o segundo, eslavo dos Balcãs, a muito custo compreendia o russo.

4

Pela convenção internacional da Cruz Vermelha, os médicos militares e os membros dos serviços sanitários não têm direito de participar, armados, das operações de guerra. Certo dia, porém, o médico teve de violar essa regra contra a sua vontade. Surpreendido em pleno campo por uma escaramuça, partilhou a sorte dos combatentes e atirou para se defender.

Os *partisans* formavam uma linha na orla do bosque. Flagrado pelos tiros, o médico se deitou de bruços ao lado do telegrafista. Atrás dos *partisans*, havia a taiga; à frente, estendia-se um campo desnudo, pelo qual os brancos avançavam a descoberto.

Os adversários já estavam bem perto. O médico distinguia perfeitamente cada rosto. Eram meninos e rapazes que não pertenciam às camadas militares da capital, junto com reservistas mais velhos. Mas o tom era dado pelos primeiros, pelos jovens voluntários, estudantes do primeiro ano da universidade ou dos últimos anos do ginásio, engajados havia pouco.

O médico não conhecia nenhum deles, mas muitos daqueles rostos lhe eram de certa forma familiares. Alguns lembravam antigos camaradas da escola; quem sabe seriam os irmãos mais novos? E mesmo os demais, era como se já os tivesse visto alguma vez entre a multidão das ruas e dos teatros. Ele se sentia próximo desses adolescentes de rosto expressivo e atraente.

A juventude lhes concedia uma noção de dever impetuosa, exaltada, inútil e desafiadora. Eles avançavam em fileiras dispersas, em formação espaçada, de peito aberto, e se mostravam mais confiantes que os oficiais de carreira. Desdenhando o perigo, não se detinham em sua marcha e não se deitavam por terra, apesar de haver na planície acidentes de terreno,

montículos e colinas, atrás dos quais poderiam se abrigar. As balas dos *partisans* quase sempre os atingiam.

No meio daquele vasto campo descoberto em que os brancos avançavam, havia uma árvore calcinada, quem sabe atingida por um raio ou queimada por uma fogueira, talvez carbonizada por ocasião de algum combate precedente. Passando ao ataque, cada um dos jovens voluntários olhava para ela e lutava contra a tentação de se abrigar atrás daquele tronco para mirar com mais segurança e precisão; terminavam por desprezar essa tentação e continuavam a avançar.

Os *partisans* possuíam uma quantidade limitada de cartuchos. Era preciso não desperdiçá-los. De comum acordo, obedeciam à ordem de atirar de fuzil a curta distância, e de não superar em munição o número de alvos visíveis.

O médico estava de bruços sobre a relva, desarmado, e observava a marcha do combate. Toda a sua simpatia estava com aquelas crianças que morriam como heróis. De todo o coração, desejava que vencessem. Eram rebentos de famílias, que deviam lhe ser próximas em espírito, educação, concepções morais e ideias.

Esteve quase em vias de correr ao encontro deles, de se entregar e recobrar assim a liberdade. Mas seria um passo arriscado e perigoso.

No tempo que levaria para correr até o meio do campo com os braços para cima, arriscava ser abatido por dupla descarga: os *partisans* atirariam pelas costas para fazê-lo pagar pela traição, e os outros pela frente, por não compreender suas intenções. Não era a primeira vez que se encontrava em tal situação. Já havia considerado todas as possibilidades e, havia tempos, reconhecera que seus planos de fuga eram quiméricos. Resignado à ambiguidade dos seus sentimentos, o médico se manteve deitado sobre o ventre, de frente para o campo, e, desarmado, seguia por entre a relva o desenrolar do combate.

No entanto, esse papel de observador inativo no meio de uma luta de morte que explode de todos os lados é algo que está acima das forças humanas. E o impulso que teve em seguida de forma alguma se tratou de uma questão de fidelidade ao grupo que o mantinha cativo, ou de um

reflexo de defesa, mas simplesmente da ordem das coisas, que o fazia obedecer às leis do drama que se desencadeava diante e em torno de si. Ele não podia se subtrair à regra do jogo. Batiam-se. Atiravam nos camaradas e nele. Era necessário revidar.

E tão logo viu a seu lado o telegrafista se debater convulsivamente, depois se imobilizar e enrijecer, Iúri Andréievitch rastejou até ele, apanhou o saco e o fuzil do companheiro, retornou ao seu lugar e se pôs a atirar.

Mas a compaixão o impedia de mirar nos jovens por quem nutria simpatia e admiração. Por outro lado, atirar bestamente para o ar seria estúpido e ridículo. Escolhendo os momentos em que não havia ninguém entre ele e a árvore calcinada, atirava sobre esse alvo selecionado.

Mirava e precisava a pontaria, mas pressionava progressivamente o gatilho, sem nunca apertá-lo até o fim, como se não tivesse a intenção de atirar, e quando o disparo se produzia, o tiro parecia partir por si mesmo, de forma inesperada. Aos poucos, o médico atingia com precisão cada vez maior os galhos secos ao redor da árvore, fazendo-os voar em pedaços.

Mas, por infelicidade, apesar das precauções para não atingir ninguém, acontecia de, no momento fatal, um ou outro soldado se interpor entre o médico e a árvore, atravessando a linha de tiro justo no instante da detonação. Assim, ele feriu de raspão dois jovens, e um terceiro infeliz caiu morto próximo à arvore.

Por fim, o comando dos brancos se convenceu da inutilidade desse assalto e deu ordens de retirada.

Os *partisans* eram pouco numerosos. O grosso de suas forças encontrava-se em marcha, uma parte travava combates com inimigos mais poderosos, longe dali. O destacamento não perseguiu os brancos para não trair a sua fraqueza numérica.

Angeliar e mais dois enfermeiros vieram com macas. O médico ordenou que se ocupassem dos feridos e se aproximou do telegrafista que jazia imóvel, na esperança de poder salvá-lo. Mas já estava morto. Para se certificar definitivamente, Iúri Andréievitch desabotoou-lhe a camisa e encostou o ouvido ao seu peito. O coração não batia mais.

O morto trazia ao pescoço um talismã preso a um cordão. Iúri Andréievitch o retirou. No interior, havia um papel amassado e desgastado nas bordas, protegido por um paninho. O médico o desdobrou, e ele se desmanchou em pedaços.

O papel continha citações do salmo 90 com as alterações e variantes que o povo introduz em suas preces, e cuja repetição terminou por tornar o original irreconhecível. Os fragmentos do texto eslavônico estavam transcritos em russo.

O salmo diz: "O que habita na proteção do Altíssimo". Na transcrição, este era o título da invocação: "Os habitantes protegidos". O verso do salmo "Tu não temerás a flecha que voa de dia" tornou-se a palavra de encorajamento: "Não tema a flecha voadora da guerra". Diz o salmo: "Pois conhece Meu nome", e no papel está: "Tarde Meu nome". E ainda: "Com ele estarei na aflição, o libertarei" tornou-se: "Logo no inverno estará".[1]

Dizia-se que o texto do salmo era milagroso, que protegia das balas. Já na guerra imperialista anterior, os soldados o mantinham consigo à guisa de talismã. Bem mais tarde, décadas depois, os prisioneiros passaram a costurá-lo por dentro das roupas, e a repeti-lo em voz baixa, quando conduzidos a interrogatórios noturnos.

Iúri Andréievitch afastou-se do telegrafista e se dirigiu ao campo, aproximando-se do corpo do jovem soldado que ele havia matado. No belo rosto do rapaz, lia-se a inocência e o sofrimento que tudo perdoa. "Por que eu o matei?", pensou.

O médico desabotoou e abriu amplamente o casaco do morto. No forro, havia o nome "Seriója Rántsevitch" bordado com letras caligráficas por uma mão cuidadosa e carinhosa, por certo a da mãe.

Escapava pela camisa uma correntinha com um pequeno crucifixo, um medalhão e um estojinho dourado achatado, cuja tampa parecia danificada por um prego. O estojinho estava entreaberto e dele caiu um papelzinho dobrado. O médico o desdobrou e não acreditou no que viu. Era exatamente o mesmo salmo 90, mas todo impresso em eslavo antigo.

Nesse momento, Seriója gemeu e se esticou. Estava vivo. Como depois se

constatou, ele apenas ficara aturdido por uma leve contusão interna. A bala havia golpeado o amuleto materno e isso o salvara. Mas o que fazer com esse ferido sem consciência?

Nessa época, a crueldade dos combatentes atingira o seu paroxismo. Os prisioneiros não chegavam vivos aos locais designados, os adversários feridos eram eliminados no campo de batalha.

Uma vez que o efetivo de voluntários da milícia dos bosques era flutuante, ora ingressavam novos caçadores, ora antigos membros desertavam para o lado inimigo, podia-se fingir que Rántsevitch fosse um novato. Bastaria guardar bem o segredo.

Iúri Andréievitch despojou o telegrafista morto de sua vestimenta e, com o auxílio de Angeliar, a quem confiou suas intenções, trocou a roupa do jovem ainda inconsciente.

Os dois cuidaram do menino. Assim que Rántsevitch se restabeleceu completamente, eles o deixaram partir, embora o jovem não tenha escondido dos seus salvadores que retornaria às tropas de Koltchak e continuaria a luta contra os vermelhos.

5

No outono, os *partisans* acamparam no Ribeirão da Raposa, que consistia num pequeno bosque no alto de um outeiro, contornado em três dos seus flancos pelo curso rápido e espumante de um pequeno rio, que os erodia e minava.

Antes dos *partisans*, os soldados de Kappel haviam montado ali seu acampamento de inverno. Na ocasião, tinham feito contenções no bosque com as próprias mãos e com a ajuda dos habitantes das redondezas, mas na primavera haviam deixado o local. Os *partisans* agora se instalavam nos abrigos, nas trincheiras e nas passagens de comunicação que os brancos tinham deixado intactas.

Liviéri Aviérkievitch dividia seu abrigo subterrâneo com o médico. Era a segunda noite que cavaqueava incessantemente e o impedia de dormir.

— Gostaria de saber o que anda fazendo agora o meu honorável pai, meu respeitável *pater*, meu papaizinho.

"Meu Deus, como detesto esse tom irônico", suspirou para si o médico. "E, no entanto, ele é o pai escarrado!"

— Por todas as nossas conversas precedentes, posso concluir que o senhor conheceu bem Aviérki Stepánovitch. E, pelo que parece, não tem nenhuma má opinião sobre ele, não é, caro senhor?

— Liviéri Aviérkievitch, amanhã teremos reunião eleitoral na clareira. E, além disso, o julgamento dos enfermeiros fabricantes de *samogón* é iminente. Laioch e eu ainda não terminamos de reunir as peças do dossiê. Amanhã vamos trabalhar sobre esse assunto. E há duas noites eu não durmo. Vamos deixar essa conversa para mais tarde. Pelo amor de Deus.

— Não, vamos falar de Aviérki Stepánovitch. O que o senhor pensa do velho?

— O seu pai ainda é jovem, Liviéri Aviérkievitch. Por que se refere a ele assim? Pois bem, vou lhe responder. Eu já lhe disse que não compreendo bem as nuances do socialismo e que não vejo nenhuma diferença especial entre os bolcheviques e os outros socialistas. É a pessoas como o seu pai que a Rússia deve os tumultos e desordens dos últimos tempos. Aviérki Stepánovitch tem o caráter de revolucionário. Ele representa, assim como o senhor, um princípio de fermentação claramente russo.

— O que é isso, um elogio ou uma reprovação?

— Peço mais uma vez para deixarmos essa discussão para um momento mais conveniente. Por agora, permita-me observar que o senhor abusa da cocaína. Faz uma má utilização das reservas que me foram confiadas. Nós precisamos dela para outras finalidades. Será supérfluo acrescentar que é um veneno e que eu sou responsável pela sua saúde?

— Mais uma vez, o senhor ontem faltou ao curso de instrução política. O senhor tem o instinto social atrofiado, como uma camponesa inculta ou um pequeno-burguês inveterado e retrógrado. E, no entanto, é médico, uma pessoa de leitura, e parece que também escreve. Explique-me: como tudo isso se encaixa?

— Não sei. Talvez não se encaixe. Mas, que fazer? Sou uma pessoa lamentável.

— Falsa modéstia. Em vez de fazer gracejos irônicos, o senhor deveria olhar o programa dos nossos cursos e reconhecer o quanto o seu desdém está fora de lugar.

— Meu Deus, Liviéri Aviérkievitch! Que desdém? Eu respeito o seu trabalho educativo. Há um resumo das questões na ordem do dia. Eu as li. Conheço as suas ideias sobre o desenvolvimento espiritual dos soldados. Elas me encantam. Tudo o que diz sobre a atitude do combatente do exército popular frente aos camaradas, aos fracos e indefesos, às mulheres, todas as suas ideias de pureza e honra, tudo isso, veja, é quase o mesmo que os princípios da comunidade dos *dukhobors*,[2] é uma espécie de tolstoísmo, um ideal de dignidade humana, e minha adolescência se alimentou de tudo isso. Como eu poderia desdenhar?

"Acontece que, em primeiro lugar, as ideias de aperfeiçoamento geral, tais como passaram a ser compreendidas depois de outubro, não me entusiasmam. Em segundo lugar, essas ideias estão longe da realidade e já se pagou muito caro por elas, mares de sangue, e, portanto, os fins não justificam os meios. Em terceiro, e mais importante, sempre que ouço falar em transformação da vida, perco meu autocontrole e caio em desespero.

"Transformação da vida! Os que falam assim podem tê-la visto com todas as cores, mas nunca souberam de fato o que é a vida, nunca sentiram seu sopro e sua alma. A existência para eles é um punhado de matéria bruta que ainda não foi enobrecida pelo seu toque e aguarda ser trabalhada por eles. Mas a vida não é uma matéria nem um material. A vida, se o senhor quer saber, não tem necessidade de nós para se renovar e se remodelar o tempo todo, para se refazer e se transformar eternamente. Ela está acima de qualquer teoria obtusa que o senhor e eu possamos inventar a seu respeito."

— E, no entanto, se o senhor frequentasse as nossas reuniões e se se relacionasse com os nossos companheiros admiráveis, atrevo-me a dizer que isso elevaria o seu moral. Não se abandonaria à melancolia. Eu sei de onde vem isso. O que o oprime é sermos bombardeados e não ver uma luz no fim

do túnel. Mas, meu caro, nunca se deve entrar em pânico. Sei de coisas bem mais terríveis que me concernem pessoalmente — por enquanto não devem ser divulgadas — e, no entanto, não perco a cabeça. Nossos fracassos são temporários. A queda de Koltchak é inevitável. Lembre-se dessas minhas palavras. O senhor verá. Nós venceremos. Alegre-se.

"Não, isso é inacreditável!", pensava o médico. "Quanta imaturidade! Que miopia! Estou sempre ressaltando as contradições entre os nossos pontos de vista, ele me trouxe à força e me mantém perto de si à força, e ainda consegue imaginar que os seus fracassos me transtornam e que os seus cálculos e as suas esperanças me dão coragem. Quanta cegueira! Os interesses da revolução e a existência do sistema solar são a mesma coisa para ele."

Iúri Andréievitch estava exasperado. Não respondeu nada e deu de ombros. Não tentou sequer esconder que a ingenuidade de Liviéri havia ultrapassado a medida da sua paciência e que mal se continha. Liviéri percebeu.

— Júpiter, se está zangado, então está errado — disse ele.

— Entenda de uma vez por todas que isso não é para mim. "Júpiter", "não deve entrar em pânico", "quem diz *a* deve dizer *b*", "Moor fez o seu trabalho, Moor pode ir embora",[3] todas essas tolices, todas essas expressões não são para mim. Eu direi *a*, mas não direi *b*, e que se exploda. Eu admito que os senhores são as tochas e os libertadores da Rússia, que ela pereceria sem os senhores, atolada na miséria e na ignorância, e no entanto, os senhores não me interessam, não dou a mínima para os senhores, não lhes tenho a menor simpatia, e que vão todos para o inferno.

"Os mestres dos seus pensamentos têm a mania de citar provérbios, mas se esqueceram do mais importante: que ninguém pode ser amado à força, e adquiriram o hábito tenaz de querer trazer liberdade e felicidade para todos, em particular para os que não pediram nada. Certamente, o senhor imagina que o seu acampamento e a sua companhia são o que eu tenho de mais caro no mundo. E que eu devo me considerar abençoado e agradecer pelo senhor ter me feito prisioneiro, por ter me libertado da minha família, do meu filho,

da minha casa, do meu trabalho, de tudo o que me é caro e que constitui a minha vida.

"Dizem que um destacamento estrangeiro desconhecido fez uma incursão em Varíkino. E que tudo foi destruído e pilhado. Kamennodvórski não nega isso. Os meus e os seus, parece, teriam conseguido fugir. Uma espécie de horda mítica de olhos estreitos com peliças e gorros de pele teria atravessado o Rinva pelo gelo, debaixo de uma terrível tempestade de neve e, sem uma palavra sequer, teria fuzilado tudo que estava vivo na aldeia, depois teria desaparecido de modo tão misterioso quanto surgiu. O senhor sabe algo a respeito disso? É verdade?"

— São bobagens, invencionices. Conversa pra boi dormir.

— Se o senhor é assim tão bom e generoso como dizem os seus discursos sobre a educação moral dos soldados, deixe-me ir embora. Vou procurar minha família, pois nem mesmo sei se estão vivos e onde estão. Se não, peço que se cale e me deixe tranquilo. O resto não me interessa e eu não respondo por mim. E, afinal de contas, o diabo que o carregue, tenho ao menos o simples direito de querer dormir!

Iúri Andréievitch deitou de bruços sobre a lona e mergulhou o rosto no travesseiro. Esforçou-se para não escutar as justificativas de Liviéri, que continuava tentando acalmá-lo, dizendo que na primavera os brancos seriam necessariamente vencidos. A guerra civil terminaria e a liberdade viria com o bem-estar e a paz. Ninguém, então, ousaria reter o médico. Mas, até lá, era necessário ter paciência. Depois de todas essas provações, todos esses sacrifícios e tão longa espera, isso não tardaria. E para onde iria o médico agora? Pelo seu próprio bem, não podiam liberá-lo para lugar nenhum.

Iúri Andréievitch, indignado, suspirava. "Está com a corda toda, o diabo. Como não se envergonha de ficar ruminando as mesmas coisas por tantos anos? Embriaga-se com as próprias palavras, esse falastrão, cocainômano infeliz. A noite para ele não existe, nem o sono, impossível conviver com esse maldito. Oh, como eu o odeio! Deus é testemunha de que um dia desses ainda vou matá-lo.

"Oh, Tônia! Minha pobre garota! Estará viva? Onde estará? Senhor, ela

estava para ter um bebê. Como foi o parto? Tivemos um menino ou uma menina? Meus queridos, o que é feito de vocês? Tônia, meu eterno remorso, minha culpa! Lara, temo chamá-la, porque ao som do seu nome minha alma desfalece. Oh, Senhor! Senhor! E esse animal odiento e insensível continua a discursar, não sossega. Um dia não aguentarei e o matarei, sim, vou matá-lo!"

6

O veranico passou. Vieram os dias luminosos do outono dourado. Na parte oeste do Ribeirão da Raposa, erguia-se da terra uma torrezinha de madeira ainda conservada, resto de um antigo fortim dos voluntários. Foi nesse local que Iúri Andréievitch combinou se encontrar com o dr. Laioch, seu assistente, para discutir questões de interesse geral. Iúri Andréievitch chegou na hora marcada. Enquanto esperava o colega, caminhou pela beirada de terra da trincheira desabada, subiu à guarita e, através das seteiras vazias onde outrora se aninhavam as metralhadoras, pôs-se a observar os bosques que se estendiam além do rio.

O outono já havia nitidamente separado o mundo das coníferas do mundo das folhas. As primeiras se eriçavam ao fundo do bosque como uma muralha escura quase negra; as segundas irradiavam um tom vinho-chamejante a intervalos, fazendo lembrar as cidadelas antigas levantadas no coração dos bosques, com suas casas de torres douradas feitas de troncos esculpidos a machado.

No fosso abaixo dos pés do médico, nas trilhas do caminho endurecido pelas geadas matinais, a terra estava recoberta de uma colcha espessa de folhas de salgueiro pequenas e secas como se podadas e enroladas. O outono exalava o odor amargo dessa folhagem marrom e de muitas outras espécies. Iúri Andréievitch inspirava com avidez o perfume picante das maçãs congeladas, de acre secura e doce umidade, junto aos vapores de setembro, inebriantes e azulados como os que emanam do fogo à lenha ao se aspergir água ou de um incêndio que se apaga.

Iúri Andréievitch não notou quando Laioch se aproximou por trás.

— Bom dia, colega — disse, em alemão. E falaram sobre as tarefas.

— Nós temos três assuntos para examinar. Os enfermeiros que fabricam *samogón*, a reorganização do ambulatório e da farmácia, e o terceiro, que eu insisto, o tratamento de doentes mentais em ambulatório, em situação de campanha. Talvez o senhor não veja necessidade neste último ponto, mas eu observo que estamos ficando loucos, meu caro Laioch, e os tipos de loucura contemporânea têm as características de uma infecção, de uma doença contagiosa.

— Essa é uma questão bem interessante. Vou retomá-la mais tarde. No momento, o que eu quero lhe dizer é que o acampamento está se agitando. O destino dos produtores de *samogón* suscita compaixão. Muitos também estão atormentados pela sorte das famílias, que fugiram das aldeias com a aproximação dos brancos. Alguns *partisans* se recusam a sair do acampamento, porque o comboio que traz as mulheres, os filhos e os velhos se aproxima.

— Sim, é necessário aguardá-los.

— E tudo isso às vésperas da eleição de um comandante único e comum para todos os destacamentos, mesmo os que até agora atuavam independentes de nós. Acredito que o único candidato é o camarada Liviéri. Um grupo de jovens propôs outra candidatura, a de Vdovitchenko. Ela será sustentada pela ala não comunista, que está ligada aos produtores de *samogón*. São filhos de *kulaks* e de pequenos comerciantes, desertores do exército de Koltchak. Estes são os que mais estão em polvorosa.

— Do seu ponto de vista, o que vai acontecer com os enfermeiros que fabricaram *samogón*?

— Acho que serão condenados à morte, mas não serão fuzilados, obterão sursis.

— Bem, já falamos demais. Vamos ao trabalho. A reorganização do ambulatório. É o que eu gostaria de examinar em primeiro lugar.

— Certo. Mas devo dizer que a sua sugestão sobre a profilaxia psiquiátrica não me surpreende. Sou da mesma opinião. Estão surgindo e se propagando

doenças mentais com características idênticas, específicas do nosso tempo, ligadas diretamente às particularidades históricas que vivemos. Temos um soldado do Exército imperial, Pamfil Palíkh, um homem com instrução política, dotado de um instinto de classe inato. É exatamente isso que o enlouquece. Teme o tempo todo pelos seus, diz que se for morto e sua família cair nas mãos dos brancos, ela responderá por sua conduta. É uma psicologia complicada. Parece que a família dele está nesse comboio de refugiados que se juntará a nós. Eu falo muito mal o russo para interrogá-lo como se deve. Pergunte os detalhes a Angeliar ou a Kamennodvórski. Vale a pena examinar.

— Eu conheço muito bem Palíkh. Certa vez, entramos em conflito no Conselho do Exército. É um homem moreno, duro, de testa baixa. Não sei o que o senhor viu nele de bom. É sempre partidário de medidas extremas, de sanções severas, da pena de morte. Sempre me repugnou. Mas, está bem. Vou me ocupar dele.

7

Era uma manhã clara e ensolarada. Fazia um tempo seco e calmo como o da semana precedente.

Dos fundos do acampamento, um ruído surdo turbilhonava semelhante a um marulhar longínquo, indicando uma grande concentração de pessoas. Ouviam-se, alternadamente, passos errantes pelo bosque, vozes humanas, golpes de machado, retinidos de bigorna, relincho de cavalos, latido de cachorros e o canto dos galos. Multidões de pessoas bronzeadas e de sorrisos brancos se moviam pelo bosque. Algumas conheciam o médico e o cumprimentavam, outras passavam sem saudá-lo.

Embora os *partisans* se recusassem a deixar o Ribeirão da Raposa enquanto não chegassem as carroças que transportavam as famílias, estas já estavam próximas, portanto, concordaram em iniciar os preparativos para levantar acampamento e organizar a iminente marcha para leste. Limpavam, reparavam, consertavam caixas, conferiam e verificavam as condições das

carroças.

Numa clareira grande e pisoteada em meio ao bosque, havia um montículo que levava o nome local de sepulcrário; era, decerto, o vestígio de algum remoto povoamento. Ali aconteciam as reuniões militares. Nesse dia, todos os *partisans* se reuniriam para receber as novas informações.

Boa parte do bosque ainda não tinha amarelecido. Em suas profundezas, as folhagens estavam quase totalmente frescas e verdejantes, e os raios do sol declinante da tarde transpassavam-nas por detrás. O avesso das folhas que recebiam a luz solar reluzia em chama verde como vidro de garrafa.

Em um relvado aberto, o chefe da comunicação, Kamennodvórski, triava os seus arquivos e queimava a papelada velha e desnecessária que recebera do regimento de Kappel, junto com uma pilha de dossiês relativos aos *partisans*. A fogueira estava disposta contra o sol, que penetrava através da chama transparente da mesma forma que através das folhagens do bosque. Não se via o fogo, e apenas as colunas de ar quente que se moviam e cintilavam como filetes de mica denunciavam que algo ardia ali.

Aqui e ali o bosque se tingia das mais variadas espécies de frutinhas silvestres: cardaminas em cachos elegantes, sabugueiro mole cor de tijolo escuro, framboesa furta-cor branca e púrpura. Tilintando suas asas de vidro, as libélulas planavam lentamente no ar, tão diversas e translúcidas quanto o fogo e o bosque.

Desde a infância, Iúri Andréievitch amava o bosque vespertino transpassado pelo fogo crepuscular. Nesses momentos, sentia que também ele era penetrado pelas colunas de luz, como se a dádiva do espírito vivo entrasse em torrentes no seu peito, atravessasse todo o seu ser e fizesse brotar um par de asas em suas costas. Todo adolescente cria em si uma imagem que o acompanhará por toda a vida e que mais tarde chamará de seu mundo interior, sua personalidade. Essa imagem acabava de despertar nele com toda a força primordial. É ela que o faz ver na natureza, no bosque, no crepúsculo, em todo o mundo visível, a figura igualmente primordial e abrangente de uma menina. “Lara!”, murmurou, de olhos fechados. Esse murmúrio dirigia-se a toda a sua vida, a toda a terra de Deus, a tudo o que se

estendia à sua frente, ao espaço iluminado pelo sol.

Mas a ordem diuturna das coisas prosseguia, havia acontecido a Revolução de Outubro, e ele era prisioneiro dos *partisans*. Sem se dar conta, aproximou-se da fogueira de Kamennodvórski.

— Ainda está destruindo os processos de ofício? Não conseguiu terminar?

— Que nada! Falta muito para queimar.

O médico empurrou com o pé uma pilha de papéis. Eram telegramas do Estado-Maior dos brancos. De relance, veio-lhe a suposição de que poderia encontrar entre eles o nome de Rántsevitch, mas se enganava. Era uma aglomeração desinteressante de boletins cifrados de anos precedentes com abreviações ininteligíveis, como: "Omsk — g.q.s. primeira cópia Omsk n.t. mapa de Omsk quarenta verstas de Enissiéi não procede". Remexeu com o pé outro monte. Deslizaram para o lado velhas atas de assembleias dos *partisans*. Em cima havia um papelzinho: "Extremamente urgente. Sobre licenças. Reeleição dos membros da comissão de revisão. Questões correntes. Visto que as acusações da professora da aldeia Ignatodvoriéts não possuem fundamentos, o Conselho do Exército resolve…".

Nesse momento, Kamennodvórski retirou algo do bolso e entregou ao médico, dizendo:

— Aqui estão as disposições que concernem à sua equipe médica, no caso de levantarmos acampamento. O comboio com as famílias está bem próximo. Os desacordos serão resolvidos hoje. Podemos partir de uma hora para outra.

O médico passou os olhos no papel e exclamou:

— É menos do que me deram da última vez. E os feridos são muitos. Os que estão em condições de andar e os que estão enfaixados irão a pé, mas eles são uma minoria ínfima. E com o que vou transportar os feridos graves? E os medicamentos? E as macas? E o equipamento sanitário?

— Terá de se apertar. É preciso se adaptar às circunstâncias. Outra coisa. Eu lhe faço um pedido da parte de todos. Nós temos aqui um camarada experiente, devotado à causa, um homem de toda a confiança e excelente soldado. Mas tem alguma coisa que não bate.

— Palíkh? Laioch comentou comigo.

— Sim, vá vê-lo e o examine.

— Algo psíquico?

— Imagino que sim. Vê umas rodinhas, pelo que diz. Devem ser alucinações. Talvez insônia ou dores de cabeça.

— Está bem. Vou já. Estou com tempo livre. A que horas será a reunião?

— Creio que já estão começando. Mas para que ir? Veja, eu também não vou. Arranjam-se sem nós.

— Bem, vou ver Pamfil, apesar de que estou quase dormindo em pé. Liviéri Aviérkievitch adora filosofar à noite e me exaure com os seus discursos. Como faço para ir até Pamfil? Onde ele fica?

— Está vendo aquele arvoredo de bétulas atrás do canteiro abandonado?

— Certo, encontrarei.

— Ali, na clareira, estão as barracas dos chefes. Nós montamos uma para Pamfil, porque ele aguarda a família. A mulher e os filhos estão no comboio a caminho. Ele ocupa uma barraca de chefe de batalhão, pelos serviços que prestou à revolução.

8

Quando estava a caminho, o médico sentiu que não tinha mais forças para prosseguir. A fadiga o dominava e não podia vencer o sono das noites maldormidas. Poderia retornar ao abrigo e descansar, mas temia que de um momento para outro Liviéri viesse incomodá-lo.

Sentou-se numa pequena clareira juncada de folhas douradas, lançadas pela mata ao redor. As folhas se espalhavam sobre a terra como peças de um tabuleiro de damas, e os raios filtrados do sol projetavam luzes recortadas sobre aquele tapete dourado. Esse duplo mosaico de cores entrecruzadas dançava diante dos olhos de Iúri Andréievitch e exasperava o seu sono, como o fariam um livro de caracteres minúsculos ou um ronronar monótono.

O médico deitou-se sobre a folhagem sedosa; o braço dobrado sob a cabeça apoiava-se no musgo que revestia a base nodosa de uma árvore.

Adormeceu no mesmo instante. As manchas de sol que o fizeram adormecer formavam quadrículos que recobriam todo o seu corpo estendido na terra e faziam-no imergir dentro desse caleidoscópio de raios e folhas, tornando-o invisível como se usasse o chapéu mágico.[4]

Logo, o excesso de fadiga o despertou. As causas só atuam diretamente dentro de certos limites. A desmedida produz o efeito inverso. Sua consciência vigilante não encontrava repouso, trabalhava febrilmente no vazio. Estilhaços de pensamento turbilhonavam com rapidez, como peças quebradas de uma máquina danificada. Essa confusão torturava e irritava o médico. "Maldito Liviéri", pensava, indignado. "Pouco importa a ele que já existam no mundo mil razões para se ficar louco. Ele tem prazer em fazer de mim um neurastênico, impondo-me a prisão, a sua amizade e as suas conversas idiotas. Um dia desses vou matá-lo."

De uma nesga ensolarada, surgiu uma borboleta colorida abrindo e fechando as asinhas respingadas de castanho. O médico a seguiu com os olhos sonolentos. Ela pousou sobre a casca igualmente marrom de um pinheiro, camuflando-se nele. A borboleta havia desaparecido da mesma forma que Iúri Andréievitch ficara invisível aos olhares forasteiros, sob a malha de luzes e sombras que brincavam em cima dele.

Um conjunto rotineiro de ideias preocupava Iúri Andréievitch. Em muitos trabalhos de medicina havia feito alusão a certas ideias que lhe vinham agora ao espírito: a vontade e a conveniência concebidas como resultado de uma adaptação progressiva, o mimetismo, os pigmentos de imitação e de preservação; a sobrevivência dos seres mais bem adaptados e a similitude provável entre a via da seleção natural e a da formação e gênese da consciência. O que é sujeito? O que é objeto? Como determinar suas identidades? Nas reflexões do médico, Darwin encontrava Schelling, e a imagem da borboleta se associava à pintura contemporânea, à arte impressionista. Ele pensava na criação, na criatura, na obra e na imitação.

E novamente adormeceu para acordar um minuto depois. Dessa vez foi despertado por um cochicho abafado a dois passos de si. Foram necessárias apenas algumas palavras apanhadas no ar para Iúri Andréievitch

compreender que se tratava de algo secreto e ilegal. Os conspiradores claramente não o haviam percebido e não suspeitavam de sua presença ao lado deles. O menor gesto poderia lhe custar a vida. Iúri Andréievitch se fez de morto e apurou os ouvidos.

Algumas dessas vozes lhe eram familiares. Tratava-se da escória dos *partisans*, dos meninos que se encostaram na guerrilha, Sanka Pafnútkin, Góchka Riabíkh, Kóska Niékhvaliónikh e, a reboque deles, Teriénti Galúzin. Eles estavam na origem de todas as sujeiras, de todos os escândalos. Estava também com eles Zákhar Gorázdikh, um tipo ainda mais perigoso, pois fora conivente com a fabricação de *samogón*, mas como denunciara os principais culpados, não havia sido incriminado até o momento. Iúri Andréievitch ficou surpreso ao perceber a presença de um *partisan* da "brigada de prata", Sivobliúi, que fazia parte da guarda pessoal do chefe. Seguindo uma tradição que remonta a Stiépan Rázin e a Pugatchóv, chamavam a esse favorito de "orelha do atamã", pela confiança que lhe testemunhava Liviéri. E, no entanto, estava também no complô.

Os conjurados estavam em vias de fazer um acordo com os mensageiros enviados pelas patrulhas inimigas. Estes últimos falavam tão baixo que era impossível ouvi-los. Iúri Andréievitch podia apenas adivinhar o momento em que os emissários inimigos estavam com a palavra, pois os cochichos dos cúmplices se interrompiam.

O mais loquaz era o bêbado Zákhar Gorázdikh, que, ao falar, lançava xingamentos a torto e a direito com a voz rouquenha. Certamente era ele o mentor.

— Agora, escutem todos. O mais importante: boca de siri. Nenhuma palavra. Se alguém der com a língua nos dentes, estão vendo esta faca? Vou estripar o traidor. Entenderam? Agora não dá mais para fugir, estamos todos com a corda no pescoço. Temos que merecer o perdão. Vamos dar um golpe que o mundo nunca viu, fora de série. Querem que a gente entregue o homem vivo e amarrado. Estão dizendo que o chefe deles, Gulevói, está perto daqui, do bosque (tinha ouvido mal o nome; sopraram-lhe e ele retomou: general Galiéev). É agora ou nunca. Aqui estão os delegados deles.

Eles vão explicar tudo. Estão dizendo que o homem deve ser pego vivo de qualquer jeito, amarrado. Perguntem vocês mesmos aos camaradas. Melhor, falem vocês, irmãos, digam para eles como deve ser feito.

Era a vez de os emissários falarem. Iúri Andréievitch não pôde ouvir nem uma palavra. Mas, a julgar pela duração do silêncio, podia-se imaginar que a exposição era circunstanciada. Gorázdikh retomou a palavra:

— Entenderam, rapazes? Estão vendo o ouro que vai cair nas nossas mãos? E ainda pagam por um tipo como esse! E isso lá é homem? Um esquisitão, beato, espécie de aborto de eremita. Vou te dar um soco no meio do focinho, Teriócha. Está relinchando para quem, sodomita? Ninguém aqui está falando de você. É sim, aborto de eremita. Se não tomar cuidado, ele transforma você em monge e ainda te castra. O que ele diz? Vamos expulsar o palavrão do nosso meio, fora com a bebida, com esse negócio de mulher. É possível viver assim? Minha palavra final. Esta noite, fiquem a postos na passagem do rio onde colocaram as pedras. Eu vou atrair o homem para lá. Caímos todos em cima. Não é difícil dar conta dele. Bobagem. O único problema é que o querem vivo. Amarrem, eles dizem. Mas se eu perceber que não está do nosso jeito, eu mesmo dou cabo dele. Mato com as minhas próprias mãos. Eles vão enviar uns dos seus para nos ajudar.

O orador continuava a expor a trama, mas começou a se distanciar com os outros, e o médico não ouviu mais o que diziam.

"Estão falando de Liviéri, os canalhas!", pensava Iúri Andréievitch com terror e indignação, esquecendo-se de quantas vezes ele mesmo havia amaldiçoado seu carrasco e desejado sua morte. "Os desgraçados querem entregá-lo aos brancos ou matá-lo. Como impedir? Aproximar-se casualmente da fogueira e, sem dizer nomes, prevenir Kamennodvórski. E de alguma maneira advertir Liviéri sobre o perigo."

Kamennodvórski já não se encontrava naquele local. A fogueira tinha se consumido. O ajudante dele vigiava o fogo para que não se propagasse.

Mas o atentado não aconteceu. O complô foi sufocado. Sabiam do conluio e o desmascararam no mesmo dia. Os conjurados foram presos. Sivobliúi fez o jogo duplo de espião e provocador. O médico ficou ainda

mais enojado.

9

Soube-se que o comboio com as mulheres e as crianças estava agora a pouca distância do Ribeirão da Raposa. Preparavam-se para acolhê-lo e em seguida levantar acampamento. Iúri Andréievitch foi ver Pamfil Palíkh.

O médico o encontrou à entrada da barraca com um machado na mão. Entre os dois, havia pilhas de bétulas jovens que haviam sido derrubadas e ainda não desbastadas. Algumas das árvores recém-abatidas tinham cravado a ponta dos seus galhos quebrados na terra úmida, após tombar com todo o peso. Outras, cortadas um pouco mais longe, tinham sido arrastadas até ali e atiradas sobre as primeiras. As bétulas tremiam e se balançavam sobre os galhos flexíveis, sem tocar a terra e sem se tocar umas às outras. Dir-se-ia que estendiam os braços para se defender desse Pamfil que as havia abatido, e também que barravam o acesso à barraca dele, ao levantar diante dela toda uma floresta de folhas vivas.

— É para passar o tempo, enquanto espero a família — disse Pamfil para explicar o trabalho. — A barraca é muito baixa para minha mulher e para as crianças. E chove dentro dela. Quero levantar o teto com estacas. Cortei bastante.

— Está trabalhando à toa, Pamfil. Você acha que vão deixá-lo viver com a família na barraca? Onde já se viu mulheres e crianças no meio de um exército? Decerto vão alocá-las na periferia do acampamento com as carroças. E você poderá encontrá-las nas horas livres, faça-me o favor. Há poucas chances de serem admitidas no interior do acampamento militar. Mas não se trata disso. Disseram-me que você emagreceu, que parou de comer e de beber, que não dorme. Mas sua aparência não diz isso. Só está um pouco barbado.

Pamfil Palíkh era um mujique vigoroso, de barba e cabelos negros e desgrenhados, com uma protuberância entre o osso frontal e a arcada superciliar que parecia dividir a testa em duas. Isso lhe dava um aspecto

sinistro e um olhar dissimulado.

No início da revolução, temia-se que, a exemplo de 1905, ela não passasse de um breve episódio da história das classes cultivadas, caso não atingisse as camadas inferiores, onde de fato não havia se consolidado. Foi então que submeteram o povo a uma maciça propaganda, numa tentativa de levá-lo à revolta, agitação, desordem e exasperação.

Nesses primeiros momentos da revolução, pessoas como o soldado Pamfil Palíkh, que nutriam um ódio gratuito e bestial por intelectuais, patrões e oficiais, eram um achado raro para os intelectuais de esquerda exaltados, que lhes pagavam um preço considerável. Sua falta de humanidade era apresentada como milagre da consciência de classe, sua barbárie como modelo de firmeza proletária e instinto revolucionário. Essa era toda a glória de Pamfil. Os chefes *partisans* e as autoridades do partido o tinham em alta conta.

Para Iúri Andréievitch, esse forçudo tenebroso e insociável era um ser degenerado. Sua dureza, a monotonia e pobreza de seus interesses e afeições revelavam anomalias.

— Vamos entrar na barraca — convidou Pamfil.

— Não, não há necessidade. E eu não vou conseguir passar por essas árvores. Melhor ao ar livre.

— Como quiser. Parece mesmo uma toca. Vamos conversar aqui nestas varas (era assim que se referia àquelas árvores compridas).

Sentaram-se sobre os troncos de bétula, que envergaram e balançaram sob seu peso.

— Como se diz, é de vez que contam os contos, mas não é de vez que fazem os feitos. E meu conto eu não posso contar de vez. Nem que levasse três anos. Nem sei por onde começar.

"Bem, vamos lá. Eu morava com a minha patroa. Jovens, os dois. Ela cuidava da casa. Eu trabalhava na terra, sem queixume. Vieram as crianças. Me pegaram para soldado. Fui mandado pra guerra, soldado de flanco. Bem, a guerra. Não preciso contar. Você mesmo viu, camarada doutor. Depois, a revolução. Entendi tudo. Abriu os olhos dos soldados. O inimigo não é mais

alemão, estrangeiro, ele está aqui, entre nós. Soldados da revolução mundial, baionetas na terra, simbora pra casa, pra cima dos burgueses! E coisa assim. Você sabe, era médico militar. E é assim. Veio a guerra civil. Me juntei com os *partisans*. Agora, vou pular uma porção de coisas, senão não termino nunca. Agora, falando curto e grosso, o que é que está acontecendo? O outro lá, aquele parasita, tirou do front russo o primeiro e o segundo regimento de Stávropol e o primeiro regimento cossaco de Orenburg. E eu por acaso sou criança, não entendo? Por acaso não servi no Exército? As coisas estão malparadas pra nós, camarada doutor; estamos ferrados. E o que esse desgraçado está querendo? Nos esmagar com toda aquela escória, é isso que está querendo. Quer nos cercar.

"Agora, tenho mulher e filhos. Se ele ganhar, pra onde é que eles vão? Por acaso vai passar pela cabeça dele que os guris não têm nada a ver com isso? Não vai ver as coisas assim. Por minha causa, vai espremer e cozinhar a minha mulher, por minha causa, vai torturar a mulher e os guris, vai chupar os ossinhos. Tente só dormir e comer depois disso. Mesmo que você seja de ferro, isso enlouquece qualquer um."

— Você é estranho, Pamfil. Não o compreendo. Você passou anos sem eles, sem ter notícias, e não se preocupava. E agora que está prestes a encontrá-los, em vez de se alegrar, canta a marcha fúnebre.

— Mas tem muita diferença entre o que era antes e como é agora. A canalha branca está nos vencendo. Mas não é por mim. Eu vou pra tumba. Eu sei que é esse o meu caminho. Mas não quero levar os meus pro outro mundo junto comigo. Eles vão cair nas garras daquele patife. Vão sangrar gota a gota.

— É por isso que você vê rodinhas? Parece que surgem umas rodinhas na sua frente.

— Bem, é verdade, doutor. Eu não disse tudo. Não disse o principal. Bem, está certo. Escute, então, vou dizer a minha verdade, ela é cruel, não se aborreça se eu digo tudo assim na sua frente.

"Eu liquidei muitos dos seus, minhas mãos estão cheias de sangue de patrões e senhores, oficiais, e eu me lixo pra isso. Nem lembro a quantidade,

nem os nomes, aquilo corria que nem água. Mas tem um que não me sai da cabeça, um frangote que eu abati; esse eu não esqueço. Por que eu matei o rapaz? Ele me divertia, me fez rolar de rir. Eu atirei assim, rindo, por besteira. Por nada.

"Foi em fevereiro. Na época do Kerênski. Protestamos. Na ferrovia. Enviaram um garoto agitador pra levar a gente no papo, de volta pra guerra. Para lutar até a vitória final. Um cadete que veio pra levar a gente no papo. Um franzino. Tinha um bordão: 'Até a vitória final'. Ele subiu em cima da cuba dos bombeiros, que fica na estação. Queria ficar bem alto e chamar pro combate. De repente, a tampa debaixo dos seus pés virou e ele caiu dentro da cuba. Dentro da água. Ai, que engraçado! Era de rolar no chão. Quase morri de rir. Ai, vou morrer! O fuzil na mão. E eu ria. E é assim; você pode fazer o que der na telha, bem assim. Uma comichão e paf! Atirei. Abati ali mesmo. Nem sei como aconteceu. O diabo puxou meu braço.

"Taí, quer dizer, as minhas rodinhas, as rodinhas de trem que eu vejo. De noite, aparece a estação inteirinha. Na hora foi engraçado, mas agora dá pena."

— Isso foi na cidade de Meliuziéev, na estação Biriútch?

— … Esqueci.

— A rebelião de vocês foi junto com as pessoas de Zibúchino?

— … Esqueci.

— Em que front você estava? No front oeste?

— Coisa assim. Pode ser. Esqueci.

---

1. As modificações ocorrem porque as palavras originais do eslavo antigo, não sendo mais compreendidas pelo povo, são interpretadas pela sonoridade ("vo dní — voiní" [de dia — guerra]/ "pózna — pózdno" [conhece — tarde]/ "skórbi izmú — skóro v zimú" [aflição libertarei — logo no inverno]).

2. *Dukhobors* ou "os lutadores do espírito", seita cristã que ao final do século XIX foi exilada no Canadá, por seus membros se recusarem a pegar em armas. Liev Tolstói coletou verbas para auxiliar o seu deslocamento para o exterior e contribuiu com o pagamento que recebeu pelo romance *Ressurreição*.

3. A frase sobre Júpiter, proverbial na Rússia, vem do latim: "*Iuppiter iratus ergo nefas*",

atribuída a Luciano de Samósata (*c.* 125-90). A citação sobre Moor refere-se a *Conjuração de Fiesque*, de Schiller, ato II, cena 4. Também se tornou proverbial na Rússia.
4. Elemento dos contos maravilhosos russos.

DÉCIMA SEGUNDA PARTE
SORVA COM AÇÚCAR

1

Já fazia muito tempo que as famílias dos *partisans* seguiam o grosso do exército com suas carroças, crianças e pertences. Atrás do comboio, no final da caravana, inúmeros rebanhos de gado eram tocados; havia ali, principalmente, vacas. Alguns milhares de cabeças.

Com a chegada das famílias, um novo personagem surgiu, Zlidarikha ou Kubarikha, mulher de soldado, veterinária, mas em segredo também feiticeira.

Ela andava com um chapéu em forma de pastelão, pousado de lado, e um capote cáqui escocês de atirador real, que provinha do fornecimento inglês ao governador supremo; mas ela assegurava ter talhado e cosido todas essas peças com as próprias mãos a partir do pano do boné e do blusão de detenta, e que os vermelhos a haviam libertado da prisão central de Kejmá, onde Koltchak a havia atirado por alguma razão desconhecida.

Nesse tempo, os *partisans* haviam estabelecido um novo local de acampamento. Supunha-se que esta seria uma parada curta, enquanto sondavam os arredores e escolhiam uma localidade mais apropriada e segura para a instalação de inverno. Mas as circunstâncias posteriores se deram de tal forma que os *partisans* se viram obrigados a hibernar ali mesmo.

Esse local de acampamento em nada se assemelhava ao Ribeirão da Raposa, que haviam deixado. Era um bosque de mata densa e impenetrável.

A taiga se estendia a perder de vista do outro lado da estrada. Nos primeiros dias, enquanto a tropa montava seu novo bivaque e instalava as habitações, Iúri Andréievitch pôde desfrutar de algum ócio. Meteu-se no bosque por direções variadas para averiguá-lo, dando-se conta do quão fácil era se perder por ali. No curso dessa primeira exploração, dois locais lhe chamaram a atenção e ficaram gravados em sua memória.

Na saída do acampamento, no limiar do bosque que o outono já havia desnudado, permitindo ao olhar penetrá-lo como uma porta aberta sobre o vazio, crescia uma formosa e ruiva sorveira solitária, única dentre todas as árvores a preservar as folhagens ferruginosas. Ela crescia sobre um montículo que se elevava acima dos torrões de terra pantanosa, e erguia, contra o céu plúmbeo dos primeiros dias de chuva e neve de inverno, os corimbos ornados pelas bagas rijas que desabrochavam. Pequenos pássaros de plumagem luminosa como a aurora gelada, o pisco-chilreiro e a mejengra, pousavam na sorveira e bicavam sem pressa as bagas maiores que escolhiam; levantando seguidamente a cabecinha e estendendo o pescocinho, engoliam os frutos com dificuldade.

É como se houvesse uma viva intimidade entre os pássaros e a árvore, como se a sorveira, após testemunhar o esforço deles e resistir-lhes um bom tempo, fosse tomada de piedade por esses pequenos pássaros e lhes desse o peito tal qual a mãe ao rebento: "Que impossíveis são vocês! Vamos, comam, comam-me. Alimentem-se". E sorria.

Havia outro local no bosque, ainda mais surpreendente.

Era uma colina, cuja erosão de uma das encostas lhe dava uma forma pontiaguda. Tinha-se a impressão de que a paisagem do sopé da escarpa diferia daquela do topo, que talvez houvesse ali um rio, um barranco e um prado coberto por densa relva. No entanto, a vegetação era rigorosamente a mesma da parte superior, embora a profundidade fosse vertiginosa, pois do alto se via apenas a copa das árvores. Resultava decerto do deslizamento do terreno.

Era como se o bosque austero e heroico que se elevava até as nuvens tivesse tropeçado e, em vias de se abismar nas trevas além da terra, naquele

momento preciso, houvesse se agarrado milagrosamente ao solo. E lá estava ele, intacto e inerme, vistoso e ruidoso.

Mas essa colina possuía ainda outra característica notável. O seu cume era todo bordado por uma fileira de blocos verticais de granito, que lembravam as lajes planas e trabalhadas dos dolmens pré-históricos. Quando Iúri Andréievitch esteve ali pela primeira vez, podia jurar que essa muralha não era obra da natureza e sim vestígio de mãos humanas. Alguma tribo pagã desconhecida teria erigido outrora um templo nesse local e dado curso aos seus cultos e sacrifícios.

Foi lá que, numa manhã fria e enevoada, executaram os onze *partisans* condenados à morte por participação no complô e dois enfermeiros por produzirem *samogón*.

Vinte *partisans* escolhidos dentre os mais devotados à revolução e um pequeno destacamento da guarda particular do Estado-Maior os escoltavam. Cerrando fileiras, formaram um semicírculo em torno dos condenados. Baionetas à mão, conduziram-nos a passos rápidos até os acuarem à beira do platô rochoso, onde a única alternativa era o salto no vazio.

Os interrogatórios, a detenção prolongada e as humilhações sofridas haviam despojado os condenados do aspecto humano. Sujos e barbados, extenuados e aterrorizados, mais pareciam fantasmas.

Haviam-nos desarmado logo no início do processo e ninguém teve a ideia de revistá-los uma segunda vez antes da execução. Isso pareceria uma baixeza supérflua, um insulto a esses homens prestes a morrer.

De repente, o que caminhava ao lado de Vdovitchenko, seu amigo Rjanítski, um velho anarquista como ele, disparou três vezes sobre a guarda, mirando em Sivobliúi. Rjanítski era atirador de elite, mas a emoção o fez tremer a mão e errar os tiros. O mesmo sentimento de delicadeza e piedade por antigos camaradas impediu o pelotão de detê-lo ou de atirar nele antes que o comando fosse dado. Restavam ainda a Rjanítski três balas, mas talvez as tenha esquecido, dado o estado de confusão e desapontamento pelo fracasso, e lançou sua Browning contra as pedras. No choque, a arma descarregou e feriu o pé do condenado Patchkólia.

O enfermeiro Patchkólia deu um grito, agarrou a perna e caiu, gemendo sem parar. Pafnútkin e Gorázdikh, que estavam ao lado dele, levantaram-no e o mantiveram suspenso pelos braços para que não fosse pisoteado pelos camaradas na confusão que se instalou. Patchkólia avançava em direção à borda da escarpa, onde iriam abater os condenados; sem conseguir pôr no chão o pé ferido, pulava sobre o outro e gritava ininterruptamente. Seu clamor inumano foi contagioso. Como se obedecessem a um sinal, todos os outros se descontrolaram. Foi o início de uma cena absurda. Os condenados praguejavam, oravam, ouviam-se lamentações, queixumes e maldições.

O jovem Galúzin tirou o boné de estudante com fita amarela que ainda usava, caiu de joelhos, e assim se arrastou no meio dos outros em direção aos terríveis rochedos. Amiúde ele se inclinava até o chão diante da guarda, soluçava e, sem saber o que dizia, suplicava aos soldados com voz arrastada:

— Sou culpado, irmãos, misericórdia, não faço mais. Não atirem. Não me matem. Eu ainda não vivi, sou jovem para morrer. Ainda quero viver, quero ver minha mãezinha mais uma vez. Me perdoem, irmãos, por piedade! Eu beijo os pés de vocês. Carrego água nas costas para vocês. Ah! Que desgraça! Desgraça! Estou perdido, mãezinha! Mãezinha!

Outros do grupo se lamentavam:

— Bravos camaradas! Queridos! Para que isso? Pensem bem! Derramamos o nosso sangue juntos em duas guerras. Defendemos a mesma causa, lutamos juntos. Tenham piedade, nos soltem. Nunca esqueceremos a sua bondade, seremos dignos, provaremos com nossos atos. Estão tão surdos que não respondem? Onde está seu crucifixo?

Gritavam para Sivobliúi:

— Você, seu Judas traidor de Cristo! Que traidores somos nós comparados a você? Você, cachorro, é três vezes traidor, que te esmaguem! Prestou juramento ao tsar e o matou, jurou fidelidade a nós e nos traiu. Beija o diabo do Lesníkh e depois o trairá. Vai traí-lo também!

Vdovitchenko permaneceu senhor de si até à beira do túmulo. Levantando alto a cabeça grisalha, os cabelos esvoaçando ao vento, dirigiu-se a Rjanítski como de um comunal a outro e lhe disse em voz altissonante e

audível para todos:

— Não se humilhe, Bonifácio! Seu protesto não os atingirá. Não o compreenderão, esses novos *oprítchniki*,[1] esses verdugos das câmaras de tortura modernas. Mas não desanime. A história saberá julgar. A posteridade levará ao pelourinho os Bourbon do poderoso comissariado e seus feitos ignóbeis. Morremos como mártires das nossas ideias, na aurora da revolução mundial. Viva a revolução do espírito! Viva a anarquia mundial!

Uma salva de tiros de vinte fuzis, comandada por uma ordem muda e compreendida somente pelos atiradores, ceifou a metade dos condenados, matando-os quase todos. Uma segunda salva acabou com os outros. O menino Teriócha Galúzin foi o que por mais tempo se debateu, mas por fim também se estirou, imóvel.

2

A desistência de transferir o acampamento de inverno para um local mais a leste não ocorreu logo. A exploração das áreas situadas do outro lado da estrada, que era feita ao longo da linha de divisão de águas dos rios Vítska e Kejmá, prosseguiu ainda por um bom tempo. Liviéri se ausentava frequentemente do acampamento para ir à taiga, deixando o médico por conta própria.

Mas não se encontrava um local apropriado, e acabou sendo tarde demais para levantar acampamento. Foi o momento em que os *partisans* sofreram o seu mais pesado revés. Os brancos, às vésperas de sua própria derrocada, decidiram exterminar de vez e de um só golpe todas as unidades irregulares dos bosques e, unindo os efetivos de todas as frentes, cercaram-nos. Os *partisans* estavam sitiados por todos os lados. Teria sido catastrófico para eles se o raio do cerco fosse menor. A envergadura desmesurada do movimento circular os salvou. No limiar do inverno, o inimigo não estava em condições de fechar os flancos, realocando as tropas camponesas pela taiga infinita e impenetrável.

De qualquer forma, os *partisans* já não podiam se mover. Evidentemente,

se houvesse um plano de deslocamento que oferecesse vantagens táticas seguras, poderiam combater e romper a linha do cerco para virem a se instalar em nova posição.

Mas não havia nenhum plano desse tipo. Estavam todos no limite das suas forças. Os comandantes menos graduados, desencorajados, tinham perdido a influência sobre os homens. Os mais graduados se reuniam todas as noites em conselho de guerra e propunham soluções contraditórias.

Foi preciso renunciar à transferência do acampamento, reforçar as posições adquiridas e hibernar naquele local do bosque. A profunda camada de neve que recobria o lugar tornava-o intransponível no inverno para o inimigo, que não teria esquis suficientes. Tratava-se, portanto, de se entrincheirar e acumular o máximo possível de provisões.

O intendente Bissiúrin havia informado sobre a insuficiência de farinha e batatas. Mas como o gado era numeroso, previa que nesse inverno a base da alimentação seria carne e leite.

Faltavam roupas de inverno. Uma parte dos homens andava pouco agasalhada. Liquidaram todos os cachorros do acampamento. Os que conheciam a peleteria cosiam casacos com a pele deles.

Recusavam-se a fornecer transporte ao médico. A partir de agora, as carroças estavam reservadas a necessidades mais urgentes. Na última transferência, os feridos graves já haviam sido transportados em macas por quarenta verstas.

Os medicamentos que ainda restavam a Iúri Andréievitch eram apenas quinino, iodo e sal de Glauber. O iodo, necessário às cirurgias e curativos, encontrava-se em cristais. Era preciso diluí-lo em álcool. Lamentaram que a produção de *samogón* tivesse sido destruída e deram aos fabricantes menos culpados, os que tinham sido absolvidos, a incumbência de reparar os antigos alambiques ou construir novos. Voltaram, assim, a fabricar álcool, mas apenas para uso medicinal. No acampamento, trocavam-se piscadelas e acenos de cabeça. A bebedeira reapareceu, contribuindo para a desordem que não cessava de crescer.

Obtinham-se quase cem graus na destilação. Os preparados cristalinos se

dissolviam perfeitamente num líquido desse teor. Com a infusão de quinino feita nesse mesmo *samogón*, Iúri Andréievitch pôde tratar, no início do inverno, os casos de tifo exantemático que se manifestaram novamente com o frio intenso.

3

Nesses dias, o médico viu Pamfil Palíkh com a família. Durante todo o verão, a mulher e as crianças haviam se deslocado por estradas poeirentas a céu aberto. Assustados com os horrores vividos, eles esperavam que outros acontecessem. Estavam marcados de forma indelével por suas peregrinações. A mulher e os três filhos de Pamfil, um menino e duas meninas, tinham cabelos sedosos, claros, descoloridos pelo sol, e sobrancelhas brancas, severas, que se destacavam no rosto escuro, bronzeado e curtido pelo vento. As crianças eram ainda muito pequenas para carregar as marcas das suas provações, mas os abalos e perigos haviam expulsado da mãe qualquer expressão de vida e deixado apenas uma seca regularidade de traços, lábios cerrados e finos como um fio, e a imobilidade tensa do sofrimento sempre pronto para a autodefesa.

Pamfil amava a todos loucamente, em especial as crianças, e impressionava o médico a habilidade com que talhava para elas, com o canto da lâmina do machado, brinquedos de madeira, coelhos, ursos, galos.

Assim que chegaram, Pamfil retomou o gosto pela vida, tornou-se mais alegre, estava bem melhor. Mas soube-se que iriam afastar as famílias em vista da má influência que a presença delas exercia sobre a atmosfera do acampamento. Contavam esvaziar o campo militar dos civis inúteis, enviando-os, sob proteção de uma armada, para algum outro lugar afastado dali, onde montariam o seu próprio acampamento. Falava-se da separação mais do que realmente se planejava. O médico não acreditava que essa medida seria executada. Mas Pamfil entristeceu e voltou a ver as antigas rodinhas.

4

À entrada do inverno, o acampamento viveu, por diversas razões, uma longa série de preocupações e incertezas, de situações inquietantes e confusas, estranhas e absurdas.

Os brancos completaram seu projeto de cerco aos rebeldes. Encabeçando essa operação, estavam os generais Vítsin, Kvádri, Bassaligo. Esses generais eram conhecidos por sua dureza e vontade inflexíveis. O nome deles por si só já enchia de pavor as mulheres dos rebeldes e a população civil que não havia deixado suas aldeias originais e agora estava atrás da linha inimiga.

Como já foi dito, era inimaginável que os brancos pudessem estreitar o cerco. Não havia por que se inquietar a esse respeito. No entanto, assistir passivamente a esse cerco não era possível. A resignação diante das circunstâncias fortalecia o moral do inimigo. De semelhante armadilha, ainda que sem perigo, é necessário tentar escapar por razões táticas e para mostrar força.

Com essa intenção, concentrou-se um grande número de *partisans* no arco oeste do bloqueio. Depois de um combate encarniçado de vários dias, os *partisans* conseguiram bater o inimigo, romper uma brecha e contornar a linha dos brancos pela retaguarda.

O espaço livre criado por esse rompimento abriu um corredor para os camponeses rebeldes que quisessem se reunir aos *partisans* na taiga. Novas multidões de fugitivos afluíram. Nessas torrentes de refugiados, não havia apenas familiares dos *partisans*. Aterrorizada pela repressão dos brancos, toda a população camponesa dos arredores moveu-se, abandonou suas habitações e naturalmente procurou se juntar à milícia dos bosques, na qual via sua única proteção.

Entretanto, no acampamento, procuravam se desembaraçar dos parasitas. Os *partisans* tinham mais o que fazer do que se ocupar com intrusos. Iam ao seu encontro, detinham-nos pelo caminho e lhes indicavam a direção de um moinho na clareira de Tchilímsk, às margens do rio Tchilimka. Esse lugar, formado por pequenas propriedades que cresceram em desordem em torno

do moinho, era chamado Dvorí. Era lá que pretendiam albergar no inverno os refugiados e as provisões separadas para eles.

Enquanto tomavam essas decisões, surgiam novos problemas, o comando do acampamento estava sobrecarregado.

A vitória sobre o inimigo trazia consequências complicadas. Depois de deixar o grupo de *partisans* que os havia vencido a oeste prosseguir para o interior, os brancos restabeleceram novamente a linha do cerco. Os destacamentos que tinham contornado as linhas inimigas não podiam mais retornar à taiga.

As mulheres fugitivas também davam o que fazer. O bosque era tão denso que era fácil se desencontrar. Os homens enviados para seguir os refugiados perdiam seus rastros e retornavam; as mulheres, porém, moviam-se em fluxos voluntários para as profundezas da taiga, realizando pelo caminho prodígios de engenhosidade, abatendo árvores, construindo pontes e diques de feixes, traçando estradas.

Tudo isso contrariava as intenções do Estado-Maior e virava do avesso os planos e as prescrições de Liviéri.

5

Esse era o motivo da discussão intempestiva de Liviéri com Svirid, próximo à grande estrada que atravessava, naquele local, uma pequena extensão da taiga. Na estrada, os subordinados discutiam se deveriam ou não cortar os fios telegráficos que a percorriam. Aguardavam a palavra final de Liviéri, mas este não cessava de tagarelar com aquele caçador vadio e, vez por outra, acenava, pedindo que aguardassem um pouco mais, que não fossem embora, que logo iria ter com eles.

Por muito tempo, Svirid não pôde suportar a condenação e execução de Vdovitchenko, cujo único crime era a influência que exercia sobre os homens, que rivalizava com a de Liviéri e provocava cisão no acampamento. Svirid queria deixar os *partisans* e voltar a viver à parte, na sua liberdade solitária anterior. Mas não era tão simples. Ele não era mais dono do seu

destino e se deixasse agora os Irmãos dos Bosques, teria a mesma sorte dos camaradas fuzilados.

O tempo estava terrível. Um vento cortante arremessava ao rés do solo nacos de nuvens negras como flocos de fuligem. De repente, a neve começou a cair com impaciência convulsa numa espécie de loucura branca.

Num minuto, o horizonte e a terra se ocultaram debaixo de uma mortalha branca. No minuto seguinte, a camada de neve se decompôs e dissolveu. A terra ressurgiu negra como carvão, assim como negro era o céu, atravessado por nuvens intumescidas que se derramavam em aguaceiros oblíquos ao longe. A terra estava encharcada. Nos momentos de curta estiagem, como que para arejar o céu, as nuvens abriam janelas que refletiam uma alvura vítrea e fria. E a água estagnada, não mais absorvida pelo solo, respondia da terra com o brilho intenso das vidraças escancaradas de seus charcos e lagos.

A borrasca deslizava como fumaça pelas agulhas resinosas dos bosques de coníferas sem penetrá-las, tal como água numa tela encerada. Os fios telegráficos estavam adornados de gotas de chuva como pérolas que pendiam estreitadas umas contra as outras sem tombar.

Svirid era um dos *partisans* que foram enviados às profundezas da taiga ao encontro das refugiadas. Ele queria contar ao chefe tudo o que havia testemunhado: a confusão provocada pelo choque de ordens contraditórias e impossíveis de executar e os excessos cometidos por essas mulheres esgotadas e desesperadas. Caminhando a pé, sob o peso de trouxas, sacos e crianças de colo que não podiam mais aleitar, no limite das forças e fora de si, as jovens mães abandonavam os filhos pelo caminho, esvaziavam os sacos de farinha e retornavam. Melhor uma morte rápida do que a longa agonia da fome. Melhor cair nas mãos do inimigo do que nas garras das bestas selvagens do bosque.

Outras, mais fortes, manifestavam uma resistência e uma coragem de que os homens não eram capazes. E Svirid tinha conhecimento ainda de vários outros assuntos. Ele queria prevenir o chefe sobre o perigo que ameaçava o acampamento, de que estaria em curso uma revolta mais inquietante do que a precedente. Mas não encontrava palavras, pois a impaciência e a irritação

de Liviéri, que o apressava, lhe subtraíam a faculdade de falar. A todo instante, Liviéri o interrompia, fosse para responder por gestos aos camaradas que o chamavam da estrada, fosse porque já havia quinze dias lhe enchiam os ouvidos com todas essas histórias. Ele já sabia de tudo isso.

— Assim as palavras não saem para fora, camarada chefe. Assim não posso contar. Elas ficam presas na língua e eu me engasgo. O que eu estava dizendo? Vá até o comboio das refugiadas e dê uma bronca nessas siberianas. Isso está virando um furdunço. Afinal, o que nós temos aqui: soldados que lutam "todos contra Koltchak" ou uma guerra de mulheres?

— Os fatos, Svirid. Você está vendo que estão me chamando. Chega de conversa mole.

— E ainda tem a diaba da Zlidarikha, sabe lá o cão de onde vem essa velha. Ela diz: me registre para *vetrinária* do gado…

— Veterinária, Svirid.

— E não foi o que eu disse? Eu disse: para *vetrinária*, para tratar dos animais. Mas vá ver como ela se ocupa do gado, é uma feiticeira, essa herege. Reza missa para as vacas e desencaminha as novas refugiadas. Ela diz: a culpa é sua, quem manda levantar a saia para correr atrás da bandeira vermelha. Da próxima vez não corra.

— Não estou entendendo, de que refugiadas você fala, das nossas, das mulheres dos *partisans*, ou das outras?

— Das outras, está claro. Das novas, das estranhas.

— Mas as ordens são para enviar todas ao moinho de Tchilimka, ao Dvorí. O que elas estão fazendo aqui?

— Mas que Dvorí! Da tua aldeia só restou um punhado de cinzas, foi toda queimada. E o moinho e o campo, tudo estava em brasa. Quando chegaram a Tchilimka o que viram foi um deserto nu. A metade delas ficou louca, uivava, e voltou para os brancos. As outras deram meia-volta e vieram em comboio.

— Elas atravessaram o pântano e a mata cerrada?

— E para que servem o machado e a serra? Os nossos mujiques enviados para protegê-las deram uma mãozinha. Pelo que dizem, elas abriram umas

trinta verstas de estrada a machado, e ainda fizeram pontes, as tinhosas. Depois disso, me diga que são mulheres. O que fizeram em três dias não dá pra imaginar.

— Imbecil! Está rindo do quê, sua égua? Trinta verstas de estrada! Deram um belo presente para Vítsin e Kvádri. Abriram caminho na taiga. Agora, eles podem passar até com artilharia.

— Ponha um destacamento de guarda. Um destacamento de guarda, e a coisa está resolvida.

— Obrigado, mas posso decidir sem você.

6

Os dias tornaram-se mais curtos. Às cinco horas, escurecia. Próximo ao crepúsculo, Iúri Andréievitch atravessou a estrada naquele mesmo local onde dias antes Liviéri discutia com Svirid. O médico dirigia-se ao acampamento. Próximo à clareira com o montinho em que crescia a sorveira, no limiar do acampamento, ele ouviu a voz travessa e provocante de Kubarikha, sua rival, como gracejava com a curandeira. Sua concorrente dava pequenos gritos esganiçados, executava alguma coisa engraçada, provavelmente alguma *tchastúchka*.[2] Ouviam-na. Explosões de risos aprovadores, masculinos e femininos, por vezes a interrompiam. Depois, tudo silenciou. A plateia provavelmente se dispersara.

Então, Kubarikha, acreditando estar totalmente só, pôs-se a cantar para si mesma, a meia-voz. Com cuidado para não escorregar no lodo, Iúri Andréievitch percorreu lentamente, no escuro, o atalho que contornava a clareira lamacenta pela frente da sorveira, e se deteve, imóvel. Kubarikha entoava uma antiga canção russa. Iúri Andréievitch não a conhecia. Seria talvez uma improvisação?

A canção russa é como a água das represas. Parece que se detém e não se move, mas flui continuamente nas profundezas, por desvios primaveris. A calma de sua superfície é ilusória.

Por todos os meios possíveis, por repetições, por paralelismos, a canção

ralenta o desenvolvimento do tema. E eis que a certa altura, de súbito, ele se revela, e nos golpeia de uma só vez. Uma nostalgia potente, que se contém e se domina, exprime-se dessa forma. É uma louca tentativa de deter o tempo com as palavras.

Kubarikha em parte cantava, em parte recitava:

Corria a lebre pela terra branca,
Pela terra branca, pela neve branca.
Corria, a vesga, diante da sorveira,
Corria, a vesga, numa choradeira.
Lebre eu sou, de coração medroso,
Coração medroso, desacorçoado.
Lebre eu sou, temo a besta-fera,
A besta-fera e o lobo esfomeado.
Tem pena de mim, ó galho de sorvas,
Ó galho de sorvas, da bela sorveira.
Não dê sua beleza ao inimigo mau,
Ao inimigo mau, ao corvo mau.
As bagas rubras, lance pelo vento,
Pelo vento, pela terra branca, pela neve branca.
Que rolem bem longe, ao país amado,
À casa derradeira, na beira do bosque,
À janela derradeira, do quarto solitário,
Lá se esconde, bela e solitária
Minha amada e tão desejada.
Diga ao ouvido da minha querida
Palavra quente e palavra ardente.
Diga que estou triste, longe na prisão,
Pobre de mim, soldado em terra estranha.
Mas que fugirei da prisão amarga,
Para a minha doce, minha bela amada.

Kubarikha estava prestes a esconjurar a doença da vaca que pertencia à mulher de Pamfil Palíkh, Agáfia Fótievna, ou simplesmente Fatiévna. Haviam separado a vaca do tropel e atado pelos chifres a uma árvore no meio dos arbustos. A proprietária estava sentada sobre um toco perto das patas dianteiras; junto às patas traseiras, sobre um banquinho de ordenha, estava a feiticeira.

O restante do imenso tropel comprimia-se no interior de uma pequena clareira, cercada de todos os lados pelo bosque escuro, de onde se erguia um muro de pinheiros triangulares, altos como montanhas. Com os galhos inferiores largamente abertos, os pinheiros pareciam assentar seus enormes traseiros sobre a terra.

Na Sibéria, criava-se uma raça de vacas premiada na Suíça. Quase todas possuíam o mesmo pelo negro com manchas brancas. Assim como as pessoas, elas estavam extenuadas pelas privações, pelas longas marchas e pela falta de espaço. Comprimidas pelos flancos umas às outras, elas adoeciam. Estavam tão abestalhadas que esqueciam o seu sexo e, mugindo como touros, trepavam umas nas outras, levantando com dificuldade as tetas pesadas e flácidas. As novilhas cobertas por elas levantavam o rabo, escapavam por baixo e, quebrando arbustos e galhos, fugiam para o fundo do bosque, onde eram perseguidas pelos gritos de pastores velhos e crianças.

Confinadas no círculo estreito que o cimo dos pinheiros traçava no céu invernal, as nuvens nevadas, brancas e negras se atropelavam acima da clareira com aquela mesma desordem e impetuosidade, se encabritando e se amontoando umas sobre as outras.

Um grupo compacto de curiosos estorvava a curandeira. Ela os media com um olhar de poucos amigos. Mas estava abaixo da sua dignidade reconhecer que a intimidavam. O seu amor-próprio de artista a impedia. Fingia não notá-los. O médico a observava oculto por trás do grupo.

Era a primeira vez que a examinava seriamente. Ela usava o seu inseparável barrete inglês e o capote cáqui de intervencionista com a lapela levantada de forma negligente. No entanto, ao ver a paixão surda que animava os traços altivos dessa mulher madura e acendia nos seus olhos e

sobrancelhas a chama da juventude, compreendeu a que ponto era indiferente para ela estar malvestida.

Já o aspecto da mulher de Pamfil surpreendeu Iúri Andréievitch. Quase não a reconheceu. Em poucos dias, ela havia envelhecido muitos anos. Os seus olhos esbugalhados pareciam prestes a saltar das órbitas. Um tique nervoso fazia pulsar um músculo saliente do pescoço. Eis o que tinham feito dela as angústias secretas.

— Ela não dá leite, a minha querida — dizia Agáfia. — Estava esperando outra subida do leite, mas não, já passou do tempo e nada.

— Mas que leite. Olhe aqui o furúnculo nas tetas. Vou dar uma erva com sebo para você passar. E vou fazer uma reza.

— Minha outra desgraça é o marido.

— Eu faço um feitiço, e ele não fica mais se assanhando por aí. Isso é fácil. Vou amarrar ele de um jeito que nem se você quiser vai desatar. Diga a terceira desgraça.

— Mas ele não fica se assanhando por aí. Seria melhor se ficasse. A desgraça é que não desgruda de mim nem das crianças, na alma dele só existe pensamento em mim e nas crianças. Eu sei o que ele pensa. Pensa que vão dividir o acampamento e nos mandar para outro lugar. E então vamos cair nas garras do Bassaligo e não terá ninguém para nos defender. Pensa que vão nos torturar e ficar contentes com o nosso sofrimento. Eu sei o que ele pensa. Tomara que não faça nenhuma besteira.

— Vamos ver, vamos tirar a aflição. Diga a terceira desgraça.

— Não tem terceira. São só essas duas, a vaca e o marido.

— Que pobreza de desgraças, minha filha! Veja como Deus tem pena de você. Encontrar gente assim, nem correndo o mundo inteiro. Duas desgraças nessa cabecinha, e uma delas é o marido dedicado. O que você dá pela vaca? Vamos fazer as contas.

— O que você quer?

— Um pão redondo e o marido.

As pessoas em volta gargalharam.

— Está brincando?

— Bem, se está muito caro, eu tiro o pão e me contento com o marido.

A gargalhada decuplicou.

— Qual é o nome? Não do marido, o da vaca.

— Krassava.[3]

— Aqui metade do tropel se chama Krassava. Bom, está bem. Vamos benzer.

E ela começou a esconjurar a doença da vaca. De início, os encantamentos de fato se dirigiram ao animal. Depois, levada pelo entusiasmo, Kubaríkha passou a dar instruções completas a Agáfia sobre a magia e seus usos. Iúri Andréievitch ouvia como que enfeitiçado todos aqueles floreios alucinados, no mesmo espírito com que ouvira a falação floreada do cocheiro Vakkh tempos antes, depois de se transferir da Rússia europeia para a Sibéria.

A mulher dizia:

— Tia Morgóssia, venha nos visitar. Tire a praga benzida, tire o dodói da teta da vaca. Sossegue Krassava, não vire o banco. Fique rija tal a pedra, aleite qual o rio. Strafila, cruela, esfregue e arranhe, esfole a crosta e jogue às urtigas. Palavra de curador vale palavra de imperador.

"De tudo deve saber agora, menina Agáfia, ordem, contraordem, palavras que guardam, palavras que descartam. Você olha ali e pensa que é bosque. Mas é a força do mal combatendo a tropa dos anjos, como os homens de Bassaligo fazem com os seus.

"Ou então, por exemplo, olhe lá embaixo, onde eu aponto. Não, não é ali que tem de olhar, menina. Olhe com os olhos e não com a nuca. Olhe para onde eu aponto o dedo. Lá, lá. O que você pensa que é? Pensa que o vento torceu os galhos? Pensa que o passarinho fez ninho? Ah, sim, eu vejo. Mas, não. É um tento diabólico. É Russalka,[4] que trançava uma coroa para a filha. Ouviu passos de gente e fugiu. Teve medo. De noite, virá terminar, você vai ver.

"Ou então, essa bandeira vermelha. O que você pensa que é? Pensa que é bandeira? Não, não é. É o lenço vermelho da filha da peste, serve de isca. Isca, eu disse, por que isca? Ela agita o lenço e pisca o olho para atrair os

jovens rapazes para o combate, para a morte, para espalhar a peste. E vocês acreditam que é uma bandeira, 'juntem-se a mim, *proletári* e pobres de todos os países'.

"De tudo deve saber agora, mãe Agáfia, de tudo, tudo de tudo. Cada passarinho, cada pedra, cada erva. Por exemplo, às vezes o pássaro será um estorninho, e o bicho será um texugo.

"Mas, por exemplo, se quiser namorar alguém, é só me dizer. Posso enfeitiçar quem você quiser: mesmo o seu chefe, o Lesníkh, mesmo o Koltchak, mesmo o tsarévitch Ivan.[5] Pensa que estou me gabando, mentindo? Eu não minto. Mas veja e escute: chegará o inverno, a tempestade cobrirá o campo, virá um turbilhão de neve rodopiando em colunas. Então, eu vou fincar uma faca naquela coluna de neve que rodopia, vou enfiar até o cabo, e quando eu puxar, a faca sairá toda vermelha de sangue. Então, viu só? Hein? E pensou que eu mentia. Mas, me diga: de onde é que vem o sangue da tempestade de neve? Se só tem vento, ar e poeira de neve. Mas é isso, comadre, é que não é vento, é a mulher do lobisomem, a bruxa que perdeu o filhinho; ela procura pelo campo, chora, não pode encontrar. E a minha faca lhe dá um golpe. Daí que vem o sangue. E com essa faca, posso recortar as pegadas de quem você quiser e cosê-las com fio de seda na barra da sua roupa. Pode ser Koltchak, Strélnikov, um novo tsar, qualquer um, ele vai te seguir, aonde você for, lá estará ele. E você pensou que eu mentia, pensou que era 'juntem-se a mim, pés descalços e *proletári* de todos os países'.

"E também, por exemplo, as pedras que caem do céu que nem chuva. A pessoa sai da soleira da porta, e as pedras caem na cabeça dela. Ou então, os cavaleiros cruzando o céu, os cavalos batendo os cascos nos telhados. Ou os magos de antigamente, que adivinhavam qual mulher tinha no corpo a semente, qual o mel, e qual a pele de marta. E os guerreiros de armaduras abriam os ombros dessas mulheres como se levantassem a tampa de um cofre, e com a espada retiravam das omoplatas ora uma medida de trigo, ora um esquilo, ora favos de mel…"

Às vezes, encontra-se neste mundo um sentimento grande e forte. Sempre

se mistura a ele a piedade. Quanto mais amamos, mais vemos como vítima o objeto da nossa adoração. A compaixão que alguns experimentam por uma mulher ultrapassa todos os limites imagináveis. Sua compassividade cria ao redor dela situações irreais, puramente ilusórias. E eles sentem ciúmes do ar que ela respira, das leis da natureza, dos milhares de anos que fluíram antes dela.

Iúri Andréievitch era suficientemente instruído para reconhecer nas últimas palavras da feiticeira o início de uma das crônicas antigas, talvez de Nóvgorod, se não de Ipátiev,[6] tornada apócrifa por alterações sucessivas. Durante séculos, as curandeiras e contadoras passaram oralmente as narrativas e, de geração em geração, esse texto, já mal compreendido e bem estropiado por antigos copistas, foi sendo desfigurado.

Mas por que fora tão tocado pelo feitiço da tradição? Por que, diante dessa fábula incompreensível, desse monte de absurdos, ele reagia como se se tratasse de fatos reais?

Abriram o ombro esquerdo de Lara. De um golpe de espada, descobriram a sua omoplata da mesma forma que se introduz uma chave na porta secreta de um cofre de ferro guardado no armário. Das profundezas da cavidade aberta, surgiram os segredos de sua alma: cidades, ruas e casas estranhas a ele, espaços alheios que se enovelavam, desdobravam e alongavam como rolos de fitas dispersas.

Oh, como ele a amava! Como era bela! Exatamente como sempre pensou e sonhou. Como precisava dela! Mas de que aspecto dela? Havia algo nela possível de nomear ou isolar? Oh, não, não! Era uma linha simples e vigorosa, inimitável, que o Criador desenhou de um só traço e confiou à alma dele, envolvida pelo contorno divino como se envolve uma criança numa toalha ao sair do banho.

Mas e ele, onde está, o que acontece com ele? O bosque, a Sibéria, os *partisans*. Estão cercados, e ele partilhará da sorte de todos. Mas que história infernal! E Iúri Andréievitch sentiu os olhos turvarem e a cabeça girar. Nesse momento, em lugar da neve esperada, uma chuva fina começou a cair. Qual uma enorme faixa estendida de uma casa a outra no alto de uma rua, a

imagem fluida e imensa do rosto adorado expandiu-se no ar e se impôs de um canto a outro da clareira. E a chuva, intensificando-se, beijava e regava esse rosto em prantos.

— Vá — disse a feiticeira a Agáfia. — Já benzi sua vaca. Vai ficar boa. Reze à Mãe de Deus. Ela é a luz e o livro da palavra viva.

8

Os combates se desenrolavam nas fronteiras ocidentais da taiga. Mas tal era a sua imensidão que tudo parecia acontecer nos confins do estado; por outro lado, havia tanta gente naquele acampamento perdido nas profundezas da taiga que, por mais que houvesse deslocamentos para o front, ele nunca esvaziava.

O ruído distante das batalhas quase nunca alcançava o alojamento. Mas um dia, ouviu-se uma salva de tiros que vinha do bosque. Os disparos se sucediam, bem próximos, e, súbito, degeneraram numa fuzilaria desordenada. Os que foram surpreendidos por ela se dispersaram. Os homens das brigadas auxiliares correram para as carroças. O alerta foi dado, e todos se aprontaram para a batalha.

Logo o tumulto cessou. Era um alerta falso. Acorreram ao local dos tiros. Lá, a multidão de curiosos aumentava.

Rodeavam um pedaço de carne humana ensanguentada que jazia sobre a terra. O infeliz respirava com dificuldade. Tinha o braço direito e a perna esquerda cortados. Não era possível imaginar como o pobre-diabo teria se arrastado até o acampamento sobre o braço e a perna que lhe restaram. Os membros cortados, horríveis frangalhos sangrentos, estavam atados às suas costas com uma tabuleta em que se declarava, entre seletos palavrões, que tal tratamento havia sido infligido em represália às atrocidades cometidas por tal e tal destacamento vermelho, com o qual os Irmãos dos Bosques nada tinham a ver. Acrescentava-se que uma sorte análoga aguardava todos os *partisans* que não se submetessem e não entregassem as armas aos representantes do exército de Vítsin no prazo indicado.

Esse homem martirizado, que perdia todo o sangue e desfalecia a cada instante, narrou com voz entrecortada, fraca e pastosa, as torturas infligidas pelas brigadas de repressão e pelos tribunais militares do exército de Vítsin. Tinham-no condenado à forca, depois comutaram a pena, decididos a lhe cortar um braço e uma perna e enviá-lo assim mutilado ao acampamento dos *partisans* para assustá-los. Haviam-no trazido nos braços às proximidades do acampamento e, depois de depositá-lo na terra, ordenando que se arrastasse sozinho, acossaram-no de longe, disparando tiros no ar.

O homem torturado mal podia mover os lábios. Para compreender seu balbucio desarticulado, era preciso se inclinar sobre ele:

— Cuidado, irmãos! Ele rompeu… A brecha.

— Mandamos reforços. Lá, a briga é forte. Vamos detê-los.

— A brecha. A brecha. Ele quer. De surpresa. Eu sei. A-a-a, não posso mais, irmãos! Vejam. O sangue escorre. Tusso sangue. Me acabo.

— Descanse, homem. Retome o fôlego. Feche a boca! E vocês, parem de fazer perguntas, seus Herodes. Estão vendo que faz mal para ele.

— Aquele cão, vampiro. Não tem um pedaço de carne inteira. Ele disse: vou te afogar no teu sangue, diga quem você é. O que eu podia dizer, irmãos? Sou desertor. Sim, eu fugi dele para me juntar a vocês.

— Você diz "ele". Mas quem é que fez isso com você?

— Ai, irmãos, queima por dentro. Respiro um pouco. Já digo. O atamã Bekéchin. O coronel Chtreze. Gente do Vítsin. Aqui, no bosque, vocês não sabem de nada. A cidade geme. Cozinham as pessoas vivas. Arrancam o couro das pessoas vivas. Arrastam as pessoas pela pele do pescoço para um lugar escuro. Você tateia em volta, é uma cela, um vagão. Mais de quarenta homens ali, só de calção. Abrem a cela e pegam o primeiro que cai nas patas. Levam embora. Como galinha para o abate. Juro. Penduram um, fuzilam outro, o terceiro vai ser interrogado. Surram até os ossos e jogam sal nas feridas, água fervendo. Quando evacua, te fazem comer. E é assim com as crianças, com as mulheres. Oh, Senhor!

O infeliz agonizava. Não terminou de falar, deu um grito e entregou a alma. Todos compreenderam imediatamente, tiraram o chapéu e se

benzeram.

À noite, uma notícia ainda mais terrível abalou o acampamento.

Pamfil Palíkh estava entre a multidão ao redor do moribundo. Ele o viu, ouviu sua narrativa e leu as ameaças escritas na tabuleta.

O terror constante que o rondava, quando pensava na sorte da família caso ele morresse, arrebatou-o com uma força desmedida. Imaginava-os entregues a uma lenta tortura, via o rosto deles desfigurado de dor, ouvia seus gemidos, seus gritos por socorro. Para livrá-los dos futuros sofrimentos e abreviar os seus, num impulso desesperado, matou, ele próprio, a mulher e os três filhos, com o mesmo machado, afiado como lâmina, com que talhava os brinquedos de madeira para as suas meninas e para Flenúchka, seu filho adorado.

O espantoso era não ter tirado a própria vida em seguida. No que pensava? Que perspectivas ele teria dali para a frente? Que planos, que projetos? Era evidentemente um louco que havia perdido toda razão de ser.

Enquanto Liviéri, o médico e os membros do conselho do exército deliberavam sobre a conduta a adotar com relação a esse fato, ele errava em liberdade pelo acampamento, de cabeça baixa e olhos amarelos vidrados que nada viam. Em seu rosto, esboçava-se um sorriso vago, estúpido, inumano, que exprimia um sofrimento insuperável.

Ninguém sentia pena dele. Todos o evitavam. Algumas vozes se elevavam propondo linchá-lo, mas não encontravam eco.

Ele não tinha mais nada a fazer sobre a terra. Na aurora, desapareceu do acampamento, tal como foge de si mesmo o animal que adoece de raiva.

9

Já era inverno havia muito tempo. Fazia um frio crepitante. Sons e formas recortadas, sem ligação visível, surgiam na neblina gelada, sustinham-se, moviam-se e desapareciam. Em lugar do sol, uma espécie de bola púrpura, saída de um sonho ou de um conto de fadas, mantinha-se suspensa sobre o bosque, difundindo lentamente e com esforço os seus raios amarelo-âmbar

de uma luz densa como o mel, que congelava e se fixava nas árvores.

Pés invisíveis calçados em botas de feltro, cujas solas arredondadas mal tocavam a terra, iam e vinham em todas as direções, fazendo estalar violentamente a neve a cada passo, enquanto as silhuetas que os completavam, em peliças curtas e capuzes, deslizavam no ar como astros girando na esfera celeste.

Os conhecidos paravam e entabulavam conversas, aproximando o rosto, escarlate como depois de um banho. Também a barba e o bigode cobriam-se de gelo. Turbilhões de um vapor espesso e colante escapavam em nuvens da boca, e essa enormidade contrastava com a brevidade dos discursos quase monossilábicos e enregelados.

Cruzando uma vereda, Liviéri esbarrou com o médico.

— Ah, é o senhor. Há quanto tempo não nos vemos! Peço que venha esta noite ao meu abrigo. Passe a noite comigo. Vamos lembrar os velhos tempos e conversar. Há novidades.

— O mensageiro voltou? Trouxe notícias de Varíkino?

— O relatório não diz nada sobre as nossas famílias. Mas é justamente desse fato que eu tiro conclusões tranquilizadoras. Significa que todos se salvaram a tempo. Caso contrário, teriam mencionado. Vamos falar disso tudo mais tarde. Vou aguardá-lo.

No abrigo, o médico repetiu a pergunta:

— Responda-me apenas isto: o que o senhor sabe sobre as nossas famílias?

— Mais uma vez, o senhor se recusa a enxergar além do próprio nariz. Os nossos, pelo visto, estão vivos e a salvo. Mas não é deles que se trata. As novidades são extraordinárias. O senhor quer carne? É vitela fria.

— Não, obrigado. Não se disperse. Vamos aos fatos.

— Bobagem. Vou comer. Há escorbuto no acampamento. As pessoas esqueceram o que são pães e verduras. No outono, deviam ter organizado melhor a colheita de nozes e bagas, enquanto as refugiadas estavam aqui. Eu disse que os nossos negócios estão indo às mil maravilhas. Aconteceu o que eu sempre previ. O gelo partiu. Koltchak recua em todas as frentes. Há uma derrota total em curso, que se amplia a cada dia. Está vendo? O que foi que

eu disse? E o senhor se lamuriando.

— Quando é que me lamuriei?

— Sempre. Sobretudo quando Vítsin apertou o laço.

O médico lembrou-se do último outono, da execução dos revoltosos, do assassinato da mulher e dos filhos de Palíkh, dos massacres sangrentos, dessa carnificina que parecia não ter fim. As atrocidades cometidas pelos brancos e vermelhos rivalizavam em crueldade, e aumentavam com as represálias. O sangue dava náuseas, refluía à garganta, subia à cabeça e afogava os olhos. Isso não era absolutamente lamúria, era algo bem diferente. Mas como explicar a Liviéri?

Havia ali um agradável odor de fumaça, que subia ao teto e dava uma comichão no nariz e na garganta. O abrigo era iluminado por lascas de madeira depositadas sobre um pequeno tripé de ferro. Quando o resíduo consumido caía no alguidar com água, Liviéri acendia uma nova lasca e a introduzia no anel do tripé.

— O senhor vê o que estou queimando? Não há mais óleo. Fazemos secar uma acha grossa. A casca queima rápido. Sim, há escorbuto no acampamento. O senhor recusa categoricamente a vitela? Sim, há escorbuto. Mas o que quer, doutor? Não há meios de reunir o Estado-Maior para esclarecer a situação, nem de fazer uma conferência para os dirigentes sobre a doença e as medidas para combatê-la.

— Não me aflija, pelo amor de Deus. O que o senhor sabe exatamente sobre as nossas famílias?

— Eu já disse que não há nenhuma notícia precisa sobre elas. Mas eu não contei tudo o que soube pelos últimos comunicados militares. A guerra civil terminou. Koltchak foi batido largamente. O Exército Vermelho o persegue ao longo da estrada de ferro em direção a leste, para jogá-lo ao mar. Outra parte do Exército Vermelho se apressa em unir-se a nós para juntarmos as forças e liquidarmos a retaguarda de Koltchak, que é numerosa e está dispersa por toda parte. O sul da Rússia já está limpo. Por que o senhor não se alegra? Isso não é suficiente?

— Sim, certamente eu me alegro. Mas onde estão as nossas famílias?

— Não estão em Varíkino, o que é uma grande felicidade. As lendas criadas por Kamennodvórski no verão, como eu supus, não se confirmaram. Lembra-se daqueles boatos estúpidos de que um povo misterioso teria feito uma incursão em Varíkino? Mas a aldeia foi, de fato, abandonada. Com certeza alguma coisa se passou por lá, e é muito bom que as nossas duas famílias tenham conseguido fugir a tempo. Esperemos que estejam a salvo. De acordo com os meus informantes, é o que supõem as poucas pessoas que lá restaram.

— E Iuriátin? O que acontece lá? Está nas mãos de quem?

— Também falam coisas absurdas. Com certeza é falso.

— O quê, precisamente?

— Dizem que os brancos ainda estão lá. É um evidente disparate, isso é impossível. Vou lhe provar o que estou dizendo.

Liviéri introduziu uma nova lasca no tripé e, desdobrando um mapa amassado e enrugado de modo a pôr em evidência as regiões que lhe interessavam, apanhou um lápis e começou a explicar:

— Olhe aqui. Em todos estes setores, os brancos foram rechaçados. Aqui, ali e ali, em todo este círculo. Está acompanhando?

— Sim.

— Eles não podem estar perto de Iuriátin, pois as comunicações estão cortadas; de outra forma, teriam caído numa cilada. E isso os generais deles, por mais medíocres que fossem, não deixariam de perceber. O senhor vestiu o casaco? Aonde vai?

— Desculpe-me, volto num minuto. É o odor do tabaco e da resina. Não me sinto bem. Vou tomar um pouco de ar.

Assim que saiu do abrigo, o médico espanou com as mãos enluvadas a neve acumulada sobre um grosso tronco que servia de banco, junto à porta. Sentou-se nele e, inclinando-se para a frente, com a cabeça apoiada nas duas mãos, mergulhou em reflexões. Era como se o inverno na taiga, o acampamento no bosque, esses dezoito meses passados entre os *partisans* não tivessem existido. Ele os havia esquecido. Na sua imaginação, apenas os familiares estavam presentes. Levantava hipóteses terríveis sobre o destino

deles.

Ele via Tônia caminhando pelo campo debaixo de uma nevasca com Chúrotchka nos braços. Ela o traz enrolado em uma coberta, seus pés afundam na neve; com grande esforço prossegue a caminhada, mas a tempestade a chicoteia, o vento a empurra, ela cai por terra e se levanta, sem forças, incapaz de se manter sobre as pernas instáveis e fracas. Ora, mas veja só! Ele sempre se esquece! Esquece que ela tem dois filhos e amamenta ainda o menor. Tônia está, então, com os dois braços ocupados, como as refugiadas de Tchilimka, que de tristeza e tensão nervosa perderam a razão.

Ela está com os dois braços ocupados e não há ninguém por perto que possa ajudá-la. O papai de Chúrotchka, ninguém sabe onde está. Ele está longe, sempre longe, a vida toda longe deles. Será assim um papai? Os verdadeiros papais são assim? E o papai de Tônia, onde está? Onde está Aleksandr Aleksándrovitch? Onde está Niúcha? Onde estão os outros? Ah! É melhor não se colocar essas questões, melhor não pensar, não se aprofundar.

O médico se levantou do banco com a intenção de entrar no abrigo. Mas subitamente seus pensamentos tomaram outro curso e ele mudou de ideia.

Os esquis, o saco com pão seco e as provisões necessárias para a fuga já estavam havia muito tempo preparados. Ele os tinha enterrado sob a neve fora da zona vigiada pelas sentinelas, ao pé de um grande pinheiro que, por precaução, marcara com ranhuras. Seguiu para lá através de uma senda cavada entre montanhas de neve. Era uma noite clara. A lua cheia brilhava. O médico conhecia as horas de guarda das sentinelas e conseguiu evitá-las. Mas já perto da clareira onde estava a sorveira coberta de gelo, uma sentinela o interpelou de longe e veio se aproximando, deslizando rapidamente em seus esquis.

— Alto! Vou atirar! Quem é? Diga a senha.

— O que é isso, irmão, está doido? Sou dos nossos. Não me reconhece? Sou o médico, dr. Jivago.

— Desculpe! Não se zangue, camarada Jelvak. Não reconheci. Mas mesmo sendo Jelvak, não deixarei passar. Tem que ser tudo direito.

— Como quiser. A senha é “Sibéria vermelha”, e a resposta é “Abaixo os

intervencionistas".

— Agora a conversa é outra. Vá para onde quiser. Por que diabo está vadiando de noite? Está doente?

— Não consigo dormir e estou com muita sede. Pensei em dar uma volta, engolir um pouco de neve. Vi a sorveira com bagas congeladas e me deu vontade de mastigá-las.

— Aí é que está, invenção de patrão, colher fruta no inverno. Faz três anos que martelamos, martelamos e nada! Nenhuma consciência. Vá para a sua sorveira, seu maluco. O que eu tenho com isso?

Tomando impulso, a sentinela foi se afastando mais e mais rapidamente sobre os longos esquis que assoviavam na neve virgem, até desaparecer por trás de uns arbustos magros e nus. E o médico prosseguiu pela senda que levava à sorveira.

A árvore estava em parte coberta de neve, com ramos e frutas em parte congelados. Dois galhos nevados estendiam-se ao seu encontro e lembravam-lhe os longos e alvos braços de Lara, a sua curva bela e generosa. Ele abraçou os galhos e puxou a árvore para si. Como em resposta a esse gesto, a sorveira derramou uma chuva de neve que o cobriu da cabeça aos pés. Esquecendo-se de si e sem saber o que dizia, ele balbuciava:

— Eu a verei, minha bela, minha princesa, minha rubra e doce sorva, minha amada.

A noite estava clara. A lua brilhava. Ele penetrou adiante na taiga até o pinheiro dileto, desenterrou seus objetos e se afastou de vez do acampamento.

---

1. Originalmente, o nome se refere aos membros da guarda particular de Ivan IV, o Terrível. Os *oprítchniki* eram reputados por sua crueldade.
2. Canção ligeira popular.
3. Semelhante a "Belinha".
4. Personagem dos contos maravilhosos eslavos.
5. Personagem de contos populares russos.
6. As crônicas de Nóvgorod são os mais antigos documentos da Rússia, datadas a partir do século XI. As crônicas de Ipátiev remontam ao século XII e sofreram alterações ao longo do

tempo.

DÉCIMA TERCEIRA PARTE
DIANTE DA CASA DAS ESTÁTUAS

1

A rua Bolcháia Kupiétcheskaia descia sinuosa pela colina até alcançar a Málaia Spásskaia e a Novosvalótchni. Podia-se vê-la de qualquer casa ou igreja da parte mais alta da cidade.

Numa das esquinas, encontrava-se a casa cinza-escuro ornada de estátuas. Sobre as enormes pedras quadrangulares do seu alicerce, cortadas em diagonal pela inclinação da rua, estavam afixados os últimos números dos jornais oficiais, decretos e resoluções governamentais. Pequenos grupos de passantes revezavam-se ali sucessivamente, em leituras silenciosas.

O tempo estava seco, depois do recente degelo. O frio retornava, e a temperatura baixava. O dia começava a se alongar, deslocando as primeiras horas de escuridão. Mal havia terminado o inverno, e já o vazio do entardecer era preenchido por essa luz que comovia, arrebatava, intimidava e inquietava.

Fazia pouco tempo que os brancos tinham abandonado a cidade aos vermelhos. Terminaram as fuzilarias, os derramamentos de sangue, os alertas militares. Mas, semelhante ao afastamento do inverno e à distensão da primavera, essa calmaria também intimidava e inquietava.

As notícias lidas pelos passantes à luz do fim do dia diziam o seguinte:

"Aviso à população. As carteiras de trabalho para os que estão aptos podem ser obtidas ao custo de cinquenta rublos por unidade na seção de

abastecimento do conselho municipal, à rua Oktiábrskaia, antiga Gueneral-Gubernátorskaia, 5, sala 137.

"A ausência de carteira de trabalho, as irregularidades e as falsificações serão punidas com o rigor dos tempos de guerra. Instruções precisas concernentes à utilização das carteiras de trabalho estão publicadas no boletim do Comitê Executivo de Iuriátin, nº 86/1013 do corrente ano e afixadas na seção de abastecimento do conselho municipal, sala 137."

Outro comunicado anunciava que a cidade dispunha de reservas alimentícias suficientes, mas que a burguesia as escondia para prejudicar a distribuição de víveres e semear o caos. O comunicado terminava com as seguintes palavras:

"Os que forem presos em flagrante delito de estocagem e ocultação de víveres serão fuzilados no local."

Um terceiro aviso propunha as seguintes medidas:

"Visando a uma correta distribuição dos produtos alimentícios, aqueles que não pertencem à classe exploradora deverão se associar às comunas de consumidores. Para maiores detalhes, dirigir-se à seção de abastecimento do conselho municipal à rua Oktiábrskaia, antiga Gueneral-Gubernátorskaia, 5, sala 137."

Com relação aos militares, declarava-se:

"Aqueles que não entregaram as armas ou que as portem sem ser titulares das novas licenças serão punidos com todo o rigor da lei. A renovação das licenças é efetuada no comitê revolucionário de Iuriátin, à rua Oktiábrskaia, 6, sala 63."

2

Um homem magro e de aspecto selvagem aproximou-se do grupo de leitores. Tinha a tez morena de sujeira, trazia um saco sobre o ombro e se apoiava em um bastão. Os cabelos longos ainda preservavam a cor, mas a barba louro-escura que lhe cobria o rosto tornara-se grisalha. Era o dr. Iúri

Andréievitch Jivago. Sua peliça havia muito tinha desaparecido pelo caminho, roubada ou talvez cedida em troca de alimentos. Vestia roupas velhas com mangas curtas que evidentemente não eram suas e não o aqueciam.

Restava-lhe no saco um naco de pão e um pedaço de toucinho que lhe fora oferecido na última aldeia por que passara. Fazia uma hora que havia chegado à cidade pelo lado da via férrea, e esse foi o tempo que levou para percorrer a distância que separa aquela área fronteiriça desse cruzamento, tão enfraquecido e exausto estava da caminhada dos últimos dias. Detinha-se muitas vezes e mal se continha para não se deixar cair por terra e beijar as pedras dessa cidade que não esperava jamais rever e cuja visão lhe trazia tanta alegria, como se fosse um ser vivo.

Cerca de metade do trajeto da viagem de volta foi feita ao longo da estrada de ferro, que estava totalmente abandonada e coberta de neve. Nesse percurso, viu-se diante de comboios inteiros do Exército Branco com seus vagões de passageiros e de mercadorias desativados em razão das tempestades de neve, da derrota de Koltchak e da falta de carvão. Esses trens bloqueados, imobilizados para sempre, enterrados na neve, estendiam-se numa sequência quase contínua por muitas dezenas de verstas. Eles agora serviam de fortaleza a bandos armados que assaltavam pelas estradas, de abrigo aos criminosos evadidos e aos refugiados políticos, estes, involuntários errantes daquele tempo; mas, sobretudo, serviam de sepultura e vala comum aos que morriam vítimas do frio e do tifo, que a essa altura provocava devastações ao longo da via férrea e ceifava aldeias inteiras nos arredores.

A época justificava o antigo adágio: o homem é o lobo do homem. Quando um andarilho avistava outro, desviava para o lado, pois quando se cruzavam um sujeito matava o outro para não ser morto. Surgiram casos de antropofagia. As leis humanas da civilização foram abolidas. Instaurou-se a lei da selva. O homem fazia sondagens pré-históricas, da época das cavernas.

Por vezes, sombras solitárias caminhavam furtivas pelas bordas da estrada e, temerosas, atravessavam-na mais adiante, longe de Iúri Andréievitch, que as evitava sempre que possível. Frequentemente, parecia-lhe reconhecer a

silhueta de alguém que vira no acampamento dos *partisans*. Na maior parte das vezes, se equivocava, mas, certa vez, seus olhos não o enganaram: o adolescente que se arrastou pela montanha de neve que cobria a carcaça de um vagão-leito internacional e, depois de satisfazer as suas necessidades, enfiou-se novamente no esconderijo, de fato esteve entre os Irmãos dos Bosques. Era Teriénti Galúzin, dado como morto depois da execução. Não conseguiram matá-lo; ele passou muito tempo desmaiado e, depois que voltou a si, arrastou-se do local e se escondeu no bosque, onde curou as feridas. Ele agora tentava retornar a Krestovozdvíjensk para reencontrar a família, dissimulando-se sob um nome falso e buscando refúgio nos trens ocultos pela neve.

Diante desses quadros, tinha-se a impressão de qualquer coisa de extraterreno, de transcendente. Eram como fragmentos de uma vida desconhecida, vinda de outro planeta, transportada por engano para a Terra. Só a natureza se mantinha fiel à história e se desenhava ao olhar tal qual representada pelos pintores modernos.

As tardes de inverno eram calmas, cinza-claro, rosa-escuro. As copas negras das bétulas , finas como caracteres de pergaminho, pareciam traçadas à pena sobre o fundo luminoso do crepúsculo. Regatos negros corriam sob a névoa cinza de um leve congelamento e molhavam com suas águas escuras as encostas brancas das margens nevadas. Tal era o entardecer gelado, cinza e transparente, sensível como broto de salgueiro, que prometia descer em uma ou duas horas sobre Iuriátin, diante da casa das estátuas.

O médico se aproximou do quadro de avisos da central de imprensa, afixado no muro de pedras, com a intenção de passar os olhos nos comunicados oficiais. Mas seu olhar a todo instante se desviava para a casa oposta e se detinha sobre as janelas do segundo andar. Essas janelas, que davam para a rua, outrora haviam sido branqueadas com giz. Os móveis do antigo proprietário tinham sido empilhados nos dois cômodos que elas iluminavam. Embora o gelo recobrisse a parte inferior dos caixilhos com uma fina camada de cristal, via-se que as vidraças estavam agora transparentes e lavadas da cal. O que significava essa mudança? Os

proprietários teriam retornado? Ou Lara teria se mudado e novos moradores estariam ocupando o apartamento? Será que estaria tudo diferente?

A incerteza atormentava o médico. Ele não pôde controlar sua perturbação. Atravessou a rua, entrou pela porta principal e começou a subir aquela escada tão familiar e querida ao seu coração. Quantas vezes, no acampamento, ele reviu, em suas mínimas volutas, os motivos que ornavam aqueles degraus de ferro. A certa altura da escada espiralada, avistavam-se embaixo, pelos degraus vazados, pilhas de baldes, bacias e cadeiras quebradas amontoadas num canto. Essas pilhas continuavam lá. Nada havia mudado, tudo continuava como antes. O médico estava quase agradecido à escada por sua fidelidade ao passado.

Outrora havia uma campainha, mas que não funcionava antes mesmo da sua prisão. O médico quis bater à porta, mas notou que ela agora estava trancada por um pesado cadeado que passava por dois anéis grosseiramente pregados, ferindo aquela antiga peça de carvalho de belo acabamento, que já apresentava ranhuras. Antes, ele não permitiria tal vandalismo. Havia fechaduras embutidas que trancavam bem a porta, e serralheiros para consertá-las em caso de necessidade. Esse detalhe insignificante dizia, a seu modo, o quanto havia progredido a degradação geral.

O médico estava convencido de que Lara e Kátienka já não se encontravam mais na casa, talvez nem em Iuriátin, talvez nem neste mundo. Estava preparado para as mais terríveis decepções. Mas, por desencargo de consciência, decidiu remexer no buraco que outrora fazia tanto medo a Kátienka e a ele mesmo. Pôs-se a chutar a parede para espantar os ratos que porventura estivessem aninhados ali dentro. Sem esperanças de encontrar o que quer que fosse naquele local secreto, Iúri Andréievitch deslocou o tijolo que ocultava o buraco e introduziu a mão até o fundo. Oh, milagre! A chave e um bilhete. Um bilhete longo que cobria uma folha grande. O médico se aproximou de uma janelinha próxima à escada. Outro milagre, ainda mais inacreditável! O bilhete se dirigia a ele! Leu rapidamente:

"Oh, Deus! Que felicidade! Dizem que você está vivo. Viram-no pelas redondezas e vieram logo me contar. Suponho que se apresse em ir a

Varíkino, portanto, estou partindo para lá com Kátienka, para encontrá-lo. Em todo caso, deixo a chave no lugar habitual. Espere o meu retorno, não vá a parte alguma. Você ainda não sabe, mas agora ocupo os cômodos de frente para a rua. Talvez adivinhe. A casa está abandonada, há muito espaço, boa parte dos móveis dos antigos proprietários foi vendida. Estou deixando alguns alimentos e batatas cozidas. Não deixe de pôr o ferro de passar ou outra coisa pesada sobre a tampa da panela, como eu fiz, para proteger dos ratos. Estou louca de alegria."

Assim terminava a parte da frente do bilhete. O médico não notou que ainda havia alguma coisa escrita no verso. Aproximou a folha desdobrada dos lábios e em seguida, sem observá-la, dobrou-a novamente e a guardou no bolso junto com a chave. Uma dor aguda se misturava à sua comoção. Se ela se deslocava a Varíkino sem a menor explicação, podia-se concluir que a família dele já não estava mais lá. A angústia que esse pensamento lhe provocava juntava-se à aflição e à tristeza pelos seus. Por que razão ela não dizia nada sobre eles? Por que não acrescentou uma palavra no bilhete, como se eles não existissem?

Mas não havia tempo para reflexões. Logo começaria a escurecer, e ele tinha ainda muito que fazer antes do fim do dia. A própria leitura dos decretos não era uma das menores prioridades. Aqueles tempos não estavam para brincadeiras. Podia-se muito bem, por ignorância, pagar com a vida pela violação de algum novo decreto. Assim, sem nem mesmo passar pelo apartamento para deixar a sacola que lhe pesava ao ombro fatigado, ele saiu à rua e se aproximou daquele muro recoberto por toda sorte de impressos.

3

Interessavam-lhe os artigos de jornais, protocolos de discursos e decretos. Iúri Andréievitch percorreu rapidamente os títulos: "Das modalidades de requisição e imposição de obrigações às classes possuidoras. Do controle operário. Dos comitês de fábricas". Eram medidas pelas quais o novo poder substituía a ordem estabelecida pelos brancos, repelidos da cidade. O novo

regime lembrava aos cidadãos o cumprimento rigoroso dos princípios que poderiam ter sido esquecidos durante a ocupação anterior. Iúri Andréievitch sentiu vertigem em vista dessa monótona e infindável repetição. De que ano datavam aqueles títulos? Dos tempos do primeiro golpe ou dos períodos posteriores às rebeliões da guarda branca? Do ano anterior? Do ano retrasado? Houve um dia em sua vida em que se entusiasmara pela incondicionalidade dessa linguagem e pela retidão desse pensamento. Será que por aquele entusiasmo imprudente ele teria agora que pagar com toda a sua vida, renunciando a ouvir outra coisa além desses gritos fanáticos e demandas que com o passar dos anos se tornavam cada vez mais irreais, ininteligíveis e inaplicáveis? Será que, por um minuto de imensa simpatia, ele se sujeitou para sempre?

Um fragmento de prestação de contas caiu-lhe sob os olhos. Ele leu:

"Os informes sobre a fome apontam para a total negligência por parte das organizações locais. Os casos de abuso são patentes e a especulação atinge proporções monstruosas. O que fazem para remediar essa situação os órgãos profissionais locais e os comitês de fábricas da cidade e da região? Enquanto não realizarmos buscas maciças nos entrepostos da linha ferroviária Iuriátin-Továrni, nas seções Iuriátin-Razvílie e Razvílie-Ribálka, enquanto não recorrermos a medidas rigorosas de terror e levarmos os especuladores até mesmo à execução sumária, não haverá solução para a fome."

"Como eu invejo essa cegueira!", pensou o médico. "Como podem falar de pão, se há tempos não há trigo na natureza? Como podem falar de classes possuidoras e de especuladores, se os decretos anteriores implicaram sua aniquilação? De que camponeses e aldeias falam, se estes já não existem mais? Como podem se esquecer das próprias decisões e ações, que não deixaram pedra sobre pedra sobre a face da Terra? Como podem divagar por anos a fio, com essa febre que não esmorece, sobre temas inexistentes ou há muito esgotados e não saberem nada, não verem nada do que se passa à sua volta?"

O médico teve uma nova vertigem e caiu sobre a calçada sem sentidos. Quando recobrou a consciência, ajudaram-no a se levantar e se ofereceram

para levá-lo aonde quisesse. Ele agradeceu e recusou a ajuda, explicando que lhe bastava atravessar a rua.

4

Ele subiu mais uma vez a escada para o apartamento de Lara. O patamar estava tão claro como antes, ainda não havia escurecido nem um pouquinho. Reconhecendo com satisfação que o sol não o apressava, abriu a porta.

O ruído da chave na fechadura provocou um súbito alvoroço no apartamento. A habitação deserta o acolheu com tinidos de latas sendo derrubadas. Ratos se espremiam pelo soalho e corriam em debandada. O médico se sentiu impotente diante dessa infecção nojenta que pululava pelo apartamento.

Antes de preparar o que quer que fosse para pernoitar, ele decidiu se pôr ao abrigo dessa praga, fechando-se em um cômodo onde fosse mais fácil vedar os buracos com cacos de vidro e ferragens.

Dirigiu-se à esquerda da entrada, para um lado do apartamento que não conhecia. Deixando atrás de si uma passagem escura, entrou num cômodo claro, cujas duas janelas davam para a rua. À frente, via-se a fachada cinzenta da casa das estátuas; abaixo, os passantes, de costas para aquelas janelas, liam os jornais afixados no muro.

No cômodo e no mundo exterior reinava a mesma luz jovem daquele entardecer de uma primavera precoce. A semelhança da luz parecia unir o interior à rua. Havia apenas uma pequena diferença: aquele quarto de dormir de Lara, onde estava Iúri Andréievitch, era um pouco mais frio do que a rua Kupiétcheskaia.

Quando, cerca de uma ou duas horas antes, Iúri Andréievitch se aproximou da cidade em sua caminhada final, a crescente fraqueza que sentia pareceu-lhe sinal de alguma doença grave e o assustou.

Agora, os medos se dissipavam, já não pensava em doenças. Essa identidade entre a luz da casa e a da rua o enchia de uma alegria

aparentemente desmotivada. A massa de ar frio, a mesma no pátio e na habitação, punha-o em comunhão com os passantes do anoitecer, com o espírito da cidade, com a vida do mundo inteiro. Presente por toda parte, a luz transparente do fim de tarde primaveril parecia-lhe garantia de esperanças futuras e generosas. Ele tinha a impressão de que tudo caminhava para melhor, que conseguiria tudo na vida, que todos se reencontrariam e se reconciliariam, que saberia pensar e exprimir tudo. E aguardava a alegria do encontro com Lara como a maior prova disso.

Uma louca excitação e uma agitação desenfreada sucederam a seu estado anterior de depressão. Esse alvoroço era o sintoma real do início da doença, muito mais do que a fraqueza que recentemente o impressionara. Iúri Andréievitch não se acalmava. A rua novamente o atraiu, mas pelo motivo que segue.

Antes de se instalar ali, ele queria cortar o cabelo e fazer a barba. Já pensava nisso ao atravessar a cidade e observar as vitrines dos antigos barbeiros. Mas parte dessas lojas estava deserta ou ocupada com outros fins. As outras, que ainda mantinham as tabuletas, estavam trancadas a cadeado. Não havia quem cortasse cabelos e barbeasse. Iúri Andréievitch não possuía um barbeador. Se ao menos encontrasse uma tesoura na casa de Lara, já poderia sair desse embaraço. Mas a agitação febril com que remexia os objetos que ela tinha deixado sobre a mesa o impediu de achá-la.

Lembrou-se, então, de que na rua Málaia Spásskaia havia antigamente um ateliê de costura. Pensou que se o estabelecimento ainda existisse e ele o alcançasse antes de fechar, talvez pudesse pedir uma tesoura a alguma das costureiras. E mais uma vez saiu à rua.

5

Sua memória não o enganou. O ateliê continuava no mesmo lugar e estava aberto. Ocupava uma loja de andar térreo com uma entrada e uma grande vitrine dando para a rua. Pela vitrine, podia-se ver até o fundo da loja. As costureiras trabalhavam à vista dos transeuntes.

O recinto era terrivelmente apertado. Às trabalhadoras profissionais tinham se juntado costureiras amadoras, damas maduras da boa sociedade de Iuriátin que desejavam obter a carteira de trabalho mencionada no decreto afixado na casa das estátuas.

A lentidão dos seus gestos imediatamente as distinguia das verdadeiras e ágeis costureiras. No ateliê, confeccionavam apenas vestes militares: calças acolchoadas e peliças curtas. Preparavam também casacos de peliça composta, de aspecto engraçado, semelhantes aos que Iúri Andréievitch vira no acampamento dos *partisans*, feitos de diferentes peles de cachorro. Com dedos inábeis, as costureiras amadoras deslizavam as barras dobradas sob as agulhas perfuradoras da máquina, mal dando conta desse trabalho de peleteiro a que não estavam acostumadas.

Iúri Andréievitch bateu no vidro e fez sinal para que o deixassem entrar. Responderam-lhe, também por sinais, que não aceitavam encomendas particulares. Iúri Andréievitch não cedeu e, repetindo os mesmos gestos, insistiu que o deixassem entrar e o ouvissem. As costureiras o fizeram entender que elas tinham um trabalho urgente e que ele deveria deixá-las em paz e seguir o seu caminho. Uma delas, com ar perplexo e contrariado, indagou com os olhos o que exatamente ele queria. Com o dedo médio e o indicador, ele forjou o movimento da tesoura. Elas não compreenderam o gesto. Imaginaram que fosse uma obscenidade, que as imitava e flertava com elas. De aspecto maltrapilho e comportamento estranho, ele dava a impressão de ser um doente ou um louco. As costureiras trocaram risotas e fizeram gestos para expulsá-lo da frente da vitrine. Por fim, ele teve a ideia de atravessar o pátio da casa e encontrar a entrada de serviço. Uma vez lá, bateu à porta dos fundos do ateliê.

6

Quem abriu a porta foi uma costureira de meia-idade, rosto moreno e ar severo, trajando um vestido escuro, talvez a responsável pelo local.

— Ah, que esperto! Um verdadeiro castigo! Bom, fale logo, o que quer?

Não temos tempo.

— Eu preciso de uma tesoura, não se espante. Preciso que me empreste por um minuto. Aqui mesmo, na sua frente, eu corto a minha barba e a devolvo agradecido.

Os olhos da costureira exprimiram uma surpresa desconfiada. Era evidente que ela tinha dúvidas sobre as faculdades mentais do seu interlocutor.

— Eu venho de longe. Acabei de chegar à cidade. Queria cortar o cabelo e a barba. Não há nenhum barbeiro. Mas eu mesmo posso fazer isso, apenas não tenho tesoura. Empreste-me uma, por favor.

— Está bem. Vou cortar o seu cabelo. Mas preste atenção. Se estiver com alguma outra ideia na cabeça, alguma esperteza, mudar a aparência para se disfarçar, alguma coisa política, eu sinto muito, mas não vamos pagar com a vida por sua causa; nós o denunciaremos à instância competente. Não é hora de brincar com isso.

— Não se preocupe!

A costureira conduziu o médico para um cômodo lateral, pouco maior que uma despensa. Em minutos, ele já estava sentado em uma cadeira semelhante à de barbeiro, coberto por uma toalha atada bem rente ao pescoço.

A costureira se afastou para apanhar os instrumentos e logo retornou com tesoura, pente, tosquiadores de diversos calibres e barbeador.

— Já fiz de tudo na vida — disse ela, ao notar o espanto do médico diante dos apetrechos que trazia nas mãos. — Trabalhei como cabeleireira. Durante a guerra, quando era enfermeira, aprendi a cortar cabelo e barbear. Vamos começar cortando a barba com a tesoura, depois rasparemos com a lâmina.

— O cabelo, por favor, corte bem curto.

— Vou tentar. O senhor é um intelectual, mas finge não saber. Agora as contas não são mais feitas por semana, mas por decêndios. Hoje é dia 17, e todos os dias com um 7 é folga dos barbeiros. Como se o senhor não soubesse!

— Não, palavra de honra! Por que eu iria fingir? Já disse que vim de longe. Não sou daqui.

— Fique quieto. Não se mexa. É facil se cortar. Então, está de passagem? Como veio até aqui?

— Com as minhas duas pernas

— Pela grande estrada?

— Em parte pela estrada, o restante pela linha da ferrovia. Dezenas de trens sob a neve! De tudo: trens de luxo, especiais.

— Bem, falta só esse pedacinho. Vamos tirar isso e está pronto. Por questões de família?

— Questões de família, não! Questões da antiga associação de cooperativas de crédito. Sou inspetor itinerante. Enviaram-me em viagem de inspeção. Sabe o diabo para onde. Fiquei bloqueado na Sibéria Oriental. Não tive como voltar. Não havia trens. Tive de vir a pé, não há o que fazer. Um mês e meio de caminhada. O que eu vi não dá para contar nem em uma vida.

— É melhor mesmo não contar. Vou lhe ensinar uma coisa. Mas espere um pouco. Tome o espelho, segure. Pode apreciar. Que tal?

— Acho que tirou pouco. Pode ser mais curto.

— O corte não vai se sustentar. Mas eu dizia que o melhor é não contar nada. Atualmente é melhor se manter calado. Cooperativas de crédito, trens de luxo sob a neve, inspetores, controladores, é melhor esquecer essas palavras. Senão, vai se ver em maus lençóis. Não é o momento. Melhor dizer que é médico ou professor. Bem, está pronto! Tirei o grosso da barba. Agora vamos barbear. Um pouco de sabão, tchik-tchik, e ficará dez anos mais jovem. Vou esquentar um pouco de água.

"Quem é essa mulher?", pensou o médico depois que ela se afastou. "Tenho a impressão de termos algo em comum, parece que a conheço. Talvez alguma coisa que eu vi ou ouvi. Ela me lembra alguém, com certeza, mas que diabo, quem?"

A costureira voltou:

— E agora, vamos nos barbear. Ou seja, é melhor travar a língua. Essa é

uma verdade eterna. A palavra é de prata, mas o silêncio é de ouro. Quanto aos trens especiais e às cooperativas de crédito, invente outra. Conte, por exemplo, que o senhor é médico ou professor. O que viu e não viu, guarde para si. A quem o senhor acha que surpreende hoje em dia com isso? A lâmina está incomodando?

— Machuca um pouco.

— Arranha, deve arranhar um pouco, eu sei. Aguente, querido. Não tem outro jeito. O pelo cresceu e ficou áspero, a pele desacostumou. Pois é, hoje em dia o senhor não consegue surpreender mais ninguém. As pessoas estão calejadas. Comemos o pão que o diabo amassou. O que não inventaram no tempo dos brancos e atamãs! Pilhagens, assassinatos, sequestros. Caçavam as pessoas. Por exemplo, havia um pequeno sátrapa, um dos homens de Sapunóv, entende, ele não gostava de um certo tenente. Pois mandou os soldados o emboscarem perto do bosque de Zágorodni, em frente à casa de Krapúlski. Foi desarmado e levado sob escolta para Razvílie. E Razvílie era para nós, nessa época, a mesma coisa que a Tcheká da província é hoje: um lugar de execução. Por que está sacudindo a cabeça? Machuca? Eu sei, querido, eu sei. Não posso fazer nada. Aqui, tenho que passar a contrapelo, e o pelo está duro feito palha. É cruel. É um lugar ardiloso. A esposa, imagine, ficou histérica. A esposa do tenente. Kólia! Meu Kólia! E foi direto ao chefe. Bem, direto é uma maneira de dizer. Quem a deixaria entrar? Teve proteção. É que havia numa rua vizinha uma pessoa que tinha lá sua entrada com o chefe e que defendia todo mundo. O chefe era um homem excepcionalmente humano e compreensivo, o general Galiúllin, nada a ver com os outros. Enquanto em volta eram execuções sumárias, atrocidades, dramas de ciúmes. Exatamente como nos romances espanhóis.

"Ela está falando de Lara", adivinhava o médico, mas por precaução guardou silêncio e evitou fazer perguntas. "No entanto, quando falou em romances espanhóis, ela de novo me lembrou incrivelmente alguém. Justamente por essa referência insólita, dita assim sem quê nem por quê."

— Agora, naturalmente, a situação é outra. É claro que há investigações, denúncias, fuzilamentos. Mas a ideia é totalmente diferente. Em primeiro

lugar, é um poder recente. Está ainda muito fresco para que eles tenham tomado gosto. Em segundo, diga-se o que disser, eles são pelo povo simples, é nisso que está a sua força. Nós éramos quatro irmãs, todas trabalhadoras. Naturalmente, pendemos para os bolcheviques. Uma das minhas irmãs morreu, era casada com um exilado político. O marido trabalhava como diretor de uma usina desta região. O filho deles, meu sobrinho, é líder dos rebeldes do campo, pode-se dizer que é uma celebridade.

"Ah, então é isso!", compreendeu Iúri Andréievitch. "É a tia de Liviéri, cunhada de Mikulítsin, a lenda da cidade: cabeleireira, costureira, agulheira, conhecida por todos, sabe fazer de tudo. Mas devo me manter calado para não me trair."

— Meu sobrinho sempre teve inclinação pelo povo, desde a infância. Ele cresceu na casa do pai, entre os operários da usina Sviatogór Bogatír. O senhor ouviu, talvez, falar das usinas de Varíkino? Mas o que estou fazendo? Ah, que tola desmemoriada! Só raspei a metade do queixo. É isso que dá tagarelar. E o senhor que está vendo, por que não me avisou? O sabão secou. Vou esquentar a água, já esfriou.

Assim que Túntseva voltou, Iúri Andréievitch lhe perguntou:

— Varíkino não é um fim de mundo abençoado por Deus, um recanto de mata ao abrigo dos cataclismos?

— Bem, abençoado por Deus é uma maneira de dizer. Esse recanto de mata sofreu talvez mais do que nós. Bandos armados atravessaram Varíkino; não se sabe o que foi aquilo. Eles não falavam como nós. Puseram os habitantes para fora de todas as casas e os fuzilaram. Depois, foram embora sem dizer nada. Os corpos, do jeito que caíram na neve, lá ficaram. Foi no inverno. Mas o que tem que não para quieto? Quase cortei a sua garganta.

— A senhora disse que o seu cunhado morava em Varíkino. Esses horrores também o atingiram?

— Que nada. Deus é misericordioso. Ele e a mulher partiram a tempo. A nova, a segunda mulher. Onde estão ninguém sabe, mas é certo que se salvaram. Nos últimos tempos, eles tinham recebido novos inquilinos, uma família que veio de Moscou. Mas estes partiram ainda mais cedo. O homem

mais jovem, o chefe da família, um médico, desapareceu sem deixar rastro. O que quer dizer sem deixar rastro? Só dizem isso para não causar dor nas pessoas. Mas, na verdade, supõem que esteja morto, que o mataram. Procuraram, procuraram por ele, mas não o encontraram. Nesse meio-tempo, o outro, o mais velho, foi chamado a Moscou. É um professor. De agronomia. Pelo que ouvi dizer, foi o próprio governador que o convocou. Eles passaram por Iuriátin. Ainda antes da retomada pelos brancos. Vai recomeçar, meu camarada? Um cliente pulando dessa forma na cadeira é facil degolar. O senhor exige muito do nosso ofício.

"Então, eles estão em Moscou!"

7

"Em Moscou! Em Moscou!" Essas palavras ressoavam em seu coração a cada passo que dava, enquanto subia pela terceira vez a escada de ferro. O apartamento vazio o acolheu novamente com uma sarabanda de ratos que saltavam, caíam e fugiam por todos os lados. Iúri Andréievitch se deu conta de que com esses bichos imundos ele não conseguiria pregar o olho à noite apesar da fadiga. Começou, então, a cobrir os buracos de rato. Felizmente, não havia muitos no quarto de dormir, bem menos que no resto do apartamento, onde o piso e a base das paredes estavam em mau estado. Mas era necessário trabalhar rápido, a noite se aproximava. É verdade que havia um lampião sobre a mesa da cozinha; talvez prevendo a sua possível chegada o tivessem retirado da parede e abastecido pela metade. Ao lado, uma caixa aberta continha alguns fósforos, Iúri Andréievitch contou dez palitos. Pelo sim, pelo não, era melhor manter o querosene e os fósforos como reserva. No quarto, encontrou também uma lamparina de cabeceira com um pavio e traços de óleo; decerto os ratos beberam o que faltava.

Em certos locais, onde os tacos saltavam e não aderiam mais ao solo, Iúri Andréievitch cobriu as fendas com várias camadas de cacos de vidro deitados com as pontas para dentro. A porta aderia bem ao batente. Podia-se, portanto, uma vez a porta fechada, isolar completamente o cômodo. Iúri

Andréievitch levou cerca de uma hora para arrumar tudo.

Um canto do quarto era cortado na diagonal por uma lareira azulejada cuja cornija não alcançava o teto. Na cozinha, havia cerca de dez feixes de lenha de reserva, e Iúri Andréievitch decidiu subtrair dois deles a Lara. Abaixou-se, apoiando-se em um dos joelhos, empilhou a lenha no braço esquerdo, transportou-a para o quarto e, depois de depositá-la junto à lareira, examinou o seu funcionamento, verificando rapidamente o estado em que se encontrava. Ele queria fechar o quarto à chave, mas a fechadura estava quebrada. Calçou a porta com um chumaço grosso de papel para impedi-la de abrir e pôs-se a acender a fornalha com calma.

Ao levar as achas ao fogo, percebeu nelas certas marcas talhadas, que reconheceu de imediato e com estupefação. Eram antigas estampas nas quais constavam as iniciais "K" e "D" com que outrora marcavam os troncos para indicar o depósito de origem. Na época dos Kruger, essas letras eram usadas para identificar os cortes excedentes de Kulábichev, em Varíkino, que seriam posteriormente vendidos como madeira para combustão.

A presença dessa madeira na casa de Lara era uma prova de que ela conhecia Samdeviátov e de que ele cuidava dela, da mesma forma que outrora havia fornecido ao médico e sua família o necessário. Essa descoberta o dilacerou. Se a ajuda de Anfím Efímovitch já lhe pesava naquela época, agora outros sentimentos vinham agravar o peso dessa dívida.

Era pouco provável que Anfím prestasse serviços a Larissa Fiódorovna unicamente pelos seus belos olhos. Iúri Andréievitch desenhou à sua frente a desenvoltura de Anfím Efímovitch e a impetuosidade feminina de Lara. Como é possível que não houvesse nada entre eles?

Na fornalha, as achas secas de Kulábichev queimavam e crepitavam animadas, e quanto mais se abrasavam tanto mais as vagas suposições de Iúri Andréievitch se transformavam em certeza absoluta e o ciúme o cegava.

Tinha o coração tão dilacerado que as dores se sucediam umas às outras. Não seria suficiente afastar essas suspeitas. Os pensamentos erravam de um tema a outro, sem nenhum esforço de sua parte. A preocupação com a sorte reservada à sua família o assaltava com uma força nova e temperava por

algum tempo a sua imaginação ciumenta.

"Quer dizer, então, que vocês estão em Moscou, meus amados!" Parecia-lhe, a essa altura, que Túntseva havia afirmado que eles chegaram sãos e salvos ao destino. "Quer dizer, então, que refizeram o caminho de volta sem mim, esse longo e difícil caminho! Como passaram por isso? No que consistirá exatamente essa missão de Aleksandr Aleksándrovitch? Que convocação será essa? É possível que a Academia o tenha convidado para retomar as aulas? O que será que encontraram em casa? E será que ainda existe a casa? Oh, como é difícil e doloroso, Senhor! Ah, se eu pudesse não pensar! Como tudo se mistura na minha cabeça! O que está acontecendo comigo, Tônia? Acho que estou doente. O que vai acontecer comigo e com vocês, Tônia? Tônietchka, Tônia, Chúrotchka, Aleksandr Aleksándrovitch! Por que me rejeitaste a Tua face, luz eterna? Por que a vida os levou para longe de mim? Por que estamos sempre separados? Mas logo estaremos juntos, vamos nos reencontrar, não é mesmo? Vou me reunir a vocês, a pé, se necessário. Nós nos veremos. Tudo voltará ao normal, não é mesmo?

"Mas que direito tenho de viver sobre a terra, se sempre me esqueço de que Tônia teve outro filho. Não é a primeira vez que isso me escapa da cabeça. Como será que ela passou por isso? A caminho de Moscou, eles passaram por Iuriátin. É verdade que Lara não os conhece, mas se o destino que tiveram é do conhecimento até de uma costureira-cabeleireira… E Lara não acrescenta nada em seu bilhete, nenhuma palavra sobre eles. Que estranha indiferença! É também estranho o silêncio que mantém sobre suas próprias relações com Samdeviátov."

Aqui, Iúri Andréievitch lançou um olhar perscrutador pelas paredes do quarto. Ele sabia muito bem que todos os objetos ali pregados não pertenciam a Lara, e que os móveis dos antigos proprietários, desconhecidos e desaparecidos, não testemunhavam de forma alguma o seu gosto.

Apesar disso, de repente, começou a sentir-se mal em meio aos olhares daqueles homens e mulheres das fotografias ampliadas e fixadas à parede, em meio àqueles móveis de mau gosto que o envolviam numa atmosfera hostil. Sentiu-se um estranho.

E logo ele que, tolo, tantas vezes invocara essa casa e com saudades penetrara nesse quarto, não como numa habitação qualquer, mas como se penetrasse em sua própria nostalgia de Lara. Uma sensibilidade dessa seria certamente ridícula, vista de fora. Acaso é assim que vive, se conduz e se exprime um homem forte e prático, um verdadeiro homem como Samdeviátov? E por que Lara deveria preferir a sua falta de caráter e a linguagem obscura e irreal de sua adoração? Será que ela precisa dessa confusão? Estaria disposta a ser aquilo que se tornara para ele?

Mas, o que ela se tornara para ele? Ah, para essa pergunta ele sempre tinha alguma resposta pronta.

É noite de primavera no pátio. O ar está urdido de sons. Vozes alegres de crianças se propagam a inexpugnáveis distâncias, como um sinal de que no espaço palpita a vida. Essas distâncias são a Rússia, incomparável, cujo nome se estende para além dos mares, a mãe gloriosa, sofredora, teimosa, extravagante, exaltada, adorada, de explosões sempre imprevisíveis, sublimes e trágicas! Oh, como é doce existir! Como é doce viver no mundo e amar a vida! Oh, como é necessário agradecer à vida, à existência, dizer-lhe obrigado frente a frente.

Eis o que é Lara. Uma vez que é impossível comunicar-se com essas forças ocultas por palavras, Lara as representa, é sua expressão, é o dom da audição e da palavra, ofertado ao princípio mudo da existência.

Não, não é verdade, mil vezes não é verdade o que ele disse ainda há pouco sobre ela num momento de dúvida. Como tudo nela é perfeito e irreprochável!

Lágrimas de entusiasmo e remorso lhe velaram a visão. Ele abriu a portinhola da fornalha e atiçou o fogo. Empurrou a brasa incandescente para o fundo e agrupou na frente, onde o fogo não estava muito forte, as achas que ainda não haviam terminado de queimar. Deixou o forno aberto por um instante. O jogo do calor e da luz sobre seu rosto e suas mãos provocou-lhe sensações de volúpia. O reflexo dançante da chama deixou-o sóbrio. Oh, como sentia falta dela nesse instante! Como sentia falta de algo que emanasse dela de forma tangível!

Tirou do bolso o bilhete amassado. Estava dobrado ao contrário. Só então percebeu que ela havia escrito no verso. Alisou o papel amassado e leu à luz dançante do forno:

"Você deve saber que sua família está em Moscou. Tônia teve uma filha." As linhas em seguida estavam borradas; depois, lia-se: "Risquei porque parecia tolo em um bilhete. Falaremos disso pessoalmente, mais tarde. Me apresso, vou procurar um cavalo. Não sei o que farei se não conseguir. Será difícil com Kátienka…". O final da frase estava apagado, ilegível.

"Ela correu para pedir um cavalo a Anfím e deve ter conseguido, já que partiu", pensou Iúri Andréievitch, ponderadamente. Se não estivesse com a consciência limpa, não teria assinalado esse detalhe.

8

Depois que o fogo fez bom lume, o médico fechou a portinhola e comeu um pouco. Uma irresistível sonolência o dominou. Deitou no sofá vestido e dormiu profundamente, deixando de ouvir a fanfarra ensurdecedora dos ratos, que se desencadeava por trás da porta e das paredes do quarto. Teve dois pesadelos seguidos.

Encontrava-se em Moscou, em um quarto, diante de uma porta envidraçada e fechada à chave, que, por segurança, puxava para si, agarrado à maçaneta. Atrás da porta, seu filho Chúrotchka tentava entrar. Ele chorava, suplicava, se debatia. Com seu casaquinho, calça e boné de marinheiro, era tão pequenino e tinha o ar tão infeliz! A espuma de uma cascata ruidosa que espirrava com força a seus pés aspergia a criança e a porta. Talvez esse jorro viesse de um tubo deteriorado ou de uma canalização quebrada, fenômeno frequente nessa época. Ou talvez algum desfiladeiro selvagem desembocasse nessa porta, dando curso a essa torrente impetuosa e aos séculos de frio e de trevas que acumulara.

A queda e o estrondo da água assustavam mortalmente a criança. Não se ouvia o que ela gritava, o barulho abafava os berros. Mas Iúri Andréievitch lia em seus lábios: "Papaizinho, papaizinho!".

Iúri Andréievitch estava de coração partido. Ele queria com todas as forças agarrar o menino pela mão, apertá-lo contra o peito e fugir com ele sem olhar para trás.

No entanto, afogado em lágrimas, ele puxava a porta para si pela maçaneta e impedia o menino de entrar, sacrificando-o em nome de uma falsa concepção de honra e dever para com uma mulher que não era a mãe do menino e que tinha livre acesso pelo outro lado do quarto.

Iúri Andréievitch acordou banhado em suor e lágrimas. "Tenho febre, estou doente", pensou de imediato. "Não é tifo. É uma espécie de fadiga pesada, perigosa, que toma a forma de uma afecção característica; uma espécie de doença com crises como todas as infecções sérias; trata-se de saber o que a extinguirá, a vida ou a morte. Mas o sono é terrível!" E voltou a dormir.

Sonhou com uma manhã escura de inverno numa rua movimentada e ainda iluminada de Moscou. As imagens indicavam uma época anterior à revolução, a julgar pela animação matinal da rua, pelo ruído dos primeiros vagões de bonde, pela luz dos lampiões noturnos que emitiam raios amarelos sobre a neve cinzenta das calçadas.

Havia um apartamento comprido com numerosas janelas, todas enfileiradas de um mesmo lado e não muito altas sobre a rua, talvez no segundo andar, enquadradas por longas cortinas. Pessoas em roupas de viagem dormiam ali em poses variadas, no meio de uma grande desordem, como num vagão. Havia restos de comida espalhados em jornais abertos e engordurados, ossos roídos de galinha frita, asinhas e coxinhas. Havia pares de botas retiradas para o pernoite e alinhados no chão, que pertenciam a parentes e amigos em visita, a viajantes e desabrigados que deviam ficar ali por algum tempo. A dona da casa, Lara, toda atarefada, deslizava rapidamente e sem ruído de um canto a outro do apartamento, vestida com um roupão amarrado apressadamente. Iúri Andréievitch a seguia a cada passo, insistente, importunando-a sempre com explicações banais e fora de propósito. Ela não tinha um minuto para ele e, enquanto se deslocava, respondia-lhe apenas com um movimento de cabeça e olhar desconcertado

ou com uma explosão do seu riso inocente, inimitável, e isso era tudo o que restava da intimidade deles. E como estava distante, fria e atraente, aquela a quem ele dera tudo, a quem preferira a tudo, por quem depreciara tudo o mais no mundo!

9

Não era ele, era algo maior o que chorava dentro dele, vertendo palavras carinhosas e luminosas que brilhavam na escuridão como fósforo. E ele juntava ao pranto de sua alma o seu próprio pranto, cheio de piedade por si mesmo.

"Estou doente, adoeci", pensava nos instantes de lucidez ao emergir do sono, do delírio febril e da inconsciência. "É uma espécie de tifo, mas um tifo que não consta nos manuais, que não estudamos na faculdade. É bom cozinhar algo, preciso comer alguma coisa ou vou morrer de fome."

Mas quando tentava se erguer sobre os cotovelos, dava-se conta de que não tinha forças para se mexer, perdia a consciência ou adormecia.

"Há quanto tempo estou deitado assim vestido?", perguntava-se num clarão de consciência. "Há quantas horas? Há quantos dias? Quando me deitei, a primavera estava começando. Agora, a janela está coberta de um gelo tão sujo e macio que faz noite no quarto."

Na cozinha, os ratos viravam os pratos, subiam a toda a velocidade pela parede e depois rolavam com todo o seu peso sobre o piso, lançando ganidos horríveis em contraltos chorosos.

E novamente ele dormia, acordava, e percebia, sob a resiliência do gelo, que as janelas estavam inundadas de uma claridade rósea e quente que as tornava púrpura como um vinho tinto vertido em copos de cristal. E se perguntava se era a aurora ou o crepúsculo.

Certo dia, acreditou ouvir vozes perto de si e se deprimiu, persuadindo-se de que começava a enlouquecer. Em lágrimas, com pena de si mesmo, indignou-se e murmurou silenciosamente contra o céu que lhe havia dado as costas e abandonado. "Por que me rejeitaste a Tua face, luz eterna, e me

atiraste às trevas malditas?”

Súbito, ele compreendeu que não delirava, que era a mais pura verdade, que estava despido, lavado, deitado com uma camisa limpa, não no sofá, mas numa cama, com lençóis frescos, e que, misturando aos seus os cabelos e as lágrimas, Lara chorava com ele, sentada à cama, debruçada sobre ele. A alegria o fez perder a consciência.

10

Havia pouco, em delírio, ele repreendera o céu por sua indiferença, mas agora toda a amplidão celestial descia sobre seu leito, e dois longos braços de mulher, brancos até os ombros, se estendiam em sua direção. A alegria escureceu sua visão, e ele, como quem perde os sentidos, mergulhou num abismo de felicidade.

Durante toda a vida, sempre esteve envolvido com algo, eternamente ocupado, trabalhando em casa, tratando dos doentes, pensando, estudando, produzindo. Como era bom não ter de agir ou pensar ou almejar, mas poder, por um tempo, entregar todas as preocupações à natureza, tornar-se um objeto, um intento, uma obra entre essas mãos benevolentes, adoráveis e pródigas de beleza!

Iúri Andréievitch se restabeleceu rapidamente. Lara o alimentava e o curava com seus cuidados e encanto de cisne branco, com o murmúrio grave e quente de suas perguntas e respostas.

As conversas que instauravam a meia-voz, mesmo as mais vagas, eram repletas de sentido, como os diálogos de Platão.

Mais do que a comunhão de almas, unia-os o abismo que os separava do resto do mundo. Ambos tinham a mesma aversão a tudo que o homem contemporâneo possui de fatalmente típico, ao seu entusiasmo estudado, à sua ênfase estridente e a essa mortal falta de asas, que inumeráveis trabalhadores das ciências e das artes disseminam com tanto zelo para que o gênio permaneça uma grande raridade.

Imenso era o amor deles. Mas todos amam sem perceber o que há de

único nesse sentimento.

Para eles — e nisso eram exceção — os momentos em que o eflúvio da paixão, como um sopro de eternidade, pousava sobre suas existências humanas condenadas eram instantes de revelação e reconhecimento do novo, do novo de si mesmos e da vida.

11

— Você deve sem falta retornar para junto dos seus. Não vou segurá-lo nem um dia a mais. Está vendo como está a situação. Assim que nos fundimos à Rússia Soviética, fomos engolidos pela miséria. Tapam-se buracos graças à Sibéria e ao Extremo Oriente. Você ainda não sabe de nada. Durante a sua doença, a cidade mudou completamente. Enviam as nossas reservas dos depósitos para o centro, para Moscou, onde todos os carregamentos desaparecem como num barril furado. Está claro que para aquela cidade os nossos víveres significam uma gota no oceano, mas nós ficamos sem provisões. O correio não funciona, os trens de passageiros deixaram de circular, os transportes de cereais são os únicos que ainda rodam. Há um murmúrio constante pela cidade, como antes da rebelião de Gajda,* e em resposta ao descontentamento uma comissão extraordinária atua de novo.

"Mas como você pode ir embora nesse estado? Está que é só pele e osso, um fiapo de gente! E vai de que forma, a pé de novo? Não vai chegar lá. Descanse, recupere as forças, depois falamos nisso.

"Não ouso aconselhá-lo, mas, em seu lugar, antes de partir, eu pegaria algum trabalho, evidentemente dentro da sua especialidade. Dão valor a isso. Eu iria à nossa comissão regional de saúde, por exemplo. Ela está instalada nos antigos escritórios da inspetoria de saúde.

"Pense um pouco. Você é filho de um milionário siberiano que se suicidou, e sua mulher é filha de usineiro e comerciante local. Você esteve entre os *partisans* e fugiu. Tome isso como quiser, mas abandonar as fileiras do exército revolucionário é deserção. Você não deve de forma alguma ficar

sem trabalho, privado de direitos. A minha posição também não é sólida. Eu vou trabalhar, vou entrar para a comissão regional de instrução pública. Estou me equilibrando sobre um vulcão."

— Como assim, sobre um vulcão? E Strélnikov?

— Por isso mesmo estou sobre um vulcão, por causa de Strélnikov. Nós já conversamos sobre o fato de ele ter muitos inimigos. O Exército Vermelho venceu. Agora, livram-se dos militares sem partido que estiveram muito próximos às altas esferas e sabem muito. E ainda é bom quando apenas os escorraçam em vez de suprimi-los sem deixar traços. Pacha está entre os primeiros mais visados. Está em grande perigo. Ele estava no Extremo Oriente, ouvi dizer que fugiu e se escondeu. Dizem que o perseguem. Mas chega disso. Eu não gosto de chorar e se disser mais uma só palavra sobre ele, sinto que não vou me segurar.

— Você o amou, ainda o ama muito?

— Veja, eu me casei com ele, é meu marido, Iúrotchka. É uma pessoa de caráter elevado, transparente. Sou profundamente culpada diante dele. Eu não fiz nada de mau a ele, dizer isso seria uma inverdade. Mas ele é um homem de imenso valor, de grande franqueza, e eu não valho nada, não sou nada comparada a ele. Essa é a minha culpa. Mas, por favor, vamos parar de falar nele. Um dia, eu retomo esse assunto, prometo. Mas que mulher maravilhosa a sua Tônia! Uma Botticelli. Eu a assisti durante o parto. E me liguei fortemente a ela. Mas vamos deixar isso também para outro dia, eu lhe peço. Pois bem, vamos trabalhar, os dois. Sairemos juntos todos os dias. E todo mês receberemos um salário milionário. Por aqui, até o último golpe, havia bilhetes de crédito de bancos siberianos. Recentemente foram anulados e, durante todo o tempo da sua doença, vivemos sem espécies monetárias. É difícil acreditar, mas conseguimos nos virar. Agora, trouxeram para o antigo tesouro público uma carga inteira de papel-moeda, dizem que pelo menos uns quarenta vagões. Dinheiro impresso em folhas grandes, de duas cores, azul e vermelha, como os selos postais, divididas em pequenas colunas. As notas azuis valem cinco milhões, as vermelhas, dez milhões cada. A impressão é ruim, desbota, a cor borra.

— Eu vi essas notas. Foram postas em circulação às vésperas da nossa partida de Moscou.

12

— O que você ficou fazendo tanto tempo em Varíkino? Não há ninguém por lá, está tudo deserto, não é? O que a reteve?

— Eu limpei a sua casa com Kátienka. Temia que você se dirigisse para lá e não queria que a encontrasse no estado em que estava.

— Em que estado? Arruinada, em desordem?

— Em desordem, suja. Eu limpei.

— Por que esse laconismo evasivo? Você não está dizendo tudo, está me escondendo alguma coisa. Como quiser, não vou tentar adivinhar. Conte-me sobre Tônia. Como batizaram a pequena?

— Macha. Em homenagem à sua mãe.

— Conte-me sobre elas.

— Mais tarde, por favor. Já disse que mal consigo segurar as lágrimas.

— Esse Samdeviátov, que lhe emprestou o cavalo, é uma figura interessante. O que você acha dele?

— Concordo que é interessante.

— Conheci bem Anfím Efímovitch. Foi um amigo, nos ajudou ao chegarmos a esse lugar desconhecido.

— Eu sei. Ele me contava.

— Vocês então são amigos? Ele também procura ser útil a você?

— Ele simplesmente me cobre de favores. Não sei o que eu faria sem ele.

— É fácil imaginar. Vocês com certeza têm relações amistosas, cordiais, sem cerimônia. E ele deve assediá-la o tempo todo.

— E como! Insistentemente.

— E você? Desculpe. Estou indo além dos limites permitidos. Com que direito posso lhe perguntar isso? Perdoe minha indiscrição.

— Ah, por favor. Na verdade, você quer saber sobre a natureza das nossas relações? Você quer saber se nas nossas boas relações não há algo de mais

pessoal? Não, de forma alguma. Eu devo a Anfím Efímovitch um mundo de coisas, tenho uma enorme dívida para com ele, mas mesmo que ele me cobrisse de ouro, mesmo que desse a vida por mim, nada disso faria com que eu me aproximasse dele, nem um passo sequer. Por natureza, detesto pessoas de têmpera calculista. Nas coisas da vida, esses homens empreendedores, cheios de autoconfiança e imperativos são insubstituíveis. Nas coisas do coração, essa presunção de bigodes, essa exaltação masculina é abjeta. Eu entendo de outra maneira a intimidade e a vida. Mas isso não é tudo. No plano moral, Anfím me lembra outra pessoa, um homem bem mais repugnante, culpado pelo que me tornei, a quem devo o fato de ser como sou.

— Não entendo. E como você é? O que quer dizer com isso? Você é a melhor pessoa do mundo.

— Ah, Iúrotchka, é possível isso? Estou falando sério e você me vem com elogios de salão. Você me pergunta como eu sou. Sou uma pessoa fraturada, carrego uma falha em mim para a vida toda. Fizeram de mim mulher muito cedo, criminalmente cedo; fui iniciada na vida pelo lado ruim, pelo discurso mentiroso, de bulevar, como só pode conceber um velho vadio e presunçoso dos tempos antigos, aproveitador e permissivo com tudo.

— Posso adivinhar. Supus algo semelhante. Mas espere um pouco. É fácil imaginar o seu sofrimento de menina naquela época, o medo da jovem inexperiente e assustada, a ofensa prematura. No entanto, tudo isso é passado. Quero dizer que isso não deve mais afligi-la, e sim às pessoas que a amam, como eu. Sou eu que devo arrancar os cabelos e me desesperar pelo meu atraso, por não estar perto de você na ocasião para prevenir os acontecimentos, se de fato eles lhe causam dor. É incrível. Parece que só posso sentir um ciúme forte, mortal ou passional, de alguém moralmente inferior e distante. A rivalidade com alguém moralmente superior desperta em mim um sentimento muito diferente. Se um homem que me seja em espírito próximo e a quem eu tenha dado minha amizade amasse a mesma mulher que eu, eu viveria um sentimento de fraternidade triste, mas não uma disputa ou litígio. Com certeza eu não poderia dividir com ele, nem

por um minuto, o objeto da minha adoração. Mas ao me afastar, carregaria um sentimento muito diferente do ciúme, nem um pouco nebuloso ou sanguinário. O mesmo aconteceria se eu colidisse com um artista que tivesse me conquistado pela excelência da sua força em trabalhos análogos aos meus. Eu decerto abandonaria as minhas buscas, que não fariam mais do que replicar fracamente o seu intento vitorioso.

"Mas me desviei do assunto. Creio que não te amaria com tanta força se não houvesse nada em você a deplorar ou a lamentar. Não amo os justos, os que nunca caíram, os que nunca tropeçaram. A virtude deles é morta, de pouco valor. A beleza da vida não se revelou para eles."

— É justamente dessa beleza que eu falo. Parece-me que para vê-la é necessário guardar uma imaginação pura, uma sensibilidade primeva. E foi exatamente isso que me tiraram. Talvez eu tivesse configurado a minha própria visão da vida, se desde os meus primeiros passos não a tivesse vivido pelo aviltamento do outro. Mais que isso. Um homem imoral, de uma mediocridade satisfeita, entrou na minha vida quando eu ainda era muito jovem e, por esse motivo, depois se desfez o meu casamento com um homem maravilhoso que me amava muito e a quem eu correspondia da mesma maneira.

— Espere um pouco. Depois você me fala do seu marido. Eu disse que, em geral, é a pessoa inferior que me provoca ciúmes, e não o meu igual. Não tenho ciúmes do seu marido. Mas e o outro?

— Que outro?

— Esse perdulário que arruinou você. Quem é?

— Um advogado de Moscou bem conhecido. Foi colega do meu pai e, após a morte dele, ajudou mamãe materialmente, enquanto estávamos na pobreza. Um celibatário rico. Talvez eu esteja dedicando a ele um interesse excessivo e atribuindo uma importância que não possui, pela forma como o descrevo. Ele não tem nada de extraordinário. Se quiser, posso dizer o nome.

— Não precisa. Eu sei. Eu o vi uma vez.

— Verdade?

— Uma vez, num quarto de hotel, quando sua mãe tentou se envenenar.

Era tarde da noite, nós ainda éramos crianças.

— Ah, eu me lembro da situação. Vocês chegaram e ficaram no escuro, na entrada do quarto. Provavelmente nunca mais me lembraria dessa cena, se você já não tivesse me ajudado certa vez a tirá-la do esquecimento. Se não me engano foi em Meliuziéev.

— Komaróvski estava lá.

— É mesmo? É bem possível. Era comum me encontrar com ele. Com frequência estávamos juntos.

— Por que enrubesceu?

— Por causa do som "Komaróvski" em seus lábios. Foi inusitado e inesperado.

— Havia um colega de escola comigo. Sabe o que ele me contou naquele quarto? Disse ter reconhecido em Komaróvski o homem que vira uma vez, por acaso, em circunstâncias inesperadas. Certa vez, em viagem, esse menino, Mikhail Gordon, foi testemunha do suicídio do meu pai, um industrial milionário. Estavam no mesmo trem. Meu pai se atirou pela porta do trem em movimento e se arrebentou. Estava acompanhado de Komaróvski, seu conselheiro jurídico. Komaróvski embebedava meu pai, complicava os seus negócios e levou-o à bancarrota, precipitando a sua morte. É responsável pelo seu suicídio e por eu ter me tornado órfão.

— Que coincidência espantosa! É mesmo verdade? Então ele também foi o seu gênio mau? Como isso nos aproxima! É uma espécie de predestinação.

— Está aí de quem tenho um ciúme louco, irreparável.

— O que você está dizendo? Eu não só não o amo como o desprezo!

— Será que você se conhece tão bem? A natureza humana, sobretudo a feminina, é tão obscura e contraditória! Num cantinho qualquer da sua aversão, talvez você lhe seja mais profundamente submissa do que àquele a quem ama por livre vontade, sem opressão.

— Como é terrível o que acabou de dizer! E, como de costume, disse com tanta precisão que esse gesto antinatural me parece verdadeiro. Mas é tão terrível!

— Acalme-se. Não me escute. Eu queria dizer que tenho ciúme de você

com tudo o que é obscuro, inconsciente e cujas explicações são impensáveis e indecifráveis. Tenho ciúme de você com os objetos da sua toalete, com as gotas de suor da sua pele, com as doenças contagiosas que infectam o ar e que podem atingir e envenenar o seu sangue. Tenho ciúme de você com Komaróvski, que um dia levará você de mim, assim como um dia a minha ou a sua morte nos separará. Eu sei que tudo isso deve parecer a você um amontoado de obscuridades. Não consigo me exprimir de forma mais harmoniosa e compreensível. Eu te amo loucamente, perdidamente, infinitamente.

13

— Fale mais do seu marido. "Cuja marca está inscrita, junto à minha, dentro do livro amargo do destino", como diz Shakespeare.

— Onde?

— Em *Romeu e Julieta*.

— Já falamos bastante sobre ele em Meliuziéev, quando eu ainda o procurava. E também aqui em Iuriátin, nos nossos primeiros encontros, quando soube por você que ele o havia detido em seu vagão. Eu creio que lhe disse, ou talvez não, pode ser impressão, que eu o vi uma vez de longe entrando em um carro. Você pode imaginar como o guardavam? Achei que ele quase não mudou. Aquele mesmo rosto bonito, honesto, decidido, o mais honesto de todos os rostos que eu já vi no mundo. Sem sombras de afetação, um caráter viril, total ausência de vaidade. Sempre foi assim e assim continua a ser. Notei apenas uma mudança, que me inquietou.

"Como se qualquer coisa de abstrato houvesse penetrado aquela fisionomia e a descolorisse. Um rosto humano vivo que se tornou a personificação de um princípio, a representação de uma ideia. Senti o coração apertado, ao perceber isso. Compreendi que era consequência das forças em cujas mãos ele havia se entregado, forças proeminentes, mas mortíferas e impiedosas, que um dia não o poupariam. Tive a impressão de ver a marca da sua irremediável perdição. Mas pode ser que me engane.

Pode ser que as suas revelações é que tenham calado fundo na minha alma, quando me descreveu o encontro que teve com ele no vagão. Porque, além da nossa comunidade de sentimentos, absorvo de você muitas coisas."

— Conte-me sobre a vida de vocês antes da revolução.

— Bem cedo, na infância, eu já refletia sobre a pureza. E ele encarnava essa pureza. Nós morávamos perto do mesmo pátio, Galiúllin, ele e eu. Fui a sua paixão de criança. Quando ele me via, seu coração gelava, petrificava. Na verdade, não é bom que eu fale nisso e que eu saiba disso, mas seria ainda pior fingir não saber. Fui a sua paixão de criança, uma dessas paixões avassaladoras que se procura esconder, que o orgulho infantil não permite revelar, mas que mesmo sem palavras se inscreve no rosto à vista de todos. Nós éramos amigos. E éramos tão diferentes quanto eu e você somos semelhantes. Naquela época, foi com o coração que o escolhi. Decidi unir a minha vida à daquele menino maravilhoso assim que nos tornássemos adultos, e passei a me considerar comprometida com ele.

"E pense um pouco como ele é dotado! De uma capacidade extraordinária! Filho de um simples agulheiro ou guarda ferroviário, que unicamente pelo talento e pela tenacidade alcançou — eu ia dizer o nível, mas devo dizer o ápice dos conhecimentos universitários contemporâneos, em duas especialidades: matemática e ciências humanas. Isso não é pouca coisa!"

— Mas, então, o que rompeu a união do lar, se vocês se amavam tanto?

— Ah, como é difícil responder a isso. Vou tentar. Mas é espantoso que caiba a mim, uma mulher fraca, explicar a você, tão inteligente, o que acontece atualmente com a vida em geral, com a vida humana na Rússia, por que as famílias se arruínam e, entre elas, a sua e a minha. Ah, como se fosse uma questão de semelhança ou diferença de caráter entre as pessoas, de amor ou desamor. Tudo o que se relaciona à vida cotidiana, à moradia dos homens, à ordem humana, tudo isso foi reduzido a pó pela reviravolta da sociedade e sua reconstrução. Todos os costumes foram derrubados e destruídos. Resta apenas a força inabitual e inadaptada da alma nua, despojada até o último fiapo, para a qual nada mudou, porque todo o tempo

sentiu frio e tremeu e se arrastou em direção a algo próximo, igualmente despojado e solitário. Você e eu somos como Adão e Eva, as primeiras criaturas humanas que nada tinham para se cobrir quando o mundo começou. Agora, em seu fim, nos encontramos igualmente sem roupas e moradia. Nós somos a última lembrança de todas as coisas incontáveis e grandiosas feitas no mundo ao longo desses milhares de anos decorridos entre elas e nós, e em memória dessas maravilhas desaparecidas, respiramos e amamos e choramos e nos abraçamos um ao outro e nos apertamos um contra o outro.

14

Depois de uma pequena pausa, Lara prosseguiu de forma bem mais calma.

— Eu lhe digo uma coisa. Se Strélnikov voltasse a ser Pacha Antípov. Se ele deixasse a loucura e a revolta. Se o tempo voltasse atrás. Se em algum lugar distante, no fim do mundo, por um milagre, eu visse se iluminar a janela da nossa casa com a lâmpada e os livros de Pacha sobre a mesa de trabalho, creio que eu me arrastaria de joelhos até lá. Tudo em mim palpitaria. Não resistiria ao apelo do passado, ao apelo da fidelidade. Sacrificaria tudo. Mesmo o que me é mais caro. Você. E nossa intimidade, tão leve, espontânea e natural. Oh, perdão. Não estou dizendo isso. Não é verdade.

Ela se atirou ao seu pescoço e chorou. Logo se recompôs. Enxugou as lágrimas e disse:

— Mas é a mesma voz do dever que te empurra para Tônia. Senhor, como somos miseráveis! O que será de nós? O que faremos?

Depois que se recobrou totalmente, continuou:

— Ainda não respondi por que a nossa felicidade se desfez. Compreendi isso mais tarde. Vou contar. Mas não é uma história apenas sobre nós. Tornou-se o destino de muitos.

— Conte, minha sábia.

— Nós nos casamos pouco antes da guerra, dois anos antes do início. Mal tínhamos começado a viver por nossos próprios meios e organizado a nossa casa, quando a guerra foi declarada. Agora estou convencida de que ela foi a responsável por tudo, por todas as subsequentes desgraças que atingem nossa geração até hoje. Lembro-me bem da minha infância. Conheci o tempo em que os conceitos do pacífico século precedente ainda tinham força. Costumava-se confiar na voz da razão. O que a consciência indicava era considerado natural e necessário. A morte de uma pessoa pelas mãos de outra era raridade, excepcionalidade, um acontecimento fora do comum. Presumia-se que assassinato era coisa de romances policiais ou tragédias, coisa que se lia nos informes de jornais, e não algo corriqueiro, da vida cotidiana.

"E, de repente, esse salto do compasso sereno e inocente para o sangue e para os gritos, a insanidade geral e a selvageria dos assassinatos de todos os dias e todas as horas, legitimados e encorajados.

"Decerto isso tem o seu preço. Você deve lembrar melhor que eu de como tudo se deteriorou de um momento para o outro. A circulação dos trens, o abastecimento das cidades, os fundamentos da vida familiar, os princípios morais da consciência."

— Continue. Sei o que vai dizer adiante. Como você analisa bem tudo isso! Que alegria te escutar!

— Então, a inverdade chegou à terra russa. A principal desgraça, a raiz do mal futuro foi a perda da fé no valor da opinião pessoal. Acharam que o tempo de seguir as inspirações do senso moral havia passado, que agora todos deveriam cantar em uníssono e viver das ideias estrangeiras que lhes eram impostas. O domínio das frases feitas começou a crescer: primeiro monarquistas, depois revolucionárias.

"Esse engano social envolveu e contagiou todas as coisas. Tudo caiu sob a sua influência. Nossa casa também não resistiu à ação nefasta. Algo se quebrou. Em lugar da vivacidade espontânea que sempre havia reinado nas nossas relações, uma dose de imbecilidade declamatória infiltrou-se nas nossas conversas, algo ostentatório, uma necessidade de filosofar sobre temas

mundiais relevantes. Seria possível uma pessoa tão fina e exigente consigo mesma como Pacha, que distinguia com tanto rigor a essência da aparência, passar por essa falsidade insidiosa e não notá-la?

"E aqui ele cometeu um erro fatal que decidiria tudo dali em diante. Ele tomou o sinal dos tempos, o mal social por um fenômeno de ordem doméstica. Ele atribuiu o tom artificial e a rigidez formal dos nossos raciocínios a si próprio, considerando-se grosseiro, medíocre e retrógrado. Talvez você considere inacreditável que semelhantes trivialidades possam ter significado alguma coisa na nossa vida em comum. Pois você não imagina o peso que tiveram, quantas coisas estúpidas Pacha fez por causa dessa infantilidade.

"Ele partiu para a guerra sem que ninguém o exigisse. Fez isso para nos libertar de sua presença, de sua tirania imaginária. Foi o início das suas loucuras. Com seu amor-próprio jovem e mal orientado, ele se ofendeu por algo com que não se ofende na vida. Começou a amuar-se com a marcha dos acontecimentos. Se desentendeu com a história. E até hoje acerta as contas com ela. Daí provêm suas extravagâncias desafiadoras. Ele caminha para a ruína certa por causa dessa estúpida ambição. Oh, se eu pudesse salvá-lo!"

— Como o seu amor por ele é incrivelmente puro e forte! Ame-o, ame-o. Não sinto ciúmes dele, não vou tolhê-la.

15

O verão veio e se foi imperceptivelmente. O médico se restabeleceu. Enquanto aguardava sua presumida partida para Moscou, assumiu provisoriamente trabalhos em três lugares diferentes. A rápida desvalorização do dinheiro exigia das pessoas que, com astúcia, servissem em diversos lugares.

O médico se levantava com o canto do galo, descia a rua Kupiétcheskaia, passava pelo cinematógrafo O Gigante e seguia em direção à antiga tipografia do exército cossaco dos Urais, hoje renomeada Tipografia

Vermelha. Na esquina da rua Gorodskáia, aguardava-o, afixada à porta do departamento de negócios, a placa "Seção de Reclamações". Dali, ele cortava a praça em diagonal e saía na rua Málaia Buiánovka. Após ultrapassar a usina Stengop, atravessava o pátio dos fundos do Hospital Militar e chegava ao ambulatório, seu principal local de trabalho.

Metade do caminho ele percorria debaixo da sombra das árvores que se projetavam sobre as ruas, transpondo os jardins de pequenas casas de estilo intrincado, a maioria em madeira com telhado abruptamente inclinado, cercas de treliça e portões e contraventos decorados com alizares entalhados.

Ao lado do ambulatório, no antigo jardim herdado por Goregliádova, viúva de um mercador, havia uma casa baixa bastante curiosa, construída no velho estilo russo. Era revestida de azulejos envernizados, lapidados de forma piramidal, semelhante aos antigos palácios dos boiardos moscovitas.

Três ou quatro vezes a cada decêndio, Iúri Andréievitch deixava o ambulatório e se dirigia à antiga casa Liguetti, na rua Stáraia Miasskáia, para se reunir com a Comissão Regional de Saúde ali instalada.

Em um bairro completamente diferente e remoto, estava a casa doada à cidade pelo pai de Anfím, Efim Samdeviátov, em memória da mulher morta ao dar à luz a Anfím. Essa casa abrigava o Instituto de Ginecologia e Obstetrícia fundado por Samdeviátov. Atualmente, haviam instalado ali os cursos intensivos de medicina cirúrgica Rosa Luxemburgo. Neles, Iúri Andréievitch lecionava patologia geral e outras disciplinas opcionais.

Ele retornava de todas as tarefas à noite, fatigado e esfomeado, e encontrava Larissa Fiódorovna em pleno trabalho doméstico, no fogão ou diante de alguma gamela. Nessa aparência prosaica e caseira, desgrenhada, com as mangas arregaçadas e a saia enrolada, impressionava o seu encanto, mais do que se estivesse em vestido de baile decotado com saia frufrulhante e sapatos de salto alto.

Ela cozinhava ou lavava e depois usava a água com sabão que restava para esfregar o chão da casa. Ou então, mais calma, passava e consertava as suas roupas, as dele e as de Kátienka. E depois de se livrar da cozinha, das roupas e da faxina, ajudava Kátia nas lições. Ou mergulhava em manuais com que

trabalhava a sua própria reeducação política, para poder reingressar como professora numa escola já reestruturada.

Quanto mais a mulher e a menina se lhe tornavam próximas, menos ele ousava considerá-las como família e mais rigorosa era a interdição imposta aos seus pensamentos pelo dever diante dos seus e pela dolorosa fidelidade violada. Não havia nada de ofensivo nessa restrição, nem para Lara nem para Kátia. Ao contrário, essa afeição não familiar implicava uma imensa deferência e excluía a desenvoltura e a familiaridade excessivas.

Mas essa duplicidade permanecia dolorosa para Iúri Andréievitch, que se habituava a ela como quem se habitua a uma ferida incurável que frequentemente reabre.

16

Assim se passaram dois ou três meses. Certa vez, em outubro, Iúri Andréievitch disse a Larissa Fiódorovna:

— Sabe, acho que tenho de deixar o trabalho. A velha história se repete eternamente. Começa como se nada pudesse ser melhor: "O trabalho honesto sempre nos alegra. E as ideias ainda mais, em especial as novas. Como não encorajá-las? Sejam bem-vindas. Trabalhe, lute, busque".

"Mas a experiência mostra que o que chamam de ideias é apenas a sua aparência, um adorno verbal à exaltação da revolução e dos que estão no poder. Isso é cansativo e entediante. E eu não sou bom em lidar com isso.

"Eles provavelmente têm razão. É evidente que não estou com eles. Não posso me conformar com a ideia de que são eles os heróis, as pessoas iluminadas, enquanto eu não passo de uma alma mesquinha, partidário das trevas e da servidão do homem. Você já ouviu falar em Nikolai Vedeniápin?"

— Sim, claro. Antes de te conhecer, e também depois, pelos relatos que você me fez. Além disso, Símotchka Túntseva o menciona frequentemente. É sua seguidora fiel. Mas, para minha vergonha, nunca li os livros dele. Não gosto de obras inteiramente consagradas à filosofia. Penso que a filosofia

deve ser usada com parcimônia, como tempero para a arte e para a vida. Ocupar-se somente com filosofia é tão estranho quanto comer apenas raiz-forte. Aliás, desculpe as minhas bobagens, eu me desviei do assunto.

— Não, pelo contrário, concordo com você. É uma maneira de pensar muito parecida com a minha. Sim, sobre o meu tio. É possível que a influência dele tenha realmente me corrompido. Mas eles próprios gritam em uníssono "que diagnóstico genial", "que diagnóstico genial". E é verdade que eu poucas vezes me engano, quando se trata de determinar uma doença. Mas isso é justamente a intuição que eles tanto odeiam, que dizem ser o meu pecado, um conhecimento integral que apreende todo o quadro de uma só vez.

"Estou obcecado pela questão do mimetismo, pela adaptação exterior dos organismos à cor do ambiente que os circunda. Nesse ajustamento à cor ambiente, reside uma transição impressionante do interior para o exterior.

"Ousei tocar nesse assunto durante as aulas. E a resposta: 'Idealismo, misticismo! *Naturphilosophie* de Goethe, neo-schellinguianismo!'

"Preciso sair de lá. Vou apresentar minha demissão à Comissão de Saúde e ao instituto, mas vou tentar me manter no hospital até que me mandem embora. Não quero assustá-la, mas às vezes tenho a impressão de que mais dia menos dia vão me prender."

— Deus me livre, Iúrotchka. Ainda pode acontecer muita coisa antes disso. Mas você tem razão. Não custa ser prudente. Pelo que tenho observado, a instalação desse novo poder vem se fazendo em diversas etapas. No início é o triunfo da razão, do espírito crítico, da guerra contra os preconceitos.

"Depois, vem o segundo período. As forças obscuras dos que 'aderiram', dos falsos simpatizantes, ganham preponderância. Aumentam as suspeitas, as delações, as intrigas, o ódio. E você tem razão, nós estamos no início dessa segunda etapa.

"Não é preciso ir muito longe para buscar exemplos. Transferiram de Khodátski para cá, para o tribunal revolucionário, dois velhos prisioneiros políticos da classe trabalhadora, Tiviérzin e Antípov.

"Os dois me conhecem perfeitamente, um deles é o pai do meu marido, meu sogro. Pois foi apenas depois da transferência deles que comecei a temer pela minha vida e pela de Kátienka. Deles, pode-se esperar tudo. Antípov não tem nenhum grande apreço por mim. Eles são perfeitamente capazes de um belo dia nos destruírem, a mim e a Pacha, em nome da mais alta justiça revolucionária."

A sequência dessa conversa se deu um pouco depois. Por essa época, houve uma revista noturna na casa de número 48 da Málaia Buiánovka, que pertencia à viúva Goregliádova e ficava ao lado do ambulatório. Lá, encontraram um depósito de armas e descobriram uma organização contrarrevolucionária. Muitas pessoas foram presas na cidade e as buscas e apreensões ainda prosseguiam. A esse respeito, sussurravam que parte dos suspeitos havia escapado pelo rio. E trocavam as seguintes opiniões: "E o que adianta isso para eles? Há rios e rios. É preciso dizer que há certos rios. Em Blagoviéschensk, às margens do rio Amur, por exemplo, de um lado há o poder soviético, do outro, a China. Pulou na água, nadou, adeus, pernas para que te quero. Isso sim, pode-se dizer que é um rio. É outra conversa".

— A atmosfera está ficando muito pesada — disse Lara. — O tempo de despreocupação passou. Não tenho dúvidas de que vão nos prender, os dois. E o que será de Kátienka? Eu sou mãe. Devo prevenir essa infelicidade, pensar em alguma saída. Preciso ter uma solução pronta em caso de necessidade. Perco a cabeça só de pensar nisso.

— Vamos pensar. O que podemos fazer? Temos condições de evitar esse golpe? Isso é uma fatalidade.

— Não há como escapar nem para onde ir. Mas podemos ir para as sombras, para segundo plano. Por exemplo, ir para Varíkino. Penso na casa de Varíkino. É razoavelmente distante, e o lugar está abandonado. Lá não estaríamos à vista das pessoas, como aqui. O inverno se aproxima. Eu me encarregaria de organizar a nossa hibernação. Ganharíamos um ano de vida até que nos apanhassem, e isso é alguma coisa. Samdeviátov nos ajudaria a manter o contato com a cidade. Talvez ele consinta em nos esconder. Hein? O que você diz? É verdade que não há viva alma, está tudo deserto. Ao

menos era assim que estava em março, quando estive lá. E dizem que há lobos. É assustador. Mas as pessoas, sobretudo as do tipo de Antípov e Tiviérzin, são mais terríveis que lobos.

— Não sei o que dizer. Você vive me apressando para que eu volte a Moscou, tenta me convencer a não adiar a viagem. Agora ficou mais fácil. Eu me informei na estação. Estão visando o mercado negro. Nem todos os passageiros clandestinos são retirados dos trens. Cansaram de fuzilar, estão fuzilando menos.

"O que me preocupa é que todas as minhas cartas para Moscou estão sem resposta. Preciso retornar para esclarecer o que houve com a minha família. Você mesma me repete isso todo o tempo. Como posso entender as suas palavras sobre Varíkino? Você pensa por acaso em ir sem mim para aquele fim de mundo?"

— Não, sem você seria impensável.

— E ainda assim insiste que eu vá para Moscou?

— Sim, é indispensável.

— Escute. Tenho um plano excelente. Vamos para Moscou. Você e Kátienka vêm comigo.

— Para Moscou? Você ficou doido. Não, tenho que estar de prontidão em algum lugar por perto. O destino de Pacha será decidido aqui. Preciso aguardar o desfecho para prestar apoio, se for necessário.

— Então, vamos pensar em Kátienka.

— Símuchka, Sima Túntseva, vez por outra vem me ver. Falamos dela há uns dias atrás. Lembra?

— Claro, eu a vejo frequentemente com você.

— Fico surpresa. Onde os homens põem os olhos? No seu lugar eu teria me apaixonado por ela. Tão encantadora. Alta. Esbelta. Inteligente. Culta. Bondosa. Tem um raciocínio claro.

— No dia da minha volta do cárcere, foi a irmã, a costureira Glafira, que me barbeou.

— Eu sei. As duas irmãs vivem com a mais velha, Avdótia, a bibliotecária. É uma família honesta e trabalhadora. Quero pedir a elas, caso necessário,

caso nos prendam, que cuidem de Kátienka. Mas ainda não me decidi.

— Mas só se a situação chegar a um ponto extremo. Deus queira que isso não ocorra tão cedo.

— Dizem que Sima é meio esquisita. Realmente, não se pode considerá-la uma mulher totalmente normal. Mas isso é resultado da sua profundidade e originalidade. Ela é excepcionalmente culta, mas não de uma cultura intelectual, e sim de uma cultura popular. As ideias de vocês dois são incrivelmente parecidas. Eu confiaria a educação de Kátia a ela, de olhos fechados.

17

Ele foi novamente à estação e voltou de mãos vazias. Tudo permanecia em suspenso. Ele e Lara viviam na incerteza. O dia estava frio e escuro, como antes da primeira neve. O céu sobre os cruzamentos, mais vasto que sobre as compridas ruas, tinha um aspecto invernal.

Quando Iúri Andréievitch chegou em casa, encontrou Símuchka de visita a Lara. A conversa entre as duas tinha um ar de palestra da visitante para a anfitriã. Iúri Andréievitch não quis incomodá-las. Além disso, queria ficar um pouco só. As mulheres conversavam no quarto ao lado com a porta entreaberta. Um reposteiro pendia do dintel da porta até o chão e, através dele, podia-se ouvir cada palavra da conversa.

— Não preste atenção em mim, Símotchka. Enquanto costuro, ouço tudo o que diz. Na minha época de faculdade, fiz cursos de história e filosofia. Gosto muito da forma como a senhora constrói seu pensamento. Além disso, escutá-la é um enorme consolo para mim. Quase não temos dormido de preocupação nessas últimas noites. O meu dever de mãe é velar pela segurança de Kátienka, caso nos aconteça algo ruim. Preciso de sangue-frio para me ocupar dela. E eu não sou particularmente boa nisso. É doloroso reconhecer. E o cansaço das noites maldormidas me deixa melancólica. Mas a sua conversa me acalma. E a qualquer minuto a neve começará a cair. Quando neva, sinto um prazer enorme em escutar reflexões longas e

inteligentes. Já notou que se espiarmos pela janela enquanto neva, temos a impressão de ver alguém cruzando o pátio em direção à casa? Comece, Símotchka. Estou ouvindo.

— Onde paramos da última vez?

Iúri Andréievitch não escutou a resposta de Lara. Passou a seguir o que dizia Sima.

— É possível usar as palavras "cultura" e "época". Mas elas são compreendidas de muitas formas. Como o sentido delas é fugidio, vamos deixá-las de lado e empregar outras expressões.

"Eu diria que o ser humano se compõe de duas partes. De Deus e do trabalho. O desenvolvimento do espírito humano se divide em trabalhos isolados de longa duração. São trabalhos realizados por gerações e se sucedem um ao outro. O Egito foi um trabalho, a Grécia foi um trabalho, o conhecimento de Deus pelos profetas bíblicos foi um trabalho. O último dos trabalhos no tempo, ainda não suplantado e que se realiza na inspiração contemporânea, é o cristianismo.

"Para lhe apresentar de forma mais simples e imediata, diferente de como a senhora conhece e está acostumada, tudo de inédito que foi trazido ao mundo e o frescor surpreendente que possui, vamos analisar alguns breves fragmentos de textos litúrgicos.

"A maioria dos versículos justapõe imagens do Antigo e do Novo Testamento. Os episódios do mundo antigo, a sarça ardente, o êxodo do Egito, os jovens no forno em chamas, Jonas no ventre da baleia e daí por diante, contrapõem-se aos episódios do novo mundo, à concepção da Virgem e à ressurreição de Cristo, por exemplo.

"Nessa correspondência frequente e quase constante entre a antiguidade do antigo e a novidade do novo, suas diferenças aparecem com grande nitidez.

"Em toda uma infinidade de versos, a maternidade imaculada de Maria é comparada com a travessia do mar Vermelho pelos judeus. Por exemplo, nos versos de 'No mar Vermelho, a imagem da noiva que não conheceu o casamento certa vez foi traçada', é dito: 'Após a passagem de Israel, o mar

permaneceu intransponível; após o nascimento de Emmanuel, a imaculada permaneceu intacta'. Em outras palavras, as águas do mar se fecharam após a passagem de Israel, voltando a ser instransponíveis, e a Virgem permaneceu inviolada após dar a luz ao Senhor. Que tipo de eventos estão postos aqui em paralelo? Ambos são sobrenaturais, ambos são considerados como o mesmo milagre. O que essas duas eras tão diferentes, a primeira, primitiva, e a segunda, pós-romana e bem mais evoluída, viram de miraculoso?

"Num dos casos, ao comando do chefe do povo, ou seja, do patriarca Moisés, ao balanço do seu bastão mágico, o mar se abre e deixa toda uma nação passar, uma multidão incontável, centenas de milhares, e assim que o último atravessa, o mar se fecha novamente e cobre e afoga os egípcios lançados em sua perseguição. Um espetáculo no espírito da antiguidade: um elemento obediente à voz de um mágico, grandes multidões, como os exércitos romanos em marcha, o povo e o chefe — coisas visíveis e audíveis impressionantes.

"No outro caso, uma jovem — coisa comum, em que o mundo antigo não teria prestado atenção — secreta e silenciosamente dá vida a uma criança, traz vida ao mundo, o milagre da vida, a vida de todos: Ele que é a 'Vida de todos', como mais tarde foi chamado. Essa maternidade é um escândalo e não apenas porque é ilegal aos olhos do escriba, ela está em contradição com as leis da natureza. A jovem dá à luz, não pela força da necessidade, mas pelo milagre, pela inspiração. É justamente sobre essa inspiração que o Evangelho, que opõe o excepcional ao ordinário e os dias de festa aos dias de trabalho, quer construir a vida, contrariando qualquer imposição.

"Isso é uma mudança incrivelmente significativa! Como é que essa circunstância humana da ordem privada, circunstância ínfima do ponto de vista da antiguidade, pôde conquistar aos olhos do céu (pois é com os olhos do céu que se deve avaliar tudo isso; é no quadro sagrado da unicidade que tudo isso se cumpre) — como pôde conquistar um valor equivalente à migração de todo um povo?

"Algo se moveu no mundo. Terminou Roma, o poder dos números, a

obrigação imposta pelas armas de viver em massa como uma população. Os chefes e os povos ficaram no passado.

"A personalidade e a predicação da liberdade os substituíram. A vida humana individual tornou-se a história de Deus, preenchendo o espaço do universo com seu conteúdo. Como é dito em um dos versículos da Anunciação, Adão queria se tornar Deus, cometeu um erro e não se tornou. Mas agora, 'Deus se faz homem, para fazer de Adão, Deus'."

Sima continuou:

— Ainda vou lhe dizer algo a esse respeito, mas por ora permita-me uma pequena digressão. Em relação ao cuidado com os trabalhadores, à proteção das mães, à luta contra o poder do capital, nossa época revolucionária é uma época sem precedentes, inesquecível, com realizações que permanecerão por muito tempo, para sempre. Mas quanto à compreensão da vida, à filosofia da felicidade que está sendo propagada hoje, é simplesmente inacreditável que estejam falando a sério, é uma ridícula obsolescência. Essas declamações sobre chefes e povos poderiam nos enviar de volta aos tempos do Antigo Testamento, das tribos nômades e dos patriarcas, se tivessem o poder de reverter o curso da vida e fazer recuar a história em milhares de anos. Mas felizmente isso não é possível.

"Algumas palavras sobre Cristo e Maria Madalena. Isso não é do relato evangélico sobre ela, mas das orações da Semana Santa, creio que da Terça-Feira ou da Quarta-Feira Santa. Mas a senhora não precisa de mim para compreender tudo isso, Larissa Fiódorovna. Vou apenas recordá-la do que já sabe, não tenho a intenção de ensiná-la.

"Como a senhora sabe, no eslavo antigo a palavra '*strást*' [paixão] quer dizer antes de tudo sofrimento, a Paixão do Senhor: 'O Senhor caminha livremente para a paixão' (isto é, para o sofrimento voluntário). Além disso, essa palavra é usada no sentido russo mais recente como vício e luxúria. 'Tendo submetido a dignidade da minha alma às paixões, tornei-me uma besta', 'Tendo sido expulsos do Paraíso, esforçamo-nos para entrar nele pela abstenção das paixões', e assim por diante. É possível que eu esteja errada, mas não gosto das leituras pascais sobre esse tema, elas exaltam a repressão

da sensibilidade e a mortificação da carne. Tenho sempre a impressão de que essas preces grosseiras e rasas, desprovidas da poesia dos outros textos espirituais, foram compostas por monges gordos e lustrosos. E a questão não é se eles próprios viveram ou não de acordo com as regras ou se enganam os outros. Suponhamos que eles tenham vivido de acordo com a sua consciência. Não se trata deles, mas do conteúdo dos textos. Esses lamentos dão excessiva importância a diferentes enfermidades do corpo e ao fato de o corpo estar bem alimentado ou faminto. É repugnante. Aqui, algo de secundário, sujo e desnecessário foi elevado a uma altura indevida e inadequada. Perdoe-me por adiar o principal desse jeito. Vou compensá-la sem demora.

"Sempre me intrigou ver o episódio de Maria Madalena mencionado na véspera da Páscoa, no limiar entre a morte de Cristo e a Sua ressurreição. Não conheço o motivo, mas a recordação do que é a vida é muito oportuna nesse instante de despedida dela às vésperas da ressurreição. Agora escute com que paixão genuína, com que franqueza se faz essa menção.

"Há um debate para saber se é Maria Madalena ou Maria Egipcíaca ou qualquer outra Maria. Seja quem for, ela roga ao Senhor: 'Solte minha dívida, como solto meus cabelos'. Ou seja: 'Liberte minha culpa, como solto meus cabelos'. Quão concretamente está expressa a sede de perdão, o arrependimento! Pode-se tocar com as mãos.

"Ocorre uma exclamação semelhante em outro responso do mesmo dia, mais detalhado; nesse caso, trata-se sem dúvida de Maria Madalena.

"Aqui, ela lamenta o passado com uma terrível tangibilidade, pelo fato de que a noite acorda nela os antigos hábitos tenazes. 'Pois vivo na noite da licenciosidade, envolta no amor escuro e sem lua do pecado.' Ela roga a Cristo que receba suas lágrimas de arrependimento e ouça o alento de seu coração, para que possa enxugar Seus pés com os seus cabelos, os mesmos com que Eva, atordoada e envergonhada, se cobriu no paraíso. 'Que eu unja Teus pés santos e os enxugue com os cabelos de minha cabeça, assim como Eva no Paraíso, com os ouvidos ensurdecidos pelo barulho, escondeu-se nos seus de terror.' E, de repente, depois desses versos sobre os cabelos, vem a

exclamação: ‘Quem sondará a multidão dos meus pecados, a profundidade dos Teus abismos?’. Que intimidade, que igualdade entre Deus e a vida, Deus e a pessoa, Deus e uma mulher!”

18

Iúri Andréievitch havia retornado da estação completamente exausto. Era o dia de folga daquele decêndio. Normalmente, nas folgas, ele dormia pela semana inteira. Agora, sentado no sofá, por vezes se reclinava, por vezes alongava todo o corpo. Embora escutasse Sima entre momentos de extrema sonolência, deleitava-se com suas palavras. “É claro que ela tirou tudo isso do tio Kólia, no entanto é uma pessoa dotada e inteligente!”, pensou.

Pulou do sofá e se aproximou da janela. Ela dava para o pátio, assim como a do quarto vizinho, onde Lara e Sima agora cochichavam de forma inapreensível.

O tempo piorava. Escurecia. Duas gralhas sobrevoavam o pátio procurando onde pousar. O vento agitava e inflava ligeiramente suas penas. Ambas baixaram sobre a tampa da lixeira, revoaram até a cerca, pousaram na terra e puseram-se a caminhar pelo pátio.

“As gralhas anunciam a neve”, pensou o médico. Nesse momento, escutou por trás do reposteiro a voz de Sima:

— As gralhas anunciam novidades. Alguém virá visitá-los. Ou receberão uma carta.

Passado algum tempo, tocaram a sineta da porta de entrada, presa a um fio que Iúri Andréievitch recentemente havia consertado. Larissa Fiódorovna saiu do quarto vizinho afastando o reposteiro e, a passos rápidos, foi abrir a porta. Pela conversa na entrada, Iúri Andréievitch adivinhou que se tratava da irmã de Sima, Glafira Severínovna.

— Está atrás da sua irmã? — perguntou Larissa Fiódorovna. — Símuchka está aqui.

— Não, não estou atrás dela. Mas podemos voltar juntas, se ela estiver de saída. Não, não foi por isso que eu vim. Tenho uma carta para o seu amigo.

Agradeçam por eu ter trabalhado nos correios. Passou não sei por quantas mãos e veio cair nas minhas através de um conhecido. É de Moscou. Levou cinco meses para chegar. Não conseguiram descobrir quem é o destinatário. Mas eu sei quem é. Eu o barbeei uma vez.

A carta, longa, de muitas páginas, amarrotada, engordurada, dentro de um envelope deslacrado e que se desmanchava, era de Tônia. O médico não se deu conta de como a carta veio parar em suas mãos, não notou quando Lara lhe entregou. Ao começar a ler, ele ainda se lembrava em que cidade estava, em que casa, mas à medida que mergulhava na leitura, ia perdendo a noção. Sima surgiu, cumprimentou-o e se despediu. Ele respondeu de forma automática, com educação, mas sem prestar atenção. A partida de Sima escapou à sua consciência. Pouco a pouco, esquecia-se completamente de onde estava e do que havia ao seu redor.

"Iúra", escrevia Antonina Aleksándrovna, "será que você sabe que tivemos uma filha? Batizamo-la Macha, em memória de sua mãe, Maria Nikoláievna.

"Agora, sobre outro assunto. Vários ativistas sociais destacados, professores do partido K. D. e socialistas de direita, Melgunov, Kiesewetter, Kuskova, e alguns outros, como tio Nikolai Aleksándrovitch Gromeko, papai e nós, como membros de sua família, estamos sendo deportados da Rússia.

"É uma infelicidade, sobretudo na sua ausência, mas é preciso que nos resignemos e agradeçamos a Deus por essa forma benigna de exílio em tempos tão terríveis, pois poderia ser muito pior. Se o encontrassem e você estivesse aqui, partiria conosco. Mas onde está você agora? Envio esta carta para o endereço de Antípova para que ela lhe entregue, caso o encontre. O que me angustia é não saber se depois que o encontrarem lhe darão, como membro da nossa família, a mesma autorização que recebemos para partir. Sinto que você está vivo e que terminará sendo encontrado. É meu coração apaixonado que diz e eu acredito na voz dele. Pode ser que no momento em que o encontrem as condições de vida na Rússia estejam mais suaves, e que você possa obter uma autorização individual para ir ao estrangeiro e nós possamos novamente nos reunir. Estou escrevendo isso, mas eu mesma não

acredito que uma felicidade como essa possa se realizar.

"Toda tragédia está no fato de que eu te amo e você não me ama. Tento encontrar o sentido dessa condenação, interpretá-la, justificar, escavo dentro de mim, reexamino toda a nossa vida e tudo que sei sobre mim, e não vejo uma razão, não consigo me lembrar de algo que tenha feito, e não sei como pude atrair sobre mim essa infelicidade. Você tem uma visão falsa de mim, me vê de forma distorcida, como num espelho inclinado.

"Mas eu te amo. Ah, como eu te amo! Se ao menos você pudesse imaginar! Amo tudo o que há de singular em você, tudo o que há de conveniente e inconveniente, todos os aspectos ordinários, que se tornam preciosos por se combinarem de modo extraordinário em você; amo seu rosto enobrecido pela vida interior, que sem isso poderia parecer desarmonioso; o talento e a inteligência que ocupam em você o lugar de uma vontade ausente. Tudo isso me é caro e não conheço melhor pessoa do que você.

"Mas escute o que vou lhe dizer. Caso você não me fosse tão querido, e eu não gostasse tanto de você, a verdade dolorosa da minha frieza de todo modo se ocultaria de mim, e eu, da mesma forma, acreditaria que te amo. O simples pavor da humilhação e da destruição que representa a indiferença me teria inconscientemente impedido de compreender que não te amava. Nem eu nem você jamais saberíamos disso. O meu coração por si só teria me ocultado isso, porque a indiferença é quase um assassinato, e eu não poderia dar um golpe desses em ninguém.

"Embora nada esteja ainda decidido, nós vamos certamente para Paris. Vou para essa região longínqua em que você esteve quando criança e onde se educaram meu pai e meu tio. Papai envia lembranças. Chura cresceu, não ganhou em beleza, mas se tornou um menino grande e forte, e sempre que se lembra de você chora amargamente, desconsoladamente. Não posso mais. Meu coração se desfaz em lágrimas. Bem, adeus. Deixe que o abençoe por todo o tempo dessa interminável separação, pelas provações, pelo desconhecido, por todo o seu caminho tão longo e obscuro. Não o culpo por nada, não há repreensão, arrume sua vida como quiser, desde que se sinta

bem.

"Antes da nossa partida desses Urais terríveis, que nos foram tão fatais, conheci bem intimamente Larissa Fiódorovna. Eu lhe agradeço por ter estado sempre por perto quando eu estava em dificuldades e por ter me ajudado no momento do parto. Devo reconhecer com toda a sinceridade que é uma boa pessoa, mas não quero enganar minha consciência, ela é exatamente o oposto de mim. Eu vim ao mundo para tornar a vida mais simples e buscar uma saída direta, e ela para complicar a vida e se desviar do caminho.

"Adeus, preciso terminar. Vieram buscar minha carta e está na hora de arrumar a bagagem. Oh, Iúra, Iúra, querido, meu amor, meu marido, pai dos meus filhos, o que é tudo isso? Nunca mais, nunca mais nos veremos. Escrevi estas palavras, você se dá conta do que significam? Você entende? Entende? Me apressam e é como se me conduzissem ao suplício. Iúra! Iúra!"

Iúri Andréievitch ergueu da carta olhos ausentes e sem lágrimas, secos de aflição, vazios pelo sofrimento. Não via nada ao redor, não tinha consciência de nada.

Lá fora, tinha começado a nevar. O vento impulsionava obliquamente a neve, que descia sempre mais rápida e mais densa, como se com isso quisesse compensar alguma coisa, e era assim que Iúri Andréievitch a via pela janela, como se não fosse neve, mas a continuação da carta de Tônia, como se não fossem pequenos cristais secos de neve, mas pequenos intervalos no papel branco entre as pequenas letras negras, brancos, brancos, sem fim, sem fim.

Iúri Andréievitch gemeu involuntariamente e levou a mão ao peito. Sentiu que desfalecia, deu alguns passos titubeantes e desabou sobre o sofá sem sentidos.

---

* Radola Gajda (1892-1948), militar tcheco. Atuou na Guerra Civil russa, em 1818, no comando de tropas ao lado de Koltchak, com quem posteriormente se desentendeu, perdendo, em 1919, o comando das tropas russas e passando à reserva do corpo militar

tcheco. Em fins de 1919, participou de um motim dos *Esser* contra Koltchak em Vladivostók, vindo a ser preso e deportado.

DÉCIMA QUARTA PARTE
NOVAMENTE EM VARÍKINO

1

Era pleno inverno. A neve descia em grandes flocos. Iúri Andréievitch acabava de chegar do hospital.

— Komaróvski está aqui — disse Lara com uma voz fraca e rouca, vindo ao seu encontro na entrada do apartamento. Ela estava desorientada e abatida.

— Aqui, onde? Na casa de quem? Na nossa casa?

— Não, decerto que não. Esteve aqui pela manhã e pretende retornar à noite. Logo deve aparecer. Quer falar com você.

— Veio para quê?

— Não compreendi bem tudo o que disse. Contou que está aqui de passagem, a caminho do Extremo Oriente, que se desviou de propósito para Iuriátin a fim de nos ver. É algo que diz respeito a você e a Pacha. Falou muito sobre vocês dois. Ele acredita que nós três, você, Patúlia e eu, estamos em perigo de morte e que só ele pode nos salvar, se nós lhe obedecermos.

— Vou sair. Não quero vê-lo.

Lara pôs-se a chorar, tentou se atirar de joelhos aos pés do médico, abraçar suas pernas e estreitar-se contra ele, mas ele a conteve à força.

— Fique, por mim, te suplico. Não temo ficar frente a frente com ele. Mas isso me é muito penoso. Não me deixe sozinha com ele. Além disso, é uma pessoa prática e vivida. Talvez possa realmente nos dar algum conselho.

Sua repugnância por ele é natural. Mas faça um esforço. Fique.

— O que há com você, meu anjo? Acalme-se. O que está fazendo? Não se ajoelhe. Levante-se. Não fique triste. Espante essa obsessão que a persegue. Ele conseguiu assustá-la pela vida toda. Estou com você. Se for necessário, se você me ordenar, eu o mato.

Meia hora mais tarde, anoiteceu. A escuridão era total. Fazia já seis meses que os buracos do piso haviam sido completamente cobertos. Iúri Andréievitch sondava o surgimento de novos e os fechava a tempo. Além disso, trouxeram para o apartamento um gato grande e peludo que passava o tempo em uma contemplação imóvel e enigmática. Os ratos não haviam deixado a casa, mas se tornaram mais prudentes.

À espera de Komaróvski, Larissa Fiódorovna cortou fatias da ração de pão preto e pôs sobre a mesa um prato com algumas batatas cozidas. Eles pretendiam receber o visitante na sala de jantar dos antigos proprietários, que guardava ainda essa função. Lá, havia uma grande mesa e um pesado bufê, ambos de madeira escura de carvalho. Queimava sobre a mesa um pavio mergulhado em óleo de rícino, utilizado como lâmpada portátil pelo médico.

Komaróvski surgiu das trevas de dezembro totalmente coberto pela neve que caía em abundância. A neve se desprendia em camadas de sua peliça, chapéu e galochas, fundia-se e formava poças no chão. Colada à barba e ao bigode, que antes Komaróvski raspava e agora conservava, a neve lhe dava um aspecto bufão e fanfarrão. O paletó e o colete que vestia estavam em bom estado, e a calça ainda preservava o vinco. Antes de saudar e dizer o que quer que fosse, Komaróvski passou longamente o pente de bolso pelos cabelos úmidos e achatados e enxugou os bigodes e as sobrancelhas molhadas, alisando-os com o lenço. Em seguida, guardando um silêncio significativo, estendeu as duas mãos ao mesmo tempo, a esquerda para Larissa Fiódorovna e a direita para Iúri Andréievitch.

— Vamos considerar que já nos conhecemos — disse a Iúri Andréievitch. — Tive boas relações com seu pai, o senhor certamente sabe. Ele entregou a alma nos meus braços. Eu o olho e tento encontrar alguma semelhança.

Não, de fato o senhor não saiu ao seu pai. Ele era um homem de natureza expansiva. Arrojado, impetuoso. A julgar pela aparência, parece mais com sua mãe. Era uma mulher doce. Sonhadora.

— Larissa Fiódorovna pediu-me que o escutasse. Parece que o senhor tem algo a me dizer. Eu cedi ao seu pedido. Esta conversa nos está sendo imposta a contragosto. Por minha vontade, eu não procuraria conhecê-lo e não considero que nos conhecemos. Portanto, vá direto aos fatos. O que deseja?

— Boa noite, meus queridos. Eu compreendo, compreendo tudo perfeitamente. Perdoem minha audácia, vocês combinam demais um com o outro. Formam um casal muitíssimo harmonioso.

— Devo interrompê-lo. Peço que não se meta em coisas que não lhe dizem respeito. Não estamos pedindo a sua simpatia. O senhor se esquece disso.

— Não se inflame tão rápido, meu jovem. Sim, afinal, parece que saiu ao pai. O mesmo rastilho de pólvora. Bem, com sua licença, quero felicitá-los, meus filhos. Infelizmente, não é só um modo de dizer, vocês são mesmo crianças que não sabem de nada e não imaginam o que se passa. Estou aqui há apenas dois dias e já soube sobre vocês muito mais do que possam supor. Vocês, mesmo sem saber, caminham na beira do abismo. Devem se precaver do perigo de alguma forma, pois seus dias de liberdade estão contados, se não os de vida.

"Há um certo estilo comunista. Poucos são os que se encaixam nele. Mas ninguém transgride tão claramente esse modo de viver e de pensar como o senhor, Iúri Andréievitch. Não compreendo para que cutuca o bicho com vara curta. O senhor é uma zombaria para este mundo, um ultraje. Tudo bem, se isso fosse um segredo seu. Mas aqui há pessoas influentes de Moscou. Conhecem a fundo a sua alma. Vocês dois desagradam terrivelmente aos sacerdotes de Themis da região. Os camaradas Antípov e Tiviérzin estão afiando as garras para Larissa Fiódorovna e para o senhor.

"O senhor é homem, é livre como um cossaco, ou como quer que se diga. Fazer-se de doido e jogar com a própria vida é um direito sagrado seu. Mas Larissa Fiódorovna não é livre. É mãe. Tem nas mãos a vida de uma criança,

o destino da filha. Ela não pode fantasiar, planar nas nuvens.

"Passei a manhã inteira persuadindo-a, tentando convencê-la a considerar seriamente a situação. Ela não quer me ouvir. Use de sua autoridade, exerça sua influência sobre Larissa Fiódorovna. Ela não tem o direito de brincar com a segurança de Kátienka, não deve negligenciar minhas sugestões."

— Nunca em minha vida eu persuadi ou coagi alguém. Sobretudo os que me são próximos. Larissa Fiódorovna é livre para escutá-lo ou não. Isso cabe a ela. Além disso, eu mesmo não sei do que se trata. Isso que o senhor chama de suas sugestões me é absolutamente desconhecido.

— Ah, o senhor lembra cada vez mais o seu pai. Igualmente intratável. Pois, então, vamos ao principal. Mas como é um assunto complexo, arme-se de paciência. Peço que me escute e não me interrompa.

"Na cúpula, estão preparando grandes mudanças. Sim, perfeitamente, sei disso por fontes seguras, se quiser, indubitáveis. Têm em vista a passagem para uma via mais democrática, uma concessão à legalidade comum, o que deverá acontecer num futuro bem próximo.

"Mas justamente por isso, os órgãos de repressão, diante do fim, redobrarão em fúria e se apressarão em acertar suas contas pessoais. A sua eliminação está na ordem do dia, Iúri Andréievitch. Seu nome está na lista. Não estou blefando, eu mesmo vi, deve acreditar no que digo. Pense na sua salvação, depois será tarde.

"Mas tudo isso é apenas a introdução. Vou passar ao essencial.

"No litoral do oceano Pacífico, ocorre neste momento uma concentração das forças que permaneceram leais ao Governo Provisório e à Assembleia Constituinte. Reúnem-se deputados da Duma, ativistas políticos, figuras de destaque das antigas assembleias rurais, homens de negócios, industriais. Generais das antigas divisões de voluntários concentram ali o restante dos seus exércitos.

"O poder soviético fecha os olhos para o surgimento dessa república do Extremo Oriente. A formação desse Estado na fronteira é vantajosa para ele, porque pode servir de tampão entre a Sibéria vermelha e o mundo exterior. O governo da república terá composição mista. Moscou obteve mais da

metade das cadeiras para os comunistas e conta com eles para tomar o poder no momento oportuno. Suas intenções são claras, trata-se de saber aproveitar o tempo que resta.

"Durante algum tempo, antes da revolução, eu cuidei dos negócios dos irmãos Arkhárov, dos Merkulóv e de outras casas de comércio e estabelecimentos bancários de Vladivostók. Sou bem conhecido por lá. Um emissário oficioso do governo em formação, meio clandestinamente, meio por uma tolerância oficial das autoridades soviéticas, trouxe-me um convite para assumir o cargo de ministro da Justiça no governo do Extremo Oriente. Eu aceitei e estou indo para lá. Tudo isso, como já disse, acontece com o consentimento tácito do poder soviético, embora não abertamente; portanto, não se deve fazer alarde.

"Posso levá-los comigo, o senhor e Larissa Fiódorovna. De lá, o senhor poderá seguir por mar ao encontro dos seus sem dificuldade. O senhor certamente sabe que eles foram deportados. É uma história que fez barulho, Moscou inteira comenta. Prometi a Larissa Fiódorovna afastar a ameaça que pesa sobre Pável Pávlovitch. Como membro de um governo independente e reconhecido, buscarei Strélnikov na Sibéria Oriental e facilitarei sua passagem para nossa região autônoma. Caso ele não consiga fugir, proporei que o troquem por alguma personalidade detida pelos nossos aliados, que represente algum valor para o poder central de Moscou."

Larissa Fiódorovna acompanhava com dificuldade o conteúdo da conversa, cujo sentido muitas vezes lhe escapava. Mas às últimas palavras de Komaróvski sobre a segurança do médico e de Strélnikov, ela saiu do estado meditativo e ausente, voltou sua atenção e, levemente ruborizada, interveio:

— Entende, Iúrotchka, como esses projetos são importantes para você e Pacha?

— Você é muito crédula, minha amiga. Não se pode tomar uma ideia por sua realização. Não digo que Víktor Ippolítovitch nos engana conscientemente. Mas tudo isso está escrito sobre areia. Agora, Víktor Ippolítovitch, vou dizer algumas palavras em meu nome. Agradeço a atenção que dispensa ao meu destino, mas o senhor pensa realmente que o deixarei

dispor dele? No que concerne a sua preocupação com Strélnikov, Lara é quem deve pensar sobre isso.

— Qual é o problema? Partir com ele, como nos propõe, ou ficar. Você sabe muito bem que eu não partirei sem você.

Komaróvski servia-se amiúde do álcool diluído que Iúri Andréievitch trouxera do ambulatório e colocara sobre a mesa; mastigava batatas e aos poucos se embriagava.

2

Já era tarde. Liberando-se vez por outra do morrão, a chama ardia com um crepitar, iluminando claramente a sala. Em seguida, tudo mergulhava de novo na escuridão. Os anfitriões queriam dormir e precisavam conversar a sós. Mas Komaróvski não se decidia a partir. Sua presença era opressiva, como a silhueta do pesado bufê de carvalho e a obscuridade gelada de dezembro.

Komaróvski olhava não para eles, mas para algum lugar acima da cabeça deles, fixava os olhos arredondados pela embriaguez em um ponto distante e, com a língua enrolada e sonolenta, ruminava coisas infinitamente enfadonhas, sempre sobre os mesmos assuntos. Sua ladainha agora era sobre o Extremo Oriente. Ele moía e remoía para Lara e para o médico as suas considerações sobre o significado político da Mongólia.

Iúri Andréievitch e Larissa Fiódorovna nem sequer perceberam quando ele passou para o assunto da Mongólia. E sem ter ouvido as primeiras frases, o assunto lhes pareceu ainda mais estranho e enfadonho.

Komaróvski dizia:

— A Sibéria é verdadeiramente a Nova América, como a chamam, oculta em si as mais ricas possibilidades. É o berço de um grande futuro para a Rússia, a garantia da nossa democratização, da nossa prosperidade, do nosso saneamento político. Ainda mais repleto de oportunidades sedutoras é o futuro da Mongólia, a Mongólia Exterior, nossa grande vizinha no Extremo Oriente. O que vocês sabem sobre ela? Como vocês não têm vergonha de

bocejar e piscar desatentos, quando se trata de uma superfície de mais de um milhão e meio de verstas quadradas, com recursos minerais inexplorados, um país virgem, pré-histórico, em direção ao qual se estendem as mãos gananciosas da China, do Japão e da América em prejuízo dos interesses russos, reconhecidos, no entanto, pelos nossos rivais todas as vezes que dividiram em esferas de influência esse remoto recanto do globo terrestre?

"A China tira proveito do atraso feudal-teocrático da Mongólia, influenciando seus lamas e *khutukht*.[1] O Japão se apoia nos príncipes proprietários de servos, os *khochun*, em mongol. A Rússia comunista vermelha encontra aliados entre os *khamdjils*, ou seja, na associação revolucionária rebelde de pastores mongóis. No que me diz respeito, eu gostaria de ver a Mongólia realmente próspera, sob a direção de um *khurultai* livremente eleito. O que particularmente deve nos interessar é o seguinte: um passo além da fronteira mongol, e o mundo estará aos seus pés, vocês estarão livres como passarinhos."

Esses raciocínios verborrágicos obsessivos sobre um assunto que não tinha nenhuma relação com eles irritavam Larissa Fiódorovna. Esgotada pelo tédio dessa visita tão prolongada, ela estendeu a mão de forma decidida a Komaróvski para se despedir e, sem rodeios, sem esconder seu mau humor, disse:

— Está tarde. O senhor deve ir embora. Quero dormir.

— Espero que vocês não sejam tão pouco hospitaleiros a ponto de me porem porta afora a uma hora dessas. Não creio que eu vá encontrar o caminho à noite, numa cidade estranha e sem iluminação.

— Devia ter pensado nisso antes e não ter se demorado. Ninguém o reteve.

— Oh, por que está falando de forma tão ríspida comigo? Nem me perguntou se eu tenho lugar para pernoitar.

— Isso decididamente não me interessa. O senhor sabe muito bem se virar. Se está se convidando para passar a noite, saiba que não o deixarei dormir no quarto em que dormimos com Kátienka. E nos outros cômodos os ratos não lhe darão sossego.

— Não tenho medo deles.

— Bom, como queira.

3

— O que há com você, meu anjo? Não dorme há várias noites, não toca na comida à mesa, anda o dia todo desnorteada. Está sempre ensimesmada, pensativa. O que está te assombrando? Não se entregue a pensamentos ruins.

— Izot, o vigia do hospital, esteve aqui novamente. Está de namorico com a lavadeira do prédio. Estava passando em frente e entrou para me consolar. Disse que tinha um segredo terrível. "O seu companheiro não escapa do tronco. É só esperar, mais dia menos dia será detido. E logo depois você, a infeliz." "De onde você tirou isso, Izot?", perguntei. "Pode acreditar. Falaram lá no *polkan*." Com *polkan*, você pode adivinhar, ele quer dizer Ispolkom.[2]

Larissa Fiódorovna e o médico riram.

— Ele tem razão. O perigo é iminente, já está à nossa porta. É preciso desaparecer sem demora. A questão é para onde ir. Para Moscou, nem pensar. Isso exigiria preparativos complicados que chamariam a atenção. Tem de ser feito discretamente para que ninguém perceba. Sabe o que mais, minha querida? Devemos seguir a sua ideia. Temos que desaparecer da face da Terra, por algum tempo. Então, que esse lugar seja Varíkino. Vamos para lá por duas semanas, um mês.

— Obrigada, querido, obrigada. Oh, como estou feliz. Eu sei como, no fundo, tudo em você deve se opor a essa decisão. Mas não penso na sua casa. A vida lá seria impossível para você. A visão dos quartos vazios, as censuras, as comparações. Acha que não compreendo? Construir a felicidade sobre o sofrimento dos outros, pisotear o que há de mais caro e sagrado para a alma. Eu jamais aceitaria de você tamanho sacrifício. Mas não se trata disso. A sua casa está tão destruída que dificilmente os quartos poderiam se tornar habitáveis. O que eu tenho em vista é o alojamento que os Mikulítsin abandonaram.

— Tudo isso é verdade. Obrigado pela delicadeza. Mas espere um minuto. Estou sempre para te perguntar algo e acabo esquecendo. Onde está Komaróvski? Ainda está aqui ou partiu? Depois que briguei com ele e o expulsei escada abaixo, não ouvi mais falar dele.

— Eu também não soube mais nada. Que Deus o leve. Para que quer saber dele?

— Eu começo a pensar que deveríamos ter reagido de forma diferente à proposta dele. Nós não estamos na mesma situação. Você tem uma filha para criar. Mesmo que quisesse morrer comigo, não tem esse direito.

"Mas, voltando a Varíkino. É evidente que nos instalarmos no meio do mato em pleno inverno severo, sem provisões, sem forças e sem esperanças, é a maior das loucuras. Mas sejamos loucos, meu amor, se nada mais nos resta além da loucura. Humilhemo-nos novamente. Imploremos um cavalo a Anfím. Peçamos a ele ou aos especuladores que estão a seu serviço que nos deem farinha e batatas sem nenhuma garantia. Temos de persuadi-lo a não vir buscar tão cedo o pagamento por sua boa ação, mas só ao final, quando precisar de novo do cavalo. Fiquemos um pouco sozinhos. Devemos partir, meu amor. Podemos, em uma semana, derrubar algumas árvores e juntar uma partida de madeira suficiente para um ano inteiro, se usada conscienciosamente.

"E, mais uma vez, perdoe essa confusão que permeia as minhas palavras. Como eu gostaria de falar com você sem essa ênfase estúpida! Mas nós não temos escolha. Você pode chamar isso como quiser, mas a morte realmente bate à nossa porta. Nossos dias estão contados. Vamos aproveitá-los do nosso jeito. Vamos usá-los para nos despedir da vida, para darmos o último adeus antes da separação. Vamos nos despedir de tudo o que nos foi caro, das nossas ideias habituais, dos nossos sonhos de vida, do que a nossa consciência nos ensinou; vamos dizer adeus às esperanças e nos despeçamos um do outro. Pronunciemos ainda uma vez, um para o outro, as nossas palavras secretas noturnas, esplêndidas e pacíficas como o nome do oceano asiático. Não é um acaso a sua presença no fim da minha vida, sob o céu de guerras e insurreições, meu anjo secreto, proibido; há muito tempo, no

começo da minha vida, sob o céu pacífico da minha infância, você surgiu da mesma forma.

"E naquela noite, em uniforme marrom de ginasiana, na penumbra por trás do biombo do quarto, você era absolutamente a mesma que é hoje, a mesma estupenda beleza.

"Mais tarde, muitas vezes eu tentei definir e nomear aquela luz de encantamento que você derramou sobre mim, aquele raio que pouco a pouco se turvava e aquele som que se desvanecia, os quais, desde então, se estenderam por toda a minha existência e se tornaram, graças a você, a chave da percepção de todas as coisas do mundo.

"Quando você, como uma sombra em uniforme escolar, surgiu da escuridão do fundo do quarto, eu, um menino que nada sabia a seu respeito, compreendi, com todo o tormento de uma força que respondia a você, que aquela menina magrinha e franzina estava carregada ao limite como que de eletricidade, de toda a feminilidade imaginável do mundo. Bastaria aproximar-me dela ou tocá-la com o dedo para acender uma faísca que iluminaria todo o quarto, e que, se não me matasse na hora, me eletrificaria por toda a vida com um desejo lastimoso, magneticamente atraente e triste. Inundado de lágrimas erráticas, todo o meu ser resplandecia e chorava. Senti uma pena imensa do menino que eu era, e ainda mais pena daquela menina, de você. Todo o meu ser se surpreendia e perguntava: se é tão doloroso amar e absorver eletricidade, como não deve ser ainda mais doloroso ser mulher, ser a eletricidade, inspirar o amor.

"Bem, finalmente desabafei. Isso pode enlouquecer. E estou inteiro nisso."

Larissa Fiódorovna estava deitada na beira da cama, vestida e indisposta. Estava encolhida e coberta com um xale. Iúri Andréievitch, sentado em uma cadeira ao lado dela, falava baixinho, com longas pausas. Às vezes, Larissa Fiódorovna se erguia sobre um cotovelo, apoiava o queixo na mão e, boquiaberta, olhava Iúri Andréievitch. Às vezes, estreitava-se contra seu ombro e, sem notar as lágrimas, chorava baixinho de alegria. Por fim, estendeu-se para ele, pendurando-se sobre a borda da cama, e sussurrou

alegremente:

— Iúrotchka! Iúrotchka! Como você é inteligente. Você sabe tudo, adivinha tudo. Iúrotchka, você é minha fortaleza, meu refúgio e meu apoio; perdoa, Senhor, o meu sacrilégio. Oh, como sou feliz! Vamos, vamos, meu querido. Quando estivermos lá, eu direi o que me inquieta.

Ele pensou que ela aludia a uma suposta gravidez, possivelmente imaginária, e disse:

— Eu sei.

4

Eles deixaram a cidade numa manhã cinzenta de inverno. Era um dia de semana. As pessoas circulavam pelas ruas em seus afazeres. Frequentemente encontravam conhecidos. Nos cruzamentos em desnível, próximos às antigas fontes públicas, os habitantes que não possuíam poços nos pátios faziam fila com baldes e cangas pousados na terra, aguardando a vez para apanhar água. O médico continha Savráska, uma égua de Viátka, amarelo-fumo com crina crespa, que pertencia a Samdeviátov. Enquanto ela puxava para a frente, ele a conduzia com cuidado, contornando as mulheres que se amontoavam. O trenó descia acelerado a colina, deslizava de lado para fora do pavimento salpicado de água e gelo e subia nas calçadas, batendo as bordas nos postes de luz e nos barrancos.

A pleno galope, eles alcançaram Samdeviátov, que caminhava pela rua, passaram por ele como uma flecha sem se voltar para verificar se os reconhecera e se gritava qualquer coisa. Em outro local mais adiante, a cena se repetiu, dessa vez ultrapassaram Komaróvski sem cumprimentar, mas puderam constatar que ele ainda estava em Iuriátin.

Glafira Túntseva gritou-lhes da calçada, do lado oposto da rua:

— Disseram que vocês partiram ontem. Vá acreditar nas pessoas depois disso. Vão apanhar batatas? — e mostrando com gestos que não ouvia a resposta, fez sinal com a mão que desejava boa viagem.

Ao verem Sima, tentaram diminuir a velocidade, mas estavam num lugar

da encosta difícil de parar. Já sem isso era preciso o tempo todo sofrear a égua, puxando firmemente as rédeas. Sima estava envolvida da cabeça aos pés em dois ou três xales, o que conferia à sua silhueta a rigidez de um tronco redondo. Com passos diretos e largos, ela se aproximou do trenó no meio do pavimento e disse adeus, desejando-lhes uma jornada feliz.

— Vamos terminar a nossa conversa quando vocês voltarem, Iúri Andréievitch.

Por fim, saíram da cidade. Apesar de Iúri Andréievitch ter percorrido essa estrada muitas vezes no inverno, lembrava-se dela principalmente no verão, e agora não a reconhecia.

Os sacos com as provisões e o restante da bagagem estavam enterrados bem fundo no feno, na dianteira do trenó, fixados de forma segura. Iúri Andréievitch conduzia ora de joelhos, no fundo do largo trenó aberto, chamado na região de *kochóvka*, ora sentado de lado na borda da carroceria com as pernas cobertas pelas botas de feltro de Samdeviátov para fora.

Depois do meio-dia, quando a luz enganosa do inverno, muito antes do crepúsculo, fez parecer que o dia chegava ao fim, Iúri Andréievitch pôs-se a fustigar Savráska sem piedade. A égua disparou como uma flecha. O trenó subia e descia como um barco, mergulhando nos sulcos desiguais da estrada. Kátia e Lara usavam peliças grossas que lhes impediam os movimentos. Nas curvas e nos buracos, elas gritavam e se contorciam de rir, rolando de uma borda a outra do trenó como grandes sacos desajeitados, afundando no feno. Às vezes, para se divertir, o médico fazia um dos patins subir nos montes de neve que margeavam a estrada, inclinava o trenó e lançava sem perigo Lara e Kátia na neve. Depois esquiava alguns passos ao longo da estrada, agarrado às rédeas, detinha Savráska, endireitava e arrumava o trenó sobre os dois patins, recebendo veementes censuras de Lara e Kátia, que sacudiam as vestes e sentavam no trenó, rindo e fingindo-se de zangadas.

— Vou mostrar a vocês o local onde os *partisans* me detiveram — prometeu-lhes o médico, quando já estavam suficientemente longe da cidade, mas não era capaz de manter sua promessa, porque a nudez invernal dos bosques, a calmaria de morte, o vazio do entorno, tornavam o local

irreconhecível. — Ei-lo — logo exclamou ele, ao confundir o primeiro poste com a placa "Moreau e Vetchínkin", instalado no campo, com o segundo, ao lado do bosque onde fora preso. Quando afinal passaram velozmente pelo segundo poste, que permanecia no mesmo cruzamento da estrada que levava ao rio Sákma, não puderam perceber a placa através da camada espessa de gelo que recobria todo o bosque, e cuja filigrana prata e negra provocava cintilações nos olhos.

Chegaram a Varíkino ainda dia claro e se detiveram em frente à antiga casa de Jivago, a primeira que surgia no caminho, mais próxima que a dos Mikulítsin. Irromperam afoitos na casa, feito ladrões, antes que escurecesse. O interior já estava mergulhado na penumbra. Em sua pressa, Iúri Andréievitch não percebeu o quanto tudo estava destruído e sujo. Parte da mobília estava intacta. Numa Varíkino deserta, não havia quem viesse completar a devastação. Dos bens da casa, Iúri Andréievitch não encontrou mais nada. Mas como não havia assistido à partida da família, não sabia o que tinham levado consigo e o que tinha restado. Nesse entretempo, Lara dizia:

— Vamos nos apressar. A noite não demora a cair. Não temos tempo para refletir. Se vamos ficar aqui, é melhor levar a égua para o galpão, trazer os mantimentos e ficamos nesse cômodo. Mas eu sou contra essa decisão. Nós já falamos bastante sobre isso. Será difícil para você e, portanto, para mim. O que era aqui, o seu quarto? Não, o das crianças. É a cama do seu filho. Para Kátia, é pequena. Ao menos as janelas estão inteiras, as paredes e o teto, sem rachaduras. Há também um forno maravilhoso, fiquei impressionada quando estive aqui. Embora eu não seja favorável, se apesar de tudo você quiser se instalar aqui, retiro a minha peliça e começo a trabalhar. A primeira coisa a fazer é aquecer. Aquecer, aquecer e aquecer. Nos primeiros tempos, dia e noite sem cessar. Mas o que você tem, meu querido? Não diz nada.

— Só um minuto. Não é nada. Desculpe, por favor. Não, sabe, realmente, é melhor irmos ver como está a casa dos Mikulítsin.

E seguiram adiante.

5

A casa dos Mikulítsin estava trancada por um cadeado preso às saliências do ferrolho. Iúri Andréievitch passou um bom tempo tentando arrancá-lo da peça de madeira que suportava a fechadura e que terminou por despregar por inteiro. Nessa casa também entraram às pressas, sem tirar as peliças, os chapéus e as botas.

Tiveram logo uma impressão de ordem, diante da arrumação de certos locais, como, por exemplo, o gabinete de Aviérki Stepánovitch. Alguém havia habitado a casa recentemente, mas quem poderia ser? Se fossem os proprietários ou um deles, onde estariam e por que a porta de entrada não havia sido trancada com o ferrolho e sim com um cadeado? Por outro lado, se estivessem vivendo aqui de forma permanente, toda a casa estaria arrumada. Algo lhes dizia que não eram os Mikulítsin. Nesse caso, quem seria? A incerteza não preocupou o médico e Lara. Não quebraram a cabeça com isso. Acaso, nessa época, eram poucas as casas abandonadas com metade dos bens pilhados? Eram poucas as pessoas caçadas que buscavam se esconder? "Algum oficial branco perseguido", pensaram os dois. "Se vier, viveremos juntos, entraremos em acordo."

Tal qual a primeira vez, Iúri Andréievitch se deteve à entrada do gabinete e, como que pregado ao chão, admirou sua amplidão e se extasiou com a larga e confortável mesa de trabalho junto à janela. E disse novamente a si mesmo que um conforto assim austero devia estimular e inspirar um trabalho paciente e produtivo.

Entre as dependências do pátio dos Mikulítsin, havia uma estrebaria construída contra o muro do galpão. Mas estava trancada, e Iúri Andréievitch não sabia em que estado se encontrava. Para não perder tempo, decidiu acomodar a égua, nessa primeira noite, no galpão, que não teve dificuldades em abrir. Desatrelou Savráska e assim que ela repousou, trouxe-lhe água do poço. Iúri Andréievitch pensou em trazer-lhe o feno do fundo do trenó, mas ele se desmanchara sob o peso dos viajantes e não servia mais

como ração. Por felicidade, havia um largo depósito na parte superior do galpão que continha feno suficiente ao longo das paredes e pelos cantos.

Passaram a noite debaixo dos casacos de pele, que não tiraram. O sono foi agradável, profundo e doce, como o das crianças após um dia inteiro de correrias e travessuras.

6

Pela manhã, assim que levantaram, Iúri Andréievitch pôs-se a admirar a tentadora mesa junto à janela. As mãos coçavam de desejo de tocar numa folha de papel. Mas reservou esse desejo para a noite, depois que Lara e Kátienka estivessem dormindo. Até lá, para pôr dois quartos em ordem, tinha trabalho a não poder mais.

Ao sonhar com seu projeto noturno, não se impunha nenhum objetivo importante. Estava imbuído da simples paixão pela tinta, pela pena e pela ocupação da escrita.

Ele queria rabiscar, escrever algumas linhas. De início, se contentaria em recordar e anotar algo vivido, não escrito, para exercitar um pouco suas faculdades entorpecidas pela inação. Mais tarde, assim esperava, se Lara e ele conseguissem permanecer por lá, então ele teria tempo para empreender algo novo e significativo.

— Está ocupado? O que está fazendo?

— Aquecendo, aquecendo. Por quê?

— Preciso da bacia.

— Se continuarmos a aquecer assim, a lenha não vai durar mais do que três dias. É bom dar uma olhada no galpão da nossa antiga casa. Quem sabe ainda tem alguns feixes por lá? Se houver bastante, em algumas viagens transfiro tudo para cá. Amanhã me ocupo disso. Você pediu a bacia. Eu me lembro de tê-la visto em algum lugar, onde foi mesmo? Fugiu da minha cabeça completamente.

—Também tenho a mesma impressão de tê-la visto, não lembro onde. Provavelmente estava fora do lugar, por isso esqueci. Deixa pra lá. Entenda

que estou aquecendo muita água para limpeza. O que resta, vou usar para lavar roupas minhas e de Kátia. Dê-me o que estiver sujo para que eu lave tudo ao mesmo tempo. À noite, depois da arrumação e de estabelecermos o que mais precisa ser feito, poderemos todos nos lavar antes de dormir.

— Já vou apanhar minha roupa. Obrigado. Afastei das paredes os armários e os móveis pesados, como você me pediu.

— Está bem. Na falta da bacia, vou enxaguar a roupa na cuba de louça. Só que está muito engordurada. Preciso retirar a gordura das laterais.

— Assim que o fogo pegar, vou fechar o forno e retomar a arrumação das gavetas. A todo instante faço novas descobertas nas da mesa e da cômoda. Sabão, fósforos, lápis, papel, material de escritório. E há coisas inesperadas, à vista. Por exemplo, há um lampião cheio de querosene sobre a mesa. E eu sei que não é de Mikulítsin. Isso vem de outra fonte.

— Que achado maravilhoso! Tudo isso vem dele, desse morador misterioso. Como em Júlio Verne. Ah, como você gosta disso, realmente! Estamos aqui novamente tagarelando, e o meu caldeirão fervendo.

E agitavam-se, corriam de um lado para outro nos cômodos, as mãos sempre ocupadas, esbarravam um no outro ou tropeçavam em Kátienka, parada no meio do caminho. A menina ia de um canto a outro, atrapalhando a arrumação, e amuava-se com as recriminações. Queixava-se de frio.

"Pobres crianças contemporâneas, vítimas deste mundo errante, dóceis partícipes infantes da nossa vida cigana", pensava o médico; mas ele dizia à menina:

— Desculpe, querida, mas não há do que se queixar. Isso é pura invenção e manha. O forno está vermelho de tão quente.

— O forno pode estar quente, mas eu estou com frio.

— Então, tenha paciência, Kátiucha. À noite, vou aquecê-lo bem-bem forte outra vez, e mamãe disse que te dará um banho, você ouviu? Vá brincar enquanto isso. — E ele entornou no chão um saco de brinquedos de Liviéri, encontrado na despensa. Havia brinquedos inteiros, quebrados, tijolos, cubos, vagões, locomotivas, cartões numerados de jogos, fichas e

dados.

— Como assim, Iúri Andréievitch — censurava Kátienka como uma adulta. — Nada disso é meu. E é para criancinhas. Eu já sou grande.

Um minuto depois, ela se sentava confortavelmente no meio do tapete, e os mais variados brinquedos se transformavam, em suas mãos, nos materiais de construção com que forjava para a boneca que trouxera da cidade, Ninka, uma morada bem mais imaginativa e estável do que aqueles refúgios estranhos e cambiantes para onde a levavam.

— Que instinto caseiro, que atração indestrutível pelo ninho e pela ordem! — disse Larissa Fiódorovna, espiando da cozinha a brincadeira da filha. — As crianças são sinceras, não têm constrangimentos nem vergonha da verdade, ao passo que nós, por medo de parecermos atrasados, estamos prontos a renegar tudo o que nos é mais caro, elogiamos o que é repulsivo e aprovamos o incompreensível.

— Achei a bacia — interrompeu o médico, ao entrar com ela. — De fato, ela não estava no lugar. Estava sob uma goteira do telhado, pelo visto, desde o outono.

7

No almoço, preparado com provisões frescas reservadas e marinadas três dias antes, Larissa Fiódorovna serviu pratos fabulosos: sopa de batatas e cordeiro assado com batatas. Kátienka, insaciável, não cabia em si de alegria, gargalhava, gracejava, e depois, satisfeita e aquecida, cobriu-se com a manta da mãe e adormeceu docemente no sofá.

Larissa Fiódorovna, depois de deixar o fogão, cansada, suada, entorpecida como a filha e satisfeita com o sucesso de sua culinária, sem pressa para limpar a mesa, sentou-se para descansar. Certificando-se de que a filha dormia, inclinou-se sobre a mesa, apoiando a cabeça numa das mãos, e disse:

— Eu não pouparia forças e encontraria nisso felicidade, se apenas soubesse que nada disso é em vão, que levaria a algum lugar. Você deve me

lembrar a todo instante que nós estamos aqui para ficarmos juntos. Dê-me ânimo, não me deixe refletir. Porque, para dizer a verdade, se olharmos as coisas de frente, o que estamos fazendo, o que acontece conosco? Invadimos uma casa alheia, arrombamos a porta, dispomos de tudo e o tempo todo escapamos para não ver que isto não é a vida, mas uma encenação teatral, que não é de verdade, mas "de brincadeira", como dizem as crianças, uma comédia de marionetes, um gracejo.

— Mas, meu anjo, você mesma insistiu que partíssemos. Lembre-se de que me opus por um bom tempo, de que não estava de acordo.

— É verdade. Não discuto isso. Mas agora me sinto culpada. Você pode hesitar, refletir, mas para mim tudo deve ser consequente e lógico. Nós entramos na sua casa, você viu a cama do seu filho e se sentiu mal, quase desmaiou de dor. Você tem esse direito, mas a mim não é permitido o medo por Kátienka, os pensamentos sobre o futuro devem recuar diante do meu amor por você.

— Lárucha, meu anjo, volte a si. Nunca é tarde para repensar e mudar de opinião. Eu fui o primeiro a aconselhar que você levasse a sério as palavras de Komaróvski. Nós temos um cavalo. Se quiser, amanhã mesmo voltamos a Iuriátin. Komaróvski ainda está lá, não foi embora. Nós o vimos do trenó, creio que não nos notou. Provavelmente ainda o encontraremos lá.

— Eu ainda não disse nada e já há uma nota de descontentamento em sua voz. Mas me diga se não tenho razão. Se era para nos escondermos assim, de forma tão precária e casual, poderíamos ter feito isso na própria Iuriátin. Mas se era para buscar salvação, teríamos que ter feito tudo com conhecimento de causa, de acordo com um plano bem pensado, como, no final das contas, nos propôs esse homem bem informado e prático, embora repulsivo. Veja, aqui, nós, eu mesma não sei o quão próximo estamos do perigo, talvez mais do que em qualquer outro lugar. Uma campina ilimitada, aberta aos quatro ventos. E nós, absolutamente sós. Se a neve nos cobrir durante a noite, pela manhã não conseguiremos sair. Ou se o nosso benfeitor misterioso, que frequenta a casa, for um bandido, poderá nos degolar. Você tem alguma arma? Não, pois é. Essa despreocupação com que

você me contagiou me aterroriza. Ela semeia confusão nos meus pensamentos.

— Então, o que você quer? O que quer que eu faça?

— Eu mesma não sei como responder. Mantenha-me sempre submissa. Lembre-me sempre que sou sua escrava, cegamente amorosa e irracional. Oh, vou te dizer! As nossas famílias, a sua e a minha, são mil vezes melhores do que nós. Mas não é essa a questão. O dom do amor é como qualquer outro dom. Pode ser imenso, mas sem uma bênção não pode se revelar. É como se nos tivessem ensinado a amar no céu e depois nos enviassem à terra, crianças, para vivermos num mesmo tempo e provarmos um no outro a nossa aptidão. É uma união coroada, sem meandros, sem gradações, sem altos e baixos, em igualdade com toda a existência, em que tudo engendra alegria, tudo em nós se faz alma. Mas nessa ternura selvagem que a cada minuto nos espreita há algo de puerilmente lesivo e ilícito. É um elemento arbitrário, destrutivo, hostil à paz da casa. Meu dever é temer e não confiar nele.

Ela enlaçou o pescoço de Iúri e, lutando com as lágrimas, concluiu:

— Entende, estamos em situações diferentes. Deram asas para que você voe além das nuvens, mas para mim, que sou mulher, elas servem para me pressionar no chão e proteger a minha cria do perigo.

Ele se comprazia terrivelmente com tudo o que ela dizia, mas evitava demonstrar para não cair em sentimentalismos. Controlando-se, disse:

— É verdade que esta nossa vida de bivaque é falsa e excessiva. Você tem toda a razão. Mas nós não a inventamos. Essa faina desvairada é o destino de todos, é o espírito do tempo.

"Hoje cedo, eu mesmo pensei em algo parecido com o que você falou. Queria aplicar todos os meus esforços para permanecer aqui por mais tempo. Não posso dizer como sinto falta de trabalhar. Não me refiro ao trabalho agrícola. Certa vez, nós nos dedicamos a ele, a família toda, e tivemos êxito. Mas não tenho forças para recomeçar. Não é nisso que eu penso.

"A vida está se recompondo aos poucos. Talvez um dia voltem a editar livros.

“Eis o que eu pensava. Se não seria possível que nos entendêssemos com Samdeviátov de forma a que ele nos alimentasse por seis meses, em condições vantajosas para ele. Como pagamento, eu lhe cederia a obra que, nesse meio-tempo, me engajaria a escrever, como manuais de medicina, por exemplo, ou uma obra literária, um livro de versos. Ou, então, eu poderia traduzir alguma obra estrangeira, de reputação mundial. Conheço bem outros idiomas e li recentemente o anúncio de uma grande editora de Petersburgo que só publica traduções. Um trabalho desses deve ter valor, provavelmente pagarão por ele. Gostaria muito de um trabalho desse tipo.”

— Obrigada por ter me lembrado. Também me ocorreu algo semelhante hoje. Mas não creio que ficaremos muito tempo aqui. Ao contrário, pressinto que logo iremos para algum lugar mais distante. Mas enquanto durar nossa estada, tenho uma proposta para você. Sacrifique algumas horas da noite e, por favor, escreva tudo o que me recitou oralmente em momentos diversos. A metade já se perdeu, a outra metade não está escrita e temo que você esqueça, que isso se perca, como já aconteceu com frequência, segundo você mesmo disse.

8

No fim do dia, banharam-se todos com a água quente que restara em abundância da lavagem de roupas. Lara banhou Kátienka. Iúri Andréievitch, satisfeito com a sensação de limpeza, sentou-se à mesa do gabinete junto à janela, de costas para o quarto em que Lara, confortável em seu roupão de banho e de cabelos molhados envolvidos por um turbante de toalha felpuda, colocava Kátia para dormir e arrumava as camas. Imerso na antecipada tensão que sentia iminente, Iúri Andréievitch percebia tudo o que ocorria ao seu redor através de um véu de atenção enternecida e generalizada.

Era uma hora da madrugada quando Lara, que até então simulava dormir, de fato adormeceu. O linho fresco da sua roupa, de Kátienka e dos lençóis da cama reluzia, limpo, passado, rendado. Apesar das dificuldades da época, Lara conseguia engomá-los.

Iúri Andréievitch estava rodeado de um silêncio abençoado, repleto de felicidade, que respirava docemente a vida. A luz do lampião despejava um amarelo-pálido sobre as páginas brancas do papel e projetava um brilho dourado na superfície e no interior do tinteiro. A fria noite de inverno azulava além da janela. Iúri Andréievitch foi até o cômodo vizinho, que não estava nem aquecido nem iluminado, mas de onde se via melhor lá fora. A lua cheia iluminava a clareira nevada, dando-lhe a viscosidade de um branco de clara de ovo ou de pintura a cal. Essa noite gelada era de um esplendor inefável. A paz reinava no coração do médico. Retornou ao cômodo iluminado e aquecido e se pôs a escrever.

Cuidando para que a aparência do que escrevia transmitisse o movimento vivo de sua mão e não se desfigurasse perdendo sua alma e força de expressão, ele redigia com uma escrita larga, numa forma que pouco a pouco se modificava e se aprimorava, os versos de que se lembrava com nitidez: "A estrela de Natal", "Noite de inverno" e muitos outros de tipo semelhante, depois esquecidos, perdidos e nunca mais encontrados.

Mais tarde, passou dessas peças terminadas e maduras para outras que havia iniciado e largado, reencontrando o tom e esboçando sua continuação, embora sem a menor esperança de finalizá-las. Por fim se entusiasmou, deixou-se arrebatar e passou a algo novo.

Depois de duas ou três estrofes que brotaram com facilidade e algumas comparações que o impressionaram, ele foi inteiramente absorvido pelo trabalho e sentiu a aproximação daquilo que chamam de inspiração. A correlação das forças que regem a criação parece então se inverter. A prioridade já não é mais do homem e do estado de alma que ele quer exprimir, e sim da linguagem pela qual ele quer se exprimir. A linguagem, pátria e receptáculo da beleza e do sentido, ela mesma se põe a pensar e a falar pelo homem, e torna-se toda música, não por sua ressonância exterior e sensível, mas pela impetuosidade e potência de seu movimento interior. Então, semelhante à massa rolante de um riacho, cuja corrente lustra as pedras do fundo e aciona as rodas do moinho, o fluxo da linguagem, por si mesmo e por suas próprias leis, elabora pelo caminho, como que de

passagem, a medida, a rima e mil outras formas e figuras ainda mais essenciais, mas até aqui desconhecidas, inexploradas e não nomeadas.

Nesses momentos, Iúri Andréievitch sentia que o trabalho principal não era feito por ele, mas por algo mais alto do que ele, que estava acima dele e o guiava, a saber: a condição de poesia e pensamento do mundo, e o seu devir, o passo seguinte que ela deve dar em seu desenvolvimento histórico. E sentia que ele não era mais do que um pretexto e ponto de apoio para que ela alcançasse esse movimento.

Ele afastou todas as censuras que pudesse se fazer, a insatisfação consigo mesmo, e o sentimento de sua própria insignificância o abandonou por um tempo. Ele observou à sua volta.

Viu a cabeça adormecida de Lara e de Kátienka sobre o travesseiro branco como a neve. A pureza dos lençóis, a pureza do quarto, a pureza dos traços delas, fundia-se com a pureza da noite, da neve, das estrelas e da lua em uma mesma onda indivisível que perpassava o coração do médico, fazendo-o se rejubilar e chorar pelo sentimento da pureza triunfante da existência.

"Senhor! Senhor!", estava prestes a murmurar. "E tudo isso é para mim! Por que me dás tanto? Como me deixaste aproximar-me de Ti? Como me permitiste penetrar Tua terra incomparável, sob as Tuas estrelas, aos pés dessa beleza temerária, resignada, infeliz, que não posso deixar de contemplar?"

Eram três horas da madrugada quando Iúri Andréievitch levantou os olhos do papel. A tensão de espírito relaxava, voltava a si, à realidade, feliz, forte, tranquilo. De repente, em meio ao silêncio daquela vastidão deserta que se estendia além da janela, ele ouviu um som triste e lúgubre.

Passou ao cômodo vizinho para olhar da escuridão. Durante o tempo em que escrevia, as janelas tinham se revestido de uma camada espessa de gelo. Não se via nada através delas. Iúri Andréievitch afastou o tapete enrolado que detinha a corrente de ar junto à porta de entrada, vestiu a peliça e saiu ao terraço.

A neve sob o clarão da lua cintilava com uma incandescência ofuscante. De início, ele não pôde fixar a vista e não percebeu nada. Mas um minuto

depois, ouviu nitidamente um uivo visceral abafado pela distância e observou na borda da clareira, além do barranco, quatro sombras alongadas, não maiores que pequenos riscos negros.

Os lobos se mantinham lado a lado, o focinho voltado para a casa e, espichando o pescoço, uivavam para a lua ou para o seu reflexo argênteo nas janelas da casa de Mikulítsin. Permaneceram imóveis por alguns instantes, porém, mal Iúri Andréievitch compreendeu que eram lobos, dispararam para longe com o rabo entre as pernas, como cachorros, afastando-se da clareira, como se o pensamento do médico os houvesse apanhado. O médico não conseguiu distinguir a direção em que desapareceram.

"Surpresa desagradável!", pensou. "Não faltava mais nada. Será que a toca é perto daqui? Talvez no próprio barranco. Que terrível! E para piorar, a égua de Samdeviátov está na estrebaria. É Savráska que devem estar farejando."

Ele decidiu não dizer nada a Lara por enquanto, para não assustá-la. Entrou, trancou a porta externa, fechou as internas para isolar a parte aquecida da casa, tapou frestas e buracos e se aproximou da mesa.

O lampião ainda ardia, claro e receptivo. Mas ele já não tinha vontade de escrever. Não conseguia se acalmar. Só pensava em lobos e outras preocupações que o atormentavam. E estava cansado. Nesse momento, Lara despertou.

— E você ainda está queimando e brilhando, minha querida e brilhante chama! — disse ela, baixinho, com a voz úmida e pesada de sono. — Venha se sentar um pouco perto de mim. Vou te contar o que acabei de sonhar.

E ele apagou o lampião.

9

Novamente, o dia se passou em tranquila loucura. Encontrou-se na casa um trenó infantil. Kátienka, toda encasacada e vermelha como um pimentão, dava boas gargalhadas, enquanto deslizava pelas aleias nevadas do jardim, a partir do montículo que o médico tinha preparado, aglomerando a

neve com a pá e despejando água. Puxando o trenó pela cordinha, ela retornava incansável ao monte, com um sorriso enregelado nos lábios.

Estava um dia gelado, e o frio se intensificava. A neve ganhava uma coloração amarelada sob os raios de sol do meio-dia, mas nesse amarelo-mel já se instilava a melíflua densidade laranja da tarde precoce que descia.

Com a limpeza e as lavagens da véspera, Lara havia deixado a casa úmida. As janelas estavam cobertas de uma leve camada de gelo, e o papel de parede, umedecido pelo vapor, inchava e se cobria do chão ao teto de filetes negros. Os cômodos estavam escuros e desconfortáveis. Iúri Andréievitch trouxe lenha e água e prosseguiu na inspeção da casa, fazendo a cada instante novas descobertas. Também ajudou Lara, envolvida desde cedo com os intermináveis afazeres domésticos.

De novo, no auge de algum trabalho, as mãos deles se tocavam e permaneciam uma na outra. Pousavam no meio do caminho o fardo que transportavam, desarmados pelo acesso de ternura irresistível que os envolvia como neblina. De novo, tudo lhes caía das mãos e lhes saía da mente. De novo, os minutos corriam e se tornavam horas e já era tarde e os dois se recompunham, lembrando-se com aflição de Kátienka, que ficara sem atenção, ou da égua, que ainda não haviam alimentado; com remorsos, se precipitavam para recuperar o tempo perdido e reparar o esquecimento.

O médico sentia a cabeça latejar por ter dormido pouco. Estava tomado por uma leve embriaguez, além de por uma abençoada fraqueza em todo o corpo. Era com impaciência que aguardava a noite para retornar ao trabalho interrompido.

No entanto, esse entorpecimento que envolvia os seus pensamentos, que o dominava por inteiro e através do qual via tudo que o cercava, realizava para ele, antecipadamente, a metade do trabalho. A imprecisão generalizada que esse estado de espírito comunicava a todas as coisas antecipava a precisão da encarnação final. Semelhante à confusão dos primeiros rascunhos, a ociosidade esmagadora daquele dia inteiro servia como preparação necessária para o trabalho noturno.

A indolência da fadiga não deixava nada intacto, imutável. Tudo sofria

mudanças e tomava outro aspecto.

Iúri Andréievitch sentia que o sonho de instalar-se de forma menos precária em Varíkino não se realizaria, que a hora de separar-se de Lara estava próxima, que inevitavelmente a perderia e, com ela, o estímulo para viver ou talvez a própria vida. A tristeza consumia seu coração. Mas o que mais o fazia sofrer era a espera da noite, o desejo de prantear essa tristeza, dando-lhe uma expressão que comungasse com todos os demais prantos.

Os lobos, que estiveram presentes em seu pensamento durante todo o dia, não eram mais os lobos da neve uivando para a lua; tinham se tornado o tema dos lobos, a imagem da força hostil que exigia a morte ou a partida deles de Varíkino. À noite, a ideia dessa hostilidade se tornou tão poderosa quanto seria a imaginação de que houvesse, no barranco, pegadas de um monstro pré-diluviano ou de um dragão gigantesco e fabuloso, sedento pelo sangue do médico e ávido por Lara.

A noite desceu. Como na véspera, o médico acendeu o lampião pousado sobre a mesa. Lara e Kátia se deitaram mais cedo que no dia anterior.

O que ele havia escrito na noite precedente se dividia em duas categorias. Os materiais antigos, que foram copiados e retrabalhados em caligrafia limpa; e os novos, riscados, com abreviações e pontilhados, escritos em caracteres quase ilegíveis.

Analisando suas garatujas, o médico sentiu a decepção habitual. Na noite anterior, esses esboços fragmentários o haviam levado às lágrimas e surpreendido com algumas conquistas inesperadas. Agora, eram justamente essas pretensas conquistas que o detinham e o deixavam desolado por sua artificialidade.

Toda a sua vida, ele havia sonhado com uma originalidade suave e silenciosa, que fosse externamente irreconhecível, oculta sob o véu de uma forma convencional e familiar. Toda a sua vida, ele se esforçara por elaborar esse estilo direto e despretensioso que permite ao leitor e ao ouvinte acessar o conteúdo sem mesmo perceber como consegue fazê-lo. Toda a sua vida, ele trabalhara por esse estilo discreto, que não atraísse a atenção de ninguém, e assustava-se de ver quão longe ainda estava desse ideal.

Nos esboços da véspera, ele quis, por meio de uma simplicidade que beirava o balbucio ou a intimidade de uma canção de ninar, expressar seu estado de alma, misto de amor e medo, angústia e coragem, de tal forma que ele se derramasse por si próprio, como se não dependesse das palavras.

Agora, na noite seguinte, ao rever os esboços, tinha a impressão de que faltava uma trama de apoio que atribuísse unidade às linhas esparsas. Retrabalhando gradualmente o que havia escrito, Iúri Andréievitch pôs-se a narrar, no mesmo tom lírico, a lenda de São Jorge, o Bravo. Começou por empregar o amplo pentâmetro, que permite uma grande liberdade. Mas a eufonia própria desse metro, uma eufonia que independe do tema, o irritou por sua melodia artificial e formal. Decidiu, então, abandonar aquela medida grandiloquente com sua cesura e se restringir ao verso de quatro pés, da mesma forma como se luta contra a verbosidade na prosa.

Isso tornou a escrita mais difícil e mais atraente. O trabalho adquiriu um ritmo mais animado, mas ainda assim alguma verborragia supérflua continuava a se introduzir. Obrigou-se a encurtar ainda mais os versos. Com as palavras se comprimindo no verso de três pés, os últimos traços de sonolência desapareceram da escrita, ele despertou e se inflamou, e a estreiteza do espaço disponível, por si mesma, passou a dizer-lhe como preenchê-lo. Os objetos, apenas evocados, começavam a surgir na moldura das palavras que os designavam. Ele ouviu o passo do cavalo que pisava a superfície dos seus versos, como se ouve a andadura esquipada do cavalo em uma das baladas de Chopin. São Jorge, o Vitorioso, galopava em seu cavalo pelas vastas extensões das estepes. Iúri Andréievitch o via diminuir pouco a pouco, se afastando. Passou a escrever com uma pressa febril, mal tendo tempo de anotar as palavras e os versos, que lhe vinham intermitentes ao espírito e sempre a propósito.

Não notou Lara, que havia se levantado e se aproximava da mesa. Ela parecia frágil, magra e mais alta em sua longa camisola que descia até os pés. Iúri Andréievitch se sobressaltou de surpresa quando ela surgiu a seu lado, pálida, assustada, e lhe disse em voz baixa, estendendo o braço para a frente:

— Está ouvindo? Um cachorro está uivando. Talvez dois. Ah, que

horrível! Que mau presságio! Vamos aguentar até amanhecer, depois partiremos, partiremos. Não fico aqui nem mais um minuto.

Uma hora mais tarde, Larissa Fiódorovna finalmente se deixou persuadir, acalmou-se e voltou a dormir. Iúri Andréievitch saiu ao terraço. Os lobos estavam mais próximos que na noite anterior, e se esconderam ainda mais rápido. De novo, Iúri Andréievitch não conseguiu observar por onde fugiram. Havia um bando deles, não conseguiu contá-los. Pareceu-lhe que eram numerosos.

10

Era o décimo terceiro dia da sua estada em Varíkino, e nada o distinguia dos dias precedentes. Os lobos uivaram da mesma forma na última noite, embora tivessem desaparecido no meio da semana. Tomando-os sempre por cachorros, de novo Larissa Fiódorovna decidiu partir no dia seguinte, amedrontada pelos maus presságios. Os momentos de equilíbrio de Lara, da mesma forma, eram sucedidos por momentos de ansiedade e inquietude, naturais na mulher ativa, pouco habituada às expansões diárias da alma, a esse luxo inadmissível de carinhos descomedidos.

Tudo se repetia com exatidão, se bem que nessa manhã da segunda semana, em que Larissa Fiódorovna, como tantas vezes antes, quis tomar o caminho de volta, tinha-se a impressão de que os dias ali vividos não haviam existido.

Novamente estava úmido nos cômodos escurecidos pelo dia cinzento e carregado. O frio abrandara e parecia que a neve desceria a qualquer momento das nuvens baixas que cobriam o céu. A fadiga moral e física devido à tensão nervosa e à falta de sono exauria Iúri Andréievitch. Suas ideias se embaralhavam, as forças lhe faltavam, sentia fortes calafrios de fraqueza; encolhendo-se e esfregando as mãos para se esquentar, andava pelo quarto frio, ignorando o que decidiria Larissa Fiódorovna e como ele acolheria essa decisão.

Ela mesma não tinha claras as suas intenções. Nesse momento, ela daria a

metade da vida para que escapassem dessa liberdade tão caótica, para que fossem obrigados a se submeter a alguma regra, não importa qual, desde que fosse estabelecida de uma vez por todas; para que tivessem um trabalho, obrigações, para que levassem uma vida honesta e racional.

Ela começou seu dia como de hábito, fez as camas, arrumou os cômodos, preparou o café da manhã para Kátienka e para o médico. Em seguida, pôs-se a fazer as malas e pediu a Iúri Andréievitch que atrelasse a égua. Estava inquebrantável em sua decisão de partir.

Iúri Andréievitch não tentou dissuadi-la. Retornar à cidade depois do recente sumiço, no momento em que as detenções estavam no auge, era puro desatino. Mas também não era muito mais sensato permanecerem isolados e sem armas em pleno inverno, nessa terrível solidão cheia de seus próprios perigos.

Além disso, as últimas braçadas de feno do celeiro chegavam ao fim e não havia outras. É certo que se tivessem condições de se instalar aqui de modo mais estável, o médico percorreria todos os arredores e completaria suas provisões de forragem e alimento. Mas uma estada assim tão breve, tão problemática, não justificava tal esforço. E, dando de ombros, o médico se dirigiu para a estrebaria.

Teve dificuldades em atrelar. Samdeviátov havia lhe mostrado como fazer, mas Iúri Andréievitch havia esquecido as recomendações. Com suas mãos inexperientes, fez, no entanto, o indispensável. Fixou o aro aos eixos com uma correia de couro, amarrou a sua extremidade de metal com um nó a um dos eixos, enrolando-o várias vezes em torno dos varais, depois, apoiando sua perna contra o flanco da égua, apertou fortemente as braçadeiras afastadas do colar. Quando tudo terminou, levou a égua para o terraço, amarrou-a e foi dizer a Lara que podiam partir.

Encontrou-a extremamente angustiada. Mãe e filha estavam vestidas para a partida, tudo estava empacotado, mas Larissa Fiódorovna torcia os braços de aflição. Pediu a Iúri Andréievitch que se sentasse por um momento. Segurando as lágrimas, ela sentava e levantava da poltrona sem parar, e falava com uma precipitação incoerente, introduzindo diversas vezes a

interrogação “não é verdade?” numa nota alta, cantante e aflitiva.

— Não é minha culpa. Eu mesma não sei como isso aconteceu. Mas poderemos mesmo partir agora? Logo vai escurecer. A noite vai nos surpreender no caminho, e justamente nesse teu bosque horrível. Não é verdade? Eu farei o que você quiser. Mas eu mesma não posso tomar essa decisão. Há algo que me detém. Meu coração não está seguro disso. Mas faça você como quiser. Não é verdade? Por que se cala, por que não diz nada? Nós passamos a manhã toda com bobagens, perdemos a metade do dia. Amanhã, isso não vai se repetir, prestaremos mais atenção. Não é verdade? E se ficássemos mais um dia? Podemos nos levantar bem cedo, amanhã, e pegamos a estrada assim que clarear, às seis ou sete horas. O que você pensa? Você pode acender o forno e passar ainda uma noite escrevendo, pernoitamos aqui ainda hoje. Ah, seria tão bom, tão único! Por que não diz nada? Eu sei, sou novamente culpada. Ah, que infeliz eu sou!

— Você exagera. O crepúsculo ainda está longe. Ainda é cedo. Mas façamos como você quer. Está certo. Fiquemos. Mas se acalme. Veja como você está nervosa. Bem, desfaçamos a bagagem, retiremos os casacos. Kátienka já diz que está com fome. Vamos comer. Você tem razão. A nossa partida hoje está um tanto improvisada, um tanto precipitada. Mas não se atormente e não chore, pelo amor de Deus. Vou acender o forno em seguida. Mas antes, já que a égua está atrelada ao trenó, vou buscar os últimos feixes de lenha no nosso antigo galpão, aqui não há mais nada. E não chore, voltarei logo.

11

Diante do galpão, havia sulcos circulares na neve, cavados pelo trenó de Iúri Andréievitch nos dias anteriores. Perto da porta, a neve estava amassada e suja pelo carregamento de lenha da antevéspera.

As nuvens que cobriam o céu desde cedo se dispersaram. O tempo clareou. Começava a gelar. O parque de Varíkino, que se estendia em diversas direções, cercava esse local e chegava até perto do galpão, como que

para espiar o rosto do médico e lembrá-lo de algo. A neve desse inverno era profunda e se acumulava em camadas acima da porta do galpão. Era como se o dintel da porta se abaixasse e o galpão se encurvasse. Uma laje de neve acumulada pendia do telhado quase até a cabeça do médico como o chapéu de um gigantesco cogumelo. Bem acima da inclinação do telhado, com a extremidade afiada como que encravada na neve, a lua crescente, que acabava de nascer, ardia com o calor cinza de seu contorno.

Embora fosse dia e estivesse bem claro, o médico tinha a sensação de fazer noite na escura e densa floresta da sua vida. Tal era a escuridão em sua alma, tal era a sua tristeza. E a jovem lua, presságio de separação, imagem de solidão, brilhava diante dele, quase à altura de seu rosto.

O cansaço envergava as pernas de Iúri Andréievitch. Lançando a lenha sobre o trenó pela porta do galpão, ele apanhava menos achas por vez do que de hábito. Sentia frio, e a madeira gelada e coberta de neve fazia doer-lhe as mãos apesar das luvas. O movimento acelerado não o esquentava. Algo se deteve dentro dele e se quebrou. Amaldiçoou seu destino desgraçado nesse mundo e rogou a Deus que salvaguardasse e protegesse a vida dessa maravilhosa beleza, tão triste, submissa e cândida. E a lua sobre o galpão continuava a arder sem aquecer e a luzir sem iluminar.

De repente, a égua virou-se para o lado de onde tinham vindo, levantou a cabeça e relinchou, de início tímida e surdamente, depois alta e fortemente.

"O que ela tem?", pensou o médico. "Que alegria é essa? Não deve ser medo. Os cavalos não relincham de medo, que estupidez. Ela estaria louca se anunciasse aos lobos a sua presença, se é que os farejou. Ela parece feliz. Provavelmente quer voltar para casa. Espere um pouco, já vamos."

Para ajudar a acender o forno, Iúri Andréievitch apanhou no galpão gravetos e cascas de bétula desprendidas por inteiro dos troncos, arqueadas como canos de bota. Cobriu a carga com uma esteira e amarrou o feixe de lenha com uma corda. Caminhando ao lado do trenó, transportou a lenha para o galpão dos Mikulítsin.

A égua relinchou de novo, mas dessa vez, o médico ouviu o relincho longínquo ao qual ela respondia. "O que pode ser?", pensou sobressaltado.

“Nós achávamos que Varíkino estava deserta. Talvez tenhamos nos enganado.” Ele não podia conceber que tivessem vindo visitá-los e que esse relincho viesse do pátio dos Mikulítsin. Ele conduziu Savráska pela parte de trás da propriedade em direção às dependências de serviço e não via a fachada da casa, oculta pelas colinas.

Sem se apressar (para que se apressar?), ele transferiu a lenha para o galpão dos Mikulítsin, desatrelou o trenó e conduziu a égua para a estrebaria fria e deserta que ficava ao lado. Alojou-a na baia do canto direito, ao abrigo do vento, e despejou em sua manjedoura algumas braçadas do feno que restava.

Caminhou em direção à casa com o coração inquieto. No pátio, encontrou um garanhão murzelo bem nutrido atrelado a um trenó camponês largo com uma carroceria confortável. Um rapazote também limpo e bem nutrido, vestindo um bom casaco acolchoado, caminhava em torno do cavalo, alisando seu flanco e examinando suas patas.

Ouvia-se barulho dentro da casa. Temendo surpreender alguma conversa, incapaz de entender o que quer que fosse, Iúri Andréievitch ralentou o passo e parou como que pregado no chão. Sem distinguir as palavras, reconheceu a voz de Komaróvski, de Lara e de Kátienka. Estavam no primeiro cômodo, junto à porta. Komaróvski discutia com Lara e, a julgar pelo tom de suas respostas, ela estava agitada, chorava e ora replicava com vivacidade, ora concordava com o interlocutor. Por alguma razão inexplicável, Iúri Andréievitch achou que nesse momento Komaróvski falava justamente dele: que era um homem instável (“serve a dois senhores”, acreditou ter ouvido), que não se sabia o que lhe era mais valioso, se a família ou Lara, e que Lara não devia confiar nele, porque, dessa forma, ela, ao mesmo tempo que “corre com o coelho, caça com o cachorro”. Iúri Andréievitch entrou na casa.

De fato, Komaróvski estava no primeiro cômodo, ainda vestido com sua longa peliça. Lara segurava Kátienka pela borda do casaco, tentando em vão abotoar a gola. Ela se enervava com a menina, gritando para que não se mexesse, e Kátienka reclamava: “Mamãe, você está me sufocando”. Todos

estavam vestidos e prontos para partir. Quando Iúri Andréievitch entrou, Lara e Víktor Ippolítovitch se precipitaram sobre ele.

— Onde você estava? Estávamos precisando tanto de você!

— Como vai, Iúri Andréievitch! Apesar das grosserias que trocamos da última vez, eis-me novamente em sua casa sem ser convidado.

— Bom dia, Víktor Ippolítovitch.

— Onde você estava esse tempo todo? Escute o que ele vai dizer e decida rapidamente por nós. Não há tempo. Temos que nos apressar.

— Por que estamos em pé? Sente-se, Víktor Ippolítovitch. Como assim, onde eu estava, Lárotchka? Você sabe que eu fui apanhar lenha e me ocupei da égua. Víktor Ippolítovitch, por favor, sente-se.

— Você não está surpreso? Por que não manifesta nenhuma surpresa? Estávamos lamentando esse homem ter ido embora e não termos aceitado a proposta dele e, no entanto, ele está aqui, na sua frente, e você não se surpreende. Mais impressionantes ainda são as notícias que traz. Conte para ele, Víktor Ippolítovitch.

— Eu não sei o que Larissa Fiódorovna quer dizer, mas eis o que eu tenho para lhe dizer de minha parte. Fiz circular o boato de que havia partido, mas permaneci por mais alguns dias para dar tempo a vocês de reconsiderarem as questões que abordamos, e talvez, depois de uma reflexão mais madura, de tomarem uma decisão menos leviana.

— Não é mais possível esperar. É agora o melhor momento de partir. Amanhã de manhã. Mas é melhor que o próprio Víktor Ippolítovitch te conte.

— Um minuto, Lárotchka. Perdão, Víktor Ippolítovitch. Por que continuamos de pé? Vamos tirar o casaco e nos sentar. Trata-se de coisas sérias, não é? Não se decide de um golpe. Desculpe, Víktor Ippolítovitch. Nossas disputas tocam em pontos delicados. Analisá-los seria ridículo e desagradável. Jamais pensei em partir com o senhor. Já Larissa Fiódorovna é outra coisa. Nas raras ocasiões em que tivemos preocupações diferentes e lembramos que não somos uma só pessoa, e sim duas, com destinos diferentes, eu ponderei que Lara devia, sobretudo por causa de Kátienka, dar

mais atenção aos seus planos. De resto, ela nunca deixou de fazer isso, retorna sempre a essa solução.

— Mas somente com a condição de que você parta também.

— É tão difícil para você quanto para mim pensar na nossa separação, mas talvez devamos nos superar e fazer esse sacrifício, pois a minha partida está fora de cogitação.

— Mas você ainda não sabe de nada. Escute primeiro. Amanhã de manhã… Víktor Ippolítovitch!

— Larissa Fiódorovna fala das informações que eu trouxe e acabo de lhe comunicar. Um trem especial do governo do Extremo Oriente está sob pressão na estação de Iuriátin. Chegou ontem de Moscou e parte amanhã. É o trem do nosso Ministério dos Transportes. A metade da sua composição é de vagões-leito internacionais.

"Tenho que pegar esse trem. Disponho de lugares para colaboradores de minha escolha. Teremos todo o conforto desejável. Uma ocasião como esta não se apresentará novamente. Sei que o senhor não joga palavras ao vento e que não voltará atrás na recusa em partir conosco. O senhor é um homem de decisões firmes, sei disso. Mesmo assim, seja mais flexível. Faça isso por Larissa Fiódorovna. O senhor ouviu, sem o senhor, ela não partirá. Venha conosco, se não a Vladivostók, ao menos até Iuriátin. Lá, veremos. Mas neste caso, temos que agir rápido, não há tempo a perder. Estou com um cocheiro, conduzo mal. Nós cinco, contando com ele, não caberemos no trenó. Se não me engano, a égua de Samdeviátov está com o senhor. Disse que foi buscar lenha com ela. Ela ainda está atrelada?"

— Não. Já a desatrelei.

— Então, atrele novamente, o mais rápido possível. Meu cocheiro pode ajudá-lo. De resto, saiba que… Oh, ao diabo com o segundo trenó. Daremos um jeito de irmos todos no meu. Só que, pelo amor de Deus, seja rápido. Pegue somente o indispensável, o que estiver à mão. Deixe a casa como está, destrancada. Trata-se de salvar a vida de uma criança e de não perder tempo com chaves e cadeados.

— Não o compreendo, Víktor Ippolítovitch. O senhor fala como se eu

consentisse em partir. Partam com Deus, se Lara já decidiu assim. E não se preocupem com a casa. Eu ficarei, e depois da sua partida arrumarei tudo e trancarei.

— O que está dizendo, Iúra? Por que diz esse disparate que você mesmo não acredita? "Se Larissa Fiódorovna decidiu assim." Como se não soubesse que se não tomar parte na viagem, Larissa Fiódorovna também não irá. Então, para que diz: "Arrumarei a casa e me ocuparei de tudo"?

— Quer dizer que está inflexível. Então, tenho outro pedido a fazer. Com a permissão de Larissa Fiórorovna, gostaria de lhe dizer duas palavras em particular, se for possível.

— Está bem, se é necessário. Vamos até a cozinha. Você não tem nada contra, Láruchka?

12

— Strélnikov foi capturado, condenado à pena máxima e a sentença foi executada.

— Que coisa terrível! É mesmo verdade?

— Foi o que ouvi. E estou convencido disso.

— Não conte a Lara. Ela vai ficar louca.

— Sim, claro. Por isso, quis lhe falar em particular. Depois da execução, ela e a filha correm um perigo iminente. Ajude-me a salvá-las. O senhor se recusa firmemente a nos acompanhar?

— Eu já disse que sim.

— Mas sem o senhor ela não irá. Não sei o que fazer. Vou então pedir-lhe que me ajude de outra forma. Finja ceder, deixe parecer que o convencemos. Não posso imaginá-la se despedindo do senhor, nem aqui nem na estação de Iuriátin, caso nos acompanhasse até lá. É necessário que ela seja persuadida de que o senhor também irá. Se não imediatamente, conosco, ao menos daqui a algum tempo, quando eu puder lhe oferecer uma nova oportunidade, que o senhor deve prometer aproveitar. O senhor terá de fazer um falso juramento. De minha parte, no entanto, não são

palavras vãs. Prometo me empenhar para trazê-lo seja lá o momento que for, se assim o desejar, e a enviá-lo para onde quiser. Larissa Fiódorovna deve se convencer de que nos encontrará. Faça tudo o que puder para persuadi-la. Por exemplo, finja que vai atrelar a égua e exorte-nos a nos pôr a caminho sem esperá-lo, prometa que irá nos encontrar.

— Estou estarrecido com a notícia do fuzilamento de Pável Pávlovitch, ainda não me recuperei. Estou acompanhando com dificuldade o que diz. Mas concordo com o senhor. Com a execução de Strélnikov, pela lógica atual, a vida de Larissa Fiódorovna e de Kátia está ameaçada. Um de nós certamente será detido e, portanto, de uma forma ou de outra, nos separarão. Neste caso, é melhor que seja o senhor a nos separar. Leve-as para o mais longe possível, para o fim do mundo. Aliás, neste momento, não faz mais diferença o que digo, já está tudo em suas mãos. É provável que um dia, no limite das minhas forças, eu tenha que sufocar o meu orgulho e amor-próprio e venha a me arrastar humildemente até o senhor para receber de suas mãos Lara, a vida, o caminho por mar até os meus e a minha própria salvação. Mas me dê um tempo para me recuperar. A notícia que trouxe me aturdiu. Estou esmagado por um sofrimento que me tira a capacidade de pensar e julgar. Talvez, ao obedecer-lhe, eu cometa um erro fatal, irreparável, que me aterrorizará por toda a vida, mas, entorpecido por esta dor que me aniquila, a única coisa que posso fazer agora é aprovar maquinalmente o que diz e me submeter cega e involuntariamente. Então, para todos os efeitos, para o bem dela, anuncio que atrelarei a égua e que os encontrarei mais tarde, mas na verdade ficarei sozinho aqui. Apenas um detalhe. Como partirão agora, se já vai escurecer? É necessário atravessar o bosque, há lobos rondando, tome cuidado.

— Eu sei. Tenho um fuzil e um revólver. Não se preocupe. A propósito, eu trouxe um pouco de álcool para o caso de muito frio. Em quantidade suficiente. Posso dividir, quer?

"O que eu fiz? O que eu fiz? Eu a entreguei, renunciei a ela, cedi. Me lanço já ao seu encalço, vou alcançá-la, fazê-la voltar. Lara! Lara!

"Já não ouvem. O vento sopra em sentido contrário. E certamente falam alto. Ela tem todas as razões para estar feliz e tranquila. Deixou-se enganar e não suspeita do erro.

"Provavelmente pensa que tudo se passou da melhor forma possível, como desejava. Que o seu Iúrotchka, um sonhador teimoso, finalmente transigiu e, graças ao Criador, parte com ela para algum lugar seguro, para encontrar pessoas mais inteligentes, sob a proteção da lei e da ordem. E mesmo que ele teime em suas posições para mostrar caráter e não tome o trem de amanhã, Víktor Ippolítovitch enviará outro para ele, e não tardará que os dois se reúnam de novo.

"Neste momento, ele certamente está na estrebaria e atrela Savráska, e suas mãos não lhe obedecem, tremendo de pressa e emoção; logo se lançará a todo o fôlego atrás dos seus rastros e os alcançará ainda no campo, antes mesmo que atinjam o bosque."

É o que decerto ela está pensando. E eles nem se despediram direito, Iúri Andréievitch apenas acenou com a mão, voltando-se num esforço para dominar a dor que o estrangulava como um pedaço de maçã atravessado na garganta.

O médico se mantinha de pé no terraço, a peliça jogada sobre o ombro. Com a mão livre, apertava com todas as forças a borda de uma das colunas torneadas que sustentavam o telhado, como se quisesse estrangulá-la. Com toda a consciência que lhe restava, fixava um ponto longínquo no espaço, onde percebia um trecho da estrada que subia a colina, entre bétulas esparsas. Nesse momento, incidia sobre esse lugar aberto a luz baixa do sol, quase a se pôr no horizonte. Lá, naquela faixa de luz, surgiria em instantes o rápido trenó, oculto momentaneamente por uma pequena depressão.

— Adeus, adeus — repetia o médico ao prever esse instante, com a voz surda e desfalecida, a respiração cortada pelo ar gelado do fim de tarde. — Adeus, minha única amada, perdida para sempre!

— Lá estão! Lá estão! — murmurou com amargo arrebatamento nos

lábios brancos, quando o trenó disparou de baixo como uma flecha, ultrapassando as bétulas, uma após a outra, e começou a diminuir a velocidade e, oh, alegria!, deteve-se à altura da última.

Oh, como seu coração bateu, como seu coração bateu, as pernas fraquejaram, estava tão emocionado que se sentia debilitado, mole como a peliça que deslizava de seu ombro. "Ó, meu Deus, Tu decidiste devolvê-la a mim? O que acontece lá? O que se passa naquela distante linha do poente? Como se explica? Por que se detiveram? Não. Tudo está perdido. Partiram. Prosseguiram. Ela decerto pediu que parassem um minuto para dar um último adeus à casa. Ou quem sabe desejava se certificar de que Iúri Andréievitch já partira, de que já estaria em seu encalço? Foram-se. Foram-se.

"Se chegarem a tempo, se o sol não se puser antes (na escuridão, ele não os distinguiria), eles aparecerão ainda uma vez, a última, do outro lado do barranco, na clareira em que estavam os lobos anteontem à noite."

E então, esse momento surgiu e passou. O sol carmesim-escuro ainda estava redondo sobre a linha azul dos montes nevados. E a neve bebia avidamente esse licor de ananás que a inundava. E então, eles surgiram e passaram, voando. "Adeus, Lara, até nosso encontro no outro mundo, adeus, minha bela, adeus, minha alegria insondável, inesgotável, eterna." E desapareceram. "Nunca mais te verei, nunca mais, nunca mais na vida, nunca mais te verei."

Nesse meio-tempo, escureceu. Esparsas sobre a neve, as manchas bronze e púrpura do sol poente logo se descoloriram e se apagaram. A suavidade cinzenta das extensões nevadas rapidamente imergiu no crepúsculo lilás que arroxeava. O rendado fino das bétulas da estrada, traçado delicadamente contra o céu rosa-pálido e repentinamente baixo, borrou-se na névoa cinza da noite que caía.

O sofrimento da alma aguçava a sensibilidade de Iúri Andréievitch, que percebia tudo com uma acuidade dez vezes maior. Todas as coisas ao redor adquiriam traços de rara singularidade, até mesmo o ar. A noite de inverno respirava uma compaixão sem precedentes, como uma testemunha solícita.

Era como se nunca antes tivesse havido um anoitecer, como se a noite descesse hoje pela primeira vez, para consolar um homem abandonado à solidão. Era como se os bosques, apoiados no horizonte sobre as colinas circundantes, não fossem apenas um panorama, mas tivessem acabado de surgir da terra e se disposto ali para manifestar simpatia.

O médico quase se esquivou da beleza tangível dessa hora, como de uma multidão de piedosos inoportunos; quase sussurrou aos raios do crepúsculo que o alcançavam: "Obrigado. Não é preciso".

Permanecia no terraço, o rosto voltado para a porta fechada, de costas para o mundo. "Meu sol luminoso se pôs", algo nele repetia e ecoava. Ele não tinha forças para pronunciar essa sequência de palavras em voz alta, os espasmos na garganta o impediam.

Entrou na casa. Um duplo monólogo começou a se desenrolar nele. O primeiro, seco e aparentemente prático, dirigia-se a si mesmo; o segundo, extenso, sem margens, fluía para Lara. Este era o curso do seu pensamento: "Agora, para Moscou. E antes de tudo, sobreviver. Não me entregar à insônia. Não me deitar. Trabalhar noite e dia até não poder mais, até o cansaço me derrubar. E mais uma coisa. Acender o fogo e aquecer o quarto, para não gelar à noite sem necessidade".

Mas também dizia a si mesmo: "Meu encanto inesquecível! Enquanto os meus braços se lembrarem de você, enquanto você estiver presente em minhas mãos e nos meus lábios, eu estarei com você. Derramarei minhas lágrimas por você em algo digno e permanente. Escreverei minha memória sobre você em imagens ternas, ternas, dolorosamente tristes. Ficarei aqui até que isso seja feito. E depois, também partirei. Veja como vou representá-la. Colocarei seus traços no papel da mesma forma como se inscrevem na areia, após uma terrível tempestade que revolve o mar até o fundo, os traços da onda mais forte e que mais longe alcança. Em uma linha recortada e sinuosa, o mar rejeita pedra-pomes, cortiça, conchas, algas, tudo o que pode trazer do fundo de mais leve e imponderável. Essa é a linha da maré mais alta que se estende infinitamente ao longo da costa. Foi assim que as tempestades da vida te lançaram para mim, orgulho meu. É assim que vou

representá-la".

Entrou na casa, trancou a porta e retirou a peliça. Quando entrou no quarto que Lara tinha arrumado com tanto zelo pela manhã e que estava novamente em desordem por sua partida precipitada, quando viu a cama aberta e desfeita, os objetos revirados e espalhados pelo chão e nas cadeiras, ele caiu de joelhos diante da cama e, comprimindo o peito contra a madeira, enterrando o rosto na extremidade suspensa da coberta, pôs-se a chorar amarga e abundantemente como uma criança. Não durou muito. Iúri Andréievitch se levantou, enxugou rápido as lágrimas, lançou à sua volta um olhar atônito e distraído, ausente e fatigado, apanhou a garrafa que Komaróvski havia deixado, abriu-a, encheu meio copo, acrescentou água, misturou com neve e, com um prazer quase igual ao das lágrimas inconsoláveis que acabara de verter, pôs-se a beber essa mistura em goles lentos e ávidos.

14

Estava acontecendo algo despropositado. Aos poucos, Iúri Andréievitch perdia o juízo. Nunca antes tinha levado uma existência tão estranha. Negligenciou a casa, abandonou os cuidados consigo mesmo, trocava a noite pelo dia e perdeu a conta do tempo decorrido desde que Lara partira.

Ele bebia e escrevia coisas dedicadas a ela, mas a Lara de seus versos e anotações, à medida que os corrigia e trocava palavras, tornava-se mais distante do seu protótipo, da verdadeira Lara, a mãe de Kátienka, aquela que partira com a filha.

As correções de Iúri Andréievitch tinham por objetivo uma expressividade mais precisa e forte, mas também respondiam a uma restrição interior que o impedia de revelar abertamente os sentimentos pessoais e os acontecimentos vividos, de modo a não ferir ou ofender aqueles a quem diziam respeito diretamente. Dessa forma, seus versos perdiam tudo o que continham de íntimo. Tudo o que ainda abrasava ou não havia esfriado deveria ceder lugar a uma amplidão apaziguadora que transformava o particular em geral,

tornando-o acessível a todos. Não era isso o que buscava, mas essa amplidão lhe vinha por si mesma, como um consolo que Lara tivesse lhe enviado de longe, como uma saudação que tivesse lhe dirigido, como um sonho que tivesse tido com ela, ou como um toque da mão dela em sua testa. E ele amava nos versos essa marca que os enobrecia.

Ao lado desse lamento por Lara, ele levava a termo as correções de rascunhos escritos em diversas épocas da vida e sobre diferentes temas, como a natureza e a vida cotidiana. E como de costume, era assaltado por inúmeros pensamentos sobre a vida pessoal e sobre a vida da sociedade, que afluíam todos ao mesmo tempo.

Veio-lhe à mente que o que ele considerava como história, aquilo que costumam chamar de curso da história, era totalmente diferente do que em geral se admite, que ele a via semelhante à vida do reino vegetal. No inverno, sob a neve, os galhos desnudos do bosque são magros e frágeis como os pelos da verruga de um velho. Na primavera, em apenas alguns dias o bosque se transfigura e alcança as nuvens, e nele já há onde se esconder, podendo-se mesmo se perder em seus matagais cobertos de folhas. Essa transformação é atingida por um movimento inapreensível, que ultrapassa em impetuosidade o mundo animal, porque o animal não cresce tão rápido como a planta. O bosque não se locomove, não podemos surpreendê-lo em movimento. Só podemos perceber a sua imobilidade. E é nessa imobilidade que captamos a vida, a sociedade, a história, em eterno crescimento, em eterna transformação, não se deixando perseguir em suas metamorfoses.

Tolstói não levou o seu pensamento até o fim, quando negou o papel de promotor a Napoleão, aos governantes, aos chefes militares. Ele pensava exatamente a mesma coisa, mas não exprimiu seu pensamento com clareza. Ninguém faz história, ela não é visível, assim como é impossível ver a relva crescer. As guerras, as revoluções, os tsares, os Robespierre são seus estímulos orgânicos, seu fermento. As revoluções produzem homens de ação, fanáticos maniqueístas, gênios limitados. Em algumas horas ou dias, eles derrubam a velha ordem. Os golpes duram semanas, anos, e depois, durante dezenas, centenas de anos, passa-se a adorar o espírito de mediocridade que os

suscitou como algo sagrado.

Ao chorar por Lara, ele chorava também por aquele distante verão em Meliuziéev, em que a revolução era um deus descido do céu sobre a Terra, o deus daquele verão, e cada um era louco à sua maneira, e a vida de cada um existia por si mesma e não como ilustração de uma tese em apoio à política suprema.

Ocupado em esboçar tudo isso, ele novamente verificou e anotou que a arte sempre serve à beleza e que a beleza é a felicidade de possuir uma forma, que a forma, por sua vez, é a chave orgânica da existência, pois todo ser vivo deve ter uma forma para existir e que, portanto, a arte, inclusive a arte trágica, é um relato sobre a felicidade de existir. Essas reflexões e anotações também lhe trouxeram felicidade, tão trágica e cheia de lágrimas, que sentia a cabeça pesada e dolorida.

Anfím Efímovitch veio ter notícias. Ele também trouxe vodca e contou sobre a partida de Antípova e da filha com Komaróvski. Anfím Efímovitch tinha vindo de trole, pela via férrea. Repreendeu duramente o médico por cuidar mal da égua e a levou consigo, apesar das exortações de Iúri Andréievitch para que a deixasse por mais três ou quatro dias. Em contrapartida, prometeu vir buscá-lo ao fim desse prazo e levá-lo definitivamente de Varíkino.

Às vezes, quando estava absorto em seu trabalho, Iúri Andréievitch, de repente, lembrava-se com toda a nitidez da mulher que partira, e a ternura e um sentimento agudo de privação o faziam perder a cabeça. Assim como outrora na infância, em meio ao esplendor estival da natureza e ao canto dos pássaros, parecia-lhe ouvir a voz da falecida mãe, agora, os ouvidos acostumados com Lara e ainda repletos de sua voz por vezes o enganavam. "Iúrotchka", em alucinação sonora, ouvia chamar do quarto ao lado.

Outros enganos sensoriais aconteceram ao longo daquela semana. Certa noite, ele despertou bruscamente depois de um sonho opressivo e absurdo com um dragão que se escondia debaixo da casa. Abriu os olhos. Súbito, o fundo do barranco foi iluminado por um clarão e repercutiu o ruído surdo de um tiro. O espantoso é que minutos depois de um evento tão insólito, o

médico voltou a dormir. E de manhã, decidiu que havia sonhado.

15

Eis o que aconteceu pouco tempo depois. O médico, por fim, ouviu a voz da razão. Disse a si mesmo que se o seu objetivo era o de se deixar morrer, decerto haveria meios muito mais eficazes e menos dolorosos. E jurou a si mesmo deixar o local assim que Anfím Efímovitch viesse buscá-lo.

Antes do pôr do sol, enquanto ainda estava claro, ele ouviu a neve estalar fortemente sob passos desconhecidos. Alguém se dirigia tranquilamente para a casa numa marcha segura e decidida.

Estranho. Quem poderia ser? Anfím Efímovitch teria vindo a cavalo. Ninguém passava pela Varíkino deserta. "Vêm atrás de mim", pensou Iúri Andréievitch. "Uma convocação ou uma intimação para ir à cidade. Ou então vêm me prender. Mas como vão me levar? E deveriam ser dois. É Mikulítsin, Aviérki Stepánovitch", supôs, contente, julgando reconhecer o anfitrião pelo andar. O homem, cuja identidade era um enigma, parou por um instante diante da porta com o ferrolho quebrado, não encontrou o cadeado e seguiu em frente em passos seguros, como se conhecesse o lugar, abrindo as portas que encontrava no caminho e fechando-as com cuidado atrás de si, como se fosse o proprietário.

Iúri Andréievitch estava sentado à mesa de trabalho de costas para a porta. Antes que pudesse se levantar e virar-se para ir ao encontro do estranho, este já estava na soleira, parado, imóvel.

— A quem procura? — escapou do médico com uma inconsciência que não obrigava ninguém a nada, de forma que a falta de resposta não o surpreendeu.

O recém-chegado era um homem forte e vistoso, com um belo rosto. Vestia um casaco curto de pele, calças revestidas de pele e botas quentes de pele de cabra. Portava uma carabina pendurada ao ombro por uma alça de couro.

Apenas o momento que o desconhecido escolheu para aparecer era

inesperado, a sua vinda propriamente não o era. Os achados que Iúri Andréievitch fizera na casa, além de outros indícios, haviam-no preparado para esse encontro. Estava ali, era evidente, o homem a quem pertenciam as provisões encontradas na casa. O médico tinha a impressão familiar de já tê-lo visto antes. Decerto o visitante também fora advertido de que a casa não estava vazia. Não estava tão surpreso em vê-la ocupada. Talvez o houvessem prevenido sobre quem ele encontraria. Talvez ele também conhecesse o médico.

"Quem é? Quem é?" Iúri Andréievitch vasculhava angustiadamente a memória. "Meu Deus, onde foi que o vi? Será possível? Uma manhã quente de maio, não sei mais de que ano. A estação de Razvílie. O vagão do comissário que não pressagiava nada de bom. Ideias claras, retidão, rigor de princípios, justiça, justiça, justiça. Strélnikov!"

16

Já conversavam havia muito tempo, várias horas seguidas, como bem sabem conversar os russos na Rússia, em particular aqueles que estão assustados e angustiados, e os que estão perturbados e frenéticos; e, no final das contas, era assim que todos se encontravam naquela época. A noite se aproximava. Escurecia.

Além da loquacidade inquieta que era, então, um atributo de todos, Strélnikov falava sem parar por algum outro motivo.

Não se fartava de falar e se agarrava com todas as forças à conversa com o médico para fugir à solidão. Temeria os remorsos da consciência ou estaria sendo perseguido por lembranças tristes? Ou estaria esmagado pelo descontentamento consigo mesmo, que faz com que o homem se sinta insuportável e odioso, pronto a morrer de vergonha? Ou teria tomado alguma decisão terrível, inelutável, com a qual não queria ficar a sós, e cuja execução adiava porquanto ainda fosse possível estar na companhia do médico e conversar com ele?

O que quer que fosse, Strélnikov escondia algo importante, um segredo que lhe pesava, sem deixar de ser pródigo em confidências sobre todo o resto.

Era a doença do século, a loucura revolucionária da época. Os pensamentos de todos diferiam de suas palavras e de seus comportamentos. Ninguém tinha a consciência limpa. Todos tinham razões para se sentir culpados por tudo, malfeitores secretos, impostores ocultos. Ao menor pretexto, sua imaginação se rebelava contra si mesmos e o desencadeamento não conhecia limites. As pessoas inventavam, se autocaluniavam, não apenas sob o efeito do medo, mas seguindo uma vertigem de destruição voluntária, num estado de transe metafísico, na paixão da autoacusação que não se detém mais depois de conduzida à rédea solta.

Quantas confissões de condenados à morte, orais ou escritas, não foram lidas ou ouvidas por Strélnikov em seu tempo de chefe militar, tendo muitas vezes presidido cortes marciais! E eis que agora, possuído pela mesma fúria de autoacusação, ele refazia o processo de sua vida inteira, tirava conclusões, desfigurava tudo de modo febril e delirante.

Strélnikov narrava em desordem, saltando de uma confissão a outra.

— Isso aconteceu perto de Tchitá. Você se impressionou com todas as coisas curiosas com que enchi os armários e gavetas da casa? Tudo isso provém dos confiscos que efetuamos no momento da ocupação da Sibéria Oriental pelo Exército Vermelho. Claro que não trouxe isso tudo sozinho. A vida sempre me agraciou com pessoas leais e devotadas. As velas, os fósforos, o café, o chá, o papel, a tinta e todo o resto provêm em parte dos estoques militares dos tchecos, em parte dos estoques japoneses e ingleses. É uma maravilha, não é verdade? "Não é verdade?" era a expressão favorita da minha mulher, você deve ter observado. Não sei se devo lhe dizer isso agora, mas vou confessar. Eu vim para ver minha mulher e minha filha. Me avisaram tarde demais que elas estavam aqui. E as perdi. Quando soube por boatos sobre a sua ligação com ela e quando disseram o nome "dr. Jivago", imediatamente me lembrei, dentre todos os milhares de rostos que passaram diante dos meus olhos durante todos esses anos, daquele médico que um dia

me trouxeram para interrogar.

— E o senhor se arrependeu de não tê-lo mandado fuzilar?

Strélnikov deixou essa observação sem resposta. Talvez ele nem tenha percebido que o interlocutor interrompia seu monólogo com uma inserção pessoal.

— Claro que senti ciúmes dela com o senhor e ainda sinto. E poderia ser diferente? Escondi-me nesta região apenas nos últimos meses, depois que descobriram meus outros abrigos no Oriente. Pretendiam me submeter a um tribunal militar por uma denúncia mentirosa. Não é difícil adivinhar qual seria o desfecho. Não reconheci nenhuma culpa. Tinha esperanças de me justificar e de defender o meu nome no futuro, em circunstâncias mais favoráveis. Decidi desaparecer a tempo, antes que me prendessem, e, nesse ínterim, me esconder, levar uma vida errante, marginal. Talvez eu tivesse me salvado, no final das contas, se um jovem aventureiro que tinha a minha confiança não tivesse me traído.

"Parti para oeste a pé, no inverno, através de toda a Sibéria, escondendo-me, passando fome. Enterrava-me em montes de neve, pernoitava nos trens imobilizados ao longo de toda a Transiberiana, havia uma fileira interminável deles, debaixo da neve.

"Minhas andanças me puseram frente a frente com um menino vadio que dizia ter escapado de uma execução coletiva pelos *partisans*. Pelo que disse, foi apenas ferido, conseguiu se arrastar entre a massa de corpos, recuperou-se e depois passou a errar por tocas e covis como eu. Ao menos foi o que me contou. Um menino pervertido, atrasado, repetente e expulso do colégio por incapacidade."

À medida que Strélnikov acrescentava detalhes, o médico reconhecia o menino.

— Ele se chama Teriénti Galúzin?

— Sim.

— Neste caso, tudo o que contou sobre os *partisans* e a execução é verdade. Não inventou nada.

— O único traço bom desse menino é que ele adorava loucamente a mãe.

O pai foi feito refém e desapareceu. Ele soube que a mãe estava na prisão e que teria o mesmo destino do pai, e decidiu fazer de tudo para libertá-la. Na Tcheká do distrito, onde se apresentou como culpado oferecendo serviços, concordaram em perdoá-lo à condição de que entregasse alguma boa presa. Ele indicou o meu esconderijo. Consegui antever a traição dele e desaparecer a tempo.

"Ao preço de esforços fantásticos e muitas aventuras, atravessei a Sibéria e cheguei aqui, onde, justamente porque todos me conhecem, não esperavam me encontrar; não supunham que eu teria tamanha ousadia. E de fato, me procuraram por muito tempo perto de Tchitá, enquanto eu me ocultava aqui nesta casinha ou em outros refúgios da região. Mas agora é o fim. Já me descobriram. Escute. Está anoitecendo. Não gosto desta hora, porque já perdi o sono há muito tempo. O senhor deve conhecer esse suplício. Se ainda não queimou todas as minhas velas — belas velas de estearina, não é verdade? — vamos conversar mais. Podemos conversar o quanto o senhor puder aguentar, com todo o luxo, a noite toda, à luz de velas."

— As velas estão intactas. Só abri um pacote. Usei o querosene que encontrei aqui.

— Tem pão?

— Não.

— Vive de quê? Aliás, essa é uma pergunta estúpida. Eu sei. De batatas.

— Sim. Tem à vontade. Os proprietários eram experientes e precavidos. Sabiam como armazená-las. Estão bem conservadas no subsolo. Não apodreceram nem congelaram.

De repente, Strélnikov se pôs a falar da revolução.

17

— Nada disso lhe diz respeito. O senhor não pode compreender. Foi educado de outra maneira. Havia o mundo dos subúrbios, o mundo das ferrovias e dos alojamentos de trabalhadores. A sujeira, a promiscuidade, a miséria. O homem ultrajado em cada trabalhador, a mulher aviltada. Havia

a impunidade insolente e debochada dos filhinhos de papai, dos estudantes engomadinhos e dos filhos de mercadores. Com deboche ou acessos de irritação e desprezo se livravam das lágrimas e lamentos dos espoliados, dos ofendidos. Que olimpo de parasitas, notáveis apenas por não se preocupar com nada, não buscarem nada, não dar nem deixar nada ao mundo!

"Mas nós assumimos a vida como uma campanha militar, carregamos pedras por aqueles que amamos. E se não lhes trouxemos nada além de sofrimentos, também não os ofendemos, porque nos tornamos ainda mais mártires do que eles.

"Mas antes de continuar, considero meu dever dizer-lhe o seguinte. Eis o quê. É preciso que o senhor parta daqui o quanto antes, se quiser continuar vivo. Estão fechando o cerco atrás de mim e, independente de como termine tudo, o senhor já está comprometido, já está implicado nos meus negócios pelo simples fato da nossa conversa. Além disso, há muitos lobos por aqui, outro dia tive que atirar para me proteger."

— Ah, então foi o senhor que atirou?

— Sim. O senhor ouviu, não? Eu me dirigia a outro abrigo, mas não cheguei até lá, percebi por certos sinais que o tinham descoberto, as pessoas do local com certeza foram mortas. Não ficarei aqui por muito tempo. Passarei a noite e irei embora amanhã de manhã. Assim, com a sua permissão, vou continuar.

"Mas será que os jovens de Tviérskie-Iámskie,[3] os janotas com boné de lado e calça com presilhas, que corriam com suas garotas em carruagens descobertas, só existiam em Moscou, apenas na Rússia? A rua, a rua noturna, a rua noturna do século, os trotadores, os baios, existiam em toda parte. O que unificou a época, o que moldou o século XIX em um único segmento histórico? O nascimento do pensamento socialista. As revoluções eclodiam, os jovens altruístas subiam nas barricadas. Os publicitários quebravam a cabeça para encontrar meios de refrear a imprudência bestial do dinheiro e exaltar e defender a dignidade humana dos miseráveis. Surgiu o marxismo. Ele revelou a raiz do mal e o meio de sobrepujá-lo. Tornou-se a grande força do século. E tudo isso era o Tviérskie-Iámskie da época, a imundície e o

resplendor de santidade, a depravação e os aposentos dos operários, as proclamações e as barricadas!

"Ah, como ela era linda, quando menina, ginasiana! O senhor não faz ideia. Ela costumava visitar uma colega de classe numa casa habitada pelos empregados da linha Bréstskaia. Era assim que se chamava a ferrovia, depois trocou de nome muitas vezes. Meu pai, que é membro atual do tribunal de Iuriátin, servia na época como mestre naquela estação. Eu frequentava essa casa e a encontrava. Era ainda uma menina, mas já se lia em seu rosto, nos seus olhos, a inquietação, o alarme do século. Todos os temas da época, todas as lágrimas e ofensas, todos os impulsos, todo o ressentimento acumulado e todo o orgulho estavam marcados no rosto dela, na postura, na mistura do recato virginal e da esbelteza audaciosa. Podia-se acusar o século em seu nome, por seus lábios. Concorde que isso não era pouca coisa. Isso se assemelha a uma predestinação, a uma marca do destino. É necessário possuir isso de nascença, ter o direito a isso."

— O senhor fala maravilhosamente dela. Eu a vi nessa mesma época, exatamente como acaba de descrever. A estudante ginasiana se aliava nela à heroína de um mistério nada infantil. Sua sombra estendia-se pela parede, vigilante e autodefensiva. Era assim que eu a via. Assim me recordo. O senhor exprimiu isso de forma surpreendente.

— O senhor a viu e se lembra? E como foi isso?

— Essa é outra história.

— Pois veja, todo o século XIX, com todas as revoluções em Paris, várias gerações de emigrados russos a começar por Herzen, todos os projetos regicidas abortados ou executados, todos os movimentos operários do mundo, todo o marxismo nos parlamentos e universidades da Europa, todo o novo sistema de ideias com a novidade e rapidez de suas conclusões, com sua ironia, todos os meios impiedosos elaborados em nome da piedade, tudo isso foi absorvido e de maneira generalizada expresso por Lênin, para, em represália personificada pelo que foi feito, se abater sobre o passado.

"Ao lado dele, ergueu-se a imagem inesquecível e imensa da Rússia, que, de repente, se acendeu aos olhos de todo o mundo como uma pira expiatória

para todas as aflições e adversidades da humanidade. Mas por que eu lhe conto tudo isso? Para o senhor certamente isso não é mais que tilintadas de címbalo, sons vazios.

"Graças a essa menina eu ingressei na universidade, graças a ela me tornei professor e assumi um posto em Iuriátin, que antes eu não conhecia. Devorei uma multidão de livros e adquiri uma imensa quantidade de conhecimentos para lhe ser útil e estar ao lado dela sempre que precisasse da minha ajuda. Eu me engajei no Exército depois de três anos de casamento para reconquistá-la, e depois da guerra e do meu retorno da prisão, aproveitei-me do fato de me darem por morto para me consagrar inteiro à revolução sob um falso nome, e para vingar até o fim tudo o que ela sofrera, para apagar para sempre todas as tristes lembranças, para que não fosse mais possível retornar ao passado, para que não houvesse mais Tviérskie-Iámskie. E elas estavam ali ao lado, ela e minha filha, elas estavam ali! Que força não me foi necessária para sufocar o desejo de me lançar para elas, de revê-las! Mas eu queria levar até o fim a minha tarefa. Ah, o que eu não daria agora para olhá-las apenas uma vez! Quando ela entrava no quarto, era como se a janela se escancarasse, como se o quarto se enchesse de luz e de ar."

— Percebo como ela lhe é querida, mas, desculpe-me, o senhor tem ideia do amor que ela lhe devota?

— Perdão. O que disse?

— Eu disse, o senhor pode imaginar a que grau o senhor é amado por ela, mais amado que tudo no mundo?

— Como o senhor sabe disso?

— Ela mesma me disse.

— Ela? Ao senhor?

— Sim.

— Perdão. Eu entendo que o meu pedido é inexequível, mas se a discrição lhe permitir, se estiver dentro das suas forças, tente, por favor, reconstituir com toda a precisão possível o que ela lhe disse exatamente.

— Com prazer. Ela o chamou de homem exemplar, de uma autenticidade superior e singular, disse que nunca encontrou alguém

semelhante, e que se nos confins da Terra de novo brilhasse a visão da casa que um dia partilhou com o senhor, ela se arrastaria em sua direção de joelhos, de onde estivesse, ainda que do fim do mundo.

— Perdão. Se isso não envolver nada de sagrado para o senhor, poderia me dizer quando e em que circunstâncias ela lhe disse isso?

— Ela arrumava este quarto. Depois, saiu para sacudir o tapete.

— Desculpe, que quarto? Há dois, aqui.

— O maior.

— O tapete é pesado para ela. O senhor a ajudou?

— Sim.

— Vocês o seguravam de lados opostos e ela se jogava para trás, lançando com os braços o tapete para o ar como um balanço, girava a cabeça para evitar a poeira que voava, apertava os olhos e gargalhava? Não é verdade? Como conheço seus hábitos! Em seguida, vocês se dirigiram um para o outro dobrando o tapete inicialmente em dois, depois em quatro, e ela gracejava e se divertia ao mesmo tempo? Não é verdade? Não é verdade?

Eles se levantaram, dirigiram-se para janelas diferentes e se puseram a olhar em direções diversas. Depois de um curto silêncio, Strélnikov se aproximou de Iúri Andréievitch. Tomando-o pelas mãos e levando-as ao peito, acrescentou com a mesma pressa:

— Perdão, eu entendo que toco em algo precioso, íntimo. Mas se for possível, gostaria ainda de lhe fazer algumas perguntas. Mas não vá embora. Não me deixe só. Eu mesmo vou partir logo. Mas pense, seis anos de separação, seis anos, de um controle inimaginável. No entanto, me parecia que a liberdade ainda não estava inteiramente conquistada. Eu deveria antes conquistá-la e depois poderia lhes pertencer por inteiro, minhas mãos estariam livres. E agora, tudo foi reduzido a pó. Amanhã, vão me apanhar. O senhor é uma pessoa próxima e cara a ela. Talvez a reveja um dia. Ah, não, o que eu lhe peço? É loucura. Vão me apanhar e não me darão chance de me justificar. Vão se atirar sobre mim, me calarão com gritos e injúrias. Acaso não sei como acontece?

18

Iúri Andréievitch finalmente dormiu um sono de verdade. Pela primeira vez em muito tempo, sem se dar conta, mal se deitou, adormeceu. Strélnikov ficou para passar a noite. Iúri Andréievitch o instalou no quarto vizinho. Nos curtos momentos em que Iúri Andréievitch abria os olhos para se virar na cama ou apanhar a coberta que caíra no chão, sentia a força vivificante do bom sono e voltava a dormir com deleite. Na segunda parte da noite, teve uma série de sonhos breves, sensíveis, ricos em detalhes sobre sua infância, e que podia tomar por realidade.

Assim, por exemplo, uma aquarela de sua mãe representando uma costa italiana estava suspensa na parede até que se desprendeu e caiu por terra, e o barulho do vidro se partindo o acordou. Abriu os olhos. Não. É outra coisa. É sem dúvida Antípov, o marido de Lara, Pável Pávlovitch, Strélnikov, que novamente, como dizia Vakkh, assusta os lobos na Chutmá. Mas não, que bobagem. É claro que é o quadro que se desprendeu da parede. Estão lá, no chão, todos os cacos do vidro espatifado, afirmou para si, novamente absorvido pelo sonho que se prolongava.

Assim que se levantou, sentiu dor de cabeça por ter dormido muito. Não se deu conta imediatamente de quem era, onde estava, em que mundo se achava.

Súbito, lembrou-se. "Sim, claro, Strélnikov passou a noite aqui. Já é tarde. Preciso me vestir. Certamente ele já se levantou. Caso contrário, eu o chamarei, vou preparar um café e tomaremos juntos."

— Pável Pávlovitch!

Não houve resposta. "Talvez ainda durma. Deve ter um sono profundo." Iúri Andréievitch se vestiu sem pressa e entrou no quarto vizinho. O chapéu cossaco de Strélnikov estava sobre a mesa, mas ele mesmo não estava na casa. "Deve ter saído para dar uma volta", pensou o médico. "E sem chapéu. Quer adquirir resistência. Hoje eu deveria fincar uma cruz em Varíkino e ir para a cidade. Mas está tarde. Dormi muito de novo. E é assim toda manhã."

Iúri Andréievitch acendeu o fogo na cozinha, pegou um balde e foi ao

poço buscar água. A alguns passos do terraço, havia uma vereda. Nela, estava estendido de través o corpo de Pável Pávlovitch, a cabeça enfiada num monte de neve. Havia se suicidado. A neve, embebida de sangue, formava uma redoma vermelha sob sua têmpora esquerda. As pequenas gotas que se espalharam haviam se misturado com a neve e formavam pequenas bolhas vermelhas, semelhantes às bagas geladas da sorveira.

---

1. Fidalguia rural.
2. Abreviação de Ispolnítelni Komitet, Comitê Executivo.
3. Quarteirões luxuosos de Moscou, antes da revolução.

DÉCIMA QUINTA PARTE
O FIM

1

Resta contar a história singela dos últimos oito ou nove anos da vida de Iúri Andréievitch, ao longo dos quais ele paulatinamente decaiu, abandonando-se e perdendo os conhecimentos da medicina e os hábitos e habilidades de escritor. De tempos em tempos, ele emergia do estado de depressão e desânimo, animava-se e retomava certa atividade; mas depois dessa breve excitação, caía de novo numa indiferença prolongada consigo mesmo e com tudo no mundo. Nesses anos, progredia consideravelmente a antiga doença do coração que, havia tempos, ele diagnosticara em si mesmo, mas de cuja gravidade não suspeitava.

Chegou a Moscou no início da NEP,[1] o mais equivocado e falso dos períodos soviéticos. Magro, desgrenhado, parecia ainda mais selvagem do que quando alcançou Iuriátin, depois de fugir do campo dos *partisans*. Pelo caminho, aos poucos se desfez de tudo de valor que possuía em troca de pão e de algumas roupas esfarrapadas, apenas para não ficar nu. Foi assim que comeu o seu segundo casaco de pele e o terno de duas peças, e quando surgiu nas ruas de Moscou portava um chapéu cossaco de pele cinza, polainas e um capote de soldado gasto, rasgado e sem botões, que mais lembrava uma vestimenta de prisioneiro. Com essa aparência, nada o distinguia dos incontáveis soldados do Exército Vermelho que inundavam as praças, bulevares e estações da capital.

Não chegou sozinho a Moscou. Um jovem camponês, belo rapaz, vestido como ele em capote de soldado, seguia-o por toda parte. Era com esse aspecto que ambos se mostravam no que ainda subsistia dos salões de Moscou, onde Iúri Andréievitch passara sua infância e onde ainda se lembravam dele e o recebiam com seu companheiro, depois de lhes perguntarem cautelosamente, por precaução, se haviam passado pelos banhos públicos, pois o tifo seguia causando devastação. Foi lá que Iúri Andréievitch soube, já nos primeiros dias, a respeito das circunstâncias em que se deu a viagem de sua família de Moscou para o estrangeiro.

Ambos evitavam as pessoas e, por uma timidez exacerbada, procuravam não aparecer sozinhos em visita, uma vez que seria impossível ficar em silêncio, teriam necessariamente que sustentar a conversação. Essas duas figuras desengonçadas costumavam comparecer à casa dos amigos quando havia reuniões, colocavam-se em algum canto discreto para não chamar a atenção e passavam a noite em silêncio, sem participar da conversa geral.

Sempre acompanhado do jovem rapaz e com o aspecto magro, comprido e maltrapilho, o médico mais parecia um desses homens do povo que erravam em busca da verdade, enquanto o camponês que o escoltava lembrava um discípulo obediente e cegamente devotado ao mestre. Quem era afinal esse jovem companheiro?

2

Iúri Andréievitch percorreu de trem a última parte da viagem, já perto de Moscou, mas até lá todo o trajeto foi feito a pé.

As aldeias por que passava ofereciam um espetáculo nada melhor do que o cenário visto na Sibéria e nos Urais por ocasião de sua fuga dos Irmãos dos Bosques. A única diferença é que naquela época era pleno inverno e agora, nesse final de verão, a temperatura amena e seca da entrada do outono tornava a viagem bem mais fácil.

A metade dos povoados que atravessava estava deserta como se depois de uma incursão inimiga, os campos estavam abandonados e a safra não fora

colhida, o que era um indício da guerra recente, da guerra civil.

Durante dois ou três dias do fim de setembro, Iúri Andréievitch caminhou por uma estrada que ladeava a margem alta e escarpada de um rio. As águas desse rio fluíam em sentido contrário e à sua direita. À esquerda, da beira da estrada à linha do horizonte carregada de nuvens, os campos não ceifados se estendiam a perder de vista. De tempos em tempos, os campos cediam lugar a bosques de folhagens densas onde predominavam o carvalho, o olmo e o bordo. Dos bosques, desciam ravinas profundas em direção ao rio, cortando a estrada com suas depressões e encostas íngremes.

Nos campos abandonados, o centeio escapava das espigas maduras e se esparramava pela terra. Iúri Andréievitch os apanhava aos punhados e os levava inteiros à boca, triturando-os entre os dentes com grande dificuldade, alimentando-se dessa forma nas situações mais difíceis, quando não tinha condições de cozinhá-los e torná-los *kacha*. Seu estômago digeria mal essa massa crua e pouco mastigada.

Iúri Andréievitch nunca tinha visto centeio como aquele, de um tom sinistro, castanho-escuro, semelhante a ouro velho manchado. Quando colhido no tempo certo, era bem mais claro.

Esses campos cor de fogo, que ardiam sem chamas e que gritavam, mudos, por socorro, cingiam-se ao vasto céu, cuja fria serenidade já indicava a aproximação do inverno. Longas nuvens laminadas, negras no centro e brancas nas bordas, percorriam incessantemente o espaço celestial, como sombras em um rosto.

Um movimento lento e regular animava todas as coisas. O fluxo do rio. O caminho em sentido contrário à correnteza. A marcha do médico na estrada. As nuvens, que deslizavam na mesma direção que ele. Mas os campos também não estavam imóveis. Algo neles se movia em persistente e nauseante formigamento.

Uma imensa quantidade de ratos, nunca vista até então, grassava pelas plantações. E se precipitava sobre as mãos e o rosto do médico e penetrava nas mangas e na calça, quando a noite o surpreendia no campo e lhe era necessário deitar em algum lugar para pernoitar. Durante o dia, bandos

incomensuráveis e saciados corriam pela estrada aos pés do viajante e, quando esmagados, guinchavam e se transformavam em uma lama escorregadia.

O médico era seguido à distância por terríveis matilhas de cachorros, peludos e selvagens das aldeias, ameaçadores, que pareciam trocar olhares cúmplices como se decidissem o momento certo de cair sobre ele e rasgá-lo em pedaços. Alimentavam-se de carniça, mas não desdenhavam os ratos que pululavam pelo campo e, observando o médico de longe, moviam-se decididos atrás dele como que à espera de alguma coisa. No entanto, quando o médico se aproximava de algum bosque, eles, por alguma razão, deixavam-se distanciar pouco a pouco, não ousando adentrá-lo; faziam meia-volta e desapareciam.

O bosque oferecia um contraste absoluto em relação ao campo. Os campos abandonados pelo homem pareciam desolados, como se a sua ausência os entregasse a uma maldição. Livres dos homens, os bosques resplandeciam, como prisioneiros cuja liberdade fosse restabelecida.

Geralmente os habitantes das aldeias, sobretudo as crianças, não deixavam amadurecer as nozes, quebrando-as ainda verdes. Agora, as encostas e as ravinas arborizadas estavam totalmente cobertas por uma folhagem intocada, áspera e dourada, que a cresta outonal parecia empoeirar e envolver. Dessa folhagem, destacavam-se, como buquês atados por fitas, cachos contendo três ou quatro nozes maduras que mal se sustentavam, prontas para cair das hastes. Enquanto caminhava, Iúri Andréievitch seguia quebrando-as e mordiscando. Seus bolsos estavam recheados, sua sacola, repleta. Ao longo daquela semana, as nozes foram seu principal alimento.

O médico tinha a impressão de ver os campos no ápice do delírio febril de alguma doença grave, e os bosques na serenidade da convalescença; parecia-lhe que os bosques eram habitados por Deus, enquanto nos campos serpenteava o sorriso zombeteiro do diabo.

Foi justamente nesses dias, nessa parte da viagem, que o médico entrou em uma aldeia reduzida a cinzas e abandonada por seus habitantes. Antes do incêndio, as casas tinham sido construídas em uma só fileira e do mesmo lado da estrada, a partir do rio. A margem do rio permanecia sem construções.

Na aldeia, podiam-se contar algumas casas intactas, apenas enegrecidas e queimadas por fora. Mas elas também estavam vazias, desabitadas. As outras isbás se transformaram em pilhas de carvão, das quais sobressaíam os tubos das chaminés enegrecidos pela fuligem.

As margens íngremes do rio estavam cheias de buracos pelas extrações regulares de mós, o principal meio de subsistência dos antigos habitantes. Três dessas pedras redondas, ainda não completamente talhadas, jaziam sobre a terra em frente à última isbá da fileira, uma das que haviam permanecido intactas e também abandonadas.

Iúri Andréievitch entrou nela. O cair da tarde estava calmo, mas assim que o médico adentrou a isbá, o vento irrompeu. Meadas de feno e de estopa puseram-se a rolar pelo chão, nacos de papel descolado se agitaram ao longo das paredes. Tudo na isbá se moveu e farfalhou. Os ratos, que pululavam por ali como em toda a região, dispararam em fuga, guinchando.

O médico saiu da isbá. O sol descia por trás dos campos. O pôr do sol inundava com um clarão quente e dourado a margem oposta, onde arbustos esparsos e remansos estendiam até o meio do leito do rio a cintilação de seus reflexos moventes. Iúri Andréievitch atravessou a estrada e se sentou para repousar sobre uma das mós deixada sobre a relva.

Nesse momento, surgiu por cima da borda do barranco uma cabeça ruiva e desgrenhada, depois os ombros, depois os braços. Alguém vinha subindo pela trilha do rio com um balde cheio de água. A pessoa viu o médico e estancou, mostrando-se até a cintura.

— Quer matar a sede, bom homem? Não me faça mal, e eu também não te tocarei.

— Sim, obrigado, me dê um pouco de água. Pode sair, não tenha medo. Por que eu te faria mal?

A pessoa que trazia água era um adolescente. Estava descalço, maltrapilho e descabelado.

Apesar das palavras amistosas, fixou sobre o médico um olhar inquieto e penetrante. Por algum motivo, o rapaz pareceu estranhamente emocionado. Pousou o balde no chão, lançou-se em direção ao médico e, parando a meio caminho, murmurou:

— Não é… Não é… Não, não pode ser, estou imaginando coisa. Desculpe, camarada, permita que eu faça uma pergunta. O senhor me pareceu uma pessoa conhecida. Sim! Sim! Tio, o senhor é o doutor?

— E você, quem é?

— Não me reconhece?

— Não.

— Viajamos juntos de Moscou, no mesmo vagão. Fui mandado para trabalhos forçados, sob escolta.

Era Vássia Bríkin. Ele se atirou aos pés do médico, beijou-lhe as mãos e chorou.

A aldeia incendiada era Veretiénnik, a terra natal do rapaz. Sua mãe já não estava entre os vivos. Durante a expedição punitiva e o incêndio, Vássia se escondeu em uma gruta subterrânea formada pela extração de um bloco de pedra. A mãe supôs que o tivessem levado para a cidade, a dor a enlouqueceu e ela se afogou naquele mesmo rio Pelga, às margens do qual o médico e Vássia conversavam nesse momento. As irmãs de Vássia, Aliônka e Aríchka, pelo que diziam, encontravam-se em outro distrito, num orfanato. Iúri Andréievitch levou o jovem consigo para Moscou. Pelo caminho, Vássia lhe relatou todo tipo de horror.

4

— Tudo isso que está se perdendo é a safra do outono. Nós tínhamos acabado de semear quando começaram as desgraças. Foi depois da partida da tia Pólia. O senhor se lembra da tia Palacha?

— Não. Não conheço. Quem é?

— Como não conhece? Pelagueia Nílovna! Viajava conosco. Tiagunova. Com um rosto assim aberto, gorda, branca.

— É uma que fazia e desfazia as tranças?

— Sim, as tranças, as tranças! Ela mesma. As tranças!

— Ah, estou me lembrando. Espere um pouco. Eu me encontrei com ela mais tarde, na Sibéria, numa cidade, na rua.

— Verdade? Tia Palacha?

— O que há com você, Vássia? Por que está sacudindo as minhas mãos feito doido? Vai acabar arrancando. E fica ruborizado como uma menina.

— E como ela estava? Conte logo, conte.

— Quando a vi, estava bem e com saúde. Contou sobre vocês. Parece que ela morou na sua casa, ou esteve de visita, não lembro exatamente. Talvez eu esteja misturando as coisas.

— Mas está certo, está certo! Ficou lá em casa, lá em casa! Mãezinha gostava dela como se fosse a própria irmã. Era tranquila. Trabalhadora. Prendada. Enquanto ela vivia conosco, não faltava nada. Puseram ela para fora de Veretiénnik, não davam sossego com os mexericos.

"Tinha um mujique na aldeia, Kharlam Gnilói, ele vivia rodeando tia Palacha. Era um tremendo delator. Mas ela nem olhava para ele. E ele arreganhava os dentes pra mim por causa disso. Falava mal de nós dois, de mim e de tia Pólia. Então, ela foi embora. Não aguentou mais. Foi aí que começou.

"Teve um assassinato terrível perto daqui. Mataram uma viúva que vivia sozinha numa granja do bosque, ao lado de Búiski. Ela morava na entrada do bosque. Andava de botas de homem com aba e presilha de borracha. E tinha um cachorro feroz que corria em volta da casa preso na corrente, em volta da cerca de arame. Chamavam de Gorlán. Ela cuidava de tudo sozinha, da casa, da terra, sem ajuda. Pois, então. O inverno chegou antes do tempo, ninguém esperava. A neve caiu cedo. A viúva não teve tempo de colher as batatas. Ela chega a Veretiénnik: me ajudem, eu pago com dinheiro ou dou uma parte da colheita, ela diz.

"Eu me ofereci para desenterrar as batatas. Voltei com ela para a granja, e

Kharlam já estava lá. Ele se ofereceu antes de mim. E ela não me disse nada. Bem, a gente não ia brigar por isso. Trabalhamos juntos. O tempo estava horrível. Chuva, neve, lama, sujeira. Cavamos, cavamos, queimamos as ramas e secamos as batatas na fumaça. Desenterramos tudo e ela nos pagou direitinho. Ela liberou Kharlam, mas, pra mim, piscou o olho, garoto, eu tenho mais uma coisinha pra você, volte depois ou espere aí.

"No outro dia, voltei lá. Eu não quero entregar o excedente das batatas pro governo, ela diz. Você é um bom rapaz, eu sei que não vai me delatar. Vê como não escondo nada de você. Eu queria cavar um buraco para enterrar, mas com esse tempo, olha como está o pátio; me atrasei, já é inverno. Sozinha, não vou conseguir. Cave um buraco pra mim, não vai se arrepender. Vamos secar e enterrar.

"Eu cavei o buraco do jeito que deve ser um esconderijo, mais largo no fundo, como um jarro, o pescoço estreito. Secamos e aquecemos o buraco com fumaça. E bem no meio duma tempestade de neve. Escondemos as batatas, tudo direitinho, cobrimos com terra. Nem um mosquito ia desconfiar. E bico calado, claro. Não falei disso pra ninguém. Nem pra mãezinha, nem pras irmãs. Deus me livre!

"Daí que, mal passou um mês, a granja foi pilhada. Umas pessoas que vieram de Búiski passaram em frente e viram a casa aberta, tudo vazio, a viúva sumiu, o cachorro Gorlán fugiu, a corrente estava arrebentada.

"Passou outro tempo. No primeiro degelo de inverno, perto do Ano-Novo, na véspera de São Basílio, caiu uma chuva que lavou a neve até a terra aparecer. Gorlán voltou e começou a cavucar a terra com as patas, justo em cima do buraco das batatas. Cavou, cavucou, tirou a terra até que apareceram os pés da dona com as botas. Coisa horrível.

"Em Veretiénnik, todo mundo lamentava a viúva, falava dela. Ninguém pensou em culpar Kharlam. E por que pensaria? Não dava pra imaginar uma coisa dessas. Se fosse ele, então, como é que tinha coragem de continuar em Veretiénnik, de se pavonear pela aldeia? Ele teria fugido às carreiras para algum lugar bem longe.

"Mas os *kulaks* ficaram contentes com essa vilania. E se aproveitaram

disso para confundir a aldeia. Vejam como as pessoas da cidade se aproveitam de vocês — eles diziam. Isso é uma lição, um aviso pra vocês. Não escondam pão nem enterrem batatas. E vocês, idiotas, ficam repetindo que foram ladrões do bosque, inventaram ladrões do bosque na granja. Povo simplório! Continuem, continuem escutando essa gente da cidade. Ainda não mostraram pra vocês do que são capazes, vão mostrar melhor, vão levar vocês a morrer de fome. Se querem saber o que é bom pra aldeia, é a nós que devem seguir. Ensinaremos uma ou duas coisas. Quando vierem confiscar o que é seu, o que ganharam com o próprio suor; vocês devem dizer — como assim, excedente? Onde? Nós não temos um único grão nem para nós mesmos. Mas, por precaução, peguem o forcado. Se alguém vier contra a comuna, que se cuide! Então, os velhos começaram a ruminar, a se gabar, a se reunir. O Kharlam-delator só precisava disso. Passou a mão no chapéu e se mandou pra cidade. E lá, chu-chu-chu, e é isso que se passa na aldeia, e vocês vão ficar aí sentados, olhando? Precisam levar até lá o comitê de pobreza. Se me ordenarem, eu coloco irmão contra irmão num instante. E se mandou, nunca mais botou o pé na região.

"O que veio depois aconteceu por si mesmo. Ninguém armou nada, ninguém é culpado disso. Mandaram soldados vermelhos da cidade. E veio um tribunal de fora. Vieram justo atrás de mim. Kharlam fez intriga. Que eu fugi do trabalho forçado, que incitei a aldeia a se amotinar, que matei a viúva. Fui preso. Por sorte, consegui arrancar uma tábua e fugi. Me escondi debaixo da terra, numa gruta. Em cima da minha cabeça, a aldeia queimava e eu não via nada. Em cima de mim, mãezinha querida se jogou num buraco de gelo no rio, e eu não sabia. Tudo aconteceu por si mesmo. Os soldados dormiam todos juntos numa mesma isbá, se embebedaram de vinho até a morte. De noite, por descuido, puseram fogo na casa, e o fogo foi se espalhando para as outras. Os nossos, quando foram surpreendidos, pularam fora das casas e fugiram, mas os soldados, ninguém pôs fogo na isbá deles, claro, eles queimaram vivos até o último. Ninguém expulsou os nossos da aldeia incendiada, eles fugiram por si mesmos, com medo de que acontecesse ainda mais alguma coisa ruim. De novo, os velhos provocaram,

vão fuzilar um décimo da população. Eu não vi ninguém, todos já tinham se ido pelo mundo, buscar outro lugar qualquer."

5

O médico e Vássia chegaram a Moscou na primavera de 1922, no início da NEP. Eram dias amenos e claros. Pinceladas de luz solar, refletidas pelas cúpulas douradas da catedral do Salvador, incidiam sobre as pedras quadrangulares da praça e sobre a relva que crescia entre elas.

Os empreendimentos privados não eram mais proibidos, o comércio era livre, embora severamente regulamentado. Os negócios se faziam em pequena escala, uma vez que a circulação de bens se limitava às trocas realizadas por trapeiros em mercados de pulga. As dimensões liliputianas dessas trocas terminaram por incentivar a especulação e levaram a abusos. A movimentação precária dos negociantes não produzia nada de novo, não propiciava nenhum ganho substancial à cidade devastada. Mas na revenda improdutiva de mercadorias dez vezes vendidas e revendidas, acumulavam-se pequenas fortunas.

Os que possuíam qualquer modesta biblioteca em casa reuniam todos os livros dos armários e solicitavam ao conselho municipal autorização para abrir uma livraria cooperativa. Atribuíam-se a eles os locais. Obtinham alguma loja de calçados ou estufa de flores, vazias ou fechadas após os primeiros meses da revolução; e então, vendiam, debaixo de espaçosas abóbadas, suas minguadas coleções, reunidas ao acaso.

As mulheres de professores que antes, nos tempos difíceis, contrariavam as interdições, produzindo e vendendo às escondidas pequenos pães brancos, agora os vendiam abertamente em algum lugar registrado como oficina de bicicletas e disponível durante esses anos. Mudaram de opinião, aceitaram a revolução e passaram a dizer "pode apostar" em vez de "sim" ou "está bem".

Em Moscou, Iúri Andréievitch disse:

— Você deve se ocupar com alguma coisa, Vássia.

— Eu gostaria de estudar.

— Certamente.

— Eu tenho um sonho. Gostaria de desenhar o rosto da mãezinha, de memória.

— Muito bem. Mas para isso, tem que saber desenhar. Você já tentou alguma vez?

— Em Apráksin, quando o tio me deixava em paz, eu desenhava com carvão.

— Pois bem, isso se arranja. Vamos tentar.

Vássia não possuía grande talento para o desenho, mas era suficientemente dotado para o artesanato. Graças às suas relações, Iúri Andréievitch conseguiu introduzi-lo no programa de formação geral da antiga escola Strogánov, de onde foi transferido depois para a faculdade de poligrafia. Lá, ele aprendeu técnicas de litografia, tipografia, encadernação e a arte da ilustração de livros.

O médico e Vássia uniram seus esforços. O médico escrevia pequenas brochuras do tamanho de uma folha sobre as mais variadas questões, e Vássia as imprimia na escola a título de exercícios que contavam para os exames finais. Os livros, editados em poucos exemplares, eram distribuídos em sebos recém-abertos por conhecidos.

Os livrinhos continham a filosofia de Iúri Andréievitch, expunham suas opiniões de médico, suas definições sobre saúde e estado de enfermidade, seus pensamentos sobre transformismo e evolução, sobre a personalidade como fundamento biológico do organismo; apresentavam as considerações de Iúri Andréievitch sobre história e religião, bem próximas das ideias do seu tio e de Símuchka, e também descreviam as suas impressões sobre os locais da rebelião de Pugatchóv, por onde havia passado, além de incluir seus versos e contos.

Os materiais estavam escritos de modo acessível, sob a forma de uma conversa, mas não tinham de modo algum o objetivo de vulgarizar o conhecimento como fazem os divulgadores, pois continham opiniões livres, polêmicas, insuficientemente averiguadas, no entanto, sempre vivas e originais. Os livrinhos vendiam bem, os amadores os apreciavam bastante.

Nessa época, tudo se especializava, a versificação, a arte da tradução literária, tudo passava a ser objeto de pesquisas teóricas, criavam-se institutos para tudo. Surgia todo tipo de Palácios do Pensamento, Academias das Ideias Artísticas. Iúri Andréievitch constava como médico consultor em pelo menos metade dessas instituições pretensiosas.

Durante muito tempo, o médico e Vássia foram bons amigos e viveram juntos. Nessa época, trocavam constantemente de abrigo, abandonando, por razões distintas, os cômodos semidestruídos, inabitáveis ou desconfortáveis que ocupavam.

Assim que chegou a Moscou, Iúri Andréievitch se dirigiu à velha casa da Sívtsev Vrájek, onde lhe disseram que os seus não haviam passado por lá ao retornarem à cidade. Com o exílio da família, tudo havia mudado por lá. Os quartos que lhes pertenciam estavam ocupados e nada havia restado dos seus pertences. Todos se afastavam de Iúri Andréievitch como se fosse alguém perigoso.

Markiél havia subido de posto e não se encontrava mais ali. Administrava o conjunto de casarões de Mutchnói Gorodók, e a função lhe dava o direito de ocupar um dos apartamentos de gerente com a família. No entanto, preferiu viver na antiga casa do vigia com chão de terra batida, encanamento de água e um imenso forno russo que ocupava toda a habitação. Em todas as edificações do conjunto, os encanamentos de água e tubos de aquecimento estouravam no inverno, somente a casa do vigia permanecia aquecida e com água corrente.

Nessa época, as relações do médico com Vássia esfriaram. Vássia havia se desenvolvido extraordinariamente. Em sua forma de falar e de pensar, já não tinha nada em comum com aquele menino cabeludo e de pés descalços do rio Pelga, de Veretiénnik. A evidência e a autocomprovação das verdades proclamadas pela revolução o atraíam cada vez mais. O discurso absconso e figurado do médico, não lhe sendo inteiramente compreensível, parecia errático, condenável, fraco e evasivo.

O médico percorria constantemente diversos departamentos estatais com duas petições. De um lado, solicitava a reabilitação política de sua família e

o retorno legal à pátria; de outro, requeria um passaporte que o autorizasse a ir para o estrangeiro, ao encontro da mulher e dos filhos em Paris.

Vássia ficava surpreso com a frieza e a indolência das diligências de Iúri Andréievitch, que admitia cedo e rápido demais o insucesso dos esforços, declarava com demasiada certeza e quase com satisfação a inutilidade de prosseguir nas tentativas.

Vássia desaprovava o médico com frequência cada vez maior. Este não se ofendia com as reprovações justificadas do jovem. Mas as relações deles se desgastaram. Por fim, romperam e se separaram. O médico deixou para Vássia o quarto que ocupavam e se estabeleceu em Mutchnói Gorodók, onde o todo-poderoso Markiél lhe arrumou um canto nos fundos do antigo apartamento dos Sventítski. Esta parte, situada em uma das extremidades do apartamento, compreendia um velho banheiro inutilizado, ladeado por um quarto de uma só janela, e uma cozinha inclinada e com o rebaixamento da entrada de serviço semiarruinado. Iúri Andréievitch se arrumou por ali, mas, depois da mudança, aos poucos abandonou a medicina, entregou-se ao desleixo, deixou de encontrar os conhecidos e caiu na miséria.

6

Era um domingo cinzento de inverno. A fumaça dos fornos, em vez de se levantar em colunas sobre os telhados, escapava em finos filetes negros pelo postigo das janelas, por onde os moradores, ignorando as proibições, introduziam tubos de ferro de pequenos fogões. A vida cotidiana da cidade ainda não estava restabelecida. Os habitantes de Mutchnói Gorodók andavam sujos, sofriam de furunculose, passavam frio e gripavam-se.

Por ocasião do domingo, toda a família de Markiél Schápov estava reunida.

Os Schápov almoçavam na mesma mesa em que, nos tempos de distribuição racionada de pão, costumavam, ao amanhecer, recortar com tesoura os cupons de todos os inquilinos, classificá-los, contá-los, amarrá-los ou embrulhá-los por categoria e levá-los à padaria, retornando de lá com o

pão, que cortavam em porções, talhavam e pesavam na proporção dos habitantes do bairro. Agora, tudo isso era coisa do passado. O registro das provisões havia sido substituído por outras formas de controle. Ao redor dessa comprida mesa, comiam com apetite, mastigando ruidosamente até os músculos estalarem atrás das orelhas.

A metade da habitação era ocupada pelo amplo forno russo que se elevava no centro do cômodo e pelos leitos de tábuas suspensos acima dele e próximos ao teto, do qual pendiam as bordas das cobertas acolchoadas.

Preso à parede da entrada, um encanamento de água confluía para um lavatório. Debaixo dos vários bancos que se dispunham pelos lados do aposento, havia baús e cestos com os pertences da família. Uma mesa de cozinha ocupava o lado esquerdo com um armário de louças acima dela, fixado na parede.

O forno abrasava. O ambiente estava aquecido. De mangas arregaçadas diante do fogão, a mulher de Markiél, Agáfia Tíkhonovna, movia as panelas com um puxador comprido, ora aproximando-as, ora afastando-as, conforme a necessidade. Em certos momentos, o clarão do fogo iluminava seu rosto suado, em outros, o vapor que emanava do cozimento o embaciava. Afastando as panelas para o lado, ela retirou do fundo do forno um pastelão pousado sobre uma chapa de ferro, virou a parte superior para baixo e deixou dourar por um minuto. Iúri Andréievitch entrou nos aposentos com dois baldes.

— Pão e sal.[2]

— Tenha a bondade, sente-se. É nosso convidado.

— Obrigado, já almocei.

— Conhecemos os seus almoços. Sente-se e coma alguma coisa quente. Não faça desfeita. Temos batatas assadas na casca, pastelão com *kacha* e painço.

— Não, realmente, obrigado. Desculpe-me, Markiél, por vir tantas vezes e resfriar a sua casa. Quero juntar de vez uma reserva de água. Já lavei a banheira de zinco dos Sventítski, está brilhando, vou enchê-la até a borda. Voltarei ainda umas cinco vezes, talvez dez; depois, não os perturbarei mais

por um bom tempo. Desculpe-me novamente. Mas não tenho mais ninguém a quem recorrer.

— Pegue o quanto quiser, não precisa pedir. Não temos xarope, mas água, temos à vontade. É de graça, não vendemos.

Gargalharam à mesa.

Quando Iúri Andréievitch entrou pela terceira vez para encher o quinto e o sexto baldes, o tom já era outro e a conversa tomava outro rumo.

— Meus genros perguntam quem é você. Eu respondo, mas eles não acreditam. Pegue, pegue água, não se acanhe. Mas tome cuidado para não entornar no chão, seu desajeitado. Está vendo, já molhou a entrada. Vai congelar e depois não é você que vai quebrar o gelo com pé de cabra. E feche melhor a porta, seu atrapalhado, está entrando corrente de ar. Sim, eu estava contando aos genros quem você é e eles não me acreditam. Quanto dinheiro não gastaram com você! Estudou, estudou, e para quê?

Quando Iúri Andréievitch entrou pela quinta ou sexta vez, Markiél fez uma careta.

— Bem, mais esta vez e depois basta. Tudo tem uma medida, irmão. A nossa pequena Marina aqui é sua defensora, senão eu já teria trancado a porta, pouco se me dá se é nobre ou não. Lembra-se da Marina, não? É aquela ali na ponta da mesa, a morena. Veja só como está vermelha! Papai, não o maltrate, ela diz. Mas quem está maltratando você? Marina é telegrafista da central, ela entende palavras estrangeiras. Ele é um infeliz, ela me disse. Ela se jogaria no fogo, por pena de você. E eu lá sou culpado de você não ter se arranjado? Vocês não deviam ter se arrancado para a Sibéria e abandonado a casa naquele momento perigoso. Vocês mesmos são culpados. Nós suportamos toda aquela fome, todo o bloqueio dos brancos, não vacilamos e estamos inteiros. A culpa é só sua. Não soube cuidar da sua Tonka, agora ela vagabundeia no estrangeiro. O que eu tenho com isso? O problema é seu. Não se ofenda se eu pergunto o que vai fazer com toda essa água; por acaso foi contratado para fazer uma pista de patinação no pátio? Eh, deixe estar, não dá nem para zangar com você, pobre-diabo.

Novamente gargalharam à mesa. Marina lançou um olhar descontente

sobre a família, corou e pôs-se a repreendê-los. Iúri Andréievitch se comoveu ao ouvir sua voz, embora ainda não compreendesse o motivo.

— Há muita limpeza a fazer na casa, Markiél. É preciso uma faxina. Todo o piso. E também quero lavar algumas roupas.

Os convivas ficaram surpresos.

— Você não tem vergonha de dizer isso? Já nem digo fazer! Afinal, você não é uma lavadeira chinesa.

— Iúri Andréievitch, o senhor permita que envie minha filha. Ela pode lavar e fazer a faxina. E também pode costurar, se for necessário. Não tenha medo dele, minha filha. Ele não é como os outros, é um homem delicado. Não faz mal a uma mosca.

— Ah, não, por favor, Agáfia Tíkhonovna, não é preciso. Não concordarei nunca que Marina se suje por mim. Ela não é minha empregada. Posso fazer isso sozinho.

— Se o senhor pode se sujar, por que eu não posso? Como o senhor é teimoso, Iúri Andréievitch. Por que recusa? E se eu for assim mesmo, vai me expulsar?

Marina poderia ter sido cantora. Tinha uma voz pura e melodiosa, bem alta e forte. Embora falasse suavemente, a voz ultrapassava a altura necessária à conversa e como que se destacava de sua pessoa. Podia-se pensar que vinha de outro cômodo por trás dela. Essa voz era sua proteção, seu anjo da guarda. Ninguém desejaria ofender ou entristecer uma mulher com aquela voz.

Esse domingo selou o início da amizade entre o médico e Marina. Ela passou a ajudá-lo frequentemente nos afazeres domésticos. Um dia, ficou com ele e não voltou mais para casa. Tornou-se, assim, a terceira mulher de Iúri Andréievitch, embora ele não fosse divorciado da primeira. Tiveram filhos. O pai e a mãe Schápov, não sem orgulho, chamavam a filha de "a esposa do médico". Markiél queixava-se do fato de Iúri Andréievitch não ter se casado com Marina nem na igreja, nem no civil.

— Você está maluco? — objetava a mulher. — Isso seria o quê, com Tônia viva? Bigamia?

— Você que é uma tola — respondia Markiél. — Pra que se lembrar de Tonka? Tonka não conta mais, é como se não existisse. Não há lei que a defenda.

Iúri Andréievitch dizia, às vezes, em tom de brincadeira, que a ligação deles era um romance de vinte baldes, assim como havia romances de vinte capítulos ou de vinte cartas.

Marina perdoava no médico as estranhezas que ele havia adquirido, os caprichos de um homem decaído e consciente de sua queda, a sujeira e a desordem que espalhava ao redor de si. Suportava sua rabugice, rispidez e irritação.

A abnegação dela ia ainda mais longe. Todas as vezes que por culpa do médico beiravam o estado de miséria, Marina, para não deixá-lo só nesses momentos difíceis, abandonava o trabalho, onde era muito estimada e onde, após essas interrupções forçadas, a aceitavam de volta de bom grado. Submetendo-se às fantasias de Iúri Andréievitch, ela o acompanhava sempre que ele decidia oferecer seus serviços de porta em porta. Juntos, serravam lenha para moradores de algum imóvel. Uns eram especuladores enriquecidos com o início da NEP, outros, pessoas ligadas às ciências e às artes e próximas das esferas governamentais, gente que começava a se instalar e adquirir mobiliário. Certa vez, Marina e Iúri Andréievitch tranportavam um feixe de lenha para o gabinete de um apartamento, pisando com cuidado sobre o tapete para que as botas de feltro não espalhassem serragem da rua. O proprietário, sentado à escrivaninha, estava mergulhado em leituras e nem sequer levantou os olhos para eles. O trabalho havia sido contratado pela dona da casa, que os recebia e pagava.

"No que será que esse porco está tão absorto?", perguntou-se o médico com curiosidade, "o que sublinha a lápis com tanta fúria?" Ao contorná-lo com a lenha, espiou por cima do ombro dele. Sobre a mesa, estavam os livrinhos de Iúri Andréievitch impressos por Vássia na Escola Superior de Poligrafia.

7

Marina vivia com o médico na rua Spiridónovka. Gordon alugava um cômodo na rua ao lado, na Málaia Brónnaia. Marina e Iúri Andréievitch tinham duas filhas, Kápka e Kláchka. Kapitolina, ou Kápielka, tinha sete anos, e a recém-nascida Klávdia, seis meses.

Fazia muito calor nesse início de verão de 1929. Os conhecidos atravessavam duas ou três ruas para se visitarem sem chapéu ou paletó.

O cômodo de Gordon tinha uma curiosa disposição. Tendo outrora servido de ateliê a um costureiro da moda, possuía dois andares unidos por uma única vitrine espelhada que levava em letras douradas o nome do costureiro e a indicação de sua profissão. No interior, uma escada espiralada fazia a ligação dos dois pavimentos.

Desse ateliê, haviam feito três cômodos.

Com o auxílio de pranchas suplementares, construíram um andar intermediário de um só cômodo cuja janela tinha um aspecto inusitado; começava a partir do piso e subia a um metro de altura. Ou seja, podiam-se ver as pernas dos ocupantes entre o que restava das letras douradas. Era ali que vivia Gordon. Nesse momento, estavam em visita Jivago, Dúdorov e Marina com as crianças. Diferentemente dos adultos, as crianças cabiam por inteiro na moldura da janela. Marina foi embora logo com as meninas. Os três homens ficaram a sós.

Entre eles, fluía uma dessas conversas de verão, preguiçosas e lentas, comuns aos camaradas de escola que já perderam a conta dos anos de amizade. Geralmente, conduzem a conversa da seguinte forma.

Há o que dispõe de um vocabulário rico e suficiente. Nesse caso, a pessoa fala e pensa de modo natural e coerente. Nessa posição, havia apenas Iúri Andréievitch.

Os amigos não possuíam os meios de expressão necessários. Não tinham o dom da palavra. Para compensar os parcos recursos vocabulares, circulavam pelo quarto, davam baforadas, agitavam os braços e repetiam as mesmas coisas (“Isso, meu irmão, é desonesto; exatamente isso, desonesto; sim, sim,

desonesto").

Não tinham consciência de que essa dramaticidade supérflua, longe de denotar ardor e largueza de visão, ao contrário, expressava imperfeição e lacuna.

Gordon e Dúdorov pertenciam a um círculo de bons professores. Passavam a vida entre bons livros, bons pensadores, bons compositores, entre boas, sempre, ontem e hoje, boas e apenas boas músicas; no entanto, não sabiam que a pobreza do gosto mediano é ainda pior do que a pobreza de não ter gosto nenhum.

Gordon e Dúdorov não sabiam que as recriminações que faziam a Jivago se inspiravam não no sentimento de fidelidade ao amigo ou no desejo de influenciá-lo, mas apenas na própria incapacidade de pensar livremente e de conduzir uma conversa a contento. Como uma carroça desembestada, a conversa levava-os aonde não desejavam ir. Não podendo mais fazê-la retornar, corriam inevitavelmente de encontro a algum obstáculo e chocavam-se em alguma coisa. E era em Iúri Andréievitch que os seus conselhos e sermões batiam com todo o ímpeto.

Este compreendia perfeitamente as motivações das suas ênfases, a fragilidade da sua solidariedade, o mecanismo dos seus raciocínios. No entanto, não podia lhes dizer: "Queridos amigos, oh, quão irremediavelmente banais são vocês e o meio que representam, e o brilho e a arte dos nomes e das autoridades que vocês amam. A única coisa viva e notável em vocês é que viveram ao mesmo tempo que eu e que me conheceram". Mas o que aconteceria se pudesse fazer semelhante confissão aos amigos? Para não entristecê-los, Iúri Andréievitch os escutava com humildade.

Dúdorov retornara havia pouco, depois de cumprir o seu primeiro exílio. Haviam-lhe restabelecido os direitos temporariamente suspensos. Obteve autorização para retomar os cursos e trabalhos na universidade.

Agora, ele revelava aos amigos suas impressões e estados de alma no exílio. Falava de forma sincera, sem dissimulação. Suas observações não eram motivadas por covardia nem por considerações forasteiras.

Ele dizia que os argumentos da acusação, o tratamento que recebeu na prisão e ao sair dela e, sobretudo, as conversas frente a frente com o juiz de instrução tinham lhe arejado a cabeça e reeducado politicamente, que abriu os olhos para muitas coisas e que amadureceu como ser humano.

Os raciocínios de Dúdorov tocavam Micha Gordon exatamente no que tinham em comum: a banalidade. Gordon balançava a cabeça em sinal de aprovação. Era justamente o caráter estereotipado do que Dúdorov dizia e sentia que emocionava o amigo. O conformismo dos lugares-comuns era interpretado como um traço de universalidade.

O discurso virtuoso de Innokenti inseria-se no espírito do tempo. Mas era precisamente a sua conformidade, a transparência de sua hipocrisia, que exasperava Iúri Andréievitch. O homem sem liberdade sempre idealiza sua escravidão. Era assim na Idade Média. Foi nisso que os jesuítas sempre apostaram. Iúri Andréievitch não podia suportar o misticismo político da intelligentsia soviética, a maior de todas as suas conquistas, ou, como se dizia então, o teto espiritual da época, mas escondia dos amigos essas impressões para evitar contendas.

No entanto, o assunto que despertou seu interesse foi outro. Dúdorov narrava sobre Vonifati Orletsóv, seu companheiro de cela, um sacerdote seguidor de Tíkhon.[3] O prisioneiro tinha uma filha de seis anos, Khristina. A prisão e o destino do pai amado causaram um profundo impacto na criança. As palavras "servidor de culto", "despojado de direitos civis" e outras mais soaram nela como uma marca de desonra. Quem sabe ela tenha jurado, em seu coração ardente de criança, vir um dia a lavar a mancha do bom nome do pai. Esse objetivo longínquo e prematuramente assumido, essa decisão cuja chama inextinguível queimava nela, tornou-a, desde então, uma pequena seguidora entusiasmada de tudo o que lhe parecia irrefutável no comunismo.

— Vou-me embora — disse Iúri Andréievitch. — Não me queira mal, Micha, mas aqui está sufocante e na rua faz muito calor. Preciso de ar.

— Mas o postigo está aberto. Desculpe, fumamos muito. Esquecemos sempre de não fumar na sua presença. E a instalação desse cômodo é

péssima, não posso fazer nada. Arranje-me outro quarto.

— De qualquer jeito, vou-me embora, Gordocha. Já conversamos bastante. Agradeço a preocupação comigo, queridos camaradas. Isso não é um capricho da minha parte. É uma doença, esclerose dos vasos cardíacos. As paredes dos músculos cardíacos estão se esgarçando, afinando, e um belo dia podem se romper. E não tenho nem quarenta anos, não sou alcoólatra nem farrista.

— É cedo para cantar o réquiem. Bobagem. Vai viver muito ainda.

— Atualmente, as formas microscópicas de hemorragias cardíacas vêm se tornando bem frequentes. Nem sempre são mortais. Em alguns casos, as pessoas superam. É uma doença dos novos tempos. Penso que as causas são de ordem moral. A imensa maioria de nós é constrangida a uma constante hipocrisia erigida em sistema. Você não pode, sem prejuízo para a saúde, manifestar dia a dia o contrário do que sente, reverenciar o que não ama, alegrar-se com algo que faça mal. Nosso sistema nervoso não é uma palavra vã nem uma invenção. É um corpo físico composto de fibras. Nossa alma ocupa um lugar no espaço e acomoda-se em nós como os dentes na boca. Não se pode violentá-la sempre, impunemente. Foi penoso para mim escutar a narração do seu exílio, Innokenti, de como você amadureceu nele e de como ele o reeducou. É como se um cavalo contasse como ele mesmo se domou na praça Maniéj.

— Deixe-me defender Dúdorov. Você simplesmente perdeu o hábito das palavras humanas. Elas não chegam mais até você.

— Pode ser, Micha. Em todo caso, desculpem-me, deixem-me partir. Estou respirando mal. Por Deus, não estou exagerando.

— Espere, não tente se desvencilhar. Não o deixaremos partir antes que nos responda direta e sinceramente. Você concorda que deve mudar, corrigir a sua vida? O que pretende fazer nesse sentido? Você deve esclarecer melhor as suas relações com Tônia e Marina. São seres vivos, mulheres capazes de sentir e sofrer, e não ideias desencarnadas que vêm à sua cabeça em composições arbitrárias. Além disso, é vergonhoso que um homem como você se perca, não utilize o seu talento. Você deve acordar do sono e da

preguiça, recobrar o ânimo, tentar compreender o que acontece à sua volta sem essa arrogância injustificada, sim, sim, sem esse desdém inadmissível, retomar o seu trabalho com a medicina.

— Está certo, vou lhes responder. Eu mesmo tenho pensado muito sobre isso nos últimos tempos, posso fazer-lhes algumas promessas sem me envergonhar. Creio que tudo vai se arranjar em breve. Vocês vão ver. Sim, por Deus. Tudo vai melhorar. Tenho uma vontade louca de viver, e viver significa sempre se lançar adiante, em direção a algo superior, à perfeição, se lançar e tentar atingir.

"Vejo com prazer, Gordon, que você tomou a defesa de Marina, como antes sempre tomava a de Tônia. Mas não tenho divergências com elas, não brigo nem com elas nem com ninguém. Você me recriminou, no início das nossas relações, por eu deixar que ela me chamasse de 'senhor' em resposta ao meu 'você', e por ela se dirigir a mim pelo nome e patronímico, como se isso também não me oprimisse. Mas a incoerência mais profunda que estava na base dessa falta de naturalidade foi removida, tudo foi atenuado e a igualdade restabelecida.

"Posso anunciar-lhes outra boa notícia. Voltei a receber cartas de Paris. As crianças cresceram e estão à vontade entre os jovens franceses de sua idade. Chura está terminando a escola primária de lá, *école primaire*, e Maria está ingressando nela. Eu não conheço a minha filha. Por algum motivo, tenho a sensação de que, a despeito de terem recebido a cidadania francesa, eles logo retornarão e tudo se arranjará de uma forma ou de outra.

"Ao que tudo indica, meu sogro e Tônia sabem da existência de Marina e das meninas. Eu mesmo nunca escrevi sobre isso. Essas circunstâncias devem ter chegado até eles através de outras pessoas. É natural que Aleksandr Aleksándrovitch se sinta ofendido em seu amor paternal e sofra por Tônia. É o que explica a interrupção de quase cinco anos em nossa correspondência. Depois que voltei a Moscou, chegamos a nos corresponder por um bom tempo. E, de repente, eles pararam de escrever. Tudo cessou.

"Mas, recentemente, voltei a receber cartas de lá. E de todos eles, até das crianças. Cartas calorosas e ternas. Alguma coisa suavizou. Talvez tenha

havido alguma mudança na vida de Tônia, talvez tenha um novo companheiro, queira Deus. Eu não sei. Às vezes lhes escrevo. Mas, agora, realmente, não posso mais ficar. Vou-me embora antes de ter uma crise de asfixia. Até logo."

No dia seguinte, pela manhã, Marina correu até Gordon mais morta do que viva. Não conseguiu ninguém com quem deixar as meninas e, por isso, trazia em um dos braços a pequena Klacha enrolada numa coberta, e com a outra mão puxava Kapa, que a retardava e resistia.

— Iúra está aqui, Micha? — perguntou com uma voz irreconhecível.

— Como, ele não passou a noite em casa?

— Não.

— Talvez esteja com Innokenti?

— Já estive lá. Innokenti está na universidade. Mas os vizinhos conhecem Iúri. Ele não apareceu lá.

— Mas então, onde se meteu?

Marina largou Klacha no sofá. Teve uma crise histérica.

8

Por dois dias, Gordon e Dúdorov não saíram de perto de Marina. Eles se revezavam, temendo deixá-la sozinha. Nos intervalos, lançavam-se à procura do médico. Percorreram todos os lugares onde supostamente ele poderia estar, foram a Mutchnói Gorodók e à casa da Sívtsev Vrájek, estiveram em todos os Palácios do Pensamento e Casas das Ideias, onde ele eventualmente trabalhou, visitaram todos os velhos conhecidos de Jivago de que haviam ouvido falar e dos quais descobriram os endereços. Mas suas buscas foram vãs.

Não declararam o desaparecimento ao comissariado para evitar que se lembrassem da existência de um homem que, embora fosse registrado e tivesse a ficha limpa, estava longe de ser um cidadão exemplar em relação às ideias da época. Decidiram não pôr a polícia à sua procura a não ser em caso de extrema necessidade.

No terceiro dia do desaparecimento, com algumas horas de intervalo, Marina, Gordon e Dúdorov receberam cada um uma carta de Iúri Andréievitch. Ele lhes falava do seu pesar pelas preocupações e temores que causara. Suplicava que o perdoassem e que não se inquietassem, conjurando-os a deixar as buscas que de toda forma não levariam a nada.

Ele lhes dizia que para refazer de forma mais rápida e completa o seu destino, desejava ficar só por algum tempo a fim de se consagrar por inteiro aos seus trabalhos; que assim que se sentisse um pouco mais seguro em suas novas atividades e estivesse convencido de que não teria uma recaída, ele deixaria o seu refúgio secreto e retornaria para junto de Marina e das crianças.

Em sua carta a Gordon, ele anunciava que lhe enviaria dinheiro para Marina. Pedia que pagasse uma babá para as crianças a fim de liberá-la, e para que ela pudesse retomar o trabalho. Explicava que preferia não enviar o dinheiro para o endereço de Marina, pois temia que a soma declarada pudesse levantar suspeitas de roubo.

Logo chegou o dinheiro, uma soma que ultrapassava os recursos do médico e as medidas dos seus amigos. Contrataram uma moça para tomar conta das crianças. Marina foi de novo readmitida no telégrafo. Durante muito tempo não conseguiu se acalmar, até que, acostumada a outras esquisitices do marido, finalmente se resignou a mais esse desatino. Apesar dos pedidos e advertências de Iúri Andréievitch, os amigos e a mulher continuaram a procurá-lo, confirmando o seu prognóstico. Não o encontraram.

9

No entanto, Iúri Andréievitch vivia a apenas alguns passos deles, debaixo do nariz deles, ao alcance de sua vista, no círculo mais estreito de suas buscas.

No dia do seu desaparecimento, depois que deixou a casa de Gordon, ao cair da tarde, Iúri Andréievitch desceu a rua Bronnaia em direção à sua casa,

na Spiridónovka. Ainda não havia dado cem passos quando cruzou com seu meio-irmão Evgraf Jivago, que vinha em sentido inverso. Fazia mais de três anos que não o via nem tinha notícias dele. Soube que Evgraf estava casualmente em Moscou e que chegara havia poucos dias. Como de hábito, ele parecia cair do céu e mantinha-se mudo às perguntas, esquivando-se delas com sorrisos silenciosos e brincadeiras. Por outro lado, duas ou três perguntas diretas que Evgraf fez a Iúri Andréievitch, ignorando os pequenos detalhes do dia a dia, foram suficientes para que penetrasse as desgraças e os problemas do irmão. E ali, nas curvas estreitas daquela ruela tortuosa, em meio à multidão de passantes que os ultrapassava ou vinha em direção contrária, ele imaginou um plano de ação para ajudar a salvar o irmão. O sumiço de Iúri Andréievitch e sua retirada clandestina foram ideia de Evgraf, invenção dele.

Ele alugou um quarto para Iúri Andréievitch na travessa que então se chamava Kamerguérski, próximo ao Teatro de Arte. Proveu-o com dinheiro e fez as diligências necessárias para encontrar um bom trabalho para o médico, num hospital que lhe possibilitasse se consagrar às suas pesquisas. Procurou proteger o irmão em todos os sentidos da vida. Por último, prometeu-lhe fazer o possível para que a separação de sua família tivesse um fim. Ou bem Iúri Andréievitch iria a Paris, ou bem eles viriam ao seu encontro. Evgraf prometeu se ocupar pessoalmente de tudo isso. O apoio do irmão deu asas a Iúri Andréievitch. Como sempre acontecia, o enigma do poder de Evgraf permanecia obscuro. Iúri Andréievitch nem sequer tentou desvendar o mistério.

10

O quarto era voltado para o sul. As duas janelas davam para os telhados das casas situadas em frente ao teatro; para além dos telhados, o sol de verão mantinha-se alto acima da Okhótni Riád, deixando na sombra a rua pavimentada.

Para Iúri Andréievitch, esse quarto era mais que um escritório, mais que

um gabinete de trabalho. Nesse período de atividade devoradora, quando seus planos e projetos já não encontravam lugar nas notas amontoadas sobre a mesa, quando as imagens que formava ou entrevia pairavam no ar por todos os cantos do cômodo, como os numerosos esboços de um pintor que, virados para a parede, se espalham por todo o ateliê — nesse período, a morada do médico tinha se tornado uma sala de banquetes do espírito, uma despensa de delírios, um armazém de descobertas.

Felizmente, as negociações com as autoridades hospitalares alongavam-se, fazendo recuar para um futuro indefinido o momento em que o médico deveria começar a trabalhar. Aproveitando esse adiamento inesperado, ele escrevia.

Iúri Andréievitch começou a pôr em ordem os escritos antigos, os fragmentos de que lembrava e o material que Evgraf de alguma forma conseguia recuperar, às vezes os próprios manuscritos, mas também cópias datilografadas por desconhecidos. O estado caótico do material levou Iúri Andréievitch a se dispersar ainda mais do que já o predispunha a sua natureza. Logo abandonou esse trabalho e em vez de reconstituir o inacabado, decidiu escrever coisas novas, atraído por seus últimos esboços.

Passou a rascunhar artigos no mesmo estilo de anotações fugazes que costumava fazer durante a primeira estada em Varíkino, inscrevendo neles fragmentos de poesias que lhe vinham à mente, misturando ao acaso os versos do início, do meio e do final. Às vezes, tinha dificuldades em acompanhar a velocidade das ideias que o assaltavam, ainda que fizesse uso de abreviaturas e primeiras letras em uma escrita rápida.

Tinha pressa. Sempre que a imaginação cansava e o trabalho ralentava, ele os apressava e fustigava com desenhos nas margens. Riscava clareiras de bosques ou cruzamentos urbanos com a placa "Moreau e Vetchínkin. Semeadoras. Debulhadoras".

Os artigos e os versos tinham sempre o mesmo tema, a cidade.

Tempos depois, foi encontrada entre os seus papéis a seguinte anotação:

"No ano de 22, quando retornei a Moscou, encontrei a cidade esvaziada e semiarruinada. Tal como saiu das provações dos primeiros anos da revolução, assim permanece até hoje. A população se reduziu. Não se constroem casas novas, não se restauram as velhas.

"No entanto, mesmo nesse estado, ela continua sendo uma cidade grande e moderna, a única que inspira a verdade de uma arte nova e moderna.

"A lista desordenada de coisas e noções aparentemente incompatíveis, reunidas lado a lado como que de modo arbitrário pelos simbolistas, por Blok, Verhaeren e Whitman, não é absolutamente um capricho de estilo. É uma nova ordem de impressões, observada na vida e copiada da natureza.

"Assim como eles conduzem sequências de imagens em seus versos, também uma rua comercial da cidade de final do século XIX faz desfilar diante de nós as suas multidões, as carruagens, as tripulações e, mais tarde, no início do século seguinte, os vagões de trens e as estradas de ferro elétricas e subterrâneas.

"Não há lugar para a simplicidade pastoral nessas condições. Sua falsa ingenuidade é um plágio literário, um maneirismo artificial, um fenômeno de ordem livresca que não provém do campo, mas das prateleiras das bibliotecas acadêmicas. A língua viva, formada ao vivo e que responde naturalmente ao espírito dos dias de hoje, é a língua do urbanismo.

"Eu moro num cruzamento animado da cidade. A Moscou do verão, cega pelo sol, com seus pátios de asfalto escaldante, com suas janelas de pisos superiores espalhando reflexos e respirando a floração de nuvens e bulevares, gira ao meu redor e faz minha cabeça rodar, pretendendo que, para glorificá-la, eu também faça girar a cabeça dos outros. Para isso a cidade me educou e pôs a arte entre as minhas mãos.

"Entre a rua constantemente barulhenta do lado de fora da minha parede e a alma contemporânea há uma correspondência tão estreita quanto entre a abertura musical e a abertura da cortina do teatro ao se iniciar uma peça, um momento ainda repleto de escuridão e mistério, mas já se avermelhando pelas luzes da ribalta. A cidade que se move e murmura sem cessar do outro

lado das portas e das janelas é uma imensa introdução à vida de cada um de nós. É justamente nesse sentido que gostaria de escrever sobre a cidade."

No caderno de poemas de Jivago que foi preservado, não se encontram versos desse gênero. Quem sabe o poema "Hamlet" possa fazer parte dessa categoria.

12

Em uma manhã de agosto, Iúri Andréievitch pegou, na estação próxima à Gaziétni, o bonde que partia da universidade e seguia até a Kúdrinskaia pela rua Nikítskaia. Era a primeira vez que ia para o trabalho no Hospital Bótkinski, atualmente chamado Soldátenkovski, sua primeira saída a serviço.

Iúri Andréievitch não teve sorte. O bonde estava com problemas, e a toda hora surgiam complicações inesperadas. Ora uma charrete prendia a roda nos trilhos barrando a passagem do bonde, ora o isolamento defeituoso do teto ou do chão sofria curto-circuito e algo queimava e crepitava.

O condutor, munido de chave inglesa, abandonava com frequência a cabine, dava a volta no veículo parado, punha-se de quatro e desaparecia entre as rodas sob a plataforma traseira para reparar alguma peça do motor.

A infeliz viatura interrompia a circulação de toda a linha. A rua já estava cheia de bondes parados, e o número só crescia. A fila alcançava a praça Maniéj e a ultrapassava. Os passageiros dos vagões traseiros mudavam-se para o primeiro, justamente o responsável por tudo, pensando assim ganhar tempo. Nessa manhã quente, o vagão estava lotado e sufocante. Uma nuvem negra e púrpura deslizava por trás da Nikítskie Vorota, subindo cada vez mais alto no céu sobre a multidão de passageiros que corria pelo pavimento. Uma tempestade se aproximava.

Iúri Andréievitch estava sentado num banco isolado da esquerda, imprensado contra a janela. E a calçada esquerda da Nikítskaia, onde se situava o Conservatório, mantinha-se continuamente sob seus olhos. Querendo ou não, com a atenção desviada de um homem que pensa em outra coisa, ele observava os pedestres que caminhavam desse lado da rua e

nenhum lhe escapava.

Entre eles, observou uma velha senhora de cabelos brancos cobertos por um chapéu de palha leve com margaridas de pano, de vestido lilás antiquado e ajustado, que caminhava resfolegando e se abanando com um embrulho achatado que trazia nas mãos. Apertada pelo espartilho, a velha senhora não se aguentava de calor e enxugava com um lencinho de renda o suor que inundava as sobrancelhas e o buço.

O caminho que percorria era paralelo ao itinerário do bonde. Diversas vezes Iúri Andréievitch a perdeu de vista, depois que o veículo se pôs em marcha e a ultrapassou. E diversas vezes ela retornou ao seu campo de visão, quando novas avarias detiveram o bonde e a velha senhora o alcançou.

Iúri Andréievitch lembrou-se dos problemas da escola que consistiam em calcular o tempo de percurso e a ordem de chegada dos trens que partiam em horários diferentes e moviam-se em diferentes velocidades, mas em vão tentou se lembrar do método geral para resolvê-los; sem concluir, pulou dessas lembranças para reflexões mais complexas.

Pensou nas várias existências que se desenvolvem lado a lado, que se movem uma perto da outra em velocidades diferentes; perguntou-se em que momento o destino de um ultrapassa o de outro e sobrevive ao outro. Imaginou algo como um princípio de relatividade aplicado à arena da vida, mas terminou por se confundir nas suas ideias e renunciou também a essas aproximações.

Relampejou. Um trovão espocou. O bonde infeliz parou mais uma vez na descida da Kúdrinskaia em direção ao zoológico. A senhora de lilás fez sua reaparição no instante seguinte, no quadro da janela, ultrapassou o bonde e se distanciou. As primeiras gotas grossas de chuva caíram na calçada, na rua e na velha senhora. Uma rajada de vento carregada de poeira açoitou as árvores, agitou as folhas, puxou o chapéu da senhora de lilás, virou a barra da saia dela e, de repente, se acalmou.

O médico sentiu um acesso de náusea que o privou de suas forças. Superando a fraqueza, levantou-se do banco e tentou abrir a janela, puxando para cima e para baixo as correias. Mas a janela não cedia a seus esforços.

Gritavam ao médico que a janela não abria, mas, absorto em seus esforços para superar a crise e tomado de uma repentina angústia, não se dava conta de que os gritos se dirigiam a ele, não compreendia o sentido das palavras. Tentando sempre abrir a janela, ao puxar novamente o quadro em três movimentos, para cima, para baixo e contra si, arrancou-o violentamente. Na mesma hora sentiu uma dor desconhecida, irreparável, e compreendeu que algo nele havia se rompido, que ele tinha cometido um gesto fatal e que tudo estava perdido. Nesse momento, o bonde arrancou, mas parou de novo, pouco depois, na Présnia.

Com uma força de vontade sobre-humana, vacilando e mal conseguindo abrir passagem entre a densa multidão postada no corredor entre os bancos, Iúri Andréievitch alcançou a plataforma traseira, embora tentassem impedi-lo de passar e o insultassem. Sentiu reanimar-se com a corrente de ar, pensou que talvez nem tudo estivesse perdido, que parecia estar melhor.

Começou a se espremer entre a multidão da plataforma traseira, provocando novas injúrias, empurrões e irritação. Indiferente às reclamações, arremeteu contra a massa de pessoas, desceu do vagão parado, deu um passo, depois outro, um terceiro, caiu na rua e não se levantou mais.

Houve um tumulto de vozes, discussões, conselhos. Algumas pessoas desceram da plataforma e cercaram o homem caído. Logo verificaram que ele já não respirava e que o coração tinha parado. Ao grupo que cercava o corpo juntavam-se pedestres que afluíam das calçadas, alguns comovidos, outros decepcionados por não ser um atropelado e por sua morte não ter nada a ver com o bonde. A multidão crescia. A senhora de lilás se aproximou, observou o morto por algum tempo, escutou o que se dizia e seguiu adiante. Era uma estrangeira, mas compreendeu que alguns aconselhavam a transportar o corpo no bonde e levá-lo ao hospital, enquanto outros diziam que era necessário chamar a polícia. Ela prosseguiu seu caminho sem esperar a decisão final.

A senhora de lilás era a cidadã suíça Mlle Fleury, de Meliuziéev, estava velha, bem velhinha. Durante doze anos, ela solicitou por escrito o direito

de voltar à sua pátria. Havia pouco tempo que os esforços tinham sido coroados de sucesso, e ela viera a Moscou apanhar o visto de saída. Nesse dia, estava indo ao consulado do seu país para recebê-lo e se abanava com os documentos embrulhados e amarrados por uma fita. E assim seguiu em frente, ultrapassando pela décima vez o bonde, sem suspeitar que ultrapassara Jivago e sobrevivera a ele.

13

Do corredor, pelo vão da porta entreaberta, via-se o fundo do cômodo com uma mesa na diagonal. Sobre a mesa, um caixão grosseiramente talhado em forma de canoa voltava para a porta a extremidade estreita que apoiava os pés do morto. Era a mesa de trabalho de Iúri Andréievitch. Não havia outra no cômodo. Os manuscritos haviam sido organizados nas gavetas, e o caixão colocado sobre a mesa. O corpo estendido no caixão, com a cabeça sobre almofadas muito altas, parecia alongado sobre a encosta de uma colina.

As flores se amontoavam ao lado dele, arbustos inteiros de lilases brancos, raros nessa estação, cíclames e cinerárias em vasos e cestas. As flores filtravam a luz que iluminava fracamente o rosto e as mãos de cera do morto, a madeira e o revestimento do caixão. Sobre a mesa, sombras quase imóveis desenhavam um belo ornamento.

O costume de cremar os mortos estava largamente difundido nessa época. Na esperança de receber uma pensão para as crianças e com a preocupação de não comprometer o futuro escolar delas e a situação de Marina no trabalho, renunciaram aos serviços religiosos e decidiram pela cremação civil. Dirigiram-se aos órgãos competentes e aguardavam os seus representantes.

Nessa expectativa, o cômodo permanecia vazio como uma moradia deixada por antigos locatários à espera de novos. O silêncio era profanado apenas por passos respeitosos na ponta dos pés e por estalos desajeitados dos que vinham prestar a última homenagem ao defunto. Embora não fossem

numerosos, eram, no entanto, em número maior do que se poderia supor. A notícia da morte de um homem de nome quase desconhecido espalhou-se no seu meio com uma rapidez impressionante. Vieram muitas pessoas que tinham conhecido Jivago em diferentes épocas da vida, pessoas de quem ele havia perdido os rastros ou a lembrança. Mais numerosos, no entanto, eram os desconhecidos admiradores de suas ideias científicas e de sua poesia. Estes nunca tinham visto o homem que os atraía e vinham vê-lo pela primeira vez para lhe dirigir um último olhar de adeus.

Nessas horas em que o silêncio geral, não preenchido pelas cerimônias, oprimia pela ausência quase tangível, somente as flores podiam substituir o canto e o rito faltantes.

Elas não apenas floresciam e perfumavam; ao derramarem sua fragrância em uníssono, apressando, talvez, a decomposição do corpo e doando a todos uma parte de sua força aromática, pareciam celebrar um rito.

O reino vegetal se mostra facilmente como o vizinho mais próximo do reino da morte. Aqui, na terra verdejante, entre as árvores dos cemitérios, entre os rebentos das flores que se desviam dos canteiros, estão talvez concentrados os mistérios das transformações e os enigmas da vida que nos atormentam. Maria, num primeiro momento, não reconheceu Jesus saindo do túmulo e o tomou por um jardineiro do cemitério. (“E ela, supondo ser um jardineiro…”)

14

Assim que levaram o morto para a casa em que vivia na travessa Kamerguérski, e que os amigos, abalados pela notícia de sua morte, adentraram a porta escancarada do apartamento, Marina, que os seguia, pareceu perder a razão. Seu estado prolongou-se por muito tempo. Atirou-se ao chão, batendo com a cabeça na borda de uma comprida arca à entrada, onde inicialmente depositaram o corpo, enquanto aguardavam o caixão e arrumavam o cômodo. Marina chorava, balbuciava, gritava e sufocava com as palavras, sendo a metade delas uivos e lamentos que escapavam

espontaneamente. Os sons seguiam as tradições do povo, das carpideiras, e ela os emitia sem constrangimento, sem notar quem quer que fosse. Agarrou-se ao corpo, e era impossível soltá-la para transportar o defunto para o quarto, por fim arrumado e desembaraçado dos móveis supérfluos, a fim de lavá-lo e pô-lo no caixão que acabava de chegar. Isso se passou no dia da morte. No dia seguinte, seu frenesi diminuiu, dando lugar a um torpor mudo. Ela parecia estar mais consciente, mas não dizia nada.

Passou o dia e a noite sentada, sem se mexer. Várias vezes lhe trouxeram Klava para amamentar, e Kapa, acompanhada da babá.

Estava cercada por sua gente e por Dúdorov e Gordon, que partilhavam a sua dor. No banco, ao lado dela, veio se sentar o pai, Markiél, que soluçava baixinho e assoava ruidosamente. Também a mãe e as irmãs sentaram-se perto dela, chorando.

Havia duas pessoas, um homem e uma mulher, que se destacavam naquele fluxo humano. Não reivindicavam relações mais próximas com o morto do que as dos demais que ali estavam. A sua dor não pretendia rivalizar com a de Marina, de suas filhas e dos amigos do defunto. Os dois não tinham nenhuma exigência e sim seus próprios direitos sobre o morto. Esses plenos poderes inexplicáveis e inexprimíveis ninguém questionava ou contestava. Foram eles que desde o início, aparentemente, se encarregaram do enterro. Ocupavam-se de tudo com uma calma imperturbável, como se isso lhes trouxesse alguma reparação. Seu espírito altivo saltava aos olhos de todos e produzia uma impressão estranha. Parecia que eles participavam não apenas do enterro e sim da própria morte, não como responsáveis mais ou menos diretos por ela, mas como se estivessem conformados com o fato consumado, como se tivessem se reconciliado com o acontecido, acreditando não ser isso o mais importante. Alguns os conheciam, outros tentavam adivinhar, a maioria ignorava totalmente quem fossem.

Mas assim que esse homem de olhos estreitos e expressivos de quirguiz, que despertava a curiosidade, entrou no aposento com aquela mulher bela e sem afetações, todos que ali se encontravam, de pé ou sentados, todos, inclusive Marina, sem objeções, como se houvessem combinado, deixaram

os seus lugares, levantaram-se das cadeiras ou bancos ao longo das paredes e saíram do recinto, amontoando-se no corredor e na entrada, fechando as portas e deixando a sós o homem e a mulher, como dois iniciados, chamados a completar no silêncio um rito funerário muito grave. Agora, os dois estavam frente a frente, sentados em duas banquetas próximo à parede. Começaram a conversar.

— O que o senhor descobriu, Evgraf Andréievitch?

— A cremação será hoje à noite. Dentro de meia hora virão buscar o corpo para levá-lo ao clube do sindicato dos médicos. O funeral civil está marcado para as quatro horas. Nenhum dos papéis estava em ordem. A carteira de trabalho estava vencida, a do sindicato era antiga, não foi trocada, e há alguns anos a contribuição não era paga. Foi preciso regularizar tudo. Por isso a demora. Antes que levem o corpo, e será logo, temos que nos preparar, eu a deixarei aqui, a sós, conforme me pediu. Perdão. Está ouvindo? É o telefone. Já volto.

Evgraf Jivago saiu para o corredor repleto de colegas do médico, de desconhecidos, de amigos de escola, servidores do hospital, operários da gráfica. Marina enlaçava as filhas e as cobria com a barra do seu casaco (a tarde estava fresca e havia corrente de ar na entrada), sentada na beirada de um banco, aguardando que reabrissem a porta, tal qual a mulher de um condenado espera a permissão do guarda para entrar no parlatório da prisão. Havia uma multidão no corredor, e muitos dos que não conseguiam chegar até ali caminhavam e fumavam na saída aberta da escada. A voz dos que circulavam pela escada tornava-se progressivamente mais alta, quanto mais se aproximavam da rua. Em razão do murmúrio surdo da multidão, Evgraf comprimia o ouvido ao aparelho e recobria com a palma da mão o bocal do telefone, respondendo em voz baixa, como exigia o decoro, sobre os detalhes do enterro e as circunstâncias da morte do médico. Ao retornar ao cômodo, a conversa prosseguiu.

— Não desapareça depois da cremação, Larissa Fiódorovna. Tenho um importante pedido a lhe fazer. Não sei onde está hospedada. É preciso que eu saiba como encontrá-la. Eu quero o mais rápido possível, amanhã ou

depois de amanhã, classificar os papéis do meu irmão. Vou precisar da sua ajuda. A senhora sabe de muita coisa, mais do que qualquer outra pessoa, sem dúvida. A senhora disse que chegou de Irkutsk há apenas dois dias, que sua estada em Moscou será breve e que veio a este apartamento por outra razão, ao acaso, sem saber que meu irmão vivia aqui nos últimos meses e ignorava o que acabou de acontecer. Não entendi algumas de suas palavras. Não peço explicações, mas não desapareça, não sei o seu endereço. O melhor é que passássemos alguns dias sob o mesmo teto para classificar os manuscritos, ou, ao menos, a pouca distância um do outro, quem sabe aqui mesmo, em outros cômodos. Posso arrumar isso. Conheço o gerente do imóvel.

— O senhor diz que não me entendeu. O que não ficou claro? Cheguei a Moscou, deixei as malas no guarda-volumes, caminhei pela velha Moscou, não reconheci a metade dela, já me esqueci. Caminhei muito, desci pela Kuzniétski Most, subi pela travessa Kuzniétski e, de repente, quase com terror, revejo essa rua que conheci tão bem, a Kamerguérski. Era aqui que o meu falecido marido Antípov, que fuzilaram, alugava um quarto de estudante, e o quarto era precisamente este em que estamos agora. Então, pensei, quem sabe o visito, talvez tenha sorte e os antigos proprietários ainda estejam vivos. Que não há nem sinal deles e que tudo mudou, eu soube depois, no dia seguinte, e hoje, aos poucos, indagando. Mas o senhor estava presente, por que preciso lhe contar? Foi como se um raio tivesse me atingido, a porta da frente escancarada, pessoas no quarto, um caixão, um morto. Quem poderia ser? Entro, me aproximo, pensei que estava louca, que delirava, mas o senhor foi testemunha de tudo isso, não? Por que preciso lhe contar?

— Um momento, Larissa Fiódorovna, devo interrompê-la. Eu lhe disse que meu irmão e eu jamais suspeitamos de que este quarto tivesse histórias tão surpreendentes. Como a de que Antípov viveu nele, por exemplo. Mas o que mais me surpreende é a expressão que usou. Preciso lhe dizer algo, desculpe-me. Sobre Antípov, sobre a atuação de Strélnikov na revolução, eu ouvia falar muito dele no início da guerra civil, quase diariamente. E o

encontrei pessoalmente uma ou duas vezes, sem prever que um dia ele iria me tocar tão de perto por razões familiares. Mas, perdão, posso estar enganado, parece-me que a senhora disse, e neste caso há um erro, que fuzilaram Antípov. Então não sabe que ele se suicidou?

— Essa versão circula, mas eu não acredito nela. Pável Pávlovitch jamais se mataria.

— No entanto, esta é a verdade absoluta. Antípov se matou na mesma casa em que, segundo o meu irmão, vocês estavam vivendo, depois que a senhora partiu para Iuriátin e Vladivostók. Isso aconteceu logo após a sua partida com a filha. Meu irmão encontrou o corpo e o enterrou. Acaso essas notícias não lhe chegaram?

— Não, recebi outras. Então, é verdade que se suicidou? Muitos diziam isso, mas eu não acreditava. Naquela mesma casa? Não é possível! Como é importante o que me diz! Desculpe-me, mas o senhor sabe se ele e Jivago se encontraram? Se conversaram?

— Pelas palavras de Iúri, tiveram uma longa conversa.

— Verdade? Graças a Deus. Assim é melhor. (Antípova se benzeu lentamente.) Que extraordinária confluência de circunstâncias, enviada dos céus! O senhor me permite retornar a esse assunto mais tarde e lhe pedir os detalhes? Todas as minúcias me são preciosas. Neste momento, não estou em condições. Não é verdade? Estou muito emocionada. Vou me calar, repousar um pouco, organizar os pensamentos. Não é verdade?

— Sim, claro, claro, por favor.

— Não é verdade?

— Certamente.

— Ah, já ia me esquecendo. O senhor pede que eu não me vá depois da cremação. Está bem, eu prometo. Não vou desaparecer. Virei com o senhor a este apartamento e ficarei o quanto for preciso no endereço que me indicar. Vamos nos ocupar dos manuscritos de Iúrotchka. Vou ajudá-lo. Certamente lhe serei útil. E isso será um grande conforto para mim. Eu sinto as menores curvas da sua escrita em cada uma das minhas fibras, no sangue que flui no meu coração. Mas eu também preciso do senhor. Não é

verdade? O senhor parece ser um homem da lei, ou ao menos conhece bem as leis, antigas e atuais. Deve saber a que administração é necessário se dirigir para obter informações. Nem todos sabem disso, não é verdade? Necessito dos seus conselhos a respeito de uma questão muito dolorosa. Trata-se de uma criança. Mas falaremos disso mais tarde, depois dos funerais. Toda a minha vida tive que estar à procura de alguém, não é verdade? Diga-me, se fosse necessário encontrar pistas de uma criança entregue a estranhos, haveria algum arquivo geral com todos os orfanatos existentes? Existe algum senso nacional de crianças abandonadas? Mas não me responda agora, eu lhe peço. Depois. Depois. Oh, como é terrível, terrível! Que coisa terrível é a vida, não é verdade? Não sei como será mais tarde, quando minha filha chegar, mas, por enquanto, posso ficar neste apartamento. Kátienka revelou um grande talento dramatúrgico e musical, imita maravilhosamente os outros e encena suas próprias criações; além disso, canta de ouvido partes inteiras de óperas. É uma menina surpreendente, não é verdade? Gostaria que ela ingressasse nos cursos preparatórios da Escola de Arte Dramática ou do Conservatório, onde fosse aceita, em regime de internato. Foi para isso que vim, para tomar as providências antes da chegada dela; depois, vou partir. Mas não dá para contar tudo, não é verdade? Conversamos mais tarde sobre isso. Agora, vou esperar minha agitação se acalmar, vou me calar, organizar meus pensamentos, tentar expulsar os medos. Além disso, deixamos os parentes de Iúri no corredor por muito tempo. Parece que bateram na porta duas vezes. E há uma movimentação lá fora, um barulho. Pode ter chegado alguém da organização do funeral. Enquanto eu reflito um pouco, abra a porta para que entrem. Está na hora, não é verdade? Espere, espere. É preciso pôr um banquinho ao lado do caixão, de outra forma fica difícil se aproximar de Iúrotchka. Eu tentei, me alçando na ponta dos pés, mas é bem difícil. E será necessário para Marina Markiélovna e para as crianças. E além do mais a tradição exige: "Dê-me um último beijo". Oh, não aguento, não aguento. Como dói. Não é verdade?

— Já vou deixar todos entrarem. Mas antes quero dizer o seguinte. A

senhora disse tantas coisas enigmáticas e levantou tantas questões que visivelmente a torturam que tenho dificuldade em responder. Quero que saiba de uma coisa. Proponho-me a ajudá-la de todo o coração em tudo o que a preocupa. E lembre-se. Nunca, em circunstância nenhuma, deve se desesperar. Esperar e agir, esse é o nosso dever na desgraça. O desespero inativo é esquecimento e recusa do dever. Vou agora fazer entrar os que vieram se despedir. Quanto ao banco, a senhora tem razão. Vou conseguir um e deixar aqui.

Mas Antípova já não o escutava mais. Não ouviu quando Evgraf Jivago abriu a porta e a multidão afluiu do corredor, não ouviu as conversas dele com os organizadores do funeral e seus acompanhantes, não ouviu o ruído dos que caminhavam, os soluços de Marina, a tosse intermitente dos homens, o pranto e os gritos das mulheres.

Um turbilhão de sons uniformes a sacudia e dava-lhe náusea. Esforçava-se para não desmaiar. Seu coração explodia, a cabeça latejava. De cabeça baixa, perdia-se em meio a suposições, raciocínios e lembranças. Mergulhou neles, como se temporariamente, por algumas horas, vivesse num tempo futuro que talvez não alcançasse, um tempo que a envelhecia em dezenas de anos, tornava-a uma velhinha. Imergiu nas reflexões, descendo fundo nelas até atingir o âmago da sua infelicidade. Pensou:

"Não resta ninguém. Um morreu. O outro se suicidou. E apenas permanece vivo aquele que deveria ter sido morto, que ela tentara matar, mas falhara, aquele homem nulo, inútil, que transformou sua vida em uma cadeia de crimes que ela própria desconhecia. E esse monstro de mediocridade paira e se agita pelos recantos míticos da Ásia, conhecidos apenas de colecionadores de selos. E não resta nenhum dos que lhe eram próximos e necessários.

"Ah, foi no Natal, antes do tiro planejado para esse monstro velhaco, que aconteceu sua conversa no escuro com o menino Pacha, naquele mesmo quarto; e Iúri, de quem toda essa gente agora se despede, ainda não tinha entrado em sua vida."

Ela fez um esforço de memória para reconstituir aquela conversa natalina

com Páchenka, mas não pôde lembrar-se de nada, apenas da vela que queimava sobre o parapeito da janela e do vidro com um pequeno círculo formado pela chama ao fundir o gelo.

Como ela poderia imaginar que o morto que agora jazia sobre a mesa tinha visto esse pequeno olho ao passar pela rua e havia percebido a vela? Que foi a partir dessa chama vista de fora — "A vela queimava sobre a mesa. A vela queimava…" — que a predestinação entrou na vida dele?

Seus pensamentos se dispersaram. Ela pensou: "Que pena que não se possa fazer o serviço religioso. O rito fúnebre é tão grandioso e solene! A maioria dos mortos é indigna dele, mas Iúrotchka o merecia. Ele é digno desse 'soluço fúnebre transformado em canto de aleluia', que tudo redime e justifica".

E ela sentiu uma onda de orgulho e leveza, como sempre acontecia quando pensava em Iúri e nos curtos períodos em que viveu perto dele. O sopro de liberdade e desprendimento que sempre emanava dele também agora a envolveu. Levantou-se do banco, impaciente. Algo de incompreensível acontecia dentro dela. Desejou, ainda que por um momento, fugir com a sua ajuda para a liberdade, para o ar puro, para fora da cadeia de sofrimentos que a encerravam, de experimentar, como antes, a felicidade da libertação. A felicidade que sonhava, imaginava, era a felicidade em se despedir dele, a ocasião e o direito que tinha de chorar sobre ele o quanto quisesse, sem nada temer. E com a impaciência da paixão, lançou à multidão um olhar cego e alquebrado pela dor, cheio de lágrimas, como se houvesse pingado nos olhos gotas que ardem, e todos começaram a se mover, a se afastar e a sair do cômodo, deixando-a finalmente sozinha atrás da porta fechada. Persignando-se rapidamente, ela se aproximou da mesa e do caixão, subiu no pequeno banco que Evgraf havia deixado e, com um movimento amplo e lento do braço, desenhou três vezes o sinal da cruz sobre o corpo, beijando em seguida a testa e as mãos frias. Não se deteve sobre a sensação de que a testa parecia menor, como um punho serrado, não se deu conta disso. Congelou-se por alguns instantes, não falou, não pensou, não chorou, apenas cobriu o meio do caixão, as flores

e o corpo com sua cabeça, seu peito, seu coração e suas mãos, grandes como sua alma.

15

Os soluços reprimidos a sacudiam por inteiro. Ela os continha o quanto podia, mas, súbito, eles se elevaram acima de suas forças e as lágrimas irromperam, cobrindo sua face, seu vestido, suas mãos e o caixão contra o qual se estreitava.

Ela não falava e não pensava em nada. Uma sucessão de pensamentos, generalidades, ideias e certezas corria livre em sua mente como nuvens no céu, como antigamente, em suas conversas noturnas. Era justamente isso que outrora lhe dava felicidade e liberdade. Um conhecimento não cerebral, ardente e inspirado mutuamente. Instintivo e imediato.

Nesse momento, estava repleta desse conhecimento, um conhecimento obscuro e indistinto da morte, uma disponibilidade para ela e uma ausência de perplexidade diante dela. Como se tivesse vivido vinte vezes no mundo, como se tivesse perdido vezes sem conta Iúri Jivago e tivesse acumulado toda a experiência do coração nesse assunto, de forma que tudo o que sentia e fazia junto ao caixão fosse a propósito e oportuno.

Oh, que amor tinham vivido! Livre, raro, incomparável! O pensamento para eles era semelhante ao canto para outros.

Eles se amavam não por necessidade, não porque estivessem "abrasados pela paixão", como falsamente descrevem. Eles se amavam porque tudo ao redor assim o desejava: a terra sob os seus pés, o céu acima das cabeças, as nuvens, as árvores. Esse amor dava prazer aos próximos talvez mais do que a eles mesmos; aos desconhecidos na rua, aos espaços que se abriam diante deles em seus passeios, aos quartos em que viviam ou se encontravam.

Ah, era isso, era isso o essencial que os aproximava e os unia! Nunca, nunca, nem mesmo nos minutos da felicidade mais generosa, mais louca, jamais os abandonou o deleite elevado e arrebatador do sentimento de que eles também ajudaram a configurar a beleza do mundo, a sua relação

profunda com o todo, com o universo inteiro.

Essa harmonia era a sua razão de viver. A exaltação do homem acima do resto da natureza e as afetações humanitárias semelhantes à adoração idólatra do homem não os atraíam. Consideravam lamentáveis e incompreensíveis tais falsos princípios da vida social transformados em política.

16

Ela se despediu dele com as palavras simples e comuns de uma conversa animada e familiar que rompia os quadros da realidade e não possuía mais sentido do que os cantos e os monólogos das tragédias, do que os versos, do que a música e todas as outras convenções, que só se justificam pelo fato de que toda emoção implica uma convenção. A convenção nesse caso, que justifica a tensão da sua conversa ligeira, improvisada, eram as lágrimas em que mergulhavam, se banhavam e flutuavam as suas palavras cotidianas.

Parecia que essas palavras molhadas de lágrimas formavam por si mesmas um murmúrio terno e rápido, como o farfalhar do vento numa folhagem sedosa e umedecida pela chuva quente.

— E aqui estamos, novamente juntos, Iúrotchka. Em que circunstâncias Deus proveu nosso reencontro! Que horror, veja só! Oh, não posso mais! Oh, Senhor! Choro, choro! Veja só. Novamente, algo do nosso tipo, do nosso arsenal. Tua partida, meu fim! Novamente, algo grande e irrevogável. O enigma da vida, o enigma da morte, o encanto do gênio, o encanto da nudez, isso, é claro, nós compreendemos. Quanto aos pequenos negócios do mundo, como a reconstrução do globo terrestre, nós lamentamos muito, mas isso não é da nossa alçada.

"Adeus, meu grande e querido amor, adeus, meu orgulho, adeus, meu rio veloz e profundo. Como eu amava o rumor das tuas águas, como eu amava me atirar nas tuas vagas!

"Acaso se lembra da nossa despedida na neve? Como você me enganou! Mas eu teria partido sem você? Oh, sei bem, sei bem que o fez contra sua

vontade, pelo meu bem, você acreditava. E então, tudo virou pó. Senhor, o que vivi depois, o que provei! Mas você não sabe de nada. Oh, o que eu fiz, Iúra, o que eu fiz! Sou uma criminosa, você não tem ideia! Mas não é minha culpa. Passei três meses doente em um hospital, um mês sem consciência. Desde então, não há mais vida para mim, Iúri. Não há mais paz em minha alma, só remorso e tormento. Mas o principal, eu não digo, não revelo. Não posso nomeá-lo, não tenho forças. Quando chego a esse lugar da minha vida, meus cabelos se arrepiam de horror. E você sabe, nem mesmo posso jurar que sou de fato normal. Mas veja, não bebo como muitos, não caí nesse caminho, porque uma mulher embriagada — isso já é o fim, é uma coisa impensável, não é verdade?"

E ela ainda falou e chorou e sofreu. De repente, levantou a cabeça, assustada, e olhou ao redor. Já havia uma intensa movimentação de pessoas. Desceu do pequeno banco e, cambaleando, afastou-se do caixão, passando a palma da mão sobre os olhos, como que para apressar o resto das lágrimas presas e sacudi-las no chão.

Os homens se aproximaram do caixão e o levantaram sobre três panos tensionados. Era a elevação do corpo.

17

Larissa Fiódorovna passou alguns dias na travessa Kamerguérski. Tomou parte na triagem dos papéis de Iúri de que lhe falara Evgraf Andréievitch, mas não viu o fim dos trabalhos. A conversa que desejava ter com Evgraf Andréievitch aconteceu. Ele soube dela um segredo muito importante.

Um dia, Larissa Fiódorovna saiu de casa e não voltou mais. Decerto foi detida na rua, como acontecia com frequência naqueles dias, e morreu ou desapareceu não se sabe onde, esquecida sob um número anônimo de uma lista perdida, em um dos inumeráveis campos de concentração gerais ou femininos do norte.

1. Acrônimo de Nóvaia Ekonomítcheskaia Polítika (Nova Política Econômica). Com esse plano, o novo governo entrega pequenas explorações agrícolas, comerciais e industriais à iniciativa privada, num esforço de fazer a nascente União Soviética sair da grave crise após os anos de guerra civil. Precede a coletivização e renacionalização forçada dos meios de produção com a ascensão de Stálin ao poder, em 1928.
2. Expressão que significa "seja bem-vindo", segundo a tradição russa de acolher os visitantes.
3. Vassíli Bellavin Tíkhon (1865-1925), eleito em 1917 o primeiro patriarca da Igreja ortodoxa desde as reformas de Pedro, o Grande. Entrou em conflito com os bolcheviques, sendo preso em 1922-3. Foi canonizado pela Igreja ortodoxa em 1989.

DÉCIMA SEXTA PARTE
EPÍLOGO

1

Certa vez, no verão de 1943, depois do rompimento do cerco de Kursk e da libertação de Oriól, o segundo-tenente Gordon, recentemente promovido, e o major Dúdorov retornavam, separadamente, de Moscou à unidade do Exército em que ambos serviam, o primeiro, vindo de uma viagem de serviço, o segundo, de uma licença de três dias.

Encontraram-se pelo caminho e pernoitaram em Tchern, uma cidadezinha que, apesar de devastada, não havia sido completamente destruída, como aconteceu com a maioria dos povoados dessa "zona desertificada", eliminados da face da Terra pelo inimigo em retirada.

Em meio às ruínas da cidade, aos tijolos quebrados e à poeira fina de pedras pulverizadas, encontraram um celeiro intacto, onde se instalaram à noite.

Não dormiram. Conversaram a noite toda. Perto das três da matina, Dúdorov já cochilava quando a agitação de Gordon o acordou. Com movimentos desastrados, este remexia e balançava o feno macio como se estivesse na água. Depois de juntar algumas roupas numa trouxa, começou a deslizar desajeitadamente do monte de feno para a entrada do celeiro.

— Aonde você vai assim? Ainda é cedo.

— Vou até o rio. Quero lavar umas roupas.

— Você está doido. À noite já estaremos na nossa unidade e a roupeira

Tanka nos dará outra muda. Para que a pressa?

— Quero resolver isso logo. A roupa está suada e suja. A manhã está quente. É só lavar rapidamente e torcer bem, o sol vai secar num instante. Então, eu tomo um banho e me troco.

— Mesmo assim, isso não é muito conveniente. Afinal, você é um oficial.

— Está cedo. Todos ainda dormem. Vou para trás de algum arbusto, ninguém vai ver. E você, volte a dormir, pare de falar ou vai perder o sono.

— Não quero mais dormir. Vou com você.

E foram para o rio, atravessando as pedras brancas das ruínas já aquecidas pelo sol, apesar da hora matinal. Muitas pessoas dormiam a céu aberto pelas ruas antigas da cidadezinha, espalhavam-se pela terra e tinham o rosto bronzeado e coberto de suor. Quase todas eram habitantes do local, velhos, mulheres e crianças sem teto, mas encontrava-se também um ou outro soldado solitário do Exército Vermelho, algum retardatário que buscava juntar-se à sua unidade. Gordon e Dúdorov pisavam com cuidado, olhando para os pés, de forma a não esbarrar em ninguém.

— Fale mais baixo ou vamos acordar a cidade inteira e adeus à minha lavagem.

E prosseguiram a meia-voz a conversa da noite anterior.

2

— Que rio é este?

— Não sei. Não perguntei. Mas creio que é o Zúcha.

— Não, não é o Zúcha. É algum outro.

— Então, não sei.

— Foi no Zúcha que aconteceu tudo aquilo com Khristina.

— Sim, mas em outro local da correnteza. Um pouco mais abaixo. Dizem que a igreja a canonizou.

— No local havia uma construção de pedra a que chamavam "Estrebaria". De fato, era usado como estábulo do *sovhoz*,[1] mas se tornou um nome histórico. Uma estrebaria antiga de paredes grossas. Os alemães a

reforçaram e a transformaram numa fortaleza inexpugnável. A partir dali, eles controlavam toda a região e impediam o nosso avanço. Tínhamos que retomar essa posição. Khristina, com enorme coragem e engenhosidade, penetrou as posições alemãs e fez explodir a estrebaria. Foi capturada viva e enforcada.

— Por que Khristina Orletsóva e não Dúdorova?

— Mas nós ainda não éramos casados. No verão de 41 combinamos nos casar assim que a guerra terminasse. Depois, segui com o Exército. Minha unidade era constantemente transferida, e eu a perdi de vista. Não a revi mais. Soube da sua ação e morte heroica como todo mundo, pelos jornais e ordens do dia. Parece que vão erigir um monumento a ela na região. Ouvi dizer que o general Jivago, o irmão de Iúri, está percorrendo os locais e reunindo informações sobre ela.

— Desculpe-me por ter levantado essa história. Imagino que deva ser difícil para você.

— A questão não é essa. Mas já falamos muito. Não quero te atrapalhar. Vá, entre na água e faça o que tem de fazer. Eu vou me deitar aqui na margem, mastigar um capim e pensar, talvez tire uma soneca.

Alguns minutos mais tarde, a conversa foi retomada.

— Onde você aprendeu a lavar roupa assim?

— A necessidade ensina. Não tivemos sorte. Dentre todos os campos de trabalho, caímos no mais terrível. Quase ninguém sobreviveu. A começar pela nossa chegada. Retiraram um grupo do vagão. Um deserto de neve. Ao longe, uma floresta. Soldados com fuzis abaixados e cães de raça. Nessa mesma hora, em dias diferentes, conduziam para lá novos grupos. Fomos dispostos em formação naquele espaço aberto, um imenso polígono, de costas, para não vermos uns aos outros. Ordenaram que ficássemos de joelhos, proibidos de virar a cabeça, sob pena de execução imediata. Então, começou o interminável e humilhante procedimento de chamada, que durou horas. Sempre de joelhos. Depois, nos colocaram de pé, levaram outros grupos para locais diferentes e nos anunciaram: “Este é o campo de vocês. Instalem-se como quiserem”. Um campo de neve a céu aberto, no

centro um poste, no poste a inscrição: “Gulag 92Ia N 90”, e mais nada.

— Não, foi menos duro conosco. Tivemos sorte. Era a minha segunda condenação, resultante da primeira. O artigo que a determinava era outro, as condições não podiam ser as mesmas de antes. Assim que me libertaram, fui novamente reabilitado, como da primeira vez, e pude retomar as aulas na universidade. Quando a guerra começou, me mobilizaram com o grau de major, não me enviaram para um batalhão disciplinar como fizeram com você.

— Sim. Um poste com a inscrição “Gulag 92Ia N 90” e mais nada. Nos primeiros dias, quando gelava muito, quebrávamos galhos com as mãos para construir cabanas. Você não vai acreditar, mas pouco a pouco nos acostumamos, construímos tudo. Abatemos árvores e levantamos prisões, cercamos com paliçadas, instalamos cárceres, torres de vigilância, tudo com as próprias mãos. E iniciamos o corte e armazenamento de madeira. Abatíamos árvores e atrelávamos em oito ao trenó, carregávamos toras com neve até o peito. Durante muito tempo, não soubemos da guerra. Escondiam de nós. Mas um dia, fizeram uma proposta: os voluntários para os regimentos disciplinares seriam libertados, caso sobrevivessem aos combates intermináveis. Depois, seguiram os ataques sem fim, quilômetros de cercas eletrificadas, minas, morteiros, meses e meses numa tempestade de fogo. Não é à toa que nos chamavam de condenados à morte. Quase todos foram mortos. Como eu sobrevivi? Como pude sobreviver? No entanto, todo aquele inferno sanguinário era um paraíso, comparado aos horrores do campo de concentração, não pelas condições pesadas, mas por outro motivo.

— É, meu irmão, você comeu o pão que o diabo amassou.

— Não é só lavar roupa. O que não se aprende por lá!

— É impressionante. Não só pelo seu destino de forçado, mas também em contraste a toda a nossa vida anterior aos anos 30, em liberdade, na boa atividade universitária, entre livros, conforto, dinheiro, a guerra surgiu como uma tempestade purificadora, uma corrente de ar puro, um sopro de libertação.

“Eu penso que a coletivização foi um erro, um fracasso, e uma vez que

isso não podia ser admitido, passaram a usar todos os meios de intimidação possíveis para suprimir o hábito das pessoas de julgar e pensar, para forçá-las a ver o que não existia e para provar o contrário das evidências. Daí a crueldade sem precedentes do período de Ejóv,[2] a promulgação de uma Constituição destinada a não ser aplicada, a convocação de eleições não fundadas em princípios eleitorais.

"E quando eclodiu a guerra, o seu horror real, perigo real e ameaça real de morte foram percebidos como um bem, se comparados à dominação inumana do imaginário; trouxeram-nos alívio porque limitaram a força mágica da letra morta.

"As pessoas, não apenas as que estavam na situação de forçado, mas absolutamente todas, na retaguarda e no front, respiraram mais livremente, de peito aberto, e, embriagadas pelo sentimento de uma verdadeira felicidade, atiraram-se na fornalha da luta terrível, mortal e salvadora."

— A guerra é um elo especial no encadeamento das décadas revolucionárias. É quando termina a ação dos motivos diretamente ligados à natureza da revolução. E quando começam a se revelar os resultados indiretos, os frutos dos frutos, as consequências das consequências. A calamidade temperou o caráter da nova geração, deu-lhe resistência, heroísmo e prontidão para tudo o que é grande, temerário e prodigioso. Todas essas virtudes fantásticas e impressionantes constituem a sua flor moral.

"Essas constatações me enchem de alegria, apesar do martírio de Khristina, dos meus ferimentos, das nossas perdas, do preço sanguinário da guerra. O que me ajuda a suportar a dor da morte de Orletsóva é a luz do espírito de sacrifício que brilha no fim que ela teve e na vida de cada um de nós.

"Justamente enquanto você, pobre sujeito, suportava as numerosas torturas, eu era libertado. Nessa época, Orletsóva ingressou na faculdade de história. A natureza de seus interesses acadêmicos colocou-a sob minha orientação. Mas já muito antes, na época da minha primeira detenção, quando ela ainda era criança, essa garota notável me chamou a atenção.

Você deve se lembrar, comentei esse assunto quando Iúri ainda estava vivo. E lá estava ela, entre as minhas alunas.

"Acabava de entrar na moda o costume dos alunos de criticar os professores. Orletsóva se lançava com ardor. Sabe Deus por que ela me criticava tão violentamente. Os ataques eram tão insistentes, tão vingativos e injustos que meus outros alunos se revoltavam e tomavam meu partido. Orletsóva tinha um senso de humor impressionante. Atribuiu-me um sobrenome inventado, com que todos se familiarizaram, e me ridicularizava no jornal-mural. De repente, por acaso, ficou claro que essa hostilidade inveterada mascarava um amor jovem, profundo, resistente e antigo. E os meus sentimentos corresponderam aos dela.

"Tivemos um verão maravilhoso em 41, primeiro ano de guerra, às vésperas dela e durante os seus primeiros meses. Um grupo de estudantes de que ela fazia parte instalou-se num local de datchas perto de Moscou, onde minha unidade se alojou. A nossa amizade se iniciou durante os ensinamentos militares, a formação dos destacamentos de voluntários dos arredores, o treinamento de paraquedismo de Khristina, o rechaço noturno das primeiras incursões alemãs sobre os telhados de Moscou. Eu já contei que logo depois de festejarmos o nosso noivado, fomos separados pelos meus deslocamentos constantes. Nunca mais a vi.

"Quando a situação virou a nosso favor, e os alemães começaram a se render aos milhares, eu, depois de ter sido ferido duas vezes e internado também duas vezes no hospital, fui transferido da artilharia antiaérea para o sétimo departamento do Estado-Maior, onde solicitavam homens que conhecessem línguas estrangeiras, e lá eu insisti para que te trouxessem também, depois que descobri onde você estava."

— Tânia, a roupeira, conheceu bem Orletsóva e conta muitas coisas sobre Khristina. Elas se conheceram no front e ficaram amigas. Essa Tânia tem uma maneira de sorrir que me faz lembrar de Iúri, você notou? Esqueça por um minuto o nariz arrebitado e a maçã angulosa do rosto, vai ver como o rosto se torna atraente, gracioso. É o mesmo tipo do Iúri, um tipo bem comum entre nós.

— Eu sei o que você quer dizer. Talvez. Não prestei atenção.

— Que nome horrível e bárbaro, Tânia Bezótcheredieva.[3] Mas isso não é um sobrenome, é uma invenção ou uma deturpação, o que você acha?

— Ela explicou. É uma criança abandonada, de pais desconhecidos. Provavelmente, em algum rincão da Rússia em que a língua permanece pura e intocada, pronunciavam "bezottchaia".[4] A rua, que repete de través o que entende pela metade, como já não compreende mais o sentido dessa palavra, transformou-a do seu jeito, aproximou-a do seu grosseiro dialeto cotidiano.

3

Isso aconteceu pouco depois do pernoite de Gordon e Dúdorov em Tchern e de sua conversa matinal. Alcançando o Exército na cidade de Karátchev, que tinha sido destruída até às fundações, os amigos se juntaram aos contingentes da retaguarda que seguiam as forças principais.

Era um outono quente e havia mais de um mês o tempo se mantinha claro e calmo. Banhada pelo calor do céu azul sem nuvens, a terra negra e fértil de Brianschina, uma região abençoada entre Oriól e Briansk, amorenava-se ao sol com reflexos chocolate-café.

A grande estrada cortava a cidade em linha reta, constituindo-se a rua principal. De um lado, seguiam-se montes de escombros, em razão da destruição das casas por minas, e árvores frutíferas arrancadas, retorcidas ou calcinadas de pomares achatados na terra. Do outro lado, estendiam-se lotes desertos com poucas construções, certamente já assim antes da destruição da cidade e, por isso, menos visados e menos atingidos por bombas e incêndios.

Do lado povoado, alguns habitantes das casas destruídas remexiam os montes de cinzas ainda quentes e reuniam em um local afastado os objetos que conseguiam desenterrar, enquanto outros cavavam abrigos subterrâneos apressadamente e cortavam a terra em camadas para cobrir-lhes a parte superior com grama.

Nos terrenos baldios do lado oposto, amontoavam-se tendas brancas,

caminhões e vagões de vários tipos de serviço de segundo escalão, hospitais de campanha sem as suas divisões, destacamentos mistos, depósitos de provisões e intendências que haviam se perdido e que se procuravam. Viam-se também jovens magros e débeis das companhias de reforços, com as faces cavadas e terrosas pela disenteria, com boinas cinza e pesados casacos militares, que pousavam ali para descansar, matar a fome e dormir um pouco, antes de se arrastar novamente para oeste.

Ao longe, os incêndios e as explosões das minas de ação retardada continuavam a devastar a cidade dinamitada e em parte reduzida a cinzas. A todo instante, um novo tremor sacudia o solo sob os pés dos habitantes ocupados em remexer os escombros e os forçava a interromper o trabalho; levantavam as costas curvadas e, apoiando-se no cabo das pás, voltavam-se para a direção da explosão, repousando um longo olhar sobre o horizonte.

Lá, viam subir ao céu nuvens de poeira cinza, negra, vermelho-tijolo, cor de chama e de fumaça, de início em colunas e feixes, depois em massas pesadas e preguiçosas que se abriam, se espalhavam em penachos, se dispersavam e tombavam. Só então os trabalhadores retomavam a sua tarefa.

Junto aos terrenos baldios, havia uma clareira orlada por arbustos e inteiramente coberta pela sombra de velhas árvores. Essa vegetação a separava do mundo como um pátio coberto, solitário, mergulhado numa penumbra fresca.

Era ali que Tânia, a roupeira, aguardava o caminhão que deveria buscá-la com o material de sua responsabilidade. Dois ou três homens de seu regimento e alguns soldados que desejavam aproveitar a ocasião aguardavam com ela. Gordon e Dúdorov também estavam lá. O material estava organizado em várias caixas amontoadas na clareira. Tânia permanecia ao lado delas, e os demais também não se afastavam, temendo perder essa oportunidade de partir.

Já aguardavam havia mais de cinco horas. Não tinham nada o que fazer. Ouviam a incessante tagarelice de Tânia, que tinha muitas histórias para contar. Nesse momento, ela contava sobre a entrevista com o general de brigada Jivago.

— Foi assim mesmo. Ontem. Vieram me buscar e me levaram até o general em pessoa. O general de brigada Jivago. Ele estava de passagem, veio por causa da Khristina, interrogou as pessoas. As testemunhas oculares, os que a conheceram pessoalmente. Falaram de mim. Falaram que nós éramos amigas. Mandou me chamar. Bem, chamaram e me levaram. Mas ele não é nada assustador. Não tem nada de mais, é como todo mundo. Moreno, de olhos puxados. Bom, o que eu sabia, eu disse. Escutou e disse obrigado. E você, ele diz, de onde é que vem? Quem é? Mas eu, claro, pra lá, pra cá, desviei do assunto. Me gabar de quê? Uma abandonada. Depois, é assim. Vocês sabem. Casa de correção, vagabundagem. Mas ele insiste, fale, ele diz, não tenha vergonha. Eu comecei com timidez, disse uma, duas palavras, ele me encorajou, eu soltei a voz. O tanto que eu tenho pra contar! Se vocês ouvissem, não iam acreditar, está inventando. Com ele também. Eu termino, ele se levanta e fica andando de um lado pro outro da isbá. Isso é incrível, ele diz. Bom, escute, agora não tenho tempo, ele diz. Mas vou te procurar, não se preocupe, vou te encontrar e mandar chamar outra vez. Nunca imaginei ouvir isso, ele diz. Não vou te abandonar. Ainda temos umas pequenas coisas para esclarecer, uns detalhes. Então, quem sabe, ainda vou ser seu tio, fazer de você sobrinha de general. E você ainda vai estudar na universidade, o que você quiser. Por Deus que é verdade, ele disse isso. Que gozador, aquele ali.

Nesse momento, chegou à clareira uma carroça comprida com laterais altas, usadas na Polônia e na Rússia ocidental para transportar feixes. A parelha de cavalos era conduzida por um militar, na terminologia antiga, *furleit*, soldado do comboio da cavalaria. Ele parou a carroça, pulou da boleia e começou a desatrelar os cavalos. Todos, com exceção de Tatiana e de alguns soldados, rodearam o condutor e suplicaram que não desatrelasse, que os levasse aonde necessitavam ir, que lhe pagariam por isso. O soldado recusou, não tinha direito de dispor dos cavalos e da carroça e devia obedecer às ordens que havia recebido. Conduziu os cavalos desatrelados para algum lugar e não apareceu mais. Todos os que estavam sentados no chão se levantaram e foram se sentar na carroça vazia. Tatiana retomou a

história, interrompida pela aparição da carroça e discussão com o cocheiro.

— O que você contou ao general? — perguntou Gordon. — Se puder, repita para nós.

— Sim, por que não?

E ela lhes contou a sua terrível história.

4

— É verdade que eu tenho muita coisa pra contar. Disseram que eu não sou do povo. Foi gente estranha que me disse ou fui eu que guardei isso no coração, mas ouvi dizer que mamãe, Raíssa Komarova, era mulher de um ministro russo, camarada Komaróv, que se escondia na Mongólia branca. E que esse Komaróv não é meu pai verdadeiro. Está certo que eu não tenho instrução, nem pai, nem mãe, cresci órfã. Vocês podem achar engraçado o que eu digo, mas eu digo o que eu sei, se coloquem no meu lugar.

"Sim. O que eu vou contar aconteceu do outro lado das Krúchitsi, no outro canto da Sibéria, depois do país dos cossacos, perto da fronteira com a China. Quando nós, os nossos, os vermelhos, quando começaram a se aproximar da cidade principal dos brancos, esse ministro Komaróv pôs mamãe num trem especial com a família e a tirou de lá, mamãe estava assustada e não dava um passo sem ele.

"De mim, ele não sabia nada, nem que eu existia, esse Komaróv. Não sabia que eu tinha nascido. Mamãe me teve durante uma ausência longa dele e morria de medo de que alguém deixasse escapar. É terrível como ele detestava crianças. Gritava, batia o pé, dizia que era só sujeira e preocupação na casa. 'Eu não suporto', ele gritava.

"Então, quando os vermelhos se aproximaram, mamãe pediu que chamassem Marfa, a mulher do guarda-barreira do entroncamento de Nagórnaia, a três estações da cidade. Vou explicar. Primeiro vem a estação Nizováia, depois o entroncamento de Nagórnaia e depois a passagem de Samsónovski. Agora, acho que entendo de onde mamãe a conhecia. Parece que ela vendia verdura na cidade, trazia leite. Sim.

“Mas tem alguma coisa nisso que eu não sei. Eu acho que enganaram mamãe, que não disseram a verdade. O que disseram a ela, só Deus sabe, eu imagino que disseram que era temporário, por uns dois dias, até a agitação se acalmar. E não para me deixar com estranhos para sempre, ser criada por estranhos. Mamãe não iria abandonar assim a própria filha.

“Bem, vocês sabem como é com criança. Vai com a titia, titia vai te dar um pão doce, titia é boazinha, não precisa ter medo. Mas como eu chorei depois, que tristeza tomou conta do meu coração de criança, melhor nem lembrar. Eu queria me enforcar, quase fiquei louca. Eu ainda era pequena. É certo que deram dinheiro para tia Marfucha cuidar de mim, muito dinheiro.

“O posto de guarda-barreira dava direito a uma boa chácara, uma vaca, um cavalo, pássaros de muitos tipos, terra para plantio, tinha terra à vontade lá, e uma casa, tudo de graça e perto da estrada de ferro. Os trens que vinham da parte baixa, da minha terra, ralentavam, ralentavam, com dificuldade de subir a colina, mas os de vocês, que vinham da Rússia, vinham disparados, quase não conseguiam frear. No outono, quando as folhas caíam, dava para ver bem a estação de Nagórnaia, na parte baixa.

“O tio Vassíli, eu chamava de paizinho como os camponeses faziam. Ele era alegre e bom, mas muito confiante, e quando bebia dizia o que não devia — como dizem, o porco fala pra porca, e a porca pra toda a cidade.

“Mas a mulher do guarda-barreira, eu nunca consegui chamar de mamãe. Talvez porque nunca esqueci a minha mãezinha, ou porque essa tia Marfa era terrível. Sim. Eu chamava de tia Marfucha.

“E o tempo passou. Passaram anos. Não lembro quantos. Comecei a fazer sinal com a bandeira vermelha para o trem. Desatrelava cavalo, tocava a vaca, eu fazia de tudo. Tia Marfucha me ensinou a fiar. E as coisas da casa. Limpava o chão, preparava a comida, a massa, eu sabia fazer de tudo. Ah, me esqueci de falar que também cuidava de Piétenka. Ele tinha três aninhos, as perninhas secas, ficava deitado, não andava, então eu cuidava dele. Quantos anos já se passaram, mas eu ainda sinto um frio na espinha quando me lembro do jeito que tia Marfa olhava para as minhas pernas

fortes, como quem diz, as tuas não são secas, era melhor que fossem as tuas e não as de Piétenka, como se eu tivesse posto olho grande e estragado as de Piétenka, vejam só quanta maldade e ignorância existe no mundo.

"Mas tudo isso até aqui eram flores, como se diz. Escutem o que aconteceu depois.

"Então, veio a NEP e mil rublos viraram um copeque. Vassíli Afanássievitch vendeu a vaca e recebeu dois sacos de dinheiro por ela, de 'kêrenski' — não, desculpe, 'limóni', o dinheiro chamava 'limóni'. Bebeu e se gabou da riqueza por toda a Nagórnaia.

"Lembro que ventava muito, era outono e o vento destelhava as casas; as locomotivas não conseguiam subir a colina, pois o vento soprava contra elas. Vi uma peregrina velhinha que subia a pé, com o vento sacudindo a saia e o lenço.

"A velhinha gemia e apertava o ventre. Pediu para entrar. Sentamos ela num banco, ai, ela gemia, não aguento mais, tenho muita dor, vou morrer. E pediu: me levem para um hospital, pelo amor de Cristo, eu pago, o que vocês quiserem. Então, paizinho atrelou Udalói, pôs a velha na carroça e levou para o hospital do *zemstvo*, a quinze verstas de casa.

"Algum tempo depois, tia Marfucha e eu estávamos indo dormir, quando escutamos pela janela Udalói relinchar e a carroça entrar no pátio. Acontece que ainda era cedo para estarem de volta. Bem, tia Marfucha acendeu o fogo, enfiou uma roupa e, sem esperar que paizinho batesse, ela levantou a trava da porta.

"Levantou a trava e quem ela vê na porta não é paizinho, é um estranho, um mujique escuro e horrível, que diz: 'Mostre onde está o dinheiro da vaca. Matei à machadada o teu marido no bosque, mas não vou te fazer mal, mulher, se disser onde está o dinheiro. Se não disser, vai ver o que acontece. Melhor não brincar comigo. Não vou ficar aqui plantado'.

"Ai, santo pai, o que não aconteceu conosco, camaradas, ponham-se no nosso lugar! Tremíamos, mais mortas do que vivas, a língua não se mexia de medo, de terror! Primeiro, ele disse que tinha matado Vassíli Afanássievitch com o machado. A segunda desgraça é que estávamos sozinhas com um

bandido, um bandido estava na nossa casa, é claro que era um bandido.

"Acho que foi nesse momento que tia Marfucha perdeu a razão. A morte do marido partiu seu coração e ela tinha que segurar a dor.

"Tia Marfucha se jogou aos pés dele. Dizia: tenha piedade, não me mate, não sei, não sei nada, não vi nada desse dinheiro, é a primeira vez que escuto falar dele. Mas não era assim tão simples livrar-se do maldito com palavras. E, de repente, ela teve a ideia de enganar o mujique. 'Está bem', ela disse, 'pode pegar. Está embaixo do piso. Vou levantar o alçapão, você desce lá e pega.' Mas ele viu logo que era esperteza dela. 'Não', ele disse, 'você que é a dona da casa, desça você. Embaixo do chão, em cima do telhado, tanto faz, desde que traga o dinheiro. Mas não tente me enrolar, comigo ninguém brinca.'

"Então, ela disse para ele: 'Deus meu, de que é que você desconfia? Eu iria lá, mas não tenho mais condições. É melhor eu iluminar do primeiro degrau. Não tenha medo, se quiser, leve a minha filha junto por segurança'.

"Oh, meus amigos, imaginem o que eu senti quando ouvi isso. Bem, pensei, é o fim. Meus olhos não viam mais nada, senti as pernas bambas, pensei que fosse cair.

"Mas o maldito não era bobo, olhou de lado para nós duas, apertou os olhos e arreganhou os dentes, entortando a boca. Viu que ela não tinha pena de mim, que eu não era filha, não era do mesmo sangue. Então, agarrou Piétenka com um braço e com o outro abriu o alçapão, ilumine, disse, e desceu a escada com Piétenka.

"Acho que tia Marfucha já estava sem juízo, não compreendia mais nada, estava maluca. Assim que o maldito desceu com Piétenka, ela bateu o alçapão, passou a corrente com cadeado e começou a empurrar para lá uma arca pesada, me fazendo sinais, venha me ajudar, não posso sozinha, é pesada. E ela se senta sobre a arca, a doida, toda alegre. O bandido começou a gritar lá de baixo e a bater tum-tum, melhor abrir, senão, vou acabar com o garoto. Era alguma coisa assim que ele gritava. Não dava para ouvir bem as palavras, as toras do piso eram grossas. Mas ele gritava como uma besta-fera, dava medo. Vou acabar com teu Piétenka, gritava. E ela não entendia nada.

Ficava ali sentada, ria, piscava o olho para mim. Parecia dizer: grite, seu tolo, estou em cima do baú com a chave na mão. Fiz de tudo pra convencer tia Marfucha. Gritei no ouvido dela, empurrei-a do baú. Tínhamos que abrir o alçapão e salvar Piétenka. O que eu podia fazer? O que mais eu podia dizer?

"E ele batia, batia, o tempo passava, e ela lá, sentada, girando o olho, sem escutar nada.

"Depois de algum tempo, ai, paizinho, ai, paizinho, já vi de tudo na vida, mas um horror como esse, não vou esquecer, mesmo que eu viva um século, vou sempre ouvir a vozinha de lamento, os gritinhos e gemidos de Piétenka no subsolo, aquela alminha angelical, que ele dilacerou até a morte, o desgraçado.

"E agora, e agora, eu pensava, o que eu faço com a velha louca e o bandido assassino? O tempo passava. Assim que pensei nisso, ouvi Udalói relinchar à janela. Ele estava todo esse tempo ali, atrelado. Sim. Ele relinchava como se me dissesse: vamos lá, Taniúcha, vamos logo procurar ajuda. E eu vi que estava amanhecendo. Você tem razão, Udalói, obrigada pelo teu conselho, vamos voando. Mas logo que pensei isso, foi como se eu ouvisse uma voz do bosque: 'Espere, não se apresse, Taniúcha, vamos resolver de outra forma'. E de novo eu não estava sozinha. Como se fosse o canto do galo, ouvi o apito familiar da locomotiva que vinha da parte baixa. Ela estava sempre em Nagórnaia, sob pressão, era uma locomotiva de reforço, que empurrava os trens comerciais, mas esse trem que ela trazia era misto, passava toda noite nesse mesmo horário em frente de casa. Eu escuto a minha locomotiva conhecida que vem lá de baixo. Escuto, e meu coração bate forte. Será que também fiquei doida como a tia Marfucha para achar que as criaturas e as máquinas falam em russo comigo?

"Mas não dava tempo pra pensar, o trem já estava perto. Agarrei a lanterna, ainda não estava muito claro, e corri desabalada até os trilhos, me postei bem no meio deles, agitando a lanterna para a frente e para trás.

"O resto vocês podem imaginar. Parei o trem, que felizmente vinha bem devagarinho por causa do vento contrário. Parei o trem, e o maquinista, nosso conhecido, surgiu na janela e perguntou alguma coisa, mas não dava

para ouvir por causa do vento. Eu grito para ele que atacaram o posto da ferrovia, que houve assassinato e roubo, que o bandido está na casa, me ajude, camarada tio, venha me defender. Enquanto eu falava, os soldados vermelhos desceram um a um dos vagões, era um trem militar, sim, os soldados desceram e me perguntaram o que estava acontecendo; se espantaram, porque o trem parou numa subida íngreme, no meio do bosque e à noite.

"Depois que souberam de tudo, tiraram o bandido do porão. Ele piou com uma voz mais fina que a do Piétenka, tenham piedade, boa gente, disse ele, não me matem, não faço mais. Esticaram o corpo dele nos dormentes, amarraram as mãos e os pés nos trilhos e passaram com o trem por cima dele. Um linchamento.

"Não entrei mais na casa nem para pegar minha roupa, de tanto horror. Implorei: levem-me com vocês no trem, tios. Eles me levaram. Depois, sem brincadeira, viajei pela metade da terra, nossa e dos outros, com crianças abandonadas; onde não estive! Que liberdade, que felicidade eu conheci, depois das desgraças da minha infância! Mas, claro, vi muita desgraça, muitos pecados. É verdade. Mas isso veio depois e eu conto de outra vez. Mas naquele dia, um funcionário da ferrovia foi até o posto para fazer um inventário do patrimônio do Estado e encaminhar tia Marfucha, arrumar a vida dela. Alguns dizem que ela morreu louca num hospício, outros me disseram que ela se curou e foi embora."

Depois de ouvirem a narração, Gordon e Dúdorov caminharam durante muito tempo pela clareira em silêncio. Em seguida, o caminhão chegou, avançando desajeitadamente na clareira. Começaram a carregar as caixas. Gordon disse:

— Você entendeu quem é essa roupeira Tânia?

— Sim, claro.

— Evgraf vai tomar conta dela. — Após algum silêncio, acrescentou: — Isso já aconteceu várias vezes na história. O que foi concebido como ideal e elevado tornou-se grosseiro e material. Foi assim que a Grécia se tornou Roma, foi assim que o Iluminismo russo se tornou a Revolução Russa.

Tome, por exemplo, o que disse Blok: "Nós, as crianças dos anos terríveis da Rússia" e logo você verá a diferença entre as épocas. Quando Blok disse essa frase, ela deveria ser entendida em sentido metafórico, figurado. As crianças não eram crianças, mas filhos, obras, intelligentsia, e os temores não eram aterrorizantes, e sim providenciais, apocalípticos, são coisas completamente diferentes. Hoje, tudo o que era figurado se tornou literal, as crianças se tornaram crianças, e os medos aterrorizantes, eis a diferença.

5

Passaram-se cinco ou dez anos e, certa vez, num tranquilo entardecer de verão, Gordon e Dúdorov voltaram a se encontrar. Sentados ao lado de uma janela que abria do alto sobre a imensidão de Moscou, folheavam a coleção que Evgraf havia organizado com os escritos de Iúri Jivago. Não era a primeira vez que liam aqueles cadernos, já sabiam de cor a metade deles. Às vezes se interrompiam para trocar observações ou se abandonar a reflexões. Em meio às leituras, a noite caía e já não podiam discernir os caracteres, era preciso acender a luz.

Moscou, abaixo e à distância, a cidade natal do autor, testemunha de metade do que lhe acontecera, Moscou nesse momento não lhes parecia ser apenas o lugar dos acontecimentos, mas a protagonista de uma longa narrativa, cujo fim eles agora alcançavam com os cadernos à mão, nesse anoitecer.

Embora a vitória não tenha trazido a iluminação e a libertação que esperavam, pairava no ar um prenúncio de liberdade naqueles anos do pós-guerra, dotando-os de um conteúdo histórico único.

Sentados à janela, os dois amigos envelhecidos tinham a impressão de que essa liberdade interior havia chegado, que justamente nessa tarde o futuro pousava, palpável, nas ruas que corriam a seus pés, que eles também ingressavam nesse futuro e doravante se instalavam nele. Uma sensação de paz alegre e terna a envolver essa cidade santa, toda a terra, os personagens que sobreviveram a essa história e os seus filhos, penetrava neles e os

banhava com a música inaudível de uma felicidade que se espalhava ao longe e ao redor. E o livro que tinham nas mãos parecia saber de tudo isso e confirmar os seus sentimentos.

---

1. Fazenda de plantação coletiva.
2. Nikolai I. Ejóv (1895-1940), chefe supremo da NKVD (Comissariado do Povo para Negócios Internos) e responsável pela era de terror e expurgos stalinistas entre 1936 e 1938.
3. Significa "sem vez", sem chance na vida.
4. Sem pai, órfã.

DÉCIMA SÉTIMA PARTE
POEMAS DE IÚRI JIVAGO

1. HAMLET[1]

O murmúrio cessou. Subo ao tablado.
Apoiado ao umbral da porta,
Procuro distinguir no eco apagado
Os desígnios de minha sorte.

A penumbra da noite me devassa
Por trás de mil binóculos iguais.
Se for possível, Abba, meu pai,
Afasta de mim essa taça.

Amo a tua obstinada trama
E aceito o papel que me foi dado.
Mas agora representam outro drama.
Ao menos dessa vez, deixa-me de lado.
Mas a ordem das cenas foi prevista
E a estrada chega fatalmente ao fim.
Estou só. Tudo afunda em farisaísmo.
Viver não é passar por um jardim.

2. MARÇO[2]

O sol aquece até a última quentura,
Esbraveja, enfezado o precipício.
Nas mãos da primavera tem fervura,
Nos braços da pastora é forte o ofício.

Definha a neve doente de quebreira
Nas ramas fracas de veias azuladas.
Fumega a vida nas baias das terneiras,
Latejam de saúde os dentes dos forcados.

Que noites, que noites e dias!
Consumpção de telhados-caramelos,
Gotejar de degelo ao meio-dia,
De riachos insones, taramelo!

Tudo escancara, o estábulo, a cocheira.
O pombo na neve bica a aveia.
E tudo, avivador e imputável —
Cheira a ar fresco de estrume do granjeio.

3. NA SEMANA SANTA

Tudo em volta é treva funda.
Tão cedo ainda é no mundo,
Não há número de estrelas,
Claras todas, como o dia,
Bem que a terra poderia
Ver a Páscoa cochilando
À leitura do Saltério.

Tudo em volta é treva funda.
Tão cedo é na terra agora,

Que a praça dormiu uma eternidade
Do cruzamento à extremidade,
E até o calor e a aurora
Faltam mais do que mil horas.

Ainda a terra está nuazinha,
E não pode, de noitinha,
Badalar nos campanários
E ecoar os apocrisiários.

E da Quinta-Feira Santa
Até a Festa da Paixão
Pela margem a água salta
E turbina em turbilhão.

E no bosque, sem roupeiro,
Na Semana da Paixão,
Quais orantes em fileira
Veem-se os troncos dos pinheiros.

Na cidade, em pouco espaço,
Feito o povo na reunião,
Espiam plantas sem folhagem
Nas cancelas da oração.
E o olhar delas é cheio de horror.
Compreendido é seu pavor.
Sai o jardim de seu cercado,
Treme a terra em seu riscado:
Velam a Nosso Senhor.

E veem luz do presbitério,
Velas mil e manto preto,

Rosto em pranto —
Num repente a procissão
As encontra com o sudário,
E as duas bétulas, na porta
vendo isso, desencostam.

E o cortejo contornando
A calçada, pelo fio,
Traz da ruela para o átrio
A primavera, e a fala dela
E um ar sabendo a hóstias
E a embriaguez primaveril.

Lá vem março, a neve espalhando
No adro de gente que sofre,
Como se alguém, ao sair, o cibório
Trouxesse, abrisse o cofre
E tudo, até o fim, fosse dando.

E o cantar dura até a aurora,
E, pranteados à vontade,
Chegam quietos do interior,
Do baldio para os lampiões,
O Apóstolo ou o Saltério.

Meia-noite. Calarão criação
E carne, ao som primaveril:
Quando o tempo for se abrir
Pode-se vencer a morte
Com a força da Ressurreição.

4. NOITE BRANCA

O tempo passado em sonho reaparece,
A casa no quarteirão petersburguês.
Filha da estepe, de pobre sitiante,
Vinda de Kursk, tu, em cursos estudante.

És bonita, admiradores, mil.
Nessa noite branca, ambos juntinhos,
Num cantinho da tua sacada,
Do arranha-céu olhamos para a estrada.

Os lampiões, mariposas de gás,
A manhã, tremulando, enternece.
O que eu te conto em voz baixa,
As lonjuras dormentes parece!

Pela mesma, nós somos tomados,
Trepidante fieldade ao mistério,
Qual Petersburgo ao cenário,
Que transpõe o Nievá ilimitado.

Lá longe, nos fins impenetráveis,
Nesta branca noite primaveril,
Rouxinóis estrepitam louváveis
Hinos aos florestais confins.

O trinado frenético espraia-se,
A voz da avezinha emaciada
Suscita entusiasmo e alvoroço
No seio da floresta encantada.
Nesses sítios, andarilha descalça,

Entra a noite pelo cercado,
E atrás dela, do peitoril se arrasta
O rastro da conversa roubada.

Entre os ecos da fala rasteira,
Nos jardins de tábuas cintados,
Ramos de cerejais e macieiras
Vestem-se de cor esbranquiçada.

E as árvores, feito fantasmas
Atiram-se em bloco na via,
Como acenos de adeus enviados
À noite branca, que tanto viu.

5. ESTRADA LODOSA DA PRIMAVERA

Os fogos do ocaso se apagavam.
Por senda barrenta, no ermo da floresta,
Rumo a um sítio remoto nos Urais
Arrastava-se um homem, a cavalo.

Ao animal sobressaltava o baço,
E ao som dos cascos chafurdantes
Respondia pelo caminho, no seu encalço,
A água, nos rasgos das nascentes.

Mas quando as rédeas afrouxava
E punha o cavalo ao passo,
A enxurrada rolava a seu redor
Toda uivo e fragor.

Alguém ria, alguém chorava,

Chocavam-se pedras contra pedras,
E caíam com a raiz, em torvelinho,
Os troncos arrancados no caminho.

E onde se incendiava o pôr do sol,
Dos ramos na longínqua negridão,
Qual sino tocando a rebate
Um rouxinol se entregava à exaltação.

Onde seu véu de viúva baixava
O chorão, penso sobre o abismo,
Como o antigo assaltante-rouxinol
A sete gargantas assobiava.

A qual pena, a que amada, a qual,
Esse ardor se destinava?
Contra quem suas balas de chumbo
Descarregava no matagal?

Parecia sair como um silvano
Do esconderijo dos forçados fugitivos,
Ao encontro, a pé ou a cavalo,
Das barreiras dos *partisans* nativos.

Terra e céu, bosque e campina
Acolhiam esse raro ruído,
Esses fragmentos de rima, de loucura
De dor, de felicidade, de tortura.

6. EXPLICAÇÃO

A vida sem motivo retornou

Como quando estranhamente se quebrou,
E eu, naquela mesma estrada antiga,
Como então, no mesmo dia de verão.
A mesma gente e os mesmos cuidados,
E o incêndio do ocaso, ainda aceso,
Como então, no muro do Manejo,
A tarde da morte o havia, rápida, pregado.

Mulheres em roupas mais que usadas,
Igualmente, à noite, arrastam os sapatos,
E depois, como então, pelas mansardas
De telhado de zinco são crucificadas.

Eis uma delas, que em passos cansados
Se aproxima, lenta, da soleira
E, subindo do chão pelo sub-rés,
Vem cruzando o pátio pelo viés.

E novamente preparo meus pretextos,
E novamente me é tudo indiferente.
E a vizinha que agora dobra a esquina
Nos deixa novamente frente a frente.

Não chore, não deixe os lábios encrespados,
Não os encha de rugas,
Vai abrir as crostas já secadas
Da febre da primavera.

Tire do meu peito a palma de sua mão,
Nós somos cabos embaixo de tensão.
Um ao outro, ainda, veja lá,
O puro acaso nos atirará.

Hão de passar os anos, e com seu enlace
Há de esquecer essas desventuras.
Ser mulher é um magnífico passo,
Enlouquecer os outros é ato de bravura.
No entanto, o milagre das mãos,
Costas, pescoço, ombros femininos,
Por toda a vida, com devoção servil,
Contarão com minha veneração.

Mas, embora a noite me enclausure
Com os anéis fortes da saudade,
Mais forte no mundo é o impulso à fuga
E a paixão já me convida à ruptura.

7. VERÃO NA CIDADE

Conversas em voz mouca,
E, num gesto meio apressado,
Em trança, partem da nuca,
Os cachos, no alto amarrados.

Debaixo de um pente pesado,
Revirando a cabeça,
Olha a mulher de casquete,
Com todo o seu penteado.

É muito quente na rua,
A noite prevê chuva,
E se espalham, tenteantes
Por suas casas, os passantes.

Ouve-se o som do trovão
Que retumba de roldão
E pelo vento é agitado
Na janela, o cortinado.

Cai o silêncio de repente,
Como dantes se sufoca
E os raios, como dantes,
O céu varrem, vasculhantes.

Mas enquanto, alvorecente,
A manhã de novo aquece,
Seca as poças do caminho,
Do dilúvio vespertino,

Olham feio o acontecido,
Por seu sono interrompido,
As antigas, perfumadas,
Tílias, quase já fanadas.

8. VENTO

Definho, mas tu estás viva.
E o vento que chora e lamenta,
O bosque e a casa acalenta.
Não cada pinheiro isolado,
Mas no conjunto lá estão,
Com a lonjura ilimitada
De cascos de embarcação,
Na face limpa da enseada.
E isso não por presunção
Ou por calor desazado,

Mas para dar na aflição
Palavra, a teu sono embalado.

9. EMBRIAGUEZ

Sob o salgueiro que a hera está abraçando,
Do mau tempo buscamos guarida.
Nossos ombros, cobertos por um manto,
Em tua volta, meus braços te enlaçando.
Enganei-me. As plantas desse matagal
Não a hera as envolve, é pé-de-galo,
E então, vamos, que tal esse manto
Sob nós estendermos, por enquanto?

10. VERÃO DE SÃO MARTINHO

A folha da groselha é rude e entretecida.
Em casa, das risadas e dos vidros há o tinido;
A picam, a fermentam, põem pimenta ardida,
E com tempero de cravo a deixam marinar.

O bosque atira, como por brincadeira,
Esse ruído na vertente alcantilada
Onde, ao sol, aveleiros abrasados
Estão queimados, como por fogueira.

Aqui o caminho cai todo no barranco,
Aqui se tem pena dos cepos ressecados,
E também do outono esfarrapado
Que mistura tudo na baianca.

É uma pena, é mais simples o planeta,

Do que pense um fulano mais sutil,
Que na água se afundem arvoredos
E que todos cheguem a seu fim.

Que é absurdo não ver com os seus olhos
Quando tudo à sua frente se abrasou,
E a caligem do outono já branqueia
E à janela se estira feito teia.
Na cerca do jardim há uma ruptura
E a entrada dá para o betuzal.
A risada e o alarido que há na casa,
São os mesmos que se ouvem na lonjura.

11. O CASAMENTO

Do pátio, cruzada a soleira,
Passaram os convivas na farra
À noite, da noiva solteira
Na casa, tocando a sanfona.

Atrás das portas do dono
Revestidas de flanela
Silenciaram de uma às sete
Os fragmentos das balelas.

Na alvorada, em pleno sono,
— Só dormir, dormir, dormir —
Tocou de novo a sanfona,
Do casório a despedir.

E de novo o tocador
A espalhar com seu *baián*[3]

Palmas e brilho de colares
Som, estrépito e rumor.

E da festa, mais e mais,
A batida das *tchastuchkas*[4]
Bem na cama dos dormentes
Foi caindo intermitente.
E uma, branca como a neve,
No ruído e no assovio
Veio flutuar de novo
Balançando, qual pavoa.

Convidando com a cabeça
E com a mão destra dobrada
Para a dança na calçada,
Pavoa, pavoa, pavoa.

De repente o som do jogo
E o tropel do baile em roda,
Afundando no profundo,
Já não existem neste mundo.

É que o pátio se desperta,
E um eco de misteres
Se mistura com dizeres
E cascatas de risadas.

Lá no infinito do céu,
Em torvelinho de azul,
Fugiam os pombos em bando,
Seu pombal abandonando.

Como se atrás dos noivos,
Já do sono sem um traço,
Com o augúrio mais longevo
Os enviassem no encalço.

Pois que a vida é só um instante,
É somente um dissolver-se
De nós mesmos em outros entes,
Como dados de presente.

Só um enlace, que de baixo
Irrompeu pelas janelas,
Só um sonho, só um canto,
Só um pombo cor de acanto.

12. OUTONO

Deixei que se fossem os de casa,
Meus caros há tempo estão dispersos,
E da costumeira solidão
Tudo está cheio, natureza e coração.

Aqui estou eu contigo na cabana,
O bosque está deserto, sem viv'alma.
Como na canção, veredas e caminhos
Se encheram, como que, de erva daninha.

Agora nos olham com tristeza
As paredes de troncos da casinha.
Não juramos esquivar estorvos certos,
Iremos perecer de peito aberto.

Deitamo-nos à uma, levantamos às três,
Eu com um livro, tu com um bordado,
E quando o sol desponta não notamos
Há quanto tempo já não nos beijamos.

Mais suntuosas e mais desenfreadas,
Folhas, sacudam-se, farfalhem,
Que o amargo cálice de ontem
Transborde hoje de saudade.

Apego, atração, fascinação!
Dispersemo-nos no zumbido setembrino!
Atira-te toda no ramalhar do outono!
Perde a razão, ou perde os sentidos!
Tu te desvestes de tua roupa,
Como das folhas o bosque se desfaz,
Quando te abandonas ao abraço,
Com o robe de seda, com seu laço.

Tu és o bem de um caminhar funesto,
Quando o viver mais do que o mal dá asco,
Mas a raiz da beleza é a valentia,
E isso um à outra nos atira.

13. CONTO

Antigamente, naquele tempo,
No país da fantasia,
Um valente cavaleiro
Entre as bardanas corria.

Ele à batalha corria,

E na poeira da estepe
O bosque a seu encontro
Ao longe crescia.

Sem trégua, um agouro
Doía-lhe no imo:
Não vá ao bebedouro,
Aperta o selim.

Não o ouviu o cavaleiro
E com todo o vigor
Voou num arroubo
Do bosque no outeiro.

Virou na colina,
Passou pelo vale,
Cruzou a montanha,
Furtou-se à ravina.

Meteu-se em barranco
E na trilha do bosque
Das feras no rastro
Chegou ao bebedouro.

E surdo ao aviso,
Nem ligou para o tino,
Empurrou pelo abismo
O cavalo até o rio.

Na torrente há uma gruta
E um vau à sua frente.
Uma chama de enxofre

Ilumina a abertura.

E no fumo encarnado
Que impedia o que avistou,
De um distante chamado
A floresta ecoou.

E então com o abismo
Assombrando-se, avante
Atirou seu cavalo
Ao grito implorante.

Viu o dragão o cavaleiro
E a lança, certeiro,
Ele enfiou na cabeça,
Na cauda, na escama.

Das fauces qual chama
O claror irradiava,
E a espinha da moça
Nos anéis esmagava.

O tronco do réptil,
Qual fim de chicote,
O colo, dos ombros,
Apertava em garrote.

Era uso na terra
Uma bela amarrada
Doar como oferenda
Ao monstro da mata.

Remia o quinhão
O povo do campo
E seus pobres casebres
Do horror do dragão.

Envolvendo-lhe os braços,
Se enrolando na goela,
Recebia do tormento
O seu pagamento.

Olhou com uma prece
O cavaleiro ao céu
E a lança afiada
Brandiu para o revés.

Cerradas as pálpebras.
As nuvens. A altura.
As águas. Os vaus.
O tempo. Os séculos.

De elmo arrancado,
Sem sela, é perdente.
O cavalo, em seu casco,
Espedaça a serpente.

Cavalo e cadáver
Juntos, na areia.
Desmaia o cavaleiro
A donzela esmaece.

Brilha o céu no seu esplendor,
De azul terno, cor do mar.

Ela é filha do tsar?
É princesa? É do arredor?

Ora, felizes demais,
De lágrimas um mar,
Ora, a alma em poder
Do sono e do esquecer.

Ora, a saúde voltando,
Ora, as veias gelando
Pela perda do sangue,
Pela força acabando.

Mas o coração bate,
Ora ele, ora ela,
Esforçam-se para acordar
E voltam a desmaiar.

Cerradas as pálpebras.
As nuvens. A altura.
As águas. Os vaus.
O tempo. Os séculos.

14. AGOSTO

Sem enganos, como esperado,
O sol penetrou de manhã cedo
Qual tira de açafrão atravessada
Da cortina até o sofá.

Ele cobriu de ocre queimado
O bosque ao lado, as casas da aldeia,

Minha cama, a úmida almofada
E o alto da parede, atrás da prateleira.

Lembrei-me, então, qual era o motivo
De haver na fronha um traço de molhado.
É que sonhei que de mim se despedindo
Vocês seguiam pelo bosque, em comitiva.

Iam todos em fila, sós ou aos pares,
De repente alguém lembrou-se disto:
Dia seis de agosto, pelo velho calendário,
É o dia da Transfiguração de Cristo.

Habitualmente, uma luz sem chama
Emana nesse dia do monte Tabor,
E o outono, claro como um agouro,
Chama a si os olhares do povo.

Vocês passaram pelo mísero amieiro
Miúdo, despido, tremelicante
E no bosque rubro-gengibre do cemitério,
Abrasado como pão picante.

Com suas copas das árvores silentes
O céu posava de vizinho importante,
E pelas vozes dos galos
a distância ressoava longamente.

No bosque, qual oficial de agrimensura,
Estava a morte no meio do campo-santo
Olhando para meu rosto inanimado,
Para medir-me a cova pela altura.

Fisicamente sentia cada aldeão
Ao seu lado certa voz pacata.
Era a voz que eu tivera, previdente,
E ora soava, sem desfazimento:

"Adeus, azul da Transfiguração
E ouro da Festa do Senhor,
Atenua com a última carícia feminina
A amargura da hora do destino.

Adeus, terríveis anos de revés.
Vamos nos despedir, mulher,
Desafiadora do abismo das baixezas!
Eu sou o campo de tua peleja.

Adeus, impulso planado da asa,
De um voo livre, obstinação,
E imagem do mundo, na palavra revelada,
E fonte dos milagres, e criação."

15. NOITE DE INVERNO

Soprou a tormenta sobre a terra
Até os confins.
A vela queimava sobre a mesa,
Queimava a vela.

Como no verão as muriçocas
Voam na chama,
Caíam os flocos do quintal
Até a janela.

A tormenta esculpia por todo o vidro
Aros e flechas.
A vela queimava sobre a mesa,
Queimava a vela.

Sobre a forração iluminada
Depõem-se as sombras.
Cruzam-se as mãos, cruzam-se as pernas,
Cruzam-se os destinos.

E caindo, dois sapatinhos
Batiam no solo.
E a cera em lágrimas do lume
Gotejava a veste.

E tudo se perdia no breu da neve
Cinzenta e branca.
A vela queimava sobre a mesa,
Queimava a vela.

De um canto, um sopro sobre a vela,
E a febre do que seduz
Alçou duas asas feito um anjo
A mó de cruz.

A tormenta, o mês de fevereiro
Durou, inteiro.
A vela queimava sobre a mesa,
Queimava a vela.

16. SEPARAÇÃO

Da soleira um homem olha,
Não reconhece a casa.
Sua partida foi como uma evasão,
Em tudo há traços de devastação.

Por todo lado, nos cômodos, um caos.
O alcance do desastre não percebe
Pelas lágrimas que copiosas descem
E por uma súbita dor de cabeça.

Ouve um rumor desde a manhã,
Está em si ou está a imaginar?
E por que à mente lhe vem
O pensamento contínuo do mar?

Quando à janela, além da geada
Nada se vê do mundo de Deus,
O beco sem saída da saudade
Mais lhe parece o deserto do mar.

Ela era por ele tão querida
Por cada lineamento,
Como ao mar está próxima a praia
Na linha da maré, em descenso.

Como afundam os juncos
Nas ondas depois da borrasca,
Afundaram-lhe na alma
Suas formas e seus traços.

Nos anos de travessia
De uma impensável rotina

Foi-lhe do fundo trazida
Por uma vaga do destino.

Entre inúmeros contratempos,
A vaga a havia trazido
Vencendo os impedimentos
E a ele, de vez, conduzido.

E eis agora a partida,
Inevitável, quem sabe.
A separação a ambos consome,
E a dor até os ossos come.

O homem olha ao redor:
Na hora de ir embora
Pôs tudo de ponta-cabeça
Da cômoda à despensa.

Ele vagueia e até tarde,
Fica guardando os retalhos
Nas gavetas espalhados e
Até a amostra de um molde.

E espetando-se um dedo
Com uma agulha esquecida,
A vê toda, de repente,
E chora às escondidas.

17. O ENCONTRO

Salpica a neve as ruas,
Enche as águas dos tetos.

Irei esticar as pernas:
Atrás da porta, tu estás.

Só, na manta outonal,
Sem galochas, sem chapéu,
Lutas com a contrariedade
E mordes a neve molhada.
As árvores com os cercados
Afastam-se na escuridão.
Só, no meio da nevada
Naquela esquina, tu estás.

Cai a água de tuas tranças
Das mangas até a lapela
E as gotas da rociada
Reluzem em teu cabelo.

E um cacho dourado
Teu rosto ilumina,
O lenço, o semblante
E este teu paletó.

Nos cílios, neve molhada,
Em teus olhos, saudade,
E todo teu aspecto é composto
Como de um único bloco.

Como se com um ferro,
Em antimônio banhado,
Te houvessem gravado
Em meu coração.

Se para sempre nele
Ficasse a paz dos traços,
Eu não me importaria
De o mundo ser cruel.

É assim que se desdobra
A noite e o nevoeiro,
Não sei traçar barreiras
Entre o tu e o eu.

Quem somos e de onde,
Quando dos anos todos
Só falas ficarão,
E nós no mundo não?

18. A ESTRELA DE NATAL

Era inverno.
Soprava o vento na estepe.
Sentia frio o bebê no covil
No morro em declive.

O respiro do boi o esquentava.
Animais caseiros
Estavam no algar.
Um fumo morno no berço pairava.

Tirando das peles a serragem do leito
E os grãozinhos de alpiste,
Olhavam da rocha, ensonados,
Os pastores, os espaços da noite.

Ao longe, o chão nevado e o cemitério,
Campas e cercados,
O varal, num monte de neve fincado
E o céu, no campo-santo, cheio de estrelas.

E ao lado, coisa que jamais se viu,
Mais contida que um pavio,
No postigo da guarita,
Rumo a Belém, uma estrela transluzia.
Ela ardia qual palheiro,
À parte de Deus e do céu,
Qual reflexo de incêndio,
Qual herdade em fogo e chamas num celeiro.

E ela aumentava feito meda queimando
De palha e de feno,
No meio do universo inteiro,
Por esse novo astro impressionado.

Um clarão ardente sobre ela crescia,
Queria dizer algo, se percebia.
E três estudiosos de estrelas
Dos fogos ignotos acorriam ao apelo.

Atrás deles vinham camelos com presentes.
E burros de barda, alguns, pouco crescidos,
Que com passos curtos desciam a vertente.
E a estranha visão de tempos vindouros
Ao longe surgia do que iria acontecer.
Todo o pensar dos séculos, os mundos, as quimeras,
Todo o futuro dos museus e das galerias
As brincadeiras das fadas, dos feiticeiros as magias,

Os sonhos das crianças, e de Natal, os pinheiros.

Todo o tremelicar das velas acesas, todas as serpentinas,
Toda a magnificência do ouropel variegado…
… E o vento na estepe cada vez mais furioso…
… Todas as maçãs, todos os globos dourados.

Parte do lago ficava atrás do amieiro,
E a outra se via dali perfeitamente
Além dos ninhos dos corvos e das cimeiras.
Os asnos e os camelos que iam pela outra beira
Podiam os pastores ver claramente.
— Curvemo-nos ao milagre, nós também —
Diziam eles, amarrando-se em suas peles.

Arrastar os pés na neve os aquecera,
Pela campina clara, como folhas de mica,
Rastros de pés nus levavam à cabana.
Contra esses rastros, como à chama de vela,
Latiam os cães, à luz da estrela.

Parecia um conto a noite gelada,
E alguém, das serras cobertas de neve,
Por todo o caminho, invisível, descia.
Esperando o pior, os cachorros latiam,
Cautelosos, cercando o pastor.

Nos mesmos lugares, no mesmo caminho,
Ia um grupo de anjos, no meio do gentio.
A falta de corpo os tornava não vistos
E o passo deixava a pegada de um pé.

A turba de gente juntava-se à pedra.
Era a aurora. Os troncos dos cedros se viam.
— E vós, quem seríeis? — perguntou-lhes Maria.
— Nós somos pastores enviados dos Céus,
Viemos cantar as loas a vós dois.
— Juntos não pode. Esperem, depois.

No meio do cinza anunciando a manhã,
O chão chapeavam pastores de gado,
Os que iam a pé iam contra os montados,
E junto ao tronco cavado da gamela
Chutavam os asnos, mugiam os camelos.

Clareava. A aurora, quais grãos de poeira,
Os últimos astros limpava da esfera.
Apenas os magos, daquela balbúrdia,
Deixou Maria entrar, pela abertura.

Dorme ele, esplendente, no berço de pau,
Qual raio de lua no cavo de um tronco.
Por ele trocaram o lugar do agasalho,
Os lábios de um asno e as narinas de um boi.

Estavam na sombra, no escuro da baia,
E mal sussurravam, buscando as palavras.
De súbito alguém, com a mão, para esquerda,
No escuro afastou um dos magos do cocho
E este virou-se: à Virgem, na entrada,
A estrela mirava, qual sua convidada.

19. O AMANHECER

Você significava tudo em meu destino.
Depois chegou a guerra, o descalabro,
E por tanto, tanto tempo, sobre ti
Nada ouvi, sequer uma palavra.

E depois de tantos, tantos anos,
Tua voz de novo me tocou.
Teu recado a noite inteira li
E como de um delíquio revivi.

Quero ir fora, no meio da multidão,
Em sua matinal agitação.
Estou pronto a fazer tudo em pedaços
E a colocar a todos ajoelhados.

E me precipito pela escada,
Como saísse pela primeira vez
Para as avenidas cheias de neve,
Para esses passeios despovoados.

Em todo lugar acorda-se, luzes, intimidades,
Toma-se o chá, corre-se para os bondes.
E dentro de minutos contados
O aspecto da cidade é inesperado.

Nos portões tece uma rede a tempestade
Com os flocos que caem em quantidade
E para que dê tempo todos correm
Sem acabar de beber ou de comer.

Eu por todos sinto, sinto por eles,
Como se estivesse na sua pele,

E me derreto como faz a neve,
E como a manhã eu franzo o sobrolho.

São todos como eu, gente sem nome,
Árvores, crianças, sedentários.
Por todos eles é que eu sou vencido
E nisso só é que está minha vitória.

20. O MILAGRE

Ele ia de Betânia para Jerusalém
Sofrendo antora de um triste prever.

A moita espinhosa na escarpa queimava,
Na casa mais perto o fumo estancava,
O ar muito quente, era imóvel o junco,
E a do mar Morto era calma parada.

E numa amargura que ganhava a do mar,
Ele ia acompanhado de nuvens sem par
Na estrada poeirenta, a uma casa rural,
Ia encontrar, na cidade, com seu pessoal.

E tanto afundou-se em seus pensamentos
Que o campo tão triste a absinto cheirava.
Só ele, no meio, onde tudo calava.
A região era inerte, em esquecimento.
Era tudo confuso: o calor e o deserto,
E os lagartos, e as pedras, e os rios, as nascentes.

A figueira se erguia não longe dali,
Só ramos e folhas, sem fruto nenhum.

“Que proveito tu dás?”, falou ele, assim,
“Que alegria me oferece a tua aridez?”

“Com sede e com fome, estou eu — flor vazia,
E o encontro contigo que a pedra é mais frio.
Oh! É tão ofensiva a tua esterilidade!
Assim ficarás até o fim de teus dias.”

O tremor da sentença passou pela planta,
Qual chispa de raio por ferro atraída.
E cinza, até o imo, virou num rompante.

Se fossem, na hora, um mínimo livres
As folhas, os ramos, o tronco, as raízes,
As leis da natura teriam intervindo.
Mas Deus é milagre e milagre é milagre.
E quando confusos, no meio da desordem
Ali ele nos colhe, aturdidos, no instante.

21. A TERRA

Nos palacetes de Moscou
Irrompe, descarada, a primavera.
Dos armários as traças esvoaçam
E sobre os chapéus de verão se arrastam
Enquanto as peles se guardam no baú.

Pelas sacadas de madeira
Estão os vasos floridos
Com goivos e alelis,
Respiram livres os quartos
E os sótãos cheiram a poeira.

E a rua está amigada
Com a janela meio fechada
E o ocaso e a noite branca
Não se encontram na ribeira.

No corredor dá para ouvir
O que se passa por aí,
O que, em conversa fiada,
Fala abril com a água pingada.
Ele sabe milhares de histórias
Sobre as humanas misérias.
Pelas cercas gelam as auroras,
Mas, pelo jeito, isso demora.
É a mesma mistura de fogo e de tremor
No relento e no interior do lar,
Em todo canto não é mais o mesmo ar.
É assim nas vergas transparentes do chorão,
É assim nas brancas gemas intumescentes,
Tanto à janela quanto no cruzamento,
Tanto na rua quanto no ateliê.

Por que chora o espaço na cerração,
E tem um cheiro amargo a terra?
É bem essa minha vocação,
Cuido que não entristeçam os espaços,
Para que além do limite da cidade,
A terra não sofra em solidão.

Por isso, quando a primavera está no início,
Comigo se juntam os amigos,
E os nossos serões são despedidas

E nossos festins são testamentos:
Para que o secreto fio do sofrimento
Aqueça o frio da vida.

22. DIAS MAUS

Quando na última semana
Ele entrou em Jerusalém,
Ao seu encontro troavam hosanas,
Atrás dele acorriam com ramos.

Depois, dias mais duros e ultrajosos
O amor sem tocar os corações,
Sobrancelhas erguidas em desdém
E eis o epílogo, o fim.

Os céus se aplastavam nos quintais
Com todo seu peso de chumbo.
Buscavam provas os fariseus
Como raposas, astuciosos.

As forças obscuras do templo
Deram-no em juízo à ralé,
E todo o fervor que o enaltecia
Agora, o mesmo, o maldizia.

A gente dos outros quarteirões
Espiava junto aos portões
À espera do fecho se empurrava
E de um lado a outro ondeava.

E correu a voz na vizinhança,

E ouviu-se em muitos lugares.
E a fuga ao Egito e a infância,
Só como sonho os lembravam.

Lembravam o grandioso declive
No deserto, e aquele aterro
De onde, com o império
Do mundo, Satanás o tentara.

E em Caná, as bodas, o banquete,
E a mesa deslumbrada com o feito,
E o mar que na bruma qual barro
No seco cruzou, indo ao barco.

E o tropel dos mendigos nas choças,
E a descida com o círio ao subsolo
Onde de susto se apagou
Quando ele, ressuscitado, levantou...

23. MADALENA I

Mal é noite e aqui está meu diabo,
A expiação por todo o meu passado.
Chegam e me sugam o coração
As lembranças da devassidão.
Quando escrava dos homens, das vontades,
Era possessa, desatinada
E a rua era a minha pousada.

Restam alguns minutos mais,
Depois virá o silêncio tumbal.
Mas antes que eles passem,

Minha vida, chegada ao desastre,
Como um vaso de alabastro
Quebro diante de ti.
Oh, onde estaria eu agora,
Meu Mestre e Salvador,
Se nas noites junto à mesa
Não me esperasse a eternidade,
Como um novo cliente capturado
Nas redes de meu mister.

Mas diz, explica o que é pecado,
A morte, o inferno, o enxofre, a chama,
Quando todos me enxergaram
Qual broto de tronco me unindo a ti
Em minha angústia sem fim.

Quando apoiaste, Jesus,
Em meus joelhos teus pés,
Quem sabe eu aprendesse a abraçar
A trave quadrangular da cruz,
E sobre teu corpo me atiro, já sem sentimento,
Preparando-te para o sepultamento.

24. MADALENA II

Antes da festa a gente limpa a casa.
À parte de todo esse desmanho,
Com o óleo santo desse vaso
Teus pés alvíssimos eu banho.

Busco e não acho tuas sandálias.
Nada eu vejo pelo tanto que chorei.

Num véu caíram-me nos olhos
As mechas dos cabelos que soltei.

Teus pés encostei na fímbria de minha roupa,
Das lágrimas vertidas os molhei, Jesus,
Trancei um fio de pérolas em sua volta
Escondendo-as no cabelo, qual burnus.

Vejo o futuro tão nitidamente
Como se tu o tivesses parado.
Sou capaz agora de prever,
Qual Sibila, sou fatídica vidente.

Cairá amanhã no templo o cortinado,
Nós nos recolheremos num dos lados,
E a terra balançará sob nossos rastros
Quem sabe, pela pena que lhe faço.

Hão de se recompor as fileiras da escolta,
Hão de começar a mover-se os cavaleiros.
Qual tromba de tornado sobre as testas
Essa cruz há de alçar-se para os céus.

Hei de atirar-me aos pés do crucificado,
E gelarei e morderei meus lábios.
Para um amplexo grande demasiado
Os braços abrirás, nas pontas da cruz.

Para quem no mundo tantas amplidões,
Tanta dor e tão grande força?
Há tantas almas e vidas nesta terra?
Tantos rios, tantos bosques, tantas povoações?

Mas três dias e três noites passarão
E tamanho vácuo hão de abrir
Que nesse terrível interregno
Terei crescido, para a Ressurreição.

25. O JARDIM DE GETSÊMANI

O cintilar de longínquas estrelas
Iluminava a curva, indiferente.
A rua cercava o monte das Oliveiras
E embaixo escorria o rio Cedron.

Na metade interrompia-se a clareira.
Atrás dela, a Via Láctea começava.
Oliveiras cinza-prata ensaiavam
No ar, a dar passos na distância.

No fundo havia um jardim, havia um abrigo.
Deixando atrás do muro os seguidores
Disse: "Minha alma sofre mortalmente,
Ficai aqui e vigilai comigo".

Renunciou sem nenhuma resistência,
Como se renuncia a algo emprestado,
A fazer milagres, à onipotência,
E foi então mortal, como nós todos.

As distâncias noturnas agora pareciam
O país da anulação, da inexistência.
A vastidão do universo era despovoada
E apenas o horto, um lugar de vida.

E olhando para esses desbarrancamentos
Vazios, sem começo e finamento,
Que essa taça de morte se afastasse
Em suor de sangue ao pai rogou.

O espasmo mortal pela reza aliviado,
Voltou para o horto. Viu ao solo
Os apóstolos, vencidos de sono,
Na beira da estrada, atirados.

Ele acordou-os: “Deus, em meus dias,
Viver vos dignou, e vós, qual pedra caís.
A hora do Filho do Homem acabou de chegar.
Na mão dos pecantes ele irá se entregar”.

Mal tinha falado, eis que vêm de nenhures
Uma chusma de escravos e um montão de vadios,
Tochas, espadas e Judas à frente,
Nos lábios, o beijo de quem vai trair.

Pedro enfrentou com a espada os bandidos
E a um deles a orelha cortou.
“Não com ferro se salda a partida,
Guarda a espada.” Assim ele falou.

“Será que miríades de legiões aladas,
Meu pai não enviaria aqui, para mim?
E sem um único cabelo tocar
O inimigo sairia, sem rastro deixar.

Mas o livro da vida já está além

Da página mais cara do que é sacro.
Agora se cumprirá o que foi escrito.
Deixa que ele se cumpra, então. Amém.

O curso dos séculos é uma alegoria
E pode incendiar-se em pleno voo.
Em nome da terrível sua grandeza
No meio de tormentos, à morte, vou.

À morte vou e no terceiro dia ressurjo,
E como as balsas descem pelo rio,
Para o juízo, a mim, como em expedição
Afluirão os séculos, vindos da escuridão."

---

1. À exceção deste poema, traduzido por Augusto de Campos, todos os demais foram traduzidos por Aurora Fornoni Bernardini. (N. E.)
2. Embora a pontuação russa seja pouco diferente da brasileira, o uso da vírgula sofrerá algumas modificações, acompanhando o ritmo dado por Pasternak, o que implicará, também, algumas estrofes sem pontuação nenhuma. Também será acompanhado o uso que faz o autor de coloquialismos e arcaísmos, conforme o tipo de poema. [Esta e as notas que seguem são da tradutora.]
3. Instrumento musical popular russo.
4. Modinhas populares de ritmo marcado, geralmente compostas por dois versos.

Sobre o autor

Filho de mãe pianista e pai pintor, Boris Pasternak nasceu em Moscou, em 1890. Dedicou-se inicialmente ao estudo da música, que abandonaria para cursar filosofia na Alemanha. Em 1914, de volta a Moscou, publicou sua primeira coletânea de poemas: *Um gêmeo nas nuvens*. Depois desse, lançou outros livros do gênero, como *Minha irmã, a vida*; *Grave doença* e *Ano 1905*, títulos que o consagraram na cena literária russa. Além de sua produção poética, Pasternak dedicou-se ao ofício de tradutor, convertendo para o russo obras de Shakespeare, Goethe, Schiller, entre outros.

Em 1948, começou a escrever *Doutor Jivago* e a fazer leituras de seus rascunhos. Para pressioná-lo a desistir da obra, considerada antissoviética, o governo ordenou a prisão de sua amante, Olga Ivinskaia. A editora assistente da revista literária *Novi Mir*, da qual o escritor era colaborador, foi provavelmente a inspiração para a personagem Lara. Pasternak se apaixonou e se relacionou com ela até a sua morte.

Proibido na União Soviética, Doutor Jivago foi publicado em Milão pelo editor e membro do Partido Comunista italiano Giangiacomo Feltrinelli, em 1957, e alcançou enorme sucesso em toda a Europa e nos Estados Unidos. Boris Pasternak foi expulso da União dos Escritores, considerado traidor da pátria e obrigado a viver num exílio interno em Peredelkino, perto de Moscou. Agraciado com o Nobel em 1958, foi obrigado a recusar o prêmio devido à pressão política. Morreu em 1960, aos setenta anos.

Copyright © 1975 by Giangiacomo Feltrinelli Editore

Publicado originalmente como *Il Dottor Zivago* em novembro de 1957 por Giangiacomo Feltrinelli Editore, Milão, Itália

Proibida a venda em Portugal

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Доктор Живаго

Capa
Victor Burton

Imagem de capa
Red Cavalry, de Kazimir Severinovich, 1928-32, óleo sobre tela, 91 × 140 cm, State Russian Museum, São Petersburgo, Rússia

Preparação
Paula Colonelli

Revisão
Huendel Viana
Carmen T. S. Costa
Isabel Cury

ISBN 978-85-5451-036-7

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras


MAIS DE 1 MILHÃO DE
EXEMPLARES VENDIDOS
NO BRASIL
O MUNDO DE SOFIA
ROMANCE DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA
JOSTEIN GAARDER
COMPANHIA DAS LETRAS

O mundo de Sofia

Gaarder, Jostein

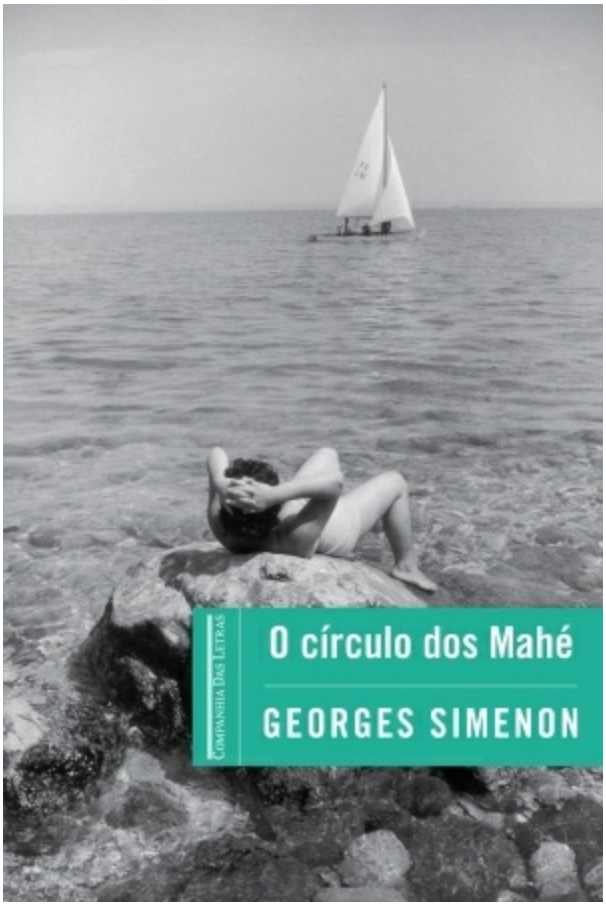
9788580865189

568 páginas

Compre agora e leia

Publicado originalmente em 1995, O mundo de Sofia é o maior best-seller da Companhia das Letras, com mais de 1 milhão de exemplares vendidos só no Brasil. Edição comemorativa com tradução direta do norueguês.Às vésperas de seu aniversário de quinze anos, Sofia Amundsen começa a receber bilhetes e cartões-postais bastante estranhos. Os bilhetes são anônimos e perguntam a Sofia quem é ela e de onde vem o mundo. Os postais são enviados do Líbano, por um major desconhecido, para uma certa Hilde Møller Knag, garota a quem Sofia também não conhece.O mistério dos bilhetes e dos postais é o ponto de partida deste romance fascinante, que vem conquistando milhões de leitores em todos os países e já vendeu mais de 1 milhão de exemplares só no Brasil. De capítulo em capítulo, de “lição” em “lição”, o leitor é convidado a percorrer toda a história da filosofia ocidental, ao mesmo tempo que se vê envolvido por um thriller que toma um rumo surpreendente.

Compre agora e leia


O círculo dos Mahé
GEORGES SIMENON
COMPANHIA DAS LETRAS

O círculo dos Mahé

Simenon, Georges
9788554510473
120 páginas

Compre agora e leia

Traduzido pela primeira vez no Brasil, O círculo dos Mahé é um dos mais elogiados “romances duros” de Georges Simenon.Aos trinta e cinco anos, casado e com dois filhos, o dr. François Mahé ainda mora com a mãe e leva uma típica vida pequeno-burguesa. Certo verão ele decide ir com a família à ilha de Porquerolles, no sul da França. No entanto, um constante mal-estar o impede de desfrutar o paraíso mediterrâneo. Ao ser chamado para examinar uma mulher no leito de morte, o médico se vê entre uma família humilde e fica fascinado pela mais velha dos três filhos, uma jovem muito magra que usava um vestido vermelho.Começa então uma história de obsessão e crise profunda, e somos levados pela jornada sombria da alma do protagonista. A morte da mãe também abalará as estruturas do dr. Mahé e, com o passar do tempo, ele será impelido a retornar à ilha mediterrânea ano após ano, como que hipnotizado pela garota.Com sua prosa enxuta e fluente, Simenon faz um retrato soturno da psique de um homem medíocre que vislumbra uma alternativa à banalidade, mas sofre para conseguir alcançá-la.

Compre agora e leia


"TODOS OS MOMENTOS, MESMO AQUELES SUPOSTAMENTE
ENTEDIANTES, TÊM A NITIDEZ DE UMA DESCARGA DE ADRENALINA
OU A CLAREZA ATERRADORA DA VERGONHA RELEMBRADA."
The ATLANTIC
KARL
OVE
KNAUSGÅRD
MINHA LUTA 5
A DESCOBERTA
DA ESCRITA
Companhia Das Letras

A descoberta da escrita

Knausgård, Karl Ove
9788543810256
624 páginas

Compre agora e leia

No quinto volume da série Minha luta, Knausgård expõe com maestria e riqueza de detalhes seus anos de formação como escritor.Aqueles que acreditam que o talento literário se resume a uma vocação inata não podem deixar de ler A descoberta da escrita, quinto volume da série que ultrapassou as fronteiras da Noruega para ganhar o restante do mundo, consagrando-se como um dos maiores sucessos literários dos últimos tempos. Neste romance autobiográfico, o autor percorre seus anos de estudante de escrita criativa na cidade universitária de Bergen. Com a honestidade que lhe é característica, explicita as dificuldades e frustrações que permeiam o caminho de todo aspirante a romancista: “eu sabia pouco, queria muito e não conseguia nada”, confessa o narrador. Às intempéries da formação de escritor somam-se os conflitos e inseguranças da juventude, permeados por episódios de bebedeira, brigas, insucessos românticos e toda sorte de golpes ao narcisismo pueril daquele que viria a se tornar o maior escritor vivo da Noruega.

Compre agora e leia


JÔ SOARES
E MATINAS SUZUKI JR.
APRESENTAM
COMPANHIA DAS LETRAS
O LIVRO DE JÔ
UMA AUTOBIOGRAFIA DESAUTORIZADA
VOLUME 1

O livro de Jô - Volume 1

Soares, Jô

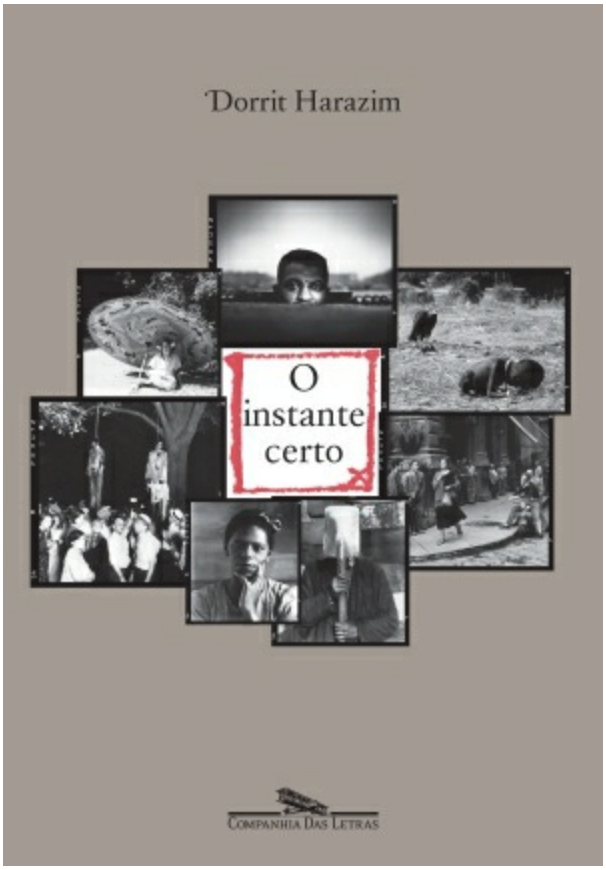
9788543811123

480 páginas

Compre agora e leia

Em seu aguardado livro de memórias (desautorizadas!), Jô Soares ilumina os bastidores da própria vida com humor e inteligência irresistíveis.Prestes a completar oitenta anos e com verve mais afiada do que nunca, Jô Soares compartilha sua trajetória de astro midiático num livro de memórias escrito para fazer rir, chorar e, sobretudo, não esquecer.O primeiro volume resgata fatos, lugares e pessoas marcantes da juventude de Jô e reconstitui seus primeiros passos no mundo dos espetáculos, nas décadas de 1950 e 1960. Entre a infância dourada no Copacabana Palace e a dura conquista do estrelato, acompanhamos o autor do nascimento aos trinta anos. Os antecedentes familiares, a meninice privilegiada nos palácios da elite carioca, a mudança para um internato na Suíça, os marcos da formação cultural do futuro showman na adolescência, a paixão pelo jazz, a estreia modesta em pontas no cinema e na televisão, o primeiro casamento e, finalmente, a conquista do sucesso numa São Paulo fervilhante: tudo que você sempre quis saber sobre Jô, ele mesmo conta, com o talento narrativo do romancista de O Xangô de Baker Street e O homem que matou Getúlio Vargas.

Compre agora e leia


Dorrit Harazim
O instante certo
Companhia Das Letras

O instante certo

Harazim, Dorrit

9788543806242

384 páginas

Compre agora e leia

Com olhar arguto e sensível, a jornalista Dorrit Harazim fala de algumas das mais importantes fotografias da história.Há cliques que alteraram o rumo da história e os costumes da sociedade. Neste O instante certo, a premiada jornalista Dorrit Harazim conta as histórias de alguns dos mais célebres fotogramas já tirados. Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avanços tecnológicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a história do movimento pelos direitos civis; e uma mudança na lei trabalhista brasileira tem como fruto um dos mais profícuos retratistas do país. Em seu primeiro livro, Harazin nos guia não apenas através das imagens, mas de um universo de histórias interligadas, acasos e aqueles breves momentos de genialidade que só a fotografia pode captar.

Compre agora e leia